



# Visões do Amor

Cíntia de Souza



## Prólogo

Mais uma noite mal dormida. Eu não aguento mais sonhar com uma estranha, literalmente uma estranha, já nunca a vi. Sempre no meu sonho a vejo triste, seus olhos azuis como o céu estão sempre banhados de lágrimas. Eu não sei mesmo o que fazer. Se eu procurasse ela seria tolice da minha parte, talvez as pessoas me considerasse um louco. Louco por desenhar uma mulher que vive em meus sonhos e a procurasse fielmente só para entender o motivo de sonhar tanto com ela.

Vou até a cozinha e bebo um copo d'água. Suspiro, pois sei que será difícil dormir novamente. Vou até a janela panorâmica da minha casa e fico olhando para meu jardim bem cuidado. Fico parado e chocado ao mesmo tempo de ver a imagem da mulher no meu jardim. Droga, será que estou sonhando de novo? Esfrego meus olhos para ver se não é um sonho ou afirmação da minha parte. Ela está lá parada, olhando para mim. Corro até a cozinha e acendo a luz do jardim. Volto de imediato para a janela, mas ela não está ali mais. Merda, eu estou ficando paranoico com isso.

Vou lá para fora tentando ver se eu não estou ficando louco, e constato que estou. Não é possível isso. Me viro para voltar para dentro de casa e a mulher está parada na minha frente. Meu coração está muito acelerado, olho bem para ela que está triste, seu olhar sem vida, seus cabelos longos estão opacos. Eu não sei o que faço. Falo com ela, sem saber se vai me responder, se deixo ela dizer alguma coisa que possa me levar até ela. Estou perdido olhando bem para ela. A mesma não diz nada e fica também olhando para mim. Eu já estou assustado com tudo isso, se eu conversar com ela, não vai me assustar mais.

- Quem é você? Peço suavemente para não assustá-la. Ela não me responde. Não diz nada, não se mexe. Fala comigo, talvez eu possa te ajudar. Ela ainda continua calada e do nada levanta seus braços que estão marcados. Ela parece que estava amarrada, presa a algo. O que aconteceu com você? Indago chegando perto, mas ela arredou para trás. Ela levanta seu pescoço e outra marca bem vivida está ali. Fico em choque com que vejo e lágrimas começam a sair dos olhos dela.
- Tudo bem aí Sr? Um dos seguranças pede vindo até a mim. Olho para ele e depois volto o meu olhar para ela, porém a mesma não está mais aqui. Onde ela pode ter ido? Será o que houve com ela? Sr Villaça? Paulo me

chama novamente.

- Sim, está tudo bem. Digo e vou para dentro da casa sem dar mais explicações.

Essa mulher deve estar correndo perigo. Porque essas marcas em seus braços e pescoço? Mas quem é ela? E porque não me disse nada? Como vou fazer para ajudá-la se nem sei nada dela?

Volto para meu quarto, tentando achar um jeito de encontrar essa mulher. Se ela precisa de ajuda, eu posso ajudá-la. Eu só queria entender o porque dela aparecer para mim, e com tanta insistência. Eu não sei quem ela é, não acho que já a vi em algum lugar. Quando amanhecer tentarei buscar algo na internet. Alguma mulher desaparecida que lembre ela, não sei, porém eu tenho que encontrar pistas para tentar achar e ajudar essa mulher.

Acordo suado e confuso. Tive uma noite nada agradável, e ainda estou mais assustado do que antes, pois dessa vez eu vi ela na minha frente, ela me mostrou suas marcas. Talvez ela esteja presa em algum lugar e quer que eu a ajude, mas porque eu? Será que ela já me viu e sabe que eu a ajudaria sem exitar?

Vou para o banheiro porque tenho muitas coisas para fazer hoje na empresa. Tomo um banho tentando não pensar na mulher que vi. Eu preciso achá-la, pois se não ficarei louco. Tomo um banho longo e depois me arrumo para ir para empresa. Maria já está na cozinha em sua habitual postura, dou bom dia a ela e a mesma sorrir questionando o que eu desejo. Falo que somente o café, pois tenho que estar na empresa cedo. Ela coloca o café e eu tomo pensando no meu dia. Ainda quero ter tempo de procurar na internet por essa mulher desaparecida. Alguma coisa tem que ter.

No caminho da empresa, fico olhando para fora, imaginando o que essa garota deve estar passando. Pierre pára no sinal, viro meu olhar para frente e vejo uma pessoa atravessando a rua. Fico em choque, pois é a garota. Abro a porta em desespero, ouço Pierre me chamar, mas eu não dou importância. Vou para o meio fio e tento alcançar a mesma, porém ela olha para mim e desaparece no meio da multidão. Droga, eu preciso saber quem ela é. Pierre parece do meu lado e pergunta o que houve. Parar meu motorista não achar que eu sou louco, digo que vi uma pessoa conhecida. Ele me olha desconfiado e eu não dou muita importância. Volto para o carro com ele em meu encalço.

Passo o dia todo divagando sobre essa mulher, tentando entender o porque eu. Meu dia não rendeu nada e ainda tenho que ir na casa dos meus pais. Um jantar, onde Maurício está chegando com sua mulher. Ele se casou e se mudou para Rússia, onde tinha sua empresa de transporte. Ele e meu outro irmão Maycon ficaram sócios e foram morar na Rússia, e por coincidência Maycon está noivo da irmã da mulher de Maurício.

Juro que se pudesse voltava para casa e descansava um pouco, já sabendo que não iria, pois a minha mente estava nessa mulher de olhos azuis e cabelos cor de mogno, e não irei ficar tranquilo sem saber onde ela está e como ela está.

## Capítulo 1

Já na casa dos meus pais a família estava toda reunida me esperando. Assim que passei pela porta da sala ouvi as vozes.

- Olá gente! Como vai família? Peço cumprimentando um por um.
- Nossa Renato quanto tempo? Estava com saudades de você mano. Mauricio diz com seu jeito todo despojado.
- Eu também. Maycon fala também ao me abraçar.
- Mas agora não vamos mais ficar com essa saudade, pois vocês vieram para ficar né? Indago dando dois beijos em Cláudia e depois em Sarah. Minhas cunhadas.
- É, já cuidamos de tudo para a transferência da nossa empresa ser alocada em Rio de Janeiro. Não dava mais para ficar afastado da família. Maycon diz.
- Que bom, qualquer coisa que precisarem estarei aqui para vocês. Digo abraçando a mamãe
- E parece que não tem dormindo né meu filho? Papai pede e eu não estou tendo sossego com meus sonhos.
- Estou andando tendo sonhos estranhos que não me deixam dormir. Digo olhando para o nada.
- Que tipos de sonhos? Mamãe pede. Já vi que terei que me explicar para a Dra Márcia.
- Não quero falar sobre isso mamãe. Hoje é dia da gente comemorar a volta dos meus irmãos e cunhadas. Digo sorrindo para ambos.
- Tudo bem, depois a gente conversa. Ela fala e sei que não vou ter escapatória.

O jantar ficou pronto e fomos todos para a mesa. Meus pais estavam bem felizes

e animados por ter seus filhos ali, contando com as duas noras. Cláudia e Sarah eram irmãs e meus pais gostavam demais delas, as viam como filhas.

- Então Maycon e Sarah, quando é o casamento? Questiono para me preparar.
- Vamos dar entrada com os papéis essa sem Dayane ainda. E acredito que no máximo três meses já vamos estar casados. Maycon fala pegando a mão de Sarah e beijando.
- Já sabe que você será um dos padrinhos né cunhado? Sarah pede olhando para mim e eu sorriu.
- Obrigada pelo convite. Agradeço retribuindo o carinho que ela tem comigo.
- E você Renato? Quando vai apresentar uma namorada para sua família? Maurício questiona e eu fico pensando que não namoro a muito tempo.
- Quando encontrar uma pessoa menos estranha do que eu. Respondo sorrindo.
- Isso é verdade. Tem que ser alguém menos estranho, pois você não é normal mesmo. Maycon fala e eu faço cara de bravo, mas acabo sorrindo depois.
- Obrigado pelo carinho comigo irmão. Digo e ele pisca para mim.

O jantar correu muito bem. Nossa família estava reunida novamente e isso me trazia paz. Acho que vou até aproveitar que ambos dormiriam aqui, farei o mesmo. Não quero ir para casa e sonhar com essa garota estranha. Talvez a casa dos meus pais seja um refúgio para eu não ter esse tipo de sonho.

Depois do jantar, sentamos todos na sala e meus irmãos começaram a falar do trabalho e de como a transportadora estava progredindo. Fiquei feliz por eles, eu só nunca entendi porque eles tiveram que criar essa empresa na Rússia, já que aqui o mercado de transportadora é fraco. Seria algo novo para a cidade e poderia ter rendido muito mais lucro. Sei que quando ele se casou aqui foi embora para lá. Cláudia e Sarah moravam na Rússia, e assim que Maurício e Cláudia se casaram achei que morariam aqui, mas não. Eles passaram alguns dias no Rio de Janeiro e depois foram para Rússia. Queria entender só o motivo disso tudo, mas não hoje e nem agora. O cansaço está me abatendo e eu quero mais é dormir. Pedi a minha mãe para que uma das meninas arrumasse meu quarto antigo. Tomará que hoje eu possa descansar. Já tem dias que não durmo direito e preciso disso para renovar as minhas forças.

Demos boa noite um para o outro e subimos cada um para seus respectivos quartos. Tiro minha roupa e fico somente de cueca. Me deito na cama e tento não pensar em nada para atrapalhar meu sono. Não demora muito meus olhos já estão pesados, acabo dormindo.

Estou em um lugar totalmente escuro, uma sombra passa por mim e não reconheço de quem é. Busco andar no lugar e encontrar uma saída. Acho uma porta que está destrancada e saio. Luzes bem fracas iluminam o ambiente. Vou andando e encontro uma mulher deitada no chão. Me desespero e vou até ela. Será que está desmaiada? A pego em meus braços e depósito a mesma no sofá que tem aqui. A olho e fico em choque de ver que se trata da mulher dos meus sonhos. Ela está com o rosto com marcas de mãos. Algum filho da puta está maltratando ela. Passo as mãos em seu rosto. Eu preciso tirá-la daqui, antes que aquele covarde faça mais alguma coisa com ela. Volto pegá-la em meu colo e procuro uma saída desse lugar. Mas nada, eu não acho, e fico andando para lá e pra cá com ela em meu colo. Começo a ficar desesperado, pois tenho medo que ela não aguentar e morra em meus braços. Coloco ela novamente no sofá e corro na casa para achar uma saída, e quando encontro abro a porta rápido, e volto para o sofá para buscá-la. Ela ainda está desacordada. A pego novamente e me encaminho para a saída, assim que chego na porta ela some dos meus braços. Fico sem entender o que houve, uma luz negra aparece do nada e me perco na escuridão.

Acordo suado e agitado. Ela estava em meus braços, mas o porque depois desapareceu? Fico tentando entender e me sento na cama. Passo as mãos em meu rosto e quando iria me levantar, me assusto. A garota morena está nua na ponta da minha cama. Ela está de pé, seus olhos não param de sair lágrimas. A olho de cima a baixo, me viro e acendo os abajus. Volto o melhor olhar para ela e para seu corpo, não gosto do que vejo, pois eles estão marcados. Me levanto e vou até ela. Fico olhando e ela não desviou seus olhos de mim.

- O que houve com você? Peço passando as mãos em seu rosto. Ela não me responde, só chora e me olha. Você tem que me dizer para que eu possa te ajudar. Digo.

Ela tira a mão que tapava algo que não tinha visto. Na verdade não reparei que ela estava sangrando. Me desespero ao ver uma ferida aberta do lado direito da sua barriga. Meus olhos enchem de lágrimas por saber que alguém está sofrendo tanto desse jeito.



- Você tem que me dizer seu nome, e onde você mora. Eu quero te ajudar e preciso muito te ajudar. Ela não diz nada e continua chorando. Por favor me diz o que houve? Você também precisa me ajudar, para eu te encontrar.

Ouçõ batidas na porta e olho para a mesma. Quando volto o meu olhar para a garota ela não está mais aqui. Merda. Passo a mão na cabeça e vou abrir a porta. Não há ninguém. Eu devo estar ficando louco. Não é possível isso. Um sonho horrível, uma garota maltratada e agora uma batida fantasma na porta. Eu acho bom contar isso a alguém que não me ache um louco. Talvez uma consulta com um dos amigos psiquiátrico ou psicólogo da minha mãe. Alguém tem que me entender e ver que eu estou tendo visões com uma estranha, que está pedindo a minha ajuda, porém eu nem sei onde encontrá-la. Algum profissional deve ter resposta para isso.

Bebi um pouco de água que tinha no criado mudo e me deitei cansado novamente. Eu já tomei a decisão de procurar ajuda para tudo isso. Eu não posso está imaginando essas coisas. Acabo dormindo com esse pensamento.

A porta do meu quarto está aberta, e eu acho estranho. Quem abriu? E porque deixou aberta? Me levanto e visto minha calça de pijama que tenho na cada dos meus pais. Saio do meu quarto e sigo para baixo, porém não tem ninguém na sala, na sala de jantar e na cozinha. Acho estranho, pois Mamãe iria para o hospital a tarde, papai não iria para o escritório cedo também. Será que ninguém acordou? Mas e o pessoal da cozinha? Já eram para estar na cozinha fazendo algo para o café da manhã. Volto para sala e a porta da mesma está aberta. Um vento frio atinge meu corpo. Abraço meu peitoral nu para tentar esquentar meu corpo nesse frio gelado.

Saio para fora, tentando entender o motivo da porta está aberta e de ninguém ainda está acordado. Os carros continuam parados perto da garagem. O que houve aqui?

Volto para entrar em casa e ver nos quartos se estão todos dormindo, mas do nada a porta se fecha. Tento abri-la, mas nada, ela não abre. Dou a volta para ver se a da cozinha está aberta para o jardim, mas algo me trava. A garota morena está parada em minha frente mais uma vez chorando, porém agora vestida. Ela não espera dizer nada e passa por mim indo para o portão de saída para rua. Eu preciso segui-la, talvez essa seja a chance de achá-la e tirá-la desse mal que ela

está vivendo.

Vou seguindo a mesma. Vejo ela passar pelo portão trancado, e eu tento abri-lo, porém é inútil, o portão está trancado. Merda, mil vezes Merda. Procuro um dos seguranças do meu pai e nada, volto para casa e tento abrir a porta e ela se abre. Acho estranho, pois a minutos atrás ela parecia trancada, mas eu não vou pensar nisso. Ela pode está lá fora me esperando. Entro correndo procurando a chave do portão e nada. Eu vou perdê-la e não vou ajudá-la. Eu preciso segui-la.

Acordo com batidas na minha porta. Olho para o lado passando as mãos no rosto. Droga, foi outro sonho. Parecia tão real, tenho certeza que se o portão não tivesse trancado eu teria descoberto onde ela está. A batida na porta ainda continua. Levanto e me visto. Abro a porta e é minha mãe.

- Bom dia filho! Você está bem? Ela questiona e eu volto a me sentar na cama.
- Na medida do possível. Digo olhando para ela, que se senta também.
- Outro pesadelo? Pedi fazendo carinho em meu rosto.
- Sim. Eu não sei o que posso fazer. Digo mais para mim do que para ela.
- Quer me contar? Suspiro.
- Uma garota maltratada, ferida, deve está correndo perigo nas mãos de alguém. Ela aparece todos os dias para mim e em meu sonho.
- Você conhece a garota?
- Não mãe. Nunca a vi na vida. E isso é que está me assustando mais. Porque ela apareceria para mim? Será que ela já havia me visto antes e eu não? Porque ela está me pedindo socorro?
- Não sei meu amor, mas porque você não dividir isso com algum especialista? Talvez ele possa te ajudar.
- Pensei nisso, mas tenho medo de ser tachado como louco. Digo e indo para a janela.
- Não pense assim, você não é. Porém precisa entender o motivo disso tudo. Vou pedir a Daniel para arrumar um horário para você com ele. Ele pode te ajudar e não vai ficar te julgando.
- Faça isso. Só tenho medo que seja tarde demais quando eu conseguir entender o que está acontecendo. Tenho medo que ela morra nas mãos dessa ou dessas pessoas.
- Calma. Vamos ver o que pode ser feito.
- Mamãe, não quero compartilhar isso com mais ninguém. As pessoas podem não entender. Na verdade nem eu estou entendendo. Ela me abraça

- Não se preocupe querido, será só eu e você. Agora eu te acordei, porque sua secretária Francielle está atrás de você desde cedo.
- Como assim desde cedo? Quantas horas? Falo alcançando meu celular. Merda mãe, são quase meio dia. Dormi demais e tinha uma reunião cedo.
- Não se desespere. Pedi a Francielle para desmarcar e remarcar. Sentir que você não estava a bem. Sempre acorda cedo. Mamãe fala e eu suspiro.
- Obrigada mãe. Digo dando um beijo em sua cabeça.

Minha noite foi tão intensa de sonhos que não tive como não me perder nas horas. Vou ver o que o especialista diz sobre tudo que estou vendo e sonhando, para poder agir. Eu não posso ficar parado, pois ela pode nunca mais aparecer para mim, e assim eu terei certeza que ela foi morta.

## **Capítulo 2**

Minha mãe conseguiu marcar uma consulta com seu amigo Daniel Monteiro para mim. Essa consulta seria hoje pela manhã, antes de eu ir para o escritório. Mesmo com muitas coisas para fazer no escritório, eu não queria perder mais tempo para entender o meu sonho e as minhas visões. Ela tem aparecido

insistentemente para mim, tem demonstrado que está sofrendo muito, e isso é meu desespero. Nunca passei por isso, nunca vi alguém sofrer tanto, e agora estava alguém sofrendo, querendo e precisando da minha ajuda, porém eu não sabia o que fazer, e como salvá-la.

Me arrumo como todas as manhãs e fico pensando que esse médico tem que me ajudar. Talvez possa descobrir o que há de errado com a garota. Ou se é só ilusão da minha cabeça. Vou até a cozinha já arrumado e dou bom dia para Maria. A mesma me questiona o que quero para comer, e digo que só quero café, estou sem fome, e também não quero chegar atrasado a essa consulta.

Cheguei no hospital e não demorou para a secretária do Dr me dizer para entrar. Entro na sala, e o mesmo está sentado em uma cadeira perto de um sofá estilo divã. Ele me olha e se levanta sorrindo. Ele parece mais novo do que pensei.

- Sr Renato. Ele me cumprimenta com um aperto de mão.
- Prazer Dr Daniel.
- Prazer é todo meu Sr. Quando Márcia me disse que um dos seus filhos precisava de um atendimento específico, eu não tive como negar.
- Fico feliz que possa me ajudar.
- Tentarei. Sente-se. Pediu me mostrando o sofá. Me sento e espero o mesmo me dizer o que quer de mim, mas ele não o faz, fica me analisando, ou talvez esperando que eu fale algo. Passo uma das mãos no cabelo. Então o que te traz aqui? Suspiro.
- De um tempo para cá eu venho tendo sonhos e visões com uma garota. Digo e ele me olha intrigado.
- E essas visões e sonhos estão te deixando perturbado porque?
- Porque eu não a conheço, porque ela aparece para mim machucada, torturada, ferida, sangrando e chorando. Ela nunca parar de chorar. Eu só quero entender o porque ela aparece para mim, e como eu irei ajudar alguém que nem conheço.
- Você não a conhece mesmo? Nunca viu de longe, ou algo assim?
- Não, nunca a vi na vida.
- Estranho, mas não é impossível.
- O Dr acha que ela está morta e eu estou louco? Peço já temendo meu fim.
- Não, nenhuma coisa nem outra. Tem muitas pessoas que acreditam em pessoas mortas podem voltar em espírito e falar ou pedir algo, mas a ciência dos médicos não pode definir isso, pois entra na questão da fé, da crença de

alguma religião. No seu caso essa pessoa pode ter alguma ligação com você ou sua família.

- Minha família? E porque só aparece para mim? Peço assustado.
- Talvez porque sua família não acreditaria nela, ou talvez porque alguém da sua família sabe quem ela é e sabe o que aconteceu com ela.
- Impossível. Meus irmãos e meus pais nunca me disseram sobre uma garota de olhos azuis, morena de cabelos longos.
- Sr Renato são suposições que pode levar o Sr a descobrir sobre a garota, e porque dela aparecer só para você. Normalmente uma pessoa desconhecida não aparece pra gente, mesmo morta, trazendo a crença para o seu problema, essas aparições ocorre com conhecidos, entes queridos. E se essa garota está aparecendo para você é porque tem alguma ligação com você ou alguma pessoa da sua família.
- Não deveria aparecer para essa pessoa da minha família então? Indago colocando a teoria dele.
- Sim, deveria, mas pode haver algo que a afaste dessa pessoa e ela está pedindo ajuda a você.
- O Dr está me dizendo que alguém da minha família pode ter feito algo a ela?
- Não, estou dizendo que ela pode não ter procurado essa pessoa, porque pode não ser acreditada.
- Estou mais confuso, porém como faço para ajudá-la? Ela sempre vem ao meu sonho chorando. Ela não fala nada, nunca disse uma só palavra. Teve um sonho que ela apareceu para mim duas vezes na noite e eu tentei segui-la para ver onde ela me levaria, mas fui impedido. Teve um outro sonho que estava em uma casa e a mesma estava deitada desacordada no chão, eu a peguei e achei a saída da casa, porém quando atravesssei a porta com ela, a mesma havia sumido dos meus braços.
- Porque você não conseguiu segui-la?
- Ela passou pelo portão trancado, e eu teria que pegar a chave e abrir.
- Entendo. A cena dela nos seus braços e depois não estava mais, você não pode levá-la, pois ela está presa a casa. Ela pode estar trancada, amarrada ou algo assim. Você pode tentar tirá-la em sonho mas não irá conseguir. Precisa descobrir o que está havendo com ela, e onde ela está.
- Mas como? Ela não fala nada, só chora.
- Você disse que tem visões também, não só sonhos. Ela aparece para você em algum lugar específico?
- Na minha casa, no meu quarto, na casa dos meus pais, na rua.
- Porque você não tenta segui-la com essa visão. Talvez ela possa te

mostrar algo.

- Vou fazê-lo. Só espero que as pessoas não me achem louco. Porque isso está me deixando mal.
- Não se preocupe com isso. Tente ajudá-la. Quero ver você na próxima consulta, preciso saber se você está bem. Suspiro.
- Não conseguirei ficar bem enquanto não achar essa garota. Digo me levantando.
- Última pergunta. Você prestou atenção na casa?
- Não. Porque?
- Poderia ser algum lugar que você conheça. Fico tentando lembrar, mas não é nada parecido com que já vi.
- Não sei mesmo.
- Ótimo, vamos nos ver na próxima consulta. Ele fala e se levanta me cumprimentado. Vou embora.

No escritório concentro a minha atenção a tudo que está sendo falado na reunião. O departamento de tecnologia está desenvolvendo computadores de mão com um pequeno avanço. Fico bem animado com a tecnologia desenvolvida por eles. É só um protótipo, mas espero que seja aceito mundialmente.

Volto para minha sala e começo a analisar vários contratos, tenho pessoas querendo fazer negócios comigo, sem nem ao menos fazer o dever de casa. E eu amo isso, pois assim fica mais fácil o meu trabalho. Descarto qualquer tentativa de chegar a mim e aos meus negócios, ainda mais quando vejo que a pessoa é ambiciosa e gananciosa. Ouço batidas na minha porta. Peço que entre. Fran aparece dizendo que tem um Sr esperando para falar comigo. Questiono quem é, e ela me diz que é Sr Willian Prates. Sei muito bem quem é. Peço a ela que o deixe entrar. Ela sai da sala e em poucos minutos Willian entra na minha sala.

- E aí cara? Como vai? Peço me levantando e indo de encontro a ele. Dou um abraço no mesmo que me corresponde sorrindo.
- Estou ótimo e você melhor ainda pelo que vejo né.
- Não tenho do que reclamar. Falo. Então quais as novidades? Já sei que você se casou, e nem quis me convidar. Indago fazendo cara de chateado.
- Me casei, mas foi uma cerimônia simples com poucas pessoas. Ele diz e eu assinto. E outra, acho que você não iria se deslocar daqui para ir ao Rússia assistir meu casamento.
- Que isso Willian, claro que iria. Assim também mataria a saudades dos

meus irmãos e cunhadas.

- Então meu amigo me perdoa, achei que você não iria até lá.
- Tudo bem, eu te perdoou. Mas me fala o que te traz ao país de novo? Quando voltou?
- Voltei tem alguns meses, e na verdade não queria morar na Rússia, só fui para lá porque mamãe e Verônica insistiram. E foi bom né, conheci minha esposa lá.
- Que cara de sorte.
- E você? Nada de casar ainda? Está ficando velho hein. Sorrio, pois é verdade. Me sinto só, mas não desesperado para namorar e casar com qualquer uma.
- Estou ainda dentro do tempo de arrumar alguém.
- Verônica ainda pergunta por você. Na verdade não para de falar em você. Bufo. Nem pensar que quero Verônica na minha vida.
- Sua irmã é louca, e nem quero nada com ela. Só tivemos um caso de faculdade e nada mais. Nunca gostei dela, e espero que ela fique onde está. Digo sério.
- Vou dizer isso a ela. Mas eu estou aqui porque fiquei sabendo que sua empresa está com uma vaga de diretor financeiro em aberto, queria ver com você, se não poderia assumir essa vaga.
- Para mim tudo bem Willian. Vou pedir a Francielle para verificar como anda o recrutamento e poder cancelar o mesmo. Para mim você já está contratado.
- Que ótimo cara. Obrigada pela oportunidade.
- De nada. Achei que você tinha seu próprio negócio.
- Não deu certo. Ele falou meio nervoso.
- O que não deu certo? Você é um cara esperto, inteligente. Não vejo o porque não daria certo. Indago querendo tirar dele o que me esconde.
- Tive alguns problemas com a Sra Prates e então achei melhor não ter um negócio próprio. Mulher consumista, sorrio por dentro.
- Mulher consumista? Ele não responde e fica olhando para o nada. Está tudo bem Willian?
- Hã, está, sim, ela é um pouco consumista. Ele diz e não sei, mas eu conheço Willian desde a faculdade e sinto que tem algo a mais aí.
- Fica tranquilo, pois é difícil arrumar uma mulher que não seja consumista.
- Então estamos acertado né. Posso começar que dia? Ele pede se levantando. Ele está estranho.
- Amanhã mesmo. Essa vaga é de máxima urgência. Digo e ele assenti.

- Deixa eu ir então. Amanhã estarei aqui cedo. Ele fala e me cumprimenta novamente, porém com um aperto de mão.

Willian vai embora, e eu ligo para Fran pedindo que ela verifique com o pessoal do RH sobre a vaga de diretor financeiro. Era para ser cancelado a vaga, pois já tínhamos um candidato.

Willian me pareceu um pouco estranho. Acredito que deva estar passando problemas financeiros e até mesmo em seu casamento. Espero que com essa vaga ele consiga recuperar sua vida e a alegria. Ele não parece nem um pouco feliz.

O resto do dia foi tranquilo. Maycon havia me ligado para encontrá-lo no apto de Sarah, pois eles estavam arrumando as coisas e queriam ajuda. Não estou fazendo nada mesmo, e é bom que distrai a minha cabeça da garota, porque sei que assim que ficar sozinho com meus pensamentos, esse tormento vai vir com força em minha mente e eu me sentirei um inútil por não poder fazer nada.

Chego no apto de Sarah e ela autoriza a minha entrada. Subo até o quarto andar e a porta já está aberta.

- Estou entrando. Digo adentrando o apto que está cheio de caixas.
- Pode entrar cunhadinho. Só não repara a bagunça. Ela diz vindo do corredor. Tudo bem? Ela diz me cumprimentado com dois beijos no rosto. Olho para ela, e noto que estava chorando.
- Você estava chorando? Peço preocupado.
- Desculpe, mas é que eu estava lembrando da minha irmã.
- O que tem Cláudia? Ela está doente? Fico mais preocupado ainda.
- Não. Cláudia está ótima, mas não estava falando de Cláudia, porém da minha outra irmã. Fico surpreso, pois nunca soube que elas tinham outra irmã.
- Não sabia que vocês tinham outra irmã. Falo surpreso.
- Não gostamos de falar sobre ela. Ficamos muito mal quando falamos dela.
- Porque?
- Ela está morta. Sarah diz com lágrimas nos olhos.
- Sinto muito. Meus irmãos nunca comentaram isso comigo.
- Não tem problema. Só que às vezes sinto muita falta dela. Era a caçula e sempre cuidamos uma da outra.



- Não chora, não gosto de ver mulher chorando. Me sinto impotente. Falo a abraçando.
- Já chegou cara? Achei que você iria demorar. Maycon aparece e olha para Sarah. O que foi amor? Está tudo bem? Ele pede a puxando para seus braços.
- Sim, está, eu só estava lembrando da minha irmã e contando para Renato. Ela diz limpando seus olhos.
- Não fica assim. Você e Cláudia vão ficar bem. Meu irmão diz e faz sinal com a boca de que depois me conta. Eu dou de ombros e chamo a atenção deles para a bagunça.
- Então vamos distrair desse assunto e colocar tudo aqui em ordem? Indago sorrindo e Sarah já sorri também.

Passamos quase o resto da noite colocando as coisas no lugar, só deixamos umas dez caixas que foram para o um quarto vazio, onde correspondia às coisas da irmã de Sarah. Dayane.

### Capítulo 3

Noites em claro e uma mulher me tirando o sono. Porque será que isso está acontecendo comigo? Porque dela aparecer justo para mim? Me levanto depois de mais uma noite mal dormida. Suspiro, pois estou mais cansado do que ontem. Tem uma semana que meu sono está sendo zero, já que ela começou à aparecer diariamente para mim em meu sonhos. Antes era somente uma ou duas vezes na noite, mas agora parece que ela está correndo mais perigo ainda. Não diz nada como sempre. Eu vou ficar louco com isso, e nem sei como buscar uma saída.

Procurei pela internet sobre alguém desaparecido, nada, procurei pelas característica dela, mas nada. Eu não achei nada. O que será que o houve com ela? Tomo um banho para despertar do meu transe. Me olho no espelho e pareço um bagaço de homem. Minha vida poderia ser menos complicada. Vou para a cozinha e Maria me olha. Sei o que ela está vendo um homem, não é seu patrão. É somente um homem destruído por falta de sono.

- O Sr está bem? Ela pede me avaliando.
- Estou tentando Maria.
- O Sr não tem dormido direito, precisa descansar. Sua aparência está horrível. Tento sorrir, mas é em vão. Enquanto essa garota estiver em meus sonhos, eu não vou conseguir viver bem.
- Eu sei que preciso, mas ultimamente não tenho conseguido dormir. Falo

olhando para à xícara de café que ela colocou na bancada para mim.

- Tenho você como filho, e me preocupo com você.

- Eu sei e agradeço. Eu só preciso de tempo. Falo mais para mim do que para ela. Eu preciso mesmo é achar essa garota. Ela fica me olhando e depois assentiu virando para fazer o seu serviço.

Essa semana eu ainda tinha a consulta com Dr Daniel, mas sinceramente, eu não queria ir, eu não tinha nenhuma novidade, a não ser que ela deu para não me deixar em paz. Nem um só minuto da noite. Mas o que esse Dr podia fazer quanto a isso? Ele não tem o poder de pedir à ela para parar, mesmo porque ela só aparece para mim, já que ninguém da minha família se manifestou. E cada dia que passa eu fico mais intrigado ainda com isso. Eu sou o único a vê-la e nem sei como ajudá-la.

Meu dia começou cheio de reuniões e eu não estava prestando à atenção em nada. Juro que estava tentando, mas não conseguia. Eu estava muito esgotado, para ficar em uma sala ouvido as pessoas pedindo à minha atenção. Pedi a Hugo, meu braço direito, para resolver tudo e depois me passa. Eu estava indo para casa, para ver se conseguia descansar, dormir um pouco.

Cheguei em casa e Maria estranhou eu ali, porém eu não dei explicação, fui para meu quarto e tirei a minha roupa. me deitei e não pensei em nada. Só senti meus olhos pesados, e não vi mais nada.

Pierre parou o carro em um lugar estranho. Na verdade em um bairro diferente do meu. É um lugar não muito luxuoso, mas é um bairro bom. Questiono à Pierre, o porque da gente está ali, e ele não me responde. O chamei novamente, mas nada. Vejo ele sair do carro e ficar de pé do lado do carro. Esse homem hoje não está bem. Saio do carro e respiro fundo para não brigar com ele, mas antes que eu fale algo, a garota morena aparece do outro lado da rua. Olho de um lado ao outro para atravessar à rua. Atravesso e vou até à mesma, porém ela começa a andar sempre olhando para trás. Dessa vez eu vou atrás dela, eu tenho que saber onde ela está e como ela está. Olho para onde meu carro estava estacionado e não tem nada. Onde Pierre foi? Porque não me esperou? Eu preciso dele para resgatar essa garota. Não posso ficar pensando nisso, volto à minha atenção para a garota. Ela está suja de sangue, suas roupas estão rasgadas. Meu Deus ela está totalmente em perigo. Que tipo de pessoa faz isso com uma mulher? Que tipo de pessoa faz isso com outra pessoa?

Andamos umas três quadras de onde estava, e chegamos em uma casa. Não tem muro, somente uma cerca de pau pintada de branco. Ela passa à cerca, sobe à pequena escada e entra na casa sem abrir a porta. Ela atravessou à mesma e eu fiquei assustado, porém subi as escadas e fui apertar a campainha.

Eu comecei a ouvir um barulho lá no fundo. Esse sim não parava, e eu já estava incomodado com o barulho. Acordo assustado e ouço o barulho do celular. Me sento rápido na cama. Dessa vez eu estava quase a resgatando. O barulho do celular tocando ainda não parou. Pego o mesmo em cima do criado mudo.

- Renato. Digo sem olhar no visor quem é.
- Filho, está tudo bem? Mamãe pede e eu não sei o que está bem a muito tempo.
- Estou tentando mãe. Falo me levantando.
- Liguei para sua casa mais cedo e Maria me disse que você não anda bem. Que não tem dormido direito. Os sonhos ainda continuam?
- Sim mãe. Esses sonhos e visões não me deixam em paz.
- Dr Daniel não te deu um diagnóstico?
- Me deu mãe. Ele disse que deve ser uma pessoa próxima à nossa família, e que ela aparece só para mim, porque vocês podem não acreditar que ela está em perigo. Falo olhando o meu jardim da minha janela panorâmica.
- Estranho. Não temos ninguém da nossa família ou amigos perdidos ou desaparecidos.
- Eu também estou achando estranho. Mas mudando de assunto, você sabia que Cláudia e Sarah tinham outra irmã, e que a mesma está morta? Questiono ainda intrigado com essa história da irmã das meninas e que nunca ficamos sabendo.
- Não amor, não sabia. Seus irmãos não contaram nada para mim e nem para seu pai. Ela diz também surpresa.
- Fiquei intrigado e surpreso com isso mãe. Mesmo porque Maycon não quis falar perto de Sarah que já estava abalada com o assunto.
- Quando Maycon chegar vou perguntar a ele o que aconteceu. Porém eu agora estou preocupado com você.
- Eu vou ficar bem mãe. Pelo menos eu acho. Eu só preciso dormir.
- Quer que eu te receita um remédio para dormir?
- Deixa eu só verificar uma coisa que passo na sua casa para pegar o remédio. Falo.
- Ok meu amor, não deixe de falar comigo. Fico muito preocupada com

você.

- Obrigada mamãe.
- De nada amor. Estou aqui para você e por você, não se esqueça. Dona Márcia sempre carinhosa. Te amo meu filho.
- Também te amo mãe.
- Qualquer coisa me liga hein.
- Pode deixar. Falo e desligamos.

Já está quase anoitecendo e é hoje que eu preciso confirmar esse sonho. Eu lembro da casa, da fachada. Eu só preciso achar o bairro. Vou para o banheiro, tomo um banho. Coloco uma calça jeans escura, uma camisa pólo preta e calço meus tênis. Passo somente as mãos no cabelo e sigo para fora. Não chego até à cozinha, pois sei que Vera vai me obrigar a comer alguma coisa e eu não quero perder mais tempo.

Pierre está parado no hall de entrada e me olha.

- Venha comigo Pierre. Peço já saindo e ele vem ao meu encalço. Descemos as escadas para a garagem. Pierre, quero que você me leve ao um bairro menos nobre do Rio de Janeiro, não tão pobre. Falo e ele me olha intrigado.
- O Sr sabe o endereço? Questiona.
- Não. Só quero que você me leve a esse bairro. Digo e entramos em um dos meus carros.

Ele dá partida no carro e assim saímos de casa. Eu farei essa tentativa de encontrá-la, mas se não for assim, eu não quero mais ficar com isso em mente. Talvez eu esteja vendo uma pessoa morta. Mas o Dr disse que mortos não aparecem para gente, e então eu estou realmente na Merda, porque tenho visões e sonhos com alguém que deve está além da vida e estou me enganando para salvá-la.

Vejo o carro se afastar da área nobre do Rio de Janeiro e se encaminhar para uma área modesta, onde as pessoas não são tão endinheiradas. Pierre me olha através do retrovisor, talvez querendo resposta para onde estamos indo. Mas nem eu sei, eu só quero ver a casa que vi em meus sonhos. Quero pelo menos achá-la e ver se tem alguém nela.

Já estamos dentro do bairro, e fico olhando para todos os lados para ver se

identifico a casa. Nada ainda. Peço à Pierre para continuar andando devagar, não posso perder nada de vista. Estávamos à meia hora já dentro do carro, eu olhando todas as casas e Pierre olhando para mim através do retrovisor, mas eu ainda não havia achado a casa do meu sonho. Estava já começando a ficar cansado dessa procurar, quando disse a Pierre para retornar ao nosso bairro. Ele foi até o fim da rua e deu à volta na rua de baixo. Meus olhos automaticamente vão para à primeira casa da esquina. Merda, é à casa do meu sonho. Cerca de madeira, pintada de branco. Uma pequena escada que dá até a entrada da porta principal. Peço a Pierre para parar. Ele assim o faz. Saio do carro e olho para os lados. Droga, as casas aqui são praticamente todos iguais. Parece que é o padrão delas. Porém eu vou investigar pelo menos em duas, as outras vou pedir à Jonathan para fazer um levantamento dos moradores. Será mais fácil.

- Está tudo bem Sr? Pierre pede saindo do carro praticamente junto comigo.
- Sim. Fique aqui. Só vou checar uma coisa, se precisar de você te ligo. Digo e já entro o portão da cerca.

Subo as escadas e bato campainha. Fico ali uns minutos e nada. Desço e vou para a casa da frente sob os olhares de Pierre. Ele deve está nervoso, já que odeia imprevistos. Não sabe o que nos esperar.

Entro na casa da frente e bati campainha. Já são quase sete da noite, e as pessoas devem está chegando em suas casas depois dos afazeres do dia. Minutos depois a porta é aberta por...

- Willian? Questiono surpreso e ele me olha mais surpreso ainda.
- Renato? O que faz aqui? Indaga com uma cara de surpresa.
- Estava procurando uma casa de um amigo por aqui e pelas características achei que fosse essa. Digo não querendo revelar para ele realmente o motivo da minha estada ali.
- Nossa cara, acho que você está meio enrolado, porque as casas aqui são todas do mesmo padrão. Ele não te deu o número?
- Não. Você pode me dar um copo de água? Peço querendo entrar na casa dele. Sei que Willian não seria capaz de fazer maldade com alguém, mas não seria demais verificar.
- Claro, entre e fique a vontade. Ele fala me dando passagem para entrar. Aceno um espera para Pierre e adentrei a casa.

Fico olhando à sala e não tem muitos móveis. É somente o sofá com tapete que está com cara de novo. Willian volta com o copo de água e me dar.

- Obrigado! Falo e tomo um gole. Você mudou para cá à pouco tempo? Questiono reparando que não tem muitas coisas na casa.
- Sim. Lembra que eu estava na Rússia. Então vim morar aqui, já que a casa da mamãe ainda está reformando.
- Sei. Mas você iria morar na casa da sua mãe com sua esposa? Peço sorrindo.
- Sim, mamãe e Luana estão ainda na Rússia, e não pensam em voltar tão cedo.
- Certo.
- Willian. Uma mulher aparece na sala vestida de branco. Deve ser médica ou algo assim.
- Renato deixa eu te apresentar à minha esposa. Willian fala com um sorriso no rosto. Retribuo o sorriso. Essa é Karla, minha esposa, à Sra Prates.
- Prazer Sra. Renato Vilaça. Falo estendendo a minha mão e ela me estende a sua e assim nos cumprimentamos.
- Prazer Sr Renato.
- Willian eu já tenho que ir. Deixa eu ver se eu ligo para meu amigo e ele me passa o endereço certo. Indago e já vou me encaminhando para à porta.
- Apareça quando quiser. Temos que colocar o papo em dia. Willian fala e eu o cumprimento com um aperto de mão.
- Pode deixar. E como foi na empresa hoje? Peço
- Excelente. Vou me adaptar muito fácil. Sorrio. Willian sempre foi muito inteligente e esperto.
- Espero. Agora deixa eu ir. Até mais. Falo e já foi para o carro. Pierre abre à porta do mesmo para mim e a hora que sento no banco vejo Willian fechar a porta.

Eu devo estar ficando louco, um paranóico. Procurar uma garota entre todas essas casas deve ser como procurar agulha em um palheiro. Peço a Pierre para me levar de volta para casa. Estou cansado desses sonhos, dessas visões que não estão me levando a lugar nenhum. A partir de hoje não vou mais dar vazão à essas visões e sonhos. Se ela está morta não precisa de ajuda, se ela estiver viva, a família já deve está a procurando. Não vai ser eu, um estranho que vou procurar e achá-la.

## **Capítulo 4**

Resolvi fazer à última tentativa de encontrar essa garota. Cheguei em casa e fui para meu escritório. Liguei para Jonathan e pedi à ele para investigar as pessoas



que moram naquele bairro. Se Jonathan não encontrar nada de suspeito, eu não vou mais ficar me preocupando.

Vou para à cozinha e Maria aparece dizendo que o jantar está pronto. Ela coloca um prato com um pedaço de torta de frango na bancada. Vou até minha adega e pego uma garrafa de vinho. Seria tão bom ter uma companhia para dividir esses momentos. As vezes acho que trabalho demais e esqueço de me divertir. Eu preciso pensar em uma relação duradoura, que me faça querer casar e ter a minha família. Meus irmãos estão todos encaminhados, e somente eu estou aqui ainda esperando algo acontecer, tendo visões com uma garota que nem sei quem é. Eu merecia mais do que isso não?

Termino de comer e volto para meu escritório. Como não fiquei hoje na empresa, eu tinha algumas coisas para revisar. Então faço isso até quase de madrugada. Me sinto já com o corpo cansado. Espero que essa noite seja boa, porque eu não estou muito bem para passar mais uma noite acordado. Vou para meu quarto e tiro as minhas roupas. Me jogo na cama e faço como mais cedo, não penso em nada, pois assim meu sono vem.

Uma escuridão me toma. E eu estou em um lugar totalmente desconhecido. Parece uma boate. Cheia de garotas dançando. Rostos todos desconhecidos. Vejo vários homens com mulheres sentadas em seus colos. Porque será que eu estou neste lugar? Sempre detestei lugares como esse. Eu prefiro ir ao uma boate e conhecer uma garota, mesmo que isso durasse uma noite. Agora lugares como esse, onde há mulheres se prostituindo nunca foi a minha praia. Um homem moreno com cabelo cortado baixo, aparece sorrindo. Ele está com uma máquina fotográfica, vejo ele conversar com um outro homem que está de costas para mim. Eu quero sair daqui, não gosto do que vejo e nem quero que mulher nenhuma me note aqui. Ando até à saída é já estou na rua. Ando um pouco e escuto gritos. O beco está escuro e os gritos vem de lá. Com certeza é alguma prostituta sendo maltratada, eu não vou me envolver. Sou contra esse tipo de situação, mas prefiro ficar na minha. Vou embora sem rumo, porém os gritos não param. Quanto mais eu ando, mais os gritos ecoam em minha mente. Droga, será que eu deveria ter ido salvar essa prostituta? Mas eu não podia e nem queria me envolver. Já estou cheio de problemas, e ainda teria que denunciar esse lugar. Quando chegar em casa peço à Pierre para verificar isso.

Sinto algo segurando a minha mão. Me mexo e ainda sinto algo na minha mão. Acordo e me assusto com à garota segurando à minha mão. Ela chora como

sempre. Me levanto rápido e ela me olha.

- Escuta eu fiz de tudo para te achar. Mas eu não consigo mais. Ela se levanta e vai até o banheiro. A sigo.

Vejo meu chuveiro ligado e um meu espelho fica embaçado. De repente vejo algo sendo escrito nele. “ Não desista, me salva”. Vou até o chuveiro e o desligo. Volto para o quarto, e não a vejo mais. Porém ela pode me ajudar escrevendo onde está.

- Você pode me dizer onde está? Eu não posso te ajudar, se você não me ajudar. Falo para o nada, esperando que ela me escute. Devo estar louco mesmo.

Acordo suado. Tentando entender esse sonho. Uma casa de prostituição, a garota me pedindo ajuda através do espelho. Espelho? Levanto rápido e vou até meu banheiro. Não tem nada no espelho. Que sonho foi esse? Será que ela sentiu que eu não vou mais ajudá-la. Que caso Jonathan não a encontre, eu vou desistir? Não dá para saber onde ela está. E como pensei antes, sua família deve está procurando por ela, e eu como estranho não saberei como ajudá-la.

São quase oito horas da manhã. Tomo um banho e me visto com meu terno preto. Hoje meu dia será cheio. Vou para à cozinha e Maria já tem meu café da manhã pronto. Tomo o mesmo e saio com Pierre.

No escritório, meu dia começa cheio de reuniões, mal tenho tempo para respirar. Na hora do almoço Maycon me chama pra sair hoje à noite para uma boate. Isso me faz lembrar do meu sonho, mas sei que Maycon e Maurício não iriam em casas de prostituição, mesmo porque ambos estão casados. Maycon está praticamente casado. Falta pouco para isso acontecer. Aceito sair um pouco, estou precisando e quem sabe conhecer alguém ali, e tirar à tensão do meu corpo.

Como algo na minha sala mesmo, depois de pedir à Pierre para buscar algo para mim e volto para vários papéis em minha mesa. As vezes só queria ter alguém que me tirasse disso daqui e me fizesse querer mais. Suspiro, pois do jeito que estou, nunca encontrarei alguém que me queira. Ainda mais sonhando com uma estranha que não sei se está viva ou morta. Aí me lembro que amanhã é dia da

minha consulta com o Dr Daniel e sinceramente, eu não quero ir, na verdade já até decidi que eu não vou. Desistir de entender o que está acontecendo comigo, desisti de achar uma pessoa estranha. Só estou aguardando mesmo Jonathan me passar o relatório dos moradores daquele bairro.

À noite já estava na porta da boate esperando meus irmãos e cunhadas. Vejo várias mulheres me olhando, na verdade me comer com os olhos e acredito que hoje posso escolher alguma para acabar com esse jejum sexual que estou nele. Alguém bate em meu ombro e é Maycon.

- Tudo bem? Esperando aí muito tempo mano? Maycon pede e eu assinto com a cabeça.
- Só um pouco. Como vocês estão? Indago cumprimentando todos. Cláudia e Sarah estão radiante.
- Então vamos entrar? Cláudia já deu um jeito para conseguirmos entrar. Maurício fala piscando para ela.
- Espero que não seja nada ilegal. Falo brincando.
- Não, ela só soltou uma nota da boate em seu blog, e então eles concederam os ingressos.
- Ótimo, mas quando for assim, me digam que eu consigo isso rapidamente. Falo lembrando que o sobrenome Vilaça no Rio tem um poder imenso.

Eles apenas assenti sorrindo e entramos. Já vamos para a área vip. Nos sentamos e pedimos a nossas bebidas. As meninas pediram para dançar e eles foram. Fico olhando para todo salão, mas quase não consigo identificar as pessoas por causa da luz baixa. À pista de dança as luzes piscam conforme o ritmo da música. Não demora muito e uma mulher ruiva com os lábios pintados de vermelho senta do meu lado.

- Sozinho? Ela pede me olhando e depois toma um gole da sua bebida.
- Com meus irmãos e cunhadas. Digo, e ela sorrir para mim. Seu sorriso um muito bonito. Seus olhos são esverdeados e seus cabelos estão em cachos.
- Não tem namorada?
- Não. Ela sorri mais e vem mais pra perto de mim.
- Eu também não tenho ninguém. Podemos fazer companhia um para o outro. O que você acha?
- Para mim tudo bem.

- Ótimo. Prazer Isabelle. Ela se apresenta com uma confiança enorme.
- Renato. Quer dançar? Ela se levanta e já me puxa para descer para à pista. Que bom, mulher de atitude, sem essas frescuras. Gostei.

Na pista começamos à dançar agarradinho e à conversar. Ela me diz que trabalha em uma floricultura, que tem um filho de dois anos. Que foi abandonada pelo marido e agora ela está tentando refazer a sua vida. Ela me pergunta o que faço da vida. E normalmente quando saio não gosto de falar sobre à minha vida, quem eu sou de verdade, apesar que as pessoas não deixam de ver meu rosto estampado em jornais e revistas. Se ela ainda não sabe quem sou, não sou eu que vou dizer. Então falo que trabalho em uma empresa qualquer de ajudante geral, ela me olha parecendo não acreditar. Disse que eu não tenho cara de que faço faxina. Falo que as aparências enganam. Ela se contenta e continuamos dançando. Dançamos três músicas e depois nos sentamos. As meninas haviam ido ao banheiro e Isabelle disse que também iria.

- Já achou uma paquera? Maurício questiona sorrindo.
- Acredito que não irei dormir sozinho hoje. Falo piscando para meus irmãos.
- Você precisa arrumar uma mulher para casar. Está ficando velho. Maycon fala e eu penso muito em arrumar alguém, mas tem que ser alguém verdadeiro e especial.
- Me diz porque vocês nunca falaram que as meninas tinham outra irmã. Peço querendo mudar de assunto e também querendo saber o que houve com a outra irmã das minhas cunhadas. Vejo os dois se olharem e Maurício respira fundo.
- Não quero que toque nesse assunto perto delas. Maurício diz sério.
- Porque?
- Porque elas ainda estão sofrendo. À irmã está morta. Maycon fala meio alterado.
- O que houve com ela? Questiono tentando entender o motivo da alteração do meu irmão.
- Não sabemos direito o que aconteceu. Como disse, as meninas não gostam muito de falar disso. Só sabemos que Dayane era uma garota meio aventureira, queria conhecer o mundo antes de resolver fazer alguma coisa da vida. As meninas sempre recebiam cartas dela falando onde ela estava e como estava. Porém um dia que...Maurício para assim que escuta à voz de Sarah.
- Chegamos. Do que vocês estão conversando? Sarah pede sorrindo. Eu e

meus irmãos nós olhamos.

- De que Renato precisa casar. Maurício diz e elas começam a sorrir para mim.
- Precisa mesmo cunhadinho. Se estivéssemos na Rússia te apresentaria alguma amiga. Sarah indaga sorrindo.
- Eu ainda tenho tempo para isso. Vocês me colocam como se fosse um velhinho de 60 anos que nunca casou.
- Acho que vai chegar lá se continuar assim. Maurício fala e eu sorrio com seu comentário.

Isabelle chega e se senta. À apresento meus irmãos e cunhada para ela e ficamos conversando até as meninas chamarem para dançar de novo. Desço com as mãos grudadas na cintura de Isabelle, porém esbarro em alguém. Peço desculpas, mas a hora que a pessoa levanta sua cabeça fico surpreso, pois é o mesmo homem que vi no meu sonho. Ele tem em suas mãos uma máquina fotográfica. Eu não estou com a mente muito boa. Sonho com pessoas que nem conheço.

- Sem problemas cara. Ele fala e olha para Isabelle. Comendo a mesma com os olhos. A puxo para mim e saio andando para a pista.

Danço com ela, mas a minha mente está nesse homem estranho. Como posso sonhar com pessoas que não faz nenhum sentido para mim? Será que esse homem também não é real igual a garota dos meus sonhos?

- Está tudo bem? Isabelle questiona me olhando.
- Sim, estou. Falo, mas não é verdade. Eu tenho que tirar essas merdas da minha mente. Estou ficando louco e paranóico com isso.
- Não parece. Está distante. Não quer mais dançar? Podemos ir para um lugar mais reservado. Ela fala e eu já acho que é uma boa ideia. Vou levá-la para o o Place . Meu apto antes da minha casa ficar pronta.

Nunca gostei de levar mulher nenhuma na minha casa. Acredito que minha casa é um lugar sagrado que pertencerá somente à minha esposa futuramente, então quando saio e encontro uma foda rápida, levo para o Place, apesar que acho o Place um apto luxuoso demais para apresentar a Isabelle, pois sou um cara humilde, sem posses, então vou para um dos meus aptos modestos. Falo para Maycon que já vou embora. Não me despeço de todos. Como vim de táxi, pois sabia que iria beber, e esperava que meus irmãos me desse uma carona se não desse nada certo com uma garota, mas tudo estava ao meu favor para tirar essa

tensão do meu corpo que se instalou a dias.

Não demora pra gente chegar no meu apto. Isabelle me olha e eu não digo nada. Mostro meu rosto impassível. Subimos de elevador até o quinto andar. Pego à chave que o porteiro havia me passado e abro o apartamento. Como eu não estou afim de perder tempo, puxo Isabelle para mim e já começo beijá-la. Empurrando para o quarto que fica no final do corredor. Ela já estava levantando minha camisa, e eu parei de beijá-la, e ajudei a tirar minha camisa. Volto à beijá-la, e começo à descer o zíper do seu vestido.

À deito com cuidado na cama e passo as mãos em todo seu corpo. Espero que ela esteja sedenta como eu, porque a noite promete. Ela começa à desabotoar minha calça e eu desço beijos pelo pescoço dela, até chegar no seios descobertos dela. Começo à chupar um de cada vez e vejo ela gemer. Enfio uma das minhas mãos na intimidade dela dentro da calcinha, dando ainda atenção aos seios dela. Eu já estou louco para me enfiar dentro dela. Não vou aguentar muito essas preliminares. Me levanto e tiro minha calça que há estava no meio das minhas pernas. Tiro a cueca também. E volto e tiro à calcinha dela. Ela pede para ficar por cima, e eu não êxito. Me deito, porém à hora que ela iria se encaixe em mim vejo um vulto passar no quarto. Que Merda é essa.

- O que foi está tudo bem? Isabelle pede olhando para mim.
- Sim. Podemos continuar. Falo e tento não pensar no vulto que vi. Lembro que não estou com camisinha. Então me viro para à gaveta e pego um pacote de camisinha que sempre deixo aqui.
- Não precisa. Eu tomo remédio. Isabelle fala, mas eu não quero pagar pra ver nada.
- Prefiro usar. Me sinto melhor assim. Falo já colocando à camisinha em meu membro já ereto. Pronto pode ir. Ela sorrir e se encaixa em mim. Fecho meus olhos aproveitando dessa sensação que não sentia à muito tempo.

Isabelle começa a se mover e quando abro meu olhos. Olho para o lado da cama vejo à garota morena. Merda. Levanto rápido tirando Isabelle do meu colo com brutalidade.

- O que foi?
- Se vista. Vou chamar um táxi para você. Falo olhando para à garota que não para de me olhar chorando.

- Você pode me explicar o que está havendo? Isabelle pede vindo para meu lado.
- Não. Eu não posso. Na verdade nem eu sei o que está havendo comigo. Indago.
- Você não é casado é? Ela questiona com raiva.
- Isabelle eu só quero que você vá embora. Me desculpe, mas não vai dar. Eu não consigo. Digo e ela pega suas roupas e começa à se vestir xingando.
- É cada doido que me aparece. Droga, eu deveria desistir dos homens. São tudo um bando de egoístas, não prestam nem para uma noite. Ela fala e sai andando. Eu não acompanho, pois estou olhando para a garota morena. Escuto a porta sendo batida com força.
- Viu o que você fez? Não podia aparecer em outro momento? Porra, o que você quer de mim? Eu já fiz tudo que pude fazer para você, eu não quero mais isso, não vou ficar te procurando em vão. Então some da minha vida, somente dos meus sonhos. Me deixe em paz. Falo pegando minha roupa e vestindo a mesma. Ela não diz nada, não se mexe fica apenas me olhando. O que mais você quer de mim? Grito com raiva dela. Ela se mexe e sai me olha uma última vez e passa pela parede, sumindo da minha frente.

Droga, eu vou ficar louco. Ela não pode aparecer assim é atrapalhar a minha vida. Eu preciso de paz, preciso viver e voltar a vida ao normal. Não quero mais ficar vendo essas pessoas estranhas, não quero mais ter sonhos que nem sei o que significam.

## Capítulo 5

Um mês que não durmo direito. Um mês que a secretária do Dr Daniel está me ligando, eu não respondo. A garota sumiu dos meus sonhos, desde o dia que estava com Isabelle, mas em compensação eu não paro de sonhar com coisas e lugares estranhos. Uma casa de prostituição, uma garota que não parar de gritar em um beco, uma casa. São coisas estranhas para mim, são coisas que não fazem sentido algum, ainda mais sonhar com as mesmas coisas dia após dia.

Me sinto cansado, extremamente cansado. Queria poder apagar essas coisas da minha mente. Queria poder ter um dia só meu para que eu pudesse fazer o que quisesse. Mas não, estou perdido em sonhos, estou perdido sem achar algo certo para tudo isso que estou vivendo.

Pierre havia feito o relatório para mim das casas e dos moradores das mesmas no bairro de Willian, e eu olhei cada relatório e não encontrei nada demais. A não



ser o fato do fotógrafo dos meus sonhos morar no mesmo bairro. Fernando Monteiro, esse é o nome dele, mas também não tinha nada demais. Ele é fotógrafo de modelos, procura talentos para uma empresa em Londres. Então não achei nada nesse relatório. Parei de me importar com isso. À garota também havia sumido, com certeza foi encontrada, e espero que esteja bem com a sua família.

Eu estou um caco de homem. Essas noites sem dormir estão acabando comigo, pois por mais que à garota parou de aparecer para mim, esses sonhos com lugares estranhos e desconhecidos por mim ainda me deixava em alerta.

Desde Isabelle meus encontros amorosos são zeros. Fiquei com receio que à garota aparecesse para mim de novo em um momento íntimo e eu agisse novamente como um idiota, então tratei de me resignar. Deve ter feito algo muito ruim na vida para não merecer encontrar alguém que me ame e que eu ame também. Afundo a minha cabeça no trabalho para não ficar melancólico com à minha vida. Francielle me interfone me dizendo que minha mãe está querendo falar comigo. Peço a ela para deixar minha mãe entrar. Me levanto para recebê-la.

Dona Márcia entrar com seu sorriso estampado no rosto. Ela está elegante em seu vestido preto até os joelhos com seus cabelos soltos até o ombro e um salto preto.

- Como vai querido? Ela pede chegando até à mim e me dando dois beijos no rosto.
- Vou bem mãe. E à sra? O papai? Indago.
- Estamos bem, só preocupados com você. Ela fala e eu me sento e respiro fundo. Vejo ela se sentar também.
- Não precisam se preocupar. Eu estou bem. Digo, mas nem eu acredito nisso.
- Estou vendo que continuar não dormindo. Você não tem ido as sessões com o psiquiatra porque?
- Me diz porque eu teria que ir mãe? Ele não me ajudou em nada da primeira vez, e outra à garota sumiu dos meus sonhos e visões.
- Sério? Então porque você está esse bagaço, parecendo que não dorme a dias? Fico olhando para ela, e Dona Márcia me conhece muito bem, sempre soube ler cada um dos seus filhos. Escuta, eu estou aqui para te ajudar meu amor. Quero que você se abra. E se você está se sentindo sozinho, você

pode ir lá para casa.

- Eu sei que posso mãe. Mas estou bem. Só estou tendo uns sonhos estranhos com lugares estranhos e desconhecidos por mim.
- Não seria bom partilhar isso com Daniel?
- Não. Eu não quero ir mais nele ou qualquer outro médico. Eu só preciso deixar toda essa Merda de lado e voltar à minha vida.
- Você acha que consegue? Ela fica me olhando, talvez duvidando que eu consiga sair disso sozinho. Afinal de contas são coisas que foge ao meu controle, e nem sei de onde surgiu tão sonhos.
- Eu não sei mãe, mas tentarei.
- Não tente sozinho. Estamos aqui para você meu amor. Ela fala e vem me abraçar. Retribuo com gosto, pois sinto tanta falta dela às vezes. Gostava quando era criança, pois era sempre o colo dela que ia buscar.
- Eu te amo muito mamãe.
- Eu também. E por isso que estou preocupada com você. Seus irmãos disse que você tem que arrumar alguém para partilhar vida, e eu concordo. Você não pode querer continuar sozinho.
- É complicado mãe. É difícil quando você não encontra alguém para dividir a vida. E não é por falta de querer, pois eu quero, mas ainda não encontrei alguém que me desperte esse sentimento. Falo e logo os olhos azuis sem vida vem a minha mente. Eu não posso estar pensando nela, quando nem mesmo à conheço, nem sei se existe.
- Mas vai aparecer alguém que desperte o sentimento único em você. Não tenho tanta certeza disso, mas vamos esperar. Vou fazer um jantar lá em casa hoje. Quero você lá, junto com seus irmãos.
- Estarei lá mamãe. Falo sorrindo.
- Ótimo. Vou te esperar. E pense bem em voltar as sessões com Daniel. Ela me dá dois beijos e me abraça em despedida.

Não penso em voltar às consultas. Mesmo eu não sabendo lidar com esses sonhos, eu não quero ficar falando dos sonhos e não ter um diagnóstico certo sobre eles. Eu não preciso de uma interpretação dos meus sonhos, eu preciso entender o motivo de sonhar com eles, e ainda com tanta frequência. Volto ao meu trabalho, pois ainda tenho muitas coisas para fazer antes de ir embora.

Me arrumo para casa dos meus pais. Coloco uma calça jeans escura e uma camisa pólo azul escura. Calço meus tênis, bagunço os cabelos com as mãos e estou pronto. Desço para garagem e pego um dos meus carros esportivos.

Chego na casa dos meus pais e todos já estão ali em uma conversa animada sobre o casamento de Maycon e Sarah que se aproxima. Eles decidiram fazer o casamento na casa dos meus pais mesmo. Não terá muitos convidados por parte de Sarah, a não ser algumas amigas que estariam chegando da Rússia. Sarah disse que teria que escolher uma dessas amigas para ser a madrinha que faria par comigo. Mauricio e Cláudia já estavam certo para isso, então só cabia a ela achar um par para mim.

- E vocês já tem o destino de lua de mel? Questiono para saber se eu posso dar isso de presente a eles.
- Ainda não decidimos cunhadinho. Sarah diz alegre e ao mesmo tempo com um olhar triste. Fico imaginando que ela esperava que sua outra irmã estivesse aqui para ser à madrinha e também pudesse compartilhar essa alegria com ela.
- Decidem, quando estiver o destino me falem que darei isso de presente a vocês. Falo e Sarah sorri a toa.
- Sério? Vamos passar um mês fora Renato. Como Sarah ainda não arrumou nada aqui em sua área, eu e ela vamos ficar um mês fora.
- Não vejo problema nisso. Se quiserem podem pegar o avião para levá-los e buscá-los. Só não vou deixar a disposição de vocês porque posso precisar dele para alguma viagem de negócio.
- Você é o cara. Vamos escolher e te falamos. Maycon fala pegando na mão de Sarah e beijando.

O jantar fica pronto e todos nós vamos para a mesa. O casamento do meu irmão ainda é o assunto, já que papai e mamãe estão eufóricos com mais um filho casando, e eu sei que as cobranças virão para mim quando esse casamento se concretizar. Bufo e começo à comer. Papai e mamãe vai dar uma casa para eles, assim como deram para Maurício e Cláudia quando chegaram aqui. Não que meus irmãos precisasse, porque somos os irmãos mais ricos e bem sucedidos da cidade, então não precisavam de presentes e nem nada, mas nossa família tem esse costume de presentear. Saio dos meus pensamentos quando escuto papai me questionar sobre a empresa. Quando iria abrir à minha boca, vejo à garota morena com seus olhos azuis triste e chorando. Ela está atrás da cadeira de Sarah. Fico parado, olhando para ela. Ela anda até Cláudia e depois volta para Sarah Droga. Ela é à irmã delas?

- Eu quero ver uma foto da irmã de vocês. Falo olhando para Sarah e depois para Cláudia.

- Renato. Conversamos já sobre isso. Maycon fala meio irritado
- Não, não conversamos. Vocês não querem contar o que houve. Digo e continuou olhando para a garota que não parou de chorar.
- O que você tem filho? Papai pede.
- Me mostra Cláudia. Eu preciso ver uma foto da sua irmã. Insisto me levantando.
- Não. Renato, você não vê que as meninas sofrem com esse assunto? Então parar. Maurício pede se levantando também.
- Ela pode não estar morta. Indago de uma vez. E Sarah começa a chorar.
- Você ficou louco cara? Mauricio pede irritado. Olha o que você está fazendo? Que parte desse assunto que você não entendeu que é complicado para as meninas falarem? Ele grita.
- Calma filho. Seu irmão não tem passado bem esses dias. Mamãe fala vindo para meu lado.
- Sua irmã é uma garota morena de cabelos longos com de mogno, olhos azuis como mar? Sua pele é branca?
- Parou Renato. Chega. Maycon grita também e se levanta.
- Como você sabe disso? Cláudia pede chorando.
- Ela está me pedindo socorro todos os dias em meu sonho. Eu tenho visões com ela. Sonhos com lugares estranhos. Estou nervoso. Então o médico tinha razão de me dizer que podia ser alguém da minha família ou próxima.
- Não diga mais nada. Eu não quero ouvir mais nada. Sarah se levantando e indo para a sala.
- Você estragou nosso jantar. Maycon passa por mim e diz revoltado. À garota morena some indo para a cozinha.
- Meu filho você está bem? Papai pede.
- Sim. Mas tenho certeza que essa garota não está morta. A irmã de vocês não está morta.
- Cala a porra da boca. Mauricio grita mais irritado ainda.
- Mauricio fique calmo. Mamãe pede e ele me olha com raiva.
- Calma nada mãe. Cansei de dizer À Renato que esse assunto era delicado. Que as meninas ainda sofriam com isso, mas parece que ele não está nem aí para os sentimentos dos outros. Meu irmão diz e eu não me sinto bem com o que ele fala. Eu sou um cara totalmente sentimental e ligo para os sentimentos dos outros e agora estou sendo acusado de não dar a mínima para o que minhas cunhadas sentem.
- Eu só quero ajudar. E sei que esse assunto não é um dos melhores para se conversar, mas eu vejo essa garota à meses em meu sonho, e parece que ela

está viva e quer ajuda.

- Já chega. Mãe, pai estamos indo embora. E Renato, quando estiver melhor conversamos como pessoas normais, porque nesse momento você está parecendo louco. Mauricio fala e vai para sala em busca de Cláudia.
- Eu sinto muito. Falo e todos me olham. Me perdoe Sarah e Cláudia. Eu não queria deixá-las mal. Elas me olham chorando.
- Vamos embora. Mauricio pede e Cláudia se levanta. Ela pega o celular e me mostra a foto da irmã.
- Merda. Digo. Ela é a garota dos meus sonhos. Meninas ela não está morta. Falo e sinto um soco em meu rosto.
- Vai à Merda com isso Renato. Porra, será que você não entendeu ainda? Elas estão custando a deixar essa ferida cicatrizar e você ainda quer mexer na ferida? Mauricio fala irritado após me dar o soco.
- Maurício você ficou louco? Papai pede.
- Não. Seu filho caçula que ficou louco e perdeu totalmente o juízo e ainda à falta de senso. Mauricio diz. Passo uma das mãos em meu rosto e sinto sangue sair da minha boca.
- Eu vou embora. Digo.
- Não filho, fica. Deixa eu ver esse machucado. Mamãe pede.
- Não precisa mãe. Não quero estragar mais a noite de vocês. Boa noite e mais uma vez desculpa meninas.

Não espero ninguém dizer mais nada. Vou embora para casa. Eu não estou louco e vou provar para cada um aqui que não estou louco. Ligo para Pierre. Peço a ele para investigar sobre irmã de Cláudia e Sarah esposa dos meus irmãos. Eu vou descobrir o que houve, e ainda provar que ela está viva. Agora vou até o final.

## Capítulo 6

Depois que sair da casa dos meus pais, eu não tinha muito que pensar. Tinha que achar essa garota e trazer de volta para as meninas. Minha boca dói um pouco, mas não estou com raiva de Maurício, pois sei que se tivesse no lugar dele eu faria o mesmo para defender a minha esposa, porém ele tinha que acreditar em mim. Eu não estou ficando louco e nem estou zombando dos sentimentos das minhas cunhadas.

Ouçó meu celular tocar assim que chego em casa. É minha mãe, mas eu não estou afim de falar com ninguém agora. Preciso descansar, pois amanhã quero ver se Pierre tem alguma notícia dela.

Tiro minhas roupas e me deito. Espero ter uma noite tranquila. Vou me empenhar até descobrir o que houve de verdade com a garota.

- Não precisa se preocupar. Eu vou te ajudar. Falo querendo que ela ouça. Durmo pensando nela.

Acordo com um clarão em meu quarto. Esfrego meus olhos, tentando acostumar com a claridade. Abro meus olhos e penso que minha noite foi tranquila. Não tive sonhos nenhum. Pego meu celular e vejo que passa das nove. Eu realmente precisava dormir. Meu corpo pedia isso. Me levanto e ligo para o consultório do Dr Daniel. Eu pensei em nunca mais procurá-lo, mas agora se faz necessário. Ele pode me dar algumas respostas sobre esses sonhos com lugares estranhos. Peço a secretaria para agendar um horário para hoje, e a mesma diz que não tem, mas digo que é para Renato Villaça, e ela rapidamente o faz. O muito bom ser eu, ter o sobrenome Villaça é ótimo. Marca para o fim da tarde e eu não me importo, já que eu tenho muito trabalho hoje. Espero que Pierre também me traga resultados.

Tomo um banho e me arrumo para mais um dia de trabalho. Desço e como sempre Vera está na cozinha preparando o café da manhã e cuidando dos afazeres da cozinha. Dou bom dia, e ela me responde também com um bom dia e um sorriso. Ela me diz que eu pareço melhor. Falo que estou bem hoje, e bem disposto. Realmente minha noite foi muito tranquila, e tive o famoso sonho dos justos. Tomo meu café com ovos e bacon e um suco de laranja. Acabo e volto para meu quarto para escovar os dentes.

Na empresa me concentro nas reuniões. Fechei um contrato com uma empresa de New York e assim eu terei que viajar para lá no mais tardar na semana que vem. Minha mãe e meu pai me ligaram praticamente o dia todo, porém eu não quis falar com eles. Eu sei que eles vão querer saber se eu estou bem, e sinceramente hoje eu estou ótimo. E ainda tem a situação com meus irmãos. Meus pais vão querer que a gente resolva nossa situação e para falar a verdade eu não quero conversar com eles e nem ninguém agora. Eu preciso e quero tempo.

Já estou no consultório do Dr Daniel. A secretária pede para entrar na sala e assim faço. Entrei e o Dr está em sua cadeira olhando alguns papéis. Ele me olha e dar um meio sorriso.

- Que bom que o Sr voltou. Estava preocupado com você. O Dr fala se levantando. Ele estende uma das suas mãos e me cumprimenta.
- Como vão Dr Daniel? Peço.
- Vou bem e você?
- Estou indo.
- Mas sonhos com a garota?
- Também. Mas eu já sei quem ela é. Falei e ele me olha surpreso.
- Que bom, então você achou ela?
- Ainda não. Mas ela é a irmã das minhas cunhadas. Só não sei o que houve com ela, já que minhas cunhadas disseram que a irmã está morta. Porém de acordo com o Dr. mortos não aparecem pra gente, então ela realmente está viva e correndo perigo. Só não sei onde, como.
- Teve mais algum sonho revelador com ela? Indaga cruzando suas pernas.
- Os mesmos de sempre. Ela me mostrou uma casa em um bairro menos rico, porém as casas são todas padrão, e eu não conseguir verificar nada. Meu assessor de segurança fez uma pesquisa, e também não encontrou nada de anormal. Suspiro. Ele continua me olhando sem dizer nada. Porém meus sonhos não param por aí.
- Não? O que mais tem? Ele pede intrigado.
- Estou tendo sonhos com um prostíbulo, com mulheres dançando. Um beco, onde há mulher gritando. Eu tenho esse sonhos a vários dias. Nunca fui em nenhum lugar assim. Não gosto. Falo ele sorriu para mim.
- Você não acha que pode ter a ver com essa garota? Ele pede eu me levanto. Será que a irmã das meninas virou prostituta? Não é possível. Lembro das palavras dos meus irmãos, dizendo que ela era uma garota

aventureira, mas para fazer isso, tem que ser louca mesmo.

- Eu não sei Dr. Eu ainda estou tentando descobrir. Digo ainda pensativo com isso.
- O que você pensa em fazer?
- Já pedi a Pierre para verificar o que houve com ela. Estou esperando notícias.

Minha sessão com o Dr Daniel dura meia hora. Eu não sei o que ele diz tem muito à ver, mas eu fiquei pensativo com isso. Não dei de as meninas tinham muito dinheiro para sobreviver, mas não acredito que ela entraria nessa. Não pode ser. Meus pensamentos estavam a mil com essa possibilidade.

Já havia se passado uma semana e Pierre estava me trazendo notícias ainda picadas. Mas já sei que ela não morreu, o corpo enterrado pelas irmãs foi de uma prostituta parecida com ela. Isso já dá à ideia do que Dr falou. Talvez ela realmente começou a se prostituir, mas ainda tenho dúvidas, pois à mesma estava em Londres, trabalhando em um café de garçoneiro. As pessoas entrevistadas por Pierre e seu pessoal, disseram que ela sempre foi alegre, bem animada, e que gostava de trabalhar no café. Disse que ela sempre falava das irmãs com carinho, mas que ela sumiu um dia e ninguém sabe o que houve com ela, pois a mesma não apareceu nem para buscar seu acerto. Estava realmente intrigado com isso. Como uma pessoa some assim do nada?

Alguém bate na porta do meu escritório. Peço para entrar. Vera aparece dizendo que Maurício está subindo. Bufo, pois tem uma semana que estou evitando contato com meus irmãos. Até mesmo com meus pais, mesmo sabendo que eles não tem culpa de nada, mas eu não quero ser julgado, ou acusado de ser louco por nem um deles. Vera sai sem dizer nada e eu fico esperando Mauricio chegar ao meu escritório. Só espero que ele não venha me acusar de nada, não estou para ouvir nada hoje. Ouço uma batida na porta, e meu irmão aparece com a cabeça adentrando o escritório. Ele me olha e eu fico esperando o mesmo dizer o que veio fazer aqui.

- Como você está? Ele pede sem jeito.
- Bem. Ele suspira.
- Renato sempre fomos amigos antes de irmãos. Não gosto de ficar nesse clima com você. Eu não quero que a gente fique sem de falar e ainda mais do jeito que estamos.
- Eu não estou com raiva de você Maurício. Mas também não estou afim



de conversar. Falo e ele me olha assustado.

- Me entende. Eu só fiz aquilo para defender as meninas. Você não sabe o que elas sofreram e ainda sofrem pela morte da irmã. Ele fala e eu olho para o relatório em minha mesa.
- Uma irmã que não está morta. Falo e ele revira os olhos.
- Renato parar. Isso não é brincadeira. As meninas enterraram o corpo, e nem souberam o que houve com ela.
- Como ela supostamente morreu? Peço.
- Não sei, como disse antes, Cláudia e Sarah não gostam de falar desse assunto. Só sei que ela viajou para Londres e sempre escrevia para as meninas, e do nada parou de escrever. Ela trabalhava em um café em Londres. Quando ela parou de escrever as meninas foi até o consulado para saber notícias, registrou o sumiço. Foram no café em Londres e ninguém sabia o que havia acontecido. Ficaram dias até meses procurando e nada até receber a notícia de que havia um corpo no IML em Londres que batia com as características da irmã. Elas foram logo e identificaram.
- Elas fizeram exame de DNA para comprovar?
- Elas não precisaram já que as coisas de Dayane estavam com essa garota. Os documentos e passaporte estava com o corpo. Levaram o corpo para Rússia, e o enterraram. Entendi porque é difícil falar desse assunto? Elas ainda sofrem com isso.
- Eu não entendo porque não fizeram o DNA, mas isso não importa. Sua cunhada está viva e em algum lugar. Falo e Maurício se levanta meio irritado.
- Renato por favor. Não vamos brigar por isso, vamos deixar isso de lado. Não vamos... Antes que ele fale mais, eu jogo a pasta em cima da mesa
- Veja. Ele me olha e volta para a mesa.

Ele começa a olhar o relatório de Pierre e faz uma cara de surpresa. Ele levanta e começa a ler o relatório andando. Passa uma das mãos na cabeça. Me olha em choque.

- Como você conseguiu isso? Isso não é possível. Me diz que isso não é verdade.
- É verdade sim. Claro que Pierre não acabou sua busca, mas pelo menos já sabemos que o corpo que está enterrado na Rússia não é dela.
- Eu não acredito Renato. Se ela estiver viva mesmo, as meninas vão ficar muito feliz.
- Eu prefiro que você não fale nada desse relatório para elas ainda. Vamos

buscar mais pistas, e confirmar que ela está viva mesmo. Falo me levantando.

- O que você pensa em fazer agora? Ele pede se sentando ainda olhando para o relatório

- Estou esperando Pierre me trazer mais notícias. Ele ainda está em Londres pesquisando e se tudo dê certo, vamos encontrá-la.

- Me desculpa por te bater, por te chamar de louco, mas naquele momento eu não pensei que isso poderia ser verdade.

- O Dr me disse que ela pode não ter aparecido para vocês porque pensam que ela está morta.

- Eu quero te ajudar a encontrá-la. Vamos a Londres procurar junto com a sua equipe de segurança. Ele fala e não é má ideia.

- Estou indo à New York amanhã em uma reunião de negócio. Depois podemos ir para Londres. Mas e Cláudia, o que você vai dizer a ela?

- Não vou contar que estou indo para Londres. Digo que terei que resolver um assunto pendente na Rússia. Mas eu quero também saber dessa história. Nem que a gente confirme mesmo que ela está morta, mas que agora seja verdade, e que tenho o corpo dela. Eu vou arrumar tudo para ir. Mauricio diz com esperança na voz.

- E Maycon? Peço, porque não acho certo deixar Maycon no escuro. Nunca fui de compartilhar um coisa com um deles e deixar o outro fora.

- Eu conto para ele. Na verdade ele queria vir, mas Sarah não está bem hoje. Então ele achou melhor ficar com ela.

- O que ela tem? Questiono preocupado.

- Nada demais. Só estresse do casamento. Meu dia sorrindo.

- Que bom. Vou deixar o avião pronto. Passa seu passaporte amanhã para Pierre. Ele vai arrumar tudo pra gente.

- Farei isso. Agora vem cá. Não gosto de ficar brigado com meu irmão. Nós três sempre fomos bem unidos, e não há nada que vai fazer essa união desmoronar.

- Eu sei. Só fiquei chateado por vocês não acreditarem em mim, mas é considerável à reação de vocês. Ele me abraça.

- Eu te amo meu irmão.

- Eu também seu chato. Última pergunta. Ela precisava se prostituir? Ele me olha sem entender.

- Não. Dayane tem dinheiro deixado pelos pais dela quando morreram. Não é muito, mas as três tinham uma conta com dinheiro o suficiente para poder concluir seus estudos e comprar um apto e carro. Nenhuma delas precisavam disso. Porém Dayane não queria mexer nesse dinheiro até

decidir o que queria da vida, por isso que ela trabalhava no café em Londres. Era mais para se manter. Você acha que ela estava se prostituindo?

- Não sei. Mas meus sonhos mostram sempre um prostíbulo.
- Eu não acredito que ela entraria nessa vida. Pelo que as meninas nos contaram minha cunhada era doidinha, mas não era para tanto. Não vejo porque ela entraria nesse mundo.
- Vamos esperar mais informações de Pierre. Não vamos tirar conclusões.
- Você está certo. Agora deixa eu ir. Deixei Cláudia sozinha.
- Vai lá. Mando um beijo para ela. Falo e ele me dá outro abraço.

Nos despedimos e eu ainda fiquei olhando aquele relatório de Pierre. Esperava encontrá-la, e não morta, porque tenho certeza que ela não está.

## Capítulo 7

A neve em New York já se fazia presente. Eu quase não sai do meu apto essa manhã, devido à está tudo em situação crítica na cidade devido à neve. Mas por sorte estou aqui e pronto para assinar mais contrato. Só estou com medo que não consiga ir para Londres hoje ainda. À neve não está dando trégua e isso pode não ser favorável. Torço para até a noite conseguir sair daqui. Maurício também estava nervoso para viajar logo e assim descobri realmente o que houve com a cunhada. Tomara mesmo que encontremos ela.

Encontro com o dono da empresa de máquinas agrícolas e assim pudemos conversar e também assinar o contrato com ele. O mesmo me disponibilizou todo seu maquinário para enviar as refinarias do Norte do país. Esse investimento será ótimo para mim e minha empresa em Rio de Janeiro. O faturamento dessas refinarias estavam bem baixos, e agora será muito alto. Investirei muito dinheiro nisso.

Eu não fui para o meu apto depois que sair da reunião. Fui direto para o

aeroporto. Havia ligado para Maurício, pedindo que o mesmo fosse para lá, uma vez que fui informado que não seria liberado nenhuma viagem no decorrer da tarde e ao adentrar da noite, pois à previsão era de piora da neve. Então eu não queria correr o risco de ficar ilhado em New York.

Estamos já dentro do avião. Pierre me ligou dizendo que havia descoberto algo, mas que me esperaria chegar em Londres para me dizer. Sinceramente estava apreensivo com que ele tem para dizer. Tinha medo que ela estivesse morta, já que não tem aparecido para mim desde o jantar. Meu irmão também estava apreensivo. Talvez estivesse com esperança de trazer a irmã de sua mulher, e a mesma pudesse ficar feliz com a notícia que ela não estava morta. Não tivemos tempo para falar com Maycon sobre as minhas descobertas, e não achei prudente para ele, já que o mesmo está a um mês de se casar. Sarah e ele estão muito agitados com a preparação do casamento e não queria trazer mais um problema para ele ficar nervoso.

- Você acha que Pierre encontrou algo que vai nos levar até a ela? Mauricio pede saindo do seu silêncio e pensamento. Ele não está com a cara muito boa. Sua preocupação é palpável.
- Não sei. Torço para que sim. Não vamos ter muito tempo para encontrá-la. Falo lembrando que as minhas visões pararam.
- Porque você diz isso? Ele passa as mãos em seu rosto tentando não imaginar o que eu estou tentando não imaginar também.
- Ela sumiu das minhas visões e sonhos. Meu irmão me olha e depois olha para a janela do avião.
- Eu não quero pensar no pior. Passei meses com Cláudia e Sarah chorando a morte da irmã.
- Você a conheceu?
- Não. Ela sumiu antes de Cláudia e eu firmamos compromisso. Sabia sim que elas tinham uma outra irmã, sabia também que ela sempre escrevia onde estava. E quando as meninas souberam que ela havia morrido, ficaram sem chão. Eu e Maycon custamos a falar com elas na semana que houve o enterro. E depois da aí que começamos a ter um compromisso sério com elas. Saímos, nos conhecemos primeiro, mas ficamos muito tempo afastados delas, pois estávamos montando a empresa.
- Seis meses depois você quis se casar e se casaram. E nunca mais tocaram no assunto da irmã desaparecida. Completo seu raciocínio.
- Sim. Elas não queriam falar o que houve e como aconteceu. Na verdade acho que nem elas sabem o motivo da morte da irmã. Mas eu peguei e ainda

pego Cláudia todos os dias chorando pela morte da irmã. Se ela não estiver morta, você não sabe como elas ficarão. Estou torcendo para que Pierre consiga saber o que houve e ainda que ele a encontre viva. Suspiro, eu espero de todo meu coração que ela esteja viva.

Londres estava com um clima meio frio também. Assim que descemos do avião Pierre com mais dois seguranças da sua equipe vieram nos buscar. Fomos para o hotel que havia reservado para mim e Maurício. Nos hospedamos e essa era a hora de Pierre nos dizer o que houve, o que ele descobriu.

- Então Pierre, nos diga logo o que houve. Peço impaciente. Vejo ele me olhar e suspirar. Seus olhos vão para Mauricio e sei que não tem nada bom aí.
- À Srta Dayane Albuquerque foi vendida para o tráfico humano. Não sabemos ainda qual rede daqui ela foi vendida, porque existem mais de quatro redes desses imbecis aqui. Passo as mãos em meu cabelo. Mauricio me olha e sei que teremos trabalho para descobrir onde ela está.
- Então ela pode está aqui, ou em qualquer lugar do mundo? Mauricio pede sem conter o desespero na voz.
- Sim. Mas ainda temos chance de ver se ela. Porque visitamos essas redes e não encontramos nenhuma garota igual a ela. Ela pode ter sido vendida para à prostituição.
- Como que isso acontece? Meu irmão pede ainda chocado e desesperado.
- As mulheres de muitos países são iludidas por trabalho de modelo, ou algo assim.
- Minha cunhada não. Meu irmão diz firme. Eu posso não ter conhecido ela muito bem, na verdade não à conheci pessoalmente, mas sei que Dayanestásia tinha um espírito aventureiro, não queria se apegar à nada antes de decidir sua vida. Nunca ouvi as irmãs dela dizer que ela sonhava com esse mundo. Ela pode ter sido enganada de outra forma.
- Eu não sei Sr Villça. Estamos ainda verificando tudo e todos os lugares que ela passou. Inclusive estivemos no apto dela aqui, que não sei porque estava todo revirado.
- As meninas não foram pegar as coisas dela? Indago para Mauricio.
- Não. Elas não sabiam nada dela aqui. Só buscaram o corpo e mais nada.
- Ou seja, passaporte e documentos estão todos desaparecidos. Afirmo o que Pierre já estava pra dizer.
- Sim.
- Tem mais alguma coisa? Alguma pista?

- Estamos vigiando o lugar. Às vezes um dos meus homens entram disfarçados e tentam buscar algo das prostitutas de lá, mas ninguém sabe dela e nesse tempo, ninguém a viu.
- Você não acha que devemos colocar pessoas em outros países para verificar isso? Indago não querendo perder tempo.
- Sim. Já fizemos isso. Não estamos deixando falhas. É por isso que gosto de Pierre e da sua equipe. Eles sempre pensam lá na frente.
- Quero também que olhem hospitais. Até os clandestinos. Falo. Meu irmão e Pierre me olham não entendendo. Respiro fundo, pois terei que conta uma parte do meu sonho. Maurício já sabe que ando sonhando com a cunhada, mas meus funcionários poderiam me taxar de louco. Ela está ferida. Um corte profundo no lado direito da barriga. Eles me olham mais intrigado ainda.
- Como o Sr sabe? Pierre pede.
- Não me pergunte, pois não falarei como sei. Também não sei se esse corte já foi curado. Não sei quando isso ocorreu. Só sei que ela pode ter estado no hospital.
- Se isso aconteceu, pode estar com outro nome, ou até mesmo como desconhecida. Maurício diz.
- Ótimo. Vamos começar a verificar todos os hospitais do país.
- Recomeçamos daí. E se encontrarem não quero alarme.
- Como o Sr quiser.

Eles vão embora e assim eu e Maurício começamos a conversar sobre ela ter sido traficada. Ele me diz que alguém a iludiu demais. Um namorado que poderia estar envolvido e acabou levando ela para esse mundo sem ela saber. Só iríamos entender o que houve quando encontrarmos ela, então não poderíamos ficar pensando muito no que houve com ela, e em como ela foi atraída para esse mundo. Ela está correndo perigo e tínhamos que ser rápidos, antes que algo mais aconteça com ela.

Já havia se passado três dias e nada. Meus sonhos voltaram. Porém ela não aparecia no mesmo. Sempre eram os lugares. E agora não era só o prostíbulo, mas sim um quarto todo branco. Eu não sei o que queria dizer, mas espero que não tenha nada haver com ela. Eu e Maurício frequentamos esses lugares, e nada ali me chamou a atenção, a não ser o fato de ter várias garotas novas. Como elas poderiam entrar em uma vida dessas. Sei que muitas ali tem precisão, mas não acredito que seja algo que alguém deva se enfiar.

Frequentamos três lugares até agora. E estávamos preparados para olhar os demais lugares. À cada dia que passava eu estava ficando desesperado por dentro, e via no olhar do meu irmão que estava igual. Ele não falava muito sobre isso e tinha certeza que estava com medo da nossa busca ser atoa. Eu também estava com esse receio, mas não iria desistir agora. Estávamos já no lugar que ela estava, e alguma coisa aqui tínhamos que achar.

Cláudia havia ligado para Maurício questionando quando ele voltaria. Ele disse que dentro de uma semana ele estaria em casa. Eu também não poderia ficar aqui. Tem muitas coisas que precisava da minha presença na empresa, portanto eu só iria ficar uma semana e estava torcendo para encontrar algo. Pelo menos uma pista que seja.

Estamos mais uma vez na casa de prostituição e esse lugar não me agrada nem um pouco. Vejo essas garotas que mal tiveram tempo de ver outras coisas na vida se oferecendo para homens, velhos procurando provar a suas masculinidade. Isso é horrível.

- Cara temos que achar alguma coisa logo. Mauricio fala me tirando dos meus pensamentos.
- Eu sei, mas está difícil. Pierre até agora não teve nenhuma pista.
- Eu estou ficando apreensivo. Três dias e nada. Não é possível que viemos atoa. Mauricio diz passando as mãos na cabeça.
- Vocês dois querem uma companhia? Uma garota loira aparece.
- Estamos procurando uma ruiva. Digo e ela fica sem graça. Na verdade sabemos que aqui não tem nenhuma ruiva. As garotas aqui ou são loiras ou morenas.
- Desculpe bonitão, mas aqui só temos morena e loira. Ela fala sorrindo.
- Hum então vamos ficar aqui olhando alguém que gostamos. Mauricio fala ela começa a passar as mãos na perna dele.
- Que isso gatinho, eu posso te dar uma horas de prazer. Coisa que tenho certeza que sua mulher não está te dando. Eu e Maurício nos olhamos e depois ele olha para aliança dele. Não precisa se preocupar. Juro que não falo com sua mulher.
- Tem alguma morena aqui de olhos azuis? Peço.
- Sim. Vou chamá-la para você. E você loirinho, eu cuido de você hoje. Ela se levanta rebolando e sai piscando pra gente.
- Temos que dar um jeito de sair daqui agora. Eu não quero nenhuma mulher grudada em mim, passando à mão em mim e me cheirando. Meu

irmão diz, e eu também não quero nenhuma mulher grudada em mim.

- Vamos embora. Mas um noite perdida. Falo me levantando e saindo dali acompanhado de Maurício.

Saímos daquela casa e pudemos respirar o ar puro da rua. Já que lá dentro fedia perfume barato, cigarros e charutos. Fomos conversando e tentando achar uma saída para tudo isso, mas nada vinha em minha mente.

Acabamos deitando mais cedo para rodar à cidade amanhã cedo. Fico pensando que à garota podia me dar uma pista em meus sonhos. Acabo dormindo com esse pensamento.

Há um barulho vindo de algum lugar. Acho que é do meu celular. Droga deixei ele na sala. Me levanto ainda zozinho de sono e com coçando os olhos. Acho o celular em cima do sofá. Atendo sem ver.

- Villaça. Digo e olho para à janela ainda está escuro.
- Sr Villaça. Encontramos à garota. Pierre diz e eu desperto.
- Onde? Como ela está? Peço apreensivo.
- Ela está no hospital Sr Villaça. Ela deu entrada aqui na parte da tarde de ontem. Ainda não conseguimos saber muitas coisas dela.
- Me dá o endereço do hospital. Já estou indo para ir. Indago.
- Tenho um problema Sr. Pierre fala e eu já estou no quarto de Maurício para chamá-lo.
- Que problema? Paro assim que ele fala em problema.
- Não conseguimos entrar no quarto. Tem dois seguranças vigiando à porta.
- Como vocês sabem que é ela então? Mexo em Maurício para o mesmo acordar.
- Fizemos amizade com algumas pessoas do hospital e deixamos eles de sobreaviso com uma foto dela.
- Isso não foi perigoso Pierre? Não sabemos com quem ela estava e se ela está com segurança, querem preservar à identidade da mesma. Maurício abre os olhos e me olha intrigado. Se vista. Falo e saio do quarto.
- Molhamos algumas mãos e também deixamos ciente que se trata de um sequestro e caso revelarem para alguém, eles poderiam ser acusados de participação.
- Espero que não tenhamos problema. Não falo por mim, mas por ela. Alguém está mantendo à mesma bem vigiada e quer garante que ela não escape.



- Eu sei Sr. Mas o que vamos fazer para vê-la e ainda tirá-la daqui?
- Estou indo para ir. Vamos pensar. Porém não faça nada e nem fale com mais ninguém. Temos que ser cautelosos com isso. À vida dela pode estar em perigo.
- Estou te aguardando. Ele fala e eu desligo.
- Encontraram ela? Mauricio pede vestido à camisa.
- Sim. Vamos para o hospital. Falo já abrindo à porta e saindo com Maurício.

Tomara que ela esteja bem. E que possamos tirá-la do hospital. Minha mente estava à mil. Tínhamos que pensar em um plano, e meu coração também. Depois de vários meses sonhando e tendo visões dela, enfim vamos nós conhecer pessoalmente.

## Capítulo 8

Chegamos no hospital e Pierre estava na porta esperando por nós.

- Então, como ela está? Mauricio pede antes de eu abra à minha boca.
- Não sabemos ainda. Não temos como entrar no quarto. Tem pessoas vigiando. E só dois médicos foram instruídos à entrarem lá. Me informei com uma pessoa que está nos ajudando, que duas equipe foram separadas para cuidar dela, e mais ninguém está autorizado à entrar no quarto.
- E como vamos fazer então? Como vamos confirmar que é ela? Mauricio pede e eu passo as mãos na cabeça tentando pensar em algo para vê-la e tirá-la daqui.
- Arrume documentos falsos para ela. Digo.
- Sr Villaça, é perigoso. Pierre diz.
- Não. Eu quero que arrume uma certidão de casamento para ela falsa. Eles me olham sem entender. Vamos tirá-la daqui como minha esposa, e caso alguém conteste ameaçamos chamar à polícia.
- Podemos fazer isso Sr, porém à polícia for envolvida eles podem querer comprar o que o Sr está falando. E ainda temos a garota. Ela pode negar isso.
- Mas eu posso dizer que sou cunhado dela. Casado com à irmã dela. E isso eu posso comprovar. Então ela não vai ter tanto medo da gente.
- Devemos imaginar como o psicológico dela deve estar. Pierre diz e ele tem razão. Temos que ser muito cautelosos e cuidadosos com isso. Ela pode se assustar com a gente.
- Eu não tenho ideia do que podemos fazer então. Passo as mãos na cabeça tentando imaginar outro plano.
- Se dermos queixa do desaparecimento dela, podemos atrair as pessoas que estavam com ela, e ainda estão, já que há vigilância na porta do seu quarto. Meu irmão fala e eu não estou vendo muito recursos para saber dela e tirá-la daqui sem levantar suspeita.
- Pierre eu não vou ficar aqui perdendo tempo. Faça à certidão de

casamento falsa. Não me importa o que vamos enfrentar. Só quero saber como ela está e depois levá-la para casa.

- Quer mesmo correr esse risco? Pierre questiona e eu assinto sem pensar.
- Há não ser que você tenha outra ideia.
- O Sr não acha que seria mais viável tirá-la daqui sem ninguém saber?
- E como faríamos isso? Peço.
- A lista de quem são os médicos dela está aqui. Podemos nos disfarçar de médicos e tirá-la do hospital com ajuda da minha equipe.
- Você conseguiria fazer isso? Mauricio indaga.
- Sim. Mas temos que ser rápidos e cautelosos. Nada pode dar errado. Pierre fala com convicção.
- Então vamos sair daqui e começar a planejar algo. Não podemos levantar suspeitas de nada. Eu peço não querendo perder tempo com nada.

Saímos para o carro e entramos no mesmo. Suspiro e com um aperto no meu peito. Precisamos ser rápidos e cuidadosos. Nada pode dar errado.

- Vamos definir o que faremos. Indago.
- Primeiro vamos ver se à segurança já teve contato com as equipes médicas. Se tiveram, será difícil entrar lá, mas não impossível. Segundo que teremos que desligar as câmeras do hospital. De todo o hospital. Não podemos deixar rastro de nada. Terceiro, dependendo do estado dela, temos que já pensar em uma equipe médica durante o voo. Pierre diz e eu assinto em tudo.
- Se os seguranças reconhecerem os médicos, como vamos fazer para entrar no quarto? Mauricio indaga.
- Vamos ver primeiro e depois pensamos em como vamos distrair os seguranças.

Depois de bolar o plano. Saímos do carro e fomos para dentro do hospital. Maurício passa primeiro perto do quarto que está com dois brutamontes na porta. Não fala nada e sai. Pierre já estava com sua equipe para Orientá-los quanto à desligar as câmeras e também nos ajudar à tirá-la daqui. Ele também iria se informar, sobre a equipe de médicos e enfermeiros. Mauricio volta e diz que os caras estão com uma cara de que comeu e não gostou. Ninguém conseguirá passar por eles. Sorrio, porque eu passarei por eles. Nem que tenha que dar um jeito de tirá-los dali.

Pierre volta e nos diz que as câmeras já foram desligadas. E que os seguranças sabem da equipe e já foram conferidos um por um. Droga. Mas ele já teve uma ideia de trocar os brutamontes com os nossos. Serão dois seguranças nossos que chegarão para substituí-los. Faremos à troca daqui meia hora, pois já está quase amanhecendo. E teremos que ser rápidos, pois eles podem desconfiar e voltar.

Meia hora se passa e Pierre diz que essa é à hora. Ele nos dar jalecos de médicos e assim não daremos na vista de ninguém. Colocamos os jalecos e depois ficamos conversando perto do corredor onde era o quarto dela. Os homens de Pierre passaram por nós sérios, e com um copo de café cada um em mãos. Eu e Maurício despistamos e demos uma olhada para eles. Vemos eles conversarem algo e passar o café para ambos. Eles dão um tapinha nas costas dos nossos homens e vem para nosso lado tomando o café. Suspiro quando eles passam pela gente. Essa é à hora. Pierre ainda ficará na porta vigiando se eles voltam.

Eu e Maurício entramos no quarto e fico em choque de vê-la e confirmar que é ela que tem assombrado meus sonhos. A mesma está ligada vários aparelhos. Chego mais perto e seu rosto está calmo e sereno. Mas ainda tenho receio de tirá-la daqui. Não parece que esteja bem para ser tirada desses fios.

- Você acha que podemos tirá-la daqui? Mauricio me questiona apreensivo.
- Não sei. Estou com medo que isso se agrave. Digo indo para à ponta da cama. Vejo o prontuário dela e leio. Merda. Falo alto e Maurício me olha. Ela está em coma. Os aparelhos estão mantendo ela viva.
- Porra. Como vamos tirá-la daqui então? Fico olhando para ela e essa não era a hora de desistir. Pego meu celular e ligo para Pierre que já estava lá fora nos esperando. Ele atende no primeiro toque.
- Sr Villaça.
- Pierre, preciso de uma ambulância equipada. Urgente. Isso é para ontem. E o avião também tem que estar equipado. Não temos muito tempo. Falo e desligo.
- Você acha que dará certo? Mauricio questiona.
- Sim. Vamos ter esperança. Não podemos desistir agora.
- Concorde. Ele passa as mãos na cabeça. As meninas ficarão muito felizes. Não teremos meio de te agradecer e te pedir desculpas por ter duvidado de você.
- Não precisa me agradecer. Eu só espero que ela esteja bem e que consigamos tirá-la daqui.

A manhã passa e nada de Pierre entrar em contato comigo para dizer algo. Eu já estava ficando apreensivo, pois à qualquer momento alguém poderia entrar no quarto e encontrar a gente aqui. Minha boca se fecha e ouvimos uma batida na porta. Mauricio e eu nos olhamos apreensivos. Vejo seu olhar ir para outra porta e nós dois fomos para lá assim que a porta do quarto estava sendo aberta. Deixamos a porta do banheiro entreaberta para tentar ouvir algo que nos pudesse iluminar a nossa mente.

- Ela está na mesma. Não há reação. Alguém fala.
- Acho que é inútil manter os aparelhos ligados.
- Não podemos desligar. O marido dela pediu para deixar ligado até o último momento. Que porra de marido é esse? Ela não vai ficar aqui mesmo. Se ela for realmente casada que ele se apresente em Rio de Janeiro, e até mesmo ela tem que voltar desse coma para dizer o que houve, se a mesma é casada.
- Pelo menos ela ainda tem os sinais vitais.
- O que houve com ela para estar desse jeito. Ela parece tão jovem e bonita.
- Não sei direito o que houve. Mas parece que sofreu um acidente, e alguém tentou assustá-la. Agrediram a mesma. Filho da puta mentiroso. Esse cara que não apareça na minha frente.
- Vamos deixa-la descansar. Antes de ir embora à noite passamos aqui. O homem fala e ouvimos passo e a porta batendo. Volto a respirar junto com Maurício. Olho para ver se não tem mais ninguém no quarto.
- Foi por pouco. Mauricio diz passando a mão na testa.
- Sim, foi. Mas essa história de marido a deixou aqui não deve ser verdade.
- Claro que não. Ela não iria casar sem as irmãs saberem. Você pode não acreditar, mas elas eram muito ligadas. Meu celular toca e olho no visor. É Pierre. Ainda bem, já estava começando a ficar apavorado.
- Falo Pierre. Peço paciente.
- Sr. Villaça a ambulância já está disponível na parte de trás do hospital. Pierre já está lá esperando e uma equipe de médicos e enfermeiros já estão indo para ir desligar os aparelhos.
- É confiável Pierre? Já tem bastante gente envolvida nisso. Falo preocupado. Não quero que nada dê errado.
- Sim Sr. Não se preocupe. Essa equipe foi contratada de outro hospital que nos concedeu a ambulância. Não entramos em detalhes, só dissemos o

básico, e molhamos as mãos deles para que tudo fosse sigiloso.

- Ótimo, vamos rápido. E avião?
- Seu avião não deu para fazer adaptação nele, mas já está providenciando outro com os equipamentos necessários.
- Perfeito. Alguém bate na porta e mais uma vez ficamos apreensivos, porém um dos seguranças diz que é a equipe que Pierre mandou. Pierre chegaram. Desligo.

Peço à eles para serem rápidos. E eles fazem todo trabalho com uma agilidade anormal. São dois homens e uma mulher. Eles tiram todos os aparelhos ligado ao corpo dela e só mantém o balão de oxigênio ligado à ela. Os seguranças entram com uma maca e os médicos passam o corpo dela para essa maca. Logo começam à correria para sair do quarto e irem rápido para à parte de trás do hospital. Eu e Maurício corremos junto com eles. Os seguranças de Pierre ficam para trás. Espero que dê tudo certo, que nada nos impeça de sair desse hospital.

Entramos no elevador de serviço e apertamos o primeiro andar que dar para a parte de trás. Assim que chegamos, novamente a correria é feita. A mulher segura o balão de oxigênio não perdendo o ritmo. A porta de saída dos fundos já está aberta e um Pierre nervoso aparece na porta. Ele parece ficar aliviado quando nos ver. Saímos e logo ela é colocado dentro da ambulância que já estava aberta para recebê-la. Os médicos, Maurício e eu entramos na ambulância. Pierre fecha à porta e logo à sirene é ligada e o carro começa à andar. Suspiro em alívio, apesar de ficar mais tranquilo quando estiver dentro do avião. Ligo para Pierre.

- Pierre, como vamos colocá-la no avião sem documentação? Indago com receio de ser barrado.
- Não se preocupe, já cuidei de tudo. Os documentos dela já estão comigo.
- Como assim já estão com você? Questiono, pois até então sabia que os documentos dela estavam desaparecidos.
- Para não haver suspeitas, e nem rastreio, eu arrumei uma documentos falsos daqui.
- Obrigada por ter feito isso. E Pierre? Cadê ele?
- Está cuidando de tirar qualquer vestígio nosso no hospital.
- Mas os seguranças deles podem falar da troca e irem no hospital.
- Não se preocupe com isso também. Eles tomaram uma droga que não lembraram de nada. O café deles era especial. Pierre diz e eu sorrio com isso.

- Que ótimo, vejo que vocês pensaram em tudo. Estão de parabéns!
- Obrigado Sr. Estou logo atrás de vocês.
- Ótimo, até mais.

Desligo e fico olhando para ela. Espero que ela saia dessa situação. Quero muito conhecê-la.

- Mauricio. Chamo meu irmão que está com a cabeça baixa. Ele me olha com os olhos vermelhos. Está tudo bem? Peço.
- Cláudia está grávida Renato. Iríamos contar em um jantar na casa dos nossos pais. Ele fala meio choroso. Suspira. Você não sabe como ela está feliz com isso, e agora devolvendo à irmã que ela achava que estava morta, à felicidade dela será maior, não só dela como de Sarah também.
- Meus parabéns! Achei que eu nunca seria tio. Falo o abraçando.
- Obrigado cara. Obrigado por trazer a felicidade para a vida da minha mulher de volta. Ela estava até pensando que se fosse menina iria homenagear à irmã.
- Não precisam mais fazer isso. Ela está aqui e se tudo der certo ela ficará bem.
- Tomara. Vamos torcer para isso. Maurício está muito emocionado. Acho que o fato dele ser pai já tinha o deixado emotivo, agora com a cunhada encontrada, ele ficou mais emotivo.

Temos que pensar em como vamos fazer com ela. Não acho que é válido deixá-la em um hospital. Teremos que conversar isso com as meninas.

## Capítulo 9

O caminho até o aeroporto estava tranquilo. Mas não iria me sentir bem até entrar no avião e nós vemos já no céu. Maurício estava calado e pensativo do meu lado e eu tinha que dividir meus pensamentos com ele. Não poderíamos levá-la para o hospital. Séria correr perigo demais.

- Mauricio. O chamo e ele me olha. Não podemos mantê-la em um hospital.
- Estava pensando nisso. Ele fala olhando para ela.
- Então vamos ter que manter um quarto em casa para ela. E médico também. Vejo ele pegar o celular. E discar para alguém.

- Mamãe. Ele fala. Sim mãe, estou bem. Já estou voltando para casa. Renato? Sim está comigo. Ele espera ela falar alguma coisa. Estamos bem mamãe, não precisa se preocupar, mas quero sua ajuda. Preciso que a Sra ajude à montar um quarto lá em casa todo com equipamento médicos, toda aparelhagem necessária para alguém em coma. Vamos te explicar quando chegar. Sim mãe, achamos ela, mas não quero que a Sra fale ainda para as meninas, se for possível quero que a Sra tire Cláudia de casa. Vamos chegar dentro de algumas horas. Mas quero que a Sra ajude arrumar o quarto. Ele para de falar. Sim mãe, Renato tinha razão. Mãe, tem que tirar Cláudia de casa para fazer à adaptação do quarto. Quando chegarmos temos que ligá-la aos aparelhos. Tudo bem. Obrigada. Te amo mamãe.

- Mande um beijo para ela. Peço olhando para meu irmão.

- Renato está te mandando um beijo. Ok mãe. Até mais. E não deixe Cláudia perceber ainda do que se trata. Temos que conversar antes com ela e Sarah. Outro. Até. Ele desliga. Tudo certo, só temos que chegar em Rio de Janeiro. Seu sorriso é imenso.

Chegamos no aeroporto. Eu já abri à porta da ambulância depressa, não querendo perder tempo, porém não estava entendendo nada, pois tinha polícia, e algumas pessoas perto do avião. Droga. Isso não pode estar acontecendo. Vejo o carro de Pierre já chegando atrás e ele já desce com uma cara nada boa.

- O que está havendo? Maurício questiona olhando os policiais perto do avião.

- Não sei. Mas vamos descobrir agora. Falo andando para onde os policiais estão. Pierre já vem no meu encalço. Chegamos perto deles. O que está havendo aqui? Indago cruzando os braços, já colocando meu modo intimidador.

- Seu nome? Um policial que tem escrito em sua roupa Capitão Malve.

- Primeiro eu quero entender o que está havendo aqui? Eu aluguei esse avião, e preciso sair daqui agora.

- Foi nos comunicado que tem uma pessoa doente sendo transportada nesse avião e é nosso dever conferir e ainda saber o motivo da transferência dela.

- Tem mesmo. Se trata da minha cunhada. Ela estava internada aqui em um dos hospitais em coma. Porém não moramos aqui, e estamos levando ela para perto de nós e da suas irmãs.

- Qual médico assinou à liberação dela? E cadê essa liberação? Merda, mil



vezes Merda. Olho para Pierre que vai até à ambulância. Espero mesmo que ele tenha um plano.

- Vamos ser rápidos. Vou pedir aos médicos para instalá-la, pois à mesma não pode ficar muito tempo sem os aparelhos adequados ligados.
- Ela não sairá daquela ambulância enquanto vocês não provarem sobre à liberação dela. Paciente nenhum sai do país sem essa carta de liberação. Porra. Olho para Mauricio que está nervoso.

Pierre aparece junto com o médico que mostra um papel para o policial. Ele. Olha para gente, e depois confere novamente o papel. Fico olhando impassível para ele. Tomara que não tenha nada errado.

- Alguma coisa errada? O médico questiona meio impaciente. Não podemos deixar à paciente daquele jeito, ela está correndo risco de vida.
- Não tem nada errado, podem trazer a moça e instalá-la. Ele fala nos entregando o papel. Alívio me consome. O médico já vai para o ambulância e Pierre também para ajudar. Meu celular toca e é Pierre.
- Villaça.
- Sr deu certo no aeroporto? Ele pede.
- Ainda estamos aqui. Tinha policiais querendo barrar o voo por causa da liberação médica. Mas já foi tudo resolvido.
- Ótimo. Aqui também está tudo resolvido. Nenhum vestígio foi deixado.
- Que bom. Meu avião está à disposição sua e da equipe. Nos vemos em Rio de Janeiro. Digo e desligo.

À equipe médica passa por nós com Dayane na maca e já sobem com ajuda de Pierre e alguns seguranças que veio com ela. O policial chega mais perto de nós.

- Façam boa viagem. Ele diz estendendo uma das mãos para mim. Eu o olho e saio sem dizer nada. Bastardo de Merda.
- Não seja tão mal irmão. Esse bastardo só estava fazendo seu trabalho.
- Estava é atrasando à nossa vida. Falo entrando no avião e vendo os médicos colocarem Dayane segura em sua aparelhagem.
- Cara estou vendo à cara das meninas quando ver que à irmã está viva.
- Elas não caberão de emoção. E fico feliz de saber que meus sonhos e visões não eram alucinações e sim verdade. Eu pude salvá-la e quero vê-la bem.
- E vai ficar. Vamos fazer de tudo para ela voltar a vida. E dessa vez ao

nosso lado. Mauricio diz com meio sorriso.

O avião decola e eu me sinto aliviado por isso. Tudo que podemos fazer agora é mantê-la ligada aos aparelhos e pedir à Deus para trazê-la a vida. Me recostei na poltrona e relaxei meu corpo. Estou cansado. Acabo dormindo.

*É tão bom está velejando. Quanto tempo eu não faço isso? Sei quanto tempo. Eu parei de velejar porque me sentia sozinho e não me via motivado a fazer isso mais sozinho.*

*Porém eu estou aqui mais uma vez olhando para esse mar. Mas o meu sentimento não é de tristeza, nem de solidão. Eu não sei explicar o que estou sentindo. Só sei que é um sentimento bom, um sentimento de alegria.*

*O Sol bate em meus olhos e avisto uma ilha. Sinto braços me abraçarem por trás e me pego sorrindo.*

- *Bom dia minha vida! Ela diz beijando minhas costas nua.*
- *Bom dia amor. Me viro à encarando. Fico olhando para seus olhos azuis e seu sorriso lindo. Eu não acredito que estou com ela, à garota dos meus sonhos. Ela é minha e estamos mais que felizes juntos. Dormiu bem? Questiono dando selinhos em seus lábios. Ela sorrir mais e esse sorriso que queria ver todos os dias.*
- *Com você sempre durmo bem. Ela fala me abraçando e apoiando sua cabeça em peito.*
- *Fico feliz em ouvir isso. A abraço mais forte.*
- *Estou morrendo de fome. Ela fala se desfazendo do meu abraço.*
- *Hum, podemos resolver isso. Falo à pegando no meu colo e levado para o salão que tem em meu barco. Nesse salão tem uma mesa que comporta umas vinte pessoas. O café da manhã já tinha sido preparado e colocado na mesa.*
- *Eu podia vim andando Sr Villaça. Ela fala com falsa irritação.*
- *Eu sei que poderia Srta Albuquerque, mas eu adoro fazer essa gentileza de te carregar no colo. Digo piscando e sorrindo para ela. Ela sorrir e começa a comer.*

*Nosso café é regado de conversas e risadas. Era tão bom vê-la assim, era tão bom sentir que ela estava bem depois de tudo que ela passou. Seu sorriso era à minha maior alegria e faria tudo de novo para vê-la bem e feliz, assim como ela*

*está agora comigo.*

- *O que você quer fazer hoje? Peço puxando ela para meu colo.*
- *Que tal namorarmos um pouquinho? Ela fala já beijando meu lábios e depois descendo beijos para meu pescoço me deixando aceso.*
- *Eu acho essa ideia ótima. Digo levantando com ela em meu colo e levando a mesma para o quarto. À deito na cama e olho para seus olhos. Seu sorriso é maior ainda em seu rosto.*
- Chegamos. Acorda. Sinto alguém mexer comigo. Renato, já vamos pousar. Abro meus olhos e fico confuso olhando para todos os lados. O que foi cara, está tudo bem? Mauricio pede me olhando.
- Sim. Estou. Só estava cansado e acabei pegando no sono. Acho que dormir demais. Falo, porém eu estou tendo flashes do meu sonho. Me levanto para olhar para Dayane. Como ela está? Questiono querendo saber como ela reagiu durante o voo.
- Está na mesma Sr. Um dos médicos fala. Espreguiço o meu corpo.
- Vocês vão adaptá-la na casa do meu irmão e depois voltarão para Londres?
- Sim Sr. Mas não se preocupe já fomos instruídos. Nada sairá da nossa boca.
- Obrigada!
- De nada.

Me sento novamente e coloco o cinto de segurança. O piloto informou que irá pousar. Um dos médicos diz que seria necessário uma ambulância aqui para levá-la para casa. Acho que com toda agitação eu não pensei nisso. Porém Mauricio diz que já mandou uma mensagem para nossa mãe. Ela cuidaria de tudo. Suspiro olhando para meu relógio. São quase onze da noite.

Ao pousamos, ouço um barulho de sirene assim que as portas do avião foram abertas. Eu saio do avião seguido por Mauricio. Encontramos nossa mãe e pai perto da ambulância. Eles nos abraça com força.

- Como vocês estão meus filhos? Dona Márcia questiona colocando seu modo mãe super protetora
- Estamos bem mãe. Respondo.
- Quando sua mãe me contou eu não acreditei. Porém fico feliz de saber que a irmã das meninas não está morta como elas pensam.
- Nós também mãe. Mauricio diz. E deu para fazer tudo que pedi mamãe?

- Claro meu amor. Cláudia estranhou eu ter pedido à ela para ficar lá em casa hoje e até mesmo dormir. Mas contornamos à situação. Dissemos para ela que não queríamos deixá-la sozinha na casa de vocês.
- Obrigada mamãe.
- De nada meu amor. Agora vamos, porque não podemos perder tempo. Acho que à viagem foi longa demais para ela e o corpo dela precisa descansar dessa agitação toda. Mamãe diz e todos nós assentimos.

Os médicos já colocam ela na ambulância e todos nós seguimos para casa do meu irmão. É um alívio tremendo está aqui em casa e com ela em nossas mãos. De agora para frente é torcer para que ela se recupere.

Na casa de Maurício, minha mãe pegou um quarto embaixo para ficar mais fácil. Entramos dentro do quarto e tinha já vários aparelhos disponível para ela. Minha mãe disse que faltam dois aparelhos que chegaram amanhã. Mas que não farão tanta falta. Os médicos já estão todos cansados, mas porém fazem o que era para ser feito. Colocam ela ligada a todos os aparelhos e depois conferem o estado dela. Eles dizem que ela está bem e tranquila. Mas é necessário fazer exames para ver o motivo do coma.

- Ela então pode reagir? Pois os médicos em Londres disseram que não podem desligar os aparelhos senão ela morre. Indago confuso com à situação dela.
- Sim, pode. Deixa eu explicar uma coisa para vocês. Sua mãe é médica e não vai me deixar mentir. Dr Barros diz olhando para minha mãe. Ela não está morta. Não houve aqui uma morte cerebral para que não pudéssemos desligar os aparelhos para preservar os órgãos para possível doação. Pelo contrário, ela está viva. Seus sinais vitais estão perfeitos. O estado dela é de coma, onde ela precisa estar ligada a aparelhos para respirar e é constantemente monitorada sua circulação, urina e fezes. A alimentação é feita através de sondas porque a pessoa não esboça nenhuma reação e por isso precisa ficar internada no hospital ou em casa, necessitando de cuidados constantes. No entanto, a pessoa pode se recuperar do coma, o que pode acontecer sem nenhuma explicação aparente, e por isso a pessoa não pode ser dada como morta pois tem a possibilidade de voltar a acordar. Durante o coma não se sabe exatamente o estado de consciência da vítima mas acredita-se que ela esteja 'dormindo' e por algum motivo não consegue ser acordada. Há sim nível de sinal cerebral que pode ser detectado num eletroencefalograma, e há esperança de recuperação. Por isso disse que

necessita de fazer exames nela para ver o grau do coma e à possibilidade de tirá-la desse estado.

- Obrigado Dr. Você não sabe o quanto agradecemos. Falo e ele aperta a minha mão. Meu segurança já reservou quartos em um hotel aqui de Rio de Janeiro. As despesas são todas por minha conta.

- Não precisava Sr. Villaça.

- Claro que precisava. E quando vocês forem embora, uma equipe os acompanhará e também a passagem de volta é por nossa conta. Qualquer coisa em Londres nos ligue. Teremos o prazer em ajudar. Todos eles sorriem em agradecimento.

- Ok, mais uma vez muito obrigado e espero vê-la bem. Dr. Barros diz e eu assinto.

Eles vão embora acompanhados por Pierre. Suspiro. Estou bastante cansado, mas será uma noite de sono bem tranquila depois de meses.

Mamãe disse que amanhã de manhã já terá uma médica aqui para cuidar dela. Será duas médicas se revezando e duas enfermeiras. Eu e meu irmão assentimos. Deixamos o quarto dela e fomos para sala. Meu pai questiona se não vamos comer nada. E eu só quero cama. Mauricio pede para eu dormir aqui, pois amanhã falará com Maycon para trazer as meninas para cá. Eu apenas assinto, pois estou um bagaço. Me despeço dos meus pais e subo para um quarto de hóspede. Maurício passa no meu quarto e me entrega algumas roupas dele. Agradeço. Tomo um banho bem caprichado e me afundo na cama para uma noite maravilhosa de sono.

## **Capítulo 10**

### **POV Cláudia**

Minha vida e de Sarah já não tinha sentido à muito tempo. Perder Dayane nos deixou muito abalada, e por mais que estivéssemos conhecendo nossos namorados e agora marido, nosso sentimento de perda ainda não se foi. Choro todas as noites pela minha irmã. Choro porque não sabemos realmente o que houve com ela, e tivemos que simplesmente enterrar o corpo.

Doeu fazer isso, doeu na minha alma saber que a irmã que eu vi crescer comigo, que uma irmã que eu cuidei quando nossos pais se foram, que sempre me contava seus segredos não existe mais em minha vida. Porque eu tinha que deixá-la viver longe da gente? Porque eu tinha que deixá-la partir sem ao menos dizer que à amava muito?

Lembro do dia que ela estava olhando algo na internet. Eu sabia que Dayane era aventureira, sabia que ela não queria decidir à sua vida assim do nada. Sabia que diferente de Sarah e Eu que decidimos ter uma carreira, ela não queria se apegar à nada até achar seu caminho.

### **Flash Back**

- Dayane parar de olhar as coisas na internet. Vamos ficar aqui é ver o que você quer fazer da vida. Falo colocando os pratos limpos no armário.
- Cláudia não, eu preciso me encontrar. Ver outros lugares, conhecer pessoas novas e depois decidir o que vou fazer da vida. Ela diz olhando

com felicidade algo no computador.

- E você gastará sua parte do dinheiro que nossos pais deixou para gente? E depois, como você ficará? Indago querendo que ela seja sensata e não deixe se iludir por qualquer lugar.

- Não vou fazer isso. Eu vou comprar à passagem aqui para Londres e levarei um pouco de dinheiro somente para alugar um apto por dois meses, é o tempo que eu tenho para arrumar um emprego e poder manter meus gastos. Faço careta para ela.

- Eu só vou querer saber onde você está. Eu não posso te impedir de ir, mas eu queria. Sua vida é aqui comigo e Sarah. Digo fazendo bico. Eu queria entender o motivo dela querer sair da Rússia e buscar outros ares.

- Entende por favor. Eu prometo manter contato com vocês sempre. Eu amo vocês duas, são as melhores irmãs do mundo. Ela fala me abraçando.

- Eu aceito, mas não entendo. Digo e beijo seu rosto.

- Eu também quero um abraço das minhas irmãs. Sarah chega e já corre para nosso abraço. Somos três irmãs inseparáveis, sempre foi assim, e quando nossos pais morreram ficamos mais ainda unidas.

### **Flashback off.**

Essa foi à nossa última conversa juntas. Passamos as três bem unidas naquele dia. E à noite saímos e parece ter sido uma despedida, porque dois dias depois Dayane partiu. Foi para Londres e todas à vezes que nos falamos eram por cartas, mesmo que demorasse dias para chegar. Ela levou seu celular, mas por um descuido ela o perdeu e como não queria gastar dinheiro e viver somente com que ela ganhava no café, ela arrumou essa forma de nos comunicar. Ela sempre me contava o que estava fazendo, como estava vivendo e as pessoas que ela conheceu. Não tinha nenhum namorado, pois ela me disse que não queria namorar ninguém, para não ter trabalho de terminar depois quando voltasse. Dayane não tinha à intenção de ficar muito tempo em Londres, ela queria conhecer outros lugares e depois voltar para casa. Mas isso não aconteceu, minha irmã nunca mais voltou. Tristeza me corrói por dentro por ver à foto de nós três juntas.

Já estava começando alguma coisa com Maurício e consequentemente Sarah com Maycon, porém não tínhamos um contato fixo, pois eles estavam mudando para Rússia. Cheguei até conter à Dayane em uma das minhas cartas que Sarah e eu estávamos quase namorando uns irmãos também. E contei a ela sobre eles,

sobre que estavam montando uma empresa de Transportadora aqui. Minha irmã nós parabenizou e disse que estava feliz por mim e Sarah. E essa foi à última carta que eu recebi dela.

Logo depois ficamos preocupadas. Anastásia havia desaparecido e ninguém sabia dela. Enviamos cartas e mais cartas e nada. Nenhuma resposta. Sarah e eu fomos ao consulado de Londres para fazer uma queixa de desaparecimento. Fomos à polícia de Londres para realizar queixa de desaparecimento também, e dias depois ficamos sabendo que minha irmã, minha caçula havia morrido e não sabíamos como. No IML de Londres nos informaram que ela havia sofrido um acidente de carro com algumas pessoas, onde o carro pegou fogo, não sendo possível reconhecer o corpo. Mas as coisas de Dayane estavam com o corpo. Sua identidade e sua bolsa estavam com o corpo. Sarah e eu morremos naquela hora. Ficamos sem chão, não queríamos acreditar que Dayane estava morta. E a culpa era minha que não soube cuidar dela direito, a culpa é minha por eu ter deixado ela sair de perto de mim, de nós que éramos a sua família. Me condeno todos os dias por isso.

Descobri à poucos dias que estou grávida. Conteí a Maurício que ficou eufórico. Somos casado não tem muito tempo, mas nosso sonho sempre ter à nossa família. E se for menina darei o nome de Dayanestásia. Eu quero homenagear minha irmã. Ela merece ser lembrada sempre e eu farei questão disso. Maurício não se opôs e até me disse que ele me apoiaria em tudo. Eu tenho o melhor marido do mundo e não sei o que seria de mim se não fosse ele. Não sei o que seria de mim e Sarah se não fosse à família de Maurício e Maycon.

Fico pensando no que Renato disse sobre Dayane não está morta, porém à dor da perda foi e é tão grande que não queria me apegar à isso. Eu não quero me iludir. Mas também fico receosa de não dar atenção ao que meu cunhado falou, pois ele não conhecia Dayane, e para ele ter falado como ela era, ele tinha que ter visto à mesma. Aquilo ficou dias martelando na minha cabeça, até Maurício dizer que iria conversar com seu irmão. Sarah também ficou em choque, e não estava afim de reviver tudo que vivemos em Londres vendo o corpo dela todo irreconhecível. Sarah mais que eu ficou abalada, e não queria tocar no assunto.

Maurício havia conversado com Renato, mas não me disse sobre o que falaram, só me disse que precisava viajar para Rússia, devido alguns contratos que ficaram na sede da empresa. Achei estranho, porém não questionei. Maurício nunca faria nada para me chatear, sei disso, porque ele sempre foi um amor



comigo.

Já estava com saudades do meu marido e havia ligado para ele para saber quando ele voltaria, e ele me disse que estaria em casa na quarta feira que vem. Merda. Eu não queria ficar tanto tempo sozinha. Então tratei de ir ajudar Sarah nas coisas do casamento. Ela estava uma pilha de nervos e eu entendia isso, pois passei pelo mesmo e fique nervosa igual ela.

Sarah e eu fizemos várias coisas juntas. Fomos ver seu vestido de noiva, andei com ela no shopping para ela se distrair. Três dias ficamos assim. Para lá e para cá.

Márcia apareceu em casa me pedindo para ficar com ela em sua casa. Ela disse que não queria que eu ficasse sozinha. Fiquei pensando se Maurício já tinha contado sobre à gravidez. Havíamos combinado de contar em um jantar, mas acho que meu marido já deu com à língua nos dentes. Aceitei o pedido dela e acabei dormindo na casa dela.

Acordo e passo as mãos na minha barriga ainda lisa. Sorrio, porque daqui a pouco terei um ser que será muito amado. Meu estômago ronca de fome, mas antes tomarei um banho. Preciso voltar para minha casa. Combinei com Sarah de sairmos hoje para fazer unha e cabelo. Ela tinha que fazer um teste para cabelo dela.

Desço para tomar um café, porém vejo que Sarah e Maycon estão na sala. Márcia e Dantas chegam logo depois.

- Bom dia pessoas!! Madrugaram hoje? Peço sorrindo. Dou um beijo na minha irmã, outro em Maycon, Dantas e Márcia .
- Temos que ir para sua casa Cláudia. Sarah diz e eu não entendi.
- Na minha casa? Porque o que houve? Questiono.
- Não sabemos. Mas Maurício pediu para levar você e Sarah para lá. Maycon fala e eu fico intrigada. Maurício estava fora do país.
- Seu irmão chegou? Quando? E porque não me ligou? Questiono apreensiva.
- Não sei Cláudia. Só sei que ele quer que eu leve vocês para sua casa.
- Então vamos. Eu não vou ficar aqui sem saber o que está acontecendo. Falo já saindo para porta.

O que será que houve? Maurício nunca foi de fazer mistério. Será que ele tem uma surpresa para mim? Entro no meu carro, sendo acompanhado por Dantas e Márcia . Sarah e Maycon entram no carro deles. Dirijo até em casa já nervosa por dentro. Eu sei que não posso ficar nervosa, pois afeta o bebê, mas neste momento eu não consigo. Eu tenho que ver Mauricio. Saber se está tudo bem com ele.

- Fica calma querida. Maurício está bem. Márcia pede, mas eu não consigo enquanto não vê-lo. Continuo prestando atenção na estrada.

Não demora muito estamos em casa. Já saio do carro e entro em casa. Renato está sentado no sofá conversando com Maurício. Meus olhos vão para meu marido. Analiso todo seu rosto para ver se não tem nada.

- Oi meu amor. Bom dia! Mauricio fala se levantando e vindo até à mim.
- Está tudo bem? Eu peço analisando seu corpo para ver se não está ferido.
- Estou meu amor. Estou bem. E vocês? Ele questiona baixinho só para eu ouvir passando uma mão em meu rosto e outra na minha barriga.
- Estamos bem, só fiquei preocupada com você. Porque não me ligou dizendo que estava voltando?
- Já me explicar. Ele fala olhando para trás. Olho e vejo Sarah e Maycon.
- Bom dia cunhada, bom dia mano. Meu marido cumprimenta minha irmã e depois seu irmão. Mamãe, papai. Márcia e Dantas estavam logo atrás.
- Bom dia meu amor. Tudo bem aqui? Márcia pede me deixando curiosa.
- Sim mãe. Tudo bem.
- Oi Renato. Como dormiu hoje? Márcia questiona abraçando seu filho mais novo.
- A mil maravilhas mãe, nada como antes. Renato diz com meu maior sorriso. Eu só quero entender o que está havendo aqui.
- Você sabe o que está acontecendo aqui? Sarah pede chegando para perto de mim.
- Não. Estou querendo entender. E vai ser agora. Alguém pode explicar o que está havendo aqui? Peço impaciente. Eles estão todos estranhos. Menos eu, Sarah e Maycon que não sabem à mínima o que houve.
- Sentem se à situação é séria. Mauricio pede e eu me sento tentando não demonstrar meu nervosismo. Vejo Sarah e Maycon se sentarem também. Mauricio olha para mim e Sarah, e depois olha para Renato, que assentiu com a cabeça. Fico intrigada, mas sei que assim como Sarah, eu e Dayane, eles são muito unidos. Bem. Meu marido suspira. Reunimos vocês aqui por

causa da sua irmã Dayane.

- Isso de novo? Até você Maurício? Sarah pede se levantando exaltada. Quando é que vocês vão entender que estamos ainda sofrendo com isso? Eu achei que Renato tinha desistido dessa loucura, mas já vi que passou isso para você também. Ela fala.

- Eu não estou louco Sarah, nunca estive tão lúcido na minha vida. Loucas foram vocês de não fazer um exame de DNA que comprovasse que a garota que vocês enterraram era mesmo sua irmã. Renato fala com raiva.

- Eu não estou aqui para escutar isso. Maycon pode me levar embora? Seus irmãos não estão com sanidade o suficiente para dizer o que não sabem. Sarah fala já colocando sua bolsa no ombro.

- Se você for embora não verá sua irmã. Mauricio diz e eu fico intrigada.

- Do que você está falando? Peço.

- Isso mesmo que você ouviu. Renato não estava errado em dizer que Dayane está viva. Sua irmã não morreu, enganaram vocês para poderem parar de procurar por ela. Mas ela está viva.

- Que brincadeira é essa? Porque vocês estão fazendo isso? Sarah pede chorando. Eu nunca vou conseguir superar a morte dela e aí vocês querem aplacar mais essa ferida.

- Não Sarah. Estamos falando à verdade. Sua irmã está viva. Renato e eu fomos à Londres e descobrimos que ela estava internada em coma no hospital de lá.

- Não pode ser. Grito de desespero. Eu sempre achei que ela estivesse morta. Que corpo é aquele que enterramos?

- De uma prostituta qualquer. Faço cara de confusão. Renato percebe e volta explicar. Sua irmã foi traficada. Ela deve ter sido vendida como prostituta. Me sento e vejo Sarah também sentar em choque. Não sabemos na verdade o que aconteceu com ela. Só sei que ela estava internada em coma.

- Vocês têm certeza disso? Questiono ainda não acreditando nessa história.

- Sim. Estamos certo disso. Mauricio afirma.

- Queremos ir à Londres agora. Sarah pede limpando suas lágrimas.

- Sim, isso mesmo. Queremos ir agora para Londres. Confirmo com misto de esperança e alegria dentro de mim. Minha irmã está viva. Eu não acredito que isso possa ser possível.

- Calma, não terminamos. Renato fala e eu não consigo entender o que tem mais. Sua irmã não está mais em Londres. Tivemos que tirá-la de lá, pois a mesma estava sendo vigiada. Alguém ainda quer, então tivemos que tirá-la sem ninguém saber.

- Onde vocês à deixaram? Sarah pede impaciente. Renato e Mauricio se olham sorrindo.
- Venham com à gente. Meu marido pede.

Meus olhos enchem de lágrimas e Sarah também. Fomos abraçadas acompanhado eles. Meu coração estava batendo mais forte do que tudo. Minhas mãos soavam e minha garganta estava seca. A porta de um dos quartos na parte de baixo estava fechada. Mauricio olha para mim e para Sarah. Ficamos abraçadas e lágrimas não param de escorrer pelo nosso rostos. Mauricio pega na maçaneta e girou a mesma abrindo a porta. Meus olhos estão embaçados pelas lágrimas. Meu marido fica na porta esperando a gente se decidir. Vamos dando um passo de cada vez, pois nossos pés mal conseguem se mexer.

Vamos entrando devagar, até ver minha irmã deitada na cama. Dayane. É Dayane. Lágrimas escorrem mais pelos meus olhos.

- Não. Não. Isso não. Dayane. Sarah grita chorando em desespero. Vejo ela ir até à nossa irmã, jogando seu corpo em cima da mesma. Eu não consigo me mover, somente pensar como isso aconteceu. Demos ela como morta por meses. Enterramos uma pessoa que não era ela.
- Você está bem? Mauricio pede me abraçando. Eu estou em choque, estou sem reação, estou feliz, estou com raiva de mim por não ter ido à fundo nessa história. Dayane está viva e bem aqui. Me desprendo dos braços de Maurício e vou até minha irmã. Passo as mãos em seu rosto e de repente tudo vem à tona.
- Me perdoa, me perdoa minha menina. Choro alto em lamentação. Me perdoa por ter achado que estava morta, me perdoa por não ter ido atrás da verdade, me perdoa por não ter cuidado de você como prometi aos nossos pais. Minha irmã, minha querida. Eu te amo muito Dayane. Me deito sobre seu corpo assim como Sarah, que não para de chorar.
- Nossa irmã está viva Cláudia. Nossa caçulinha está viva. Sarah fala chorando e sorrindo ao mesmo tempo.
- Sim, ela está. E nunca mais vamos deixa-la sair do nosso lado. Digo pegando as mãos de Sarah e apertando.
- Nunca mais. Sarah fala sorrindo.
- Porque ela está em coma? Questiono, mas ninguém me responde. Levanto à minha cabeça para olhar parar à porta, e vejo que não tem mais ninguém no quarto.

- Eles saíram para nos deixar com ela. Esse momento é só nosso. Sarah diz olhando para Dayane. Dayane, minha irmãzinha, estamos agora juntas de novo e nada vai nos separar. Sorrio, porque Sarah beija o rosto todo da nossa irmã.
- Só temos que saber o motivo desse coma, e te trazer à vida de novo minha irmã, e assim vamos poder retomar tudo que tínhamos. As três irmãs inseparáveis estão de volta. E eu prometo dessa vez cuidar de você pelo resto da minha vida, nem que para isso eu tenha que amarrar você na cama. Falo sorrindo e passando uma das minhas mãos no rosto dela. Você vai se recuperar. Vamos fazer de tudo para isso.
- Vamos sim. Sarah fala sorrindo e limpando os olhos. Eu não acredito que isso está acontecendo. Depois de tanto tempo, nós temos à nossa irmã que já considerávamos morta.
- Eu também não acredito. Falo e penso em Renato. Ele sempre teve razão. Seus sonhos e visões não eram mentira. Sarah. Ela olha para mim. Temos que pedir desculpas ao Renato. Se não fosse ele, talvez passaríamos anos ou o resto da vida sem saber que Dayane estava viva.
- Eu sei. Nunca achei que ele tivesse razão. Só não entendo porque ela apareceu para ele e não para nós, já que ela não o conhecia.
- Também não entendo, mas tudo aqui é muito estranho, temos que esperar ela acordar para ela contar o que houve realmente com ela. Faço carinho no rosto de Dayane. Estou tão feliz por ela está aqui. Estou tão feliz por tudo ter sido uma mentira. Indago com maior sorriso no rosto.
- Eu também estou feliz. Muito feliz por ter ela em nossa vida novamente. Era um pedaço da gente que foi nos tirado, e agora esse pedaço voltou para nós e nunca mais será arrancado de novo. Sarah abraça o corpo imóvel de Dayane e eu abraço as duas.

Esse momento é único. Nunca pensei que viveria para ver minha irmã caçula novamente aqui com à gente. Eu farei de tudo para ela voltar à vida, farei mais ainda para mantê-la segura. Nada mais vai tirá-la de mim, da gente, da nossa família.

Ficamos não sei quanto tempo ali, na verdade nem eu e nem Sarah queríamos deixá-la. Tínhamos medo que aquilo fosse um sonho, que ela pudesse sumir assim que à gente tirasse os olhos dela. Porém tínhamos que entender o motivo do coma dela e ainda pedi desculpas ao meu cunhado. Ele salvou minha irmã e Sarah e eu não tínhamos como agradecer. Fomos pra sala onde estavam todos.

Renato estava de pé olhando para fora pensativo.

- Renato. O chamo e ele se vira para mim. Eu e Sarah nos olhamos e depois voltamos nosso olhar para ele. Mil desculpas por ter duvidado de você, mas eu nunca pensei que Dayane estivesse envolvida em tráfico humano. Falo e ele sorrir para mim, mas antes que ele fale Sarah também se expressa.
- Eu também peço que você me perdoe. Eu fui intransigente com você. Não fui nem um pouco maleável ou até mesmo compreensiva. Ele vem até a gente e nos abraça.
- Eu não tenho o que perdoar. Vocês fizeram o que acharam certo. Fico feliz que à irmã de vocês esteja viva e que eu pude trazê-la para vocês.
- Obrigada por isso. Obrigada mesmo. Não vamos ter como te agradecer e nem te pagar o que fez pela gente. Digo com sentimento de gratidão eterna por ele.
- Não se preocupem com isso. Já fico grato por vocês terem ela aqui, junto de vocês. Eu não sei o que faria sem meus irmãos e imagino como ficaram ao saber que Dayane estava morta. Renato fala olhando para nós duas.
- Nem fala. Mas eu não quero lembrar disso. Só quero agora pensar em tirar ela do coma e trazê-la à vida. Sarah diz feliz.
- E por falar no coma, porque ela está em coma? Peço.
- Não sabemos ainda. Estamos esperando à médica chegar para examinar ela e poder fazer uns exames. Mauricio fala.
- Porque não levamos ela para o hospital? Sarah pede tirando uma pergunta que estava em minha mente.
- Sua irmã é procurada em Londres. Tivemos que tirar ela do quarto sem ninguém saber. Tinham pessoas vigiando o quarto, então não achamos viável ela ficar exposta em um hospital. Quem estava com ela, já deve está procurando pela mesma. Não queremos correr o risco de tirá-la de perto de vocês de novo.
- Porque não chamaram à polícia? Indago.
- Não dava amor. Não sabíamos que tipo de pessoas estavam com ela. Tráfico humano não é brincadeira. Tivemos que fazer um plano junto com a equipe de segurança de Renato para tirar sua irmã dessa gente. Não podíamos envolver à polícia. Pelo menos não agora. Vamos esperar a sua irmã acordar e assim buscar as verdades. Então manteremos ela aqui até ela ficar bem.
- Para mim tudo bem. Assim vamos ter total acesso a ela e vamos cuidar dela. Sarah fala animada.

- Não se preocupe amor. Aqui vamos dar toda à assistência médica que ela precisar. Nada vai faltar à ela. Mauricio fala e eu assinto feliz por ele ter pensando em tudo.

Agora era esperar à médica dá o diagnóstico e ter esperança que Dayane vai acordar. Minha irmã era vida pura, e não é justo ela ficar assim.

## Capítulo 11

Depois de contar as meninas sobre à irmã, à comoção na casa de Cláudia e Maurício foi demais. Elas ainda não estavam acreditando que tinham à irmã perto. Ainda não acreditavam que ela estava viva. Saímos do quarto para dar privacidade à elas. Sei que esse momento é só delas, e tínhamos que deixá-las.

Na sala ainda estávamos esperando à médica chegar. Na verdade era para ela ter vindo cedo, porém ela nos ligou dizendo que não tinha conseguido o aparelho para fazer o exame em casa, mas que era para gente levá-la ao hospital para realizar tal exame. Mas já fomos bem categóricos dizendo que não iria acontecer. Ela tinha que realizar os exames aqui na casa de Mauricio, caso contrário iríamos chamar outro médico que consiga fazer tal procedimento. Então ela nos pediu à parte da manhã para conseguir o aparelho. E até agora estamos esperando.

Já era hora do almoço e à empregada na casa de Maurício havia feito um arroz com camarão ao molho branco. Comemos todos ali felizes por não temos mais nada que nos preocupar. Cláudia e Sarah estavam com outra cara, com os olhos brilhando, e um sorriso enorme no rosto. Estava feliz porque elas estavam bem. E também estava feliz porque meus sonhos com Dayane são bons, são estranhos para interpretar, porque estamos juntos. Eu nunca sonho com ela como amigos, como uma cunhada dos meus irmãos, todos meus sonhos são com ela me beijando, quase fazendo amor, pois nunca chegamos aos finalmente, já que sempre tem alguém ou algo para atrapalhar meu sono. Essa manhã foi meu celular, que tocou na melhor parte do meu sonho, mas eu estava tranquilo e bem por saber que ela não estava mais em perigo e estava bem por tê-la trago para as suas irmãs.

Depois do almoço a médica chegou e começou a fazer os exames. Estamos todos na sala esperando seu diagnóstico para entender o motivo de Dayane ainda está em coma, apesar de não saber quanto tempo ela está assim. Eu só estou esperando isso para ir embora. Preciso ver algumas coisas da empresa, já que não fiz tem uns cinco dias. Sou tirado dos meus pensamentos com a médica



aparecendo na sala.

- Então Dra, o que há com a minha irmã? Cláudia questiona apreensiva.
- Sua irmã não tem nada. Ela estava com um inchaço na cabeça no qual já foi curado. Eu vou tirar os aparelhos que medem os sinais do cérebro dela e vou deixar somente a intravenosa para alimentá-la.
- Mas porque o coma então? Sarah faz a pergunta que eu queria fazer.
- Na verdade sua irmã entrou em coma por causa desse inchaço na cabeça, ele sarou, mas por algum motivo algum louco a colocou de novo em coma induzido. Dando remédios a ela que a fizesse ficar em neste estado.
- Você está dizendo que ela pode acordar a qualquer momento? Indago.
- Sim e não. Não depende da gente, depende dela. Eu não sei o trauma que ela sofreu, mas por defesa ela pode não querer acordar. O cérebro dela pode não responder às expectativas do corpo, então tenham paciência, pois ela pode volta hoje, como pode voltar um mês, dois ou um ano.
- A Dra quer dizer que ela pode não responder, e pode ficar assim por anos? Cláudia pede se sentando em choque.
- Sim. Como falei depende dela. Já mandei a enfermeira desligar os aparelhos desnecessários. E agora é esperar. Eu ainda vou continuar fazendo exames nela, até mesmo para ver se há alguma melhora, mas tudo depende exclusivamente dela.
- Ela nos escuta Dra? Peço tendo ideias.
- Sim. Mas isso não significa, necessariamente, que o paciente processe o que está ouvindo. Avaliamos a integridade das vias auditivas e usamos esse exame como referência de gravidade do quadro. Um paciente que apresente a via auditiva totalmente íntegra apresenta melhor recuperação do que os que têm essa via lesada por um trauma ou AVC, por exemplo. Por meio de exames é possível documentar o quanto o paciente ouve, mas não é possível dizer se as informações são processadas da mesma forma como se ele estivesse acordado.
- Entendo. Digo mais para mim do que para ela.
- Algo mais? Alguma pergunta que possamos esclarecer? A dra indaga.
- Não, obrigada! Sarah agradece.
- Ótimo, volto amanhã ou se caso tiver alguma novidade com a paciente. A enfermeira ficará cuidando dela e amanhã temos a troca.
- Tudo bem Dra. Muito obrigada!!
- De nada. Com licença. Ela se retira.
- Vamos torcer que ela volte a vida. Torcer para ela querer fazer isso. Cláudia fala meio triste.

- Não fique assim linda. Ela voltará para vocês, para nós que agora somos a família dela. Mamãe fala e Cláudia sorrir.

Acredito que o sonho da minha mãe era ter uma menina no meio desses três quatro homens dela, mas assim que ela me teve não pode mais ter filhos devido ao parto complicado que ela teve. E agora com as meninas, ela está podendo suprir essa carência.

Antes de ir embora vou até o quarto de Dayane. À enfermeira está sentada lendo um livro. Assim que me vê, questiona se eu desejo alguma coisa e digo que não. Só vim me despedir da paciente. Ela pede licença e me deixa sozinho com Dayane. Chego mais perto da cama e fico olhando para ela. Ela é tão linda, tão frágil. Me inclino até seu ouvido.

- Ei garota dos meus sonhos, você precisa acordar. Estamos querendo te ver, te ouvir. Suas irmãs estão loucas para poder sentir seu abraço. E eu estou querendo ouvir sua voz e ver seus olhos de alegria por estar com sua família. Não fique assim por muito tempo, você já está salva e eu te protegerei seja como for. Sussurro em seu ouvido. Olho para seu rosto novamente e não mudou nada. Talvez não tenha entendido nada do que eu disse, mas espero que você sai desse lugar onde você se esconde e volte para sua família. Falo e me levanto. Antes de sair dou um beijo em seu rosto e em sua mão. Até mais. Me despeço e vou para sala. Bem gente, tudo aqui resolvido já está na minha hora. Tenho que ir para casa e trabalhar um pouco.
- Obrigado mais uma vez cunhado. Você não sabe como estou feliz que tudo isso seja real. Sarah diz com misto de alegria e agradecimento.
- De nada. Cuidem dela. Falo meio sério, mas acabo sorrindo.

Chego em casa e já vou logo tomar um banho. Essa semana foi tensa, mas tudo ficou bem e espero que continuem assim. Apesar de ter certeza que a pessoa ou as pessoas que estavam com Dayane, não irão deixá-la em paz. Farão de tudo para encontrá-la, e isso já é um ponto a se pensar quando à mesma acordar. Não podemos deixá-la solta por aí. Espero que ela concorde e aceite seguranças.

Depois de um belo banho, me visto e vou para meu escritório. Começo à olhar algumas coisas do escritório que teve na minha ausência. Alguns contratos que

precisam de revisões. Relatórios do financeiro enviado por Willian, e e-mails de algumas pessoas que querem fazer negócio comigo. Bufo, porque tenho muitas coisas para fazer. Mas vou me concentrar.

As horas passam e eu já estou nos relatórios enviados por Willian. Confiro tudo e não tem nada errado. Ouço uma batida na porta e peço que entre. Vera aparece sorridente com um lanche para mim.

- Tudo bem meu menino? Ela pede carinhosa.
- Estou ótimo Vera e você? Peço dando um abraço nela após ela colocar à bandeja na mesa.
- Estou bem também, estava preocupada com você. Sumiu sem dizer nada.
- Tive que fazer uma viagem de urgência, mas tudo está bem. Falo e ela sorrir.
- Fico feliz por você. E fico feliz que tudo esteja bem. Ela diz fazendo carinho na minha cabeça. Me dá um beijo no rosto. Deixa eu terminar de fazer as minhas coisas. E coma esse lanche, sua mãe me ligou dizendo que você não tem se alimentado direito.
- Opa, é um complô contra mim? Dona Márcia e você estão se juntando? Indago com falsa chateação.
- Só estamos cuidando do nosso menino. Mesmo porque se eu não cuidar, sua mãe vem aqui e te leva embora para longe de mim e é uma coisa que não quero mesmo. Ela fala séria.
- Não se preocupe Vera, mamãe não vai me tirar de você.
- Espero, mas com sua mãe não se brinca. Então trate de se alimentar, se não ela pensa que a culpa é minha.
- Sim Sra. Digo sorrindo. Ela daí sorrindo também.

Vera sempre trabalhou para minha mãe, então ela me viu nascer e crescer, e ainda cuidou de nós três como se fosse a nossa segunda mãe. Mesmo que às vezes dona Márcia agisse como uma mãe leoa, com ciúmes dos seus filhos, Vera não se importava. Ela sempre nos amou igual. Quando resolvi morar sozinho, ela não pensou duas vezes em me acompanhar. Não que ela não quisesse ir com Mauricio ou Maycon, mas devido à eles terem ido embora do país, ela não quis me deixar sozinho. E eu amei ela ter vindo comigo, assim teria minha segunda mãe bem perto.

À noite já estava exausto. Vera fez o jantar e acabei comendo tudo que ela havia colocado em meu prato. Vi sua cara de felicidade. Dei boa noite à ela e me

encaminhei para meu quarto. Queria dormir cedo, pois amanhã iria cedo para empresa. Tiro minhas roupas e me jogo na cama para mais uma noite de sono tranquila. Acabo dormindo.

- Você não vai vim me ver? Dayane pede no telefone.
- Sim. Irei, mas não hoje. Tenho que trabalhar até mais tarde.
- Eu preciso de você. Ela fala com uma voz manhosa.
- Porque você não vem para minha casa? Assim que chegar podemos namorar.
- Tentador Sr Villaça, mas eu preciso de você aqui. Venha me ver hoje, venha me ver todos os dias.
- Não estou entendendo. Porque você não pode vir a minha casa? Peço intrigado.
- Ainda não dá. Você tem que vir aqui. Você vem hoje, amanhã, todos os dias.
- Ok Srta Albuquerque. Assim que sair do meu trabalho irei até a sua casa te ver.
- Tudo bem. Estarei te esperando. Bjs e até mais. Ela desliga e eu não entendo nada.

Acordo suado e agitado. Que sonho foi esse? Porém a noite foi tranquila e era tudo que eu precisava. Levanto e me espreguiço. Acho que já posso voltar a correr um pouco. Devido aos sonhos e visões não estava fazendo exercícios. Vou para o banho e fico pensando no sonho. Ela me pediu para ir à sua casa. Foi a coisa mais estranha que já sonhei, apesar dos outros sonhos esquisitos com ela.

Me arrumo e vou direto para à cozinha tomar o meu café. Dou bom dia à Vera que responde sorridente. Acabo meu café e vou para a empresa. Pierre está na direção. Ele me diz que Pierre havia deixado dois homens nosso em Londres, e que ele já deu notícias dizendo que alguém apareceu no hospital à procura de Dayane. A pessoa ficou revoltada quando viu que ela não estava mais ali.

- Tirou foto dessa pessoa? Questiono.
- Melhor ainda Sr. Temos vídeo dessa pessoa. Já está em posse de Pierre.
- Ele chamou à polícia? Indago querendo saber o que o imbecil fez.
- Não. Ele também não pode chamar à polícia. Ele teria que comprovar que a Srta Albuquerque era algo dele, mas como os médicos responsáveis

por ela estavam no hospital, sobrou para eles. Filho da puta.

- Me mantenha informado. Qualquer movimento dele para cá quero ser informado. E outra, a casa de Maurício tem que está protegida. Qualquer pessoa estranha rondando ali, temos que ser avisados e à polícia também. Ela está em solo americano e será bem difícil dela sair daqui com alguém.

- Certo Sr. Pierre afirma. Mesmo que tomamos cuidado em não sermos descobertos, não podemos achar que a pessoa não vai rodar o mundo para encontrar Dayane. Mas vou me precaver de todas as formas para mantê-la segura.

Na empresa encontro Willian. Ele parece nervoso. Espero que não seja nada com a empresa.

- Está tudo bem Willian? Questiono assim que algumas pessoas saem do elevador.

- Sim está. Ele fala não olhando para mim.

- Não parece. Você está nervoso. É algo com a empresa? Indago olhando para ele.

- Não, está tudo bem por aqui. É... Você viu meus relatórios? Ele questiona olhando para mim. Te procurei pra te mostrar pessoalmente, mas você não estava na empresa.

- É eu estava resolvendo algo pessoal. Mas quanto aos relatórios, vi sim. Gostei muito deles. Obrigado.

- De nada. Meu andar. Até mais. Ele diz e sai passando as mãos na cabeça. Ele está literalmente com raiva de algo. Mas não é nada com a empresa, então não é problema meu.

Trabalhei o dia todo. Vejo que meu dia rendeu muito. Pego minha pasta e à hora que sento no carro, Pierre começa à dirigir. Mas eu estava pensando no sonho que tive com Dayane e resolvi ir vê-la. Pedi à Pierre para me levar para a casa de Maurício. Não quero ser inconveniente nem nada, mas eu queria vê-la.

Na casa de Maurício, Cláudia me recebeu muito bem, questionei se eu poderia ver Dayane, e ela me disse que sim. Quando eu quisesse, nem precisa pedir. Fiquei feliz com isso, apesar de ficar receoso sobre o que ela iria pensar. Fui para o quarto onde Dayane estava instalada e ela continuava na mesma. A enfermeira saiu para me deixar sozinho com ela. Pego em suas mãos e fico olhando para ela.

- Eu já estou aqui. Vim para te ver. Confesso que gostaria de te ver de

outra forma, mas fico feliz por você está aqui e bem. Você precisa acordar. Precisa voltar para suas irmãs. Falo e dou um beijo na cabeça dela. Não fico muito ali. Me despeço dela e vou para sala.

Cláudia me diz que à médica veio e não teve nada de diferente de ontem. Mas ela estava com esperança que à irmã sairia dessa. Estávamos todos torcendo para isso. Me despedi de Cláudia e fui embora. Ela me disse para vim ver Dayane todos os dias, faria bem à ela ouvir à voz do Salvador. Não me sinto um salvador. Claro que se ela não tivesse aparecido para mim, eu nunca teria à procurado, mas eu ajudaria de qualquer forma.

Já havia se passado um mês e todos os dias eu visitava Dayane. Deixei de vê-la uma vez na semana que ela chegou, mas eu tive que voltar à vê-la, pois tive um pesadelo com ela horrível. Ela chorava me dizendo que eu não fui vê-la e por isso ela nunca voltaria para mim. Fiquei atordoado com esse sonho e nunca mais deixei de vê-la. Hoje mesmo estava aqui esperando à enfermeira dar um banho nela e colocar roupas.

Cláudia havia saído com Sarah. Maycon e ela resolveram adiar o casamento para daqui três meses, pois queriam ver se a irmã voltava para participar do casamento. E ainda tinha o jantar essa semana aqui na casa de Maurício e Cláudia para contar à família da gravidez de Cláudia. Sou tirado dos meus pensamentos com à enfermeira me dizendo que ela está pronta. Agradeço e vou até o quarto vê-la.

Olho para ela que ainda está do mesmo jeito. Como sempre pego em sua mão e dou um beijo em sua testa. Vou até seu ouvido e sussurro.

- Chega de dormir né. Acho que você já descansou demais. Que tal acordar desse sono de beleza e nos dar à felicidade de conviver com você? Estamos todos esperando você voltar desde sono que não acaba nunca. Sussurro e me levanto.

Sinto algo mexer na minha mão. Olho para minha mão e ela está sendo apertada pela mão dela. Fico estático com isso, não tenho reação. Ela está respondendo algum estímulo.

- Sabia que era você. Me assusto mais ainda ao ouvir uma voz. Olho para ela que está com seus olhos azuis bem abertos e um sorriso estampado em

seu rosto. Eu não acredito nisso.

## **Capítulo 12**

### **POV Dayane**

Estou correndo sem rumo. Não vejo nada e nem ninguém. Eu não sei para onde ir, e muito menos à quem recorrer. Um rosto vem em minha mente, mas eu não sei se ele irá me ajudar.

- Socorro... Socorro... Socorro... Grito, mas ninguém aparece. Eu queria tanto sair desse lugar sem saída. Queria tanto que alguém me escutasse.

Queria que ele me salvasse, mesmo ele não sabendo quem sou. Não queria continuar vivendo esse tormento. Não queria que o remédio que eu injetei em mim me deixasse tanto tempo nessa escuridão. Eu preciso voltar, eu quero voltar. E sei que isso só será possível com ele, com a ajuda dele.

Dias se passam e uma penumbra me atinge mais. Choro de angústia, de solidão, de medo, por achar que ficarei aqui presa o resto da vida. Tudo seria mais fácil se eu não tivesse saído do lado das minhas irmãs e ter sido sequestrada por uns malucos que nem sei direito o que queriam comigo. Quero dizer sei, queriam que eu me vendesse, me prostituísse. Mas isso nunca iria acontecer, nem que para isso eu tivesse que morrer. Apesar deles terem quase me matado, mas eu prefiro à morte do que me submeter à esse tipo de vida.

- Me ajudem... Socorro... Por favor me ajudem. Nada mais uma vez.

Aqui as coisas passam muito rápido. Porém sempre estou no mesmo lugar, e não importa para onde correr, eu sempre volto para o mesmo lugar. Resolvo andar por essa escuridão até encontrar algo que me faça voltar. Vou até um barranco, que mais é um precipício. Um buraco que não tem nada, somente uma escuridão horrível.

- Alguém... Alguém pode me ouvir? Sinto um puxão estranho para o buraco negro. Isso me dá medo, me afasto.

Respiro fundo e volto à andar. Vento bate em meu rosto e me sinto bem com isso. Me sento tentando me concentrar, tentando pensar em algo que eu possa fazer para estar aqui. Penso nos olhos cinza. Que olhos! Fico com isso em mente para trazê-lo para mim, só assim me acalmo.

Mais dias se passam e eu continuo estática perto do buraco negro. Não fico tão perto com medo de cair. Sinto vento em meu rosto e a sensação de calma me atinge. Sinto um peso em uma das minhas mãos, e esse peso também não me incomoda. Uma ventania começa tão forte que me levanto querendo correr para longe, porém é impossível, vou andando de costas, tampando meu rosto. Meu cabelo chicoteia com o vento, e do nada sinto que pisei em falso. Não deu tempo de me segurar em nada, caio como uma pena nesse buraco negro. Esse será meu fim.



- Chega de dormir né. Acho que você já descansou demais. Que tal acordar desse sono de beleza e nos dar à felicidade de conviver com você? Estamos todos esperando você voltar desde sono que não acaba nunca. Alguém sussurra com uma voz gostosa em meu ouvido.

Uma mão está em cima da minha, mexo nela, à apertando. Abro meus olhos e sorrio, pois ele, ele me trouxe de volta. Ele atendeu ao meu chamado em pensamento. Minha garganta está seca, mas eu tenho que falar com ele pela primeira vez.

- Sabia que era você. Digo e vejo ele olhar para mim assustado. Mas eu não consigo dizer mais nada à não ser sorrir. Ele me salvou.
- Como? Ele questiona depois de um tempo me olhando.
- Água. Digo com calma, pois minha garganta dói. Ele não se move e fica olhando para mim. Sei que deve está assustado. Por... favor... à... gua. Falo de novo e ele pisca parecendo sair do seu transe.
- Cla... Cla.. Claro. Sorrio, porque realmente o assustei. Na... Na... Não. Ele balança sua cabeça. Não feche os olhos de novo. Volto já. Ele fala e sai andando de costas. Parece que realmente tem medo que eu durma de novo. Ele sai pega porta ainda me olhando. Escuto ele correr. Sorrio. Meus pensamentos foram para à pessoa certa.

Tento me sentar, mas minhas pernas doem, meu corpo todo doi. Deve ser pelo tempo que nem sei quanto tempo foi, fiquei assim. Vejo uma mulher de branco entrar.

- À Srta está bem? Se senti bem? Assinto, pois se for falar minha garganta vai doer muito.
- Aqui sua água. O deus grego fala me entregando um corpo de água.
- Bebi com calma. Em pequenos goles. A mulher de branco pede.
- Já ligamos para à médica. Ela já está à caminho para examinar você. Ouço tudo tomando água. Fico olhando para esse homem, e ele é mais bonito do que em foto. Ainda mais foto de jornal. Acabo de tomar à água e sorrio para ele.
- Obrigado! Digo mais aliviada.
- Você está sentindo alguma coisa? Ele pede e eu não consigo parar de sorrir e admirá-lo. Perfeição em pessoa.
- Sim. Nunca estive tão bem. Cadê minhas irmãs? Indago querendo ver

minhas irmãs. Ele me olha intrigado.

- Como você sabe que estamos perto delas? Ele me questionou sem entender. E sei que tenho muito que esclarecer.
- Você não é cunhado de Cláudia? Questiono e ele me olha ainda mais surpreso.
- Sim. Sou, mas como você sabe disso? Sorrio, porém quando iria responder uma outra mulher de branco entra. Deduzo ser à médica.
- Boa noite! Estou vendo que à paciente está bem falante. Isso é um bom sinal. Trouxe uns equipamentos para fazer uns exames e ver se está tudo bem. Sr. Villaça, pode nos dar licença?
- Claro. Licença.
- Não vai embora. Ainda não terminamos de conversar. Peço sorrindo e ele me olha intrigado. Não diz nada e sai.
- Vamos começar fazer os exames? Meu nome é Júlia Merlim.
- Pode começar à hora que à Dra. quiser. Falo.

Ela e a enfermeira me ajuda a me sentar. Ela começa à olhar meus olhos. Meus batimentos cardíacos, e minha garganta. Olha minha respiração. Depois diz que vai fazer um exame para verificar meu cérebro. O aparelho é enorme, e uns homens já estavam instalando ele dentro do quarto. Não demora muito e já estou deitada em uma maca, que agradeço à Deus pelo quarto que estou ser enorme, porque senão nada aqui iria caber.

Ela termina o exame e me diz que eu estou muito bem. E que não tinha nada para recomendar à não ser uma fisioterapia para as minhas pernas, porque eu fiquei muito tempo sem andar, sem me movimentar, e seria bom um exercício. Agradei à mesma. Ela me disse que qualquer dor de cabeça era para eu ligar para ela ou ir ao hospital. Assenti tudo e logo depois ela foi embora. Fiquei sozinha não por muito tempo, pois Sarah e Cláudia entraram no quarto correndo e chorando. Elas se jogaram em cima de mim.

- Dayane. Eu não acredito que você acordou. Cláudia diz em prantos.
- Eu também não minha irmã. Sarah também fala chorando. Elas me abraçam e beijam meu rosto e é muito bom estar perto delas de novo. Começo à chorar de felicidade. Eu estou com elas de novo. Depois de tudo que passei, enfim estou aqui. Enfim estou onde nunca deveria ter saído.
- Eu amo vocês. Estou muito feliz de está aqui. De ver vocês de novo, coisa que achei que nunca mais iria ver. Falo abraçando as duas. Senti tanta

falta de vocês. Solução pelo meu choro.

- Nós também Dayane. Não sabe como ficamos ao saber que você havia supostamente morrido.

- Imaginei que vocês tinham me dado como morta. Mas isso agora não importa, prometo nunca mais sair do lado de vocês. Nunca mais quero me afastar de vocês.

- Nem nós deixaremos isso acontecer. Nunca mais. Se for preciso vamos amarrar você, mas do nosso lado você não sai mais. Cláudia fala brava limpando suas lágrimas, que insistem em sair. Sorrio com seu jeito.

- Mas me diga. Você está se sentindo bem? Nós mal esperamos à médica dizer como você estava. Queríamos ver você, te abraçar e te xingar por nos dar esse susto. Sarah diz e eu dou um beijo em seu rosto.

- Te amo demais minha irmã. Amo vocês duas. E sempre pensei em vocês.

- Nós também. Mesmo dando você como morta, nunca paramos de pensar em você. Nos abraçamos mais uma vez. Ouvimos uma batida na porta e eu olho. Limpo minhas lágrimas e sorrio ao ver meu cunhado, à quem vou conhecer agora.

- Pode entrar Mauricio. Peço e ele me olha intrigado. As meninas levantam à cabeça e olham para mim.

- Você o conhece? Cláudia pede intrigada. Ela para o marido e depois para mim. Suas sobrancelhas estão franzidas em sinal de confusão.

- Não pessoalmente, mas eu vi foto do seu casamento com ele. E foi isso que me deu força para pedir ajuda.

- Ao meu irmão? Mauricio pede.

- Sim. Sabia que tinha sido dada como morta, porque ouvi umas pessoas conversando sobre isso, então na minha estadia em um hospital horrível vi um jornal com a foto de vocês dois e algumas da sua família comemorando o casamento. Fora que o sobrenome Villaça é conhecido mundialmente, e quando soube que minha irmã havia casado com um, não pensei duas vezes em pedir ajuda. Porém eu tentei fugir e pedir ajuda, ligando para Cláudia, só que deu errado, pois eu fui pega e daí não sei mais o que aconteceu, à não ser que acordei e para não ser pego e levada ao prostíbulo de novo, me mediquei com um remédio que me deixaria em coma, mas não pensei que seria por muito tempo. Por falar nisso quanto tempo estou dormindo? Peço.

- Não sabemos direito. Só sabemos que tem meses que você está nos sonhos e visões do meu cunhado Renato. Chegamos até brigar com ele dizendo que era mentira, pois tínhamos certeza que você estava morta. Mas Renato foi além e acabou descobrindo a verdade. Cláudia fala e eu sorrio, pois meu plano deu certo. Eu concentrei meus pensamentos nele e ele veio

para me salvar.

- Então você viu uma foto de Renato também? Mauricio pede e eu sorrio só com à menção do nome dele.

- Sim. E foi por isso que concentrei meus pensamentos nele. Sabia que poderia ser arriscado, pois ele não me conhecia e nunca me viu, mas era à única chance de me salvar, dele me salvar.

- Ele ficou um pouco abalado, até chegou à achar que estava louco, nós achamos isso.

- Mas ele está bem agora né? Questiono preocupada, pois nunca quis fazer mal a ninguém, muito menos a ele.

- Sim. Ele está ótimo. Maurício afirma e uma senhora sorridente e um senhor também entra. Já vi fotos deles também nos jornais. São os pais de Maurício.

- Podemos entrar para conhecer essa jovem linda? À Sra questiona amável.

- Fica à vontade Márcia. Sarah pede. Dayane essa é Márcia nossa sogra. E esse é Dantas nosso sogro. Sarah diz e eu fico sem entender.

- Nossa sogra e nosso sogro? Não entendi. Falo e eles sorriem para mim.

- Essas duas meninas aqui estão com meus filhos. Merda, Sarah está com Renato e eu aqui venerando aquele Deus Grego.

- Que ótimo. Falo sem graça por olhar para o homem da minha irmã.

- Então fiquei sabendo que você está ótima. Eu e Dantas ficamos muito feliz por isso. Espero que você se recupere mais. Márcia fala e me sinto bem com ela. Parece à minha mãe falando. Meus olhos enchem de lágrimas por lembrar dos meus pais, porém afasto esse pensamento para que as lágrimas não saiam dos meus olhos.

- Obrigada Márcia . Obrigada Dantas. Agradeço à ambos.

- De nada querida. Seja bem vinda a nossa família. Estaremos sempre aqui para você. Qualquer coisa que precisar estamos aqui.

- Não tenho como agradecer à todos vocês. Falo e vejo Renato encostado à porta junto com outro homem, que é o outro que vi na foto de família. Me sinto até envergonhada ao olhar para ele. Me sinto mal, pois não sabia nunca que Sarah estava com ele. Mas como não estaria. Ele é lindo. Olha aí meus pensamentos se manifestando de novo e errado e na hora errada.

- Estou vendo que você está bem. Renato diz entrando no quarto.

- Estou. E quero te agradecer por me salvar. Por atender meu chamado. Falo e ele me olha intrigado.

- Como você sabia quem era eu? Nunca nos vimos. Pelo menos eu nunca te vi e não sabia que as meninas tinham outra irmã até descobrir à verdade.

- Eu vi fotos de todos vocês do casamento de Cláudia. Saiu uma reportagem na mídia Londrina, e fotos de todos vocês e foi aí que fugir do hospital e tentei me comunicar com Cláudia, mas não foi possível, pois fui pega de novo e não soube de mais nada, até acordar e aplicar um remédio em mim para eu entrar em coma. E como disse antes, não pensei que demoraria à acordar.
- Ou seja, você viu à nossa foto, e concentrou seus pensamentos em mim para me levar à você.
- Sim. Me desculpe, mas eu não parei de pensar em você em um só minuto, achei que como minhas irmãs pensavam que eu estava morta, eu não poderia fazer nada para chamar à atenção delas, e como você não me conhecia, eu só pensava em como te trazer para mim, em como poderia fazer você acreditar que eu estava viva e mais ainda trazer você para me salvar. Digo e ele dá um meio sorriso.
- Você sabe que me atormentou muito nesses meses em sonho e nas minhas visões reais?
- Eu não me recordo disso. Não sei como posso ter aparecido para você, só sei que você estava na minha mente o tempo todo. Então te agradeço por acreditar em mim e ir ao meu resgate.
- Não tem o que me agradecer. Fico feliz por você está sã e salva. Porque me sinto tão bem com ele?
- Gente eu acho que podemos jantar né, e acredito que Dayane também deva estar faminta. Márcia fala e eu me sinto em alívio por alguém falar em comida.
- Vamos ajudar Dayane a ir para a mesa, pois à médica disse que ela pode ter dificuldade de forçar as pernas. Renato diz e eu fico encantada com ele, mesmo sabendo que não posso.
- Cunhadinha não se preocupe, pois amanhã mesmo já vai ter uma fisioterapeuta aqui para acompanhar e fazer exercício com você. Mauricio diz. Me sinto em casa com eles. Nunca pensei que seria tão bem tratada por ambos.
- Obrigado, mas faço questão de pagar tudo que vocês gastaram comigo até agora. Digo e vejo os homens fecharem à cara.
- Não se preocupe com isso. Os médicos já estão sendo pagos e também fazem parte do hospital da mamãe e de Renato. Não tem necessidade nenhuma de você se preocupar. Maycon diz com uma cara fechada.
- Eu faço questão. Falo.
- Você não está em condição de fazer nada e nem questão. Agora deixa que eu te leve para à mesa, se não vamos ficar aqui até amanhã. Renato diz

me descobrindo. Ele me pega no colo e fico olhando para Sarah. Não quero que minha irmã fique chateada comigo. Ela sorrir amplamente e me sinto melhor por ver que ela não ficou chateada.

Fomos todos parar à mesa e Renato me sentou. Cláudia e Sarah se sentam do meu lado com maior sorriso estampado. Pego na mão de ambas e noto que Sarah tem um anel lindo em seu dedo. Ela está noiva?

- Sarah você está noiva? Questiono olhando para o anel dela.
- Sim. Na verdade já era para termos nos casado, porém como você apareceu nós adiamos para daqui três meses. Queria que você fizesse parte dessa minha felicidade. Ela responde com uma alegria enorme. Olho para ela sorrindo e depois olho para Renato.
- Fico feliz por vocês. Espero que vocês sejam muito feliz. Digo bebendo água.
- E seremos. Ela fala e olha para Maycon sorrindo.

O nosso jantar é servido e à conversa fluía bem. Sei que todos queriam saber o que houve comigo, mas eu queria esquecer tudo que passei só por hoje, queria aproveitar cada momento com cada um aqui e ter à certeza que nunca mais daria de louca para me aventurar em outros países.

## Capítulo 13

As nossas conversas durante o jantar estava bem. Não tocamos no assunto do que havia acontecido comigo e assim nosso jantar estava ótimo. Quanto tempo não me sentia tão bem. Meu cunhado Renato, é um amor em pessoa. Sempre gentil, carinhoso em suas palavras com as pessoas à nossa volta. Notei que os três são bem ligados. Um fazendo brincadeira um bom outro, e eu não parava de admirá-lo. O problema que sempre estava evitando olhar para ele, parar não ficar mal com Sarah. Não quero que minha irmã pense que estou de olho no futuro marido dela, apesar dele ser lindo, e uma pessoa maravilhosa. Bufo tentando dissipar esses pensamentos.

- Dayane, você já sabe que você será minha madrinha né? Sarah fala saltitando na cadeira.
- Claro Sarah. Será um prazer. Falo sorrindo. Renato sorri para mim.
- Vou arrumar um par para você. Não pode ser o noivo não? Oh Merda de pensamento.
- Tudo bem. Falo sem graça pelos meus pensamentos.
- E Dayane. O Deus Grego se dirige à mim. Eu não quero me meter na sua vida, mas não é interessante você aparecer em Jornais e revistas. Não te contamos ainda como te tiramos do hospital, mas as pessoas que estavam com você, ainda te quer. Elas estavam vigiando seu quarto no hospital. Então no casamento terá vários jornalistas e Paparazzis. O casamento já é notícia, ainda mais por ter sido adiado.
- Você não quer que eu tire fotos no casamento? Questiono olhando para meus dedos.
- Não é isso. Quero que evite ao máximo se expor para Jornalistas e

Paparazzis. Você ainda está em perigo. E outra Sarah, você pode selecionar as fotos para ser divulgada na mídia.

- Claro. Não vamos deixar Dayane exposta. Sarah diz me abraçando.
- Ótimo. Agora já deu à minha hora. Tenho que levantar cedo amanhã. Renato diz se levantando.
- Filho preciso de você no hospital essa semana. Márcia pede sorrindo para ele.
- Só ligar para Francielle e pedir para colocar na minha agenda mãe.

Todos levantam, menos eu, Me viro na cadeira para ver eles se despedindo. Renato dar um beijo e um abraço em Cláudia, depois um abraço no Mauricio. Faz o mesmo com Maycon, e eu não paro de admirá-lo.

- Sarah, eu também estou indo. Você vai ficar? Maycon questiona olhando para Sarah, e eu agora estou confusa.
- Há, Cláudia e Mauricio, vocês podem me deixar dormir aqui só hoje para matar à saudades da minha irmã? Sarah fala fazendo biquinho e todos sorriem.
- Por mim tudo bem. Já sei que perderei à minha esposa hoje. Mauricio fala com uma falsa raiva.
- Então Maycon ficarei aqui. Tudo bem para você? Sarah pede e olho para Renato que está falando algo para sua mãe e pai.
- Tudo bem linda. Amanhã nos falamos. Maycon diz e Sarah bate palmas que nem uma criança.
- Dayane até mais. Renato fala me dando dois beijos no rosto. Seu perfume embriaga meu olfato, me deixando mais feliz por estar perto dele. Fique bem. Ele se levanta e sorrir para mim.
- Espero te ver mais vezes. Falo e ele apenas assentiu e saiu. Eu tenho que me conter perto dele, se não Sarah pode ver e acabar com nossa amizade de irmã. Eu nunca gostaria disso, elas são tudo para mim.

Os pais dele também se despediu de mim junto com Maycon. Eu não sei o que tinha, mas não queria que Renato fosse embora. Queria falar mais com ele, porém isso não será hoje. Todos se foram. Sarah e Cláudia já vieram para meu lado. Mauricio disse que era melhor eu ir para um quarto mais confortável, então ele chamou à empregada que foi logo arrumar um quarto aqui embaixo para mim.

- Dayane vamos manter você aqui embaixo até você melhorar. Depois



mudamos seu quarto para cima. Mauricio fala.

- Não precisa se preocupar. Depois que melhorar vou procurar meu canto. Digo sorrindo.

- Nada disso Dayane. Você mora com a gente. Não quero você morando sozinha. Cláudia me repreendeu. Mas eu não acho certo morar com ela e Maurício. Eles são casados tem pouco tempo e precisam de privacidade.

- Isso mesmo Dayane. Se você não ficar aqui, vai morar comigo e Maycon. Opa, não entendi. Morar com ela e Maycon? Não seria Renato e Ela? Fico confusa com isso.

- Sarah você não irá se casar com Renato? Questiono baixo, e ela começa à rir. Cláudia olha para ela e depois para mim, tentando entender o motivo da risada dela.

- O que houve? O que eu perdi? Cláudia pede com sua cara de confusão.

- Essa louca da nossa irmã acha que estou com Renato. Sarah fala quase engasgando pela sua risada.

- Não Dayane. Ela está noiva de Maycon. O que te fez pensar que era do Renato? Cláudia pede sorrindo.

- Na hora que Sarah apresentou Márcia como sogra, eu achei que fosse com Renato. Não me lembrei de Maycon até ele aparecer na porta com o irmão.

- Tire isso da sua cabeça maninha. Meu amor é o Maycon, apesar de que Renato é um pedaço de mal caminho. Mas eu me apaixonei pelo Maycon assim que o vi. Eu também acho que me apaixonei por Renato assim que vi sua foto. Eu não sabia direito quem era, e como era, mas eu sentia que eu poderia confiar nele, e assim o fiz.

- Meninas o quarto já está arrumado. Vamos colocar essa pessoa aqui lá e vocês ficam mais confortável também. Mauricio aparece dizendo.

Ele me pega no colo e me leva para o quarto acompanhado das meninas. Me deposita na cama e me dar um beijo na testa de boa noite. Dá outro em Sarah e depois um beijo daqueles em Cláudia. Eu e Sarah suspiramos e depois sorrimos da cara de vergonha de Cláudia.

As meninas começam à me contar sobre quando conheceram os meninos, e sobre o casamento de Cláudia. Minhas irmãs estavam felizes e sentiam bem amadas. Isso me deixava bastante feliz por elas. Apesar de ter perdido isso tudo, eu amei saber que cada uma estava fazendo suas vidas. Cláudia pegou seu álbum de fotos do casamento para eu ver. Ela havia ficado linda vestida de noiva, seu sorriso estava radiante, porém seus olhos não demonstrava à felicidade. E eu

entendia o porque. Ela sentiu à minha falta, e eu também sentir à dela, e de Sarah também.

Eu fui para Londres em busca de algo novo para à minha vida. Queria conhecer o mundo, queria fazer novos amigos, queria ver coisas diferentes. Sempre sonhei com isso. Até mesmo antes dos meus pais morrerem, eu queria sair em busca de algo novo para mim, porém eu nunca imaginei passar pelo que passei. Cheguei em Londres e comecei à procurar trabalho. Não queria nada demais, somente para manter o apto que eu tinha alugado e algumas farras à noite em boates. E eu arrumei. Comecei à trabalhar em um café como garçõete. Me pagavam bem, e era isso que eu precisava no momento. Se sobrasse algo juntaria para ir embora de Londres conhecer outros lugares. Eu me sentia bem trabalhando ali, e já se fazia três meses que tudo ia bem, porém em uma das minhas saídas para ir para casa, depois de um dia exaustivo, fui pega por três homens. Tentei resistir. Tentei correr, chutei um deles, até arranhei à cara de um outro, mas nada foi o suficiente para não me pegarem. Fui levada para um lugar bem arrumado que até achei ser uma casa, mas não, descobrir dias depois que se tratava de um prostíbulo. Droga. Eu não sabia o que fazer, porém de uma coisa eu tinha certeza, nunca iria me prostituir.

- Dayane, Dayane. Cláudia me chama e eu à olho. Está tudo bem? Você ficou quieta do nada.
- Desculpe. Só estava lembrando de quanto tempo ficamos afastadas. Falo não querendo falar do que eu passei ainda.
- Não pense mais nisso. Já dissemos que você nunca mais sairá do nosso lado. Sarah fala e me abraça.
- Nem eu quero isso. Nunca mais. Falo firme.

Ficamos até tarde conversando, acabamos dormindo todas juntas, como antes. Sempre quando tínhamos algum problema era correr para o quarto uma da outra e deitarmos juntas. Não precisamos falar nada, era somente está ali em nosso porto seguro.

Acordei e as meninas já não estavam na cama. Me sentei na mesma e fiquei aqui pensando em Renato. Eu vivo pensando nele desde que o vi, e isso não era normal, mas eu não estava me importando mais, pois só de saber que ele não estava com Sarah era um alívio. Ouço uma batida na porta e peço para entrar.

- Bom dia flor! Sarah fala com uma bandeja de café da manhã. Sorrio como nunca antes.
- Bom dia irmãzinha! Dormiu bem? Questiono feliz
- Muito bem. Ainda mais sabendo que você estava aqui.
- Também dormi bem.
- Que ótimo, então vamos tomar café porque temos muitas atividades hoje para você. Sarah fala e eu fico intrigada.
- Não entendi. Digo confusa.
- À fisioterapeuta já chegou. Fora que Renato mandou uma cadeira de rodas até você poder se manter firme em seus pés.
- Que fofo da parte dele. Como ele pensa em tudo? E ainda em mim. Que bom que não é só eu que penso nele.
- Ele é um encanto. Mas não é só isso. Sarah fala e meu rosto fica com uma ruga de confusão. Ele. Mandou também uma pessoa de uma loja de grife aqui de Rio de Janeiro, ele disse que é para você escolher as roupas que você quer. Paro de comer à minha torrada e fico olhando para Sarah.
- Ele não precisava fazer isso.
- Mas fez. Ele não seria meu cunhado se não fizesse. Renato é assim, então não se preocupe.
- Quero falar com ele. Peço à Sarah, que está sorrindo para mim.
- Ok Srta. Sarah diz e pega seu celular do seu bolso na calça jeans. Ela digita o número e me dar o telefone. Começa à tocar, ele atende no terceiro toque.
- Oi cunhadinha. No que posso te ajudar?
- O... Oi Renato. É Dayane. Falo meio sem jeito.
- Oi Dayane. Bom dia! Como está hoje? Ele pede descontraído.
- Estou ótima. Obrigada por perguntar. E você como está? Peço.
- Estou ótimo também.
- Que bom. Mas eu liguei para falar das roupas.
- O que foi? Essa loja não te agradou? Posso te mandar outra pessoa de outras lojas. Questiona preocupado. Esse homem existe mesmo?
- Não, não é isso. Eu ainda nem tive com a pessoa ainda, porém não precisava fazer isso. Indago sem jeito. Tenho receio que ele me entenda mal.
- Precisava sim. Dayane você não está bem para poder andar de loja em loja para comprar algo para você, e outra, acredito que você não vai querer fazer isso de cadeiras de rodas, por mais que essa seja motorizada. Ele fala e tenho certeza que esse homem é de outro mundo. Pensa em tudo, coisas pequenas que metade das pessoas não ligam. Eu por exemplo não me

preocuparia com isso, iria pedir roupas emprestadas das minha irmãs e pronto, problema resolvido.

- Eu te agradeço pela atenção então. Porém eu quero pagar por elas. Falo séria, como se ele estivesse na minha frente vendo o meu rosto.

- Não venha me castrar Dayane. Eu fiz isso com prazer, e não precisa se preocupar com nada. Escolha o que você quiser e tudo já está pago.

- Como eu vou poder te pagar isso? Eu peço.

- Hum, que tal não aparecer em meu sonhos chorando, machucada ou triste?

- Nunca mais. Prometo.

- Então está ótimo. Agora eu tenho que ir. Depois conversamos mais. E não deixe de escolher o que você quiser e tudo o que quiser. À pessoa não está autorizada a te passar nenhum valor, somente se diverta com alguma coisa que sei que vocês mulheres adoram.

- Então tá Sr Villaça, vou me divertir aqui. Mas ainda vou ficar te devendo e vou procurar te pagar.

- Não pense Srta Albuquerque. Compre o que quiser. Até mais. Ele fala sorrindo.

- Até mais. Digo e desligo. Porque ele tem que ser tão fofo? Tão másculo? Tão, tão, tão, lindo. Suspiro e vejo Sarah me olha. O que foi? Porque está me olhando assim? Questiono voltando à comer.

- Assim como? Ela pede, e eu sei que ela percebeu o que eu queria esconder.

- Deixa pra lá. Você me ajudar à ir ao banheiro para tomar banho?

- Claro que sim. Mas deixa eu te dizer que você não vão conseguir esconder esse encantamento pelo meu cunhado por muito tempo. Ela fala pegando a bandeja e saindo do quarto. Merda.

Ela não demora à voltar com a fisioterapeuta, e com uma cadeira de rodas. As duas me ajuda à se sentar na cadeira e me levam ao banheiro. Me ajudam com as retiradas das roupas e depois me colocam na banheira que já estava ligada por Sarah. Me sento na água quente e me sinto em casa com uma água tão quentinha. Questiono à Sarah sobre Cláudia, e ela me disse que a mesma foi trabalhar. Só seríamos nós duas durante o dia.

Depois do banho começo à fazer à fisioterapia para minhas pernas. É mais uma ginástica para movimentar as pernas e fazer com que o sangue circule por elas. O resto do dia passei escolhendo roupas com a ajuda de Sarah. Renato tinha mandado uma mulher super profissional, ela estava com um tablet nas mãos e

me mostrava tudo que à loja tinha à minha disposição. Eu achei tudo aquilo um exagero, porém Sarah me disse para eu aproveitar e escolher sem medo, pois Renato poderia ficar chateado se eu não aceitasse, então assim fiz. Escolhi roupas para o dia à dia e algumas peças para sair. Escolhi também sapatos, tênis e sandálias. Era tudo muito fino e chique. E como ele disse nada tinha preço é aquilo estava me deixando receosa, porque poderia custar caro demais e ele não iria me cobrar nada. Mas eu iria dar um jeito de ser grata a ele por tudo, não só pelas roupas, mas também por ter me salvado, por ter me trago para a minha família.

## **Capítulo 14**

Meus dias estavam passando rápido. À fisioterapia estava fazendo bastante efeito, eu já conseguia me locomover devagar com as minhas pernas. Só usava à cadeira de rodas quando realmente minhas pernas doíam um pouco devido aos exercícios, mas para mim estava muito bem.

Já faziam duas semanas que não via Renato. E isso me deixou bastante chateada. Não comentei nada com as meninas, mas sei que perceberam meu humor, pois comentaram que ele havia viajado à negócios. Bufei só de ficar esse tempo todo longe dele, mesmo não tendo nada com ele, eu queria vê-lo, conversar com ele.

- Dayane melhora essa cara. Parece que nem está feliz por mim. Sarah pede segurando um vestido para me mostrar. Estávamos no ateliê que ela tinha mandado fazer os vestidos de madrinhas e de noiva para o casamento dela.
- Desculpe Sarah. Não é nada com você. Digo.
- Eu sei que não é. Ela suspira e senta do meu lado. Eu sei o que você está sentindo. Você não quer falar para nós, mas sabemos. Assim como eu e Cláudia, você também sentiu amor à primeira vista. Você se encantou com ele e está com medo de colocar isso para fora, pois ele pode não está sentindo o mesmo. Porém você não pode se abater desse jeito. Cadê a Dayane valente, determinada, que vai à procura do que quer? Sarah indaga me fazendo pensar.
- Acho que ela ficou em Londres. Eu estou triste sim, sei que não deveria, porque ele não é nada meu, mas eu não consigo deixar de pensar nele. Eu não consigo deixar de pensar que ele não se importa mais comigo, até mesmo porque ele me achou. Ele fez o que pedi e agora não tem porque conviver comigo.
- Não pense assim. Ele se importa sim com você, só está atarefado demais para parar e vim te ver ou conversar com você. Sarah diz e eu bufo.
- Vamos continuar vendo os vestidos. Daqui à pouco é o jantar na casa de Cláudia e estamos aqui ainda olhando as minhas medidas. Falo tentando não pensar nele. E Sarah você já arrumou meu par? Minha irmã sorri para mim e eu não sei se gostei disso.
- Sim. Renato será seu par. Fico confusa. Como assim ele será meu par?
- Não entendi. Ele já não tinha par? Questiono confusa.
- Sim, mas minha amiga quer entrar com o namorado que ela arrumou, então eu achei uma troca justa. Sarah diz piscando para mim.
- Mas você acha que ele vai querer entrar comigo? Receio que ele não

queria.

- Dayane parar de se menosprezar. Parar de fazer isso com você. Você não é assim. Quer ele vai à luta. Escuto isso é como um tapa na cara, pois realmente não sou assim. Essa hora já tinha ligado pra ele pra saber como ele estava. Mas algo mudou depois desse sequestro. Eu preciso frear as minhas atitudes para não ocorrer nada de errado comigo novamente.

Depois que fui pega. Eu fugir à primeira vez, porém fui pega e eles me bateram muito. Me chamaram de vadia, de vagabunda. Disseram que receberam um valor bem alto por mim e que eu não iria estragar os negócios deles. Hoje entendo que fui vendida, mas não sei para quem, e nem quero saber. Acabei voltando para o lugar e novamente fui pega e dessa vez à situação ficou crítica. Eles me bateram, me machucaram muito. Até facada eles me deram, e nisso fui parar em um hospital clandestino, e acho que ali eu sabia que se eu não fizesse algo, minha vida estaria destinada à algum sádico. Eu acordei e vi um jornal que um dos pacientes estavam lendo. Acabei descobrindo nesse jornal que peguei emprestado, que Cláudia havia casado com Maurício. Vi a foto deles juntos e uma foto de família, onde eu o vi pela primeira vez, e talvez minha tenha razão. Foi amor à primeira vista, e ali soube que ele poderia me salvar, já que na volta para a casa de prostituição eu ouvi que minha família já sabia que eu estava morta com ajuda deles.

No tempo que fiquei naquele hospital clandestino pude me informar de algum medicamento que eu poderia tomar para entrar de vez em coma, até alguém me achar, até ele me achar. Tinha uma certeza em meu coração, mesmo depois que apliquei o remédio em mim mesma, meu consciente tinha a visão dele. E tinha certeza que ele iria me encontrar. E essa certeza não morreu em nenhum momento em mim.

- Suas medidas foram tiradas, e agora é só esperar. Sarah fala me tirando dos meus pensamentos e lembranças.
- Que bom. Vamos embora. Cláudia pode estar precisando de ajuda. Falo e me lança um olhar reprovador.
- A Srta ainda não pode ficar muito tempo de pé, então vamos chegar em casa e você vai descansar essas pernas. A fisioterapeuta foi bem clara dizendo que ainda nada de forçar as pernas.
- Mas eu posso fazer algo sentada. Picar alguns legumes, não sei fazer qualquer coisa. Falo emburrada. Não tenho feito nada, a não ser ficar deitada. Já estou me achando um peso na vida das pessoas à minha volta.

- Vamos ver Srta. Agora vamos para casa Maycon já deve está lá me esperando. Ela diz com maior sorriso.

Sarah dirigiu até na casa de Cláudia e assim que chegamos Maycon realmente estava ali. Ele cumprimentou Sarah com um beijão na boca e depois me cumprimentou com um abraço e um beijo na testa. Cláudia logo chega para avisar que o jantar está quase pronto. Ela diz que eu devia tomar um banho antes do jantar. Questiono se ela não quer ajuda e ela me diz que não. É para eu tomar um banho e descansar um pouco antes do jantar. Vou para meu quarto ligando à cadeira de rodas. Elas estão me tratando como doente. Suspiro forte, pois não vejo a hora de isso tudo acabar. Eu poder voltar à minha vida normal, sem essa preocupação excessiva comigo.

Vou até o banheiro e começo à tirar à roupa. Ligo a água na banheira e me. Levanto apoiando na banheira. Coloco uma perna e depois a outra e me sento. Relaxo na banheira apoiando minha cabeça na borda da mesma. E meus pensamentos vão para o dia que quase fui morta de tanto apanhar. Eu havia fugido e dessa vez eles não tiveram piedade. Me bateram tanto, me espancaram, me deram tanto chute na barriga e costela, que tinha certeza que algo em mim tinha se rompido. Eu só lembro de ter acordado em um hospital e ter tempo de arrumar o remédio ali mesmo com uma enfermeira que tive que contar à minha história, e assim ela me ajudou. Ela arrumou o remédio para mim e eu mesmo apliquei. Foi aí que fiquei inconsciente até o dia que vi aqueles olhos cinzas penetrando à minha alma como se fosse algo mágico.

Já estava arrumada para jantar. Coloquei uma calça jeans e uma blusa regata preta. Me sento na cama e começo à ler um livro. Não sei quanto tempo se passa, mas ouço uma batida em minha porta. Peço que entre, pois pode ser Sarah querendo avisar que o jantar está pronto. Coloco o livro na gaveta do criado mudo e me viro para falar algo, mas me surpreendo ao ver alguém na porta parando com um buquê de flores lindo.

- Boa noite! Ele diz tirando as flores do rosto. Meu sorriso vem ao rosto instantaneamente. Ele está lindo com todo de preto.
- Boa noite. Que milagre te ver aqui. Digo me arrastando até à ponta da cama.
- Ou seja, não estava me esperando. Ele fala fazendo uma falsa cara de magoado.
- Não é isso. Mas é porque me disseram que você estava viajando, então



achei que não estaria aqui hoje. Me explico para ele não pensar que não queria vê-lo.

- Hum. Estava mesmo, mas acabei de chegar. Ele indaga andando até à mim. São para você.

- São lindas, obrigada! Indago com uma alegria dentro de mim. Ele pensou em mim, ele pensou em mim.

- De nada. Como você está?

- Bem. Já estou quase pronta para voltar à minha vida ao normal.

- Espero que não queira mais se aventurar por aí.

- Isso não. Não pretendo sair daqui. Ainda mais por causa dele. Eu não quero deixar à oportunidade de tê-lo para mim passar.

- Fico feliz em escutar isso. Ele sorrir e seu sorriso é de matar qualquer uma. Dayane você tem pesadelos com que te aconteceu?

- Não. Eu estou apagando essa parte da minha vida. Você quer saber o que houve comigo?

- Não. Eu já sei o que houve com você. Você me mostrou em sonhos e visões o que houve e também sei porque fiz uma pesquisa sobre sua suposta morte. Eu não gostaria que você revivesse esses momentos ruins da sua vida, e foi por isso que te perguntei se você tem pesadelos com isso. Seria bom você se abrir com um psicólogo.

- Não tem necessidade. Eu realmente estou bem. Não fico pensando em tudo que me aconteceu, claro que tenho alguns rompante dos momentos tristes que sofri, mas não me tira o sono. Esse tempo sem consciência me fez bem, não me deixou ficar paranoica com isso.

- Nisso você tem razão, não deu tempo para você ficar pensando no que houve. Cláudia bate na porta que já estava aberta.

- Os pombinhos. Vamos para sala. Seus pais chegaram Renato. Ela fala e eu fico seria. Ela tem que estragar logo agora. Eu estava gostando de conversar com ele.

- Já estamos indo. Ele fala. E Cláudia sai sorrindo. Vamos Srta. Deixa eu te colocar na cadeira. Ele me pega no colo e seu perfume me embriaga mais uma vez.

Na sala Márcia me cumprimenta e Dantas também. Eles começam à perguntar como eu estou, e digo que estou ótima. Só vejo à hora de retomar à minha vida.

- Tem planos cunhada? Vai querer fazer alguma coisa? Maycon pede bebendo uma cerveja.

- Sim. Quero cursar à faculdade de arquitetura. E começar à trabalhar

também. Digo e eles me olham surpresa.

- Que bom Dayane. Fico feliz que você decidiu fazer o que gosta. Cláudia diz feliz. Seus olhos apresentam um brilho diferente no olhar, mas eu não sei o que é.

- Porém Dayane temos aqui um problema que você precisa saber. Mauricio fala e olha para Renato.

- O que foi? Indago curiosa.

- Como dissemos antes você está sendo procurada pelas pessoas ou pela pessoa que te sequestrou. Tiramos você do hospital com maior sigilo e cuidado para ninguém saber. Não deixamos rastro de nada, porém as coisas e pessoas são imprevisíveis, não podemos deixar ao acaso. Temos que ainda te proteger. Mauricio diz e eu não estou entendendo. Será que eles não querem que eu saia mais de casa?

- Vocês querem dizer que eu não deva sair de casa? Questiono preocupada com isso. Não quero ficar trancada aqui.

- Não. Renato fala olhando para mim. Não é isso. Para te manter segura recomendo seguranças particulares. Eles estarão com você todo o tempo, até mesmo vão dirigir para você. Te acompanhará em tudo quanto é lugar. Mas claro, só se você quiser, porque não adianta tentar fazer à sua segurança se você não quiser. Fico pensando e isso não é problema. Se eu puder fazer tudo que eu quero fazer, não me importo de andar com eles.

- Não me importo de andar com eles, desde que posso ir e vir sem problema nenhum, não vejo porque não. Falo e Renato dá um sorrisinho de canto e assenti.

- Você poderá fazer o que quiser, só queremos que você esteja protegida. Sarah diz e eu assinto.

- Para mim tudo bem. Afirmo.

Depois dessa conversa o jantar ficou pronto e todos foram para à mesa. Me sentei do lado de Renato, que estava todo brincalhão à mesa. Quando o jantar estava quase terminando Maurício pegou uma taça de champanhe e bateu na mesma.

- Bem gente, hoje estamos reunidos aqui por algum motivo. Cláudia e eu já queríamos ter feito esse jantar para à nossa família, mas devido à vários acontecimentos bons que surgiu em nossas vidas. Mauricio diz olhando para mim. Não foi possível proporcionar esse jantar, mas hoje estamos aqui para dar uma notícia. Ele fala e olha para Cláudia. Ele pede à mesma para se levantar e ela se levanta. Então, Cláudia e eu vamos ter um membro

Villaça daqui seis meses. Mauricio diz e eu sorrio com isso. Vou ser titia.

Sarah e eu batemos palmas de felicidade. Márcia já começa à chorar de alegria, Dantas é puro sorriso, e Maycon é o primeiro a se levantar e cumprimentar o casal. Renato sorrir, mas não parece surpreso com à notícia. Todos foram cumprimentar os futuros papais e depois brindamos à essa nova vida que está por vir na nossa família. Nada podia ser mais importante que estar aqui vivenciando esse momento com minha família.

## Capítulo 15

O jantar foi muito especial para todos. Não faltaram lágrimas e nem sorriso para uma nova vida que está para encher nossos corações de alegria. Depois do jantar, todos se sentaram na sala para conversar. Não paramos de falar do bebê, de como ele seria lindo e séria abençoado. Renato foi o primeiro à se levantar e dizer que iria embora, pois estava cansado da viagem. Murchei toda, queria conversar mais com ele.

- Dayane tenho algo para você. Ele fala e fico muito feliz por dentro que ele está pensando em mim como estou pensando nele. Todos olham para ele que vai para à porta de saída. Fico intrigada. Não demora muito e ele volta com um envelope e me entrega.
- O que é? Peço abrindo e olhando para ele.
- Seus documentos. Meu pessoal já ajeitou tudo na Rússia para desfazer o mal entendido da sua morte e seus documentos estão todos aí. Fique sabendo que tudo isso foi feito em total sigilo, para não dar margem para alguém suspeitar de onde você está. Esse homem cuida de tudo, estou impressionada.
- Muito obrigada mais uma vez. Falo e tiro todos os meus documentos do envelope. Até mesmo meu passaporte.
- Não precisa agradecer. Agora deixa eu ir. Depois nos falamos mais. Ele fala e me dar um beijo na testa. Ele podia me dar um beijo na boca. Sorrio

com meu pensamento.

Vejo ele se despedir de todos, e minhas irmãs agradecendo à ele por ter olhado isso pra gente. Na verdade eu só iria me preocupar quando pudesse sair daqui de casa, fazer faculdade, comprar um carro, mas ele como lindo e fofo que é pensa em tudo. Me vejo mais encantada com ele.

Logo depois todas começam à ir embora. Se despedem de mim e assim eu vou para meu quarto. Fico pensando no meu Salvador. Ele vem me salvando a cada dia, não importa as pequenas coisas que ele faça para mim, eu sempre vou agradecê-lo por tudo.

Já tinha passado mais algumas semDayanes e hoje eu estava indo ao médico fazer um checkup completo. Márcia me recomendou, depois de contar que fui parar em hospital clandestino. Claro que aceitei sua recomendação. Minhas pernas já estavam boas para andar, então era só recomeçar à minha vida. Fora vir ao hospital, iria na faculdade também. Quero já ver à inscrição, mesmo sabendo que o semestre já está no fim, mas pelo menos já foi me candidatar para o próximo semestre.

Renato havia me mandado um carro com dois homens fortes. Seriam meus seguranças. Não estava acostumada com essa mordomia toda, mas parece que terei que me acostumar, pois eles vão dirigir e ficar atrás de mim para baixo e pra cima. O bom que eu me sentia protegida.

Esse final de semana seria o tão aguardado casamento da minha irmã, ao mesmo tempo que ela estava radiante, ela estava nervosa. E como eu já estava bem, fui ficar com ela no apto. Cláudia não queria me deixar ir, mas disse que Sarah precisava da minha companhia. Ele me fez prometer que eu voltaria assim que Sarah se casasse. Na verdade eu não queria voltar. Eu queria ficar aqui é me estabelecer, porém, ou eu aceitava morar com ela ou aceitava morar com Sarah. Elas não iriam me deixar morar sozinha nunca mais mesmo, mesmo com segurança vinte quatro horas perto.

À recepcionista me chama e eu entro na sala do médico. Ele me cumprimenta e me questiona o que eu desejo. Digo que quero fazer um checkup completo. Ele então anota os exames que eu tenho que fazer e pedir para eu passar os mesmos para à recepcionista lá fora. Faço isso e à mesma já me encaminha para outro andar. Começo à fazer exames de sangue, urina. São os mais simples. Depois

faço um raio x, eletrocardiograma. Fui encaminhada também para um ginecologista. Ela faz um teste de gravidez, mesmo sabendo que é impossível. Faz um ultrassom e vejo que sua cara não é muito boa.

- Algum problema Dra? Peço olhando para ela.
- Vou te pedir uns exames mais complexo e detalhado, para depois te dizer o que está havendo. Meu coração parar por um momento de bater.
- É grave?
- À Srta teve alguma infecção urinária não tratada recente ou passada?
- Dra. Eu acabei de acordar de um coma. Estava internada e não sei o que fizeram comigo ou o que aconteceu com meu corpo desde o coma. Mas porque isso.
- Porque à Srta está com uma infecção bem avançada no útero.
- E isso é grave? Posso tomar algo para melhorar? Peço querendo acabar com o problema logo.
- Olha vamos fazer os exames para ver até onde isso afetou seu útero. Assim que os exames estiver pronto, quero que volte aqui e assim eu posso falar com a Srta com precisão.
- Ok. Fico preocupada.

Me visto e ela me passa os exames que tenho que fazer. Passo quase o dia todo no hospital fazendo tudo quanto é exame. Como eu teria que voltar na segunda feira para pegar os da ginecologista, eu deixei para pegar os outros também. Tentei ficar tranquila quanto ao do ginecologista, mas o fato que eu estava preocupada. Nunca soube que estava com alguma infecção urinária, ou algo do tipo, porém não quero que Sarah perceba nada, pois já não basta está preocupada com seu casamento, se preocupar comigo também não dar.

Hoje era o casamento de Sarah. Ela estava à mil. Cláudia e eu estávamos tentando acalmá-la. O casamento seria na casa de Márcia , que por sinal é linda. Uma mansão e tanto. Viemos para cá nos arrumar. Tudo estava perfeito lá fora. O jardim estava repleto de flores até o altar, cadeiras espalhadas de um lado ao outro para não sei quantos convidados. Do outro lado do jardim séria à recepção. Tinha pista de dança montada, mesas e cadeiras forradas com um forro azul perolado. Taças e mais taças em cada mesa, junto com talheres e pratos para servir o jantar. Ainda tinha uma banda que iria tocar à noite toda. Eu estava achando aquilo tudo muito lindo. Sarah arrasou em cada detalhe. Tudo estava impecável desde os guardanapos que tinham as iniciais dos nomes deles até os

caras da banda que estavam todos vestidos de terno e gravata. Não faltava nada ali. Somente à noiva de acalmar.

- O que à Srta olha tanto no palco? Renato sussurra no meu ouvido. Me viro para ele sorrindo.
- Nada. Estava admirando como tudo está perfeito. Digo e ele suspira de alívio.
- Ufa. Achei que já tinha perdido meu par. Ele fala com um sorriso de canto. Você está linda. Ele diz me avaliando dos pés à cabeça. Fico feliz em ouvir isso dele. Sarah havia escolhido os vestidos das madrinhas de uma cor só, sendo então amarelo vívido com decote um ombro só, Bordado com Miçangas um pouco acima da cintura, uma sandália de salto preto e meu cabelo recém cortado abaixo dos ombros um pouco, está em um coque arrumado e uma franja alta para trás. O vestido era muito lindo, e ficou muito bem em mim.
- Obrigado. Você também está muito bonito. Como se precisasse falar né. Ele é lindo de tudo quanto é jeito. Ele está vestido de terno grafite. Camisa branca, gravata combinando com a cor do vestido das madrinhas e sapato preto de couro
- Obrigada. Mas me diz, já foi à faculdade? Ele pede.
- Não deu para ir. Fiquei o dia todo fazendo exames, mas na segunda feira eu irei.
- Que bom. Porém seus exames está tudo bem?
- Não sei ainda. Fiquei de pegar na segunda também. Indago tentando não passar à insegurança do exame ginecológico.
- Tudo bem.
- Escuta eu acho que achei um jeito de pagar você por tudo que fez por mim. Falo e ele fecha à cara para mim.
- Parar com isso. Não fiz nada para cobrar de você. Ele fala sério.
- Eu sei disso. Mas eu me sinto em dívida com você, então quero que você aceite sair para jantar comigo. Ele me olha misterioso e chega mais perto de mim.
- Nesse jantar você vai me castrar? Vai querer pagar à conta e assim definir que essa suposta dívida está paga? Ele questiona meio revoltado.
- Seria sim. Esse é meu jeito de pagar o que você fez por mim.
- Então essa suposta dívida nunca será paga. Sua seriedade me dar medo.
- Ou seja nunca vai sair comigo para jantar? Peço magoada.
- Vou sim, mas não para você pagar contar nenhuma. Eu ainda tenho os preceitos da minha família. Meu avô e meu pai me ensinaram à sempre

cuidar de uma mulher de uma forma especial e não é você que vai tirar isso de mim. Sorrio e me sinto nas nuvens com que ele fala.

- Eu não quero tirar nada de você. Só quero poder fazer algo por você para retribuir o que fez por mim.

- Ótimo, tem algo que você pode fazer por mim. Ele fala e uma esperança cresce dentro de mim.

- O que eu posso fazer então? Peço animada.

- Sair comigo para jantar. Fico sem saber o que ele disse. Eu já tinha oferecido isso.

- Não entendi. Eu já te pedi isso. Questiono confusa.

- Sim, você me pediu isso para pagar uma dívida que não existe, e eu quero isso para que você se sinta mais à vontade comigo. Quero que você pare de achar que tem que me pagar alguma coisa. Você acha mesmo que se eu quisesse te cobrar algo, eu faria tudo que fiz de coração para você? Portanto esse jantar é para você tirar qualquer dúvida da sua cabeça quanto à essa dívida que você pensa ter comigo. Eu não quero um centavo, não quero que você pague jantar nenhum para mim e muito menos quero que você fique achando que tem dívida comigo. Fico sem graça com cada palavra dele e também sem palavras.

- Sr. Villaça e Srta. Albuquerque podem ir para o altar. À cerimonialista aparece do nosso lado dizendo. Apenas assentimos. Renato dá seu braço e eu pego de bom grado. Antes de caminharmos para o altar ele chega perto da minha orelha e sussurra.

- Não precisa ficar sem graça. Ele diz e sorri para mim. Devolvo o sorriso ainda pensando nas palavras dele.

Seguimos para o altar. Renato se encaminha para o lado direito perto de Maycon que já está ali todo sorriso, e eu vou para o lado esquerdo. Cláudia vem logo atrás com Maurício. Sua barriga de quase quatro meses está com um pequeno vâozinho. Ela está radiante e muito linda em seu vestido igual ao meu. Maurício está vestido igual à Renato. Ele se posiciona do lado de Renato e Cláudia se posiciona do meu lado. A amiga de Sarah, Sabrina aparece também com seu namorado que não sei quem é. Ele olha para mim de um jeito estranho, mas não ligo.

De repente todos estão em seus lugares. Vejo Márcia limpando seus olhos. Dantas iria entrar com Sarah, assim como entrou com Cláudia. Nossos pais ficariam orgulhosos das filhas, e meu pai então. Levando duas filhas ao altar seria o orgulho dele.

A música começa ser tocada e todos olham para a entrada do corredor. Sarah está linda em seu vestido branco de uma alça só rodado. Seus cabelos estão em cachos colocado de lado com um véu parecendo um enfeite de cabelo. Ela está maravilhosa. O terno de Dantas é igual aos dos padrinhos, porém à gravata é borboleta da cor preta. Maycon está vestido de terno preto com uma gravata borboleta azul. As pessoas estavam todos chiques. Eram pessoas da alta sociedade, não era para menos, já que à família Villaça é reconhecida e tem muitas pessoas que os admira muito.

Vejo vários fotógrafos. Alguns contratados por Sarah e outros que fazem parte de um jornal que queria cobrir o casamento. Na verdade eram vários jornais e revistas querendo cobrir o casamento, mas à família Villaça fez um sorteio para ver quem seria o jornal ou revista que cobriria o evento. Os jornalistas do jornal de Rio de Janeiro estão identificados e ainda foram todos pesquisados pela equipe de segurança de Renato. Esse homem não deixa nada à desejar. Sorrio com isso. Vejo um dos jornalistas vir para tirar foto da frente do altar. Me coloco atrás de Cláudia para não pegarem meu rosto. Quero evitar o máximo possível para foto nenhuma parar na mídia.

Sarah e Dantas vem andando até chegar ao altar. Minha irmã estava só sorriso. Dantas abraça seu filho e depois entrega Sarah para ele. Maycon também não para de sorrir. Os noivos se posiciona no altar e o pastor começa à cerimônia. Ele começa à falar sobre o amor que se cria dia à dia, do amor que se une com o tempo e do amor que vem com os filhos.

Sarah faz seus votos falando do quanto Maycon trouxe e transformou sua vida e que nada mais existia além deles. Maycon recita seus votos também lembrando de quando à conheceu e da forma que se apaixonou por ela. Aquilo me fez encher meus olhos de lágrimas. Eles usaram palavras lindas um para outro e concretizaram ali o amor que ambos sentem um pelo outro. Houve à troca de alianças e para finalizar um beijo que tirou o fôlego da plateia.

Na festa tudo estava correndo bem. Estava sentada na mesa separada para à família. Estava do lado de Renato e do lado de Cláudia. Estava em uma conversa bem animada com à mesma que não parava de esbanjar elogios para à decoração da festa, não que à festa dela tenha sido menos, mas ela estava encantada com cada coisa que Sarah escolheu e eu também. Sarah pensou em cada detalhe.



Para fugir dos jornalistas, eu sempre saía pela tangente. Ia dançar sozinha, ficava vagando pelo jardim que não tinha nada. Apesar de querer ficar com eles, eu sabia do risco que ainda corria, tanto que não tirei nenhuma foto com Renato, que era meu sonho, mas me contive para nada dar errado futuramente.

- Boa noite! Uma voz chega atrás de mim. Me viro e vejo o namorado da Sabrina.
- Boa noite! Digo.
- Já não nos vimos ou nos conhecemos de algum lugar? Ele pede.
- Não. Nunca te vi antes. Falo firme.
- Hum, eu sou fotógrafo. Faço fotos para uma agência de modelos em Londres e eu acho que você daria uma bela modelo. Não toparia?
- Não. Obrigado!
- É uma pena. Porque você tem um corpo maravilhoso e um rosto perfeito para o meu negócio. Ele fala de uma forma estranha. Não de um agente de modelos, mas sim de um cara sem escrúpulos. Nojento.
- Algum problema aqui? Meu Salvador aparece e eu me sinto aliviada.
- Esse Sr. Qual seu nome? Indago porque ele nem se apresentou.
- Fernando Monteiro. Vejo Renato olhá-lo de uma forma estranha.
- O que o Sr faz aqui Sr Monteiro? Renato pede intimidador.
- Acompanho à minha namorada. Amiga da noiva. Sabrina, o Sr conhece?
- Não muito, e nem sabia que o Sr era namorado dela. Renato fala ríspido.
- O Sr me conhece? Já nos vimos? Fernando pede sorrindo.
- Já nos vimos em uma boate. Mas isso não vem ao caso. Se o Sr está namorando à Sabrina, porque está aqui sozinho conversando com ela? Meu Deus, esse homem consegue intimidar até um cachorrinho poodle, porque Fernando mucha todo na nossa frente.
- Eu só estava perguntando à ela se não tinha interesse em ser modelo. Renato me olha e depois olha para Fernando.
- Eu não vai querer. Ele fala firme.
- Eu sei, ela já me disse. Agora deixa eu ir procurar à Sabrina.
- Acho melhor. Fico sem reação com o jeito intimidador e prepotente de Renato. Não conhecia esse lado dele.
- Boa noite! Fernando fala e nem espera a gente responder.
- Porque você se distanciou de todos? Opa seu lado intimidador virou para mim. Me sinto uma criança que fugiu da mãe para brincar.
- Eu estava fugindo dos jornalistas, então busquei um lugar onde ninguém podia me ver. Falo olhando para ele.
- Não precisava se afastar tanto. Tem seguranças aqui justamente para não

deixar jornalista chegar perto de você. Eu não sabia disso.

- Não sabia disso. Digo surpresa.

- Vamos. Sarah quer tirar a famosa foto de família. Ele fala já colocando uma das suas mãos nas minhas costas para me encaminhar para o lado da festa.

Tirei várias fotos com a família, com Sarah sozinha, com Cláudia. Com Sarah e Cláudia juntas. Com os três irmãos, Cláudia e Sarah. E a foto melhor de todas, com Renato. Amei tirar a foto com ele, e essa eu teria para mim. Sarah jogou o buquê e Sabrina pegou. Depois ela se despediu de todos e foi para sua lua de mel. Eu já estava cansada da noite e como todos iriam dormir ali na casa dos pais de Renato e Mauricio, eu acabei indo para meu quarto.

## Capítulo 16

Acordei com uma preguiça de levantar. Na verdade se tivesse no apto, hoje seria o dia ideal para não levantar e não fazer nada. Suspiro, pois Cláudia não vai me deixar ir para o apto. Hoje eu teria que voltar para casa dela, coisa que não queria. Sei que estou correndo perigo, mas eu queria voltar à fazer as minhas coisas, queria poder morar sozinha sem incomodar ninguém. Mesmo sabendo que Maurício diz que não incomodo, eu me sinto um peso para eles. Não faço nada na casa deles, nem à minha cama posso arrumar, porque me foi proibido. Bufei me levantando. Tomei um banho e coloquei um short branco com uma camiseta preta. Calço meus chinelos e amarro meus cabelos em um coque bagunçado. Desço as escadas não encontrando ninguém na sala. Vou adentrando mais o lugar e na sala de jantar à mesa de café da manhã está posta. Márcia aparece sorridente vindo que eu acho da cozinha.

- Bom dia querida, dormiu bem? Márcia pede me dando um beijo no rosto.
- Bom dia Márcia . Dormi sim. Obrigada! O pessoal ainda está dormindo? Questiono.
- Não. Estão todos lá fora, na beirada da piscina. Ela fala e eu fico sem graça por ser à última à levantar. Dormi demais.
- Não fique sem graça Dayane. Você está em casa. Ela diz como se lesse meu pensamento.
- Acho que dormir demais. Digo sem jeito.
- Pois poderia passar o dia todo na cama que não iria me importar. Depois da agitação de ontem queremos mais é descansar. Ela fala sorrindo.

Coloco um pouco de suco natural de laranja em meu copo e tomo um pouco. Pego uma torrada e passo geleia. Mordo. Cláudia aparece vestida com um short e o biquíni da parte de cima.

- Bom dia dorminhoca. Já estava indo ver se estava tudo bem com você. Ela fala beijando minha cabeça.
- Bom dia Cláudia. Digo sorrindo.
- Acaba aí e coloca um biquíni. Vamos ficar o dia na piscina. Dantas já está ligando à churrasqueira. Eu não quero colocar biquíni, uma que não trouxe e outra que não quero mostrar umas marcas cinza que tenho abaixo dos meus seios. Quando vi fiquei assustada, mas deve ter sido consequência da agressão que sofri. Não deve ter sido bem tratada. Amanhã quando levar

os resultados para o médico, vou perguntar se tem alguma pomada para passar. Dayane, Dayane. Cláudia me traz de volta.

- Oi. Desculpe. Eu não trouxe biquíni, e também não quero entrar na água. Estou naqueles dias. Minto para ela não insistir nisso.

- Se você quiser tem OB. Márcia oferece.

- Obrigada Márcia, mas não precisa. Não quero mesmo entrar na água. Falo sorrindo para que ela não me entenda mal.

- Mas vamos ficar na piscina. Não quero você isolada da gente. Estou te achando muito pensativa, muito quieta. Ontem mesmo ficou mais longe da gente do que perto. Cláudia diz.

- Eu só me distanciei para nenhum jornalista tirar foto minha.

- Eu sei. Renato disse, mas não precisava ficar sem rumo na festa como se não fosse da família. Ela suspira. Dayane eu quero que você volte ser aquela pessoa alegre. Aquela pessoa que participava de tudo e tinha sonhos. Cláudia fala pegando na minha mão. Olho para ela e suspiro.

- É difícil voltar ao normal quando você está sendo procurada. Eu não posso ter à minha vida, à minha liberdade sem ter medo de ser pega de novo. Ela me olha com pena e isso que mais te Sarah. Não quero que as pessoas fiquem com pena de mim.

- Eu sinto muito por tudo isso que vou passou e ainda está passando. Mas aos poucos você vai voltar a ter a sua vida.

- Eu sei que vou. Digo mais para mim do que para elas. Cláudia eu quero falar de morar com vocês. Eu não me sinto bem.

- Há não Dayane. Não me venha com essa. Isso já estava decidido.

- Por vocês e não por mim. Olha para Márcia que está quieta. Desculpa Márcia. Suspiro.

- Não meu amor. Já disse, à casa é sua, e também quero entender o motivo de você não querer morar com eles. É mais seguro Dayane. Você morando sozinha, mesmo com seguranças não é totalmente seguro. Eu não vou vencer essa batalha.

- Me sinto mal. Sinto que incomodo. Poxa vocês mal casaram, e tem uma pessoa para atrapalhar à privacidade de vocês. Não me sinto bem com isso.

- Você é minha irmã. Você não me atrapalha e não é qualquer pessoa para mim. Maurício também não ver você como empecilho. Então parar de se sentir assim. Você não é nenhum peso para mim e nem para meu marido. E também não está acabando com nossa privacidade, temos um quarto para isso.

- Cláudia. Falo e sei que fiquei vermelha. Cláudia sempre foi à mais desinibida das três.

- Não se preocupe comigo Dayane. Eu estou amando ter três filhas com uma personalidade tão diferente. Márcia diz sorrindo.
- Obrigada pelo carinho Márcia . Digo sorrindo e ela me manda um beijo no ar.
- Mas Dayane voltando ao assunto de você não querer morar com Cláudia e meu filho, então porque não vem morar comigo e Dantas? Fico surpresa com o pedido dela. Nossos filhos sempre buscaram independência, mas sempre voltavam para cá. Renato decidiu morar sozinho por causa da empresa, ficava mais perto para ele. Mauricio e Maycon nunca saíram daqui até tomarem à decisão de montar seus negócios e se mudarem para Rússia. Dantas e eu nos sentimos sozinhos sem eles aqui, e depois que eles voltaram e Maycon veio morar aqui com à gente ficamos felizes, porém agora não tem mais ninguém. E você é como uma filha para nós, assim como suas irmãs. Fico feliz por ela pensar assim, mas eu não vou te sentir bem também.
- Márcia muito obrigada pelo convite, mas eu não iria me sentir bem aqui.
- E porque não? Eu e Dantas já estamos velhos não precisamos mais de privacidade, e outra à casa é enorme você terá total liberdade. Será a nossa filha até resolver se casar. Ela pisca para mim de uma forma cúmplice. Sorrio, porque ela já percebeu meu interesse em Renato.
- Márcia eu não acho necessário. Dayane pode muito bem ficar com a gente. É nossa responsabilidade cuidar dela. Cláudia fala meio sentida. Suspiro porque essa batalha nunca será vencida por mim.
- Obrigada Márcia . Vou ficar com Cláudia até pelo menos esse meu problema ser resolvido. Falo e Márcia sorrir.
- Fica à vontade filha. Estarei aqui se precisar. Márcia é um amor de pessoa.
- Cadê as mulheres dessa casa? Maurício entra acompanhado de Renato. Nossa achei que vocês tinham sumido.
- Não é para tanto Mauricio. Só estávamos conversando. Cláudia fala ainda triste pela nossa conversa. Eu não queria magoá-la.
- É mas vocês não estão com uma cara muito boa. O que houve aqui. Renato pede se sentando do lado de Márcia .
- Nada filho. Só Dayane contando um pouco do que aconteceu com ela.
- Não acho legal vocês estragarem o domingo pensando em coisa ruins. O dia lá fora está lindo. Mauricio fala. Vamos todos para à piscina e curtir o domingo. E melhorem essas caras. Renato fica me olhando parecendo querer enxergar algo dentro de mim.

Me levanto e digo que vou escovar os dentes. Mauricio diz que vão está esperando lá fora e apenas escuto. Subo e vou para o banheiro onde deixei minha necessaire com meus objetos pessoais. Uma Cláudia aparece na porta com uma cara nada boa. Lá vamos nós de novo. Lavo minha boca.

- Desculpa eu não quero te ver assim. Não queria te magoar. Peço triste por ela está assim.
- Mas magoou. Eu queria entender o que eu fiz para você não querer morar comigo.
- Cláudia não é nada que você fez. Eu tenho que te agradecer, e ao Maurício também por ter me recebido na casa de vocês de braços abertos. Mas você agora está casada, tem uma vida. Uma família.
- Você ainda faz parte da minha família. E para mim nunca vai deixar de fazer. Abraço à mesma sentindo o peso das suas palavras.
- Eu sei. E te agradeço por isso. Porém entendi meu lado.
- Não. Não me peça para entender, porque não vou. Eu quero você comigo, do meu lado. Você não sabe o quanto eu e Sarah choramos pela sua morte, você não sabe à dor que foi saber que nunca mais iríamos te ver, porém você está aqui, e eu prometi à mim mesma nunca mais deixar você sair do nosso lado.
- Nem eu quero isso. Só quero que você tenha em mente que temos vidas diferentes. Eu não posso mais correr para seu colo quando algo acontece, porque você tem um marido que precisa de você, e daqui à alguns meses terá um serzinho que vai exigir mais ainda sua atenção. Cláudia morar sozinha, não vai fazer com que eu suma de novo.
- Mas isso pode acontecer. E eu não quero te perder de novo. Ela fala chorando.
- Não vai. Isso não vai acontecer. E parar de chorar, vou chorar com você. Olha já está resolvido. Ficarei com vocês até isso tudo acabar e não ter sinal de nada ruim por perto ou longe.
- Promete. Promete que não vai querer se afastar de mim, de nós? Somos sua família Dayane, e queremos só o seu bem.
- Eu sei irmã. Eu te amo. Falo abraçada à ela.

Cláudia se acalmou e depois descemos. Fomos direto para área da piscina. Carro já estava pronto para fazer um churrasco. Me sento em uma espreguiçadeira, enquanto Cláudia vai para à beirada da piscina conversa com seu marido.

- Está tudo bem com você e com ela? Renato aparece do meu lado. Ele se

senta em outra espreguiçadeira.

- Vamos ficar. Digo e ele me olha.
- Não vai entrar na piscina? Questiona olhando para meu corpo.
- Não.
- Tem certeza? Indaga brincalhão.
- Sim. E nem vem com essa história de me jogar lá. Não estou boa para entrar na água. Ele levanta a mão em rendição.
- Não disse nada. Sorrir e seu sorriso é tudo para alegrar meu dia. Quando a Srta estará disponível para nosso jantar?
- Quando o Sr quiser. Na verdade minha agenda está toda vazia, principalmente à noite.
- Que bom. Já já vamos preencher essa agenda vazia. Ele pisca para mim.
- Já saiu as fotos do casamento nos jornais. Será que eu saí em alguma foto. Fico apreensiva com essa possibilidade.
- Não se preocupe nenhuma foto sua foi publicada. Suspiro aliviada. Quanto ao nosso jantar podemos deixar marcado para quarta feira?
- Podia ser até amanhã. Digo e ele sorrir.
- Amanhã não dar para mim. Já tenho um jantar chato de negócios, mas podemos deixar para terça feira então.
- Combinado. Não vejo a hora de chegar terça feira. Poder ficar sozinha com ele sem me preocupar com os olhares dos nossos familiares.

Nosso dia foi muito legal. Aquela tristeza que tinha mais cedo se foi. Passar o dia todo conversando com Renato, e brincando também com todos em uma guerra de balão de água me remeteu à infância. À noite fui para a casa de Cláudia. Estávamos cansados do dia que nem quisemos jantar. Acabamos subindo cada um para seu quarto e dormindo.

Eu já estava no hospital para pegar meus exames e passar no médico. Peguei todos os exames e me encaminhei primeiro para o clínico geral. Não demorou muito e ele já me recebeu. Entreguei os exames para ele, e ele não estava com uma cara muito boa.

- À Srta não está sentindo nenhuma dor na costela? Ele pede e eu não sinto nada.
- Não, porque.
- À Srta está com três costelas deslocadas e mal curadas. Ele fala e eu fico sem reação.
- Não sinto nada, apesar de ter uma mancha bem grande abaixo dos meus

seios.

- Sente-se ali. Ele pede apontado para maca. Me levanto e me sento. Levante à blusa. Faço o que ele me pede. Ele fica estático ao ver. Porque você não tratou isso? Ele indaga meio irritado.

- Eu não sabia. Eu acabei de acordar de um coma.

- Seu corpo ainda deve está adormecido pelos remédios injetados no coma. Mas isso vai doer assim que esse efeito acabar. Vamos tratar isso. Seu raio x das costelas estão bem alterados. Quanto aos seus outros exames está tudo certo. Vou te passar um remédio para dor, porque isso vai doer e vamos colocar umas talas com uma faixa e apertar bem para essas três costelas voltarem para o lugar. Vou te dar um antibiótico também para curar essa inflamação. Ouço tudo atônita. Como eu posso estar com três costelas quebradas e não sentir nada? O que houve com você para estar com essas costelas quebradas?

- Fui vítima de um sequestro. Falo sem querer revelar muitas coisas.

- Então é sorte você está viva? Ele indaga com meio sorriso.

- Sim. Um anjo me salvou. Falo e ele me olha intrigado.

- Que bom que esse anjo te salvou. Espero que você não esteja mais correndo perigo.

- Eu também espero.

- Vou pedir à enfermeira para trazer as talas e a faixa. Isso pode doer, porque temos que deixar essa faixa bem apertada para voltar elas para o lugar.

- E como farei para trocar isso diariamente? Indago sem entender como será isso.

- Você terá que vir aqui todos os dias para realizar a troca. Sugiro que venha sempre à tarde, pois assim poderá fazer suas coisas do dia à dia e poderá limpar a região que estará tampada.

- E isso será feito por você? Peço.

- Sim, à não ser que tenha algum problema. Quer fazer isso com outro médico mais velho?

- Não. Não é isso. Já que você que começou quero que termine com isso.

- Ótimo. Então vamos marcar todos os dias aqui umas seis, seis e meia? Está bom para você?

- Tudo bem.

- Ótimo.

Ele liga para enfermeira trazer os materiais para fazer os procedimentos. Não demora muito e ela aparece e entrega para ele com todo sorriso do mundo. Ele é



um gatinho mesmo. Sorrio com o jeito dela para ele, e o mesmo não está nem aí. Penso logo em Renato. Será que ele me ver como uma amiga? Uma pessoa que ele somente resgatou? Saberei disso no nosso jantar. Amanhã está tão longe. O Dr pediu para eu levantar à blusa abaixo dos seios e assim o faço. Ele com ajuda da enfermeira começa a colocar a tala e já passar à faixa. Apertando bem, que faz estremecer tudo por dentro. No final eu não estou conseguindo nem respirar direito, pois parece que meus ossos estão raspando um no outro.

- Eu disse que iria doer. Passe em uma farmácia e compre esses medicamentos. Enquanto não conseguimos voltar essas três costelas para o lugar é não desinflamar não vai parar de doer.
- É uma dor insuportável. Digo entre os dentes.
- Eu sei. Está com alguém aí fora?
- Estou com meus seguranças pessoal. Digo e ele me olha surpreso.
- Não vai dirigir então?
- Não.
- Ótimo. Está tudo certo então. Te espero amanhã. Aqui está meu cartão para qualquer coisa ou dúvida que precise tirar.
- Obrigada! Falo e saio da sala. Droga isso está muito apertado e doendo demais.

Me encaminho para à ginecologista que já estava me esperando. Ela havia recebido meus exames. Me sento com certa relutância, pois tudo dói em mim.

- Então Srta. Eu analisei seus exames e minhas suspeitas se confirmaram. Ela fala e eu já não aguento tanta coisa ruim para mim.
- Fale Dra. Digo olhando para ela.
- Infelizmente à Srta teve uma infecção urinária não tratada que afetou seu útero. Ela suspira.
- Pode falar Dra. Vamos sDayaner isso logo.
- O caso que não temos muito o que fazer nesse caso. Claro que vou te passar um antibiótico para tirar qualquer resíduo que tiver ainda no seu corpo, porque uma infecção urinária não tratada pode passar para o sangue ocasionando assim uma doença muito grave, e levar à óbito.
- Mas o que tenho então? Peço apreensiva.
- Como disse essa infecção afetou seu útero, trazendo assim à infertilidade.

Respiro com dificuldade depois dessa. Eu não poderei ter filho futuramente.

Meu mundo parar por alguns segundos e eu volto à Londres. Meu sequestro, à casa de prostituição, as agressões físicas e verbais, tudo isso trouxe tudo de ruim que estou vivendo agora. Meu rosto já está banhado em lágrimas. Saio do meu transe, pois pode haver alguma possibilidade de tratar isso e assim eu posso ter um filho.

- Não tem possibilidade nenhuma de eu ter um filho? Nem um tratamento que eu possa fazer? Digo.
- Futuramente você pode fazer um tratamento para engravidar, mas já digo que as chances são mínimas. Menos de 3%. Eu estou morta por dentro. Nunca poderei realizar um desejo de ser mãe.
- Mais alguma coisa Dra? Eu não acredito nisso. Me desespero por dentro.
- Não. Mas não fique assim. À situação poderia ser pior, pois se a bactéria tivesse atingido todo seu útero teríamos que tira-lo.
- Não mudou em nada para mim dra. O que vou fazer com um órgão dentro de mim que não funciona? Para que serve meu útero se eu não vou poder gerar um filho?
- Eu entendo à sua dor. Mas não se desespere. Fique calma. Me levanto não querendo ouvir mais nada.
- Obrigada Dra. Digo e ela me passa um papel com antibiótico para tomar.

Vou embora arrasada. Sawyer, um dos seguranças me questiona se eu estou bem. Digo que sim, mas que é para eles me deixarem no parque. Assim não demora muito e eles param o carro perto do parque. Saio do carro, antes mesmo deles abrirem a porta. Me sento em um dos bancos ali e fico olhando as crianças brincando sozinhas, algumas com seus pais ou mães, babás. Volto à chorar muito. Uma dor enorme consome meu coração. Nunca vou ouvir a palavra mamãe de um filho meu. As lágrimas não param de sair do meu rosto.

- Porque você está chorando? Uma voz conhecida fala ao meu lado. Olho e Renato está do meu lado com seu olhar questionador. O que foi que aconteceu? Sem pensar o abraço em desespero. Shii. Calma. Vamos para a minha casa. Ele diz e me levanta abraçando meu corpo.

Entramos no carro e em nenhum momento ele deixou de me abraçar. Fui com a cabeça encostada em seu peito. Eu sabia que ele iria querer saber o que houve comigo, mas eu não estou preparada para contar isso a ninguém. Não agora, nem amanhã é talvez nunca revele isso. Tudo que passei ainda tenho que conviver com essa dor em meu peito de não poder ser mãe. Na casa dele, ele me leva para

um quarto e me deita.

- Quer conversar? Ele pede preocupado. Limpa meus olhos com seus dedos. Faço sinal de negação com a cabeça. Ele apenas assenti e me abraça. Ficamos ali até eu dormir cansada da manhã exaustiva que tive.

## **Capítulo 17**

Acordo em uma escuridão. Me sento limpando meus olhos. Olho todo o quarto escuro. Acho que dormi demais. Levanto e uma dor enorme me atinge. Tinha me esquecido dessa faixa que está apertando até à minha alma. Até para respirar está difícil. Arrumo meu cabelo antes de sair pela porta. Com certeza minha cara deve estar toda amassada e ainda horrível pela careta de dor. Olho corredor de um lado ao outro sem saber onde ir. Para que uma casa tão grande para um homem só?

- Boa tarde Srta! Uma senhora de cabelos meio ruivos aparece ao meu

lado. A Srta está bem?

- Boa tarde! Sra. Digo meio sem jeito. Sim estou. Ela deve ter percebido minha cara de dor.
- Sou Vera. A governanta do Sr Villaça. Ela fala com carinho.
- Meu nome é Dayane. Estou procurando a saída.
- Há claro, é por aqui. Ela aponta indo na frente.
- Renato está em casa? Peço descendo as escadas.
- Sim. Está no escritório. Ele me pediu para fazer algo para você comer, já está quase pronto.
- Não precisava se preocupar. Digo.
- Precisa sim. Renato aparece na ponta da escada. Você está desde cedo dormindo e tenho certeza que não comeu nada.
- Com licença. Vera diz e se retira.
- Como você está? Está melhor? Ele pede me olhando. Seu olhar é de preocupação.
- Estou melhor. Digo, mas por dentro não estou nada bem. Será difícil acostumar à ideia de nunca poder ser mãe.
- Não minta. Sei que não está. Seus olhos não conseguem mentir. Vem sente-se aqui. Ele pede me levando até o sofá. Me sento e ele senta depois de frente para mim. O que houve com você mais cedo. Sei que foi ao hospital e já não saiu de lá muito bem. Então me fale o que deu seus exames? Lágrimas vem aos meus olhos e eu não consigo dizer nada. Ele percebe e suspira. Dayane, olha para mim. Olho para ele já escorrendo lágrimas em meus olhos. Não quero que chore. Estou aqui para te ajudar.
- Você não pode me ajudar. Digo me levantando alterada. Ninguém pode me ajudar.
- Eles tocaram em você e isso trouxe um problema de saúde para você? Ele pede com jeito.
- Não. Eles não me tocaram.
- Então me diz o que está havendo? Não me deixe no escuro, porque me sinto impotente. Ele me abraça pelas costas e gemo de dor. Ele percebe e vem para minha frente. Eu te machuquei. Passa uma das mãos em meu rosto.
- Eu estou com três costelas deslocadas e inflamadas. Levanto a minha blusa até abaixo dos seios. Ele me olha e depois olha para meu corpo.
- Eu sinto muito. Mas o hospital que você estava tinham que ter tratado isso, são uns incompetentes. Renato se exalta. É por isso que você está assim? Suspiro.
- Não. Mas também não quero falar o que aconteceu. Não agora. Ele me

olha.

- Tudo bem, eu não vou insistir. Ele diz parecendo magoado.
- Olha é complicado para eu dizer algo tão íntimo, não quero que você pense que não quero dividir isso com você, porque não é. Eu só preciso de tempo.
- Já entendi. Não precisa se preocupar. Me sinto mal, porém neste momento só quero esquecer um pouco esse problema. Sei que jamais esquecerei, mas só hoje não quero lembrar tudo que tem acontecido na minha vida. O jantar está pronto. Pode ficar à vontade. Ele fala e sei que está chateado comigo.
- Você não vai jantar comigo? Peço querendo quebrar esse clima chato entre nós.
- Não. Não posso. Lembra que tenho um jantar de negócios? Vou me arrumar. Jante que te deixo em casa. Ele fala e sai. Merda, porque não me abrir com ele? Ele tem feito tantas coisas por mim, e isso não é justo. Vou para a cozinha e me sento na bancada.

Vera me serve uma lasanha que parece está muito boa, pois o cheiro está divino. Começo a comer e realmente está uma delícia. Essa mulher cozinha melhor do que eu. Sorrio com meu pensamento. Me lembro automaticamente de Cláudia. Droga, deveria ter ligado para ela para dizer onde estava. Mas também como faria isso, sendo que não tenho um celular? Eu preciso resolver isso, amanhã mesmo vou comprar um e resolver a questão da faculdade. Hoje meus planos foram atrapalhados, mas eu não posso ficar pensando nisso. Vou ocupar a minha mente.

Renato aparece vestido em um terno azul escuro, e eu fico aqui babando por ele. Ele está muito bonito assim, na verdade ele fica bonito de qualquer forma.

- Já terminou de comer? Ele pede ajeitando sua gravata.
- Sim. Estava uma delícia. Obrigado.
- Vou só pegar uma coisa no meu escritório é já vamos.
- Posso ligar para Cláudia do seu telefone? Preciso avisá-la.
- Já fiz isso mais cedo. Mas se você quer falar com ela fique à vontade. Ele realmente está chateado comigo. Bufo, sei que a culpa é minha. Não quero afastá-lo de mim. Ele não demora muito e volta com uma sacola. Isso é para você. São os remédios que os médicos receitou. Ele se preocupa a cada segundo.
- Não precisava. Eu passaria em uma farmácia e compraria. Digo e ele não

esboça nada.

- Vamos? Pede e eu assinto.

Chegamos no carro e Pierre já está com as portas abertas. Ele nos dar boa noite e depois de entrarmos dar partida no carro. O silêncio se instala no carro. Olho para ele que está olhando para fora. Não digo nada. Sei que não vai adiantar eu pedir desculpas ou dizer algo em minha defesa, pois não tem o que dizer.

Pierre entrar com o carro na casa de Cláudia. Estaciona o carro e sai para abrir a porta para mim.

- Nosso jantar ainda está de pé amanhã? Peço querendo saber se amanhã ele ainda vai querer me ver. Ele me olha.
- Sim. Não diz mais nada.
- Ok. Até amanhã então. Digo e ele assenti com a cabeça. Vou saindo do carro, mas ele segura meu braço. Eu olho sem entender o que ele quer.
- Não me afaste de você. Não procure meios para isso acontecer, porque eu não sou homem de desistir do que eu quero. Pisco várias vezes processando o que ele disse.
- Eu não quero que você se afaste de mim, só me entenda que ainda não estou preparada pra contar o que houve comigo.
- Eu entendo. Ele fala, mas sei que no fundo não entende. Boa noite. Ele diz e eu vou até ele e dou um beijo em seu rosto.
- Boa noite! Falo e saio do carro. Agradeço a Pierre.

Entro em casa com meus exames e meus remédios. Vou para meu quarto. Alguém bate na porta e já sei que é Cláudia.

- Entre. Digo e minha irmã entra com uma cara preocupada.
- Dayane, o que houve com você hoje? Renato me ligou dizendo que você estava no parque aos prantos. Algo deu errado em seus exames? Logo me vem à mente à impossibilidade de ter um filho. Meus olhos enchem de lágrimas e sei que isso vai me atormentar o resto da vida.
- Cláudia eu não quero falar disso agora. Me deixe processar meus exames e depois converso sobre isso. Digo limpando minhas lágrimas.
- Há meu coração. Eu estou aqui para você. Passa o tempo que passar estou aqui para e por você. Achei que seria mais difícil, mas foi fácil. Não quero falar disso com ninguém.

- Obrigada por me entender. Digo a abraçando devagar.
- De nada. Quando quiser se abrir estarei aqui. Você já jantou?
- Sim. Jantei na casa do Renato. Ela faz uma cara de quem quer saber o que estava rolando entre nós.
- Ainda não está rolando nada. Então pode desfazer essa cara de curiosa.
- Ainda? Ou seja minha irmãzinha está querendo dar uns pega no meu cunhado lindo? Ela pede sorrindo
- Não. Faz uma cara de que não entendeu. Não quero pegá-lo. Quero algo sério com ele. Não somente uns beijos, uns amassos. Ela sorriu amplamente.
- Fico feliz por vocês. Espero que dê certo. Renato é um encanto de pessoa, vocês dois merecem essa felicidade. Quem sabe daí sai um terceiro casamento? Casamento? Casamento leva à filhos, coisa que nunca poderei dar à ele. Novamente me vejo perdida. Será que é aconselhável me envolver com ele? O que ele falaria se soubesse que tem uma mulher vazia ao seu lado. Dayane, está tudo bem? Cláudia me traz de volta do meu martírio.
- Sim. Está. Porque isso tinha que acontecer comigo? Já não basta o que passei, e agora isso.
- Olha vou deixar você descansar. Amanhã conversamos mais.
- Você e o bebê estão bem? Indago, e ela me olha sorrindo.
- Sim, estamos. Na sexta feira saberemos o sexo. Sorrio.
- Estão querendo o que?
- Eu quero uma menina, Márcia também está torcendo para isso. Ela diz que não aguenta mais à casa cheia de homens.
- E que homens né Cláudia. Falo me abanando. Porque Márcia e Dantas souberam fazer filhos.
- Eu e Sarah falamos à mesma coisa quando conhecermos à família toda. Os três são lindo sem tirar e nem por.
- É, mas vindo uma menina aí com à genética deles, vocês estão perdidos. Eu e ela gargalhamos, mas eu travo, pois à dor lateja firme em minhas costelas.
- Tudo bem Dayane?
- Sim. Eu estou com três costelas deslocadas e inflamadas. O médico já enfaixou e passou remédios para eu tomar. Digo.
- Não é nada grave, é?
- Não. Já está sendo tratado. Agora vai descansar. Digo e ela vem e me dar um beijo na cabeça.
- Boa noite! Te amo.
- Eu também te amo. Boa noite! Digo.

Ela se vai e eu fico ali pensando se devo dar esse passo na minha vida. Me envolver com ele ou até mesmo outra pessoa pode trazer mais sofrimento à ambos. Me deito devagar e fico pensando nisso. Não quero ver ele sofrendo, ele não merece. Fecho meus olhos tentando buscar uma solução para isso. Talvez se contasse a verdade a ele, o mesmo tomava à decisão de se afastar de mim, e eu sofreria muito, mas não traria sofrimento à ele.

O dia amanheceu e eu já acordei pensando em contar a ele a verdade. Não quero esconder isso dele, nosso jantar será o divisor de água para à nossa futura relação. Eu preciso ser sincera desde agora para ambos não sofrerem mais tarde. Vou encarar isso, ou melhor, vou tentar encarar da melhor forma, apesar de não ter meios de encarar uma situação delicada dessa.

Passei o dia na faculdade resolvendo as minhas coisas. Faria uma prova daqui duas semanas, e se desse certo, já começaria à faculdade de arquitetura no próximo semestre. Estava empolgada com isso. Fui ao shopping também para comprar um celular. Não podia mais viver sem um meio de comunicação. Habilitei meu número, e já estava pronta para falar. O primeiro número que queria gravar aqui era dele. Suspiro, porque nosso jantar pode ser o primeiro e o último.

Cheguei casa e fui tomar banho. Tinha que ser rápida, pois ainda tinha que passar no médico para colocar novamente essa faixa com a tala, e viria correndo para a casa para me arrumar. Tomei banho e me arrumei para ir ao médico.

No médico, ele fez todos os procedimentos, além de me passar umas cantadas. Sair o mais rápido do consultório, não dando à mínima para o que ele falou. Cheguei em casa já umas sete e meia. Eu tinha meia hora para me arrumar. Ainda bem que já tinha tomado banho. Subi para meu quarto. Peguei o vestido que já tinha separado antes de sair. Coloquei ele com certa dificuldade, pois tudo doía em mim. Depois calcei meus sapatos em pé, para não precisar abaixar. Ouço uma batida na porta e peço para entrar. Cláudia entra e diz que Renato já estava me esperando. Ela me elogiou, dizendo que eu estava linda. Passei uma maquiagem leve em meu rosto, realcei meus olhos, e soltei meus cabelos em cachos. Pronto, eu estava realmente bonita para esse jantar.

Desci e Renato estava vestido de calça jeans escura e uma camisa pólo azul escura. Ele estava um gato.



- Você está linda! Ele fala sorrindo.
- Você também não está nada mal. Digo e ele sorri mais.
- Vamos? Pede me dando seu braço.
- Sim. Vamos.

Saímos e ele estava na direção dessa vez. Eu não sabia onde iríamos jantar, mas para mim, poderia ser qualquer lugar, pois com ele, não importava o lugar e mais nada. Conversamos sobre o que fizemos no dia. Adorei ouvir dele sobre o que ele fazia em relação ao seu trabalho. Ele é apaixonado pelo que faz.

Chegamos na Marina, e eu fico olhando sem entender o motivo da gente está ali. Ele sai do carro e dar à volta para abrir à minha porta. Abre e me dar a sua mão para me ajudar à sair.

- O que estamos fazendo aqui? Peço ainda confusa.
- Vamos jantar no meu barco. Achei melhor, sem muito olhares e ainda paparazzis querendo saber quem é à garota que está acompanhando Renato Villaça.
- Adoro quando você pensa nesses detalhes. Digo sorrindo.

No barco, fico encantada. É enorme e muito lindo, mas o que me impressionou foi à mesa montada para gente. Velas acesas tampada por um recipiente de vidro, vinho e taças sobre à mesa. E ainda tinha os talheres e pratos para o nosso jantar.

- Gostou? Ele pede parado do meu lado.
- Amei. Muito lindo. Falo sorrindo.
- Vamos nos sentar. Ele me encaminha até à mesa e puxa à cadeira para eu me sentar. Me sento, e ele se senta logo depois.
- Espero que você goste do jantar. Escolhi frutos do mar para gente com uma salada verde.
- Amo frutos do mar.
- Que bom.

O barco é colocado em movimento. Aparece um garçom para nos servir. O cheiro dos marisco está uma delícia. Começamos a comer e a conversar sobre nada em particular. Mas eu estava amando esse momento à sós com ele. Ele não poderia ter escolhido ambiente melhor. Assim pudemos ficar à vontade. Parecia

existir somente nós dois nesse ambiente.

Acabamos de comer e ele me disse que era para gente ir para trás do barco, tinha um sofá que seria mais confortável. Assim fomos. Me sentei e sentir sua mão tocar à minha. Uma eletricidade ocorreu todo meu corpo.

- Olha para mim. Ele pede com uma voz de derreter o coração. Olho para ele. Está nervosa?
- Não.
- Então me diz o que está pensando?
- Em nós. Um sorriso surge em seu rosto.
- Eu também. E então vamos mudar uma coisa entre nós? Suspiro porque não posso afirmar algo com ele sem contar à verdade.
- Não antes de falar algo para você. Ele me confuso.
- O que foi? Se for pelo assunto do médico, não precisa me dizer. Me conta no seu tempo. Ele é tudo que uma mulher gostaria.
- Não. Eu não posso ter um relacionamento com você antes de você saber o que houve comigo. Meus olhos já enchem de lágrimas.
- Não precisa falar Dayane.
- Preciso sim. Isso pode mudar sua opinião sobre ficarmos.
- Não vejo como. Dayane o que aconteceu com você não é culpa sua. Eu não preciso saber de mais nada. E isso não vai mudar o desejo que sinto por você, não vai mudar a vontade de ter você pra mim. A vontade de você ser só minha.
- Deixa eu falar. Falo chorando.
- Tudo bem. Mas já digo que nada que você disser vai mudar o que eu quero com você. Ele limpa minhas lágrimas com beijos em meu rosto. Ele pára e me olha esperando eu falar.
- Eu fiz vários exames, inclusive ginecológico. Suspiro. Descobrir que tive uma infecção urinária não tratada e isso fez com que afetasse meu útero. Começo à chorar mais.
- Calma. Não precisa continuar. Ele fala me abraçando. Eu sinto muito. Sei que está sendo difícil para você processar isso. Mas olha para mim. Olho para ele. Não é o fim. Hoje tem vários tratamentos para mudar isso.
- Não. Não Renato. À médica me garantiu que eu não posso ter um filho nunca. Você entende que eu não podia começar um relacionamento com você ou qualquer outra pessoa sem dizer isso? Poderíamos chegar daqui uns anos à planejar nossa vida juntos e não seria justo para você não saber disso.

- Eu entendo você. Porém eu não só o tipo de pessoa que ouvi somente uma opinião médica. À não ser que minha mãe esteja envolvida. Quero que você fique tranquila. Não fique pensando nisso. Vamos dar um jeito quando chegar à hora.
- Você não quer ter filhos?
- Quero Dayane. Quero ter uma família sim. Mas o fato de você não poder ter filhos não quer dizer nada para mim. Você pode ser mãe sim, se não pode gerar um filho, pode ser mãe de coração. Quando chegar à hora, se não houver mesmo a possibilidade, vamos adotar e seremos pais de coração, não precisamos ser de sangue. Então não fique se martirizando ou se culpando por isso. Teremos muito tempo para ver essa situação. Eu o abraço forte, mesmo sentindo uma dor enorme nas costelas. Ele sempre será meu porto seguro, ele sempre será meu anjo protetor e salvador. Me solto dos seus braços com calma e olho para seu rosto.
- Obrigado! Digo e ele me beija. Um beijo calmo e gostoso. Um beijo que estava esperando à muito tempo. Correspondo avidamente. Uma dança de línguas começa, nos deixando mais desejosos. Sentir o sabor dos seus beijos era algo mágico para mim. Era como se eu quisesse isso desde sempre, era como se eu precisasse dele mais do que nunca.

## **Capítulo 18**

Desde que Dayane acordou, meus pensamentos foram para ela. Não sei como explicar, mas vê-la em meus sonhos já me deixava mexido, e agora aqueles olhos azuis estavam bem abertos e ainda me olhando de uma forma intensa. E meu instinto protetor ficou mais aguçado. Eu não poderia deixar mais nada acontecer com ela, e faria de tudo para isso.

Os dias estavam passando e eu fazia de tudo para ela se sentir bem. Apesar de querer vê-la, eu resolvi dar espaço e tempo para ela assimilar e se acostumar com sua vida perto da sua família. Me mantive o mais longe e ao mesmo tempo perto, pois mandei uma personal de roupas para ela poder escolher, e cadeira de rodas até ela poder se movimentar adequadamente sobre a suas pernas, sabia que ela iria me ligar. Eu não queria os agradecimentos dela, queria somente ouvi sua voz, que ficou gravada em minha mente.

Fiquei dias afastado até mesmo devido à minha viagem, porém estava louco para vê-la. Eu tinha certeza que alguma coisa me atraía para ela. Fora os sonhos que ainda tinha com ela, sempre sobre à minha pele, parecia que após o sonho eu sentia realmente os seus beijos, porque minha boca acordava com um sabor diferente. E quando voltei de viagem, eu estava determinado à mudar as coisas

entre nós, por mais que fosse cedo demais para isso, eu não conseguia deixar de pensar nela, deixar de querê-la a todo tempo.

Voltei de viagem e levei flores, claro que para não dar margens aos nossos familiares ainda sobre as minhas intenções com Dayane, eu levei flores para todas as mulheres da casa. Era o jantar para anunciar à gravidez de Cláudia, então era como se fosse um presente para ela e para as demais um agrado. Fui ao quarto de Dayane e lá estava ela linda. Seus olhos e sorriso estavam bem vividos em seu rosto. Foi bom ouvi-la e ver que ela estava se recuperando bem. No jantar já tratei de expor à ela sobre o perigo que à mesma corre, principalmente com o casamento se aproximando. Eu não quero e nem queria ela exposta. Ainda bem que ela concordou comigo. Sarah iria escolher as fotos para serem publicadas no jornal, então tudo seria mais fácil.

Com o passar dos dias, ela voltou à andar e com isso pedir à Pierre para separar dois seguranças para andar com ela, e mais dois seguranças paisano nas ruas, eles também estariam onde ela estivesse. Eu a cercaria por todos os lados, nada e nem ninguém iria tirá-la da sua família de novo e pior ainda, não iriam conseguir tirá-la de mim.

No casamento ela estava deslumbrante naquele vestido amarelo. Confesso que senti uma pontada de ciúmes daqueles cara comendo ela com os olhos. E me deu mais raiva ainda vê-la conversando com o bastardo do Fernando, que se diga de passagem está na minha lista de investigados. No mesmo dia mandei Pierre pesquisar tudo sobre ele. Ir à fundo na vida pessoal, profissional dele. Queria saber até à última garota que ele levou para cama. Não iria de maneira nenhuma deixar ele chegar perto de Dayane, ainda mais depois de ver a cara de abusador que ele tem. Mas ele não perde por esperar. Eu quando me proponho à fazer o dever de casa, faço direito e vou até o fim.

Ela me propôs um jantar, e eu achei ótimo, era à oportunidade de conversar à sós e ainda de tentar mudar as coisas entre nós. Eu à queria e estava esperando que ela também me quisesse. Passamos o domingo bem e quando foi na segunda eu fui avisado por Pierre que Dayane não estava bem. Ela tinha saído do médico abalada. Claro que eu não esperei ele terminar e liguei para um dos seguranças. Ele me disse que ela estava indo para o parque. Pedi a Pierre para me levar logo para lá. Cheguei o mais rápido no parque e à vi chorando muito. Meu coração parou de bater, pois tinha certeza ali que os malditos havia tocado nela, e a mesma descobriu da pior forma. Levei ela para casa e deixei à mesma descansar

e se acalmar.

Liguei para Cláudia dizendo que Dayane estava na minha casa, pois estava abalada com alguma coisa. Cláudia queria vir vê-la, mas eu disse que não precisava pois à mesma tinha dormido e assim que acordasse eu conversaria com ela e levaria embora. Passei o resto do dia trabalhando em meu escritório em casa. Estava preocupado com ela. Vera aparece e disse que Jéferson, um dos seguranças entregou as coisas da Srta Albuquerque. Vi que tinha três envelopes do hospital, e também uma duas receitas médicas. Chamei Pierre e pedi para ele comprar os remédios dela.

Dayane acordou quase às seis da tarde. Tentei conversar com ela, queria que ela me contasse o que houve com ela, mas foi em vão. Ela chorava, mas nada saía da sua boca, à não ser que ela não queria falar sobre o assunto. Confesso que fiquei chateado. Ela confiou em mim sua vida, e agora não confiava em mim para revelar um problema de saúde. Não insiste, e me deixei levar pela raiva. Sei que ela percebeu e tentou mudar o clima entre nós, porém esse clima já estava perdido à muito tempo. Me arrumei para o jantar de negócios que tinha naquela noite, mas minha cabeça não parava de pensar nela o tempo todo, em como seus olhos azuis demonstrava uma tristeza profunda. Eu sei que estava agindo errado ficando chateado com ela por ela não me contar, porém algo dentro de mim não queria saber desse meu egoísmo, só queria saber o que estava acontecendo com ela e cuidar dela.

Hoje seria nosso jantar. Eu estava muito empolgado com isso. Tirei da mente de tentar saber o que houve com ela, pois na hora certa ela me contaria. O dia passou arrastado demorando uma eternidade para chegar a noite, mais exatamente a hora do jantar, mas enfim chegou. Já estávamos no meu barco. Quis jantar aqui, para preservá-la mais. Ainda não é hora das pessoas vê-la e ainda tirarem foto dela.

Seu sorriso foi o melhor quando viu a mesa e a decoração da mesma. Eu tinha pedido que fosse colocado uma mesa para jantar à dois. Velas dava o toque romântico para o lugar. Conversamos muito sobre coisas banais, entretanto o que eu queria mesmo era falar sobre nós. Sobre termos um compromisso sério um com outro. Namorarmos, coisa eu não fazia a muito tempo. Acabamos o jantar é essa era à hora de fazer as coisas acontecer entre nós. Não queria correr antes de andar, porém não queria perder mais tempo dando espaço a ela.

- Olha para mim. Peço, pois sinto que ela está nervosa. Está nervosa?
- Não. Ela responde me olhando.
- Então me diz o que está pensando? Quero saber tudo que ela pensa.
- Em nós. Um sorriso surge em meu rosto. Fico feliz que ela esteja pensando em mim, assim como estou pensando nela.
- Eu também. E então vamos mudar uma coisa entre nós? Vejo ela suspirar e olhar para seus dedos. Ela não quer o mesmo que eu. Parece que meu coração parou de bater.
- Não antes de falar algo para você. Fico confuso.
- O que foi? Se for pelo assunto do médico, não precisa me dizer. Me conta no seu tempo. Vejo ela dar um sorriso de lado, mas sua postura não muda. Ela ainda não se sente segura.
- Não. Eu não posso ter um relacionamento com você antes de você saber o que houve comigo. Vejo seus olhos encherem de lágrimas e me sinto mal por ter insistido nisso ontem. Ela está realmente abalada. Tenho certeza que aqueles malditos encostaram à mão dela. Meu instinto protetor já fica em alerta.
- Não precisa falar Dayane. Falo fechando meus olhos, tentando não pensar no que fizeram com ela.
- Preciso sim. Isso pode mudar sua opinião sobre ficarmos. Nunca isso iria acontecer. Ela não tem culpa do que houve com ela.
- Não vejo como. Dayane o que aconteceu com você não é culpa sua. Eu não preciso saber de mais nada. E isso não vai mudar o desejo que sinto por você, não vai mudar a vontade de ter você pra mim. A vontade de você ser só minha. Me declaro para tentar deixá-la mais tranquila.
- Deixa eu falar. Fala chorando.
- Tudo bem. Mas já digo que nada que você disser vai mudar o que eu quero com você. Limpo suas lágrimas com beijos em seu rosto. Paro e fico esperando ela falar.
- Eu fiz vários exames, inclusive ginecológico. Suspira. Descobrir que tive uma infecção urinária não tratada e isso fez com que afetasse meu útero. Ela chora mais, e eu não sei o que fazer para acalmá-la. Eu sinto muito por tudo isso que está acontecendo com ela. Não poder ser mãe para uma mulher é como se tirasse uma parte da sua vida.
- Calma. Não precisa continuar. Digo a abraçando. Eu sinto muito. Sei que está sendo difícil para você processar isso. Mas olha para mim. Ela olha com, seus olhos vermelhos. Não é o fim. Hoje tem vários tratamentos para mudar isso.

- Não. Não Renato. À médica me garantiu que eu não posso ter um filho nunca. Você entende que eu não podia começar um relacionamento com você ou qualquer outra pessoa sem dizer isso? Poderíamos chegar daqui uns anos à planejar nossa vida juntos e não seria justo para você não saber disso. Nobre da parte dela pensar em mim quando deveria pensar nela, em sua dor
- Eu entendo você. Porém eu não só o tipo de pessoa que ouvi somente uma opinião médica. À não ser que minha mãe esteja envolvida. Quero que você fique tranquila. Não fique pensando nisso. Vamos dar um jeito quando chegar à hora.
- Você não quer ter filhos? Meu sonho futuramente, mas isso não quer dizer que tenha que ter filhos de sangue meu. Claro que seria uma alegria ter uma cópia minha e dela dentro de casa.
- Quero Dayane. Quero ter uma família sim. Mas o fato de você não poder ter filhos não quer dizer nada para mim. Você pode ser mãe sim, se não pode gerar um filho, pode ser mãe de coração. Quando chegar à hora, se não houver mesmo a possibilidade, vamos adotar e seremos pais de coração, não precisamos ser de sangue. Então não fique se martirizando ou se culpando por isso. Teremos muito tempo para ver essa situação. Ela me abraça forte e tento passar confiança e segurança para ela. Eu estarei sempre do lado dela, independente se não dermos certo, vou sempre à proteger. Ela se solta dos meus braços e me olha com um brilho no olhar.
- Obrigado! Ela diz e eu a beijo Um beijo calmo e quente ao mesmo tempo. Um beijo que eu queria à muito tempo, pois sentia ele em meus sonhos. E agora era real. O sabor do seu beijo era algo surreal. Correspondo avidamente. Uma dança de línguas começa, nos deixando mais desejosos. Ela estava em meus braços e tudo que eu queria era ter ela para sempre aqui comigo. Protegê-la para sempre, e à qualquer custo. Dar tudo que ela quisesse. E se futuramente ela quisesse um filho, independente se fosse biológico ou não eu daria isso a ela. Cessamos o beijo. A olho feliz por sentir ela tão perto.
- Então Srta Albuquerque, aceita meu pedido de namoro? Questiono olhando aquelas duas esferas azuis.
- Aceito Sr Villaça. Ela diz sorrindo e eu a beijo mais.

A nossa noite não poderia ter terminado melhor. Eu estava muito feliz de tê-la para mim e ela também. Eu deixei ela na casa de Cláudia depois de namorarmos um pouco mais. Dormir e acabei sonhando com ela, com o sorriso dela. Eu tinha certeza dentro de mim que a gente seria um eterno casal.



Já estava no escritório trabalhando muito. Meu dia seria cheio. Francielle me disse que Pierre queria falar comigo, e eu tive que arrumar um tempo na minha agenda para ele. Mas antes queria falar com Jonh, meu funcionário que atua para produzir programas e objetos tecnológicos. Eu queria proteger Dayane à todo custo, e mesmo que tivesse seguranças com ela o tempo todo, eu não poderia deixar nada à desejar. Ainda não sabíamos direito quem estava com ela e também se estavam à procurando. Jonh entra na minha sala depois que Francielle o anuncia.

- Boa tarde Sr Villaça. Ele me cumprimenta com um aperto de mão.
- Boa tarde Jonh. Sente-se por favor. Peço e ele se senta.
- O que o Sr precisa de mim? Pede em seu modo amigável.
- Eu preciso que você construa um rastreador para mim bem pequeno. Quero que seja colocado em um colar, mais exatamente em uma gargantilha.
- Posso ver à gargantilha Sr?
- Ainda não. Vou comprar hoje, mas já quero que comece a elaborar isso.
- Ok. Vou ter um trabalho, mas farei o que o Sr deseja.
- Não quero saber dos custos. Só quero saber disso pronto. Te passo à gargantilha amanhã pela manhã. Digo e ele assenti.
- Deixa eu trabalhar nisso então. Ele se levanta e me cumprimenta com um aperto de mão.

Só preciso ter certeza que Dayane não tire essa gargantilha nunca do pescoço, ou pelo menos até saber quem está atrás dela e pôr atrás das grades. Não quero deixar nada à desejar em relação à proteção dela, e também não quero que ela saiba de nada que estou fazendo para cercá-la de cuidados. Não quero que ela fique paranóica, e até mesmo com medo de fazer suas coisas. Ela tem que continuar sua vida e seus planos. Não quero que ninguém tire isso dela.

## **Capítulo 19**

Depois de conversar com Jonh, voltei à minha atenção para meu trabalho. Não tive tempo de ligar para Dayane. Ela havia me passado seu número ontem, e

ainda mal tivemos tempo de nos falar. Queria muito ouvir à voz dela, porém mais tarde eu vou passar na casa do meu irmão para vê-la.

No final da tarde Pierre aparece. Ele não estava com uma cara muito boa e eu imaginava que tinha à ver com o sequestro de Dayane. Não tirei meus homens de cima desse problema. Quero achar de qualquer forma essa ou essas pessoas que queriam ela. Se for tráfico humano pelo menos vou ajudar desmontar uma de tantas redes.

- Então Pierre, o que você tem para mim? Peço me sentando em minha cadeira. Alguma novidade das pessoas que estavam com Dayane?
- Ainda não Sr. Villaça. Mas tenho algo sobre o Sr. Monteiro. Ele fala e eu fico em alerta.
- Pode falar. Peço sem rodeios.
- O Sr. Monteiro é um fotógrafo de modelos. Até aí eu já sabia. Dou de ombros. Mas não é só isso, ele tem um serviço secundário, onde ninguém desconfia de nada.
- O que é? Peço
- Ele alicia menores de idade. Propõe vida fácil para muitas mulheres.
- Não entendi. Ele oferece vida de modelos para essas meninas e mulheres? Questiono não entendendo.
- Ele promete vida de modelo em Londres, mas não é isso que acontece. Fico em alerta. Ele leva as meninas para serem prostitutas. Me levanto não acreditando nisso.
- Você tem certeza disso? Questiono. Não é possível isso. Esse cara estava dentro da casa dos meus pais. Lembro dos olhos dele em cima de Dayane. Lembro também do convite que ele havia feito à ela de ser modelo. Meus punhos fecham automaticamente, como se tivessem pronto para socar aquele maldito.
- Tenho Sr. Ele está aqui para levar mulheres para esse mundo. Dou um soco na minha mesa. Pierre nem se abala.
- Bastardo de Merda. Filho da puta. Eu quero ele preso. Assim ele pode entregar quem é que está com ele. Falo.
- Não é fácil Sr. Fernando Monteiro não é americano. E como manda as leis aqui, ele pode ser extraditado para seu país de origem, e lá ele pode ficar solto até provarem realmente o que descobrimos.
- Então não podemos fazer nada? Indago indignado.
- Somente torcer para ele errar aqui. Mas o cara trabalha muito bem, não

dar muito na cara o que faz. Tira fotos das garotas, propõe que elas vão para Londres para serem modelos lá.

- Ele faz todo o processo? Questiono querendo saber se tem mais gente envolvida com ele.

- Ele só leva elas para lá. O resto fica com um cara chamado Lucas Castro. Olho para Pierre.

- Tem os dados deste Lucas?

- Estamos trabalhando nisso, porque esse nome pode ser fictício. Não achamos muita coisa sobre ele. Fora que trabalha em Londres em uma Rede de supermercados. Ele é administrador. Tem uma irmã chamada Júlia e uma mãe chamada Stacy Castro. Ambas sem emprego, porém com uma conta bancária bem gorda. Pesquisei as contas de ambos, todo mês tem valores exorbitantes entrando na conta de cada um. Inclusive de Fernando.

- Pierre eles não tem alguma coisa haver com o sequestro de Dayane? Não pode haver ligação? Já começo à querer encontrar algo que nos deixe mais à frente desses nojentos.

- Estamos tentando ligar eles ao sequestro dela, porém até agora nada.

- Eu quero você e seus homens fiquem na cola desse Fernando e também deste Lucas. Temos que encontrar um jeito de prender esses doentes.

- Já estamos nisso. Queria dizer também que a Srta Monteiro está sendo aliciada. Já olhei e vi que ela tem passagem comprada para Londres.

- Quem é essa Srta Mendes? Peço sem saber quem é essa.

- A Srta Mendes é amiga da Sra Villaça.

- Seja mais claro Pierre. Indago impaciente.

- A Srta Sabrina, amiga da Sra Villaça.

- Mil vezes Merda. Esqueci que ele estava ou estar namorando ela. Pierre não podemos deixar ela embarcar nesse voo.

- O que o Sr quer que faça? Ele pede, e eu tenho que agir o mais discreto possível. Até mesmo para não atrair nada para Dayane.

- Não podemos deixar eles desconfiar de nada. Meu nome e os seus não podem estar envolvido nisso. Temos que agir discretamente, mesmo porque se eles tiverem mesmo envolvidos no sequestro de Dayane, podemos atrair eles para perto dela, e isso não podemos deixar. Eu faria um inferno da vida deles antes de chegar até ela. Mas temos que tirar Sabrina dessa situação, não só ela, como as outras também.

- Como Sr?

- Não sei Pierre. Quando é que elas vão?

- No sábado.

- Vamos pensar em algo até quinta, mas vamos tirar essas meninas dessa

enrascada. Digo

- Ótimo. Entrarei em contato com o Sr assim que tiver algo em mente.

- Faça isso. Vou pensar em algo também, para tirar essas garotas dessa enrascada. Digo e fico pensando em quantas pessoas querem viver um sonho e não olham primeiro no que estão se envolvendo.

Pierre vai embora e eu olho no relógio já estava na minha hora. Ainda tinha que passar na joalheria. Pierre havia ligado para eles cedo, para que os mesmos fechassem à loja para que eu pudesse ter privacidade e comprar a gargantilha. Pego minhas coisas e vou embora. Estou muito preocupado com esse Fernando rondando minha família. Agora mais que tudo tenho que proteger Dayane.

Na joalheria vejo todos os tipos de gargantilhas, umas com pingentes, outras sem. Estou no balcão olhando uma por uma que a atendente mostra. Ainda não encontrei o que combina com Dayane. Pois apesar de conhecer ela a pouco tempo, eu sei que ela é meiga, então quero algo que combine com a sua meiguice. Que combine com sua personalidade alegre. Paro de olhar o que a moça me mostra e olho os que têm no balcão. Vejo um conjunto lindo de Gargantilha com um anel. Peço à moça que estava me atendendo para deixar eu ver e assim ela faz.

O anel tem o símbolo de infinito com um pingente de coração. E a gargantilha tem dois búzios representando os pingentes. Ideias para colocar os rastreadores. Pensei que também o anel poderia ser usado para isso, já que tem menos facilidade de ser tirado do dedo. A gargantilha, ela pode ser usada, mas também pode ser tirada do pescoço e Dayane pode esquecer de colocar de novo. Agora o anel não. Esse será usado com mais frequência.

Compro os dois e vou embora mais tranquilo. O que eu puder para deixar ela mais segura, farei. Entro no carro e questiono a Pierre se os seguranças passaram um relatório do dia sobre Dayane. Ele me diz que sim, e que neste momento ela está no hospital.

- Hospital? Porque hospital? Questiono preocupado. Ela está a passando mal Pierre? E porque ninguém me avisou mais cedo?

- Calma Sr. Parece que ela tem uma consulta todos os dias às seis horas. Eu não sei direito para que? Mas o caso é que ela vai ao hospital todos os dias à tarde. Pierre fala tentando me acalmar. Porém eu não vou ficar calmo

até saber de fato o que está havendo.

- Me leve para o hospital que ela está. Digo e ele apenas assenti.

Ela não me disse nada de hospital. Quero só entender os motivos dela ter que ir ao hospital todos os dias. Não demora muito e já estamos na porta do hospital. Não espero Pierre abrir à minha porta e já entro no mesmo. Pego meu celular e ligo para Dayane para saber onde ela está neste bendito hospital, mas seu telefone não atende, indo para caixa postal. Merda, mil vezes Merda. Pierre aparece do meu lado. Ele me diz que estão no terceiro andar na sala 304. Vou para lá correndo. Quando chego, os dois seguranças estão apostos na porta do consultório. Eles me vêm e me dão boa noite.

- À Srta Albuquerque está aí dentro?
- Sim Sr. Um dos seguranças diz.
- Quanto tempo?
- Uns dez minutos Sr. Assinto. Fico olhando no meu relógio e andando de um lado ao outro. Se ela não sair dessa sala em dez minutos eu vou entrar. Penso comigo.

Vejo meus seguranças olharem para mim, mas não dou à mínima. Eu só quero que ela saia daquele consultório bem. Dez minutos se passam e nada. Mais cinco minutos e nada. Eu já estava pronto para entrar na sala quando Dayane sai da sala com uma cara de dor. Um homem jovem vestido de branco aparece atrás dela muito sorridente.

- Tome os analgésicos para parar à dor. Ele fala e ela assenti e depois olha para mim.
- Renato. Ela pede sorrindo, mas logo fecha a cara de dor.
- Oi. Vim te buscar. Digo chegando perto dela. Você está bem?
- Sim. Só com dores por causa das faixas e talas apertando minhas costelas. Olho para o médico que parece não ter gostado de me ver. Algum problema Dr?
- Não. Daqui uns dois meses acho que ela já estará boa. Eu não perguntei se tinha algum problema com ela, mas sim, se ele tinha algum problema comigo, pois estava me olhando com uma cara de quem comeu e não gostou.
- E porque ela tem que vir aqui todos os dias? Questiono querendo entender o motivo disso tudo.

- Porque precisamos fazer à troca das talas e faixas. Ele me responde como se fosse lógico. Porém ele não sabe com quem está lidando.
- E porque isso não pode ser feito em casa? Pelo que sei o hospital disponibiliza enfermeiras para realizar esses tipos de tarefas, e assim ela só teria que vir aqui para fazer exames que comprovem à melhora.
- Achei melhor eu mesmo fazer isso. Mesmo porque o caso dela já estava bem avançado. Bem nobre da parte dele. Pelo jeito temos aqui um admirador.
- Então Dr, vamos fazer assim. À partir de amanhã, esse procedimentos serão feitos na casa dela. À mesma só irá vir aqui quando tiver que fazer os exames.
- O Sr não é meu paciente para decidir isso. Eu tenho que conversar com ela. Bem abusado. Saio de perto de Dayane e vou para o frente dele. O mesmo dá um passo para trás.
- Faz um favor para mim. Amanhã passa no RH e peça suas contas. Digo e ele pisca várias vezes.
- Renato, por favor, não é necessário isso. Dayane diz ao meu lado. Olho para ela que está com os olhos suplicante.
- Salvo Dr. Mas já digo está na minha lista. Eu não costumo voltar atrás em minhas decisões. E cuidado com que você faz e fala para ela. Sua demissão pode ser o menor dos seus problemas. Digo e viro para ir embora.

Dayane vem do meu lado, porém calada e não me olha. Já comecei à ferrar com nosso namoro. Um dia de namoro, e já vamos ter uma discussão. Bufo. Entramos no carro.

- Você vai conversar comigo ou não? Peço já nervoso por ela está nesse silêncio todo.
- Você não pode decidir as coisas por mim. Você por acaso me perguntou se eu que quis vir todos os dias aqui? Por que atacar o médico daquele jeito?
- Eu só achei ele abusado demais para cima de você. E realmente você tem razão. Eu não posso decidir as coisas por você. Me perdoa. Falo pegando na mão dela. Mas ela não me olha. Vira seu rosto para à janela.
- Espero que você esteja me levando para casa de Cláudia. Minha noite tranquila com ela já era.
- Sim, estou. Suspiro.

Não conversamos mais o caminho todo para casa de Cláudia. Eu só queria que

ela me entendesse. Sei que me intrometi em algo que ela decidiu para vida dela, mas fiquei puto ao ver aquele médico todo sorridente para ela.

Chegamos na casa de Cláudia e eu desço para abrir a porta do carro para ela. À mesma desce sem dizer nada. Acompanho ela até a porta. Antes dela entrar ela me olha.

- Gosto desse seu lado protetor. Amo que você queira me proteger de tudo e de todos, mas não quero que isso faça você querer decidir as coisas por mim.
- Já não está mais aqui quem decidiu algo por você. Isso não vai voltar a acontecer. Amanhã você vai poder continuar com suas consultas com o médico da sua escolha. Falo sarcástico
- Boa noite Renato. Ela diz e entra deixando a porta aberta. Fecho a mesma e volto para meu carro. Minha noite será uma maravilha. Até imagino o sonho que vou ter com essa marrentinha.

Acordo depois de uma noite sem sonhos. Tomo banho e me arrumo. para mais um dia de trabalho. Dou bom dia à Vera, e tomo meu café da manhã. Vou para empresa pensando na minha namorada estressadinha.

Na parte da manhã fico assinado e revendo contratos. Vou até a sala do Jonh e entrego a ele a gargantilha com o anel. Ele me olha parecendo não gostar do tamanho dos objetos. Mas ele trabalha para mim há anos e já fez coisas impossíveis, isso aqui será nada para ele. Saio da sala dele sorrindo. Espero que ele não demore com isso. Chego no meu andar, e Francielle já vem para meu encalço, porém eu não espero ela falar e já entro na minha sala dando de cara com Paula.

- Paula, o que faz aqui? Peço intrigado. Tem anos que não há vejo. Olho para o sofá e tem uma Dayane com a cara não muito boa. Era só que me faltava para aplacar a nossa discussão.

## Capítulo 20

Eu amei ouvir de Renato que ele não se importava que eu não pudesse ter um filho. Suas palavras ainda me fazem criar expectativas com o nosso futuro, por mais que parecesse cedo demais para isso. Eu não me cansava de admirá-lo, de saber que à primeira vez que o vi naquela foto de jornal ele seria a pessoa certa para me salvar e cuidar de mim. Eu não podia ter uma pessoa melhor como namorado e amigo. Ele é meu namorado. Meu namorado e eu farei de tudo para esse status mude somente para noivos e marido futuramente. Dormi pensando nisso e com um sorriso enorme no rosto.

Acordei bem disposta. Cheguei na sala de jantar Cláudia estava conversando com Sarah via Skype. Eu já estava morrendo de saudades dela. Conversamos muito, e minha irmã estava radiante. Diz ela que sua lua de mel estava perfeita. Desligamos porque Maycon já estava chamando ela para um passeio. Sarah tinha ido passar à lua de mel na Itália, ela não parou de dizer como o país é lindo.

Cláudia logo depois do café havia ido trabalhar, e eu fiquei em casa não fazendo nada. Eu não via a hora dos meses acabarem logo para eu começar a faculdade. Assim eu teria uma ocupação na minha vida. Passei o dia todo sem fazer nada.



Estava querendo ligar para Renato e ouvir à voz dele, mas não o fiz. Achei que ele estava ocupado demais para falar comigo, então deixei para lá. À noite à gente iria se ver mesmo, não teria porque interromper seu trabalho.

Já era noite e eu estava no consultório do Dr. Ele fez as checagem em minhas costelas que ainda estavam doendo. Mas ele me garantiu que em menos de dois meses eu estaria bem.

- Depois que você melhorar, podemos marcar de sair. O que à Srta acha de comemorar sua melhora? Ele pede e eu preciso dar um jeito de cortar isso agora, antes que mais tarde seja tarde.
- Não posso e nem quero Dr. Eu tenho namorado, então não será possível.
- Desculpe, achei que você fosse solteira.
- Não sou. Mas me diz onde está a ética de não sair com seus pacientes? Peço séria.
- Quando terminarmos o tratamento à Srta não será mais à minha paciente. Ele diz com meio sorriso.
- Eu não estou ao seu alcance. Já disse que tenho um namorado.
- Ok. Mas isso não impede que sejamos amigos. Ele sorriu amplamente.
- Já terminou Aqui? Indago querendo esquecer esse assunto.
- Sim. Que ótimo.
- Bem, obrigada e até amanhã. Falo e abro à porta.
- Tome os analgésicos para parar à dor. Ele fala e eu assinto. Levanto à minha cabeça e vejo meu lindo namorado vestido de terno e gravata. É um pecado esse homem ser tão lindo.
- Renato. Indago sorrindo, porém meu sorriso morreu ao sentir uma dor latejar as minhas costelas.
- Oi. Vim te buscar. Ele chega perto de mim. Seu perfume me deixa em êxtase. Você está bem? Pede parando na minha frente.
- Sim. Só com dores por causa das faixas e talas apertando minhas costelas. Ele desviou seus olhos de mim para o médico, que não tinha percebido, estava parado nos olhando. Algum problema Dr?
- Não. Daqui uns dois meses acho que ela já estará boa. Não era o que ele queria ouvir.
- E porque ela tem que vir aqui todos os dias? Ops, porque não questionou a mim?
- Porque precisamos fazer à troca das talas e faixas. O médico responde o óbvio.
- E porque isso não pode ser feito em casa? Pelo que sei o hospital

disponibiliza enfermeiras para realizar esses tipos de tarefas, e assim ela só teria que vir aqui para fazer exames que comprovem à melhora. Não acredito que Renato está querendo me proibir de vir ao hospital.

- Achei melhor eu mesmo fazer isso. Mesmo porque o caso dela já estava bem avançado. Vejo Renato comprimir seus lábios.

- Então Dr, vamos fazer assim. A partir de amanhã, esse procedimentos serão feitos na casa dela. A mesma só irá vir aqui quando tiver que fazer os exames.

- O Sr não é meu paciente para decidir isso. Eu tenho que conversar com ela. Merda.

- Faz um favor para mim. Amanhã passa no RH e peça suas contas. O que? Esse homem ficou louco?

- Renato por favor não é necessário isso. Dayane diz ao meu lado. Ele me olha e suaviza seu semblante.

- Salvo Dr. Mas já digo está na minha lista. Eu não costumo voltar atrás em minhas decisões. E cuidado com que você faz e fala para ela. Sua demissão pode ser o menor dos seus problemas. Meu namorado fala e sai.

Vou andando do seu lado com raiva por ele está querendo decidir as coisas por mim. Ele não pode chegar aqui ou em qualquer lugar e achar que pode agir como agiu. Demite o médico por algo tão banal? Onde já se viu isso, além do mais que poder é esse que ele tem de demitir o médico? O hospital é dele por acaso? Entro no carro sem falar nada. Mas o silêncio termina quando ele indaga para mim.

- Você vai conversar comigo ou não? Indaga nervoso.

- Você não pode decidir as coisas por mim. Você por acaso me perguntou se eu que quis vir todos os dias aqui? Por que atacar o médico daquele jeito?

- Eu só achei ele abusado demais para cima de você. E realmente você tem razão. Eu não posso decidir as coisas por você. Me perdoa. Pega na minha mão, mas eu não quero saber. Se ele tivesse acompanhado à conversa dentro do consultório eu dava razão, mas por nada ele resolveu ficar estressadinho. Viro meu rosto para à janela.

- Espero que você esteja me levando para casa de Cláudia. Falo ainda olhando para fora.

- Sim, estou. Ele suspira.

O que deveria terminar em uns beijos, termina nisso. Porém eu não posso deixar ele controlar a minha vida. Tem decisões que devem ser tomada por mim e só

por mim. Ele como meu namorado não pode fazer um escasso por nada. Chegamos na casa de Cláudia, e ele saiu do carro e abriu a porta pra mim. Passei pelo mesmo sem olhá-lo. Ele me seguiu até a porta.

- Gosto desse seu lado protetor. Amo que você queira me proteger de tudo e de todos, mas não quero que isso faça você querer decidir as coisas por mim. Falo suavemente para acabar com esse clima chato entre nós.
- Já não está mais aqui quem decidiu algo por você. Isso não vai voltar a acontecer. Amanhã você vai poder continuar com suas consultas com o médico da sua escolha. Ele diz com sarcasmo, e isso foi a gota d'água.
- Boa noite Renato. Digo entrando, não querendo ouvir mais nada. Deixei a porta aberta, pois talvez ele quisesse conversar com Cláudia e Mauricio. Subir para meu quarto.

Cláudia aparece no meu quarto perguntando se estava tudo bem. Digo que sim, só estava irritada com Renato.

- Não acredito que já tiveram a primeira briga? Minha irmã pergunta com certo divertimento na voz.
- Você acredita que Renato queria mandar o meu médico embora? Que poder esse homem acha que tem? Indago revoltada.
- O de ser Dono? Cláudia fala enrugando a testa.
- Como assim dono? Questiono olhando para ela.
- Dayane, seu namorado é dono do hospital junto com Márcia. Fora que ele é dono de quase Rio de Janeiro toda. Abro minha boca em choque.
- Eu sabia que ele era dono de algumas empresas, mas não de Rio de Janeiro. Digo ainda perplexa.
- Pois é. Diferente dos irmãos, Renato investiu aqui na cidade e lucrou e lucra bastante com isso. Porém em diga, o que fez ele querer mandar seu médico embora.
- Nada, o cara só respondeu uma pergunta que ele havia feito e Renato não gostou.
- Então você está sem médico?
- Não. Eu tive que intervir na confusão.
- Se eu fosse você tinha deixado. Renato não costuma voltar atrás na decisão. E se ele fez isso foi por você, mas pode ter certeza que ele ficará de olho nesse médico.
- Não tem o porque, eu já coloquei o médico em seu lugar.

- Opa, então teve algo à mais aí que você não contou.
- Teve, mas Renato não sabe e nem viu. O médico me chamou para sair e eu o cortei logo.
- Espero que quando isso acontecer com ele, você não fique chateada com ele, pois o cara está demonstrando seus sentimentos e você está aí o condenando. Outra mulher paquerando Renato? Chamando ele para sair? Será que ele me contaria? Será que ele faria o mesmo que eu? Cortaria o mulher e diria que tem namorada? Não quero pensar nisso. Já vi que ficou mexida, pense bem no que eu disse. Cláudia fala se levantando. Vamos jantar daqui à pouco.

Cláudia sai do quarto e eu não gostei da ideia de outra mulher paquerando meu namorado. Mesmo que tenhamos um dia de namoro, ele é meu, e jamais darei brechas para outra mulher entrar na vida dele. Vou para o banho tentando dissipar esse pensamento.

Eu quase não consegui dormir, até cheguei à sonhar que outra mulher estava na vida dele. Eu não posso continuar brigada com ele. Me levanto e me arrumo. Já era quase à hora do almoço, talvez ele queira almoçar comigo. Busco o nome da empresa dele na internet para saber o endereço, porém acabei lembrando que os seguranças sabem o endereço. Então entro no carro e já peço para me levar a empresa de Renato.

Na empresa me identifico e digo que quero falar com Renato. À recepcionista me olha com cara de desdém e me questiona se eu tenho hora marcada com ele. Digo que não, e ela não me deixa nem continuar. Pede para eu marcar uma hora. Bufo. Mas um dos seguranças vem ao meu socorro e diz que eu não preciso marcar hora. Eu sou à namorada do Chefe. Ela fica sem graça e me dar um crachá. O segurança me encaminha para o elevador privado. Ele me diz que o elevador vai direto para à sala do Sr Villaça. Acho ótimo, porque assim ninguém me ver.

O elevador chega abrindo as portas em uma sala enorme, parece que é duas vezes o apto que tínhamos na Rússia. Olho para todos os lados e não tem ninguém. A mesa está toda organizada com uns papéis empilhados. Há um MacBook fechado na mesa. Vou até o grande sofá branco e me sento. Espero que ele não demore à chegar. Espero também que ele não foi almoçar. Fico absorta em pensamento quando a porta é aberta. Meu coração fica esperançoso por resolver as coisas entre nós, mas é uma mulher morena, de cabelos longos

castanhos. Ela está bem vestida em uma calça jeans escura e uma blusa de uma alça só. Seu scarpin demonstra ser de marca. Porém o que eu quero saber é quem é ela. Parece que meu sonho estava me alertando. Ela está mexendo em sua bolsa também de marca, por isso não me percebeu ainda. Fico esperando à mesma me olhar, mas passo pela porta um Renato sério.

- Paula, o que faz aqui? Ele pede e a garota sorri amplamente para ele. Ele me vê e passa uma das mãos no rosto. Ele já percebeu que eu não gostei. E não gostei mesmo. Dayane? Ele indaga e a mulher me olha de cima à baixo, porém não me dá importância e volta à olhar para Renato com seu sorriso enorme.
- Willian me disse que estava trabalhando para você e vir vê-lo. Acabei querendo te ver também. Ela diz querendo abraçá-lo, mas ele se afasta.
- Paula, não precisa ter vindo. Ele fala simples e direto. Dayane, você deseja alguma coisa? Pede se sentando em sua cadeira virando à mesma para mim.
- Quero conversar com você. Podemos? Indago ainda sentada.
- Claro.
- Renato eu estou aqui. O que foi? Não se lembra mais de mim? Não senti a minha falta? A mulherzinha pede cobrando a atenção do meu namorado. Não, que vá cobrar de outro, não dele. Me levanto andando até ele. Ele acompanha meus passos com os olhos.
- Nenhuma uma coisa nem outra Paula. Ele fala não tirando os olhos de mim.
- Não entendi. Ele vira para ela.
- Não senti a sua falta, não me lembro mais de você. Eu não sei o que você está fazendo aqui. Eu fui bem claro com Willian, dizendo que não queria mais te ver, não queria mais falar com você. Ela engole seco.
- Eu não acredito que você está chateado até hoje comigo por causa do que aconteceu na faculdade.
- Paula, eu não estou chateado com você. Eu só não quero e nem preciso te ver. Ela fica sem graça e olha para mim.
- Quem é essa? Sorrio, porque chegou à hora de me apresentar. Acho que já estava ouvindo demais. Vou para perto de Renato e dou um beijo bem gostoso em sua boca. Olho para ela sorrindo.
- Sou a namorada dele. Estendo à minha mão para me apresentar, mas ela parece que não gostou da minha apresentação. Ergo uma das minhas sobrancelhas e fico olhando para ela.
- Willian não me disse que estava namorando. Ela fala olhando para

Renato.

- Eu não sei se você sabe, mas eu não devo satisfação à Willian. Renato diz e eu me sento na cadeira à frente da sua mesa. Agora você pode ir embora? Não temos nada que falar, e nem porque nos vermos. Então vai embora. Olho para ela que está com a cara toda vermelha de raiva.
- A gente ainda vai se encontrar e conversar. Ela diz e sai batendo seus saltos. Ele bufa e pega seu interfone.
- Francielle da próxima vez que Paula tiver na minha sala sem autorização minha, você está demitida. Ele fala e desliga.
- Você é sempre assim? Intransigente? Indago vendo como ele age com as pessoas.
- É sobre isso que você quer falar? Ele pede se ajeitando em sua cadeira.
- Não. Mas você não pode ser tão intransigente assim com as pessoas. Quando as coisas não acontecem da forma que você espera ou deseja manda as pessoas embora?
- Isso é por causa do médico? Já disse que não vou me intrometer mais.
- Não é por causa do médico, mas sim você. Pelo seu jeito. As pessoas erram Renato.
- Então o médico errou ontem e você não me disse nada.
- Esquece o médico. Ele levanta as mãos em rendição.
- O que você veio fazer aqui Dayane. Questiona sem paciência.
- Vim me entender com você. Mal começamos a namorar e já brigamos.
- Eu não briguei com você. Suspiro pois ele é difícil.
- Ok Renato, você não brigou comigo, mas queria demitir o médico sem mais nem menos, e ainda quis decidir as coisas por mim. Falei me levantando.
- Eu não entendo porque estamos falando disso. Eu deixei bem claro que isso não iria acontecer mais.
- Eu só quero que você me entenda.
- Claro entendo Dayane. Entendo que o médico da minha namorada está todo todo para lado dela, mas ela não ver nada demais nisso, entendo que eu não posso me meter em nada.
- Eu não disse isso. Só não gostei de você querer mandar o cara embora por nada. E também de querer decidir por mim as coisas que eu tenho que fazer.
- Vou te perguntar de novo Dayanestásia. O que você veio fazer aqui? Porque estamos tendo essa conversa? O que mais você quer de mim?
- Eu só quero que você me entenda. Quase grito, tentando fazer com que ele me escute.

- Já disse que te entendo. Pronto? Ele fala com uma calma que está me deixando mais nervosa com ele.
- Não, você não entende. Você acha que estou defendendo o médico e não é verdade. Eu só quero que a gente não fique olhando as pessoas em nossa volta.
- Eu não estou olhando as pessoas em nossa volta, estou olhando você. Estou vendo como você se comporta quando alguém fica todo todo para você.
- Você não sabe do que está falando. Falo firme.
- Então me diz o que eu não sei. Fala, porque enquanto eu não souber o que está havendo, nós dois vamos ter os mesmos problemas. Ele fica me olhando esperando uma resposta. Eu não quero dizer a ele sobre o que houve no consultório, pois sei que ele é capaz de ir lá e tirar satisfações com o médico. E também eu já dei um basta nele. Dayane eu tenho que trabalhar, depois a gente se fala. Oh Merda, ele está me mandado embora. Isso não poderia ser pior.
- Eu não vou sair daqui enquanto não resolvermos essa situação. Não só o tipo de pessoa que fica chateada com meu namorado, então sugiro que você resolva o que tenha que resolver, pois estarei te esperando ali. Aponto para o sofá. Me levanto e me sento no mesmo.

Vejo ele me olhar e voltar sua atenção para a pilha de papéis em sua mesa. Ele pode fazer o que quiser, mas eu não vou embora, enquanto não resolvermos essa situação. Está chateado comigo, então que me fale e vamos juntos procurar meios para resolver, mas eu não pretendo passar mais uma noite brigada com ele.

Na hora do almoço Pierre aparece com nosso almoço, mas Renato não come. Ele saiu para uma reunião e eu acabei comendo sozinha. Durante o dia fiquei ali vendo ele entrar em uma reunião à outra. Já estava quase na hora de ir à minha consulta. Para não ter mais problemas com ele, até mesmo para resolver nossos problemas, eu peguei meu celular e desmarquei a consulta.

Renato entrou na sala e se sentou na sua mesa. Ele olhou pra mim.

- Acho que já está na hora da sua consulta. Pedi a Pierre para te levar.
- Eu não vou ir. Estou aguardando você. Falo firme.
- Então vamos resolver isso logo. Quero ir para casa. Ele diz chateado. O

que eu fiz com esse homem? Se não posso ganhar ele com palavras, talvez uma demonstração de carinho, de que eu sou dele e ele é meu resolva. Me levanto e me sento em seu colo.

- Não gosto do jeito que você fala comigo. Esse jeito frio, não é o cara que estava comigo no barco. Esse olhar não é o olhar que vi quando acordei.

- Esse é o meu jeito de demonstrar à você que estou chateado. Você não entende o que sinto por você. Você não entende que mesmo que tenhamos pouco tempo juntos, eu aprendi amar você pelos meus sonhos. Eu criei um sentimento de amor, de proteção e de ciúmes por você sem mesmo te conhecer, então é inevitável para eu não ficar chateado. Principalmente quando vejo você defender outra pessoa.

- Renato eu não defendi ninguém. Ele revira os olhos. Vamos esquecer isso. Vamos passar por cima disso. Não tem porque ficarmos brigados por nada. Falo já beijando à boca dele.

Ele aperta mais à minha cintura em seu corpo. Sinto à sua ereção se forma dentro da calça. E essa é um ótimo momento para nos entregar um ao outro. Eu o quero tanto. Começo à desfazer o nó da gravata dele. Tiro à mesma e jogo em qualquer canto da sala. Começo à desabotoar a camisa dele. E não paramos nenhum momento de nos beijar, o ar já nos fazia falta, porém eu não queria deixá-lo, eu queria fazer amor com ele agora. Ele começa à trilhar beijos por toda extensão do meu pescoço, e isso é muito bom. Ele parar e me olha. Olhe para ele não entendendo o porque parou.

- Não quer fazer amor comigo? Peço começando à beijá-lo de novo.

- É o que eu mais quero, mas não com você desse jeito. Não podemos ser negligentes. Isso poderia fazer piorar à sua situação. Faço bico e murchar toda.

- Não faz essa cara. Vamos ter tempo para isso. Você só precisa melhorar. Ele diz e me beija. Parar de me beijar. Vamos embora. Ele pede me levantado

- Não podemos namorar mais um pouquinho? Indago com um biquinho formado.

- Na minha casa. Ele diz já me levando para à porta.

Fico aliviada que resolvemos à nossas diferenças. Na verdade não resolvemos, passamos por cima. Não tinha cabimento ficarmos assim por nada. Eu o amo assim como ele. E saber que isso surgiu do nada em nós faz querer brigar mais



pelo nosso amor.

## Capítulo 21

Eu estava bem mais tranquila de ter feito as pazes com meu amor. Ele me levou para casa dele. Acabamos jantando e namorando um pouco, e eu tive que me segurar para não obrigá-lo à fazer amor comigo. Renato é muito racional e cuidadoso, mesmo que sua ereção já estivesse quase pulando da calça, ele não quis fazer nada para não piorar minhas contusões. Me levou embora me deixando com mais saudades e desejos de ter ele todo dentro de mim. Acabei tendo que tomar banho frio e pensar em outra coisa, pois minha mente não estava funcionando muito bem com aquele homem gostoso que eu tinha do meu lado.

O dia amanheceu e eu estava bem melhor do que ontem. Meu coração estava mais tranquilo, porém o que estava me intrigando é se Renato havia namorado aquela mulher. Eu não quis estragar nosso clima ontem perguntando isso, mas eu ainda quero saber dele se eles tiveram algo. Pelo jeito que ela falou, sinto que teve, e o pior ela estava disposta à requerer-lo para ela. Mas isso eu não iria deixar mesmo. Ela que não se atreva à entrar em nosso caminho, porque não sou mulher de deixar algo que quero para outra, nunca fiz isso com um sapato bonito que vi na loja, imagine se vou fazer isso com meu namorado. Espero que ela esteja pronta para ter uma batalha grande.

À noite eu fui para mais uma consulta. Tomando os remédios não sinto tanta dor, mas à hora que aperta essa faixa, parece que vou morrer. Não vejo à hora de melhorar. Espero uns dez minutos para ser à minha vez no consultório. Entro e o médico já está todo sorriso para meu lado.

- Achei que você não iria voltar mais. Ele diz se levantando.
- Porque não voltaria? Peço sem rodeios.
- Não achei que você namorava o dono do hospital. Ele não parece o tipo

de cara que namoraria uma mulher como você. Raiva começa à me consumir.

- Porque? O que tem de errado comigo? Indago cruzando os braços.
- Com você nada. Você é perfeita. O problema é ele. Achei que ele procurasse mulheres mais do nível dele.
- Vamos começar a consulta? Ainda tenho um jantar com minha irmã. Falo querendo acabar com esse assunto.
- Sua irmã é tão linda como você? Ele indaga e penso que Renato tem razão, esse médico está muito saidinho.
- São casadas. Digo.
- São? Você tem duas irmãs? Apenas balanço à cabeça em afirmação. À enfermeira entra e por fim não temos mais conversa. O procedimento é feito e assim eu vou embora.

Cara chato e curioso. Não vejo à hora desse tratamento acabar. Volto para casa e me sento para comer junto com Cláudia e Mauricio. Eles estão empolgados, pois saberão o sexo do bebê amanhã. Estava feliz por eles, mas triste por mim, pois nunca viverei esse momento. Nunca verei à minha barriga crescer, nunca passarei à mão para sentir meu bebê mexer. Meus olhos enchem de lágrimas, mas eu evito que caiam.

- Dayane, Dayane. Cláudia me chama e eu olho para ela. Nem reparei que estava olhando para nada em meu prato.
- Desculpe, você falou alguma coisa? Indago.
- Sim. O que foi? Seus olhos estão tristes. Cláudia diz e Maurício me olha.
- Estou bem. Só lembrei dos nosso pais. Eles amariam saber que seria avós. Digo olhando para meu prato.
- Não fica assim Dayane. Estejam onde estiverem, eles sabem que serão avós. Não quero ver você assim. Cláudia fala pegando na minha mão.
- Desculpe. Eu não queria estragar à felicidade de vocês.
- Não estragou cunhada. Eu entendo que para você ter perdido seus pais cedo não foi nada fácil. Cláudia me disse que você só tinha nove anos e não ficou nada bem com à morte deles.
- Não fiquei mesmo. Ainda mais sabendo que Cláudia tinha virado mãe e pai da gente. Vejo uma lágrima escorrer pelos olhos de Cláudia.
- Não fica assim maninha. Estarei sempre aqui e nossos pais também. Cláudia me abraça e eu deixo minhas lágrimas saírem.

Depois do jantar nostálgico fomos para nossos quartos e eu acabei lembrando da

morte dos meus pais. Lembro que quando recebemos à notícia nós três ficamos sem chão. Cláudia só tinha dezesseis anos, Sarah quinze e eu nove. As duas fizeram de tudo para me consolar, fizeram de tudo para não me abater, mas foi em vão. Eu fiquei meses tentando digerir que não teria mais meus pais comigo. Eles não me veriam crescer e também não me veriam casar. E agora eu não poderia fazê-los avós mesmo que eles estivessem vivos. Lágrimas já banham meu rosto. Limpo com as costas da mão, porém não adianta, elas saem instantaneamente dos meus olhos. É triste pensar que os sonhos que na maioria das vezes fazemos não são realizados.

Já era o final de semana e eu passei o tempo todo na casa de Renato. Mesmo ele não me dando tanta atenção como eu queria, pois ele estava trabalhando. Cláudia estava querendo fazer um jantar para revelar o sexo do bebê, mas ela queria à presença de Sarah e Maycon, então isso está para acontecer quando minha irmã voltar da sua lua de mel.

- O que tanto minha linda namorada pensa? Renato chega deitando em meu colo. Eu estava sentada na sala de TV tentando prestar atenção em qualquer coisa, mas meu pensamento não deixava
- Em nada. Digo e ele me olha.
- Tem um presente para você. Ele diz se levantando.
- Um presente? Indago com um sorriso.
- Sim. Ele sai da sala. Fico esperando ele voltar e não demora muito para isso.
- Aqui. Espero que você goste. Ele diz estendendo uma caixa preta de veludo para mim. Pego e abro. É um colar e um anel. São lindos. Um colar com dois búzios e um anel com sinal de infinito e um coração como pingente.
- São lindos Renato. Indago sorrindo.
- Gostou.
- Claro que sim. Mas não precisava. Eu acho que isso custou muito caro.
- Só me prometa que vai usar sempre. Ele fala e eu sorrio.
- Prometo. Eu amei. Digo e ele coloca o anel no meu dedo e depois à gargantilha no meu pescoço.
- Vou no espelho me olhar. Saio para ir ao banheiro me olhar. Vejo que ficou bem bonito. E bom que combina com qualquer coisa.
- Então? Renato pede me abraçando por trás.
- Você que tem me dizer. Como ficou?
- Linda como sempre. Me viro para ele.

- Obrigada! Beijos seus lábios. Nosso beijo se intensifica. Ele acaba me prensando na bancada da pia. Eu acredito que nós dois estamos no limite. Ele para de me beijar e grudou sua testa na minha.
- Acho que devemos parar. Não vejo à hora de você melhorar. Ele diz.
- Que tal fazermos devagar. Acredito que assim não vou piorar nada. Dou vários selinhos na boca dele.
- Não. Eu não confio em mim. Não é só você que está nesse jejum à muito tempo. Da última vez que tentei ter uma noite agradável com uma mulher você apareceu bem na hora. Começo à rir da cara dele. Você está rindo? Você não sabe o constrangimento que foi. Mas vamos deixar isso para lá. Agora é só nós dois e você é real.
- Bem real Sr Villaça. E não pretendo deixar de ser real para você nunca. Digo e ele me beija novamente.

Dois meses já havia se passado. Eu estava bem feliz que na próxima semana eu já começaria à faculdade e amanhã já tiraria essa Tala. Faria um raio x para confirmar que tudo estava bem comigo.

Minha já havia voltado de lua de mel. Minha irmã parecia outra pessoa de tão radiante que estava. Márcia havia preparado um jantar na casa dela para recepcionar o casal e Cláudia acabou contanto que terá uma menina. À casa de Márcia ficou toda em festa. Minha sogra estava eufórica por ter uma netinha. Diz ela que mulheres na casa seriam à maioria até que enfim. Sorrio do jeito dela. Fora que ela achou um máximo eu e Renato estarmos juntos. Estávamos realmente em família.

Renato e eu combinamos de jantar na casa dele. Seria ótimo, quem sabe hoje acabamos com esse jejum. Já não aguento isso mais, e até mesmo esse excesso de cuidado comigo. Cheio de não me toque. Bufo porque passamos o final de semana na casa dos pais dele, e mesmo que quisesse dormir juntos não pude, porque ele disse não iria se segurar. Eu não queria que ele se segurasse. Já estava na hora disso terminar, e espero que hoje ele não tenha tanto pudor.

Cheguei para jantar e meu namorado gostoso já estava me esperando. Eu viajo nesse homem o tempo todo. É uma beleza descomunal.

- Como está Srta Albuquerque? Ele pede me puxando para um beijo.
- Com saudades Sr Villaça. Digo e nos beijamos. Que beijo delicioso.

- Vamos jantar, antes que partimos para a sobremesa. Ele diz sorrindo.
- Eu não me importaria de partir para a sobremesa. Falo e ele me olha.
- Você já liberada?
- Amanhã, mas eu já me sinto totalmente bem. Nada dói, e só vou mesmo para fazer o raio-X para confirmar.
- Quem sabe Srta podemos fazer algo hoje. Opa, já fiquei animada. Sorrio e vamos para a mesa.

Vera havia preparado um arroz branco com batata grelhada e uma carne assada. Estava uma delícia, fora a salada verde com molho de vinagre. Eu comi muito. Estava mesmo uma delícia que não foi possível resistir. Fora que Vera cozinha muito bem. Acabamos de jantar. E Renato colocou uma música para ouvirmos na sala em frente à lareira. Ele me chama para dançar e eu aceito. Como pode ser perfeito assim. Ele dança muito, muito bem. A sincronização dos nossos passos eram algo mágico. Nosso corpo se movimentava a cada batida da música. Meu fascínio por ele só aumentava. E sabia que tínhamos muito ainda que nos conhecer, mas o pouco que sabia dele, já era meu encanto.

Durante a dança nos beijamos e ele não perdeu tempo, e já me empurrou contra a parede e começou a me beijar. Ele me apertava de uma forma tão gostosa, ao mesmo tempo que puxava meu cabelo. Que deliciaaaaa! Ele era forte e tinha o corpo bem definido. Foi me levando para o quarto. Subimos as escadas ao som da música e com nossos lábios grudados.

Então, no meio daquela loucura de beijos e amassos, entramos no quarto. Chegando lá, ele só trancou a porta e me sentou em cima de uma cama, com as pernas abertas, de modo que ele se encaixava; ele pegou em minhas coxas, e como eu estava de short, ele começou a roçar minha intimidade.

Eu passava a mão em seus cabelos, louca de tesão. Eu já estava ficando molhada e quando ele percebeu, me tirou lá de cima, desabotoou meu short e começou a passar sua mão em minha intimidade. Comecei a passar a mão por debaixo da sua blusa, até que a tirei.

Ele me apertava contra seu corpo, e eu sentia que ele estava quente. Então ele enfiou a mão dentro da minha calcinha. Eu estava depilada, e ele achou o máximo. Eu estava meio perdida, pois era a nossa primeira vez juntos. Então tomei coragem e desabotoei sua calça.

Nesse momento ele pegou na minha bunda e apertou o meu corpo contra o dele, e eu pude sentir seu membro que era grande, o que me deixou louca. Ele me segurava com uma mão e com a outra puxava meus cabelos; ele mordida e beijava meu pescoço e minha boca.

Eu nunca tinha ficado com ninguém assim, parecia que ele já sabia o que eu queria, e eu não tinha forças para ficar em pé. Depois de alguns segundos eu me deitei na cama de pernas abertas e ele se jogou em cima de mim. Ele me beijava de uma maneira tão quente que eu não aguentei. Dei um grito de tanto tesão que eu sentia pelo fato de ter aquele corpo em cima de mim.

Nessa hora, ele abaixou minha blusa e começou a chupar meus peitos. Eu arranhava suas costas e gemia de tanto prazer. Eu não aguentava mais, e pedia para ele me penetrar. Então ele ficou de joelhos em cima de mim e abaixou a cueca.

Nesse momento ele me olhou nos olhos, quase para confirmar se está tudo bem comigo. Sorriu para ele passando tranquilidade.

- Continua por favor. Peço e ele volta à me beija.
- Você não sabe o quanto te desejo. Ele fala e não me dá tempo de responder, pois me beija com uma volúpia.

Ele percebeu que era hora de me penetrar, mas primeiro chupou minha intimidade. Ele passava a língua de uma forma tão deliciosa que eu quase gozei naquele momento. Então ele colocou a camisinha e começou me penetrando devagar.

Ao perceber que minha intimidade estava ficando toda escorregadia ele não esperou e colocou tudo pra dentro. Eu gritava desesperadamente, enquanto arranhava suas costas de leve. Então ele começou a fazer vai-e-vem, e aquilo foi me deixando louca, arrepiei até os pelos da nuca. Suas estocadas foram aumentando e eu já me sentia louca. À cada estocada minha intimidade apertava mais seu membro dando uma sensação gostosa dentro de mim. Nossos corpos estavam suados e eu não queria que esse momento acabasse nunca.

Renato segurou meus braços acima da minha cabeça e me penetrou com mais

força. Estava da vez melhor e eu só queria mais. Enquanto isso eu beijava e mordida seu pescoço. Tanto ele quanto eu estávamos loucos. Nosso tesão estava estampados em nossos rostos. Eu já não estava aguentando mais, pois meu pegarmos já se fazia presente e eu acabei gozando como louca. Logo depois ele gozou, gozou como um louco.

Estávamos nós dois deitados e sei que eu queria mais e ele também. Não esperamos nossas respirações voltarem ao normal. Acabei subindo em cima dele para voltarmos à fazer amor. Eu tinha um pacote completo com esse homem. Nossos desejos estavam à flor da pele, e nossa noite não terminou enquanto esses desejos não foram saciados.

Depois da noite maravilhosa com meu amor e um café da manhã excelente com o mesmo, fui para casa de Cláudia. Não fiz nada o dia todo à não ser pensar em como foi ótimo à nossa noite de ontem. Quero mais, muito mais.

Já estava indo para à última consulta com o médico. Nesses dois meses ele não parou de me cantar. Eu não dava e não dou à mínima. Não vamos nos ver nunca mais. E assim vou ouvir menos de Renato também com relação ao médico. Suspiro de felicidade. Agora vamos ficar melhor do que nunca.

## **Capítulo 22**

As coisas entre eu e Dayane não poderia está melhor, apesar de ter um pé atrás em relação ao médico. Esse cara não me convence de forma nenhuma. Mas Dayane insiste que não ver nada demais, então resolvi deixar ela fazer do jeito dela, porém eu já falei que caso o abusadinho resolva passar dos limites nossa briga será maior. Ela não sabe e nem precisa saber que já tenho à ficha desse homem. O bastardo não tem nada demais em sua ficha, fora que já foi casado

com uma adolescente de dezessete anos e se separou logo depois que ela alegou ter sido forçada à casar pela mãe. E hoje o maldito quer à minha namorada. Espero que ele esteja ciente do perigo que ele corre.

Agora aparece Paula na minha vida. Eu só posso ter feito algo de muito ruim na minha vida para merecer isso. Ela é muito cara de pau vim me ver. E espero que meu recado tenha sido ouvido por ela, porque se não eu farei ela me ouvir de vez.

Francielle me diz que eu tenho uma reunião com Willian e eu queria mesmo falar com ele. Quero que ele mantenha sua irmã afastada de mim e da minha empresa. Nem sei o que essa maluca quer aqui. Nunca me dei bem com ela, sempre mantive uma amizade na faculdade com ela por causa de Willian, porém à maluca achou que eu estava querendo algo à mais com ela e fez o que fez. Eu nunca à perdoei pelo que ela fez e por isso quero distância.

Willian entra na minha sala depois que eu disse à Francielle para ele entrar. O mesmo aparenta um nervosismo e também parece não estar dormindo bem.

- Que cara é essa Willian? Não tem dormindo? Questiono pois à aparência dele está horrível.
- Não muito. Estou com alguns problemas pessoais. Ele diz se sentando.
- Precisa de alguma coisa? Posso te ajudar? Indago preocupado com ele.
- Não. São coisas do meu casamento. Mas vim te passar uns relatórios. Ele fala querendo mudar de assunto. Pego o relatório e começo à ler. Já não gosto do que vejo.
- Willian esse relatório está superfaturado. Esses números nunca serão reais. Digo olhando para ele. Droga, será que coloquei um ladrão na minha empresa?
- Desculpe Renato esse são os valores que foram repassados para o financeiro. Ele diz e eu não sou tão tapado para perceber que tem alguma coisa errada aqui. Abro meu computador sobre os olhos de Willian. Eu odeio erros, odeio quando as pessoas fazem coisas que não são legais e nem leais. Dayane quando me disse que sou intransigente, ela tinha toda razão. Não perdoo certos tipos de coisa. Olho o relatório mandado para o financeiro. Pego o interfone da minha sala e ligo para Francielle. Ela atende.
- Francielle peça Andrew para subir até à minha sala junto com Perlla. Falo e desligo. O mal do ser humano é tentar roubar alguém que seja mais



esperto do que ele.

- Você quer que eu saia? Willian pede e eu sorrio.
- Não. Nossa reunião ainda não acabou. Falo. Enquanto o pessoa não chega quero que você faça um favor para mim.
- Pode falar. Ele diz passando as mãos no rosto. Ele está muito estranho.
- Paula. Eu não quero sua irmã perto de mim. Eu não quero ela na minha empresa, não quero ela na minha vida. Falo e ele sorrir.
- Você sabe que ela é louca por você. Desde à faculdade não consegui te esquecer. Ela voltou para te reconquistar.
- Pois você sabe que eu não quero e nunca quis nada com ela. Sempre achei ela perturbada demais para meu gosto. Avise à mesma que não quero ela próximo de mim.
- Até porque você tem namorada. Ele fala e isso me intriga.
- Como você sabe? Paula te disse?
- Também, mas à dois dias atrás quando ela veio aqui eu fiquei sabendo que à namorada do chefe estava na empresa.
- Você chegou à vê-la?
- Quase. Se ela não tivesse tomado o elevador privado, à gente teria se conhecido.
- Hum. Mas diga à sua irmã para não tentar nenhuma aproximação. Não gosto dela e nunca gostei. Dê meu recado à ela, porque eu não estou de brincadeira. Uma batida na porta me faz voltar ao presidente dessa empresa. Francielle aparece dizendo que o Sr Andrew e a Srta Perlla chegou. Peço que entre. Eles entram com as caras bem tranquilas.
- Sentem-se. Indago. Pego os papéis que Francielle me entregou assim que entrou na sala. Olhem esse relatório. Entrego o relatório para cada um deles, inclusive Willian. Não demora muito para Andrew se manifestar.
- O que tem esse relatório Sr Villaça? Não vejo nada de errado.
- Não ver nada de errado? Andrew, ou eu sou burro e estou no ramo errado ou vocês aqui presentes estão no ramo errado. Eu chamei vocês aqui para questionar quem eu mando embora dos três ou eu mando embora os três.
- Renato não é para tanto. Calma cara. Willian pede arregalando os olhos.
- Não é para tanto? Willian você é o diretor de finanças e vem a minha sala com a Merda de um relatório errado que passou por você sem nem ao menos Dayanelizar. Qual de vocês é responsável por esse relatório?
- Sou eu Sr Villaça. Henrique diz.
- Onde é que está o dinheiro que você está roubando da minha empresa? Ela me olha assustada. Não precisa me olhar assim. Não é só você, porque Andrew também está nesse meio, já que assina tudo que você faz.

- Eu não tenho nada haver com isso. Andrew afirma e eu sorrio.
- Eu não sou burro Andrew. Um relatório que vem para minha mesa com dados de três meses atrás com valores superfaturados? E ainda por cima assinado por você? Não me venha dizer que não sabia de nada. Sugiro que me devolvam o que roubaram, porque esse dinheiro não vai servir nem para tirar vocês da cadeia.
- Eu não sei do que o Sr está falando. Minha paciência é nula para esse tipo de gente. Pego o interfone.
- Francielle peça aos seguranças para vir na minha sala e tirar dois lixos daqui.
- Sr Villaça o Sr não tem provas para nós denunciar. Andrew fala com meio sorriso no rosto.
- Vamos ver. Digo e me sento. Outra batida na minha porta. Digo que entre. Os seguranças entram junto com Francielle e peço que levem Andrew e Perlla para à polícia. Diga ao delegado que mais tarde passarei lá para dar os detalhes. Falo e os seguranças já puxam ambos para fora, mesmo com os protesto. Willian você é o próximo. Somos amigos, mas não lhe dou o direito de errar na minha empresa. Eu entendo que tenha problemas pessoais, se quiser até uns dias para resolver à sua vida, eu darei, mas não venha falhar aqui. Não gosto disso. Falo e Willian assenti.
- Desculpe, não vai acontecer de novo. Ele fala.
- Espero. Agora pode sair. E como disse, se quiser uns dias eu te dou. Falo e ele se levanta.
- Vou ver e te falo. Ele sai. Suspiro.

Os dias estavam passando e Jonh me deu o anel e a gargantilha. Fiquei feliz com isso. Era só dar à minha linda namorada marrentinha e pedir à ela para não tirar. Terei que ser convincente com ela, e não revelar que isso está com localizador. Olho o e-mail que Jonh me mandou com o aplicativo de busca que ele criou. O cara é um gênio e nunca me decepciona. Vejo que os rastreadores estão funcionando muito bem.

Pierre arrumou um jeito para as quatro meninas não embarcarem no avião com Fernando Monteiro. Um homem contratado por ele arrumou uma confusão com uma delas e ambas foram impedidas de viajar. Foram todos para a delegacia, menos Fernando claro. Ele deu um jeito de sair fora assim que à polícia chegou. Então as meninas não embarcaram e foram avisadas dos riscos que corriam. Espero mesmo que ambas acreditem. Queria muito que Sarah conversasse com Sabrina, mas ela ainda estava viajando, e também poderia expor Dayane. Pedi à

Pierre para deixar seguranças vigiando Sabrina e as demais. Qualquer tentativa de Fernando Monteiro nós agiremos de novo.

Dayane passou comigo o final de semana todo. Não sei se foi uma boa ideia, já que não posso fazer amor com ela. Eu já estava em um desejo absurdo para tê-la, mas devido à suas contusões eu não podia fazer nada. Então tratei de afundar à cara no trabalho e ficar perto dela o mínimo possível.

Dei à ela o anel e a gargantilha. Pedi a ela para prometer que iria usar sempre. Não queria correr o risco dela ser pega e eu não saber onde ela poderia estar. Além do mais ela não vai poder se esconder por muito tempo, inclusive da mídia. O sobrenome Villaça atrai paparazzis e jornalistas de tudo quanto é lugar, então não tem como ficar escondendo ela já que a mesma é a minha namorada.

Sarah e Maycon havia voltado da lua de mel. Eles estavam bem felizes. Nosso jantar em família foi muito bom, mesmo porque Cláudia revelou que teria uma princesinha. A mais eufórica de todas foi mamãe com a notícia. Ela queria tanto uma menina, que acabou tendo três homens. E ainda teve um problema na minha gravidez que à impossibilitou de ter mais filhos. Acho que se não fosse isso, ela tentaria até conseguir uma menina. Então ela estava fazendo festa com a notícia.

Minha noite de amor com Dayane foi maravilhosa. Como foi bom ter ela em meus braços, ter ela junto ao meu corpo, sentir cada pedaço do corpo dela em cima do meu. Eu não queria deixá-la à noite toda. Se pudesse ficaria fundido com ela vinte quatro horas por dia. Eu estava apaixonado por ela e à mesma não fazia ideia da imensidão desse amor, dessa paixão. Sei que ela está meio irritada comigo por causa da cobrança do médico. Para mim ela já deveria ter trocado de médico, mas ela continua insistindo nele, então eu não tenho muito o que fazer, à não ser tentar arrancar dela como foi as consultas e também ver com meus seguranças se não rolou nada de anormal.

Hoje seria o dia que meu martírio com esse médico acabaria. Ainda bem, porque se Dayane tivesse que ficar mais uma semana com esse bastardo de Merda eu surtaria. Depois de deixá-la em casa eu vi para o trabalho. Tinha muitas coisas para fazer. Já começo cheio de reuniões. Na hora do almoço Luana me diz que temos que ir à New York para assinar um contrato que o cliente só quer assinar comigo presente. E teria que ser hoje. Ou seja, tive que limpar à minha agenda e ir para New York. Francielle já tinha preparado o meu avião e Ross e eu fomos. Queria voltar hoje mesmo para Rio de Janeiro. Quem sabe minha namorada

aceita ir namorar um pouco lá em casa. Só de pensar corpo desperta todo.

Em New York, chego no aeroporto e dou de cara com Beatriz. Droga essa família toda resolveu dar o ar da graça.

- Quanto tempo Renato? Continua o mesmo de sempre. Ela diz com um sorriso no rosto. Sua boca está em um batom vermelho prostituta, e ela está vestida com um vestido que deveria ser da sua filha. Tem pessoas que não tem senso.
- Como vai Beatriz? Digo meio sem paciência.
- Estou ótima querido. Paula me disse que estive com você e sua recepção não foi tão boa. Ela fala fazendo uma cara triste.
- Beatriz eu estou com pressa. Se me licença. Digo e vou saindo antes que ela prolongue essa conversa que nem sei de onde começou.

Entro no carro que Pierre alugou para Ross e eu. Vamos para à empresa do cara que fez negócio com à Villaça House. Chegamos na mesma e somos bem recebidos. Fazemos uma reunião e depois assinamos o contrato. O cara nos chama para um coquetel na casa dele, e eu não tive como recusar. Relações à base do negócio sempre temos que abre uma brecha para esse eventos chatos.

Já era quase oito da noite quando conseguimos decolar do aeroporto. Sem chances de chamar Dayane para dormir lá em casa. Vou chegar lá quase meia noite ou mais. Me deito na poltrona reclinável e acabo dormindo.

- *Me salva. Eu preciso de você. Onde você está? Renato? Onde você está? Estou perdida, não consigo achar o caminho de casa. Me ajuda. Me ajuda.*

Acordo assustado. Meu coração está apertado. Espero que Dayane esteja bem. Olho no meu relógio, e ainda falta meia hora para o avião pousar. Me levanto e vou até o banheiro para lavar meu rosto. Eu não gosto de sonhar com ela. Com certeza ela está correndo perigo. Mas Pierre me avisaria, não é possível que os seguranças deixaram ela sozinha.

O avião pousa e meu desespero aumenta. As portas se abrem e já pego meu celular para ligar para Pierre, porém não é preciso pois ele está me esperando. Vou de encontro à ele e tenho certeza que tenho problema.

- O que houve Pierre. Peço andando. Não quero perder tempo aqui.

- À Srta Albuquerque sumiu. Ele diz e eu paro. Como pode?
- O que as merdas desses seguranças estavam fazendo? Digo irritado.
- Eles não sabem o que aconteceu. Eles à levaram como sempre para à consulta médica, porém ela não saía do consultório, então resolveram bater na porta, e ninguém respondia. Eles entram na sala e não tinham ninguém. Porra, porra, porra. Quando eu digo para Dayanestásia me escutar, ela não me escuta. À Merda do médico fez alguma coisa com ela e ainda à levou.
- Vamos Pierre. Dentro do carro eu vou te dizer onde ela está com aquele merda. Eu vou acabar com à carreira desse bastardo de Merda. Vou demitilo Dayanestásia. Não Renato, o cara não fez nada. Está com raiva atoa. Suspiro com raiva. Estou bufando parecendo um animal.
- Estão todos na casa do seu irmão Maurício preocupados com ela. Pierre fala e eu apenas assinto.

Entramos no carro. Pego meu celular e entro no programa que Jonh me passou para rastreá-la. Vejo o endereço é peço a Pierre para me levar para lá de imediato. Ela vai me escutar. Vai me escutar e dessa vez se ela vim com à história de que não tem nada demais eu vou deixá-la para lá. Não dá para proteger alguém que não quer ser protegido. Não dá para falar com alguém que não dá à mínima para você, para o que você fala. Passo as mãos na cabeça tentando conter meu nervosismo. Pierre chega no endereço, e é um prédio de luxo, não como o escala, mas é um prédio bem luxuoso. O bastardo deve ter dinheiro, mas nenhum valor vai tirá-lo da cadeia. O porteiro não quer me deixar entrar, mas eu não estou afim de conversa. Pierre compra o mesmo e assim questiono à ele sobre o médico. Ele me diz que ali não tem médico nenhum. Não há moradores médico. Olho novamente o rastreador e o mesmo ainda continua apontando para o prédio em questão. Pego para ver à lista de moradores. Meio relutante ele me dar. E não tem o nome do cara ali mesmo. Eu não sei o vou fazer. Olho para Pierre que resolve falar com o porteiro. Eu estou nervoso demais.

- Sr. O porteiro disse que um homem chegou com uma mulher parecida com à Srta Albuquerque. Ele me disse que foram para o décimo andar, apto 1003. Mal espero Pierre terminar e já estou chamando o elevador.

Não demora muito ele chega e assim eu aperto o botão do décimo andar. Pierre entra antes das portas fecharem. Fico andando de um lado ao outro naquele pequeno cubículo. Eu vou esmurrar esse cara. Vou acabar com ele. O elevador chega ao andar e eu já saio não esperando as portas se abrirem toda. Identifico o

apto e bato na porta com força. Bato campainha. Vou esmurrando à porta até à mesma ser aberta.

- Renato?

## Capítulo 23

Eu não acreditei quando vi à pessoa à minha frente. Essa mulher é louca. Não, pior do que louca. Perturbada.

- Cadê Dayane? Peço já entrando no apto e olhando para tudo que é canto. Pierre acompanha.
- Quem? Não sei do que você está falando? Paula diz e eu respiro fundo para não voar no pescoço dela.
- Eu sei que ela está aqui. Não adianta você mentir para mim. Grito e ela se assusta.
- Eu quero que você vá embora. Eu não sei cadê essa Dayane. Ela fala e eu não me seguro. Vou pra cima dela e aperto seu pescoço com um das minhas mãos.
- Você está me machucando. Paula diz quase não conseguindo se expressar.
- E vou machucar mais. Quer pagar pra ver? Digo não contendo minha raiva.
- Sr? Pierre me chama, mas eu não quero saber de nada. Essa maldita e o bastardo fizeram algo para pegar Dayane.
- Pierre reviste o apto rápido. Digo e vejo pelo canto do olho que ele vai pelo corredor.
- Escuta só sua cadela de merda. Eu não estou brincando com você. Eu não gosto de você. Então não brinque comigo e nem muito menos mexa com um dos meus. Você pode não estar viva para contar o que te aconteceu.
- Você seria incapaz de fazer mal à alguém. Ela fala tentando tirar minha mão do pescoço dela.
- Não seria com pessoas como você. Aperto mais seu pescoço.

- Sr. Ela está aqui. Desacordada. Olho para Pierre que está com Dayane em seus braços. Respiro fundo para não fazer uma besteira com essa vagabunda.
- Só um recado à mais para você. Olho para Paula com veneno nos olhos. Se tiver drogado ela como fez comigo uma vez, sugiro que comece à pensar em. sobreviver na cadeia. Porque dessa vez você será presa. E outra avisa seu amiguinho, o médico que se ele não for pego pela polícia, eu o pegarei e não será nada bonito o que vai acontecer com ele. Jogo ela no sofá.
- Você vai me pagar por isso. Ela grita. Olho para ela que está passando à mão em seu pescoço.
- Estou esperando. Digo e saio.

Chamo o elevador e pego Dayane dos braços de Pierre. Como pode ter sido tão idiota para acreditar naquele bastardo. Peço à Pierre para ligar para à polícia para prender Paula. Ela não vai sair livre dessa vez. Tenho certeza que ela drogou Dayane, porém quero saber como ela conseguiu ajuda daquele bastardo. Chegamos no carro e Pierre já foi abrindo à porta de trás do carro. Coloquei Dayane deitada, e depois dei à volta para entrar e colocar à cabeça dela em meu colo. Eu estou com muita raiva dela. Não escuta. Gosta de se colocar em risco. Ela vai me escutar, mas vai mesmo.

Chegamos na casa de Cláudia e Maurício e Pierre já abriu à porta da sala para à gente entrar com Dayane. Na sala está toda nossa família. Cláudia e Sarah estão chorando.

- Renato, você à trouxe de volta. Cláudia fala. Coloco Dayane no sofá.
- Sua irmã é muito inconsequente. Falo com raiva. Ela não mede nada, não tem amor à própria vida.
- Calma filho. Respira. Você está muito nervoso. Papai pede mas eu não quero me acalmar. Se ela estivesse acordada eu estaria descontando toda minha raiva nela.
- Mamãe tem como fazer um exame de sangue nela. Acho que ela foi drogada. Digo e Sarah me olha assustada.
- Foi o Médico? Maycon pede.
- Junto com Paula.
- Paula? Ela não estava na Rússia? Mauricio pede.
- Sim, mas resolveu aparecer para infernizar à minha vida, mas ela não vai conseguir. Passo as mãos no rosto.

- Eu tirei o sangue dela e mando para o hospital.
- Obrigada por ter trago ela de volta. Cláudia diz me abraçando. Não digo nada. Vou até à cozinha e pego água para beber.
- Você não está bem né? Mauricio aparece na porta.
- Como posso está bem, se eu avisei à ela. Mas como sempre ela gosta de tomar suas próprias decisões. Eu não posso dizer nada, porque estou errado.
- Calma cara. Ela vai aprender. Com essa eu acredito que ela vai ficar mais esperta.
- Assim espero Maurício, porque eu não estou afim de pagar para ver sempre. Falo cansado.

Já era quatro horas da manhã quando mamãe recebeu o resultado dos exames e se constatou o que eu temia. Paula à drogou. Maldita. Mamãe aplicou uma intravenosa com alguns remédios nela para tirar o efeito da droga depois que Maycon à colocou no quarto dela. Ninguém tinha conseguido dormir. Ainda estávamos esperando ela acordar para ver se ela estava bem.

Dez horas da manhã estávamos no quarto de Dayane, eu, Sarah, Cláudia e Mauricio. Mamãe tinha que fazer plantão hoje cedo. Papai foi para casa e Maycon estava lá embaixo falando com Pierre. Estávamos todos exaustos. Dayane começa à se mexer na cama. Cláudia vai para o lado dela. Ela abre os olhos e levanta rápido.

- Dayane, calma você está em casa. Cláudia fala e Dayane abraça a irmã chorando. Calma. Agora está tudo bem.
- Eu estava com tanto medo Cláudia. Medo de não ver vocês mais. Ela diz.
- De novo né Dayane. Digo com raiva na voz. Ela se solta de Cláudia e me olha. Demonstro minha raiva assim que ela olha para mim. Não consigo ter dó dela, somente raiva.
- Você está me culpando? Ela pede chorando.
- E você não se sente culpada? Você sabia do perigo que estava correndo. E mesmo assim resolveu seguir em frente.
- Eu não sabia que ele iria fazer isso comigo.
- Não sabia? Eu cansei de te avisar que esse médico não prestava, mas você não me ouviu. Eu só quero que você entenda uma coisa. Eu não vou te proteger de você mesma. Eu não vou ficar aqui tentando te proteger, sendo que você não quer. Então começa à me dizer o que você quer fazer, porque se colocar em perigo é muita burrice da sua parte.



- Renato não precisa falar com ela desse jeito. Sarah pede e eu olho para ela.
- Não precisa? Sua irmã se coloca em perigo sempre e você acha que ela está certa? Indago com ironia. Você sabe porque você foi pega em Londres, por burrice sua,
- Renato. Sarah pede de novo.
- Renato porra nenhuma. Ela não tem amor à vida dela e muito menos se importa com vocês que são irmãos dela. Digo olhando para Dayane e vejo ela chorar mais. Sugiro à vocês que são irmãos dela que conversem bastante com ela, para ver se à mesma entendi e escuta vocês, porque eu estou cansado.
- Você está terminando comigo? Dayane pede chorando mais. Eu não me sinto mal por ver suas lágrimas. Ela merece ouvir isso e muito mais.
- Deveria. Deveria, porque você não gosta de você mesma, dirá de mim. Eu me canso muito fácil das pessoas Dayane. Principalmente essas que adoram fazer da vida um nada. Vou andando para sair do quarto. Esse lugar está me sufocando.
- Onde você vai? Ela questiona limpando suas lágrimas.
- Embora. Eu não sei se você sabe mas aqui à única que dormiu foi você. Suas irmãs estão aí aflitas com que aconteceu, e com medo que aconteça de novo por teimosia e idiotice sua. Indago.
- Você não vai querer me ouvir? Saber o que aconteceu? Ela pede me olhando.
- Não. Eu já sei o bastante para saber que você não confia em mim, já sei o bastante para ter certeza que você não vai assumir seu erro. Ela balança à cabeça em negação. Antes que ela diga qualquer merda para se justificar, eu continuo. Dayane eu não estou aqui para falar o que você deve fazer ou não. Mas você sabe o perigo que te rodeia, e tentar escutar é uma das formas de você evitar problemas para você mesma. Digo e desço. Encontro Maycon subindo as escadas.
- Como ela está Renato. Vai ficar bem. Só quero as meninas conversem muito com ela, pois eu acredito que ela ainda não entendeu que quase morreu em Londres, e agora por pouco ela não volta para casa. Porque sei lá o que Paula combinou com o maldito médico.
- Vou conversar com Sarah e Cláudia. Dayane precisa de uma dura. Meu irmão diz. Você vai embora?
- Sim. Estou cansado demais para ficar aqui esperar ela entender o que se passou.
- Depois a gente se fala. Maycon me abraça e eu vou embora.

Pierre disse que Paula conseguiu escapar. Ela foi embora para Rússia. Agora o médico ninguém sabe o paradeiro dele. Ele depois do trabalho foi para casa, mas parece que iria para casa de Paula hoje, porém Paula deve ter avisado que deu errado. Tenho certeza que esse doente mental iria fazer um estrago em Dayane. Peço à Pierre que mantenha à casa dele vigiada. Eu quero ele nas minhas mãos, antes de entregá-lo para à polícia.

Em casa tomo um banho e durmo. Estava cansado demais para ficar acordado.

Já tinha passado dois dias que Dayane estava em casa. Não nos falamos desde então. E sinceramente eu achava melhor assim. Não estava ainda com cabeça para falar com ela. Minha raiva ainda não tinha passado. Ontem não tinha ido para à empresa, hoje resolvi vir. Tinha várias coisas pendentes que precisavam da minha assinatura.

No final do dia fui avisado por Francielle que Willian queria falar comigo. Pedi que deixasse ele entrar. O mesmo entra com uma cara de quem comeu e não gostou. Suspiro, pois não estou com humor e nem ânimo para aguentar ninguém falando nada em meu ouvido.

- O que foi Willian. Sente-se. Peço, mas ele não se senta.
- Renato eu vim aqui pedi para você tirar à queixa contra à minha irmã. Só me faltava essa.
- Não vou fazer Willian. Eu dei o meu recado à sua irmã no dia que ela esteve aqui, mas ela não quis me ouvir. Preferiu me desafiar e se meter com minha namorada. Falo o mais calmo possível, coisa que não estou por dentro.
- Olha ela agiu impulsivamente, ela sabe disso. Mas ela não é má pessoa. Willian não tem ideia de como à irmã é.
- Sua irmã não presta. Paula não vale nada. E eu não vou tirar à queixa. Não perca seu tempo, porque não vou fazer nada para ajudar ela.
- Ela nunca mais vai poder voltar para cá. Ele diz com raiva. Eu não estou nem aí.
- Você sabe que com o poder e o contatos que tenho posso mandar extraditá-la.
- Não faça isso. Minha mãe não aguentaria ver Paula presa.
- Ótimo. Então mantenha ela longe de mim e da minha família, incluído minha namorada.

- Eu vou fazê-lo. Deixa eu ir. Ele fala e sai da minha sala.

Jamais vou perdoar o que Paula fez, ela passou dos limites, se é que ela tinha algum. Vou para casa quase sete da noite. Cheguei e Dayane estava sentada no sofá. Ela me olhou e eu não disse nada. Não queria conversar com ela e nem ninguém neste momento.

- Podemos conversar? Ela pede.
- Não. Digo indo para meu quarto. Ela me segue e entra no quarto.
- Você vai continuar assim comigo até quando?
- Vai embora Dayane. Eu não quero falar com você. Digo e ela me olha em choque. Ela sai do quarto e eu me sento. Quero somente ficar sozinho. Ela não pode fazer as coisas e voltar para mim como se nada tivesse acontecido.

## **Capítulo 24**

Eu já estava no consultório do Dr. Ele pediu à enfermeira que me colocasse dentro da sala dele, pois o mesmo já estava vindo. Fiquei ali esperando quando ele entra com uma outra enfermeira e à mesma traz um copo de água. Ela me dá e eu franzo a testa, pois não pedi água nenhuma.

- Eu não pedi água. Digo e olho para o médico.

- Dayane isso é para você beber com esse remédio. O médico fala sorrindo. E seu olhar está estranho. Ainda bem que hoje é à última consulta.
- Para que esse remédio? Indago com o remédio na minha mão.
- Esse é o último remédio que você terá que tomar, pois vou pedir à você para ir fazer o raio x e confirmar se está tudo bem.
- Mas é um antibiótico, analgésico, você não me explicou ainda para que serve. Falo ainda olhando para o remédio em minha mão.
- É um antibiótico. Tenho certeza que você não tem mais nada, mas como vamos fazer o raio x agora, estou de dando esse remédio para não ter nenhum resquício de inflamação. Suspiro, não me convenceu. Mesmo porque tenho os remédios que ele me receitou em casa, e pelo que eu saiba não tomaria mais nada à partir de amanhã. O de hoje eu já tomei.
- Escuta eu prefiro tomar o que você me receitou antes. E hoje eu já tomei. Então não vou tomar. Se eu tiver posteriormente outra inflamação volto para fazer outro tratamento.
- O que com o remédio? Ele questiona cruzando seus longos braços.
- Não sei, me diga você. O médico aqui é você, não é? Questiono intrigada. Eu nunca mais cairia na armadilha de um ser tão desprezível. Ainda mais esse daí que não parou de me cantar o tempo todo.
- Eu não vejo problema nenhum no remédio. Mas à opção é sua de tomar ou não. Ele fala meio irritado.
- Ótimo. Podemos começar o raio x?
- A enfermeira já está preparando à sala. Diz seco.
- A Srta não vai querer a água então? A enfermeira questiona.
- A água eu aceito. Bebo toda à água e jogo o copo na lixeira.

Passa uns minutos e à outra enfermeira avisa que à sala está pronta. O médico diz que ela pode ir agora, porque à enfermeira Willians irá ajudá-lo. Me levanto da cadeira e me sinto zozza. Minhas vistas estão embaçadas, droga. O que está acontecendo comigo?

- Acho que alguém já não está se sentindo bem. Ouço à enfermeira dizendo com uma voz de gosto. Eu não acredito que...

Me mexo, sinto uma mão passa em meu braço, e desespero me consome. Meus olhos enchem de lágrimas, e eu tenho até medo de abri-los. Eu caia em uma armadilha de novo e agora se Renato não me salvar de novo eu nunca mais verei ele e nem minhas irmãs. Começo à respirar forte. A mão faz carinho em meu rosto e sinto esse toque familiar. Abro meus olhos e vejo que é Cláudia. Me

sento a abraçando com força e chorando em desespero.

- Dayane, calma você está em casa. Cláudia fala. Calma. Agora está tudo bem.
- Eu estava com tanto medo Cláudia. Medo de não ver vocês mais. Sinto um alívio por estar abraçada a ela, por está com a minha família.
- De novo né Dayanestásia. Renato diz com raiva na voz. Me solto de Cláudia e olho para ele. Sua cara não é nada boa, porém eu não sinto que a culpa é minha. Será que ele pensa isso?
- Você está me culpando? Peço chorando.
- E você não se sente culpada? Você sabia do perigo que estava correndo. E mesmo assim resolveu seguir em frente. Do que ele está me culpando? Ele não sabe como as coisas aconteceram ou sabe?
- Eu não sabia que ele iria fazer isso comigo. Falo limpando minhas lágrimas.
- Não sabia? Eu cansei de te avisar que esse médico não prestava, mas você não me ouviu. Eu só quero que você entenda uma coisa. Eu não vou te proteger de você mesma. Eu não vou ficar aqui tentando te proteger, sendo que você não quer. Então começa à me dizer o que você quer fazer, porque se colocar em perigo é muita burrice da sua parte. Ele não sabe o que está dizendo. Eu quero que ele me proteja, quero continuar com ele, independente do que acontecer.
- Renato não precisa falar com ela desse jeito. Sarah pede. Ele continua me olhando duro.
- Não precisa? Sua irmã se coloca em perigo sempre e você acha que ela está certa? Indago com ironia. Você sabe porque você foi pega em Londres, por burrice sua,
- Renato. Sarah pede de novo.
- Renato porra nenhuma. Ela não tem amor à vida dela e muito menos se importa com vocês que são irmãs dela. Choro mais, ao invés dele está aqui me abraçando, me consolando por tudo que aconteceu, ele está me julgando e ainda com raiva de mim. Sugiro à vocês que são irmãs dela que conversem bastante com ela, para ver se à mesma entendi e escuta vocês, porque eu estou cansado.
- Você está terminando comigo? Indago sentindo um aperto em meu coração. Mal começamos e já estamos brigando pela segunda vez.
- Deveria. Deveria, porque você não gosta de você mesma, dirá de mim. Eu me canso muito fácil das pessoas Dayane. Principalmente essas que adoram fazer da vida um nada. Ele tem que me escutar. Vejo ele ir para a

porta de saída.

- Onde você vai? Ela questiona limpando suas lágrimas.

- Embora. Eu não sei se você sabe mas aqui à única que dormiu foi você. Suas irmãs estão aí aflitas com que aconteceu, e com medo que aconteça de novo por teimosia e idiotice sua. Seus olhos estão demonstrando toda sua ira.

- Você não vai querer me ouvir? Saber o que aconteceu? Peço quase implorando para ele ficar e me escutar.

- Não. Eu já sei o bastante para saber que você não confia em mim, já sei o bastante para ter certeza que você não vai assumir seu erro. Nego balançando a cabeça. Ele não espera eu dizer nada e continua me atacando. Dayane eu não estou aqui para falar o que você deve fazer ou não. Mas você sabe o perigo que te rodeia, e tentar escutar é uma das formas de você evitar problemas para você mesma. Ele fala e sai do quarto. Abaixo à cabeça sentindo que dessa vez ele não vai querer me ouvir e ainda o que começou a quase três meses atrás não vai existir mais. Choro com esse pensamento.

- Calma Dayane. Ele está nervoso, estava preocupado com você. Chegou de viagem e nem foi para casa, foi direto tentar te encontrar. Sarah diz tentando me deixar calma, mas eu tenho certeza que ele não vai querer me ouvir de forma nenhuma.

- Eu entendo que esteja nervoso, mas ele não precisava me tratar assim, ele nem quis me ouvir. Falo limpando meus olhos.

- E você quis ouvi-lo quando ele disse sobre o médico. Maurício se expressa pela primeira vez. Ele também me culpa.

- Você também está me culpando? Indago olhando para ele.

- Não. Só acho que você tem que tomar mais cuidado. As pessoas não são o que parece ser Dayane. E se meu irmão te disse sobre o médico é porque ele descobriu algo, então cabia a você ouvi-lo.

- E porque não compartilhou isso comigo? Não seria mais fácil? À minha decisão seria outra. Falo firme. Ele não pode querer esconder as coisas de mim.

- Como ele disse, ele não está aqui para dizer o que você deve ou não fazer. Nem nós, mas suas decisões tem que ter pelo menos um senso de percepção. Dayane não podemos prender você em casa para te proteger, e muito menos vamos colocar coisas na sua cabeça para você ficar paranóica. Queremos que você viva, que você recupere um pouco da liberdade que no momento não está sendo possível você viver. Porém queremos também que você tenha maldade para as coisas e as pessoas que te rodeia. Você irá para

à faculdade e conviverá com todo tipo de gente, e precisará discernir cada uma delas. Então tente pensar nisso, tente ver o outro lado da situação. Renato tem razão em dizer que não vai te proteger de você mesma. E nem nós. Sua decisão, suas escolhas, elas que vão te levar para onde você quer, mesmo que você faça isso inconscientemente. Mauricio diz e antes que ele continue eu grito.

- Eu não escolhi ser drogada. Eu bebi a porra de uma água, o meu erro foi somente esse. Beber a porra da água. Grito e todos me olham assustados. Vocês estão me julgando, sem escutar o que aconteceu. Eu não me coloquei em risco. Eu não esperei que eu fosse drogada depois de recusar um remédio. Eu não sabia que à água estava com alguma substância que me fez desmaiar. Portanto, parem de me julgar sem saber o que houve. Entendo à preocupação de vocês. Entendo que Renato esteja revoltado comigo porque eu não escutei sobre o médico. Porém eu imaginava que ele iria tentar me agarrar dentro do consultório, me beijar à força, mas nunca que quisesse me drogar e me levar para não sei onde.

- Ok Dayane. Espero que você nos entenda. Vou deixar vocês três. Maurício diz me dando um beijo na cabeça.

- Você precisa ficar calma. Vai ficar tudo bem agora. Cláudia diz me abraçando.

- Onde eles me encontraram? Indago e Cláudia me olha.

- No apto de uma irmã de um amigo de Renato. Sarah diz e eu franzo a testa.

- Quem é? Questiono sem saber quem é.

- Paula. Cláudia diz. Olho para ela em choque. A mulher que estava na sala de Renato. Ela agiu junto com o médico. Minha irmã mais velha continua.

- Ela foi presa? Questiono com raiva. Espero que Renato também tenha destilado sua ira para ela.

- Não sabemos. Sei que Renato colocou à polícia e os homens dele para pegá-la e o médico também. Suspiro, pois ele não está só com raiva de mim.

- E como me encontraram?

- Não faz pergunta difícil irmãzinha. Seu namorado que te achou e não perguntamos como ele fez isso. Mas isso não me importa, o importante é que você está aqui com a gente. Sarah diz e as duas me abraçaram.

- Eu amo muito vocês. Digo e elas sorriem para mim.

- Nós também.

Não nos desgrudamos o resto da manhã. Tomei um banho antes do almoço. Maycon também me passou um sermão, e eu não queria ficar explicando nada. Deixei ele falar e me resignei em meu canto. Sabia que por um lado eu estava errada, pois se tivesse trocado de médico, nada disso teria acontecido, apesar de achar que essa tal Paula iria fazer algo para eu deixar Renato livre, e isso não irá acontecer. Ele pode não querer me ouvir agora, e nem amanhã, mas eu vou fazer de tudo para ele me ouvir e trazê-lo de volta para mim.

O resto do dia fico em casa. Sarah, Cláudia e eu fazemos programas de garotas em casa mesmo. Assistimos filmes. Aventuramos na cozinha, literalmente uma aventura, porque nós três somos péssimas na cozinha. Tentamos fazer um bolo, e o resultado foi péssimo. Tivemos que jogar o bolo fora e deixar a cozinheira de Cláudia fazer, pois se não iríamos ficar sem comer.

À noite peguei meu celular para ver se tinha uma ligação de Renato, mas nada, nem uma mensagem. Quem sabe à raiva dele passou até amanhã. Durmo pensando nele.

- *Me larga. Me larga. Grito.*
- *Você é minha. Eu comprei você.*
- *Não. Renato, Renato, me salva. Vejo Renato aparecer na porta e me olhar como se não me conhecesse. Renato me tira daqui. Por favor. Me tira daqui. Imploro à ele que não me diz nada e não sei do lugar. Vejo uma mulher aparecer do lado dele e o beija. Não. Ele não pode fazer isso comigo. Meus olhos enchem de lágrimas. Ela para de beijá-lo e olha para mim sorrindo. É Paula.*
- *Amor, ela está querendo te tirar de mim. Paula diz e sorrir mais. Porém ela já foi vendida e nunca mais vai nos incomodar. Renato sorrir e vão embora me deixando ali com ela e com um homem nojento fumando seu cigarro. Eu disse para você não se meter em meu caminho. Eu disse que ele era meu é sempre será. Agora espero que você morra. Ela faz sinal para o homem que me pega com brutalidade.*
- *Me larga. Renato, Renato. Grito desesperada. Renato... Vejo Paula gargalha mais. Sua gargalhada me dava medo e cada vez eu sentia que meu mundo estava acabando. Eu não teria mais vida, e ainda não teria mais Renato. Não. Grito chorando em desespero.*

Acordo suada. Olho para o quarto escuro e sinto um aperto no peito. Eu não quero que ele me deixe, e nem que quero deixá-lo. Me encolho na cama e



lágrimas escorrem pela minha face. Eu não quero ficar brigada com ele. O mesmo precisa me ouvir. Limpo meu rosto e fecho meus olhos, mas esse sonho está dominando minha mente. Começo a virar de um lado a outro na cama e nada. O pensamento dele com aquela mulher está me perturbando. Eu não perguntei à ele o que os dois tiveram, e essa será à primeira pergunta que vou fazer quando estiver bem com ele, suspiro porque sei que vai ser difícil.

Minha noite não foi nada boa. Confesso que não queria levantar da cama hora nenhuma. Mas levantei. Já estava de favor na casa de Cláudia, então teria que fazer algo, porém sei que não tinha nada para fazer. Bufo, pois o dia ainda nem acabou. Eu arrumei meu quarto, peguei minhas roupas e fui para lavanderia lavar. À empregada veio me dizendo que eu estava atrapalhando o trabalho dela. Como posso ficar aqui sem fazer nada? Ela não me deixou terminar de lavar as minhas roupas.

Mais um dia sem falar com Renato. Ele não me ligou, não me mandou uma mensagem. Porém de hoje não iria passar. Eu iria na casa dele resolver nosso problema. Não fazia sentido para mim ele não querer me escutar. Sarah apareceu na hora do almoço para almoçar comigo. Achei ótimo. Eu passo o tempo todo sozinha aqui, sem fazer nada, e estava me sentindo entediada. Conversamos muito, até mesmo sobre eu ir falar com Renato. Ela me apoiou.

Já estava a meia hora na casa de Renato. Vera me recebeu muito bem, e ainda disse que faria algo gostoso para Renato e eu jantarmos. Mal sabe ela que dependendo da conversa esse jantar não seria tão bom assim. Agradei a mesma e sentei no sofá esperando ele está mais calmo para termos uma conversa sensata.

Ele chega e me ver. Nos olhamos, mas ele não diz nada. Essa conversa não será fácil. Ele ainda continua com raiva, porém eu disse que não passaria de hoje e não vai passar.

- Podemos conversar? Peço calma.
- Não. Ele diz e sobe as escadas. O sigo. Ele tem que me ouvir. Ele entra no quarto e eu o acompanho.
- Você vai continuar assim comigo até quando?
- Vai embora Dayane. Eu não quero falar com você. Olho para ele em

choque. Esse namoro mal começou e vamos terminar. Tudo porque eu não o escutei, e porque ele não quer me escutar. Suspiro e desço. Me sento novamente no sofá.

Pego meu celular e mando uma mensagem para Cláudia dizendo que vou dormir na casa de Renato. Nem que eu tenha que passar uma semana aqui, ele vai me ouvir. Vera aparece dizendo que o jantar está pronto. Agradeço a mesma que sobe para chamar Renato. Não demora muito ela está de volta com uma cara triste. Não é possível que ele descontou seu mau humor nela. Questiono a ela se está tudo bem, e ela me diz que eu vou ter que jantar sozinha. Renato não irá jantar. Suspiro. Nós duas jantamos juntas. Não vi Renato mais, pelo menos não acordado, porque fiz questão de ir ao seu quarto e pegar uma camisa. Me troquei e me deitei do seu lado. Eu preciso vencer essa teimosia dele, e ainda acabar com essa barreira entre nós dois.

O dia amanheceu e ele ainda estava dormindo. Levantei sem fazer barulho. Peguei minhas roupas que havia deixado dobrada no closet e me vesti ali mesmo. Voltei para o quarto e ele estava sentado na cama esfregando os olhos. Respiro fundo, pois vamos enfrentar a fera de novo.

- Bom dia! Falo e ele me olha.
- O que você está fazendo aqui? Ele pede se levantando.
- Ainda não conversamos. Falo cruzando meus braços.
- Não temos o que conversar. Ele fala e vai para o banheiro. Acompanho o mesmo, impedindo que ele feche a porta.
- Enquanto não conversarmos não vou embora. Ele me olha e respira fundo.
- Fala Dayane. Ele diz voltando para o quarto.
- As coisas não aconteceram da forma que você pensa. Ele vai para o closet e eu o sigo. Vejo ele escolher roupas, sapatos, grata e relógio. Eu fui à consulta, tentaram me dar um remédio para tomar, mas eu não aceitei, porém eu não achei que o copo de água que a enfermeira me deu estava com alguma coisa, pois depois disso eu desmaiei. Digo vendo ele fazer todas as suas coisas. Ele não disse e nem diz nada. Você me escutou? Indago.
- Sim. Já acabou? Ele pede não me olhando. Vai para o banheiro.
- Sim. Você não tem nada para dizer? Ele aparece na porta do banheiro e me olha.
- Quando sair fecha a porta do quarto. Ele diz e fecha a porta do banheiro.

Droga. Ele não me ouviu. Me sento na cama de braços cruzados. Eu não vou embora.

Fico ali sentada esperando por ele, que demora uma eternidade no banho. Quando ele sai, passa por mim como se eu não estivesse aqui. Ele está enrolado em uma toalha, e seus cabelos estão ainda molhados do banho. O cheiro do seu sabonete de faz presente, me deixando inebriada. Volto à realidade. Estamos, quero dizer, estou no meio de uma discussão com ele.

- Eu não vou embora enquanto você não sentar e conversar comigo. Você está sendo muito infantil. Ele me olha.
- Infantil. Ótimo somos dois então. Dayane não me interessa o que houve com você, me interessa que eu cansei de te avisar. Em dois meses sua decisão foi seguir em frente, foi continuar com o tratamento com aquele merdinha. Ele nunca iria conseguir fazer com você se tivesse se afastado. Paula nunca conseguiria chegar perto de você se você tivesse me ouvido. Mas como somos dois infantil, não sabemos escutar, não sabemos diferenciar quais as pessoas podemos confiar.
- Você está dizendo que não pode confiar em mim?
- Me responde você. Eu posso confiar em você? Eu posso ter à certeza que você será mais precavida dessa vez, que você irá escutar? Apesar de ter certeza que eu não digo mais nada para você. Vou deixar você viver da forma que você quer. Meus olhos enchem de lágrimas. Ele desistiu de mim, da gente.
- Você está desistindo de mim? Da gente? Questiono quase chorando.
- Desistindo de você, da gente, é impossível. Não me vejo sem você na minha vida. Meu coração volta a bater. Estou desistindo de te dar conselhos, de tentar fazer você me escutar.
- Entendi que não foi culpa minha. Falo o abraçando. Ele não me abraça.
- Entendi que foi culpa sua sim. Ele me tira do seu corpo, e me olha. Não estou dizendo que você teve culpa por ingerir algo que você não sabia, estou dizendo que tudo estava indicando que o cara não prestava, e mesmo assim você continuou com ele.
- Me perdoa então. Me perdoa por não te escutar, me perdoa por fazer as coisas que acho que tenho que fazer. Renato, eu nunca tive que viver nesse controle todo. Sempre andei livre, nunca me passou pela cabeça que eu sofreria da forma que sofri.
- Você quer sua liberdade? Ele questiona e o pavor me toma.

- Não da forma que você acha. Não de você. Falo e ele me olha.
- Eu não pretendo deixar você com segurança o resto da vida. Só quero que as coisas se acalmem para você ter à sua liberdade.
- Eu não me importo com segurança Renato. Eu só preciso de tempo para acostumar que não posso mais confiar tanto nas pessoas. Eu só preciso ter em mente que a minha vida não é a mesma.
- Espero que você entenda isso mesmo. Sua liberdade virá aos poucos, assim que não estiverem mais te procurando.
- Você então me perdoa? Não gosto dessa distância que criamos entre nós. Falo o abraçando mais uma vez.
- Se você me prometer que vai tomar mais cuidado. Ele fala me abraçando e eu sorrio.
- Sim. Eu prometo. Aperto mais seu corpo no meu. E eu Preciso dele, preciso dos seus beijos e carícias. Preciso que seu corpo venere o meu, assim como o dele precisa ser venerado pelo meu.

## Capítulo 25

Estávamos muito perto um do outro. E naquele misto de ciúme, raiva, paixão, menos de um minuto já estávamos aos beijos. Nosso desejo ferveu e precisávamos muito um do outro, naquele momento. Deslizou as mãos pelas minhas pernas cobertas pela calça. Subiu sua mão até o botão da mesma e desbotou e desceu o zíper, enfiando logo sua mão dentro calcinha, senti que já estava toda molhada de excitação. Aproveitei seu estado de nudez e fui beijando ele no peito enquanto resmungava que era só dele e de mais ninguém. Renato ficou louco com a declaração e me fez gemer alto quando mordendo meu pescoço, seios, sempre pra baixo, abocanhou minha intimidade e não demorou muito para eu explodir de prazer em sua língua sacana.

Ele me deixou completamente nua e me levou para a cama, enquanto livrando-se da toalha, colocou a camisinha naquele pau enorme, pulsante, cheio de veias estufadas. Inclinei a cabeça pra trás, deliciada ao senti-lo inteiro dentro de mim. Nunca o tinha visto tão voraz, tão enérgico, conforme metia. Enquanto nos beijávamos, as carícias não cessavam um minuto sequer. Nem os pedidos

desesperados para que ele fosse além. Nosso ritmo começou a acelerar e entre gemidos e sussurros, Renato segurou o meu rosto, confessou que também era só meu, me deixando em êxtase por ouvir isso. E com um sorriso safado sugeri que eu ficasse de 4. Lógico que eu acatei seu pedido. Empinei a bunda e aguardei, ansiosa. Ele agarrou o meu traseiro, massageando a região para então me penetrar por trás. Foi uma detonação de espasmos, gritos e arrepios, deixando claro como curtíamos um ao outro, em especial quando se tratava de uma quente e inevitável reconciliação.

As aulas na faculdade começaram e eu estava super empolgada. Eu não via à hora de fazer alguma coisa da vida, sem ser só ficar vagando pela casa de Cláudia e de Renato também, já que tenho ficado mais lá. Hoje seria meu primeiro dia e Renato fez questão de me trazer. E eu amei isso. Estamos super bem. E quero que esse momento dure muito.

Chegamos na faculdade e Renato sai do carro para abrir a porta para mim. Saio com a ajuda dele.

- Está entregue Srta. Ele fala me puxando para ele.
- Obrigado por me trazer! Agradeço e ele sela nossos lábios. Nosso beijo se intensifica e meus pensamentos já vão para nosso noite de ontem. Cessamos o beijo e ele me olha.
- Não esqueça de que os seguranças virão te buscar. Ele diz e eu afirmo com a cabeça.
- Achei que eles estariam comigo. Não achei que ele iria tirar os seguranças aqui dentro.
- Não se preocupe quanto a isso. Você estará segura sem chamar atenção.
- Nos vemos mais tarde? Questiono.
- Sim. Podemos ir ao cinema, o que você acha?
- Acho ótimo.
- Ok. Mais tarde então eu te ligo para marcarmos o horário. Agora vai, senão você entrará na sala atrasada. O beijo mais uma vez. Um beijo de até logo, mas também de saudades.
- Até mais tarde. Digo e dou outro selinho.
- Até. Qualquer coisa me liga. Ele diz e sorrio.
- Com certeza. Você sabe que você é meu porto seguro. Ele sorrio e me puxa para seus braços.
- Eu te amo. E me beija mais uma vez. Eu também o amo muito. Nosso beijo se intensifica novamente e se não estivéssemos aqui eu já teria ido

para o quarto com ele. Ele parar o beijo e me olha com seus olhos brilhando. Vai, ou eu não respondo por mim. Sorrio, pois nem eu respondo por mim.

- Eu também te amo muito. Digo e ele sorrir. Beija minha cabeça.
- Vai. E se cuida. Ele fala sério e eu assinto.

Passo pelo pátio da faculdade com um certo medo e também uma alegria por dentro. Eu não sabia como seria minha vida a partir de agora, mas eu queria viver cada momento. Antes de sofrer o sequestro, eu não queria me decidir o que fazer da vida. Eu queria conhecer o mundo, queria me conhecer, queria conhecer pessoas novas e achei mesmo que poderia fazer isso sem problema. Porém o que eu não entendia, é que eu não precisava conhecer o mundo para me encontrar, me conhecer para poder decidir a minha vida. Eu tinha tudo, quero dizer, eu agora tenho tudo. Antes eu tinha meus tesouros que é Cláudia e Sarah, e não sabia que elas poderiam me trazer a minha felicidade. Não esperava encontrar Renato, e por mais que ele às vezes seja grosso e intransigente, eu não me importo, pois ele tem qualidades maiores que essas coisas se tornam pequenas diante do que a gente sente um pelo. outro.

Achei a minha sala e por milagre não estou atrasada. Entro e vejo algumas pessoas já sentadas. Me sento na cadeira perto da janela, e pego minha pasta com meu caderno. Um homem alto, magro, com os cabelos grisalhos e um óculos caindo pelo nariz, entra na sala. Ele coloca sua bolsa na mesa.

- Bom dia turma. Ele começa à falar. Meu nome é Julian Bartolo, sou professor do curso de História da Arquitetura. O curso de Arquitetura tem como principal objetivo fornecer conhecimentos para que o aluno possa atuar na conservação, na execução e no projeto de obras. Ao longo da graduação o aluno adquire habilidades para projetar, supervisionar e executar projetos. O curso de Arquitetura mescla disciplinas da área das Ciências Exatas com as Ciências Humanas, possuindo uma grade curricular variada. Nos anos iniciais, há um forte foco em arte e desenho, com disciplinas como topografia e representação gráfica estrutural. Nos anos seguintes, o curso possui matérias mais específicas, como gestão de projetos e teoria da arquitetura. Além disso, o curso possui ainda atividades práticas, durante as quais o aluno faz aulas em laboratórios e faz projetos em maquetes. Então se preparem para viver durante quatro anos uma aventura e se empenhar para que no final todos saem daqui com o diploma,

e ainda bons profissionais. Ele termina de falar e todos estão animados.

A aula começa. E no decorrer da manhã três professores se apresentaram, eu amei conhecer as disciplinas e já com a lista de material que tenho que comprar. Então depois que sair da faculdade fui ao shopping e comprei tudo que tinha que comprar e ainda almocei por lá, já que teria que almoçar sozinha em casa. Os seguranças foram em busca assim como Renato disse, e me acompanharam em tudo. Não fiquei mal por isso, até gostei que dentro da faculdade eu tinha um pouco de liberdade, eu fora tinha a segurança que precisava.

À noite Renato tinha me ligado pra gente ir ao cinema assistir à sessão das oito. Então me arrumei com um vestido soltinho até acima dos joelhos, e calcei uns sapatos fechado de salto. Mas iria levar uma jaqueta caso fizesse frio.

Renato chega vestido lindamente todo despojado. Calça jeans escura com uma camisa polo verde escura, e tênis escuro. Ele sorriu assim que me viu.

- Você está linda amor. Me puxa para seus braços e me beija. Sua língua busca à minha e eu concedo de bom agrado. Já me sinto quente com esse beijo.
- Os pombinhos vão para o quarto. Maycon aparece na sala. Sorrimos.
- Você que tem que ir para sua casa. Renato diz sorrindo para ele.
- Eu sei, mas quero atrapalhar o caszinho primeiro. Como vocês estão? Maycon pede se sentando no sofá.
- Ótimos. E cada minha irmã? Indago, pois não vi Sarah hoje.
- Ela está em casa. Só passei aqui para deixar uns papéis para Maurício levar ao banco amanhã cedo.
- Então cara fica aí que estamos indo.
- Que isso, só porque eu cheguei? Maycon questiona fazendo cara de magoado.
- Só por isso. Renato diz fazendo língua para ele.
- Há vem não hein, sei que você me ama, sou seu irmão preferido. Maycon pisca para ele.
- Quem é o irmão preferido aqui? Mauricio aparece na sala e vejo que hoje não sairemos daqui.
- Claro que sou eu. Maycon diz cruzando os braços.
- Ótimo garotos, depois vocês resolvem isso, porque senão vamos perder o filme. Digo já puxando Renato.
- Que isso hein cunhadinha, não quer ver seu namorado em uma saia

justa?

- Não. Beijos para vocês. Falo e Renato e eu saímos com ele dando de ombro e sorrindo para os irmãos.

Entramos dentro do carro que seria dirigido por Pierre. Assim que sentamos no banco de trás, Renato pegou em minha mão e beijou. Ele começou a me perguntar sobre o meu primeiro dia na faculdade. Contei à ele tudo que fiz e sobre as matérias que até o momento gostei, mesmo não conhecendo todas.

No cinema já estávamos na fila para entrarmos na sala. Escolhemos um filme de comédia, e Renato já tinha comprado a pipoca e refrigerante para gente. Logo a fila que não era muito grande começou a se mover para a sala. Entramos e Renato escolheu um lugar bem vazio para gente. Literalmente em um canto escuro que não tinha ninguém, já que a sala não estava cheia. Me sentei do lado direito e as luzes começaram a se apagar. O telão foi ligado e uns trailer começou a passar. Renato colocou sua mão em uma das minhas coxas e começou a acariciá-la. Eu não sei o que há comigo, pois só dele me tocar eu sinto já meu corpo despertar.

O filme começou e minha atenção estava toda nele, e de Renato também, pelo menos achei, pois ele já veio com sua mão deslizando para dentro do meu vestido, estava pouco tímida devido ao lugar, mas permite que as mãos dele invadissem o meu vestido e retirassem a minha calcinha, que já estava molhada, tamanho o tesão que eu sentia. Seus dedos grossos vasculhavam a minha intimidade, me arrancando suspiros profundos e leves gemidos, que eram abafados com beijos, para não chamar a atenção das outras pessoas.

Em pouco tempo gozei, fui tomada pelo prazer, não consegui mais me controlar, eu precisava dele, estava ansiosa para transar. Então, apoiei a minhas mãos na cadeira, empinei a bunda e implorei para ser possuída. Ele, que também estava se controlando até o momento, não vacilou, baixou à sua calça calmamente e me penetrou com força, primeiro bem lentamente, depois com mais força e velocidade.

Eu rebojava enlouquecidamente, enquanto ele puxava meus cabelos e me come com vontade. As vezes olhava para as pessoas à nossa frente para ver se elas estavam vendo que fazíamos, mas nada. Renato havia escolhido esse lugar muito bem, porque todos que estavam naquela sala eram alheios à nós. Porém era delicioso saber que estava quase sendo pega pelas pessoas. Minha excitação só



aumentava fazendo eu explodir em um gozo louco, intenso, único. Depois de ver que ele também havia gozado, arrumei meu vestido, recolhi a calcinha do chão e me sentei direito em minha cadeira um pouco envergonhada, mas bastante realizada.

Minha noite não poderia terminar de outra forma que não fosse amando esse homem loucamente. Ele me correspondia e preenchia de uma forma única. Fomos feitos um para outro.

No meu segundo dia na faculdade já estávamos formando grupos de trabalho. Teríamos que fazer uma maquete que representasse um empreendimento moderno. Formando grupo de seis pessoas. Duas mulheres sendo que comigo eram três e três Rapazes. O professor quis incluir um outro no meu grupo, onde só meu grupo ficaria com sete pessoas. Então aceitamos tranquilos, pois seria mais uma ajuda.

Na hora do intervalo, me sentei em uma mesa que não tinha ninguém. Não estava no refeitório da universidade, mas sim no pátio, onde tinha várias mesas espalhadas, e poucas pessoas. Assim podia ler o livro que tinha comprado sobre arquitetura. Fiquei absorta ali, sem me preocupar com nada e nem ninguém à minha volta. O livro era bastante interessante, portanto afundei à cabeça no mesmo. Quando olhei para meu relógio já estava na hora de entrar, quero dizer já tinha passado uns três minutos para voltar pra sala, me levantei apressada e fui andando arrumando as coisas na minha mão, porém sem mais nem menos esparro em uma pessoa. Me viro para olhá-la e pedi desculpas.

- Desculpa, estava distraída com os meus materiais. Digo e à pessoa me olha parecendo assustada.
- Você? Ela questiona parecendo me conhecer, porém seu olhar é de raiva. Só falta ser mais uma ex de Renato. Suspiro, mas não à culpo, pois ele é tudo que uma mulher gostaria.

## Capítulo 26

Ela ainda fica me olhando como se me conhecesse. Eu nunca à vi na vida, então não tem porque ficar me preocupando com uma estranha.

- Você me conhece? Questiono já sabendo à resposta. Ela. pisca várias vezes, talvez não acreditando em algo que ela ver.
- Não, me desculpe. Eu achei que você era ex do meu marido. Me perdoa, eu te confundi sem querer. Ela fala com meio sorriso.
- Tudo bem. Eu tenho que ir, já estou atrasada. Digo e vou andando. Olho para trás e a mesma ainda está me olhando. Ela é estranha. Dou de ombros.

Cheguei na sala e um outro professor já estava se apresentado. Pedi desculpas pelo atraso e ele não se importou. Permitiu à minha entrada. Fiquei prestando atenção na aula, porém meu pensamento estava naquele mulher e em seus olhos em mim. Não é possível que eu seja tão parecida com a ex do marido dela. Fiquei meio desconfiada, e como Renato disse, eu tenho que parar de confiar tanto nos outros. Aqui mais ainda, porque não sei o tipo de gente que está me rondando, e não tenho mais seguranças aqui para me proteger de nada. Um frio me percorreu. Me abraçou tentando me proteger de qualquer coisa que vem para em prejudicar. Eu não quero passar tudo de novo. Lágrimas já surgiu em meus olhos, pois uma sensação de medo se apoderou do meu coração, o deixando apertado e pequeno. Eu prometo tomar cuidado e tomarei, não darei brecha para ninguém me pegar novamente.

Saio da faculdade o mais depressa possível. Um estado de pânico me toma que começo à olhar para tudo quanto é lado. Esbarro em algumas pessoas, mas não me importo nem de pedir desculpas, tudo que eu quero é sair dali. Eu preciso ir para minha casa, ficar quieta. Vejo o carro de Renato com os seguranças e um deles já abrem à porta para mim. Entro e respiro fundo. Olho para fora pela janela, e as pessoas estão todas alheias a mim, porém eu ainda continuo com à sensação estranha de mais cedo. Meu coração ainda continua apertado como se algo fosse me acontecer. Eu começo à chorar involuntariamente. Tenho medo, medo que me pegue de novo, medo de sumir de vez, sem volta. Me abraço firme. Não demora muito e eu estou em casa, não espero nem os seguranças abrirem a minha porta, já saio do carro correndo, abraçando meu corpo. Abro à porta de casa rápido e subo correndo quase tropeçando na escada. Entro no meu

quarto olhando para o corredor. Me tranco ali e corro para minha cama, me encolhendo na mesma.

Fecho meus olhos, tentando apagar essa sensação de medo, mas é impossível. Dentro de mim isso não passa, só está aumentando meu pavor. Fecho meus olhos novamente, e logo vem os olhos da garota da faculdade. Aqueles olhos me olhando abismada por me ver, um misto de sentimentos que não sabia o que era em seu rosto. Ela me olhava de cara fechada, talvez com raiva, e não sei se ela estava dizendo à verdade sobre a ex do namorado. Droga. Porque isso tinha que acontecer comigo? Porque essas coisas só acontecem comigo? Ouço uma batida na porta e me encolho mais na cama. Tampeio meu rosto com o travesseiro. Ela veio me pegar. Ela veio me pegar. Ouço barulho na maçaneta. Estão tentando abrir a porta. Eles não podem abrir a mesma. Eu tranquei. Ninguém pode me pegar aqui. Estou protegida. Outra batida.

- Dayane, amor, está tudo bem? Renato, Renato. É ele. Pulo da cama e abro a porta pulando nele. Ei, o que foi? Ele pede eu começo a chorar. Calma minha linda. O que foi? Aconteceu alguma coisa? Ele pede e eu o abraço mais. Ele senta na cama comigo em seu colo. Shii, eu estou aqui. Está tudo bem agora.

Eu não sei quanto tempo se passa, mas eu vou me acalmando aos poucos. Renato me deita na cama e me abraça forte. Não diz nada, e agradeço a ele por estar aqui. Ele sempre vai ser meu porto seguro. Sinto ele beijar a minha cabeça e sorriu com esse ato. Olho para ele e o mesmo me devolve o olhar preocupado. Limpa meu rosto com um de seus dedos.

- Obrigada por você está aqui. Digo e ele me dá um selinho.  
- De nada! Está mais calma? Questiona fazendo carinho em meu rosto.  
- Estou. Desvio meus olhos do dele.  
- Olha para mim. Pede levantando meu rosto.  
- O que foi que aconteceu com você? Ele ainda continua com carinho em meu rosto e me olhando preocupado.  
- Eu senti pânico hoje. Digo e ele me olha intrigado.  
- Pânico? Pânico de que? Ele questiona calmo.  
- Eu estava bem antes do intervalo, porém uma mulher esbarrou em mim, ou eu esbarrei nela, não sei, mas ela me olhou de um jeito estranho quando fui pedir desculpas. Ela parecia me conhecer, não sei, porém ela me deu medo. Digo enlaçando minha mão na dele.

- Ela disse alguma coisa à você? Chamou você pelo nome?
- Não. Ela só me disse “ Você”, quando esbarrei nela. Questionei se ela me conhecia, ela me disse que não, foi engano, que ela me confundiu com à ex do marido dela. Porém à sensação estranha me dominou, eu não conseguia tirar o medo daqui. Falo levando à mão dele ao meu coração.
- Fique tranquila. Eu disse que você está segura na faculdade. Ele diz e eu me levanto indo para à janela.
- Como você sabe? Você tirou os seguranças. Questiono olhando para fora, mas até isso me dar um arrepio como se alguém estivesse me vigiando. Saio dali e volto para cama.
- Eu não queria que você ficasse paranoica com isso. Queria que pelo menos lá dentro você não chamasse à atenção com dois homens grandalhões perto de você à todo momento. Mas se você quiser, eu coloco eles lá dentro. Eu só queria que você se sentisse bem, tranquila sem ter eles perto de você.
- Ao mesmo tempo que eu quero um pouco de espaço, eu tenho medo. Medo que algo muito ruim me tire de você, das minhas irmãs. Digo e ele me abraça.
- Você confia em mim? Ele pede me apertando em seu abraço, e para mim ele nem deveria fazer essa pergunta.
- Claro que confio. Você é meu porto seguro. Digo e o abraço mais.
- Então não fique com esse medo. Nada vai acontecer com você. Você está segura em todos os lugares, inclusive na faculdade.
- Você está falando sério? Promete que nada vai acontecer comigo lá? Peço olhando para ele.
- Sim. Eu não deixaria nada acontecer a você.
- Eu te amo.
- Eu também te amo.

A empregada aparece na porta dizendo que o almoço está pronto. Renato diz que estamos descendo, mas eu não quero comer. Estou sem fome. Mas ele insiste que eu coma, pois irá me fazer companhia. Acabo cedendo, e desço com ele. Comemos conversando sobre outros assuntos, porém eu ainda não tirei essa sensação de medo, mesmo que Renato esteja aqui, mesmo que ele esteja fazendo de tudo para me distrair, minha mente e meu coração ainda estavam tomados pelo medo.

O resto do dia pedi à ele para ficar comigo. Sei que ele tem que trabalhar, mas eu o queria perto. Não queria que ele fosse embora e me deixasse sozinha. Eu

acabei dormindo nos braços dele.

*Acordo em um lugar totalmente diferente da casa de Cláudia. O cheiro de cigarro é nítido, que horror, chega à dar enjôo. Vou andando pelo corredor e escuto risadas e vozes. Escuto também passos vindo e me escondo dentro de um dos quartos.*

- *Ela foi vendida. Não temos muito o que fazer com ela. Alguém passa dizendo. Quem foi vendida? Fico intrigada.*
- *Mas bem que ela podia substituir aquela vaca que nós matamos por ela. Estamos desfalcados no salão, então não seria nada demais levá-la para trabalhar e nos dar muito dinheiro.*
- *Não mamãe, recebemos muito dinheiro por ela e assim vamos esperar para o dono dela vir buscá-la. Enquanto isso conversa com as meninas para arrumarem mais algumas meninas lá fora. Tem vários lugares que podemos achar meninas dispostas à ter uma vida fácil.*
- *Você vai mesmo embora? À mulher pede.*
- *Sim. Já combinei com Lucas, e ele ficará aqui, enquanto levo uma vida normal.*
- *Mas você e à sua vadiazinha vão continuar ajudando né?*
- *Não fale assim dela mãe. Nós nos casamos e eu só estou indo embora daqui, porque tem clientes que à conhece, e não quero arrumar problema nos negócios.*
- *Tanto mulher boa, de classe para você casar, você me casa com uma prostituta.*
- *Aceita isso. Eu me apaixonei por ela e pronto. Você fala como se sua filha fosse melhor. Aquela lá só quer se envolver com caras que não prestam mesmo.*
- *Nada. Ela já sabe que não aceitarei que ela se envolva com um qualquer.*
- *Vamos Mãe. Eu tenho que deixar tudo pronto aqui para ir embora sem problemas.*
- *Só espero que você saiba o que está fazendo, porque uma vez prostituta, sempre prostituta. À mulher fala amargamente.*
- *Está falando de você mesmo? Porque pelo que eu saiba, meu pai era um cliente seu, que morreu assim que viu você se envolvendo com outro cliente que conseqüentemente te engravidou de novo.*
- *Olha como você fala comigo. Eu sou sua mãe. A mulher quase grita.*
- *Então para de querer me colocar contra à minha mulher. Ela largou dessa vida e viverá somente comigo. Vamos construir nosso futuro juntos, e*

- além do mais, ela vai nos ajudar trazendo muitas garotas para cá.*
- *O mínimo que ela pode fazer depois de tirarmos ela dessa vida.*

*Não ouço mais nada, a não ser passos. Saio do quarto olhando para os lados, e não vejo mais ninguém. Volto para o quarto onde estava e um homem já estava lá dentro.*

- *Onde você estava vadia? Ele pede pegando meu cabelo. Ele os puxou com força.*
- *Me solta. Eu quero ir embora. Vocês pegaram a pessoa errada. Grito chorando.*
- *Pegamos não. Você é a pessoa certa. E não vai sair daqui enquanto não for para seu dono. Ele diz me jogando na cama.*
- *Vocês querem dinheiro? Eu dou a vocês, mas me soltem. Ele gargalhou me deixando com mais medo.*
- *Eu não preciso do seu dinheiro vadia. Você já me rendeu uma grana bem alta. E agora é só esperar para você ir para seu novo lar. Ele diz e sai me trancando no quarto.*
- *Não. Vou para a porta e começo a bater na mesma com força. Me deixe ir embora, me soltem. Grito chorando. Me desespero, me debatendo contra a porta.*
- *Dayane. Dayane. Dayane, calma. Você está tendo um pesadelo. Acorda, acorda amor. Escuto alguém me chamar, e colocar suas mãos em mim. Com os olhos fechados me sento na cama.*
- *Não, me larga, não coloque suas mãos em mim. Grito me encolhendo na cama.*
- *Dayane, calma, sou eu Renato. Abra os olhos. Ele pede. Confia em mim. Continua me pedindo. Abro meus olhos devagar e vejo que é ele. Pulo no colo do mesmo.*
- *Eu estou com medo. Digo.*
- *Calma. Já disse que vai ficar tudo bem. Ele me aperta mais em seus braços.*
- *Eu tive um pesadelo, mas parecia tão real.*
- *Você quer me contar? Ele me pede.*
- *Não. Não agora. Eu preciso apagar esse medo daqui.*
- *Você só precisa ficar calma, não pensar tanto nisso. Dayane eu prometi a mim mesmo não deixar nada acontecer e vou cumprir. Então fique tranquila, tente concentrar sua mente em outras coisas. Nos seus estudos, se distrair com que você gosta de fazer.*

Não digo nada. Fico ali em sua colo me apegando mais a ele. Durante à noite, eu não queria dormir sozinha. Estava realmente com pânico de ser pega e eu não conseguia tirar isso da minha mente. Cláudia ficou comigo até dormir já que Renato teve que ir embora para uma videoconferência.

Estava no café acabando de arrumar as mesas. O Mesmo já tinha fechado. Porém um Sr, não tão velho assim, implorou para abrir só para ele tomar café. O dono não exitou e acabou abrindo para ele. Ele se sentou em uma das mesmas e ficou me olhando de cima em baixo. Questionei à ele o que o mesmo desejava, ele disse que somente um café forte para esquentar a noite fria de Londres. Assenti sorrindo. Quando voltei com seu café ele me pediu para sentar com ele, queria uma companhia. Disse que não poderia, e que se ele precisasse de algo mais era só chamar.

Ele pegou o celular dele e foi mexendo, enquanto eu acabava de organizar as mesas. Mas ele não parava de me olhar. Não demorou para ele se levantar e deixar o dinheiro e um boa gorjeta na mesa. Se despediu de mim com um até logo. À hora que chegou na porta, ele sorriu para mim e piscou seus olhos azuis.

Acordo assustada. Abro meus olhos, e Renato está sentado na minha cama.

- Bom dia. Vim te levar para à faculdade. Ele diz sorrindo.
- Eu não quero ir. Digo com à sensação de medo ainda dentro de mim.
- Porque? Ele questionou sem entender.
- Eu não sei, mas eu não quero ir hoje, talvez nem amanhã. Digo olhando para minhas mãos.
- Eu sei que você está com medo. Eu já separei dois seguranças que vão te acompanhar. Você ficará mais tranquila com eles?
- Não. Eu não vou.
- Escuta. Você não pode continuar com medo. Você não pode deixar de fazer suas coisas por medo. Dayane se preservar é uma coisa, agora deixar de viver é outra. Não queremos isso para você.
- Eu não vou hoje. Digo me deitando.
- Tudo bem. Vou deixar você. Mais tarde passo aqui para conversar. Espero que fique mais tranquila.
- Obrigada. Falo e ele me dá um beijo na testa.

Ele vai embora e o resto do dia fico em casa. Não saio do quarto nem para

comer. Renato ligou algumas vezes para questionar como estava. À noite, ele estava aqui junto com toda família. Inclusive Márcia e Dantas. Márcia como médica conversou muito comigo. Ela me disse que era normal eu entrar nesse modo de pânico, mas que tudo que eu deveria fazer era tentar passar por cima disso tudo e viver da melhor forma. Algumas coisas vão me atormentar, porém eu tenho que passar por cima disso. Ela me ofereceu tentar conversar com um psicólogo ou psiquiatra. Talvez essa seja uma alternativa para eu tirar esse medo de mim.

Voltei à faculdade depois de dois dias. Renato me trouxe, e eu pedi à ele para não manter os seguranças lá dentro. Eu preciso encarar esse medo. Caso fosse muito perturbador ainda eu iria começar as sessões com um médico especialista.

Na hora do intervalo eu estava sentada na mesa lá fora, olhando as matérias que perdi meses dois dias que falei. Quando uma pessoa sentou do meu lado.

- Oi. Tudo bem? A mesma mulher aparece sorrindo. Te vi sentada aqui e resolvi te pedir desculpas. Não fui legal aquele dia com você. Fico olhando para ela. Você está Bem?
- Desculpe. Sim, eu estou bem. Falo sem graça.
- Aquele dia tinha acabado de brigar com meu marido sobre uma ex dele, e ela é parecida com você, claro menos os olhos.
- Tudo bem, já passou. Falo volto à minha atenção para o livro.
- Você faz arquitetura? Ela pede.
- Sim.
- Eu faço engenharia. Há meu nome é Verônica. Prazer. Ela diz e estende a mão para mim.
- Prazer. Dayane. Falo e pego na mão dela.
- Que bom Dayane, vou ter com quem conversar aqui. Já que me mudei à pouco tempo para cá. Não falo nada. Você tem muitos amigos aqui?
- Não.
- Então eu serei sua primeira amiga. Podemos ser?
- Desculpe Verônica, eu não sou muito de fazer amizades.
- Porque? Não podemos ser amigas então?
- Escuta está na minha hora. Digo e me levanto.
- Há, na minha também. Depois à gente se ver então. Eu sou uma ótima amiga, se quiser conversar depois. Ela fala sorrindo e eu apenas assinto indo para a sala.



Eu estou com tanto receio até de fazer amizades. Porém é como Maurício disse, temos que discernir cada pessoa que entra na nossa vida. Eu não saberei se Verônica é boa ou não, se não der uma chance à ela. Terei que fazer isso com todas as pessoas que se aproxima de mim. E também eu preciso de amigos. Eu quero ter amigos.

## **Capítulo 27**

Depois de ficarmos dois dias brigados, eu e Dayane voltamos à ficar bem. Ainda bem, porque estava me sem sono essa nossa distância.

Eu sabia que estava próximo dela ir para à faculdade e como a mesma queria um pouco de liberdade eu daria à ela sem colocar à vida dela em risco. Primeiro que à faculdade era metade minha, então eu tinha um poder ali dentro e poderia mover algumas coisas para deixar Dayane tranquila. Fui até a mesma e tratei de conversar com o coordenador do curso de arquitetura e todos os professores envolvidos. Expliquei mais ou menos à situação e disse que três seguranças

iriam ficar na sala como alunos, e ainda teriam alguns fora da universidade, andando como alunos também, porém atentos à Dayane. Eles exitaram um pouco, pois alguns alunos poderiam descobrir e poderia dar problema. Mas eu deixei bem claro que isso não estava em discussão, e também que isso só daria problema se eles contassem à alguém. Confirmei tudo com cada um deles e coloquei Pierre para investigar à lista de alunos da sala de Dayane e até os professores.

No meu mundo estava tudo bem, porém não foi assim. Recebi o telefonema de um dos meus seguranças informando que Dayane não estava bem. Como assim não estava bem? Só dois dias de aula e ela não está bem. Iria direto para casa de Cláudia. Eu tinha várias coisas para rever, mas eu não podia deixá-la triste com algum problema em casa.

Entrei no elevador para ir para casa de Cláudia, e eu não deveria ter pego o social, deveria ter pego o privado para chegar direto à garagem. O elevador parou em praticamente em todos os andares. Em um dos andares Willian entrou e não me viu, pois o elevador estava cheio. Ele parecia nervoso falando ao telefone.

- Você tem certeza disso? Ele pede passando à mão na cabeça. Não. Eu não quero que você faça nada. Eu quero confirmar isso. Não é possível. Ele diz exaltado. Maldita, eu quero ver isso com meus olhos, e depois vamos tomar uma melhor decisão. Tudo bem. Mais tarde conversamos. Ele desliga e desce no seu andar. Será o que houve com ele? Eu só o vejo nervoso. Claro que depois do que houve com o roubo eu fiquei de olho no trabalho dele e dos demais contratados. Porém Willian está totalmente diferente daquele que conheci um dia.

Dayane estava com pânico, e eu não entendia e nem sabia porque. Ela me contou que uma pessoa esbarrou nela e à reconheceu. Essa informação me deixou em alerta. E eu gostaria de saber quem é para poder tomar as medidas cabíveis. Essa pessoa iria pagar pelo que fez à ela. Mas Dayane me disse que à pessoa se enganou, se retratou depois dizendo que foi engano. Achei estranho, mas não impossível de acontecer. Eu iria sondar com meus seguranças que estavam perto dela para vigia-la.

Tentei de todas as formas demonstrar à Dayane que ela estava em segurança. Ela

poderia continuar com sua vida, seus planos, claro com precaução, mas poderia viver da melhor forma possível. Ela ainda continuou dizendo que estava com medo. O pior foi no outro dia vê-la com medo de ir à faculdade, vê-la triste, com seus olhos em pânico. Não insistir, deixei à mesma em casa e fui trabalhar. Na empresa já tinha convocado todos meus seguranças para me passar um relatório do que houve com Dayane. Essa mulher desencadeou um distúrbio nela que eu nunca tinha visto nesses três meses que estamos juntos. Dayane nunca demonstrou ter medo de nada, e agora estava temerosa com uma mulher que esbarrou nela. Algo estava errado nisso.

Dentro da minha sala já estavam todos ali me esperando. Espero que alguém aqui possa me dar uma explicação lógica do que aconteceu nessa faculdade.

- Então Srs, chamei todos aqui para me explicar o que houve com à Srta Albuquerque ontem na faculdade. Ela me disse que esbarrou em uma pessoa, e depois disso ficou mal. Alguém sabe quem é à pessoa? Pesquisou sobre ela?
- Eu e Farrel estávamos perto da mesa da Srta Albuquerque quando isso aconteceu Sr. Não vimos nada demais. À Srta Albuquerque esbarrou nessa mulher que à confundiu com uma outra mulher. Karl fala e eu assinto.
- Mas vocês sabem quem é à mulher? Peço.
- Não Sr. Depois desse episódio seguimos à mesma para ver qual sala, ou até mesmo onde ela iria, porém a mesma foi embora. Voltamos para à faculdade e nada mais aconteceu até vermos à Srta sair em pânico, olhando para todos os lados, como se alguém estivesse à seguindo.
- Ok. Quero que fiquem de olho nela, se à mesma se aproximar de Dayane novamente eu não quero que faça nada. Vamos dar corda para saber primeiro quem é, talvez seja só um medo infundado, porém não quero que vocês deixem de fazer o trabalho de vocês, que é ficar de olho tanto em Dayane, quanto nessa mulher. Qualquer suspeita eu quero ser informado imediatamente. E como disse vamos dar espaço para Dayane. Ela tomará decisão para vida dela. E caso vocês percebam que há risco se envolvam.
- Tudo bem Sr.
- Era só isso. Podem ir. Ela não foi para à faculdade hoje é nem sei se vai amanhã. Mas Pierre avisará qualquer coisa. Falo e eles assentem.

Durante o dia tive várias reuniões. Me afundei à cabeça no trabalho não esquecendo de ligar para Dayane. Queria saber se ela estava bem. A mesma

ainda parecia triste. Não sabia direito o que fazer, então pedi ajuda à minha mãe. Ela então disse que iria jantar na casa de Cláudia, pois conversaria com Dayane. Achei ótimo. Assim teria mais pessoas dizendo a ela que não tinha que ficar com medo.

No jantar estava tudo bem, menos à cara de Dayane. Ela parecia nervosa. Parecia mais triste do que mais cedo. Jantamos e depois minha mãe resolveu conversar com ela à sós.

- Eu não entendo o motivo da sua mãe querer conversar com Dayane. Cláudia questiona e eu que não entendo sua indagação.
- Sua irmã está em estado de pânico. Acho que alguém a mais conversar com ela seria bom.
- Renato eu sei que você é o namorado dela, entendo que você a salvou, te agradeço muito por isso, mas não quero que tomem decisões sobre ela sem consultar Sarah e eu. Cláudia fala e eu fico surpreso com seu ataque.
- Eu não entendo Cláudia. Você está achando que vamos fazer o que com Dayane? Indago olhando para ela.
- Não sei. Ela está em um estado de nervo por dois dias. Eu fiquei sabendo disso ontem à noite por você que ficou o dia todo aqui com ela. Eu não quero ser a última a saber das coisas. Ela é minha irmã. Cláudia se levanta brava e eu olho para Mauricio.
- Eu não vou fazer nada com ela. Minha mãe também não. Só queremos tirar esse medo que ela está tendo por esbarrar em uma pessoa.
- Ótimo, só não quero que tomem decisões sem nos consultar. Qualquer coisa que venha acontecer com minha irmã, eu quero ficar sabendo.
- Não vamos tomar decisão nenhuma. Sua irmã não está morta para que tomemos decisões por ela, então não se preocupe. Falo meio irritado com ela. Ela acha que vou fazer alguma coisa contra Dayane? Vou para à janela. Papai chega perto de mim.
- Não dê importância. Cláudia deve estar sofrendo com os hormônios, e ainda com medo que Dayane surte de vez. Papai fala dando um tapa em meu ombro.
- Tudo bem pai. Não vou ficar olhando isso. Digo e ele sorrir para mim.

Mamãe aparece depois de alguns minutos, dizendo que ela estava lá em cima me esperando.

- Ela está bem mãe? Questiono vendo mamãe se sentar perto do papai.

- Sim. Ela ainda está com medo, assustada, mas ela ficará bem. Aconselhei à mesma procurar um psicólogo ou psiquiatra. Mamãe fala e Cláudia começa à falar.
- Minha irmã está tão perturbada assim, que precise de um especialista?
- Cláudia é normal pessoas que sofreram algum trauma ficarem balançada, com medo, em pânico ou até mesmo se isolarem. E Dayane está passando por isso. Achei que ela foi forte até agora, e aconselho à todos nós termos um pouco de paciência com ela. Minha mãe suspira. No seu estado de gravidez não acho legal você ficar com ela aqui. Minha fala.
- Porque? Ela é a minha irmã, à responsabilidade é minha de cuidar dela.
- Cláudia seus hormônios estão muito elevados. Mauricio me contou que você anda dormindo mal, preocupada com Dayane, sonhando com ela. Não tem porque Dayane ficar aqui deixando você preocupada se todos nós podemos cuidar dela. Vejo Cláudia lançar um olhar mortal para Mauricio.
- Minha irmã está sendo um peso para você? Cláudia pede chorando.
- Claro que não amor. Só acho que você está em um estado delicado. Amor o bebê não pegou peso da última vez, e do jeito que as coisas estão, ele não vai pegar de novo. Neste momento precisamos cuidar de você e da nossa menina.
- Dayane também precisa ser cuidada. Minha cunhada grita.
- Sim. Ela precisa, mas você não está em estado de cuidar dela. Só queremos que você se cuide primeiro para depois cuidar da sua irmã. Mauricio diz e Cláudia chora mais.
- Ela não vai sair daqui de casa. Vejo ela chegar perto de Maurício. Ela é minha irmã, e nunca mais quero me afastar dela. Você não pode fazer isso comigo. Mauricio suspira.
- Cláudia, eu não vou tirá-la daqui. Só estou querendo que você se cuide. Eu não me importo dela ficar aqui, nunca me importei. Fui o primeiro à dizer que ela moraria aqui, e vou continuar defendendo isso, porém eu quero que você se cuide. Eu quero que você cuide da nossa menina que também precisa de você.
- Eu farei isso. Mas não venha afastar a minha irmã de novo de mim. Vocês não sabem que eu me sinto culpada por tudo que aconteceu à ela, e se hoje ela está com esse problema à culpa é minha por não ter cuidado direito como prometi aos meus pais quando morreram. Sinto dor dela. Eu sei que ela deve está sofrendo demais, mas nada é culpa dela.
- Não se culpe Cláudia. Nada é culpa sua. Tudo que aconteceu com Dayane poderia ter acontecido com qualquer um. E esse problema dela vai passar. Ela só está caindo na real agora do que houve. Então busque ficar

calma e tente pensar mais em você, porque estaremos aqui para cuidar tanto dela quanto de você também. Mamãe diz. Nunca abandonaria minhas filhas. Mamãe abraça Cláudia que chora muito. Calma minha menina, tudo vai ficar bem.

Vejo que Cláudia está muito sobrecarregada, e queria muito levar Dayane para minha casa. Talvez tirar uns dias para ficar com ela, cuidar dela, mas sei que isso só traria mais transtorno para Cláudia, então deixarei as coisas como estão, ou pelo menos minha cunhada se acalmar um pouco desses hormônios.

Dayane voltou para à faculdade e eu fiquei sabendo que à garota se aproximou dela novamente, meus seguranças disseram que ela foi pedir desculpas pelo engano feito à Dayane. Fiquei mais aliviado com isso, e espero que Dayane também tenha ficado. Porém pedir à eles que ficasse de olho em cada pessoa que se aproxima dela. Não quero surpresas, e muito menos que minha linda fique com medo de fazer suas coisas.

## Capítulo 28

A minha sensação de medo ainda não havia passado, mas eu estava mais convicta que eu não podia viver trancada dentro de casa. Márcia tinha razão em dizer que isso era normal acontecer, já que não desencadeou no começo. Talvez algumas coisas estavam voltando à minha mente e estava me deixando assustada. E eu tinha que combater isso, tinha que tirar isso de mim e voltar à minha vida ao normal.

- Oi irmãzinha. Sarah aparece no shopping conforme combinamos.
- Oi. Td bem? Peço. Ela se senta.
- Estou ótima. E você? Cláudia disse que você não estava bem.
- Tive um surto de pânico, mas já estou melhor. Sorrio.
- Tem certeza? Dayane, você sabe que se precisar de alguma coisa, estamos aqui para você.
- Claro que sei. Mas não se preocupe, e eu estou bem. Porém temos que olhar Cláudia também. Ela está grávida e precisa de atenção. Falo omitindo à conversa que eu ouvir de Maurício e Cláudia, dizendo que ela não estava bem, e à minha sobrinha não tinha pegado peso esse mês. Estava preocupada com ela.
- Eu sei. E como eu não estou trabalhando, pensei que nós duas podemos cuidar dela. Sei lá, deixar ela descansar.
- Ela ainda está trabalhando. Seria bom o médico dar uns dias para ela. Sarah balança à cabeça em afirmação.
- Então vamos ver se ela consegue uns dias. Assim podemos ficar nós três. Uma cuidando da outra. Sorrio do jeito que Sarah fala. E como vai na faculdade?
- Está ótima. Estou adorando. Mesmo que só tem três dias que estou lá, já que faltei dois. Mas eu estou adorando.
- Estava fazendo amizades? Abaixo minha cabeça, sentindo um aperto no peito.
- Eu não consegui ainda. Falo sem jeito.
- Porque? Vejo seu rosto intrigado

- Eu estou com medo de fazer amizades. Não sei, fico achando que todas pessoas que se aproximam de mim seja para me fazer mal. Então estou evitando ao máximo não ficar procurando amizades.
- Entendo que você está com receio, medo das pessoas Dayane, mas não acho que tenha que ser assim. Você deca dar uma chance. Quem sabe o benefício da dúvida?
- Eu já dei o benefício da dúvida para o médico e olha no que deu.
- Acho que pelo menos dentro da faculdade Renato podia tirar os seguranças, pois assim você ficaria menos paranoica e também poderia reconhecer as pessoas.
- Eu não tenho seguranças na faculdade. Ele achou que era melhor eu ficar tranquila sem eles lá, porém eu tenho uma sensação de insegurança. Parece que todos estão me olhando, querendo fazer algum mal. Me expresso. Não me sinto tão bem para fazer amizades.
- Dayane, calma, você precisa se libertar desses medos. Não quer dizer que todos são maus. Você só precisa olhar com outros olhos as pessoas, saber como é o caráter delas. Dayane você não conheceu as pessoas que te sequestrou, você não pode julgar se elas prestavam ou não antes, então aqui, você terá que saber julgar, e não é só olhar, e dizer essa presta ou não presta. As pessoas demonstram pelas atitudes, pelo caráter e até mesmo pelo modo de falar e julgar as coisas da vida. Irmãzinha, tente fazer as coisas que você julgar certo, só assim você ficará bem dentro do seu coração.
- Eu te amo tanto Sarah. Obrigada pelo conselho. Obrigada por está sempre comigo.
- Eu também te amo minha linda. E não precisa agradecer. Como disse estou aqui para você. Pego em sua mão.

Ficamos conversando no shopping até tarde. Saímos dali já era umas sete horas, onde eu fui para casa de Renato. Ele já estava me esperando.

- Oi linda, td bem? Ele pede me dando um selinho.
- Tudo bem, e você? Indago olhando para ele.
- Ótimo agora. O jantar já está quase pronto. Diz me levando para o sofá. O que você e Sarah estavam fazendo no shopping?
- Estávamos conversando, passando um tempo juntas.
- Hum, que bom. Fico feliz por você está se distraindo. Ele me beija mais uma vez com desejo. E eu também estou com uma vontade louca dele. Passamos esses dias meio distantes por minha causa, e agora eu só queria



ele. Ele cessa o beijo e me olha com luxúria. Vamos jantar?

- Se você insiste, mas eu preferiria outra coisa. Falo e ele me olha com um sorriso safado.
- Eu também, porém quero alimentar minha namorada primeiro. Me puxa para acompanhar para à sala de jantar.

Dou boa noite para Vera, que estava terminando de colocar à mesa. Nos sentamos e começamos à comer e à conversar. Renato me chamou para ir à New York com ele no final de semana que vem. Claro que aceitei. Seria legal conhecer New York e passar um tempo só nós dois. Apesar de saber que ele está indo à trabalho, eu posso andar pela cidade enquanto ele faz as suas coisas.

Terminamos de comer e fomos para à sala conversar mais é curtir a lareira. Renato tinha montado um clima bem romântico para gente. Colocou várias almofadas no chão. Taças com uma garrafa de vinho. Trouxe um edredom. Tinha também velas acesas dando um toque mágico na sala, já que as luzes foram apagadas. Deitamos os dois ali e começamos a namorar. Nossos beijos estavam quentes me fazendo ficar molhada. As mãos dele passeavam em todo meu corpo me deixando mais desejosa. Ele para de me beijar, e me olha.

- Da última vez não usamos camisinha. Ele diz serio.
- Isso te preocupa? Questiono. Eu não posso engravidar.
- Dayane, você me disse que tem três por cento de chance de engravidar. Acho que engravidar agora não seria bom para você.
- E para você? Indago, pois ele pensa só em mim.
- Minha vida, eu não me importaria de ter um filho nosso agora. Porém você tem planos que não quero de maneira nenhuma que você desista deles ou adie. Então sugiro que começamos à nos proteger.
- Você tem esperança que eu engravide algum dia? Questiono com meus olhos já com lágrimas querendo sair.
- Sim. Você não? Dayane eu já disse que não acredito em um médico somente. Quando for à hora vamos buscar outras opiniões e tratamentos adequados para isso, agora se não for possível nossas tentativas, você será mãe de qualquer forma. Lágrimas descem pelo meus olhos e ele limpa. Não chora, tudo vai dar certo na hora certa, neste momento só quero que você se preocupe com seus planos e objetivos, e claro que eu esteja em todos esses seus planos. Ele fala com um biquinho e sorrio.
- Você não estará em meus planos, você é meu plano, meu sonho, e quero sempre dividir tudo com você. Eu te amo. Digo já o beijando.

Eu não poderia pedir pessoa melhor para mim, pois ele pensa em tudo por mim e para mim. Ele não se importa somente com seus desejos e vontades. Se preocupa mais comigo do que com ele. É a única maneira de agradecer a ele é o amando mais ainda.

- Vamos para o quarto. Não quero fazer isso aqui. Pelo menos não hoje. Ele fala me pegando no seu colo. Pediu para eu levar o vinho e as taças.

Ele me coloca no chão assim que chegamos no quarto se vira para fechar a porta. Volta caminhando na minha direção e me agarrando com todo desejo, me jogando na parede e me deu um beijo de língua bem molhado e gostoso, vi que seu pau já estava bem duro dentro da calça.

Ele me soltou e eu o joguei na cama e pedi para que ficasse deitado e quieto, então eu subi na cama e comecei a tirar a roupa bem devagar. Comecei a rebolar e a me insinuar pra ele, passava os meus pés pelo seu corpo, fazia cara de safada, então fiquei de costas para o meu amor e puxei o zíper do vestido lentamente, me livrando completamente daquela peça, ficando somente com a lingerie. Comecei a provocá-lo falando palavras obscenas no seu ouvido.

- Quero que me foda bem gostoso. Quero que me possuía, sou toda sua de corpo e alma. Digo e vejo seus olhos brilhando.

Depois tirei o sutiã bem devagar, deixando os meus seios a mostra, e eu rebolava e esfregava a minha intimidade na cara e no membro dele. Eu tirei blusa dele e tirei a calça dele toda com a minha boca e o amarrei na cama com sua camisa. Comecei a beijá-lo de forma bem provocante, enfiando a minha língua na sua boca, dando mordidas em seus lábios, depois chubei o lóbulo da sua orelha, beijei seu pescoço de leve, deixando ele todo arrepiado e fui descendo pelo seu peito, barriga e não aguentei e abocanhei o seu membro duro, eu passava a língua na cabecinha bem devagar, depois dava mordidinhas de leve com os dentes, chupava as bolas então enfiava o pau dele todinho na boca, chupava seu pau com grande empolgação e com muito prazer colocava ele todo dentro da minha boca.

Eu estava sentindo um calor percorrendo pelo meu corpo, descendo até a minha intimidade que estava latejando de tesão. Desamarrei os laços da minha calcinha

de renda transparente e deixei exposta a minha intimidade depilada, fazia questão de esfregá-la na sua cara e no seu membro.

Renato estava subindo pelas paredes, eu via isso nos seus olhos e nos seus gemidos, ele não aguentou a tamanha excitação e gozou na minha boca. Depois o beijei de forma bem intensa, um beijo bem molhado e vi que o pau dele estava duro, então eu não resisti e sentei, mas não enfiei tudo, enfiei só a cabeça e fiquei provocando mexendo bem devagar e gemendo no seu ouvido.

Eu não tinha percebido, mas ele conseguiu se soltar da blusa. Me jogou na cama e me mobilizou com seus braços fortes e me amarrou com a mesma camisa. Sorriu para mim.

- Minha vez de te deixar louco Srta. Ele falou com uma voz rouca de desejo.

Eu pensei o feitiço virou contra o feiticeiro. Ele pegou o vinho que estava sobre a cômoda, colocou na taça, bebeu um pouco e jogou o resto pelo meu corpo, eu senti aquele líquido gelado descendo, fiquei toda arrepiada. A sua língua foi percorrendo o meu corpo, o caminho feito pelo vinho, seios, barriga e intimidade, eu estava muito excitada, meu sexo estava encharcado. Ele acariciava os meus seios com tanta delicadeza, passava a língua nos bicos durinhos, depois os chupava e não satisfeito molhava o dedo na boca e passava nos bicos dos seios. Sua boca foi descendo pelo meu corpo, pela minha barriga. Ele abriu bem as minhas pernas com as suas mãos e começou chupar a minha buceta, primeiro passava a língua nas dobrinhas da virilha, depois nos lábios, no clitóris e enquanto chupava o meu clitóris enfiava dois dedos dentro de mim de forma bem rápida, eu gemia de prazer, meu corpo estava trêmulo de tesão, ele massageava com o dedo indicador umedecido o meu clitóris exposto, eu gemia alto, quase gritava, meu corpo pedia para que ele penetrasse seu pau, eu não aguentei e acabei gozando na sua boca e dedos.

Ele me soltou e me colocou de quatro na cama e enfiou o seu pau todinho em mim, eu sentia aquele pau gostoso entrando e saindo, eu estava louca subindo pelas paredes. Ele me dava tapas, puxava meu cabelo e me dizia que me amava, enquanto metia em mim de quatro com força. Ele me levou para a sala e deitamos no tapete em frente à lareira e me beijou levemente, deitou em cima de mim, eu senti seu corpo quente e suado em cima do meu, as suas mãos deslizando pelo meu corpo todo e seu pau invadindo novamente a minha xoxota,

no início ele enfiava bem devagar, com carinho, depois o ritmo foi aumentando e ele enfiava cada vez mais rápido, meu corpo estava pegando fogo, estava alucinada pela excitação.

Ele me puxou e ficamos sentados encaixados um de frente para o outro, o meu amor acariciava meu pescoço e beijava a minha boca de forma alucinada, enfiava a sua língua toda dentro da minha boca, fazendo movimentos de vai e vem, enquanto eu rebojava em seu pau duríssimo, nós dois gememos de prazer, ele gozou dentro de mim e adormecemos abraçados na sala.

Nosso final de semana foi excelente. Eu estava muito feliz por ter passado o final de semana todo o amando e sendo amada por ele. Lembramos que não havíamos nos protegido o final de semana inteiro, e como Renato disse esses três porcentos eram ainda possibilidade para possível gravidez, então tratei de tomar uma pílula do dia seguinte e esperar mais ou menos dez dias para ir ao médico confirmar que não estava grávida. Eu não tinha esperança disso acontecer sem um devido tratamento, mas também nada na vida é impossível. Sou tirada dos meus pensamentos com Verônica se sentando na mesa.

- Oi Dayane, tudo bem? Ela pede sorrindo.
- Estou e você? Questiono olhando para ela. Resolvi segui os conselhos de Sarah. Vou dar o benefício da dúvida para as pessoas em minha volta.
- Estou ótima. E como foi o seu final de semana? Ela apoia sua cabeça em sua mão esquerda.
- Foi ótimo. Digo lembrando o quanto foi maravilhoso cada momento que passei com Renato.
- Pelos seus olhos brilhando deve ter sido maravilhoso mesmo. Sorrio envergonhada. Meu rosto deve estar vermelho.
- Foi. Digo somente. E o seu?
- Foi Ótimo também, eu e meu marido fomos à praia, velejando.
- Que legal! Vocês têm filhos? Indago querendo saber da vida dela.
- Não. Ainda não queremos ser pais. Também eu estudo, quero terminar aqui primeiro e depois pensar nisso. Ela me parece sincera em suas palavras. E você? Mora aqui na faculdade?
- Não. Eu moro com uma das minha irmãs. Vejo sua cara de surpresa.
- Você tem irmãs?
- Duas. São casadas.
- E você é casada? Ela questiona olhando para minha mão esquerda.
- Não. Ainda não. Quem sabe no futuro. Sorrio pensando em Renato.

- O casamento é muito bom. Eu amo ser casada. Meu marido é tudo para mim. Ela fala com carinho do seu casamento e do marido.
- Que legal. Sorrio para ela que também sorriu.
- Então Dayanestásia depois podíamos combinar de sairmos juntas. Sei lá, cinema, shopping para umas comprinhas. Verônica pede na maior empolgação.
- Seria legal. Posso chamar uma das minhas irmãs para irmos juntas. Falo animada.
- Deixa eu ir então, porque ainda tenho que passar na biblioteca para pegar um livro. Ela fala se levantando. Nos vemos amanhã aqui? Ela me olha aguardando a minha resposta.
- Pra mim tudo bem. Respondo não vendo problema.
- Tudo bem. Até amanhã.
- Até. Ela acena com a mão e vai embora.

Acho que nossa conversa foi até legal. Não fiquei com medo ou receio de nada. E quando ela disse que poderíamos sair, achei que ela acharia ruim de levar Sarah, mas não, ela foi bem receptiva. Espero que nossa amizade prospere e nada venha dar errado.

Minhas amizades vinham aumentando à cada dia. Meu grupo de trabalho era o mesmo para todas as matérias, então tínhamos mais afinidades. Fazíamos trabalhos na faculdade, no shopping e até mesmo na casa de cada um dos alunos. O tempo estava passando e eu já não tinha tanto medo assim de confiar nas pessoas, mas andava sim com meu radar ligado para algumas garotas que chegavam perto de mim, por causa de Renato Villaça. Algumas me viram com ele na porta da faculdade, então trataram logo de colocar os olhos nele. Já deixei bem claro que ele era meu namorado. Elas ficaram sem graça, e ainda disseram que só estavam comentando que ele era lindo. Lindo sim, mas para meus olhos e de mais ninguém.

Minha amizade com Verônica também estava bem. Chegamos à sair ela, Sarah e eu. Fomos ao Shopping, cinema. Ficamos bastante amigas uma da outra. E até o momento eu estava bem com isso.

Eu tive à ideia de fazer luta. Queria ter um pouco de resistência caso algo me acontecesse. Claro que queria fazer isso em uma academia, porém meu namorado ciumento não quis deixar, contratou um lutador profissional para me dar aulas na casa de Cláudia ou na casa dele. Ele achou ótimo eu querer me

defender caso algo me acontecesse. Então estava fazendo aula três vezes por semana.

Cláudia estava se sentindo cada vez mais cansada. Ela teve que ficar de repouso uns dois meses. E Sarah e eu colocamos nosso plano de cuidar dela em ação. Paparicamos ela muito durante a semana, onde deixávamos ela somente nos finais de semana com Mauricio, e claro à noite também. Ela já estava com sete meses de gravidez e se sentiu o máximo nós ficarmos com ela.

Estava saindo da faculdade quando Verônica me alcançou.

- Oi Dayane, tudo bem? Nem nos vimos hoje. Ela diz sorrindo.
- Estou bem sim. Tive que fazer uma pesquisa na biblioteca hoje. E você como está? Peço chegando até o carro que já estava aberto pelo segurança.
- Eu estou meio triste. Combinei de almoçar com meu marido e agora ele me ligou dizendo que não pode. Olha que pedi à empregada para preparar algo bem gostoso, mas ele desmarcou. Ela fala com uma cara desapontada.
- Que pena Verônica. Falo.
- Porque você não vem almoçar comigo na minha casa? Poxa, não quero comer sozinha. Ela pede quase suplicando. Fico pensando e não tenho nada para fazer, então irei.
- Para mim tudo bem. Vamos aqui?
- Não me leve a mal Dayane. Mas eu não posso chegar em casa com nenhum homem. Meu marido é bem ciumento. Eles não podem ir te buscar depois? Eu estou de carro. Não sei, o que faço agora? O segurança fica me olhando.
- Srta não se preocupe com a gente. Podemos ir buscá-la quando quiser.
- Obrigado Paul. Digo e eu e Verônica fomos para o carro dela.

Fomos bem animada. Ela estava me contando um pouco da sua vida, de como conheceu seu marido. Não demorou muito e chegamos em um bairro de classe média de Rio de Janeiro. E na sua casa. Entrei e um calafrio me percorreu. Como se um vento frio tivesse passado por mim.

- Você está bem? Ela pede me olhando.
- Sim. Disfarço meu mal estar que me atingiu assim que entrei ali.
- Que bom. Sente-se. Vou pegar uma água para você. Ela fala e sai sorrindo. Reparo que na sala não tem muita coisa. Não tem foto deles. Somente sofá e um aparador, porém não tem mais nada. É um lugar vazio e

triste. Credo, que sensação mais estranha.

## **Capítulo 29**

Eu ainda estava sentada ali reparando aquela casa sem vida. Não entendia porque Verônica morava em um local tão frio, tão estranho para uma mulher casada. Normalmente quem casa quer encher à casa de móveis de flores, de vida. Muito estranho isso aqui. Verônica volta com maior sorriso no rosto e minha vontade é de ir embora desse lugar frio.

- Dayane, trouxe água para nós duas. Ela fala colocando uma bandeja no sofá. Estranho que não tem nenhuma mesinha de centro. Mais estranho ainda ela me trazer água sendo que não pedi. Depois do médico, eu só bebo água ou qualquer líquido na minha casa, ou que eu mesma tenha comprado a bebida.
- Desculpe Verônica, mas eu não quero água. Não quero beber nada. Digo e ela me olha triste.
- Porque? Não está com sede? Ela questiona
- Não. Obrigada! O almoço ainda não está pronto? Indago querendo ir embora daqui. É uma sensação ruim aqui dentro, e quando à encontrei também eu tive a mesma sensação ruim. Não é possível que isso seja coisa da minha cabeça.
- Ainda não. A empregada já está acabando. Assinto.
- Você parece nervosa Dayane. Está acontecendo alguma coisa?
- Não. Só estou lembrando que marquei com Sarah hoje. Minto. Na verdade eu não estou afim de ficar aqui.
- Calma. Só vamos almoçar. Ela fala.
- Verônica, porque vocês não tem muitas coisas aqui? Não tem muito móveis, não tem fotos suas. Peço achando estranho.
- Na verdade não vamos morar aqui por muito tempo. Mudamos para cá tem alguns meses, e quero uma casa grande. Ela fala. Vejo ela olhar para seu celular e digitar algumas coisas. Depois ela sorrir para mim como se não fosse nada.
- Algum problema Verônica? Indago intrigada. Eu nunca vi uma pessoa tão feliz porque outra veio almoçar na casa dela. Ela sorrir demais, ela não parece espontânea, e está muito animada por meu gosto.
- Não. Mande uma mensagem para meu marido dizendo que estava almoçando com você. Ela fala mais que alegre. Tem uma ideia para ver à reação dela.
- Eu vou avisar meu namorado também. Falo e ela me olha assustada. Seu semblante mudou, seus olhos começaram a piscar e seu sorriso morreu. E agora eu tenho certeza que ela está fingindo ser alguém que não é. Algum problema com isso Verônica. Peço.
- Não, claro que não, mas depois você liga. Você me disse que ele é bem controlador, pode querer que você vá embora, já que não nos conhecemos.
- É você tem razão, mas os seguranças já devem ter informado à ele que eu estou na sua casa. Se houvesse algum problema da parte dele, o mesmo já teria mandado me buscar, ou ele mesmo já teria vindo.



- Mas como ele saberia onde você está? Não trouxe segurança
- Em uma coisa você tem razão Verônica. Ela me olha com a sobrancelha levantada. Você não conhece meu namorado. Você não sabe o que ele é capaz de fazer para me achar. Ela engole seco. Demonstrando está nervosa. Seu celular apita e ela o pega. Ler algo e me olha.
- Dayane você me desculpe, mas surgiu um problema com Willian e eu vou ter que encontrá-lo. Podemos deixar esse almoço para depois? Ela está visivelmente nervosa.
- Para mim tudo bem. Porém você precisa de alguma coisa? Quer ajuda em algo?
- Não. Eu vou ter que sair. Me levanto e vou para porta. Ainda bem que algo aconteceu, porque eu não queria ficar aqui. Essa casa me dá medo, me dá náusea, me dá pavor. Se eu puder, eu jamais voltarei aqui.
- Até depois. Falo já saindo nem olhando para ela.

Sarah tinha razão. Eu iria reconhecer as pessoas pelas atitudes. E essa Verônica tem uma coisa que não sei o que é, mas não é verdadeiro. Vou dar corda para ela e ver onde ela vai. Eu não vou mais ter medo das pessoas, preciso encarar e ser forte para me defender.

Chamo um táxi e vou para casa. Mando uma mensagem para Paul dizendo que estaria indo para casa de Táxi. Cheguei na casa de Cláudia e já fui logo para a cozinha fazer um lanche. Estava morrendo de fome. Comi um sanduíche com suco de laranja e depois fui para meu quarto. Acabei deitando e dormindo.

*Alguém entra no quarto. Estou deitada. Eu não sei o que está acontecendo, não sei que dia é hoje. Minhas irmãs devem estar preocupada comigo.*

- *Levanta vadia. Sua comida está aqui. Um homem diz e eu me sento na cama. Eu não quero comer nada que venha deles. Prefiro morrer de fome. Ele vem até à mim e pega meu rosto com força. Você é bem bonita, sabia? Se você não tivesse sido vendida eu adoraria ser o primeiro a provar esse seu delicioso corpo. Ele diz e passa a linha em meu rosto. Eu o empurro com força, onde ele cai.*
- *Porco imundo. Nojento. Digo e sai correndo para a porta que está aberta.*
- *Volta aqui sua vagabunda. Ele me alcança e me pega com força. Bate em meu rosto. Sinto arder toda minha face.*
- *O que está acontecendo aqui? Um outro homem aparece. no corredor.*

- Nada chefe, essa vadia que achou que poderia fugir. Mas já mostrei à ela que sua vida agora é aqui.
- Leve ela para o quarto. Deixe à mesma dois dias sem comer, vamos ver se ela aprendi. O homem de olhos azuis fala e o outro que está me segurando sorri.
- Ok Chefe. Mas à gente podia brincar com ela um pouquinho. Ele fala lambendo seus lábios. Sinto nojo dele.
- Não. Essa não pode ser tocada. O cliente à quer só para ele. Procure outra garota lá embaixo.

O cara somente assenti e depois me leva de volta para o quarto, onde me joga como se eu fosse um animal, quero dizer pior do que um animal, porque ninguém trata um bicho de estimação assim. Me levanto sentido dor em meus braços que estão marcados pelas mãos dele. Vou até as janelas que estão todas trancadas e não vejo saída. Eu preciso sair daqui. Pedi ajuda para alguém.

Sinto mãos passando pelo meu corpo e já fico em alerta. Uma voz penetra meus ouvidos.

- Pena né, seus dias aqui estão acabando. Mas eu não sei se vou conseguir resistir à esse seu corpo lindo. Eu preciso de provar antes que aquele velho te pegue de vez para ele. Escuto tudo de olhos fechados. Hoje vou tentar fugir de novo. Eu não posso mais continuar aqui. Ele coloca uma das mãos em meus seios por cima da blusa, e depois desce para à barriga. Como será sua bucinha hein? Como será esses peitinhos na minha boca? Eu não quero saber de nada hoje. Eu só quero você e vai ser agora.

O cara começa à desabotoar minha calça e enfiar suas mãos na minha calcinha, mas antes que ele vá além eu o empurro com meus pés e levanto rápido. Pego à gaveta que eu tinha deixado solta do criado mudo e acerto nele, o mesmo fica zozzo e eu volto à bater nele umas duas vezes. Ele não levanta e eu vou parar à porta. Tranco o mesmo ali e vou seguindo devagar pelo corredor. Desço as escadas devagar, sempre olhando que não tem ninguém. Vejo uma garota vindo e me escondo entre à cortina que tem na escada para tampar à janela. Ela passa e não me ver. Volto à respirar. Espero mais um pouco e desço. Olho para todo lugar e é salão bem grande. Parece que as festas para as meninas se conhecerem seus clientes é aqui, porém eu não sou uma prostituta, nunca quis ser, e pior ainda, não sou um produto para ser vendido. Eu vou pedir ajuda e

*depois vou acabar com isso daqui. Ouço vozes e me escondo de novo entre as cortinas do salão.*

- Tudo está pronto para começar? O homem que já ouvir à voz antes pede à alguém.*
- Sim Lucas. Está tudo pronto.*
- Ótimo. Pode pedir as meninas para descerem e começarem o trabalho. Os cliente já vão começar à entrar aqui.*
- Ok. Deixa eu ir.*
- Qualquer problema estou no escritório. Ele diz e sai. A garota também vai embora e é à minha brecha para sair daqui.*

*Fui andando até uma ala dos fundos. Tinha uma porta que estava encostada. Coloquei minha cabeça para fora e vi que se tratava de um beco. Meu coração batia forte. Eu iria enfim sair desse lugar e voltar para à minha família. Coloquei meus pés para fora e me senti aliviada, sair correndo no beco, porém um pessoa gritou dizendo que eu estava fugindo. Olhei para trás e tinha dois caras correndo atrás de mim. Droga, eu não podia parar de correr. Eles não podiam me pegar de volta. Corri o máximo que pude, porém foi em vão. Fui pega na frente por outros dois homens. Eles me arrastaram até o final do beco e lá o tal Lucas já estava me esperando.*

- Sua vadiazinha eu não queria ter problemas com você, mas estou vendo que você não está colaborando. Então vamos te dar um corretivo para ver se você aprendi. O tal Lucas diz e deferi um tapa na minha cara.*
- Socorro...Socorro... Grito chorando para ver se alguém me escuta.*
- Pode gritar o tanto que você quiser, ninguém vai te escutar. Você vai se arrepender de ter tentado fugir. Lucas diz e me dar outro tapa na cara.*
- Socorro... Socorro... Grito de novo e sinto um soco na minha barriga. Caio no chão.*
- Acabem com ela, só não à mate. Precisamos dela viva. Lucas fala e vai embora.*

*Os homens começam à me bater no rosto. Me chutar, e deferir soco contra mim. Eu não sinto mais meu rosto, não sinto mais meu corpo. Minha barriga doe, minhas pernas também. Sinto alguém me pegar. Vejo uma luz branca, porém não vi mais nada.*

- Dayane, Dayane. Escuto alguém me chamar. Abro meus olhos, que parecem ter saído lágrimas involuntárias. Olho para o quarto e vejo Cláudia sentada na cama. O que foi? Você está chorando? Ela pede e eu limpo meus olhos.
- Não. Eu estou bem. Falo me sentando. E você? Como está?
- Estou ótima. Só preocupada com você. Sorrio para ela.
- Não precisa. Eu estou bem. Você tem que se preocupar com essa menininha aqui que vai nascer dentro de um mês. Falo passando à mão na barriga dela. Ava se mexe com meu toque. Olha ela respondendo à tia. Indago sorrindo.
- Essa menina vai ser bem agitada. Ela não parar um só minuto na minha barriga. Cláudia diz com maior sorriso.
- Vai ser agitada que nem à tia dela.
- Não. Pode ser menos. Não quero outra Dayane aventureira aqui.
- Não mesmo.
- Agora seu namorado está lá embaixo querendo te ver. Ela diz e Renato aparece batendo na porta.
- Está tudo bem aqui Sra e Srta? Ele pede sorrindo.
- Está sim Sr Villça. Vou deixá-los. Cláudia diz sorrindo.
- Obrigada cunhadinha. Renato entra no quarto e vem até a mim e me beija. Ele cessa o beijo e me olha. Está tudo bem com você?
- Melhor agora. Digo e abraçando.
- Que bom. Como foi seu almoço com Verônica? Ele pede.
- Não chegamos à almoçar. Ela recebeu uma mensagem do marido e teve que sair para resolver algo. Digo e Renato me olha intrigado. O que foi? Não acredita em mim?
- Claro sim linda. Fiquei intrigado porque Willian disse que tinha recebido uma mensagem dela avisando que estava almoçando com você, e ele respondeu algo para ela que não sei o que é.
- Quem é Willian? É o marido de Verônica? Você o conhece?
- Sim. Willian e eu estudamos juntos. Ele foi para Rússia junto com Paula e sua mãe depois que se formou. Ele e Verônica se conheceram lá e acabaram se casando. Olho para Renato e tenho algo nessa história que não bate. O que foi linda?
- Verônica me disse que se casou em Londres. Tem certeza que é à mesma pessoa? Questiono sem entender essa história.
- Claro que sim. Você estava na casa de Willian hoje na hora do almoço Dayane. Ele diz e agora eu tenho mais certeza que estou sendo “ amiga” de uma pessoa que não existe. Verônica não é quem diz ser. Ou Willian pode

está mentindo para Renato.

- Ela pode ter se confundido vida. Renato fala e eu apenas assinto. Eu tenho certeza que Verônica não é à pessoa que aparenta ser. Algo nela soa como mentira. Porém se eu der corda para ela, vou poder ver até onde a mesma vai.

## Capítulo 30

Já tinha se passado um mês. Eu ainda estava tendo uns sonhos que mais parecia real. Eu via pessoas que nunca vi na minha vida. O sonho de ontem eu levei uma facada abaixo da barriga e agora entendo o motivo da cicatriz que tenho. Eu já estava certa que esses sonhos eram minha realidade passada. E tudo que eu queria entender agora era porque essas pessoas me pegaram. Em momento algum eu me prostituir. Eles sempre diziam que eu fui vendida, que meu dono me queria intacta. Porém eu não sabia como. Eles me agrediam a todo momento. O cara que estava tentando me violentar, eles mataram na minha frente. No meu sonho fiquei apavorada. Eles me disseram que se eu não me comportasse eu seria a próxima. Acordei com um medo tremendo, e custei à tirar esse medo de mim. Passei o dia todo lembrando do sonho e das falas deles.

- O que você faz aqui. Sou tirada dos meus pensamentos com à voz de Renato.
- Nada. Só olhando o mar. Tinha vindo para cá depois de um trabalho que fiz na casa de um dos colegas da faculdade.
- Você anda pensativa demais. O que foi? Aconteceu alguma coisa? Ele pede sentado atrás de mim e me dando um beijo no pescoço.
- Como você me achou? Indago querendo saber como ele me achou.
- Dayane eu sei onde você está a todo momento. E outra os seguranças estão aqui, impossível não saber.
- Não Renato. Como você me encontrou em Londres? Eu preciso entender

meus sonhos. Preciso entender o porque me pegaram e quem me pegou.

- Pelos meus sonhos. Você me mostrou várias coisas nos sonhos. Pessoas, inclusive Fernando.

- Fernando? Questiono não lembrando quem é.

- O namorado da Sabrina. O cara não presta. Ele é um aliciador.

- Como você sabe disso? Questiono virando para ele.

- Mandeí investigar a vida do cara. Ele não presta. Iria levar Sabrina com algumas outras mulheres para Londres para se prostituírem.

- Não acredito nisso. Sarah sabe? As duas são bastante amigas.

- Não amor. Eu não contei nada para Sarah e também não sei se Sabrina entrou em contato com sua irmã para contar algo.

- O que mais eu te mostrava nos sonhos? Ele me olha tentando decifrar o que eu quero com essa conversa.

- Lugares. Prostíbulos, casas aqui.

- Casas aqui? Indago intrigada.

- Sim. Eu fui até o bairro de Willian. Você me levou até esse bairro, porém eu não achei a casa. Eu acabei chegando na casa de Willian por engano. Fico parada olhando para ele. Lembro da sensação ruim que tive quando fui naquela casa.

- Willian e Verônica são ricos? Questiono e ele sorrir.

- Que mudança de assunto Srta Albuquerque, mas respondendo sua pergunta, não. À família de Willian tinha um dinheiro bom para se sustentarem, porém não eram ricos. Agora Verônica, eu não conheço ela e nem a família dela. Porque a pergunta.

- A casa deles é estranha. Um lugar sem vida, sem móveis. Sem cor. Não tem um porta retrato na sala. Não tem foto dos dois.

- Nossa você reparou mesmo na casa deles hein.

- Não é que eu reparei Renato. Você não acha estranho?

- Não sei Dayane. Talvez eles estejam trocando os móveis. Sei lá. Ele deve está me achando paranóica.

- Verônica tinha me dito que está de mudança. Eles querem uma casa maior. Falo e ele sorriu para mim.

- Está vendo. Não tem nada demais. Ele não vai me dar crédito

- Você está me achando paranóica né? Indago já sabendo à resposta.

- Não, não estou achando, só estou achando que você está pensativa demais e não quer me contar o que está havendo. Não quis ir para minha casa ontem, e hoje está aqui sozinha, pensativa e mais ainda calada. Eu não mereço saber o que você está pensando? Ele diz meio chateado.

- Claro que merece. Suspiro. Eu tenho sonhado com coisas que me

aconteceram. Pessoas que nunca vi e lugares que possa ter ido.

- E porque você não disse isso antes? Ele questiona magoado.
- Eu não achei que era realidade até sonhar ontem com uma faca da que levei aqui. Falo mostrando a cicatriz.
- Eu tive um sonho com você nua em minha frente. Estranhei meu sonho até ver que você estava machucada ai. Estava sangrando. Fiquei desesperado na hora. Entendi naquele momento que você estava correndo risco de vida.
- Renato eu tenho à sensação que eles estão perto de mim. Tenho à sensação de está sendo vigiada constantemente.
- Eu nunca vou deixar eles te pegarem de novo. Ele me dá um selinho. Não precisa se preocupar. Porque eu saberei onde você está à todo momento. Não precisa ter medo.
- Eu não tenho medo, não mais, porém eu tenho essa sensação. E essa sensação não vem de agora.
- Não importa isso meu amor. Já disse que você nunca estará sozinha. Ele me abraça e eu o abraço forte. Tenho à sensação de que algo vai acontecer comigo e eu preciso ser forte para encarar. Ouço o celular tocar e sei que é de Renato, pois o meu ficou na minha bolsa dentro do carro. Ele me solta dos seus braços e pega o celular do seu bolso.
- Villaça. Ele atende no seu modo CEO. Agora? Estamos indo para lá. Ele fala e desliga.
- O que foi? Questiono sem saber para onde vamos.
- Cláudia acabou de ir para o hospital. Vamos que possa sobrinha vai nascer. Ele fala já me puxando. Sorriu, porque vou conhecer à minha sobrinha.

Pego minha bolsa no carro que vir com os seguranças e fui para o carro de Renato. Fomos bem mais animados para o hospital. Espero que tudo dê certo no parto de Cláudia. Ela estava tão feliz por ter chegado o último mês que não via à hora de ver e ter sua menina nos braços.

No hospital Sarah e Maycon já estavam lá. Nos cumprimentamos e questionei se já tinham notícias. Maycon informa que acabaram de levar Maurício para assistir o parto. Não demora muito Márcia e Dantas também chegam. Eles estavam eufóricos por saber que sua primeira neta estava à caminho. Todos estavam nervosos na sala de espera, queríamos notícias e nada ainda. De repente a porta é aberta por uma enfermeira, porém o que me intriga não é isso. Um homem passa na porta indo pelo corredor me olhando. Ele não desviou seus olhos e nenhum

momento. À porta se fechou e eu ainda estava com aqueles olhos me olhando. Eu já tinha visto ele em algum lugar. Não sei onde, mas eu já o vi. Saio dos meus pensamentos com a euforia de todos na sala pelo nascimento da nossa menina.

- Você está bem? Sarah questiona parando em minha frente.
- Sim. Estou. Nossa pequena nasceu. Falo sorrindo a abraçando.
- Cláudia deve não caber em felicidade. Sarah fala com os olhos brilhando.
- Não deve mesmo. Assinto e ela tem lágrimas nos olhos.
- Não vejo à hora desse momento ser meu e depois seu Dayane. Fico sem reação. Talvez esse momento para mim nunca chegue, pelo menos não da forma que ela ache que vai acontecer. O que foi? Você não quer ter filhos? Ela questiona olhando para minha cara de tristeza.
- Sim quero, mas ainda é cedo para isso Sarah. Digo e ela parece que não se convenceu.
- Depois a gente fala mais sobre isso. A Srta está me escondendo algo que não sei o que é. Maurício chega na sala super sorridente e animado. Ele estava radiante.
- Gente minha menina é linda. Ele fala e vejo Márcia ser à primeira o abraçar.
- Estão não se parece com você né? Maycon questiona brincando com o irmão.
- Maycon. Márcia o repreende. Se puxar tanto você quanto Cláudia, ela será linda. Márcia continua
- Obrigada Mãe. Ela é linda, perfeita. Estou novamente apaixonado. Maurício está todo babão. Vou até ele e o abraço.
- Parabéns Maurício. Digo e ele me dá um beijo na cabeça.
- Obrigada cunhadinha. Ele fala e me aperta em seu abraço.

Fomos todos ver a pequena Ava no berçário. Ela era tão linda, o papai babão não parava de rasgar elogios. Branquinha de cabelos Loiros iguais os de Cláudia. Não deu ainda para ver os olhos, mas Maurício tinha certeza que eram verdes iguais os da mãe.

Mais tarde foi liberado mais tarde à entrada no quarto para ver Cláudia. Sarah e eu fomos e demos os parabéns para ela que estava muito feliz e também ansiosa para ver sua menina. O resto do pessoal entrou depois e a festa estava toda no quarto. Renato como sempre trouxe flores para à mamãe. Nossas conversas eram



todas em relação à pequena Ava, que apareceu nos braços de uma enfermeira. Cláudia era só sorriso. Meus olhos enchem de lágrimas por ver a cena. Renato me abraça sabendo o meu sentimento.

- Não fica assim. Ele fala e beija à minha cabeça.
- Estou feliz por ela. Sei que Cláudia será uma mãe excelente. Digo limpando meus olhos.
- Bem pessoas, sei que vocês estão querendo paparicar à mamãe e à princesinha aqui, mas vou pedir à todas que deem licença para à mamãe amamentar. A enfermeira diz e todos nós assentimos. Demos um beijo em Cláudia e na princesa da casa.

Já tinha três dias que Cláudia estava em casa com a pequena. Ela queria contratar alguém, mas eu fiz questão de ajudá-la. Mesmo que na parte da manhã eu estivesse na faculdade, à tarde estaria em casa para ajudá-la no que precisasse. E também era um jeito de fazer algo que talvez eu nunca faça e nem viva esse momento com um bebê.

Tinha um mês que também não via Verônica. Não que a amizade dela me fizesse falta, porque algo me fazia, eu tinha certeza que ela era falsa e algo me dizia para me afastar, porém eu queria ver até onde à mesma iria. Queria saber o que ela tanto esconde, e não só ela, mas o marido também. Nada me tira da cabeça que Willian não é o amigo que Renato disse ser. Aquela casa, meus sonhos e os sonhos de Renato com uma casa perto da casa deles, algo tinha ali e eu queria saber se tinha haver comigo.

Lavo meu rosto no banheiro. Ultimamente minha mente não para de pensar nisso. Escuto passos e a porta do banheiro sendo aberta. Levanto meu rosto e limpo o mesmo com à toalha de papel. Me olho no espelho e me assusto com um homem que me parece familiar. Me viro para olhá-la e o mesmo percorre todo o meu corpo, me dando um calafrio.

- Acho que o Sr entrou no banheiro errado. Digo sendo amigável.
- Você não se lembra de mim? Pede e ele não é estranho para mim, mas não sei de onde eu o conheço.
- Não. Não me lembro. Falo e ele sorrir para mim. Seu sorriso é estranho.
- Te procurei meses, achei que você estava morta, mas quando me disseram que você estava viva, que estava aqui é ainda vivendo com um outro homem, eu fiquei puto. Você não tinha e nem tem esse direito. Ele

fala e eu fico irritada com que ele diz.

- Como assim não tenho esse direito. À vida é minha, eu faço o que eu quiser com ela. Agora eu não estou entendendo o porque o Sr está dizendo isso. Está me confundindo com alguém? Indago com raiva.

- Eu comprei você. Ele grita com ódio na voz e eu agora estou entendendo. Meu sangue foge do meu corpo. Me falta o ar para respirar. Meu sonho vem em minha mente. Ele é o Sr do café. Eu o vi umas quatro vezes na cafeteria. Fora que no dia que eu fui pega. Ele estava lá fora. Ele estava dentro de um carro olhando tudo. E agora eu entendo porque ele não fez nada, ele mandou me buscar.

## **Capítulo 31**

Agora tudo estava voltando em minha mente como um lampejo. As gorjetas exorbitantes que ele deixava na mesa, à exigência que só eu o atendesse e ainda suas vindas ao café só tarde, quase ao fechar. Eu sempre estava sozinha quando ele chegava. Olho para ele levantando meu rosto. Eu ainda não conseguia acreditar que ele foi o responsável por tudo que passei. Nunca tive nenhuma

desavença com ele, sempre o tratei bem, e mesmo assim ele fez o que me sequestrasse, porém porque não me levou direto para ele? Porque me mandou para aquele lugar onde mulheres se prostituíam? Ele me olha com um sorriso de vitória em seu rosto. Ele acha mesmo que vai me levar com ele? Jamais, eu nunca mais sairei do lado da minha família e também nunca deixarei à pessoa que amo. Ainda mais por um porco imundo que nem ele.

- Você achou mesmo que eu iria desistir de você? Ele fala andando o espaço do banheiro. Você achou que iria fugir até quando?
- Eu não estava e nem estou fugindo de ninguém, não tenho motivo para isso. Tenho? Indago mostrando uma coragem que não sei de onde veio.
- Eu te comprei e você é minha. Eu sou seu dono e estou aqui para te levar embora para minha casa. Começo à rir na cara dele.
- Não me faça rir. Eu não sou sua. Não sou um pedaço de carne que você comprar no mercado. Eu não sou seu bichinho de estimação para você ser meu dono, e melhor ainda eu não vou a lugar nenhum com você. Falo firme levantando meu queixo.
- Não ouse me desafiar. Você não sabe o que sou capaz de fazer.
- Eu estou pagando para ver. Porque você também não me conhece. .
- Tudo teria dado certo se aqueles idiotas não tivessem te maltratado. Essa hora você estaria na minha casa sendo minha.
- Me esclarece uma coisa, se você me queria tanto porque não me levou direto para sua casa? Porque me levou para um prostíbulo.
- À minha intenção era te conquistar ali, te salvar daquele lugar, porém você não cooperou e aqueles idiotas também não, porque ao invés de cuidar de você, eles colocaram sua vida em risco.
- Sua intenção era me salvar daquele lugar e assim eu ficaria agradecida?
- Sim.
- Você se enganou de pessoa, porque eu nunca iria te agradecer da forma que você pensa.
- Por isso paguei bem caro por você. Eu sabia que você nunca olharia para mim. E agora estou aqui para cobrar o que é meu. Você é minha e irá embora comigo agora. Ele fala já à ponto de vir para cima de mim.
- Já disse que não vou a lugar nenhum com você. E se me dê licença eu tenho que voltar para minha aula. Digo e vou andando porém ele me agarra pelos cabelos.
- Você acha mesmo que vou deixar você aqui? Você sairá daqui comigo direto para meu jato particular. Ele fala segurando com força meus cabelos. Droga isso dói, mas eu não estou com tempo e nem paciência para pensar

na dor que estou sentindo. Lembro do treinador falando se alguém vier por trás e puxar o meu cabelo eu devo dar uma cotovelada em resposta. E é isso que eu faço. Ele parece não sentir nada. Acha mesmo que vai fugir de mim? Você é minha e vai embora comigo. Mais uma vez eu dou outra cotovelada abaixo do abdômen, dessa vez ele parece sentir e põe uma das mãos na barriga. Sua vadia, eu vou te mostrar como se trata seu dono. Não espero ele reagir. Me viro e acerto as bolas dele. O mesmo cai com as mãos entre as pernas, e dessa vez eu é que vou colocá-lo em seu lugar.

- Escuta aqui seu verme, seu porco imundo nojento. Falo puxando os poucos dos cabelos que ele tem. Eu não sou sua propriedade. Você tinha razão em achar que eu nunca olharia para você, mas não por causa da idade, mas sim porque eu nunca me aproximaria de pessoas como você. Nunca me apaixonaria por um doente como você. Então sugiro que você comece à pensar em um modo de se livrar da cadeia, porque daqui você vai sair somente com à polícia.

- Se você chamar à polícia eu vou mandar matar toda sua família, você é aquele Merda que se atreveu à tocar em você. Ele ameaça cheio de ódio na voz.

- Você acha que tenho medo das suas ameaças? Você já acabou com à minha vida uma vez. Quase me matou, e agora não vai conseguir fazer mais nada. Pego meu celular. Tem umas dez ligações de Renato, já imagino que esteja vindo para cá. Mas antes de falar com ele ligo para à polícia. O doente tenta levantar, mas eu bato mais uma vez no meio de suas pernas para ver se ele sossega.

- Você vai me pagar. Ele diz com certa dificuldade na voz.

- Eu estarei esperando, porém quero que se lembre que eu não sou à garota mansinha que você achou que eu era. Se houver uma próxima vez, pode ter certeza que você não ficará vivo para contar quem te matou. Fecho uma das minhas mãos e dou um soco na cara dele. Eu sinto dor, mas ele também. Ligo para Renato.

- Dayane, quer me matar de susto e preocupação? Ele pede nervoso já no primeiro toque.

- Calma, eu estou bem. Digo olhando para o merda na minha frente.

- Fiquei preocupado. Já tem quase uma hora que você está no banheiro. Está passando mal?

- Não. Estou bem. Mas onde você está? Questiono para saber se ele está à caminho.

- Passando pela porta da faculdade.

- Ótimo. Venha direto para o banheiro feminino. Tem um monstro aqui

dentro achando que podia me levar.

- O que você disse? Ele grita ao telefone.
- Renato eu estou bem. Nesse momento ele está imobilizado apertando suas jóias. Digo com um sorriso vitorioso.
- Estou à caminho. Mas quero que você saia do banheiro.
- Não vou sair enquanto você e seus homens não chegarem para verificar se tem algum dos homens desse doente aí fora. Ele não iria vir sozinho. Com certeza tem pessoas vigiando. Digo. Renato nada vai acontecer comigo. Esse animal está com um roxo na cara, e uma dor insuportável no meio das pernas, se ele conseguir levantar, eu serei mais que capaz de acertá-lo de novo. Então pare de se preocupar e venha logo. Digo e ele não responde. Desliga.
- Você acha mesmo que venceu essa né? Tem pessoas te vigiando a dias, sabem onde você mora, com quem, sabem todos os seus passos. Assim que souberem que eu estou preso vão acabar com você e toda sua família.
- Acho melhor você parar de me ameaçar, porque você vai se dar mal.
- As pessoas que eu paguei para te ter para mim, também não vão gostar de saber que estou preso e podem querer iluminar você por isso.
- Eu acredito que você não me entendeu. Eu não tenho medo das suas ameaças. Minha família está toda protegida de imundos como você. Portanto pode querer fazer o que quiser. Não vou mais me abalar com você ou qualquer porco da sua laia que me apareça. Vocês me pegaram um vez e não vão pegar nunca mais. Escuto batidas na porta. Vou até ela e abro.
- Meu amor. Como você está? Renato questiona analisando todo meu corpo.
- Estou ótima. Ele me olha mais uma vez e depois olha para o homem caído no chão.
- O que esse verme queria? Ele pede indo de encontro ao homem.
- Me levar de volta à Londres. Ele disse que me comprou e venho buscar o que é dele. Digo e Renato tem sangue nos olhos. Ele puxa o homem pela camisa e dá outro soco nele
- Você nunca mais vai sair da cadeia. Meus advogados vão cuidar para isso. Renato diz e cospe na cara do homem.
- Ela não vai ficar com você. Ela é minha. Meu namorado dá outro soco.
- Você já era. Diz e se levanta. Vamos. Meus homens vão cuidar de entregá-lo à polícia.
- Eu já chamei a polícia. Ele assentiu.
- Vamos. então. Esse aí não vai a. lugar nenhum
- Tinha pessoas dele aí fora? Questiono olhando para Renato.

- Sim. Mas não se preocupe, meus homens já deu um jeito neles. Ele fala e beija minha testa.

Saímos os dois do banheiro e à polícia já estava chegando na porta. Eles questionam o que aconteceu e eu explico desde o começo do meu sequestro em Londres. E informo que o homem lá dentro disse ter me comprado de um grupo que faz tráfico de mulheres e as colocam para se prostituírem. Um dos policiais diz que vou ter que prestar queixa na delegacia, e Renato já interfere dizendo que isso não vai acontecer, o meu depoimento será pego em casa, qualquer coisa era para mandar o delegado ligar para ele. Ótimo, não queria ir mesmo a uma delegacia.

Vamos embora no carro dirigido por Renato já que Pierre ficou para verificar tudo aqui.

- Você quer ir para sua casa ou para minha? Ele me questiona desviando seus olhos da estrada.
- Se você for ficar comigo, vou para sua casa, agora se não, vou ficar na casa de Cláudia.
- Eu jamais te deixaria depois de sofrer quase um sequestro. Meu coração só tem amor por esse homem.
- Obrigado! Obrigado por sempre está do meu lado, obrigado por me salvar de novo. Digo olhando para ele.
- Dessa vez eu não te salvei. Foi você mesma. E eu amei saber que as aulas de lutar estão fazendo efeito. Ele diz sorrindo.
- Tenho que te agradecer por isso também. O treinador que você me apresentou é ótimo.
- Que bom linda.

Fomos para casa dele e ele pediu à Vera para arrumar almoço para gente. Liguei para Cláudia dizendo que estava na casa de Renato, mas mais tarde eu estaria lá para ajudá-la. Ela disse que não precisava, que era para eu aproveitar o meu namorado. Sorri do jeito malicioso que ela disse. Eu não contei à ela sobre o ocorrido, farei isso pessoalmente.

- Falou com Cláudia? Renato pede me sentando em seu colo.
- Sim, mas não contei o que houve. Prefiro contar pessoalmente.
- Acho ótimo.
- Amor, ele ameaçou você e toda a nossa família. Não demonstrei medo na

hora e nem na frente dele, porém eu tenho medo sim. Tenho medo que ele e as pessoas que me pegaram para vender à ele façam algo com vocês. Minhas irmãs e até mesmo Ava. Falo meio chorosa.

- Calma, não vai acontecer nada com ninguém da nossa família. Eu e meus irmãos nunca permitiremos isso. Esse animal e os outros não farão nada Dayane. Então fique calma, estarei sempre com você. Confia em mim?

- Claro que sim. Você é meu porto seguro. Eu já te disse isso. Digo o abraçando forte.

- Então não se preocupe com nada. Eu estarei sempre olhando por nossa família.

Nos beijamos com amor e desejo, porém fomos interrompidos com Vera dizendo que o almoço estava pronto. Fomos sorrindo para a mesa. Comemos conversando sobre outro assunto. Ele disse que no final de semana vamos velejar. Ele tem uma surpresa para mim. Estava animada para o fim de semana. Por um momento até esqueci o que passei.

Renato me disse que tinha uns assuntos de trabalho para resolver, mas que não iria demorar. Eu não me importei, já que tinha trabalho para fazer. Passamos não sei quanto tempo enfiado em nossas obrigações, só parei quando Vera disse que tinha um delegado querendo falar comigo. Eu já sabia do que se tratava, então pedi que à mesma deixasse ele entrar. Renato apareceu na hora e assim nós dois recebemos o delegado.

O delegado faz algumas perguntas sobre Londres e questiona se eu já conhecia o homem. Aguiar, esse é o nome do verme. Disse que ele frequentava o café que trabalhava em Londres, mas nunca dei brecha para ele achar que poderia fazer tal coisa, e muito menos imaginei que ele mandasse me sequestrar e me envolveria no tráfico humano. O delegado diz que ele vai ficar muito tempo preso sem fiança já que Renato entregou um dossiê sobre o homem. Olho para Renato e me pergunto como ele faz essas coisas. O Questiono se o Aguiar entregou alguém que faz parte do tráfico humano e o delegado me diz que não. Ele chamou um advogado, onde o mesmo vai tentar um habeas corpus. Porém Renato já disse que será em vão. Seu pai já está trabalhando para eu esse homem não consiga nada. Fico impressionada de como essa família age e ainda tem influência. O delegado vai embora. Espero que nada aconteça com minha família eu me sentiria muito mal e culpada por trazer esse mal a eles.

Renato me levou para casa e lá eu pude contar o que houve comigo para Cláudia e Maurício. Claro que minha irmã ficou preocupada e disse que não poderia ficar sozinha nem na faculdade. Renato tratou de minimizar a situação dizendo que mandaria verificar a segurança da faculdade impedindo que qualquer pessoa entre ali sem ser anunciada para que venho.

Jantamos juntos, e depois Renato ficou comigo até eu dormir. Ele disse que não poderia dormir comigo, pois tinha ainda coisas do trabalho para resolver. Fiquei triste, mas entendia que ele saiu da empresa para ficar comigo.



## Capítulo 32

Sentia Dayane distante à dias. Eu estava tentando tirar dela, o que estava havendo com a mesma, porém ela não se abria comigo. Ela andou me falando de Verônica e Willian, mas eu não quis deixar à mesma paranóica com isso, por mais que eu soubesse que Willian andava muito estranho, só não entendia o porque.

Willian é um amigo de longa data, por mais que nos afastamos, não deixamos de ser amigos. Acreditava sim, que ele me escondia algo, mas nada que pudesse me fazer duvidar da sua integridade. Se ele tinha problemas pessoais, isso não era da minha conta. Então não queria também que Dayane se preocupasse com Verônica ou ele. Acredito que Willian não se casaria com uma mulher de conduta duvidosa, eu só queria que Dayane ficasse tranquila. Até achei bom ela manter uma amizade com Verônica, assim ela poderia se socializar e levar uma vida mais normal possível.

Já tínhamos mais de seis meses de namoro e eu queria que à gente fosse além disso. Pode está cedo demais, porém eu não quero mais adiar algo que na minha mente já está bem definido. Assim poderíamos viver juntos e eu poderia além de amá-la mais, protegê-la mais ainda. Então esperava que à surpresa que eu tinha para ela no final de semana fosse bem vinda e bem vista por ela.

Estava em meu escritório quando algo me chamou atenção. À movimentação de Dayane na faculdade havia parado. Fiquei olhando para o computador e o ponto ainda continuava fixo no mesmo lugar. Liguei para um dos seguranças que tenho na faculdade e ele me disse que ela estava no banheiro. Não me incomodei até notar que já tinha vinte minutos que ela estava naquele banheiro e eu só conseguia pensar que ela estava passando mal. Peguei meu celular e liguei para

ela. Não atendia. Liguei de novo e nada. Eu já estava ficando nervoso. Ela não podia me deixar no vácuo. Pensei em ligar para um dos seguranças disfarçados para o mesmo verificar o que estava havendo com ela, porém o que ela pensaria se o cara batesse na porta do banheiro feminino, questionando por ela. Descartei essa ideia. Parei de fazer tudo na empresa e me pus à ir até à faculdade. Ela não saía do banheiro, quase meia hora ali e nada. Era hora de saber o que estava havendo. Passei por Francielle já dizendo que não volto hoje, era para ela cancelar todos os meus compromissos. Pierre estava em meu encalço.

- O Sr acha que está acontecendo algo com ela? Pierre questiona olhando para seu celular que mostra o ponto fixo no banheiro.
- Ela não estaria tanto tempo no banheiro por nada. Algo está acontecendo. Ela pode até ter desmaiado ali, e ninguém sabe dela. Digo passando as mãos na cabeça. Estou muito preocupado. Minha mente não consegue pensar em outra coisa que não seja ela correndo perigo.

Pierre já abre o carro e eu me sento do seu lado. Não quero perder tempo para nada. Volto à ligar para o celular dela e nada.

- Dayane, atende droga. Porque você faz isso? Porque me tortura dessa forma?

Minhas mãos estão frias, meu coração está à mil com medo do que possa encontrar naquele maldito banheiro. Pierre não poupa nenhum sinal, ele passa todos e em quinze minutos estamos já na porta da faculdade. Meu celular toca e vejo o nome de Dayane. Volto à respirar.

- Dayane, quer me matar de susto e preocupação? Atendo no primeiro toque já nervoso.
- Calma, eu estou bem. Ela diz muito calma para meu gosto.
- Fiquei preocupado. Já tem quase uma hora que você está no banheiro. Está passando mal?
- Não. Estou bem. Mas onde você está? Já sei que tem coisa aí.
- Passando pela porta da faculdade.
- Ótimo. Venha direto para o banheiro feminino. Tem um monstro aqui dentro achando que podia me levar. Que merda é essa?
- O que você disse? Grito fazendo Pierre me olhar assustado.
- Renato eu estou bem. Nesse momento ele está imobilizado apertando

suas jóias. Ela diz, mas eu só vou ficar tranquilo quando ela sair do banheiro.

- Estou à caminho. Mas quero que você saia do banheiro.

- Não vou sair enquanto você e seus homens não chegarem para verificar se tem algum dos homens desse doente aí fora. Ele não iria vir sozinho. Com certeza tem pessoas vigiando. Ela fala e eu suspiro nervoso. Renato nada vai acontecer comigo. Esse animal está com um roxo na cara, e uma dor insuportável no meio das pernas, se ele conseguir levantar, eu serei mais que capaz de acertá-lo de novo. Então pare de se preocupar e venha logo. Não respondo, desligo.

- O que houve Sr?

- Algum idiota tentou levá-la. Eu quero seguranças no campus mulher. Quero uma mulher disfarçada aqui, na verdade pode colocar umas cinco aqui. Não quero mais essa brecha. Falo já chegando na porta do banheiro. E dando de cara com dois homens vigiando o lugar.

- O Srs estão fazendo o que aqui? Questiono já sabendo, mas eu não quero chamar atenção para nada aqui.

- Sugiro que ambos se afastem. Um dos homens diz e eu o olho com as sobancelhas levantadas.

- Pierre, ligue para a polícia, e diga que tem dois homens não identificado no Campus. Os homens sacam suas armas. E eu olho para ambos.

- Já pedimos. para vocês se afastarem. Não queremos confusão. Meu chefe só está pegando o que é dele e já estamos saindo daqui.

- Seu chefe está pegando o que é dele? Olho para Pierre que me olha já sabendo o que fazer.

- Nós também não queremos confusão Srs, então sugiro que baixem a arma, pois o local que vocês estão é bem movimentado e com certeza alguém já chamou a polícia. Pierre diz e eles se olham e depois abaixam as armas. Três dos meus seguranças disfarçados chegam.

- O que está havendo aqui? Trevis questiona olhamos para os caras bem nossa frente. Trevis é um dos meus seguranças mais alto. Ele é um armário literalmente, perto dele os homens à nossa frente não são nada. Parecem mais uma formiga perto de um elefante.

- Já dissemos que não queremos confusão.

- Não querem confusão, então vão deixar meu chefe passar, porque senão a confusão já vai estar formada. Trevis diz se colocando na frente dos homens. Não tenho muito tempo aqui, então sugiro que vocês tomem a decisão logo. Trevis continua.

- Não podemos deixar vocês entrarem.

- Ótimo, então vamos começar à confusão. Trevis fala já acertando um chute em um dos homens. O outro pega sua arma e aponta para Trevis, porém Pierre aponta sua arma na cabeça dele.
- O que vão querer agora? Pierre questiona e eu já passo por eles, não estando esses malditos decidirem. Sei que meus homens são mais que capazes de acabar com esses dois idiotas. Bato na porta e ela abre. Fico aliviado de vê-la.
- Meu amor. Como você está? Analiso todo seu rosto e corpo para ver se ela está com algum ferimento ou arranhão.
- Estou ótima. Analiso mais uma vez seus olhos para ver se ela não está escondendo nada. Depois olho para o chão e o maldito de um Sr está estendido no chão com as mãos no meio das pernas. Boa garota.
- O que esse verme queria? Peço já indo de encontro com o homem. Eu gostaria de sumir com ele, de mandar matá-lo, porém eu não quero ter meu nome envolvido nesse Merda.
- Me levar de volta à Londres. Ele disse que me comprou e venho buscar o que é dele. Olho para ele com uma raiva anormal. Ele quer o que é dele? Ele terá. Pego o mesmo pela camisa e dou um soco na cara dele.
- Você nunca mais vai sair da cadeia. Meus advogados vão cuidar para isso. Digo cuspidando na cara dele. Homem asqueroso.
- Ela não vai ficar com você. Ela é minha. O único que pode ter sentimento de posse aqui sou eu, então lhe dou outro soco.
- Você já era. Me levanto. Vamos, meus homens vão cuidar de entregá-lo à polícia.
- Eu já chamei à polícia. Assinto, pois sei que ela está bem mais forte agora.
- Vamos então. Esse aí não vai a lugar nenhum. Olho para o lixo atrás de mim que tem sangue na boca.
- Tinha pessoas dele aí fora? Dayane pede e sinto medo em sua voz.
- Sim. Mas não se preocupe, meus homens já deu um jeito neles. Beijo sua testa e saímos dali.

Já não tinha ninguém lá fora. Meu celular vibra e eu sei que é Pierre me passando informações, porém eu só quero tirar minha namorada daqui. Fomos para minha casa conforme ela queria. Me senti melhor assim também, porque por mais que à casa de Maurício esteja bem segura e vigiada, queria eu ser o protetor dela neste e em todos os momentos. Também fiquei bem aliviado que ela usou suas técnicas aprendidas de lutas para se defender, senão essa hora ela

poderia está longe, e por mais que eu soubesse onde ela estaria, eu ficaria muito puto. Ninguém vai conseguir tirá-la daqui e ainda mais de mim.

Em casa depois do almoço, eu fui trabalhar no meu escritório em casa, na verdade foi à desculpa que dei à Dayane. Porque eu não queria que ela ficasse preocupada com esse assunto. Quero que ela esqueça esse dia. Fui mesmo é colocar Pierre à par da situação e dizer à ele que queria um relatório desse homem que foi preso para ontem. Quero que vasculhe à vida dele. Quero saber o que como, bebê, com quem dorme, onde mora, com quem mora, família, negócios e principalmente seus amigos. Há essa lista eu quero fazer questão de ver. Quero ter ele em minhas mãos, e nas mãos da polícia.

Pierre ficou de me passar tudo até o final da tarde. Eu também coloquei para ele que quero seguranças femininas disfarçadas na faculdade. Não quero. mais essa falha. Se tivéssemos pensado nisso, talvez Dayane não teria passado por essa situação. Ele disse que me mandaria os nomes para aprovação.

No final da tarde o delegado entrou em contato comigo já dizendo que viria para tomar o depoimento de Dayane. Antes que ele viesse eu queria que ele lesse o dossiê do maldito que Pierre me passou. O nome do doente é Ronan Aguiar, tem quarenta e cinco anos. Mora em um mansão em Londres. O mesmo é americano, ou seja, não pode ser deportado. Ele complicou à vida dele aqui. Não é casado, não tem filhos e sempre visitou prostíbulos. Ele é um frequentador assíduo desse tipo de lugar. O pior não é isso. O cara já violentou três mulheres, inclusive uma empregada que moveu um processo contra ele. Porém não foi a fundo na acusação, pois ele deu um cala boca para ela.

Na pesquisa de Pierre ele teve contato com um tal de Lucas, que acredito ser o mesmo que está envolvido no sequestro de Dayane e também um número que Pierre ainda não soube à quem pertence. Ele está em nome de Suzanna Tiddes. Não sabemos quem ainda, porém pedi a Pierre para ir mais à fundo. Com certeza faz parte desse bando horroroso.

O delegado veio e tomou o depoimento de Dayane. Ele já estava à par da situação que houve com ela em Londres. Ele me disse eu não poderia investigar o que houve lá, mas que Aguiar ficarão preso aqui sem fiança. Claro que ele iria. Coloquei papai também no caso. Ele conhece à maioria dos juízes e sua influência mandava muito. Então Aguiar não tinha muitas chances.

Levei Dayane para casa, mesmo eu não querendo, queria passar à noite com ela

e ainda cuidar mais dela, porém eu sabia que se não à levasse, Cláudia quando ficasse sabendo me comeria vivo, portanto deixei minha vontade de tê-la de lado e levei ela para casa. Jantamos e depois fiquei com Dayane até ela dormir. Na sala eu abordei Eliot.

- Quero falar com você e Maycon amanhã. Digo e ele me olha.
- Algum problema?
- Vamos ter senão blindarmos à nossa família.
- Você acha que esse homem pode fazer alguma coisa da cadeia? Mauricio pede preocupado.
- Não só acho como vai. Ele está vulnerável, vai chamar as pessoas que o ajudaram à sequestrar Dayane e tentar blefar que vai entregá-los se não tirá-lo da cadeia. Ele ameaçou Dayane e toda à nossa família. Eu não quero matar alguém por sequestrar minha sobrinha, então sugiro que fiquemos dez passo na frente deles. Eles vão atacar de tudo quanto é forma. E ainda vão querer pegar Dayane de volta, e para isso eles usarão as irmãs e até mesmo Ava para pegar Dayane.
- Eu nunca deixaria que tocasse em Cláudia e Ava. Mauricio diz com raiva.
- Nem eu. Eu, você e Maycon sabemos nos defender, porém não podemos deixar as meninas sem proteção. E para não ficarem paranoicas tem uma sugestão. Na verdade duas.
- Fale. Meu irmão pede me olhando.
- Seguranças disfarçados com elas para tudo quanto é lugar. E também um rastreador para ambas, inclusive para Ava.
- Como vamos dar esses rastreadores sem elas saberem? Ele pede intrigado.
- Fácil. Brinco, colar, relógio, pulseira, bolsa. Tudo isso pode ser colocado um rastreador. Sugiro que vocês comprem presentes para elas o mais rápido possível. Não quero deixar nada à desejar. Não sabemos direito o que vamos enfrentar, e com que estamos lidando.
- Para mim tudo bem. Falarei com Maycon amanhã é faremos o que tiver que ser feito.
- Ok. Outra coisa. Babá para Ava, já contrataram? Peço, não me perdoaria se algo acontecesse à minha sobrinha e sei que Dayane também não.
- Ainda não. Cláudia quer ficar com ela até o fim da licença maternidade, depois pensar nisso.
- Ótimo, mas sugiro também que não seja uma babá normal. Pode ser uma segurança tomando conta dela.

- Cara você pensa em tudo. Mauricio diz sorrindo.
- Não se pode brincar com o perigo. Como disse não sei o que está por vir e não quero deixar isso ao acaso.
- Tudo bem. Vamos nos falar amanhã. Vou ligar para Maycon amanhã cedo e assim coloco ele a par da situação.
- Ok. Deixa eu ir, amanhã nos falamos.

Eu liguei para Jonh parar o mesmo fazer mais rastreadores. Sei que ele ficou meio raivoso, porque ele teve dificuldade para fazer o primeiro, e agora pedir à ele para fazer outros, o mesmo não vai dormir. Eu só quero proteger à minha família, não quero nada acontecendo à nenhum deles.

No outro dia eu mesmo levei Dayane para a faculdade. Queria ter certeza que ela estava bem e também que ficaria bem ali. Na empresa já cheguei fazendo contato com Maycon, e ele me disse que faria de tudo para proteger Sarah e nossa família. Então já disse que elas começaria à andar com seguranças disfarçados. Quero pega esses idiotas de surpresa.

À noite eu e Dayane estávamos em casa. Jantamos e depois sentamos frente à lareira para curtir um ao outro. Estávamos precisando desse momento só nosso.

- Eu preciso de você. Ela diz olhando para mim. Nossas mãos estavam entrelaçadas. Apertei sua mão na minha e puxei ela para meu colo.
- Eu também preciso de você. Digo já à beijando.

Nossos lábios unidos, fazendo uma dança que nos permitia ir além do que nossos corpos delatavam sobre nosso prazer carnal, um pelo outro. Seu beijo é mágico, sua pele macia. A envolvia em meus braços fortes, fazendo à sentir protegida do mundo. Só eu e ela e mais ninguém.

A lareira está em chamas, esquentando nosso mundinho, a música de fundo dando ritmo a nossa paixão, e minhas mãos estão quentes, deliciosas e firmes deslizando sobre minha face até seu pé. Provoco mais e mais a pele dela, fazendo ela gritar de desejo por mim.

Ela leva a mão até meu membro, que já estava em posição de ataque, prontinho pra ela.

- Baby, hoje quero que você sinta prazer, hoje é seu dia.

Com muito carinho, à deito no tapete e a despindo vagarosamente. Ela sentia cada toque meu e gemia. Meus toques ora por mãos, ora por beijos. Meus lábios chegam até a boca dela e nos beijamos apaixonadamente. Ah, como a amo. Começo à tirar minhas roupas com à ajuda dela. Término e me posiciono sobre seu corpo. Sinto sua pele na minha, que arrepio gostoso.

Desci meus lábios pelo seu pescoço e vai parar nos seios. Minha língua desliza sobre os biquinhos já durinhos de tanto tesão, mais uma vez solta um gemido suave, que acaba me provocando. Minha língua vai deslizando pela barriga lisinha, parando na virilha. Ela está completamente relaxada, apenas sentindo meus carinhos. Que delícia. Com o dedão, começo a circular o grelinho e minha língua fica zanzando pela virilha. Posiciono um dedo na entrada da intimidade dela, brincando na entradinha e dessa maneira vejo ela ficar molhadinha, deixando escorrer seu mel que tanto amo. Levo a língua até o grelinho e dou umas chupadas a deixando alucinada.

As mãos dela que estavam largadas pra cima, pois realmente estava relaxada, só curtindo esse prazer que estava proporcionando, por fim, não resistiu e levou-as até à minha cabeça, puxando-a mais forte para minha sua intimidade. Minha língua dá uma entradinha na intimidade, meus dedos à enlouquecem no grelinho, então volto a chupar mais e mais, e de repente, começo a sentir espasmos e dessa maneira, sei que ela está gozando na minha boca.

- Isso meu amor, goza pra mim, deixa eu sentir seu prazer por mim. Digo sugando cada gota do meu que ela me dar do seu prazer.

Ela realmente estava nocauteada, porém me pedia que à penetrasse. Queria me sentir dentro dela, e eu também estava louco para isso. Me posiciono vagarosamente em cima dela e meu membro já vai procurando a entrada da intimidade dela. Vou entrando vagarosamente, vou sentindo ela já sugar, enquanto vai entrando e gememos juntos.

Começo a sair e entrar, num ritmo em harmonia com a música que ora era lenta, ora era levemente agitada... Minha mão desliza em meu corpo e seus beijos aquecem meu coração. Sentimos um só corpo nesse momento mágico. Meus



beijos ficam mais ardentes e percebo que estou prestes a gozar, então ela começa a ir de encontro às minhas estocadas, entrando no ritmo comigo e sentindo meu membro bater no seu útero. Isso, adoro bem fundo. Meu ritmo aumenta. Estou prestes a gozar, sinto jorrar todo meu prazer dentro dela. Sinto que ela gozar junto comigo, abraçando com força meu corpo.

Olho para ela, um olhar extremamente de carinho, onde o olhar diz tudo ou até mais que palavras. Nos abraçamos ali mesmo, no chão, sobre o tapete de cor creme. Puxo a manta de cima do sofá, nos aconchegamos de conchinha, ela na frente e eu atrás. E dessa maneira, adormecemos juntinhos, sob o calor das chamas da lareira.

Meu celular toca, e eu custo à levantar para pegar. Ainda parece noite, pois pela janela da sala está tudo escuro. Me levanto com certa dificuldade, meus olhos estão pesados de sono. Vou até a mesinha da sala de estar e atendo sem olhar.

- Villaça. Falei coçando meus olhos.
- Renato, sou eu Maycon. Cara venha para o hospital. Papai e mamãe sofreram um acidente. Ele fala e fico em choque. Meus pais, como isso aconteceu?

## Capítulo 33

Eu ainda estava na sala com o telefone no meu ouvido. Não era possível isso. Falei com meu pai ontem à tarde. Ele estava bem, disse que mamãe também. Eu não podia acreditar que isso estava acontecendo.

- Renato, Renato, você está aí? Sou tirado dos meus pensamentos com Maycon me chamando.
- Sim. Digo simplesmente ainda em choque.
- Olha Maurício já está à caminho, então estamos te esperando.
- Como foi? Falo já subindo para meu quarto.
- Não sei ainda. À polícia ainda não chegou aqui ainda para dizer algo.
- Ok. Já estou indo para ir. Falo e desligo.

Fui para o closet e peguei uma calça jeans e uma camisa junto com uma jaqueta. Calcei meus tênis. Desci para sala e fui pegar Dayane no colo. Levei ela para o quarto. Iria deixar a mesma dormindo. Pego a chave do carro e sigo para o hospital. Espero que não aconteça nada com eles. São tudo para mim.

Chego no hospital e já vou logo na recepção e dou o nome dos meus pais. Eles me informam o andar e eu subo correndo para o segundo andar. Vou até a sala de espera, onde Maycon e Maurício estão conversando com um policial.

- Como eles estão? Indago e os meus irmãos me olham. Vejo o policial também me olhar.
- Sr Villaça. Ele me cumprimenta. Aperto sua mão.
- Ainda não sabemos como eles estão. O médico não veio aqui. Mauricio diz com receio na voz.
- Já sabem como foi o acidente? Questiono e o policial me olha.
- Eles sofreram um atentado. Alguém atirou no carro para matar, mas como o carro deles é blindado, não surtiu efeito, porém eles não se deram por vencidos e provocou um acidente, onde o carro capotou várias vezes. Meu corpo gela com que o policial fala. Meus olhos enchem lágrimas, eu

não podia acreditar que aqueles vermes estavam querendo guerra. Se meus pais morrerem, eu vou matar cada um deles. Eu juro. Lágrimas escorrem pelo meu rosto. E olho para meus irmãos que também estou transtornado como eu.

- Já tem uma pista das pessoas que fizeram Isso? Maycon questiona.
- Ainda Sr Villaça. Estamos investigando. O policial diz e eu saio de perto dele.

Mando uma mensagem para Pierre dizendo que assim que ele acordar que me ligue. Eu quero que ele cacém esse doentes. Isso não vai ficar assim. Olho para a porta e os dois médicos aparecem. Vou para junto dos meus irmãos.

- Então Dr, como estão meus pais? Maurício questiona tirando à pergunta da minha boca.
- Estão na UTI. O quadro deles é grave. Seu pai está com o braço direito quebrado e à perna esquerda quebrada. Sua mãe teve um deslocamento da coluna. Os dois estão em coma por 72 hs, devido ter batido à cabeça. Vamos deixamos assim, para ver como respondem. Mas já digo que eles podem acordar com mais sequelas.
- Qual é à chance de tirar ambos do hospital? Indago. Não vou deixá-los aqui para serem mortos aqui dentro. Maycon e Eliot me olham não entendendo.
- Neste momento eu não aconselho. Eles estão frágeis, podem ter uma parada cardíaca, e não resistirem.
- Ok. Vou colocar seguranças na porta da UTI. Minha equipe verificará cada indivíduo que entrar ali.
- Sr Villaça, somente médicos estão autorizados à entrar lá dentro, não tem necessidade disso.
- Meus pais quase foram mortos, e ainda correm perigo. Eu não vou correr o risco de perdê-los. Toda equipe será verificada sim.
- O Sr vai precisar de autorização da direção. O médico fala e eu olho para meus irmãos que já sabem o que vai acontecer.
- Eu não preciso de autorização da direção. Eu sou o dono desse hospital, então será feito o que eu disser. Eles engolem seco e somente assenti. Vão embora nos deixando à sós.
- Você acha que foram as pessoas que sequestraram Dayane? Maycon questiona limpando seus olhos.
- Tenho certeza. O maldito ameaçou Dayane e todos nós. Ele e seus cúmplices não vão ficar sossegados enquanto não pegarem ela. Mas eles

não sabem com quem mexeram. Eles não vão acabar com a nossa família e também não vão levá-la.

- Vamos ter que ser mais cautelosos agora. Principalmente com as meninas. Mauricio fala e eu assinto.

- Não queria que Dayane soubesse desse atentado, mas será difícil mantê-la no escuro.

- Ela vai se culpar por isso. Maycon fala já sabendo o que vou enfrentar com ela.

- Sim, vai. E tenho medo que ela se coloque em risco para evitar que nada aconteça com a gente ou suas irmãs. Digo, sabendo do jeito que Dayane é. Não acho legal vocês andarem de carro. Seguranças farão isso para vocês até isso tudo acabar. As meninas também. Não vamos correr mais riscos.

- E quanto à nossos pais? Maycon pede preocupado.

- Estarão seguros aqui com segurança vinte quatro horas por dia, mas assim que melhorarem eu vou levá-los para casa e lá deixá-los com mais segurança. Digo e eles assentem.

Passamos os três o resto da madrugada no hospital. E não tinha muitas notícias dos meus pais, eles continuavam na mesma e eu então não tínhamos o que fazer. Fui para casa pensando em pegar Dayane em casa ainda. Porém foi em vão, já que ela já tinha saído para a faculdade. Liguei para ela e a mesma não me atendeu. Deve já estar dentro da sala. Ligo para os seguranças que são responsáveis por levá-la e buscá-la. Um deles me atende e eu já pergunto se o caminho foi tranquilo. E ele me responde que sim. Peço para ficarem atentos pois meus pais sofreram um atentado. Ele me diz que já está sabendo, pois está em todos os jornais. Merda, e eu não vi isso.

- Dayane vou os jornais? Questiono, pois não queria que ela soubesse pelos jornais. Eu tenho que falar com ela primeiro.

- Por nós não Sr. Até à hora que estávamos com ela, a mesma não tinha visto. Ele fala.

- Ok. Assim que ela sair da faculdade traga direto para minha casa. Quero conversar com Dayane.

- Tudo bem Sr. Mais alguma coisa?

- Não. Só quero que fiquem atentos. Falo e desligo.

Ligo para Francielle e peço para mandar todos os meus contratos e reuniões para videoconferência para minha casa. Eu não iria trabalhar na empresa hoje. Subi e tomei um banho longo. Me arrumei e fui para meu escritório. Vera me trouxe o

café da manhã e eu agradei a mesma por isso.

Ligo para Pierre e o mesmo já me atende dizendo que já sabe o que houve.

- Quero seguranças no hospital vigiando meus pais. Não quero nenhum problema.
- Imaginei que o Sr queria isso. Já fui lá com três dos meus melhores homens, e também deixei quatro a paisano.
- Ótimo. Quero também seguranças para minhas cunhadas e meus irmãos. Eles vão dirigir.
- Ok. Quanto ao acidente dos seus pais, já estou investigando. Mas já digo que tudo indica que tem dedo dos sequestrados da Srta Albuquerque. Eu já imaginava, mas quero ter certeza do que ele está falando.
- Como você sabe?
- Um homem visitou Aguiar ontem na cadeia. Isso ocorreu à noite, antes da hora que seus pais sofreram o acidente. Maldito.
- Identificaram a pessoa? Indago.
- Ainda não Sr, mas estamos nisso. Assim que tivermos uma posição te passo.
- Tudo bem. Me deixe saber de tudo. Não quero nada falho. Digo e desligo.

Quase perto do almoço Dayane chegou. Fui pra sala esperar por ela. À mesma entra com os olhos vermelhos. Droga. eu tinha medo disso.

- O que foi linda? Pedi me aproximando dela, porém à mesma desvio de mim.
- Você ainda pergunta o que foi? Seus pais sofrem um acidente no meio da noite e você me pergunta o que houve? Ela questiona limpando seus olhos, mas as lágrimas insistem em sair.
- Calma. Não foi culpa sua. Digo e ela me olha e de repente vejo ela chorar mais. O Merda, ela não sabia que foi um atentado.
- Você quer dizer que foi um atentado e não um acidente? Tem haver com meu sequestro? Foi aquele homem que me ameaçou e ameaçou toda nossa família? Ela faz as perguntas tão rápido que eu não consigo falar nada à não ser abraçá-la.
- Calma. Foi um atentado, não vou mentir, porém não se sinta mal por isso.

- Como você não quer que eu me sinta mal? Eu trouxe isso para vocês. Por minha culpa seus pais estão naquele hospital. E você ainda não quer que eu me sinta culpada? Pois eu me sinto sim, e não é você falando que vai tirar essa culpa de mim. Ela fala andando de um lado ao outro na sala.
- Não adianta você ficar assim. Temos que achar um jeito para colocá-los na cadeia. Digo.
- Para que? Para mais uma ameaça? Hoje foram seus pais, amanhã minha irmãs, depois você e cada um dos seus irmãos. E por fim me pegarem para fazer o que quiseram desde o começo. Eu não quero isso. Não quero que vocês paguem por mim. Limpa seus olhos.
- O que você quer fazer? Peço querendo entender o que ela quer.
- Não sei. Só sei que não quero que nenhum de vocês pague por algo que não tem haver com vocês.
- Não tem haver com à gente? Um pouco tarde para isso não Dayanestásia. Afinal de contas você me procurou em sonhos para te salvar, você confiou sua vida à mim, então pare de achar que não tenho nada haver com isso. Falo e ela me olha triste. Eu sei que peguei pesado, mas ela está deixando sua fraqueza falar mais alto e o que menos precisamos aqui é que ela seja fraca.
- Vou embora. Ela diz simplesmente.
- Você não vai sair daqui. Eu preciso de você, e não temos o porque ficar afastados agora. Quase grito.
- Você não entendi. Eu nunca vou ser algo bom para você e sua família.
- Para porra, parar agora. Eu não vou ficar aqui passando à mão na sua cabeça, como disse antes não vou te proteger de você mesma. Entendo que esteja chateada pelo que houve com meus pais, entendo que se sinta mal, mas não venha com essa história de não ser boa para mim e minha família. Quer pegar essas pessoas e voltar à sua liberdade? Quer que nossa família fique bem? Então comece à buscar à Dayane que vi colocar um homem no chão à dois dias atrás. Traga à Dayane segura de dois dias atrás de volta. Suspiro. Ela não pode se abater e trazer mais problemas pra gente. Precisamos nos unir. Falo à puxando para meus braços.
- Desculpa, eu só não quero que mais nada aconteça com nenhum de vocês. Ela diz molhando minha camisa com suas lágrimas. Sento com ela no meu colo.
- Não vai acontecer nada. Ainda mais se ficarmos juntos. Então não se sinta assim. Não foi culpa sua. Meus pais sairão dessa. Falo e dou um beijo em seu rosto. Precisamos ficar calmos e tudo dará certo. Confia em mim e é só isso que te peço.

- Eu confio. Ela diz me abraçando mais.
- Ótimo. Vamos comer alguma coisa. Digo.
- Estou sem fome.
- Nada disso. Tem que comer. Depois vamos no hospital saber como meus pais estão.
- O que os médicos disseram? Suspiro.
- Eles estão em coma por 72hs para ver como eles reagem, fora que tem lesões na perna, braço e coluna.
- Espero que eles saem dessa.
- E vão sair. Agora vamos almoçar pra gente sair.

Ela se fechou em seu mundo e não conversamos mais, por mais que puxasse assunto sobre outras coisas, ela me respondia no automático. Sei que ela estava preocupada com que podia acontecer de agora em diante. Mas tínhamos que ter muita calma para saber lidar com as coisas que podiam vir pelo caminho.

No hospital, meus pais continuavam na mesma. Os seguranças estavam ali de olho em tudo e me disseram que ninguém apareceu para ver ou saber dos meus pais. Sabia que isso era passageiro, alguém apareceria para saber se o serviço foi feito direito. E eu estava pronto para eles.

Eu tive que cancelar a surpresa que tinha para Dayane no final de semana. À preocupação com meus pais estava me tirando o sono, já que faziam três dias que eles foram retirados do coma e da UTI e ainda não tinham acordado, e isso novamente fez com que Dayane ficasse mal. Ela não disse nada, mas estava sempre chorando e calada. As meninas tentaram animar ela, tentam fazer com que ela não sentisse culpa de nada, mas estava inevitável. Meu celular toca e vejo que Maycon. Espero que não seja nada com nossos pais. Eles têm que sair dessa.

- Maycon. Falo, mas ele está desesperado no telefone.
- Sarah cara, Sarah levou um tiro. Ele fala chorando, desesperado.
- Onde foi isso? Questiono irritado. Droga, não é possível que isso esteja acontecendo.
- Ela estava em uma galeria com Sabrina. Acertaram as duas. Infelizmente Sabrina não chegou viva ao hospital, e Sarah está brigando pela vida na cirurgia. Eu não posso perdê-la, eu não quero perdê-la irmão. Meus olhos enchem de lágrimas. Eles querem acabar mesmo com a gente.
- Estou indo para ir. Dayane já está aí? Indago já sabendo que isso vai ser

o fim para ela.

- Não. Maurício foi dar à notícia à ela e Cláudia. Suspiro pesado.
- Tudo bem, vou passar lá primeiro e já vamos para ir. Falo e ele não para de chorar.
- Não demora Renato. Eu preciso de vocês. Precisamos dar um fim nessa corja.
- Não vou irmão. Vou estar aí com você daqui à pouco. Falo andando e desligo. Antes de ligar para Mauricio, ligo para Pierre. Ele atende.
- Pierre, três pessoas da minha família estão entre a vida e a morte no hospital. Eu quero que você descubra quem é esse filho da puta que fez isso, te dou no máximo até amanhã, porque se não você e sua equipe estão fora. Falo e desligo não dando tempo dele responder algo.

Eu vou caçar um por um, até não sobrar ninguém. Eles mexeram com à pessoa errada e a família errada. Não vou ter dó de um filho da puta.

## Capítulo 34

Antes de ir para casa de Maurício eu fui para à delegacia. Liguei para o delegado que disse não está na delegacia, mas que eu podia ver o verme. Eu estou puto, puto comigo por deixar isso chegar à esse ponto, puto com esse maldito e seu bando por está querendo acabar com à minha família. Mas ele não sabe mesmo com quem ele lidou. Eu não vou deixar ele fazer mais nada. Ele quer me conhecer, conhecerá.

Chego na delegacia e um dos policiais já estava me esperando. O delegado deixou ele à par da situação e pediu para que o mesmo me deixasse ver o verme. Ele me leva para sala de espera. Fico ali andando um lado ao outro esperando aquele homem chegar. Não demora muito e o maldito aparece. Ele me ver e mostra seus dentes através de um sorriso vitorioso. Vamos ver quem vai vencer aqui.



- O que devo à honra da sua visita? Ele me questiona, mas eu não vim aqui trocar figurinhas com ele. Vou até o mesmo e pego sua cabeça já batendo à mesma na mesa em nossa frente. Ele grita.
- Escuta aqui seu idiota. Maluco doente. Você não vai mais fazer mal à minha família. Falo no ouvido dele. Eu não estou brincando com você. E te digo mais, se um deles morrer, considere se morto. Falo apertando sua cabeça na mesa.
- Você pode me ameaçar o quanto quiser. Eu só vou parar quando vocês me devolverem o que é meu. Ele diz com certa dificuldade.
- O que é seu? Questiono e levanto à cabeça dele e bato mais uma vez na mesa. O que é seu idiota? Responde pra mim. A garota que você diz ter comprado? Essa garota não é sua. É minha, e não porque eu comprei, mas sim porque eu conquistei ela. Essa garota, não é uma mercadoria, mas sim um ser humano que a essa hora deve estar no chão por causa da sua maldade. Ele começa a gargalha e eu não estou entendendo esse animal.
- Pois eu não vou parar até ela está na minha casa em Londres. Avise à mesma que à próxima pode ser à sobrinha dela. Imagina um bebê indefeso sendo vendido para um casal que não tem filhos. Esse vai ser o destino da menininha se ela não estiver na minha casa. Ele fala e eu começo à bater nele. Soco à cara dele.
- Maldito, você não vai sair daqui vivo. Soco mais o rosto dele, até ser impedido pelo polícia que entra na sala.
- Calma Sr Villaga, o Sr pode se complicar dessa forma. O policial diz me segurando.
- Eu quero meu advogado aqui para fazer uma acusação contra esse Sr. O verme diz.
- Será ótimo você me acusar. Ainda bem que essa sala tem tudo gravado, pois vão ver que eu agir em legítima defesa, já que você confessou que vai matar cada membro da minha família. Se antes você não iria sair daqui, agora piorou sua situação. Digo e ele me olha com seus olhos inchados dos socos. Sua boca está sangrando e seus rosto está inchado. Meu recado está dado para você. Se eu tiver que voltar aqui, pode ter certeza que é para te matar. Falo e saio balançando minha mão que está machucada pela força dos socos que dei.

Vou andando para fora e esbarro em alguém. Olho para a pessoa e à mesma me olha.

- Renato? Willian me pede assustado.

- Oi Willian, como vai? Falo sem tempo para conversar.
- Bem. Mas o que faz aqui? Ele pede e eu não estou com humor para conversar agora.
- Resolver um problema. Eu tenho que ir. Depois à gente se fala. Falo e vou para meu carro. Ligo para Mauricio do carro. Ele atende no terceiro toque.
- Renato onde você está? Ele me pede nervoso.
- Estou à caminho do hospital e você? Indago sabendo que ele já deve está lá.
- Estou aqui no hospital. Cara vem para cá logo. Dayane não está bem, Cláudia também não. Estou lidando com duas mulheres transtornadas aqui, fora nosso irmão que não para de chorar depois que o médico deu à notícia que Sarah estava grávida.
- Estava? Limpo meus olhos já sabendo que ela perdeu. Lágrimas não param de sair dos meus olhos. Malditos, malditos.
- Ela perdeu. Mauricio fica em silêncio.
- Como ela está agora? Peço.
- Renato não dá para falar. Sarah teve outra parada cardíaca. Vem logo. Ele fala desesperado e desliga.

Limpo meus olhos mais uma vez. Eu não conseguia acreditar que tudo isso estava acontecendo. Mas eu estava à ponto de matar cada uma dessas pessoas. Ainda tinha essa ameaça de pegar Ava. Eu nunca deixaria isso acontecer. Ligo para Pierre.

- Sr Villaça.
- Pierre, coloque mais homens vigiando à casa de Maurício. Carros de compras, jardineiro, empregados, todos tem que ser revistados na hora de entrar e sair, inclusive se tiverem de carro.
- Sim Sr.
- Outra coisa. Se Cláudia for sair com à menina, quero que seja despistado. Nem que Cláudia vai em um carro e Ava em outro, mas eu quero que seja feito tudo para Ava não ser pega ou sofrer algo.
- Não se preocupe Sr. Vamos fazer de tudo para que nada aconteça à menina.
- Obrigada Pierre. Digo e desligo.

Eu não me perdoaria se algo acontecesse à Ava. Já não basta meus pais, Sarah. Eu não vou me perdoar mesmo. Mesmo com toda proteção ainda aconteceu isso

com ela. Sabrina eu tenho certeza que foi queima de arquivo. Ela já sabia do risco que correu, e ela podia contar à alguém.

Paro o carro na frente do hospital e limpo meu rosto. Não é possível disfarçar o que eu estou sentindo nesse momento, e será pior ao ver Dayane. Ela não deve está nada bem e tenho medo que ela piore. Entro e vou na recepção. Dou o nome de Sarah. À recepcionista me manda para o segundo andar. Subo de escada mesmo indo direto para à sala de espera. Entro e vejo Cláudia abraçada à Dayane que estão com os olhos bem vermelhos. Maurício está abraçado ao nosso irmão. Vou até eles e os abraço.

- Se eu perder ela Renato, eu morro junto. Me tiraram já meu filho e agora querem tirar à minha mulher. Maycon fala chorando muito.
- Ela vai ficar bem. Falo tentando passar segurança para ele.
- Eu quero pegar esses bandidos. Maycon levanta seu olhar para mim. Eu não vou descansar enquanto cada um não pagar por colocar nossa família em perigo.
- Vamos pegá-los. Vamos acabar com cada um deles. Falo firme olhando para ele. Isso não vai ficar assim.
- Não vai mesmo. Maycon fala com raiva na voz. Deixo ele vou até Dayane. Abaixo perto delas.
- Vocês têm que ser forte. Sei que está sendo difícil, mas vocês precisam ser forte. Digo às abraçando. Elas não dizem nada. Vem cá Dayane. Puxo Dayane para meus braços. Levanto junto com ela. Limpo seus olhos e dou um selinho na boca dela. Isso não é hora de você se fechar. Eu preciso saber o que você está pensando. Peço alisando o rosto dela.
- Só estou preocupada com Sarah e seus pais. Ela diz com à voz embargada pelo choro.
- Promete pra mim que não vai fazer nenhuma Besteira? Promete pra mim que vai dividir seus pensamentos comigo? Indago com medo que ela não aguento isso tudo aqui que está acontecendo.
- Eu preciso ir ao banheiro. Ela diz não respondendo minha pergunta.
- Você não respondeu à minha pergunta. Pedi segurando ela em meus braços.
- Eu não estou em condições de te responder nada. Não estou em condições de pensar direito. Minha irmã e seus pais estão lutando pela vida por minha causa. Minha irmã perdeu um bebê que ela nem sabia que existia. E eu? Eu ainda estou aqui vendo nossa família se perder pouco à pouco.

- O que você está pensando em fazer então? Questiono para ver se ela está pensando em se entregar.
- Como disse, não estou em condições de pensar nada. Ainda não me veio nada à cabeça para parar com essa situação toda. Ela diz e sai dos meus braços.

À noite foi longa para todos nós. Cláudia havia ido embora para cuidar de Ava, e voltaria de manhã. Dayane ficou aqui à noite toda calada, olhando para o nada. Maycon também estava pensativo. E os únicos que estavam ligados em tudo aqui era eu e Maurício.

- O que houve com sua mão? Maurício questiona olhando para minha mão. Eu já havia até esquecido isso.
- Fui na delegacia colocar aquele animal em seu lugar. Digo.
- E o que ele disse? Mauricio indaga preocupado.
- Eu não vou mentir para você. Ele me disse que só vai parar se entregarmos Dayane.
- Bastardo de merda. Claro que não vamos entregá-la. Vamos é matá-lo. Mauricio diz passando as mãos na cabeça.
- Pedi mais seguranças para sua casa. Inclusive para Ava. Falo e ele me olha.
- O maldito ameaçou à minha filha? Meu irmão grita, fazendo algumas pessoas, inclusive Maycon e Dayane prestarem atenção na gente.
- Por favor. Não quero que Dayane saiba disso. Eu não sei o que ela quer ou está pensando, então não quero que ela saiba.
- Desculpe. Mas esse maníaco vai pagar. E dessa vez é minha mão que vai detonar à cara dele.
- Vamos esperar Pierre trazer algo para gente. Dei até hoje para ele fazer o seu trabalho, porque senão ele e sua equipe estarão fora.
- Ok. Mas eu quero colocar à mão nesse maluco. Mauricio pede com mais raiva.

Durante o dia ficamos ali esperando notícias de Sarah. Tentei fazer Dayane sair para comer, mas foi em vão. Ela não queria sair dali enquanto não tivesse notícias da irmã. Maycon também não quis sair. Cláudia veio saber notícias, mas voltou para casa para dar de mamar à filha. À tarde o médico disse que Sarah estava na mesma, teríamos que aguardar para ela ir para o quarto. Ficamos mais esperançosos quando o médico disse que ela vai ficar bem. Aproveitamos para ver meus pais, e ambos continuavam na mesma. Estávamos esperando que eles

saíssem desse coma. Os dias estavam passando e nada ainda. Tinha medo que isso durasse muito.

Pierre chega no hospital cercado dos seus homens. Ele vem com uma pasta e espero que tenha novidades para mim. Espero que ele tenha encontrado essas pessoas que estão fazendo isso com minha família.

- Sr Villaça. Ele fala me cumprimentado.
- Vamos aos fatos Pierre. Não quero perder mais tempo. Não quero que ninguém aqui pague por lunáticos aí fora. Indago sem paciência.
- Olha pegamos os caras que provocaram o acidente dos seus pais. E também o cara que atirou na Sra Villaça e em sua amiga.
- Ótimo, onde estão? Quero eu mesmo dar uma palavrinha com eles. Peço nervoso.
- Estão presos em um galpão aqui perto. Mas não é só isso. Descobrimos quem tem ajudado Aguiar aqui fora.
- Quem é? Indago mais nervoso ainda. Ele me dá à pasta. Olho para ele e depois para à pasta em minha mão.
- Renato. Maurício me chama sorrindo. Olho para ele. Papai acordou do coma. Respiro aliviado e vou para o quarto dele junto com Maurício. Estava mais aliviado por isso. Tomara que mamãe acorde logo também.

## Capítulo 35

Depois de uma noite de amor bem gostosa com Renato, acordei e não o vi na cama. Tomei banho e vesti as minhas roupas para ir à faculdade. Desci e questionei à Gil que tinha os olhos vermelhos onde estava Renato. Ela me disse que não sabia. Questionei o porque ela estava chorando. Mas ela disse que não era nada. Sai meio intrigada. Os seguranças me levaram para à faculdade.

Estava tentando me concentrar na aula, mas meus pensamentos estavam em Renato. Ele nunca foi de sair assim sem me dizer, sem deixar um recado. Na hora do intervalo ligarei para ele. Formamos grupos mais uma vez na sala para fazer um trabalho.

No intervalo não pode ligar para Renato para saber o que estava acontecendo, devido à esse trabalho que já tinha que ser entregue na próxima aula depois do intervalo, então decidimos comer ali na sala mesmo e fazer o trabalho.

No final da aula uma das meninas que sabe que namoro Renato Villaça, me parou.

- Sinto muito pelos seus sogro. Ela diz e eu fico sem entender.
- Do que você está falando. Indago confusa.
- Nossa, você não está sabendo que seus sogros sofreram um acidente ontem à noite. Está em todos os jornais. E ainda acredito que seu namorado deve saber. Ele não te contou? Que namorado hein. Ela fala sorrindo e balançando à cabeça em negação. Vaca.

Ando depressa para uma banca de jornais que tem perto da faculdade. E lá está. Em primeira mão. “ Sr e Sra Villaça sofrem acidente de carro”. Merda. Porque Renato não me contou? Porque não me acordou para eu ir com ele? Meus olhos enchem de lágrimas por saber que meus sogros estão mal e por Renato não ter confiado em mim.

Os seguranças me levam para a casa de Renato e eu não entendi porque. Na

verdade queria ir para minha casa e saber de Cláudia e Sarah o que estava acontecendo, já que Renato não dignou-se me ligar para contar o que houve e como os pais estão. Entrei na casa dele e o mesmo já me veio para cima de mim questionando o que houve. Será que ele pensou que eu era insensível? Por isso não quis me ligar e dizer o que houve?

Tivemos uma breve discussão, ainda mais sabendo que tudo que aconteceu com os pais dele tem haver com meu sequestro. Eu não podia acreditar que aquele homem asqueroso estava mesmo se vingando. Ele estava cumprindo a ameaça, e eu não sabia o que fazer.

Me fechei em meu mundo tentando achar uma solução para isso tudo. No fundo eu sabia que ele só iria parar quando eu estivesse com ele. Fomos ver os meus sogros e eles estavam na mesma. Me sentir mal por vê-los daquela forma, e por mais que Renato me disse que eu não tinha culpa, eu me sentia totalmente culpada, pois trouxe isso para vida deles.

Já tinha se passado três dias e eu estava na faculdade. Sentada olhando e pensando em tudo que estava acontecendo. Meus sogros não tinham dado nenhum sinal de melhora e isso estava acabando comigo. Sou tirada dos meus pensamentos por uma pessoa que não via a mais ou menos um mês. E eu nem fazia questão dela na minha vida.

- Oi Dayane, tudo bem? Verônica pede-se sentada. Seu sorriso é enorme, mas nada me tira da cabeça que é falso como ela toda.
- Tudo. Você andou sumida. Falo querendo pescar algo dela.
- Estava viajando. Ela fala como se não fosse nada.
- Nossa no meio do ano letivo. Faço cara de chocada para ela. Mas só por fazer, porque sei que ela está mentindo.
- É, eu tinha que resolver algumas coisas, porém agora estou de volta. O que anda fazendo? Ela questiona cruzando os braços parecendo realmente interessada no que tenho para dizer.
- Nada. Só estudando. Meu celular toca e vejo que é Sarah. Atendo sorrindo. Oi Sarah. Tudo bem?
- Sim está. Vamos sair agora de tarde para uma galeria? Eu e Sabrina estamos animadas, e também Sabrina disse que precisava conversar comigo. Minha irmã pede, mas eu não estou afim de sair.
- Há não Sarah, eu não quero sair. Vai você e a Sabrina. Mesmo porque o que Sabrina tem para te contar deva ser algo pessoal. Ela não é minha

amiga, deve ficar sem graça por eu estar ali, sendo que ela queria desabafar com você. Digo e olho para Verônica que está olhando para os lados.

- Nisso você tem razão, mas eu queria que você fosse para se distrair um pouco. Renato está preocupado com você e nós também. Não queremos que você fique preocupada com nada Dayane. Nossos sogros sairão dessa.

- Eu sei que vão. Eu confio nisso, mas realmente não estou com clima para sair. Deixa para outro dia. Divirta você e à Sabrina. Digo.

- Tudo bem. Mas eu vou comprar hein.

- Ok irmã. Até depois.

- Até. Sarah desliga e Verônica volta sua atenção para mim.

- Sarah está bem? Verônica pede.

- Sim. Está.

- Porque que você não vai sair com elas? É tão bom fazer as coisas enquanto se é solteira. Depois do casamento, o maridão exige demais e quase não temos tempo para as amigas. Ela fala piscando para mim.

- Vou me lembrar disso quando casar, agora eu tenho que ir. Você não vai para sua aula? Questiono me levantando.

- Vou comprar um jornal ali fora primeiro. Ela fala e algo me intriga.

- Verônica, qual é sua sala? Indago, porque das vezes que vi ela aqui, nunca à vi entrando para o campus da engenharia, ela sempre ficou por aqui ou ia para rua.

- Fico para lá. Ela diz apontando para à ala da reitoria. Tenho certeza que ela não conhece a faculdade.

- Ok. Depois à gente se ver. Digo e mais uma vez vou insistir com Renato sobre Verônica e Willian, esses dois não é o que parecem ser.

Já era no fim da tarde, quase ao adentrar da noite. Estava bajulando minha princesinha. Ava é tão linda, tão tranquila. Amava ficar com ela. Ouço batida na porta do meu quarto e peço que entre. Uma das empregadas aparece.

- Srta. o Sr Maurício pediu para você descer, pois ele tem que falar com a Srta. Ela diz e eu acho estranho. Pode ir, eu vou ficar com essa princesa. Ela fala sorrindo olhando para Ava que está procurando à voz.

- Olha princesinha, titia volta logo para ficar com você. Falo dou um beijo nas mãozinhas dela.

Desço encontrando Cláudia e Maurício na sala. Maurício não está com uma cara muito boa. Seus olhos estão vermelhos.



- O que houve? Indago cruzando os braços.
- Eu não vou enrolar para contar à vocês o que houve. Mesmo porque não temos tempo para enrolar aqui. Mauricio diz e respira fundo.
- Fala amor, você está me deixando agoniada. Cláudia fala apertando suas mãos uma na outra.
- Sarah está no hospital. Atiraram nela e em Sabrina. Mauricio fala chorando e meu desespero aumenta.
- Não, não, eles não podem ter feito isso. Grito chorando. Cláudia abraça Mauricio chorando mais.
- Me diz que ela está bem, me diz que ela não está correndo risco de vida. Cláudia pede olhando para Maurício nervosa.
- Não sei amor. Só sei o que Maycon me disse. Ele está no hospital aguardando notícias. Mauricio diz e me puxa para o abraço. Vamos para lá. Vocês têm que ficar calmas, Sarah vai precisar muito de vocês e de nós.

Volto para meu quarto e pego uma jaqueta e calço um tênis. Olho para Ava que está tão tranquila, e não quero que ela me sinta assim, triste, nervosa e desesperada. Vou embora sem me despedir dela.

No carro eu fico pensando que esses malditos estão só começando. Eles não vão parar enquanto não me pegarem. Eu devia me entregar logo e não deixar nenhuma pessoa mais sofrer. Se minha irmã não sobreviver eu nunca vou me perdoar por ter colocado ela nessa situação. Meu choro aumenta e vejo Cláudia também chorar sem parar. Não dissemos nada uma para outra, mas sabemos que teremos que nos unir para encarar o que vier. Eu sei o que fazer para tudo isso acabar, mas eu não vou me dar por vencida. Cláudia e eu vamos nos unir para passar toda força para nossa irmã sobreviver. Sarah tem que sobreviver.

No hospital, Maycon estava andando de um lado ao outro. Esperava ver Renato aqui já, mas ele não estava. Abraçamos Maycon para consolarmos um ao outro. Estávamos desesperado. O médico não apareceu para dar notícias, e sentia nos olhos de Cláudia que ela estava com medo. E eu também. Vejo Maurício se afastar para atender o telefone. O médico aparece para dar notícia e ao mesmo tempo que fico aliviada, fico apreensiva.

- Como está minha esposa Dr? Maycon pede limpando seus olhos.
- Situação é grave, retiramos à bala, mas ainda o quadro dela não é bom. Temos que aguardar 48hs para ver como ela reage operação. E tenho outra notícia nada boa. O médico fala e eu não aguento mais nada. Estou

tremendamente desolada e triste por tudo até está acontecendo.

- Fala Dr. Cláudia pede quase sem voz. Nem ela queria ouvir mais coisas ruins. O médico suspira.

- À Sra Villaça estava grávida. Infelizmente não pudemos fazer nada para salvar o bebê de um mês que estava crescendo dentro dela. Me sento para não cair. Sarah estava grávida. Mais uma vês me sinto culpada por essa vida que não tinha nada haver com tudo que me aconteceu. Abaixo à minha cabeça sentindo todo peso disso em mim. Sarah não merecia isso. Acredito que ela nem sabia que estava grávida. Me levanto querendo sair desse ambiente. Me sinto mal, sufocada aqui dentro.

- Dayane, onde você vai? Cláudia me pede chorando.

O médico ainda estava conversando com ela e Maycon. Não respondo, me viro para sair, porém à hora que iria passar pela porta. Ouço chamar um médico urgente. Quando dou por mim é o mesmo que estava falando com à gente. Uma enfermeira chega e diz que à paciente está tendo parada cardíaca. Cláudia corre para mim desesperada.

- Não Dayane, nossa irmã não pode morrer. Cláudia fala me abraçando forte. Eu não sei o que fazer. Nem o que dizer. Meu coração está apertado, meu medo está falando mais alto. Se Sarah morrer eu farei o que devo fazer e não há ninguém que possa mudar minha opinião. Eu não vou esperar mais uma morte. Eu não vou esperar esse idiotas atacarem mais pessoas da minha família.

Não sei quanto tempo se passa, mas Renato chega e vai logo abraçar Maycon que está com Mauricio. Depois ele vem até à mim e Cláudia. Tenta nos consolar, mas para mim é em vão. Eu não me sinto bem com tudo que está acontecendo, eu só penso que eu posso acabar com isso.

Renato tenta sondar de mim o que está acontecendo e o que estou pensando. Mas eu não estou com cabeça para conversar com ele ou qualquer outra pessoa. Qualquer decisão que eu venha tomar, ele saberá. Digo que vou ao banheiro, mas vou à lanchonete que tem no hospital. Me sento, e do nada Verônica aparece na minha frente. O que essa louca está fazendo aqui?

- O que faz aqui Verônica? Indago desconfiada.

- Estava fazendo um exame aqui, e como não comi nada o dia todo para o exame, eu resolvi comer algo aqui mesmo. Ela fala, mas não me convenceu.

- E você? Ela pede sentando.
- Sarah sofreu um acidente e está aqui. Digo e ela não demonstra surpresa. Depois faz cara de triste
- Que pena, sinto muito. Ela diz não demonstrando nada. Eu quero que Renato mande investigar essa mulher. Se ele confia tanto em Willian, tudo bem, mas essa mulher não é o que ele pensa e nem o marido talvez pense.
- Vou indo. Digo me levantando. Não gosto de ficar perto dela.
- Nos vemos na faculdade. Ela fala e eu não dou a mínima.

Passamos à noite e o outro dia no hospital. Minha irmã continuava na mesma. Renato tentou me fazer fome, mas eu não quis, assim como Maycon. Estava pensando só em Sarah e nada mais.

O meu sogro havia acordado do coma. Fiquei mais aliviada com isso, era um peso a menos que tinha em meu coração. Renato e os meninos estavam felizes, era agora esperar que Márcia e Sarah saíssem dessa.

Domingo à noite estávamos no hospital. Sarah ainda não respondia ao tratamento, e nem acordava. Renato estava conversando com Maycon sobre ele ir para casa e descansar. Os seguranças estavam cuidado para que ninguém entrasse no quarto de Sarah, e qualquer novidade ele seria o primeiro à ser avisado. Na verdade nem que queria sair do hospital. Estava com medo de me afastar daqui e algo acontecer a minha irmã.

- Vamos embora Srta. Você também não vai ficar aqui. Tem dias que você não dorme, não come. Você precisa descansar e comer para quando Sarah acordar.
- Eu não vou conseguir dormir. Então prefiro ficar aqui. Digo olhando para o nada.
- Não Dayane. Isso não faz bem para você. Vamos embora. Eu não vou te deixar aqui.
- Quero te pedir um favor. E não quero que você ache que é paranóia minha, se não quer investigar seu amigo eu entendo, porém quero que você investigue Verônica.
- Porque isso? Ele me intrigado.
- Porque ela não é o que você pensa e talvez nem que o marido pensa.
- O que ela fez à você? Ele pede.
- Nada ainda. Mas eu não me sinto bem perto dela, ela não é quem demonstra ser.

- Você vai ficar mais tranquila com isso? Ele indaga sorrindo.
- Sim. Vou ficar mais tranquila sabendo com quem estou conversando.
- Ótimo. Vou pedir à Pierre para investigar, mas agora Srta vamos para casa tomar um banho e descansar. Ele fala já me puxando da cadeira.
- Mas amanhã depois da faculdade estarei aqui. Digo olhando para ele. Só não falto amanhã porque tenho uma prova.
- Como quiser amor. Ele me abraça e assim saímos do hospital.

No outro dia estava na faculdade, sentada em uma das mesas fora do refeitório. Estava lendo um livro para confirmar que fui bem na prova que teve na primeira aula. Alguém chega do meu lado. Olho e Verônica está com um sorriso de sempre. Ela abaixou do meu lado e me dá um envelope.

- Isso é seu. Ela diz colocando o envelope em cima do meu livro.
- Não é meu. Falo olhando para o envelope.
- Vi seu nome atrás dele. Ela fala e eu viro o envelope constatando que tem meu nome. Dayanestásia Albuquerque.
- Obrigado. Falo e abro o envelope encontrando uma carta. Abro a mesma. Começo a ler.

“ Oi Dayane, aqui é seu dono. Só mandei essa carta para te avisar que se você não se entregar para meus homens até amanhã, à sua sobrinha sofrerá as consequências dessa vez. Você já viu que eu não estou brincando, então faça sua escolha. Meus homens estarão te esperando na casa que aluguei e o endereço está bem aí. Até mais e aguardo sua decisão. Com amor do seu dono”.

Obs: Não queira envolver aquele merdinha que tocou em você, porque ele pode sofrer as consequências.

Meus olhos enchem de lágrimas. Ele não pode tocar em Ava. Eu me mataria se algo acontecesse a ela. Ela não merece isso. Meus olhos enchem de lágrimas. Olho para Verônica e a mesma tem um sorriso no rosto. Reprimo essa vontade de chorar, para não me explicar para ela. Meu celular toca e vejo que é Renato. Respiro fundo para atender. Não quero que ele perceba que não estou bem.

- Oi amor. Digo e Verônica faz uma careta.
- Dayane. Ele pede nervoso. Eu já penso logo em Sarah. Meu coração

parar de bater. Está me ouvindo? Ele indaga mais nervoso ainda.

- Sim. O que houve? Peço apreensiva.

- Está com Verônica? Se estiver saia se perto dela agora. Não deixe ela perceber nada. Só quero que você saia de perto dela, porque ela não é mesmo quem achamos que era.

- Ok. Eu vou entrar pra sala agora amor. Depois à gente se fala. Falo tentando disfarçar.

- Isso. Olha não precisa se preocupar porque meus seguranças já foram avisados sobre ela e vão pegá-la.

- Tudo bem. Te amo. Digo e desligo. Deixa eu ir Verônica. Falo simplesmente é me levanto. Eu só queria saber o que Renato descobriu dessa bandida.

## Capítulo 36

Eu estava super feliz de saber que papai tinha saído do coma. Entramos no quarto dele, onde Maycon já nos esperava. Eu corri logo para abraçá-lo e beijá-lo. Era bom demais ver que ele estava bem e sorrindo.

- Como se senti papai? Indago sorrindo para ele.

- Achou mesmo que iria perder esse velho aqui? Papai diz sorrindo. Meus olhos enchiam de lágrimas só por ver ele bem. Eu ainda não vi meu filho mais novo casar e só tenho uma neta sendo que falta mais uns dez netos. Ele diz fazendo nós três gargalhamos.

- O difícil vai ser convencer suas noras à terem esses dez netos né pai. Mauricio fala também emocionado.

- Nada que um charminho dos homens Villaças não convençam. Vocês três são bonitões, então não estou vendo o problema.
- Que bom o Sr está de bom humor pai. Que bom que você está bem. Estávamos com medo que o Sr não voltasse mais para gente. Maycon fala muito emocionado, até mesmo por causa de Sarah.
- Pare de chorar meu filho, já disse que esse velho aqui não vai a lugar nenhum. Pelo menos até ver cada um de vocês me darem netos e eles tiverem homens de bem iguais a vocês. Vejo Maycon virar para janela e papai nos olha querendo entender o que houve. E à mãe de vocês? Ela estava no carro comigo. Como ela está? O desespero em sua voz é evidente.
- Mamãe ainda está em coma pai. Assim como você estava. Temos que aguardar o corpo e cérebro dela reagir. Mauricio fala e meu pai olha para Maycon que ainda está virado para janela.
- O que você tem Maycon? Vocês estão me escondendo algo. É sobre a mãe de vocês? Por favor por pior que seja, eu mereço saber. Papai pede já angustiado.
- Não papai. Mamãe está em coma ainda. Não corre risco de vida. Falo e Maycon se vira limpando suas lágrimas.
- Então o que houve? Porque você está tão triste filho? Maycon nos olha e depois olha para nosso pai.
- Sarah. Minha esposa está lutando pela vida pai. Meu irmão desaba com a cabeça no colo do nosso pai.
- O que houve com ela? Papai pede já deixando lágrimas escorrerem do seus olhos.
- Pai acho melhor não contar ao Sr o que houve agora. Vamos esperar o médico dizer como o Sr está...
- Podem parar. Eu quero saber o que aflige meus filhos. O que houve para um dos meus filhos estar assim. Não me interessa a opinião médica, me interessa vocês. Ele fala com seu ar de super pai. Sempre amei isso nele. Nós três assentimos com os olhos.
- Assim como o Sr e mamãe, Sarah sofreu um atentado. Falo é papai me olha e choque.
- Vocês sabem que fez isso? Ele questiona alisando a cabeça de Maycon.
- Sim. O cara que está preso por sequestrar Dayane. Ele quer eliminar um por um de nós, para pegar Dayane.
- Louco. Meu filho olha para mim. Papai pede para Maycon. Ele o olha chorando. Isso não vai ficar impune meu amor. E Sarah vai sair dessa, assim como eu sair, sua mãe também. Sei que está sendo uma barra para você e todos nós, mas vamos sair dessa. Sarah sairá dessa.

- Obrigado papai, obrigado por está aqui comigo neste momento. Eu te amo muito. Maycon diz o abraçando.
- Eu não seria um bom pai se não estivesse aqui. Eu amo vocês três, e são tudo para mim e a mãe de vocês. Daria minha vida para não ver nenhum de vocês passando por isso. Mas me diz como está Dayane e Cláudia.
- Dayane está se culpando pelo que houve com vocês e está muito triste. Cláudia também não está por menos. Foram muitas coisas aconteceram que não esperávamos.
- Mas tudo vai ficar bem. Não vamos desanimar e muito menos deixar esses idiotas acabarem com a gente. Dayane tem que está segura de que ela não pode fazer nada para se entregar, mesmo porque não adiantaria nada. Esse homem já sabem quem somos e sabe que vamos procurá-la até o inferno. Então ele iria acabar com todos nós da mesma forma. Portanto conversem muito com ela. Não deixe a mesma se abalar com que aconteceu com a gente, eles continuarão tentando de tudo.
- O problema que depois desses acontecimentos Dayane se fechou pai. Ela mal conversa comigo que sou namorado dela, imagina com Cláudia que é irmã. Está difícil saber o que ela quer fazer, o que ela pensa. Digo e papai fica pensativo.
- Eu entendo, e já digo que ela está pensando em se entregar. Não deixem isso acontecer, nem que para isso tenha que prendê-la em casa. Mas não a deixe cometer uma burrice dessa.
- Eu não vou deixar isso acontecer pai, não se preocupe. Agora acho que o Sr tem que descansar, foram muitas novidades para você.
- Que isso já querem colocar o velho para dormir? Rimos dele, ele sempre palhaço, e Maurício puxou isso dele.
- Não se preocupe papai tem dois grandalhões aí na porta para te fazer companhia. Mauricio fala e papai fecha a cara.
- Nem vem. Prefiro vocês aqui. Sorrimos e nós três o abraçamos. Só falta mamãe e Sarah voltarem para tudo voltar ao normal.

Fomos embora deixando ele bem protegido. Entrei no carro e fui para casa. Já tinha pedido à Pierre para levar Dayane. Não queria à mesma aqui o tempo todo, mesmo porque não tínhamos muito o que fazer. Porém o que estava me preocupando é que ela andava mais calada do que o normal, e eu não conseguia tirá-la desse silêncio.

No domingo fomos ver papai que receberia alta na segunda feira, e eu já pedi à

Maurício para mantê-lo em sua casa, mesmo porque ele de alguma cuidados. Mamãe ainda continuava sem reação e Sarah não estava mais respirando com ajuda de aparelhos. Ainda bem, esperava que ela acordasse, pois Maycon também estava inconsolável. Não dormia, não comia e vivia naquele hospital querendo saber se ela teve alguma reação. Entendia ele e me sentia muito mal à cada vez que olhava para ele. E por consequência Dayane estava do mesmo jeito. Foi um custo levá-la para casa, mas consegui. Porém o que não consegui tirar da cabeça era essa insistência dela falar de Verônica. O que será que à esposa de Willian fez para ela que a deixou tão perturbada? Eu não iria deixar dessa vez à queixa dela passar. Mandeí uma mensagem para Pierre pedindo para ele investigar Veronica Prates. Assim eu tiro à impressão da minha garota linda que devido à esses problemas, estou morrendo de saudades. Mal temos tempo de namorar, de curtir um ao outro. Queria tanto ter feito meu pedido de casamento a ela conforme planejei. Queria tanto que ela aceitasse mesmo sendo cedo para tal ato. Mas eu a quero muito do meu lado, a quero para mim.

Na segunda feira sai cedo para ir ao hospital. Eu iria levar papai para casa de Maurício e depois voltar às minhas atividades. Maurício estava ocupado com Cláudia e Ava no pediatra e Maycon não estava com cabeça para nada coitado. Aproveitei para saber de Sarah e Mamãe, que ainda não tinha mudança no seus quadros. Eu teSarah que isso durasse, e consequentemente teSarah que Maycon parasse de viver.

Depois que papai viu mamãe e Sarah o levei para casa em segurança. Deixei o mesmo aos cuidados de umas das empregadas de Maurício e fui para empresa. Recebi uma mensagem de Pierre dizendo que estava me esperando na empresa. Pedi à Pierre para me levar direto para empresa.

Cheguei na mesma, e passo por Francielle que veio no meu encalço. Pedi à ela que me deixasse sozinho com Pierre que já estava na minha sala aguardando. Ela apenas assentiu e eu já sentei na minha cadeira e Pierre me olhou.

- Um minuto Pierre. Peço à Pierre, pois não falei com Dayane hoje e queria saber se ela estava na faculdade. Olhei pelo rastreador e ela estava na sala de aula. Já era quase à hora do intervalo. Falaria com ela nesse meio tempo. Volto meu olhar para Pierre. Então Pierre o que você tem para mim? Indago me colocando na posição de chefe.
- Eu não entendi sua mensagem Sr Villaça. Ela fala e eu o olho sem entender ele.



- Eu que não estou entendendo Pierre. Te pedi para verificar Veronica Prates, então não sei o porque você não entendeu meu pedido. Falo meio irritado por ele não ter feito o que pedi.
- Achei estranho o Sr me pedi para fazer uma pesquisa que já tinha feito. Não estou entendendo merda nenhuma aqui. Sr Villaça, eu já tinha te passado essas informações na semana passada. Ele fala e eu olho intrigado.
- Como assim? Eu não te pedi semana passada para verificar Veronica Prates. Pelo menos não estou ficando louco ou estou? Ele dá um sorriso de lado.
- O Sr não me pediu para verificar à Sra Prates, mas sim verificar quem é que estava ajudando Aguiar na cadeia. Eu estou cada cada vez mais confuso.
- O que tem Verônica com isso? Indago.
- O Sr não leu o relatório que te passei no hospital. Ele afirma.
- Eu não tive tempo para isso Pierre. Meu pai acordou, meu irmão está igual ao um zumbi e minha namorada está tão calada que dá medo. Então me esclareça.
- Willian Prates estava ajudando Aguiar na cadeia. Ele foi visto várias vezes indo lá e inclusive tenho quase certeza que ele matou Aguiar. Ele fala e eu fico olhando para ele tentando acreditar no que ele está falando.
- Você está blefando comigo, está brincando comigo? Indago me levantando. Passo uma das mãos no cabelo. Você está querendo dizer que Willian, Willian Prates, meu amigo, o cara que eu ajudei com alguns pagamentos na faculdade, o cara que eu ajudei a ter uma bolsa de estudo no último ano, porque sua mãe fez o favor de gastar o dinheiro dele e da irmã, está junto com esse lunático do Aguiar? Você está dizendo que eu dei emprego para um cara que eu não conhecia? Falo chateado e pensando que não é verdade. Você realmente fez essa pesquisa direito Pierre? Isso não é verdade. Não pode ser verdade.
- Fiz sim Sr. Inclusive Willian Prates é sócio de Lucas Castro no negócio de prostituição e tráfico humano. Veronica Prates era uma prostituta que trabalha para ele em Londres. Eles se casaram lá. Eles vivem aqui aliciado jovens para serem levadas à Londres. No sábado Verônica junto com sua irmã Suzanna Tiddes mandou Oito jovens para Londres. Tem um amigo meu lá e pedi o mesmo para acompanhar até onde essas jovens iriam. Uma casa de prostituição em uma cidade de Londres. O lugar é bem movimentado. Tenho fotos para comprovar o que estou falando.
- Willian Prates. Me sento não acreditando em nada que meu assessor de segurança fala. Eu não pude ser tão enganado dessa forma. Lembranças

vêm à minha memória.

*“Mas eu estou aqui porque fiquei sabendo que sua empresa está com uma vaga de diretor financeiro em aberto, queria ver com você, se não poderia assumir essa vaga”.*

*“Para mim tudo bem Willian. Vou pedir a Francielle para verificar como anda o recrutamento e pode cancelar o mesmo. Para mim você já está contratado”.*

*“Que ótimo cara. Obrigada pela oportunidade”.*

*“De nada. Achei que você tinha seu próprio negócio”.*

*“Não deu certo. Ele falou meio nervoso”.*

*“O que não deu certo? Você é um cara esperto, inteligente. Não vejo o porque não daria certo. Indago querendo tirar dele o que me esconde”.*

*“Tive alguns problemas com a Sra Prates e então achei melhor não ter um negócio próprio. Mulher consumista, sorrio por dentro”.*

*“Então estamos acertado né. Posso começar que dia? Ele pede se levantando. Willian está estranho”.*

*“Amanhã mesmo. Essa vaga é de máxima urgência. Digo e ele assenti”.*

*“Deixa eu ir então. Amanhã estarei aqui cedo. Ele fala e me cumprimenta novamente, porém com um aperto de mão”.*

*Ele arrumou esse emprego de fachada e como eu confiava muito nele, nunca iria suspeitar.*

*“Willian? Questiono surpreso e ele me olha mais surpreso ainda”.*

*“Renato? O que faz aqui? Indaga com uma cara de surpresa”.*

*“Estava procurando uma casa de um amigo por aqui e pelas características achei que fosse essa. Digo não querendo revelar para ele realmente o motivo da minha estada ali”.*

*“Nossa cara, acho que você está meio enrolado, porque as casas aqui são todas do mesmo padrão. Ele não te deu o número?”*

*Porra ela estava lá. Ela estava na casa dele e eu tive à ponto de encontrá-la ali, porém mais uma vez eu me ceguei pela amizade que achava que ele tinha comigo.*

*“Está tudo bem Willian? Questiono assim que algumas pessoas saem do elevador”.*

*“Sim está. Ele fala não olhando para mim”.*

*“Não parece. Você está nervoso. É algo com a empresa? Indago olhando para ele”.*

*“Não, está tudo bem por aqui. É... Você viu meus relatórios? Ele questiona olhando para mim. Te procurei pra te mostrar pessoalmente, mas você não estava na empresa”.*

Lembro que essa conversa foi depois que eu resgatei Dayane. Então por isso ele estava nervoso. Por isso ele não estava bem. Na verdade todas as nossas conversas ele estava nervoso e agitado. Lembro também de Dayane me questionando sobre ele, se eu confiava nele e nessa vagabunda que ele chama de esposa. Eu fui ingênuo demais, eu não dei crédito à alguém que já tinha passado por muitas coisas e tinha desconfiança em todos.

- Está bem Sr? Pierre pede e eu olho para ele.
- Continue me contando essa merda toda. Eu não acredito que a pessoa estava bem na nossa cara e não fizemos nada. Eu fechei meus olhos achando ter um amigo que nunca se prestaria a uma coisa dessas. Jamais imaginei que Willian fazia parte do tráfico humano e prostituição. Não acreditei em Dayane quando ela foi na casa desse monstro. E pior Pierre, tenho certeza que Verônica queria fazer mal à ela, só não fez porque disse à Willian que Dayane era minha namorada. Tenho certeza que essa vagabunda queria pegar Dayane de novo. Por falar nela, eu preciso ligar para ela. Eu preciso dizer para ela se afastar de Verônica. Pego meu celular e ligo para ela. À mesma atende no segundo toque.
- Oi amor. Ela pede carinhosa.

- Dayane. Peço nervoso. Ela fica em silêncio e isso me deixa em alerta. Está me ouvindo? Estou ainda mais nervoso.
- Sim. O que houve? Ela está apreensiva.
- Está com Verônica? Se estiver saia se perto dela agora. Não deixe ela perceber nada. Só quero que você saia de perto dela, porque ela não é mesmo quem achamos que era. Indago andando à minha sala.
- Ok. Eu vou entrar pra sala agora amor. Depois à gente se fala. Ela disfarça. Olha não precisa se preocupar porque meus seguranças já foram avisados sobre ela e vão pegá-la. Vou avisar meus seguranças assim que eu desligar.
- Tudo bem. Te amo. Ela fala e desliga. Suspiro.
- Pierre espera um pouco. Quero avisar Trevis sobre à nossa descoberta. Quero que ele pegue essa bandida para nós. Pierre assentiu. Ligo para Trevis.
- Trevis quero que você pegue Verônica para mim. Essa mulher é bandida. Falo irritado comigo por ter sido tão idiota.
- Sr ela entregou uma carta para Srta Albuquerque. Trevis fala
- Carta? Indago nervoso.
- Sim, e pela cara da Srta, não era nada bom. Ele diz. Pense rápido Renato, pense rápido. Se eu pegar ela agora, vou alertar Willian, então não. Eu tenho que fazer algo mais elaborado. Quero pegar esses dois e acabar com essa quadrilha infernal.
- Trevis, não quero que à pegue. Só quero que você fique de olho nela. Vou ver primeiro o que tinha na carta de Dayane, e depois agir. Falo começando à pensar em um plano para colocar ambos na cadeia.
- Ok Sr.
- Me deixe informado. Peço e desligo. Fale Pierre, o que mais tem dessa corja. Indago. Eu ainda estava chocado por tudo que ouvi hoje.
- Srta Williams e à Sra Beatriz também estão envolvidas. Temos várias fotos de ambas nesse prostíbulo. À coisa só fica pior. Convivi anos com uma família que são todos bandidos e da pior espécie. Fora à família de Lucas Castro.
- O que podemos fazer para acabar com todos? Indago querendo eliminar cada um deles. Willian vai ter um acerto de contas exclusivo, principalmente por colocar minha família em perigo, família essa que o acolheu em sua casa para que o mesmo não se sentisse inferior a nós.
- Aqui podemos entregar as provas que recolhi dele e de Verônica, agora em Londres podemos fazer com que as provas que meu amigo me passou chegue até à polícia de lá e eles poderem verificar à veracidade das

informações.

- Ok. Vamos fazer assim. Deixa eu saber o que tem na carta que à vadia entregou à Dayane e depois vamos tomar uma decisão para acabar com essa quadrilha. Quero todo mundo preso. Falo não querendo saber de mais nada. É guerra, eles terão guerra.
- Aguiar foi encontrado morto ontem de manhã. Parece que Willian deixou um presente para ele.
- Que tipo de presente?
- Um inalador tóxico. Tinham substâncias químicas nesse inalador, onde uma respirada do mesmo era o fim. Foi o fim quero dizer. Aguiar não teve chances. Pierre termina de dizer e eu não tem nenhum pinga de dor desse homem. Ele. mereceu morrer, e tenho certeza que eles fariam queima de arquivo igual a que fizeram com Sabrina.

Agora era bolar um plano e ter certeza que Dayane me fale dessa carta. Eu quero saber o que aquela bandida quer com Dayane. Eu não vou responder por mim quando ver esses dois na minha frente. Eles não sabem mesmo com quem mexeram.

## Capítulo 37

Pierre já tinha ido embora. Pedi à ele que estivesse aqui depois do almoço, pois queria resolver com ele o que faríamos. Primeiro eu queria saber o conteúdo da carta que aquela bandida deu para Dayane. Só depois que ler seu conteúdo vou me preparar para pegar esses idiotas.

Liguei para um dos seguranças que é responsável por Dayane fora da faculdade e pedir que ele trouxesse Dayane para à empresa. Disse que era para ela subir pelo elevador privado. Não quero que ela encontre Willian. O encontro dele será especial comigo.

Volto à minha atenção para o trabalho, mesmo não conseguindo. Eu ainda não conseguia digerir que fui enganado da pior forma. Lembro que quando conheci Willian na faculdade, ele parecia um cara legal, determinado à fazer o bem e as coisas certas. Eu só queria entender onde ele se perdeu. O porque estragar sua vida assim. Será que o dinheiro subiu sua cabeça à ponto de se envolver nessa situação? Ou é mais lógico do que eu penso? O cara nunca teve caráter e sempre fingiu ser uma pessoa sendo outra. E pior que eu nunca enxerguei isso nele. Nunca vi que o mesmo era um ser tão desprezível. Porém me remete uma lembrança dos tempos da faculdade com Paula. Essa pessoa sim, eu sabia que não prestava. Ela demonstrou várias vezes isso sem se importar se eu estava vendo como ela era de verdade.

Paula sempre se jogou para cima de mim, mas eu nunca a quis. Primeiro porque eu estava focado em meus estudos e como estava no começo, eu não queria me envolver com ninguém, porém Paula não entendia isso e sempre forçou alguma coisa entre nós.

E em uma das festas da faculdade que ela foi junto com Willian, eu já estava lá. Quando à mesma me viu achou que estava dando sinal para ela vir com tudo para cima, mas eu fugir dela à festa inteira, ou até não ter mais jeito, pois não sei como ela conseguia me encontrar, e em um desses encontros ela fez com que constatasse que à mesma não prestava e não presta. Ela colocou droga na minha bebida, e o que temia aconteceu, acabei indo para cama com à louça, e nisso ela achou que tinha direito sobre mim. Ela achou que firmariamos um compromisso que não estava nem um pouco afim de assumir, ainda mais com ela. No outro dia eu não me lembrava de nada do que houve, mas os dias seguintes eu me lembrei e fiz ela confessar o que havia colocado na minha bebida. Depois daí eu conseguir tirar ela do meu pé dizendo que iria denunciar ela para à polícia. Ela ficou com medo e saiu do meu pé, e agora eu estou vendo que ninguém daquela família vale nada. E mais uma vez me vejo como um idiota, por não ter visto antes que o problema, que o perigo estava na minha frente e não fiz nada. Pelo contrário, obriguei Dayane à conviver com as pessoas que estavam com ela, achei que ela estaria bem, apesar da mesma dizer que não se sentia bem com Verônica. Me condena mortalmente por isso, nunca iria me perdoar se Verônica conseguisse pegá-la. Ouço o barulho das portas do elevador se abrindo e vejo que é Dayane. Ela está tão magra, seu rosto tem olheiras e seus olhos demonstram uma tristeza que me faz lembrar o sonho que tinha com ela. Me levanto da minha cadeira e vi de encontro com ela.

- Você precisa descansar, comer e dormir um pouco. Ficar no hospital não está te fazendo bem. Falo olhando para seus olhos que estão enorme no seu pequeno rosto pálido.
- Eu farei isso depois que Sarah sair do coma. Ela diz seria. Suspiro, porque não vou vencer essa nunca. Mas me diz o que você descobriu sobre Verônica.
- Senta aqui. Digo apontando para o sofá branco que tem na minha sala. Sentamos os dois e essa é a hora de contar a ela. Ela fica me olhando, esperando eu falar. Suspiro. Primeiro eu quero te pedir desculpas. Ela franze a testa. Eu te obriguei à conviver com Verônica, não acreditei em nada que você disse sobre ela, e nem muito menos de Willian. Eu me

arrependo amargamente disso, pois essa hora talvez teríamos evitado tudo que aconteceu com nossa família.

- Renato você está tentando me dizer que Verônica e tem haver com os atentados dos seus pais e da minha irmã. Dayane me pede se levantando.

- Verônica e Willian estão envolvidos nos seu sequestro. Eles fazem parte do tráfico humano e da prostituição. Eles ajudaram Aguiar em tudo. Falo de uma vez só. Vejo os olhos de Dayane escorrerem lágrimas.

- Eu sabia que tinha algo de errado com aquela vaca. Bandida. Que ódio Renato. Ela grita com raiva. Eu apresentei minha irmã para aquela vadia. Lembro que eu estava falando com Sarah no dia do atentado e essa mulher estava perto. Ela passou tudo para aquele lunático. Ela fala desesperada. Vou para lento dela e à abraço.

- Calma meu amor. Eles vão pagar por isso, eles vão pagar pelo que fizeram a você e também a nossa família. Digo tentando acalmá-la.

- Não. Ela se solta dos meus braços. Você não vai entregar ela assim de bandeja para a polícia. Antes eu quero ter um acerto de contas com ela. Eu sei que ela quer isso tanto quanto eu com Willian.

- Você terá. Digo firme. Eu nao sei ainda como faremos para pegar esses dois, mas nós vamos. O sentimento que você tem é o mesmo que eu tenho.

- Pois esse sei um jeito de pegar esses malditos. Ela fala indo para sua pasta e pega um envelope. Já imagino o que seja. Porém me surpreendeu ela me mostrar de livre espontânea vontade. Achei que teria que brigar com ela por isso. Ela tira a carta do envelope e me dar. Leio e fico surpreso de saber que eles usaram o nome de Aguiar.

- Aguiar está morto Dayane. Ela me olha em choque. Foi encontrado morto ontem.

- Então e essa carta?

- Verônica que te deu isso.

- Como você sabe? Ela indaga.

- Tenho meus meios. Digo com um pequeno sorriso.

- Não vou entrar em detalhes agora, mas pode ter certeza que vou querer saber dessas suas fontes. Ela fala não brava.

- Vamos sair para almoçar. Pierre estará aqui depois do almoço e podemos ver com ele como podemos pegar esses dois. Indago pegando as chaves do meu carro. Pierre está ocupado com um alguns dos caras contratados para matar meus pais e Sarah.

- Não estou com fome. Quero ir ao hospital. Ela diz e ela não vai mesmo ficar sem comer.

- Não mesmo, vamos comer. Não vejo você comendo nada, então vamos



comer sim e depois te levo ao hospital. Falo e ela fecha à cara. Você não vai me convencer. Anda, vamos que temos muito o que resolver hoje.

Fomos no restaurante perto da empresa mesmo. Dayane quase não comeu. Mesmo eu dizendo que ela precisava, não teve jeito. Ela comeu três colheres e mais nada. Como não tive como insistir mais fomos ao hospital. Mamãe e Sarah continuava na mesma. Maycon estava no quarto com Sarah.

- Maycon, essa noite eu fico com Sarah para você descansar. Digo e ele me olha.
- Eu não vou arredar o pé daqui enquanto não vê-la bem. Eu preciso ver seus olhos abertos para me sentir vivo e bem de novo. Me parte o coração vê-lo tão destruído.
- Você precisa comer, precisa dormir. Sarah vai precisar de você quando acordar. Digo e ele fica olhando para o corpo dela.
- Eu só vou sair daqui quando ela abrir seus olhos. Não adianta eu comer, dormir sendo que não tenho ela do meu lado. Eu prefiro morrer à viver sem ela. Dayane o abraça chorando.
- Me perdoa, me perdoa por ter causado tanta dor para você Maycon. Eu nunca vou me perdoar por isso. Aba fala chorando e meu irmão chora mais.
- Você não tem culpa Dayane. Nunca te culpei. E também sei o quanto você está sofrendo por ver sua irmã ali. Eu só quero que ela volte para nós, para mim. Eu preciso dela. Eu quero ela de volta.
- Ela vai voltar. Tenho certeza aqui. Dayane aponta para o coração. Que ela vai voltar para nós, para você principalmente porque ela te ama muito. Ela não vai desistir da vida e muito menos de você. Meus olhos estão já inundado de lágrimas. Eu vou voltar para ficar aqui com vocês dois. Só vou resolver algo com seu irmão e volto.
- Não precisa Dayane. Já não basta eu sem dormir direito e sem comer direito. Pode descansar, porque eu ficarei aqui.
- Pois eu virei. Não importa o que você diga. Dayane fala, mas eu tentarei convencer ela do contrário. Os dois estão muito tempo aqui e pode não fazer bem. Conversarei também com Mauricio para tentar revezar com Maycon para tira-lo daqui também. Depois de visitar mamãe voltamos para meu escritório. Pierre já me aguardava.
- Dayane já conhece Pierre.
- Srta Albuquerque. Pierre diz estendendo a mão dele e Dayane estende a dela. Ambos se sentam.
- Pierre como você sabe Dayane recebeu uma carta. Essa carta está

marcando encontro com ela em uma casa do lago. Quero bolar um plano para pegar esses dois. Falo é Pierre me olha.

- Eu estava pensando nisso Sr Villaça. E eu não acho viável entregar esses merdas para a polícia, pelo menos não agora. Ele diz e eu faço sinal para ele continuar com seu raciocínio. Se entregarmos eles para polícia agora, tenho certeza que irão avisar os seus cúmplices de Londres, e podemos perdê-los.

- Então o que você sugere? Dayane questiona.

- Sumir com eles em algum canto. Eles não gostam de fazer maldade com as pessoas? Não gostam de tirar vantagens das pessoas? Então porque não fazer o mesmo com eles?

- Onde seria isso? Indago. Pierre é um ex militar, então ele conhece lugares bem estranhos para as pessoas não sobreviverem.

- Eu conheço um lugar perfeito para esses dois. Sem saída, sem volta, sem comida, sem. perdão nenhum. Lugar perfeito. para uma lua de mel para os dois bandidos. Eles não terão nenhuma comunicação a não ser entre eles.

- E depois? Dayane questiona duvidosa.

- Se eles sobreviverem podemos entregar eles para à polícia. Até porque vai dar tempo para à quadrilha de Londres ser presa. Pierre diz e eu nunca fui à favor de violência, porém acho que dessa vez eu posso concordar com que Pierre oferece, mesmo porque meus pais e Sarah estão em um hospital graças a violência e a demência de alguém. Olho para Dayane que está perdida em seus pensamentos.

- O que você quer fazer Dayane? Questiono tirando ela do transe.

- Eu não sou à favor de violência, mas também não sou contra à que o Pierre propôs. Nós dois fomos traídos da pior forma. Mais você do que eu, porque no fundo sabia que Verônica não era o que ela demonstrava. Eles não são ser humanos, nem animais, porque por mais que os animais não pensem, eles têm sentimentos. Eles sentem dor, eles choram. Willian, Verônica e todo esse bando são de uma espécie que não sabemos classificar. Então façam o que tiver que ser feito, mas antes eu quero ter uma palavrinha com essa desumana

- Então podemos arrumar alguém com sua aparência, tamanho. Uma peruca igual ao seu cabelo e fazer eles acreditarem que é você. Vamos todos está ali apostado para pegar eles. Que dia eles marcaram com a Srta? Pierre indaga.

- No sábado. Dayane diz.

- Bem espertos, sabe que todos estarão no hospital com seus familiares, então à Srta estaria desprotegida e ninguém faria falta se saísse um pouco. Gosto de Pierre porque ele pensa rápido.

- Para mim está tudo certo Pierre. Vamos deixar tudo certo para sábado. E quanto à pessoa parecida com Dayane, não quero arriscar à vida de ninguém. Quero que coloque colete à prova de bala na pessoa. Apesar que ele pode tentar acertar na cabeça.
- Não se preocupe com isso Sr. Essa pessoa será uma agente treinada. Ela também estará armada.
- Tome cuidado com isso. Não quero ninguém mais ferido nessa história. Pierre assentiu. Confirmei tudo com Pierre, logo depois ele foi embora. Dayane ainda estava calada.
- Que tal à gente ir para minha casa? Assim tomamos um banho, descansamos um pouco e depois te levo no hospital. Peço querendo passar um tempo com ela.
- Você sabe que vou dormir no hospital com Sarah e Maycon?
- Não vai. Nem você e nem Maycon. Vocês dois estão demais naquele hospital. Eu ou Maurício passaremos à noite lá.
- Não Renato.
- Não você Dayane. Não vai adiantar você teimar comigo. Se Mauricio for eu fico com vocês na casa dele. Fora que você tem aula amanhã, então nada disso. Ela suspira e eu beijo sua boca. Não vejo à hora disso tudo acabar para poder voltar à curtir nosso namoro. Digo ainda com meus lábios selados nos dela.
- Eu também sinto falta. Me desculpe se ultimamente não tenho sido...
- Shii... Não me peça desculpa de nada. Eu entendo você. Sei que nada está sendo fácil para nós dois, mas isso tudo vai acabar e viveremos bem. Sem nenhuma preocupação.
- Ainda bem. Ela fala e me beija. Meu desejo por ela está à flor da pele e qualquer beijo mais profundo, eu não vou conseguir responder por mim.

## Capítulo 38

Fomos para casa de Maurício. O mesmo estava em casa conversando com papai. Papai já estava bem melhor. E o mesmo ar brincalhão de sempre.

- Boa tarde!! Estou vendo com esse velho já está bem saidinho. Falo sorrindo chegando perto deles.
- Olha como fala do seu pai. Eu ainda estou bem jovem para ser chamado

de velho. Papai diz sorrindo.

- Sei que está pai. E como sente hoje? Indago me sentando e puxando Dayane para se sentar ao meu lado.

- Bem, só não estou melhor porque sinto falta da sua mãe. A tristeza em voz e em seu olhar quando fala da mamãe é evidente.

- Ela vai melhorar pai. Rapidinho vamos tê-la aqui com a gente. Mauricio diz pegando na mão dele.

- Isso mesmo, não fique assim. E por falar nisso, temos que tirar Maycon do hospital. O cara não dorme e nem come, então precisamos revezar com ele. Fazê-lo vir para casa e comer algo. Não podemos deixá-lo lá nem mais um dia. E nem essa pessoa aqui. Ela não volta para o hospital enquanto não comer e tiver uma noite boa de sono.

- Eu já disse que estou bem Renato. Dayane fala se levantando.

- Hoje você está bem, mas amanhã eu não sei, então não vamos correr esse risco de mais um no hospital. E se você teimar, não vou deixar você fazer o que quer com Verônica. Pois nem forças você terá para isso, se continuar sem comer e sem dormir.

- Renato tem razão filha, você não pode continuar assim. Papai fala e Dayane não diz nada.

- Quanto a Maycon podemos revezar com ele, apesar de não precisar ficar no hospital, porém sei que ele não ficará bem se não ficarmos um de nós lá.

- Iria propor isso, poderia eu ir hoje e você amanhã. Digo.

- Não eu vou hoje e você amanhã, porque você vai colocar alguém para dormir também. Você só vai comigo no hospital trazer Maycon para cá. Pega uns remédios para dormir que mamãe te receitou antes e dar para ele em algum suco. Mauricio diz e eu não acho à ideia ruim. Assim Maycon vai dormir e ficar mais tranquilo.

- Então vamos fazer isso. Só vou em casa e tomar um banho e te encontro no hospital. Digo para Mauricio. E você Srta. Pode tratar de descansar também.

- Não vai ter outro jeito né. Dayane afirma em desagrado.

- Não. Eu, papai e Maurício falamos juntos.

- Ok, ok, já vi que são três contra um. Estou subindo para meu quarto. Dayane fala e nós sorrimos. Dou um beijo em papai e vou embora tomar um banho.

Em casa tomo um banho rápido e pego umas roupas para levar para casa de Maurício. Passo na casa de Maycon e também pego umas mudas de roupas para ele. Espero que ele não teme em sair do hospital. Ele precisa mais que tudo de

descanso.

Encontro Mauricio me esperando na porta do hospital e entramos juntos. Nos encaminhamos para o segundo andar onde era o quarto de Sarah. Batemos na porta entramos. Maycon estava acabado. Ele realmente precisava de um descanso.

- Oi mano. Você está péssimo. Mauricio diz sentando perto de Maycon.
- Acho que envelheci uns três anos só nesta semana. Maycon fala.
- Então chegou à hora de você recuperar suas forças vindo comigo. Digo.
- Eu já disse que não vou sair daqui. Maycon afirma.
- Pois vai sim. Não vamos deixar você nem mais um dia aqui. Maurício vai passar à noite com Sarah e qualquer novidade irá nos ligar.
- Vocês não entendem que eu quero está aqui quando ela acordar? Não entendem que eu estou sofrendo, sem ela do meu lado?
- Oh meu irmão. Digo indo para perto dele. Nós entendemos sim. E é por isso que estamos aqui. Vamos revezar com você até ela ficar bem de novo. Imagina ela acordar e ver que você não está nada bem e outra ela vai precisar muito ainda de você, então não insista porque não vamos deixar você ficar aqui mais. Confia em nós.
- Se ela acordar aqui e eu não estiver? Maycon pede chorando.
- Ela vai ficar sabendo que você ficou o tempo todo com ela. Só saiu por insistência nossa, porque você estava horroroso e ela não poderia te ver assim, para não pedir o divórcio. Mauricio diz com seu jeito brincalhão. Nós três sorrimos.
- Ok, vocês me convenceram. Mas amanhã estarei aqui. Maycon fala e eu e Maurício piscamos um para outro.
- Claro, só queremos que você descanse. Digo e ele se levanta. Maycon beija os lábios de Sarah com leveza e depois sua testa. Diz eu te amo e assim ele se despede de Maurício e o agradece. Recomenda que qualquer novidade é para ligar na mesma hora. Mauricio assentiu e fomos embora.

Na casa de Mauricio, dei as roupas que peguei na casa de Maycon e depois vou ver Dayane. Antes passei na cozinha e peço à empregada para fazer um lanche para Maycon. Ela assentiu. Dayane estava deitada na cama com Ava. As duas estavam brincando de fazer barulho com a boca.

- Achei que você estava dormindo. Digo me deitando atrás dela.
- Ainda não. Queria ficar um pouco com essa pessoinha. Ela está cada dia

mais linda.

- Está mesmo. Está com a cara de Cláudia. Falo pegando à mãozinha de Ava. Ela agarra meu dedo com uma força.
- Sim. Ela parece muito com Cláudia. Dayane afirma. Beijo o pescoço dela. E aperto mais seu corpo junto ao meu. Ouço uma batida na porta e já sei do que se trata.

Me levantei e fui atender. À empregada estava com um lanche para Maycon. Peguei o remédio que estava no meu bolso e coloquei uma quantidade enorme. Queria que ele apagasse mesmo. Dormisse pelo menos uns dois dias. Mexi e digo à ela para não comentar nada, somente dar à ele. Ela assentiu e foi para o quarto que Maycon estava. Voltei à atenção para as duas pessoas em minha frente.

- Você comeu alguma coisa? E não venha com essa de não está com fome, porque você vai comer. Digo firme.
- Ok. Sr. Ultimamente minhas escolhas estão sendo zero, então não tenho o que fazer. Ela diz divertida. Vou tomar um banho, você fica com ela?
- Claro que sim. Vou descer com ela para papai vê-la mais um pouco. Ela sorri porque sabe que papai baba por Ava.

Mais tarde Dayane comeu e eu não tive outra opção à não ser fazer o mesmo que fiz à Maycon com ela. Se ela queria ter forças pra encarar Verônica, ela teria que descansar e ainda comer. Fiz ela comer tudo e depois nos deitamos para dormir, onde ela não demorou à apagar. Maycon também estava já desmontado na cama quando fui vê-lo. Os dois precisavam disso.

Dois dias haviam se passado e o tanto de remédio que coloquei para os dois fez ambos dormirem como pedra. Era disso que eles precisavam e nós também, porque querendo ou não estávamos preocupados com eles.

Pierre e Trevi tem me mantido informado de cada passo de Verônica e Willian. Inclusive ele me disse que Suzanna estava no país, parece que eles estavam querendo levar mais garotas. E Pierre ainda descobriu que Willian e Suzanna já foram ou ainda são amantes. Fiquei surpreso com isso. O cara é pior do que pensava.

Hoje era quinta feira e estávamos na casa de Maurício. Maycon foi o primeiro à acordar. Ele estava com uma cara de sono que dava dor. Sei que posso ter

pegado pesado no remédio, mas foi para o bem dele.

- Nossa gente, meu corpo está parecendo adormecido ainda. À vontade de voltar para cama está ainda em mim. Ele diz se sentando no sofá.
- Se quiser pode voltar. Eu ficarei com Sarah hoje. Digo e ele me olha coçando os olhos.
- Não. Como ela está?
- Na mesma. Nenhuma mudança no quadro dela.
- E mamãe?
- Também nada.
- Vou tomar um banho e vou para o hospital. Ele fala. Parece que dormir uns dois dias direto. Ele diz subindo as escadas. Mal sabe ele que dormiu mesmo. Eu e papai sorrimos um para o outro.

Dayane acordou mais tarde, quase meia noite. Ela disse que estava com fome e iria tomar um banho. Assenti e fui parar à cozinha fazer um sanduíche para ela. Voltei para o quarto com um suco de laranja e um sanduíche. Ela já estava no quarto somente com calcinha e sutiã. À visão que eu não tenho à dias despertou meu corpo por completo. Ela deu uma espreguiçada, e se sentou na cama olhando para mim.

- Trouxe seu lanche. Digo tentando não pensar nesse corpo quase nu na minha frente.
- Obrigado! Nossa, eu dormi demais. Como está Sarah e sua mãe? Ela pede.
- Estão bem. Ainda na mesma, mas bem. Digo. Ela começa à comer.
- Eu poderia ficar com Sarah ou sua mãe hoje. Ela diz e eu balanço à cabeça.
- Não. Sarah está com Maycon. E minha mãe não precisa que ninguém fique com ela. Na verdade nem sua irmã precisaria que alguém dormisse lá, mas você e Maycon insiste nisso.
- Só queremos vê-la acordada. E sua mãe também.
- Eu sei disso, é o que todos nós queremos. Falo e ela não diz nada.
- Não vejo à hora de chegar sábado. Quero acabar com isso logo.
- Eu também linda. Pierre e Trevi estão seguindo eles. Suzanna está aqui também.
- Quem é Suzanna? Indaga.
- Irmã de Verônica, também está envolvido no tráfico humano. Pierre descobriu que Suzanna é amante de Willian.

- Esse cara não tem limites. Dayane fala pegando à bandeja e levando até o sofá que tem no quarto.
- Não tem mesmo. Falo e vejo Dayane vindo para mim. Ela senta em meu colo.
- Que tal agora esquecemos do mundo lá fora e foca em nós dois aqui dentro.
- Tentador Srta. Digo dando selinho nos lábios dela.

Logo a puxei mais para meus braços, louco para beijá-la, para possuir seu corpo. Semanas ansioso por isso. A beijo com vontade, ela puxa meus cabelos, para fundir mais com ela. Nossos desejos estava evidente em cada beijo e toque. Deito a na cama e continuo sentindo seus beijos, seus lábios macios. Durante essa noite, eu quero mostrá-la o quanto a quero, o quanto a desejo.

Desci meus beijos pelo pescoço, mordendo, chupando. Ela já estava ofegante. Foi descendo a alça do seu sutiã e mordendo os ombros. Continue meus carinhos pelo corpo dela, apertando suas coxas, repousei minha mão em sua calcinha. Delícia disse beijando seu pescoço. Ela começou a passar as mãos em minhas costas, arranhando. O prazer de sentir ela assim, também me querendo me deixa ainda mais louco. Cessei o beijo, olhei para ela, e tirei seu sutiã. Me deixou louco. Avancei sobre seus seios, e os mordi, chupei com força. Queria uma marca ali. Ela estava louca. Já gemia baixo.

Desci distribuindo beijos pela barriga, até chegar na sua intimidade, que estava tampada pela calcinha ainda, rasguei sua calcinha, e comecei a lambar, chupar sua intimidade. Como eu estava com saudades dela toda. Chupei forte, e ela gritou. Mordi seu clitóris, a deixando doida, foi aí que escutei o que queria escutar a muito tempo. Ela pedia por mais, gritava meu nome. Isso era música para meus ouvidos. Continue lambendo e enfiando minha língua bem fundo. Sentir ela gozar. Seu gosto maravilhoso, seu mel me deixa ainda mais querendo ela. Levanto, tento tirar as minhas roupas, mas ela me impediu, começando à tirar minha camisa, desabotoando botão por botão. Assim que ela termina, ela me olha, faz menção de beijar meu peito. Eu apenas assinto com a cabeça, estou hipnotizado pelo seu olhar. Ela começa beijar meu peito, trilhando até chegar na barriga. Ela senta na cama, e desabotoa minha calça, descendo a mesma, ela retorna o beijo, sempre me olhando. Tenho certeza que vou morrer hoje. Ela tira minha box, e pega meu pau. Beija a cabeça dele, lambendo e mordendo a ponta dele.



De repente ela coloca ele na boca, chupando forte, fazendo um vai e vem que está me deixando louco. Ela continua sua ministração, hora forte e devagar, hora fraco e rápido. Essa mulher será minha perdição. Eu não ia aguentar por muito tempo, gozaria sem dó na boca dela. Eu já não pensava em mais nada, só sentia aquela boca quente em volta do meu pau, e meu tesão só estava aumentando. Droga irei gozar. E foi que aconteceu. Gozei como um louco, apertando sua cabeça, para que ela não parece de me chupar. Inferno de mulher. Mas eu não acabei, quero está dentro dela. A deitei na cama, voltei a beijá-la na boca, Meu pau já estava respondendo novamente, entrei no meio das suas pernas e coloquei meu membro dentro dela. Fui dando leves estocadas, ela se movia junto comigo.

- Eu quero você Dayane, quero você toda. Sussurro no ouvido dela. Ela geme, pedindo para ser mais forte e rápido.

Disse a ela que queria senti-la. Já estava me apertando, faltava pouco para ela gozar. Estoquei forte, sentia ela se contrair. A respiração dela estava acelerada, ela pedia por mais. Eu também já não estava me aguentando, pedir para ela vim comigo, e assim foi, nós dois gozamos alto, ofegantes. Fiquei em cima dela, esperando nossa respiração voltar. Ficamos assim alguns minutos, podia ouvir que sua respiração também estava voltando ao normal. Deitei do lado dela, me posicionei virando para ela. Passando as mãos em seu rosto. Não me imaginava sem ela em minha vida, a queria mais que tudo. E eu tinha planos para transformá-la em. minha esposa assim que essa merda toda acabasse.

Hoje era sábado. Tudo estava pronto para pegar Willian e Verônica. Tinha pessoas minhas vigiando a casa deles e também a cabana do lago que ele marcou com Dayane. A pessoa que estaria se fazendo passar por Dayane já estava na casa de Maurício, ela sairia com um carro sozinha, já que temia que Willian tivesse colocado alguém para vigiar se Dayane estaria indo ao seu encontro.

Willian havia saído de casa sozinho. Ou seja quer garantir Dayane morta e à esposa bem viva. Mas ele não sabe que Dayane vai na casa dele ter um encontro com Verônica e Suzanna. Já instruir Trevis para não deixar nenhuma das duas chegar um dedo perto de Dayane. Dayane vai acertar as contas com Verônica e logo depois as duas serão entregues para Pierre levar para o lugarzinho solitário

onde os três podem resolver à vida conjugal deles.

Fui para o local que Willian estaria esperando Dayane. Cheguei antes dele. Entrei já que o lugar é abandonado, não tem porta. O lugar está todo sujo e com um sofá velho.

Pierre tinha levado o carro para um lugar distante daqui, para Willian não perceber nada. Ouço barulho de um carro e tenho certeza que é ele. Me posiciono em pé perto da janela suja. Um dos meus homens está ali caso o mesmo ameace à me matar com uma arma. Escuto passos e Willian entra e se assusta ao me ver.

- Surpreso Willian? Indago olhando com raiva para ele. O mesmo me olha incrédulo.

## Capítulo 39

Willian ainda estava me olhando surpreso. Talvez não entendesse o motivo de eu está ali, ou estava fingindo, achando que eu não sabia do que estava havendo e pior, que ele estava envolvido em tudo.

- O que você faz aqui? Ele pede nervoso. E eu estou em uma calma absurda.
- Eu acredito que você marcou um encontro aqui comigo. Falo andando para perto dele e o mesmo dar um passo para trás.
- Eu não marquei nada com você. Na verdade estou aqui para ver esse lugar abandonado. Estava passando por aqui, e resolvi ver. Ele está realmente com medo do que eu possa fazer com ele, e é para ter medo mesmo.
- A quem estamos enganando Willian. A quem você quer enganar? Falo bem perto dele. Ele coloca as mãos para trás e sei que deve está querendo pegar sua arma. Dou um soco na cara dele para o mesmo não ter chance.
- O que você está fazendo? Ele pede colocando sua mão esquerda no rosto.

- Estou te mostrando como se engana alguém. Falo e dou outro soco nele. O mesmo cai, e sua arma também. Chuto a mesma. Vamos Willian, mostre sua cara para mim, mostre o ser desprezível que você é. Vamos, deixe a sua máscara cair.
- Eu não sei do que você está falando. Você ainda é meu amigo. Sorrio de lado e pego o mesmo pega camisa.
- Amigo? Amigo esse que te deu um emprego, amigo esse te ajudou na faculdade e amigo esse que acreditava verdadeiramente na nossa amizade. Eu era um amigo para você, e você nunca foi um amigo para mim. Eu não acreditei quando soube que você é sócio de um cara que mexe com tráfico humano e pior ainda que estava com a minha namorada.
- Ela não era para você. Você foi um burro se apaixonando por aquela vadia. O sangue me sobe e dou um soco bem na boca dele, fazendo dois dentes caírem no chão. Ele grita de dor.
- Willian, você dizia meu amigo, mas não me conhecia. Dizia meu amigo, mas não contou que eu salvaria aquela garota de vocês.
- Fo... Fo... Foi você? Ele questiona com dificuldade e ainda com os olhos arregalados. Como? Ele tenha se solta das minhas mãos.
- Não contava com isso né? Fiz vocês de otários. Tirei ela do hospital e devolvê-la para a família dela. Porém Willian, mais duas coisas que você e nem seu bando não contava. Ele me olha em choque. Que essa garota era a cunhada dos meus irmãos e que eu me apaixonaria por ela. Você e seu bando não vão sair ileso dessa.
- Não me faça rir. Eu tenho vários advogados para me tirar da cadeia. É só dizer que tenho uma menininha de quinze anos para eles que eu me livro rapidinho. Juízes, advogados e todo esse pessoal da justiça sempre nos procuram para ter uma diversão com uma garota nova. Então eu não estou preocupado com que você faça. Ele fala com um sorriso sem dente na boca. Respiro fundo. E jogo ele no chão.
- Eu não disse que você vai para cadeia. Eu sou louco Willian. Fui um tolo não desconfiar de você, mas agora que sei toda a verdade eu farei do meu jeito para você e aquela duas vagabundas nunca mais destruirão famílias, destruirão sonhos. Não é assim que vocês trabalham? Transformam a vida das pessoas em um nada. Pois é isso que vai acontecer com a sua, da sua mulher e da sua amante. Ele me olha incrédulo.
- Se você encostar um dedo em Verônica eu te mato. Começo a rir na cara dele.
- O que vocês fizeram com a minha mulher? Não Willian, você não vai me dizer o que fazer com a sua. E diferente de você eu não tenho medo da sua

ameaça, mesmo porque você não vai cumprir com ela nunca. Falo chutando o mesmo.

- Eu devia ter estuprado aquela vadia e depois matado. Você nunca iria saber. Ele perdeu o medo do perigo.

Vou pra cima dele com toda violência. Começo à chuta-lo nas pernas, barriga e na cara. Há na cara eu dou mais chute o deixando seriamente ferido. Ele grita, pede pra parar, mas ele não brincou com a pessoa certa. Continuo chutando ele não querendo parar. Eu não quero saber desse verme nunca mais na minha vida.

- Sr Villaça, o Sr vai matá-lo. Pierre diz entrando e me tirando de cima de Willian.

- Por mim que morra, esse maldito. Me solta Pierre. Grito avançando para cima de Willian. Abaixo e o mesmo está com rosto quase desconfigurado. Pego em seu cabelo e puxo fazendo o mesmo me encarar com seus olhos saltando para fora. Escuta só seu maldito, não acabou. Você gosta de estuprar mulheres? Então vamos ver como se sente sendo violado. Falo batendo à cabeça dele no chão. Eu estou com uma raiva descomunal desse verme, se eu pudesse eu mesmo o matava para não ter gente como ele na terra mais. Pierre me olha e eu passo as mãos no cabelo. Não quero que entregue ele ainda para o lugar onde vai levá-los. Quero que ele seja a menininha de uns homens que gostam de vermes como ele. Falo e Pierre assentiu com um sorrisinho vingativo.

Vou embora dali possesso de raiva. Como pessoas como esse ser vem ao mundo? E pelo que ele me disse eles têm meios para escapar da prisão, então Lucas também tem esses meios, não posso deixar isso acontecer, seria continuar com o problema e também com ameaça para todos na minha família. Pierre tem que colocar essa corja toda nesse buraco onde ele vai deixar Willian, Verônica e Suzanna. Não quero que sobre uma alma viva desse bando maldito. Que todos eles morram.

Escuta de Willian aquelas palavras de horror contra Dayane me deixou muito puto. Como o ser humano pode ser tão ser amor, sem coração? Que maldade essa que penetra na vida das pessoas e elas acham que vão vencer com isso? Eu estou muito nervoso. Minhas mãos estão tremendo no volante e eu preciso parar e respirar um pouco. Estou extremamente abalado, não só de saber que Willian passou de um cara nojento e aproveitador, como também de saber que ele queria ir além. Como eu pude me envolver com pessoas desse tipo? Como pude me

enganar tanto?

Paro o carro em um local que dá para praia. Saio do mesmo me sentando no pier. Esse ar me faz bem. Me faz crer que ainda tem ser humano que tem dignidade e respeito pelo próximo. Me faz ver que esse verme do Willian mais à sua quadrilha são uma exceção no meio de tantas pessoas boas. Eu não podia desacreditar na humanidade, não podia desistir dos meus valores e conceito porque um merda ferrou com a minha mente, a ponto de me usar, a ponto de me enganar. Dei valor a ele mais que qualquer outra pessoa, para o mesmo ter pensamentos horríveis, para o mesmo não ter amor a nada. Sei que essa frustração vai passar, sei que estou indignado atoa, porque Willian não merecia nada de mim, mas saber que fui enganado da pior forma dói. Dói saber que confiei em alguém que se dizia meu amigo e não passava de um maldito abusador de mulheres e traficante de pessoas. Eu não me perdoaria se tivesse entregado Dayane de bandeja para esses doentes.

Volto para meu carro depois de meia hora e sigo para casa de Willian. Quero saber o que está havendo lá. Ligo para Trevis.

- Sr Villaça. Ele atende no primeiro toque.
- O que está havendo aí? Indago querendo saber se Dayane já acertou as contas com à outra bandida.
- Srta Dayane acabou de entrar. Ele fala.
- Você não entrou com ela porque? Peço nervoso.
- Ela pediu para eu aguardar um instante Sr.
- Trevis, não quero que nada aconteça à Dayane. Nem um arranhão, porque se acontecer você vai entrar na minha lista negra. Falo.
- Não se preocupe Sr. Eu não vou deixar nada acontecer com ela.
- Ótimo. Daqui à pouco chego ai. Falo e desligo.

Volto à linha atenção total no trânsito, pensando que tenho que falar com Pierre também. Ele tem que conseguir trazer todos para esse lugar que arrumou. Fernando, Beatriz, Paula, Verônica, Suzanna, Lucas, Willian, todos eles têm que pagar, não podemos deixar eles à solta ou serem presos para serem soltos mais cedo ou mais tarde.

Estou parado na porta da casa de Verônica tem uns 30 minutos. Um cara com três seguranças meus estão a postos para levar essas vadias. Meu celular toca e

Maurício. Atendo.

- Fala Mauricio. Peço
- Mamãe e Sarah acordaram. Ele diz e eu fico feliz com essa notícia. Meu coração ficou mais aliviado e um sorriso brotou dos meus lábios.
- Que notícia ótima Mauricio. Estou muito feliz por isso. Papai e Maycon já sabem? Questiono já sabendo que Maycon estava no hospital com Sarah, então foi o primeiro a vê-la.
- Sim. Foi Maycon que nos avisou e já estamos aqui no hospital.
- Você não sabe como eu estou feliz por isso, e Dayane vai ficar eufórica quando souber. Daqui à pouco vamos está ai. Digo já querendo está lá para ver tanto mamãe quanto Sarah.
- Ok, estamos te esperando, mesmo porque mamãe já perguntou cadê o filhinho caçula dela. Ele fala com falsa indignação. Começo à rir dele e provoco.
- Quem mandou ser o preferido da mamãe? Indago sorrindo.
- Cala boca cara, estamos te esperando. Ele fala e desliga. Maurício sempre teve ciúmes da minha relação com mamãe, não que à dele com ela fosse ruim, jamais, porém ela sempre teve um jeito especial comigo e ele não entendia o porque, na verdade nem eu entendo essa ligação que tenho com ela. Mas ele sabe que mamãe e papai daria à vida por nós três sem exitar.

Vejo Dayane sai da casa arrumando seu cabelo é balançando as mãos. À surra lá dentro deve ter sido boa. Saio do carro e vou de encontro com ela. Ela. me ver e sorrir.

- Tudo bem amor? Pedi colocando meu corpo no dela.
- Estou ótima. Melhor do que isso, só vendo minha irmã e sua mãe bem de novo. Ela fala sorrindo. Pego na mão que ela estava balançando.
- Está doendo muito? Beijo toda à extensão da mão olhando para ela.
- Um pouco. Ela faz careta e eu beijo seus lábios. Eu quero sair daqui. Ela fala e eu sorrio.
- Vamos então Srta. Vamos melhorar essa nossa vitória hoje. Digo abrindo a porta do carro para ela.
- O que vamos fazer agora? É o que estou pensando? Ela pede maliciosa.
- O que à Srta está pensando? Faço de inocente.

- Sei lá, talvez ir para sua casa, tomar um banho com você e nos perder um no outro. Ela fala já colocando sua mão na minha perna e subindo para meu membro que já dá sinal de vida.
- Achei ótimo Srta, mas se fizermos isso, vamos deixar sua irmã e minha mãe esperando para nós ver. Digo e ela abre a boca em choque.
- Haaaaaaa. Dayane grita eufórica. Sarah e sua mãe acordaram? Ela pede pulando no banco.
- Sim. Respondo sorrindo.
- Vamos para o hospital. Vamos para o hospital.
- Vamos.
- Há Renato, esse dia não podia ficar melhor. Eu estou muito feliz que tudo está dando certo.
- Eu também linda. À partir de agora tudo vai ficar bem. Falo beijando à mão dela.

Chegamos no hospital e fomos logo ver mamãe. Assim que entramos no quarto tivemos à surpresa de Sarah também está no mesmo quarto. Dayane não sabia quem abraçava ou beijava primeiro. Mamãe estava muito feliz em ver a gente e Sarah também. Dayane não parava de pedir desculpas as duas, mas elas não culpava à minha namorada sensível, pelo contrário, acreditavam que isso poderia ter acontecido com um de nós, já que as pessoas que pegaram Dayane estavam com raiva de todos.

O resto da tarde de sábado era só alegria. Não saímos do hospital enquanto não sentimos mesmo que tudo estava bem. Papai e Maycon dormiria com elas e na segunda feira elas estariam já em casa. Nossa família reunida era tudo que eu precisava para ter certeza que o ser humano compensa. Nossa família era o exemplo perfeito, de amor, bondade e sinceridade. Nada mais importava, se outra vez me deparasse com pessoas do tipo de Willian era só eu olhar para à minha família e ter à certeza que tudo ficará bem, não importa como é quando, mas sim as pessoas que nos ama.

## Capítulo 40

Saber que Verônica era responsável pelo que aconteceu com Sarah e meus sogros, me deixou com muita raiva. Eu queria na mesma hora ir na casa dela e acabar com a mesma. Não era possível ter tantas pessoas ruins nesse mundo, não era possível ter tanta gente falsa assim. Ela agiu da pior forma possível, mas isso não iria ficar assim, nem que para isso eu tivesse que ficar atrás dela. Ela não mexeu comigo, que já seria uma grande tragédia para ela, mexeu com pessoas que amo e ela iria ver como era bom fingir ser alguém que não é.

Eu andava muito triste, pois Sarah não reagia e nem Márcia. E pior era ver Maycon destruído por minha causa. Pior era ver que ele também não reagia, como se estivesse dormindo igual Sarah. Eu não tinha muito o que fazer, a não ser ficar no hospital com ele e orar para que Sarah e Márcia saíssem dessa. Era tudo que mais queria, e não me importava de não dormir direito de não comer direito, tudo que queria vê-las bem e acordadas.

Minha relação com Renato estava fria, e eu sabia que mais dependia de mim do que dele. Na verdade eu estava tão triste, tão pensativa com que estava acontecendo, que mal tinha tempo para nós. Sei que ele me entendia, mas fico com receio que ele se canse desse meu jeito. Eu o amo muito e quero que nada atrapalhe à gente.

Ele também estava fazendo de tudo para me fazer comer e dormir. Mas eu não queria, não queria sair do hospital e ter à sensação de não ter ficado ao lado da minha irmã. E ele sabia disso.

Eu estava louca que chegasse o dia de pegar esses bandidos, principalmente dar na cara de Verônica. Ela não sairia ilesa dessa mesmo. Pelo menos não das minhas mãos.

Renato junto com Mauricio e Dantas fizeram Maycon e eu ficar em casa. Eu sabia que eles dopariam Maycon, mas não à mim, e saber que Renato fez isso não fiquei com raiva, pelo contrário, estava bem disposta para dar atenção à ele e ainda disposta para sábado que se aproximava. Passei os dois dias com ele e dando fazendo amor, coisa que não fazíamos à muito tempo. Matamos à saudade que estávamos um do outro.

Hoje era o nosso dia. Meu e de Renato de acertar as coisas com esses vermes que não sabem conviver com à humanidade. A mulher que se parece comigo saiu



daqui de casa somente para despista se tivesse alguém vigiando. Ela irá até perto do local que Willian e Verônica marcaram comigo para despistar. Renato já tinha saído para encontrar com Willian, e eu estava me arrumando para me encontrar com a bandida, já que a mesma resolveu ficar em casa. Cláudia entra no meu quarto.

- Como você está? Ela pede me olhando.
- Me sinto bem hoje. E vou me sentir melhor depois que ver aquela vaca pagando por tudo que me fez e que nos fez. Falo e Cláudia me abraça.
- Toma cuidado, sei que você está muito abalada e nervosa com tudo que aconteceu, mas eu quero você bem. Não sei o que faria se eles te fizessem mais mal do que já fez. Cláudia fala me abraçando forte.
- Não se preocupe. Dessa vez eles não vão me pegar e não vão me fazer nada. Eu estou mais forte agora e também mais esperta. Falo olhando para ela que tem lágrimas nos olhos. Cláudia, não fica assim, tudo vai dar certo e eu vou estar de volta quanto menos você pensar.
- Eu só não quero te perder de novo. Minha irmã diz triste.
- Não vai. Eu nunca mais vou me afastar de você e da nossa família. Eu amo vocês e além do mais eu tenho o amor da minha vida aqui e jamais me permitiria perdê-lo. Falo lembrando o tanto que amo Renato e não seria capaz de viver sem ele na minha vida.
- Então promete tomar cuidado. Promete que vai me ligar assim que tudo isso acabar. Ela pede e eu sorrio.
- Prometo me cuidar e prometo te ligar assim que eu sair da casa da maldita. Digo limpando a lágrima que caiu dos olhos dela. Ela me abraça forte.
- Boa sorte, confio em você. Ela diz e me deixa.

Sei que ela está apreensiva com que pode me acontecer, porém Renato não seria ele se não mandasse seus seguranças averiguar tudo. Então eu estava tranquila sabendo que Verônica estava com sua irmã e mais ninguém. Trevis estava lá para me ajudar com a outra bandida.

Cheguei na casa de Verônica e Trevis já vem abrir a porta do carro para mim.

- Tudo bem por aqui Trevis? Indago olhando para ele.
- Sim Srta. As duas ainda estão ali dentro. Vou entrar com a Srta.
- Não. Deixa eu fazer uma surpresa para elas primeiro. Vou deixar a porta

meio aberta para você saber à hora de entrar. Falo e ele assentiu.

Subi a pequena escada e olhei para Trevis para eu ter certeza e segurança que ele estava ali para qualquer coisa. Respirei fundo e bate a campainha. Verônica atende sorrindo, mas seu sorriso morreu ao me ver.

- Dayane? O que faz aqui? Ela pede com um misto de confusão e raiva. Sorrio para ela.
- Vim te ver Verônica. Queria uma amiga para conversar e pensei em você. Posso entrar? Indaguei não deixando ela responder, pois eu já fui entrando.

Ela me olha com uma cara fechada. Vejo ela deixar a porta entre a aberta. Vou até à sala e vejo uma mulher sentada. Tem várias fotos na mesa com alguns papéis. E uma revolta me consome. Elas estão escolhendo as próximas vítimas para destruírem suas vidas. Vou até à mesa e olho e tento reprimir lágrimas que brotam nos meus olhos. Respiro fundo e olho para à vadia na minha frente que ainda está imóvel olhando para Verônica.

- Essas são suas próximas vítimas? Indago olhando para as fotos.
- Do que você está falando? Verônica indaga. Essa é à minha irmã Suzanna. Ela é agente de modelos e estávamos aqui olhando para escolher as meninas para à agência que ela trabalha.

Olho todas as fotos, todas garotas novas, com futuro promissor pela frente e o que elas terão é uma vida triste, sofrida e de muita solidão. Quantas vidas elas destruíram? Quantas vidas não podem ser salvas como à minha? Quantas vidas foram perdidas sem ter nenhuma razão plausível? E pior, quantas famílias ficam sem saber dessas garotas que se vão e não dão mais notícias? É muita tristeza que me aflige neste momento.

- Dayane você me ouviu? Verônica me pede e eu me viro para encará-la.
- Sim, você estava dizendo que essa é sua irmã. Amante do seu marido Willian. Falo e Suzanna já levanta da cadeira olhando para Verônica que não está com uma cara muito boa.
- Do que você está falando? Verônica indaga cruzando os braços. Que história é essa?
- Eu não sei do que ela está falando Verônica. Essa sua amiga é louca.

Suzanna diz indignada. Coitada.

- Você não sabia que sua irmã era amante de Willian antes de vocês se casarem, e que retomaram agora?
- Su me diz que isso é Mentira? Verônica pede chegando perto da irmã.
- Claro que é. Essa garota é louca. Suzanna fala olhando para mim.
- Escuta, vocês duas resolvam isso depois com Willian, afinal de contas terão tempo para isso. Neste momento Verônica eu vim acertar as contas com você.
- O que você quer comigo? Ela pede vindo para cima de mim. Ela para na minha frente com raiva. Fecho minha mão e já lanço um soco no rosto dela. Verônica cai de lado e Suzanna já vem para cima de mim
- Você ficou louca garota? Suzanna pede puxando meu cabelo. E uma das coisas que aprendi com o treinador que mulher tem dois pontos fracos no corpo. Um é o cabelo que dependendo da puxada dói até não querer mais, e outro é o seios. Então eu me virei de frente para ela e dei um soco no seio esquerdo dela. À mesma deu um grito de dor. Trevis entra.
- Srta Albuquerque, à Srta está Bem? Ele indaga pegando Suzanna e segurando a mesma.
- Estou ótima. Só segura essa daí para mim, que vou resolver o problema dessa daqui. Digo pegando Verônica pelo cabelo. Agora é só nós duas vadia.
- Porque você está fazendo isso? Ela pede tentando se soltar.
- Você não sabe “Amiga”? Indago. Então eu vou refrescar a sua memória, porque eu acho que não está se lembrando dos seus atos. Primeiro fazendo de minha amiga para me sequestrar de novo. Bato à cabeça dela no chão. Ela grita. Fazendo de minha amiga para acabar com a vida da minha irmã. Bato de novo à cabeça dela no chão. Está se lembrando “amiga”?
- Eu não sei do que você está falando. Ela fala tentando me bater e me arranhar.
- É mesmo? Então vou continuar te lembrado, mas agora não vou falar seus delitos, vou te lembrar de outra forma. Falo e já solto o cabelo dela, e ela tenta levantar, porém eu sou mais rápida.

Essas aulas de luta tem me feito muito bem. Pego seus dois braços e abaixo os mesmo rente ao corpo dela. Sento prendendo os mesmo com as minhas pernas. Ela olha pra mim com raiva.

- Se eu fosse você não faria nada comigo, você vai se arrepender. Sorrio,

pois nunca vou me arrepender disso. Estalo um tapa na cara dela. Suzanna começa à gritar.

- Me solta, vocês vão pagar por está fazendo isso com a gente. Ela diz e eu olho para ela sorrindo.

- Calma, nem chegou sua vez ainda. Falo e volto o meu olhar para Verônica que tem sangue nos olhos. Eu nem comecei “Amiga”. Digo e ela tenta se soltar. Mas eu estou com uma força que ela não conseguiria se soltar.

Bato novamente em seu rosto, bato novamente virando o rosto dela em cada tapa. Viro à minha mão e bato com tudo, deixando a marca do meu anel na cara dela. Bato novamente marcando a outra face. Ela não grita, não chora, só me olha com raiva. Vou batendo na cara dela até não ter forças nas minhas mãos. Me levanto e olho para ela.

- Você me dá nojo. Sua vaca. Falo e me viro para acertar as contas com a outra bandida. Sua feiz vagabunda. Digo indo para ela, mas do nada Verônica me agarra. Ela me derruba e vem para cima de mim.

- Achou mesmo que deixaria você me bater e ficar por isso mesmo? Ela tenha me bater, porém seguro seus braços. Empurro ela com meus pés e me levanto rápido. Ela também se levanta vindo de novo para cima de mim, entretanto agarro seus cabelos e curvo a mesma.

- Você não tem chances contra mim. Passei meses esperando vocês me pegarem de volta e treinando para que esse momento vocês não tivessem como me dominar. Falo e cuspo na cara dela.

- Eu vou mandar te matar sua vadia. Puxo o cabelo dela para trás, fazendo a mesma me olhar.

- Estarei esperando sua puta de quinta. Digo e dou uma joelhada no abdômen dela. A mesma cai com dor. Puxo seu cabelo mais uma vez e arrasto a mesma até a outra vagabunda. Sua raiva não deveria ser dirigida a mim ou a pessoa inocentes, mas sim essa vadia que você chama de irmã. Ela dormiu com seu marido como se você não existisse. Ela te traiu mais do que ele, porque ele é só um porco imundo, um projeto de homem que não vale nada, mas ela é a sua irmã. Sangue do seu sangue e mesmo assim resolveu te trair, te apunhalar pelas costas da pior forma. Indago e solto a mesma dando um soco na cara dela. Solta ela Trevis. Peço e ele solta Suzanna que está com uma cara de quem comeu e não gostou. Essa daí não merece nada da vida. Por mim Verônica dava na cara dela por ter sido amante do marido.

- Você não vai encostar suas mãos em mim. Ela diz se impondo na minha frente. Louca. Pego a mesma pelo cabelo e ela tenta se soltar, metendo à mão na minha. Abaixo ela e dou uma joelhada no abdômen dela igual a Verônica. Ela cai em desagrado.
- Eu não vou perder tempo com você, sabe porque? Peço levantado o rosto dela. Ela tenta se levantar e me agredir, porém fecho minha mão e dou um soco na cara dela. Seu nariz começa à sangrar. Eu vou deixar Verônica resolver com você. Ela vai saber o que fazer com você. Digo e dou outro soco no meio do nariz dela, onde a mesma grita de dor. Vocês são um lixo. Mas os lixos também tem seus lugares, então não se preocupem, nesse lugar terão tempo de resolver à vida de vocês e ainda disputa aquele verme que vocês chama de marido e cunhado amante. Falo e saio dando sinal para Trevis.

Saí daquela casa com à alma lavada e com à certeza que tudo agora daria certo. Encontro Renato me esperando na porta e tudo estava bem em meu mundo. Só queria esquecer essas pessoas, queria esquecer tudo que passei e seguir em frente. Meu namorado me dá a melhor notícia em dias. Márcia e Sarah acordaram. Fomos para o hospital no mesmo momento esquecendo o que havia acontecido essa manhã.

No hospital todos estavam ali. Nossa família estava em festa. Dei um grande abraço na minha sogra e depois em Sarah. Pedi mil desculpas porque ainda me sentia culpada e mal por tudo que elas passaram, principalmente Sarah que ainda não sabe que perdeu seu bebê, e isso vai me assombrar para o resto da vida.

Na segunda estávamos todos em casa para um jantar em família. Márcia e saíram do hospital essa manhã e então resolvemos reunir para comemorar a nossa família reunida. À vida que nós tínhamos e à oportunidade de sermos cada vez melhores como seres humanos. Jantamos, sorrimos e comemoramos. Todos nós iríamos ficar na casa de Cláudia e Mauricio, até mesmo para à recuperação de Sarah e Márcia . Até mesmo Dantas que já estava se recuperando bem.

- Agora que tudo isso acabou, podemos pensar em nós né? Renato pede me abraçando por trás.
- Claro que podemos. Me viro para ele e dou um selinho no mesmo. Podemos voltar a nossa vida. Ele sorrir.
- Ótimo Srta. Amanhã jantarzinho somente nós dois. Ele fala me beijando.
- Vão namorar no quarto. Maycon pede empurrando o irmão.

- Vamos mesmo. Renato fala me puxando para subir. Fico sem graça, pois todos estão na sala.
- Renato que vergonha. Estão todos na sala. Indago parando perto da escada. Ele me olha e me pega no colo.
- Eu quero você e preciso de você agora. Nossa família nem notou que estamos saindo de fininho, há não ser que Maycon abra à boca, ninguém vai falar nada. Ele diz chegando no corredor.

Ao entrar no quarto, me apalpa inteirinha, seios e bunda e já me coloca na sua cama. Eu adoro umas preliminares e por isso sempre atijo ao máximo, deixando ele louco por mim e eu totalmente molhada.

Começou com beijos demorados, fortes e intensos, ao mesmo tempo ele foi deslizando sua mão pelo meu corpo, começou nos cabelos, passando pelo meu rosto e nuca. Continuou passando a mão pelos meus seios, descendo a alcinha da blusa carinhosamente, e logo lambeu o biquinho e beijou loucamente meus seios.

Eu estava domada, estava absolutamente enlouquecida. Quando ele viu que eu estava excitada ao máximo, desabotoou minha calça, abaixou a calcinha e começou a lamber minha intimidade passando a língua quentinha o que me deixou louca. De repente ele colocou as duas mãos por baixo da minha bunda, e passou sua língua sobre meus grandes lábios, e deu um beijo intenso e forte passando vagarosamente toda a extensão da língua no meu clitóris, o que me fez estremecer, pirar.

Sua língua fazia um misto de movimentos circulares, verticais e horizontais sobre meu clitóris, o que me arrancava gemidos, meu corpo estava suado, eu já estava dizendo palavras sem sentido. Eu estava quase no orgasmo. Até que ele parou e veio ao meu lado colocou rapidamente seu dedo médio no meu clitóris e continuou os movimentos e me deu um orgasmo, eu geSarah feito uma louca.

Logo depois do orgasmo descansei alguns segundos e fui retribuir esse prazer maravilhoso. Abaixei sua calça e cueca e vi seu pau completamente duro, então comecei a acariciar com a mão dando leves beijos. Notei que ele começou a se excitar, e então comecei a beijar com mais intensidade, beijos que envolviam a metade ou mais, fazia movimentos circulares com a língua sobre a cabeça.

Logo em seguida, aproveitando que o pau já estava molhado com os beijos, fiz movimentos de vai e vem com a mão, isso resultava uma respiração ofegante. Comecei devagarzinho aumentando a velocidade e a força com que eu segurava seu pau, que naquele instante já estava até expelindo um pouco de líquido. Repeti mais uma vez a sessão de beijos, o que o deixava louco, e novamente os movimentos com a mão, eu sabia que nessa hora ele ia chegar ao orgasmo, mas pra aumentar ainda mais seu prazer, parei os movimentos com a mão e dei mais beijos de vai e vem com a língua, e então continuei com os movimentos, ele treSarah o corpo todo e estava suando.

Agora sim, vendo que ele não agüentava mais, fiz os movimentos freneticamente com a mão até que ele começou a pedir pra não parar, eu espertinha quando vi que ele ia gozar, comecei a fazer os movimentos com a língua, e ele gozou na minha boca, senti um jato quente de esperma e minha boca ficou cheia a ponto de eu quase engasgar, mas era uma sensação maravilhosa ter aquele triunfo do prazer dentro da minha boca.

Bem, ficamos abraçadinhos por uns 10 minutos até ele se recuperar. Mas eu queria mais. Ele logo aceitou e sem aviso algum, pulei em cima do seu colo, de modo que podia sentir a ponta do pênis tocando a minha calcinha, ele então me abraçou com força e começou a beijar meus biquinhos, então deixei ele beijar como um louco meus seios e coloquei seu pau na minha intimidade ,comecei a cavalgar no seu colo, pulava e ao mesmo tempo gemia, gritava, até que ele falou que ia gozar, senti novamente seu gozo delicioso me lambuzando internamente. Não estávamos esgotados ainda. Queríamos mais, e assim nossa noite foi à mais prazerosa e intensa.

## **Capítulo 41**

Como tudo estava bem em meu mundo de novo, eu pedi à Pierre para arrumar à surpresa para Dayane. Queria já ter feito isso, mas não tinha clima com tanta coisa acontecendo. Levanto devagar não querendo acordar Dayane. Ela tem faculdade, mas acredito que ela pode descansar hoje. Ficar em casa sem fazer nada, sem à preocupação de tantos tormentos. Visto à minha roupa para ir em casa. Ainda tenho que falar com Pierre sobre toda essa corja. Me mantive o final de semDayane todo longe de qualquer informação, para me dedicar a minha família e minha futura esposa. Sorrio com meu pensamento. Tomará que ela aceite.



Saio do quarto devagar e fecho a porta. Desço as escadas e vou até à sala, pois escutei vozes. Mamãe e papai já estava ali conversando.

- Bom dia papai e mamãe. Como vocês estão? Indago me sentando.
- Ótimos amor. E você? Vejo que passou o final de semana super tranquilo ao lado de Dayane. Mamãe diz fazendo carinho em minha cabeça.
- Estou super tranquilo, e hoje mais ainda. Digo e mamãe me olha desconfiada.
- O que você está aprontando? Ela pede já sabendo que estou envolvido com algo.
- Vou falar com vocês, mas quero que mantenham segredo até amanhã. Sempre tive confiança no meus pais, sempre fomos amigos e eles sempre deram apoio em tudo.
- Então fale meu filho. Estou super curiosa. Mamãe pede animada.
- Irei pedi Dayane em casamento hoje. Estou preparando uma surpresa para ela. Falo e meus pais são puro sorriso.
- Que lindo meu caçula vai se casar. Mamãe diz emocionada.
- Tomará que ela aceite né Mãe. Indago ainda sem saber como será a reação dela.
- Ela vai meu amor. Ela te ama assim como você a ela. Tenho certeza que ela vai aceitar e vocês dois serão muito felizes. Mamãe continua.
- Fico muito feliz que você tenha tomado à decisão de casar filho, quero um filho seu também hein, não esqueça que quero dez netos. Papai fala me fazendo sorrir.
- Vamos ver papai. Agora deixa eu ir em casa, pois preciso me arrumar para mais um dia de trabalho. E vocês dois calados hein. Sorrio para eles.
- Pode deixar filho, vamos manter isso guardado à sete chaves. Papai fala e eu dou um beijo em ambos.

Na empresa Pierre já me aguardava para me passar um relatório. Estávamos na terça feira e Pierre tinha ido para Londres no sábado mesmo para pegar Lucas, Paula, Beatriz, Júlia, Joana e Monteiro. Esse bando seria levado não sei ainda para onde. E essa casa de prostituição seria desmanchada, com ajuda da polícia Londrina. Deixei Pierre instruído para deixar um cara lá para assumir à responsabilidade do local, afinal de contas à polícia iria querer um responsável por tudo. Sei que quem estivesse lá iria colocar em Lucasou até mesmo em Willian e polícia irá investigar, mas até eles acharem algo esses bandidos já era.

- Bom dia Pierre. Indago me sentando em minha cadeira.
- Bom dia Sr Villaça. Ele fala me entregando uma pasta. Abro à mesma e lá contém fotos dos idiotas em uma reserva militar abandonada. Mas não vejo todos aqui. Continuo olhando toda a pasta, mas não vejo todos aqui. Olho para Pierre.
- Porque não estão todos aqui? Indago preocupado. Não quero ninguém solto desse bando.
- Quando fomos lá, Paula e Beatriz não estavam. Ainda não sabemos o paradeiro delas. Fernando está na África, porém ainda não o achamos.
- Você consegue entender que não vou ficar aliviado enquanto não encontrarmos eles? Dayane não vai ficar tranquila enquanto eles não estiverem presos. Levanto da minha cadeira passando as mãos na minha cabeça. Mil vezes merda.
- Eu sei Sr Villaça. Por isso deixamos gente de olho em Londres toda. Aeroporto, vias e rodovias. Elas não podem sair da Europa. Então rapidinho pegamos as mesmas. E Monteiro também.
- Eu vou confiar em você Pierre, mas eu ainda quero que seguranças disfarçados fiquem com Dayane. Vou deixar ela sem segurança, até mesmo para dar à liberdade que ela tinha, mas já digo que os seguranças disfarçados ficam. Paula, Fernando e Beatriz podem tentar algo.
- Não vamos deixar nada à desejar, o Sr. Pode ficar tranquilo.
- Eu espero. Não quero ter problemas daqui para frente e muito menos surpresas. Dayane, a vida dela é mais importante do que tudo para mim. Se eles forem atacar o foco será Dayane, então não quero que tenha surpresas. Foco nela sempre. Na faculdade eles continuam até a gente pegar esses três.
- Ótimo Sr. Assim será feito.
- E quanto à esses aqui não tem possibilidade deles saírem dessa reserva né? Indago preocupado com isso também. Eu saí tão zen de casa, que agora parece ter sacos de areia nas minhas costas.
- Nenhuma Sr. Nem mortos. Deixei eles lá e já teve um clima nada agradável com Willian sua mulher e a cunhada. Lucas também estava para matar Willian por ter se envolvido com Sr.
- Pelo menos alguém temia alguma coisa de mim. Não era possível que todos fossem ingênuo à ponto de não temer algo.
- Lucas estava bem nervoso dizendo que várias vezes pediu para Willian e nenhum daqueles que estavam ali mexer com o Sr.
- Que bom que ele tinha ciência disso, mas felizmente nem todos deram ouvidos. Assim pudemos descobrir essa bandidagem toda.
- Nisso o Sr tem razão. Algo mais que eu possa fazer pelo Sr? Pierre

indaga.

- Não. Só quero que me mantenha informado sobre o que acontece nessa reserva. Ele assentiu e se levantou. Me cumprimentou e se foi.

Depois desse peso colocado em minhas costas, tentei pensar positivo. Não era possível que nossas vidas iriam ficar condicionada ao medo de que algo acontecesse. Eu não merecia isso é nem Dayane. Não falaria nada disso para ela e até mesmo deixaria as coisas seguirem seu rumo. Hoje seria o dia que minha vida poderia mudar e a dela também. Eu iria protegê-la como minha mulher, minha esposa.

O dia custou à passar, até porque eu tinha várias reuniões, e as mesmas estavam se arrastando parecendo não ter fim. No final da tarde Pierre me avisou que tudo estava pronto da forma que pedi e ainda me entregou o anel que daria Dayane. Tinha encomendado a muito tempo esse anel, porém com a situação acabei deixando na loja para ser pego depois. E esse dia chegou. Estava nervoso e animado ao mesmo tempo.

Antes de sair para casa, eu escolhi outro presente para Dayane. Liguei pra loja e negocie e pedi à Pierre para fazer todos os procedimentos antes de entregar para Dayane. Acredito que ela vai gostar, e também será bom para ela ter sua liberdade de volta.

Sai do trabalho e fui em casa. Liguei para Dayane ainda dentro do carro confirmando nosso jantar. Disse que passaria na casa de Maurício às sete e meia. Ela disse que estaria esperando e assim desliguei.

Em casa passei na cozinha e pedi à Vera para não fazer nada para jantar, pois iria jantar fora. Depois tomei banho e me arrumei com uma calça social preta, blusa social da mesma cor e um sapato social também preto. Deixei meu cabelo bagunçado mesmo e peguei à chave do meu carro. Iria sem Pierre. Essa noite seria só nós dois. Essa noite seria nossa, para nós.

Chego na casa de Mauricio e entro. Fico esperando Dayane na sala. Sarah aparece com seus olhos vermelhos.

- O que foi Sarah? O que você Tem? Está passando mal? Indago nervoso.
- Não. Eu só acabei de saber que eu estava grávida e perdi meu bebê. Ela diz chorosa.

- Vem cá. Indago puxando ela para meus braços. Não fica assim. Sei que é difícil para você e para Maycon. Você não sabe como eu lamento não ter outro sobrinho ou sobrinha. Porém nada impede que você e meu irmão tenha outro. Sigam em frente.
- Eu sei, mas é difícil, é difícil pensar que eu teria uma vida crescendo aqui dentro e do nada não tenho mais. Suspiro, pois eu não sei nem como responder à isso. Sei que ela vai ficar muito tempo sentida com isso e espero que ela pense positivamente mais para frente. Abraço ela apertado para confortá-la.
- Vou molhar sua roupa toda e você está todo bonitão para sair com minha irmã. Estou estragando o clima né.
- Não se preocupe com isso. É só uma roupa. Digo. Só quero que você fique bem. Peço olhando para ela. Dayane aparece na sala.
- Oi. Ela diz e parece que andou chorando. Mesmo que sua maquiagem disfarce seu rosto, seus olhos demonstram uma certa tristeza. Sarah se desprende dos meus braços.
- Desculpe Dayane. Estava alugando seu namorado.
- Não tem problema. Só queremos que você fique bem. Dayane abraça Sarah.
- Chega de tristeza, não quero estragar à noite de vocês. Vão se divertir. Sarah tenta colocar um sorriso no rosto, mas ela não consegue.
- Fique bem. Indago dando um beijo na cabeça dela.
- Vou ficar. Ela diz e sai da sala.
- Não quero ver você triste hoje. Digo fazendo carinho no rosto de Dayane.
- Vai passar. Vamos? Ela indaga e beijo seus lábios. Cesso o beijo e olho para ela.
- Vamos.

Eu havia fechado o Space Needle. Paguei uma boa quantia para ter esse lugar reservado somente para nós. Chegamos no mesmo e Dayane se mostrou surpresa, pois o lugar estava vazio e estava todo decorado com luzes de vela e pétalas de rosas pelo chão. À orquestra Filarmônica de Berlim está ali tocando uma música suave com seus violinos e violoncelo. Dayane estava de boca aberta com tudo que via.

- Como você consegue essas coisas? Ela indaga olhando abismada todo o salão. Só tinha à nossa mesa no meio do salão.
- Renato Villaça. Digo sorrindo. Meu sobrenome consegue tudo e mais um

pouco. E garanto que ela aceitando ser minha esposa não deixará por menos ao usar meu sobrenome. Puxo à cadeira para ela que senta admirando tudo à sua volta.

- Imagino que seu sobrenome traga tudo para você e seus irmãos. Ela fala olhando para mim.

- Não vou mentir para você. É foda ser um Villaça. Tem vantagens e desvantagens. Mas eu amo ser quem eu sou, não só pelo sobrenome, pois meu avô fez sua fortuna, papai também e nós os filhos, não ficamos por baixo. Quisemos construir nosso próprio caminho e império.

- Admiro muito vocês três. Lutaram para ter o espaço de vocês e hoje tem. Ela fala com admiração na voz. O garçom traz o vinho que pedi para deixar separado. Escolhi todo o cardápio antes. Eu mesmo coloco o vinho nas nossas taças e ela toma um pouco.

- Obrigada! Você também é uma mulher brilhante. Sei que vai crescer muito ainda na sua profissão. Falo pegando na mão dela.

- Espero que sim. Sorri para mim.

O jantar começou à ser servido. Sendo Bife Wellington com purê de aspargo. Começamos a comer e a conversar coisas bDayaneis do nosso dia a dia. Ela estava mais aberta, descontraída, esquecendo assim o problema com Sarah. Sorrimos um para outro, brindamos a nós. Dançamos algumas músicas tocadas pela orquestra. Tudo estava perfeito e só faltava meu pedido para ela. Levei ela para ver à vista de Rio de Janeiro pelo restaurante. À noite estava linda como nunca vi antes. Rio de Janeiro é difícil ter noites estreladas e com clima bom, mas hoje parece que tudo estava ao meu favor. Abraço ela por trás e beijo seu pescoço e seu ombro.

- Meses atrás eu estava imaginado à minha vida com você. Imaginado que meus sonhos me levaram até você ou trouxeram você para mim. Não importa à ordem, só importa que você está aqui hoje comigo. Viro ela para mim. Ela me olha com seus olhos azuis penetrantes. Eu quero mais. Eu quero dividir minha vida com você, ter você pra sempre do meu lado e principalmente amar você eternamente. Ela pisca os olhos várias vezes. Tiro à caixinha do anel do meu bolso e abro. Ela olha e volta seu olhar para mim. Você aceita ser minha esposa? Aceita ser minha para o resto da vida? Indago e vejo seus olhos derramarem lágrimas. Limpo as mesmas com à ponta do meu dedo. Sorrio aguardando à resposta dela.

- Sim. Sim. Eu aceito ser sua esposa e ser sua o resto da vida. Ela diz pulando em meu colo. Rodo a mesma me sentindo muito feliz por ela ter

aceito.

- Eu sou o homem mais feliz do mundo. Digo beijando os lábios dela.
- Somos o casal mais feliz do mundo. Ela diz após cessar o beijo.

O garçom traz duas taças de champanhe e assim brindamos à nós, ao começo de uma nova vida juntos e ao nosso amor que fortalecerá cada dia mais.

## Capítulo 42

Acordei abraçada ao meu lindo futuro marido. Meu futuro marido. Eu não acreditava que eu iria me casar, não acreditava que ele me queria mais, até mesmo por não poder dar ele filhos. Eu espero que possamos passar por isso juntos e que o desejo dele de ter uma família dele, filhos dele, possa ser substituídos por filhos adotivos. Suspiro pensando nisso. Não quero que isso seja um problema para nós dois futuramente.

Olho para meu anel e sorrio atoa. Ele me ama e eu o ama e tudo dará certo para nós. Não quero pensar nisso ou qualquer outro problema. Me levanto, quero dizer, tento me levantar, pois sou puxada de volta para cama.

- Onde à minha futura esposa pensa que vai? Meu futuro marido pede beijando meu pescoço.
- Eu tenho que ir pra faculdade hoje. Faltei ontem, porque o Sr me deixou dormindo ao invés de me acordar. Falo fazendo biquinho e ele morde.
- É mesmo Srta? Ele se levanta e me pega em seu colo. Vamos para o banho e lá podemos resolver isso. Ele diz todo brincalhão.
- Vou adorar resolver isso no banho. Ele liga o chuveiro e nos empurra para à água fria. Meu corpo reage em protesto.

Renato não pede tempo, me abraçou por trás beijando meu pescoço,apertando meus peitos e com a outra mão acariciava todo o meu corpo, passando sua mão pela minha intimidade, ao sentir seus dedos acariciando meu clitóris e me penetrando eu dei um gemido de prazer, aquilo tudo estava maravilhoso.

Ele desceu dando beijinhos por toda minhas costas e abriu minhas pernas e começou a chupar lentamente a minha bundinha e a minha intimidade, ele sugava meu clitóris e me dedilhava me fazendo gemer muito, quando estava perto de gozar ele intensificou nas chupadas e nas dedadas me fazendo gozar,

enquanto geSarah e gritava ele bebia todo meu gozo.

Me recuperava do meu gozo, meu namorado se levantou olhando pra mim e lambeu seus lábios e me deu um beijo, lento e molhado que pude sentir meu gosto na sua boca. E estava na hora de retribuir a deliciosa chupada que meu namorado tinha me dado me ajoelhei olhando pra ele. Comecei punhetando o pau dele e chupando a cabeça enquanto acariciava suas bolas, depois passei minha língua por todo o seu pau e tentei por na boca o máximo que conseguia, então ele me levantou pelo braço, levantou uma das minhas pernas e enfiou tudo de uma vez que me fez dar um gritinhos de surpresa, dor e prazer, principalmente prazer meu agarrei ao pescoço dele enquanto ele dava estocadas forte e rápidas que podia me fazer sentir ele lá no fundo da minha intimidade, à medida que ele enfiava com mais força e mais velocidade eu ia gemendo cada vez mais alto até que gozei de novo, o que fez minhas pernas ficarem fracas e ele teve que me segurar.

O beijava enquanto ele metia em mim até que alguns minutinhos depois ele avisou que iria gozar, me virou de costa e eu me apoiei na parede fria do banheiro, ele me segurou firme pela cintura e gozou dentro da minha intimidade. Sentir aquele gozo morninho dentro de mim é uma das melhores sensações.

Depois terminamos o banho nos trocamos e fomos tomar café. Eu tive que tomar café rápido, pois iria chegar atrasada na faculdade. Dei um beijo em Renato e um tchau para Vera e fui embora. Ainda bem que os seguranças tinham uma boa direção e conheciam atalhos para me levar em segurança para à faculdade. Eu não cheguei atrasada. Achei ótimo isso.

Fui para minha sala e lá fiquei conversando com alguns colega até o professor chegar. A aula começou e eu era pura atenção. Eu não podia perder mais aula, até porque Renato não queria esperar para nós casarmos. Ele queria anunciar à nossa família logo, e então ele iria aproveitar que todos estavam concentrados em uma casa só e daria à notícia.

Eu estava empolgada para esse jantar. Sei que minhas irmãs ficaram felizes por mim. Eu tirei o anel que Renato me deu para que elas não percebessem nada. Tudo seria uma surpresa.

Passei a aula toda pensando em como seria o meu casamento. Meu vestido, recepção, vestido das minhas irmãs como madrinhas, decoração da igreja ou de

algum lugar aberto que tenha jardim. Meu Deus, era tanta coisa para pensar que minha cabeça começou a dar um nó. Eu acho que poderia fazer uma lista do que eu e Renato queremos, começar a olhar o vestido de noiva que demora ficar pronto, pois não queria um vestido alugado comprado, queria mandar fazer para guardar para o resto da vida. Sempre sonhei em ter meu próprio vestido, portanto não iria abrir mão disso.

Depois que sair da faculdade fui na banca ali perto. Fui comprar revistas de noivas para ver uns modelos de vestidos. Eu estava mega empolgada. Comprei as revistas e fui para o shopping. Me sentei ali e comecei olhar cada vestido um mais lindo do que o outro. Não consigo parar de olhar. Estou bem entusiasmada.

Acabei ficando no shopping e almoçando por lá. Sarah e Márcia já tinham me ligado para saber se eu estava bem. E responde com maior sorriso no rosto que sim. Eu estava muito feliz e radiante, então não podia está melhor. Me casaria com o homem da minha vida e tudo seria perfeito.

Já fui para casa quase à noite. Cheguei lá e Renato já estava sentado conversando com seu pai e Maycon.

- Achei que teria que buscar uma certa Srta no shopping. Renato diz e eu sorrio.
- Podia ter ido, assim iríamos ao cinema. Falo e dou um selinho nele. Dou um beijo no rosto de Maycon e outro em Dantas. Está tudo bem por aqui? Indago me sentando do lado de Renato.
- Está ótimo. As meninas e minha mãe estão lá em cima babando em Ava. Maycon diz e eu sorrio.
- Vou lá ver elas então. Me levanto animada e saio deixando eles conversando.

No quarto de Ava, o som da risada dela ecoava em todo quarto. Era muito bom de se ouvir, e me fazia lembrar que isso som não viria de mim. Que eu nunca enxergaria traços meus e de Renato em um possível filho adotado. Meus olhos enchem de lágrimas.

- Dayane, Dayane. Sarah me chama parada em minha frente. Eu nem percebi que ela estava me chamando e muito menos tinha vindo até à mim.
- Oi, desculpa, eu não te ouvir. Falo é ela me olha preocupada.



- Eu sei, estávamos todas te chamando e nada. Você está bem? Indaga pegando na minha mão.
- Sim, estou.
- Não parece, está triste. Aconteceu alguma coisa? Cláudia diz também se levantando.
- Não é nada só lembrei dos nossos pais. Minto não querendo revelar o real motivo da minha dor. Pois toda vez que lembro que não tenho possibilidade de engravidar uma dor me toma.
- Você sempre lembra deles, e fica assim. Senta aqui. Cláudia pede e eu me sento. Márcia pega na minha mão.
- Querida não fica assim. Sei que perdeu seus pais muito nova e não pode realmente senti-los perto. Mas eu e Dantas estamos aqui e vamos sempre cuidar de você.
- Obrigada Márcia . Você não sabe o quanto vocês representam para mim. Digo e a abraço.
- Não precisa agradecer minha menina. Agora deixa essa tristeza de lado, porque Renato disse que quer um jantar para anunciar alguma coisa. Sorrio e ela pisca para mim. Iria ser surpresa, mas sei que Márcia só queria me tirar da melancolia que estava.
- Sério? Não acredito que você e Renato vão se casar. Sarah fala animada.
- Ele me pediu em casamento ontem e eu aceitei. Digo animada. E as meninas gritam de felicidade.
- Meus parabéns minha irmanzinha. Quero muito que você seja feliz. Cláudia fala me abraçando. As meninas já começaram à fazer planos e eu fiquei mega empolgada.

Nosso jantar não foi uma surpresa, já que as meninas fizeram uma festa, fazendo assim uma comemoração para toda nossa família. Eu acabei indo dormir na casa de Renato por insistência dele. Mas foi muito bom, pois à nossa noite não poderia terminar de outro jeito à não ser demonstrando o quanto à gente se ama.

Levantei cedo, deixando Renato dormir. Fui para faculdade passei toda aula fazendo trabalhos em grupos. Era muita coisa para fazer, fora que as provas estavam chegando e eu tinha que me concentrar. Não podia deixar à desejar no meu primeiro período.

Cheguei em casa e vi um carro com uma faixa vermelha como se estivesse embrulhado para presente. Era lindo, audi na cor vermelha. Maycon ou Mauricio

estava presenteando uma das meninas. Elas merecem. Entro e dou de cara com meu namorado.

- Não sabia que estaria aqui. Falo chegando perto dele e o beijo.
- Vim trazer um presente para minha futura esposa. Ele diz com os lábios ainda grudados nos meus.
- É mesmo? Veio me trazer você para almoçarmos juntos? Indago e ele morde meus lábios.
- Para mim tudo bem, mas o meu presente é outro. Vamos sair daqui de dentro. Ele pede e me puxa para fora. Desço as escadas na frente dele e o mesmo fica parado me olhando.
- Você não vai vim? Me olha com um sorriso no rosto e tira do bolso uma chave. Fico olhando para ele e só depois a minha ficha cai. Olho para ele e depois para o carro não acreditando que esse carro é meu.
- O carro é meu presente? Indago sem jeito e ainda não acreditando que isso é verdade.
- Sim. Eu achei que você precisava de um carro já que vamos tirar os seguros.
- Você está falando sério? Indago ainda em choque. Eu podia ter homem melhor para minha vida do que esse? Apesar de poder comprar um carro para mim, porém ele pensa em tudo.
- Sim. Vamos buscar um pouco da liberdade que você tinha. Só um pouco tá futura Sra Villaza, porque eu sou um homem bem ciumento e não quero que homem nenhum fique em cima de você. Sorrio com que ele fala
- Pode deixar futuro marido. Falo e ele me abraça.
- Você gostou? Pede me olhando.
- Amei. Muito obrigada!
- De nada, só dirija com cuidado. Nos beijamos. Cada dia eu o amo mais e sei que nada teria sentido sem ele na minha vida. Ele me completa e faz tudo em mim se transformar.

## Capítulo 43

Eu amei ganhar o carro de presente. Amei saber que eu poderia ir e vir com pelos meus próprios meios. Estava me sentindo livre. E sabia que isso tudo se devia ao meu futuro marido que me proporcionava à cada dia uma felicidade que jamais teria. Eu o amo muito. Amo mais que tudo.

Estava me dividindo em mil com ajuda de Sarah, Cláudia e Márcia para fazer o casamento acontecer em dois meses. Já tinha escolhido o modelo do vestido de noiva, então agora era escolher os detalhes da festa. Decoração, comidas e bebidas. Márcia havia me perguntado se não queria fazer na casa dela. Lógico que topei na hora. O jardim da casa dela é lindo. Portanto toda cerimônia seria feita lá.

Renato também gostou de tudo ser feito na casa dos pais. Ele seria o último filho a casar, e nada que melhor dar esse gosto aos pais.

Eu não estava com muito tempo para me organizar direito, porque ainda tinha trabalhos e prova na faculdade. Já tinha até comentado com Renato que nossa lua de mel seria no final de semestre, porque como estava na reta final do semestre não podia faltar muito. Ele entendeu e disse que podia fazer uma viagem depois que o semestre acabasse. Mas que também nossa lua de mel é diária. Sorri com o comentário malicioso dele.

Eu contratei uma organizadora de casamento para me ajudar com tudo. Tinha coisas que só eu podia decidir então ela me daria opções para que eu escolhesse. Mostrei à ela o lugar que seria o casamento, e assim ela me deu opções de cores para combinar com o verde do jardim, já que a cerimônia seria no fim da tarde.

Faria tudo na cor branco e branco gelo. As cadeiras seriam forradas com forro branco gelo. Pétalas de rosas brancas seriam jogadas pelo caminho onde eu iria entrar. O Altar seria colocado para o mar, onde o pôr do sol se faz presente as cinco da tarde. A decoração do mesmo seria um arco de flores diversas.

Quanto a decoração da recepção também seria branco com branco gelo. Arranjos tradicionais e altos com flores nobres. Taças de cristais, talheres inox e pratos de porcelana. Estava amando escolher tudo, mesmo. com pouco tempo que tinha entre estudar para uma prova e fazer um trabalho. Renato estava presente em cada escolha. Ele fazia questão disso e eu também. Pois ele estaria do meu lado em tudo e não seria somente uma escolha minha, mas nossa.

Para o cardápio do nosso grande dia escolhemos salmão com pão preto e torradas; patê de foie com geléia de framboesa para o coquetel. Entrada, sopa de tomate com ervas finas. E para o jantar Filé mignon com shimeji sauté, purê de batatas e alho ao molho oriental de shoyu e de Sobremesa, mousse de cappuccino ao molho de chocolate amargo. Fizemos tanta prova de comida que não consegue comer mais nada, porém conseguimos escolher o cardápio. Até que fim.

Já tinha se passado um mês e só faltava mais um mês, para que minha vida mudasse. Para eu pudesse ser chamada de Sra Villaça como minhas irmãs. Este mês seria o mês da correria e estava me vendo ficar louca de tanta coisa ainda que tinha que fazer. Tinha à prova do meu vestido e as meninas tinham à prova dos vestidos delas como madrinhas.

Como se trata de um casamento ainda que de dia, e também com verde do jardim da minha sogra, eu optei por vestidos de madrinha com cores estampadas. Tudo estava no branco, então seria legal colocar cores. Portanto os vestidos trariam essas cores que faltavam ao casamento, fora que os arranjos também teriam cores nas flores.

- Eu tenho algo para contar à vocês. Sarah diz saído do provador com seu vestido de madrinha.
- Então conta Sarah. Me deixou curiosa. Cláudia fala chegando à cabeça para fora através da cortina do provador.
- Vocês têm que prometer que não vão contar para ninguém antes do jantar essa semana lá em casa. Sarah pede sorrindo e Cláudia e eu nos olhamos.
- Pode falar. Peço intrigada.
- Eu estou grávida. Sarah diz, e eu já pulo nela para dar os parabéns. Cláudia sai do provador ainda de calcinha e sutiã e se junta a nós.
- Não acredito nisso. Achei que você e Maycon iriam esperar mais um pouco. Cláudia indaga sorrindo.
- Não, na verdade fomos ao médico depois do que houve para ver se estava tudo bem para eu engravidar. O médico disse não haver problema nenhum, então estávamos tentando. E ontem eu confirmei. Claro que tenho ainda que ir ao médico fazer os exames devidos, mas eu estou muito feliz por estar grávida, e dessa vez tudo dará certo. Sarah passa à mão na barriga. Fico feliz por ela. Muito feliz por esse serzinho que vem por aí.
- Estou muito feliz por você Sarah. Digo à abraçando mais uma vez.
- Nossa família está crescendo e só vai faltar você e Renato Dayane. Cláudia fala olhando para mim sorrindo. Abaixo meu olhar já sentindo o peso disso após me casar. O que foi Dayane? Você não quer ser mãe? Cláudia continua e já tem um olhar preocupado.
- Sim quero. Reprimo à vontade de chorar e começo a andar pelo salão olhando os vestidos. Só quero esperar mais para isso. Está muito cedo gente, eu nem casei ainda, e outra quero terminar minha faculdade e depois pensar nisso. Falo tentando soar verdade no que falo.
- É isso mesmo? Você parece triste. Sarah fala.
- Nada haver meninas, só quero esperar mais. Falo e uma das moças chega com meu vestido.

Vou prová-lo e está tudo certo. As costureiras fez um belo trabalho. Meu vestido era rodado, decote ombro à ombro, cauda fixa, bordado com paetê no corpo e

aplicações. As meninas viram meu vestido e acharam um máximo, acharam lindo e estavam chorando por me ver ali vestida de noiva. Eu também estava emocionada por me ver assim. Por ver que faltava pouco para eu me ver assim no altar, e ainda para Renato me ver vestida de noiva. Eu não via à hora. Suspiro sentindo as emoções que me espera.

Acabamos de fazer à prova dos vestido e fomos para casa. Cláudia deixou Sarah em sua casa e eu fui para casa de Renato. Ele estava me esperando para jantar. Cheguei e um dos seguranças já veio abrir à porta do carro para mim. Agradei o mesmo e fui para dentro da casa. Renato já estava na sala me esperando com uma taça de vinho branco.

- Oi linda. Já estava aqui pensando que horas você iria chegar. Ele fala me puxando para seus braços. Me beija já buscando minha língua, e abro minha boca de bom grado. Nosso beijo é de amor, de saudade e de desejo. Casamos o mesmo e ele me olha. Está tudo bem?
- Sim. E você? indago dando selinho na boca dele.
- Melhor agora. Como foi a prova do vestido? Ele senta e me puxa para seu colo.
- Foi ótimo. Meu vestido está pronto. Só não posso engordar ou emagrecer porque senão vou ter que mandar arrumar novamente. Digo e ele faz carinho em meu rosto.
- Não pense nisso, temos ainda um mês pela frente. Agora vamos jantar. Vera só estava esperando você chegar. Me dar outro beijo e levantamos.

Dei um beijo em Vera assim que entrei na cozinha. Ele já estava colocando tudo na mesa. Me sentei depois de Renato arredar a cadeira para mim. Começamos a comer e a conversar sobre alguns detalhes do casamento que ainda faltava.

Uma semana se passou e Sarah tinha feito o jantar comunicar à todos que ela estava grávida. E euforia de Márcia não cabia na sala. Parecia que era ela à grávida. Rimos demais dela e da sua empolgação querendo ter outra menina na nossa família. Dessa vez ela e Dantas fizeram uma aposta para ver se iria ser menino ou menina. Só esses dois mesmo. Nunca vi casal igual a eles. A festa só estava começando na casa e na nossa família.

Hoje era meu grande dia. Estava desde ontem na casa de Márcia e Dantas junto com as meninas. Fizemos uma festinha particular ontem com bebidas alcoólicas e alguns petisco. Fizemos brincadeiras, stripetse. Ainda bem que estávamos

todas alteradas, porque nunca teria coragem de fazer isso sobrea, ainda mais perto de Márcia. Os meninos foram para casa de Renato, e imagino também que tenham feito uma despedida de solteiro para ele.

Não tinha descido para ver à organização no jardim, mas esperava que tudo estivesse perfeito para esse dia único na minha vida e de Renato.

## **Capítulo 44**

Estava no quarto e vi pela janela à movimentação no jardim onde seria o altar. Suspirei sorrindo. Vesti um hobby por cima da minha camisola e desci. Como ainda só tinha as meninas, não me importei de descer assim. As meninas mais Márcia já estavam na mesa.

- Bom dia flor do campo! Estou vendo que está radiante, como tem que ser. Cláudia fala sorrindo e se levantando para me abraçar.
- Como dormiu minha mais nova filha? Márcia me pede também sorridente. Na verdade elas têm um sorriso enorme no rosto e um brilho diferente no olhar. Acredito que esteja feliz por seu filho caçula estar se casando.
- Eu dormi muito bem. E não vejo à hora da cerimônia começar e eu dizer o sim ao seu filho. Falo sorrindo e feliz por esse momento.
- Nós também querida. Vocês dois merecem essa felicidade.
- Merecem mesmo. Foram feitos um para o outro. Sarah indaga e eu não consigo parar de sorrir. Esse momento é único, e eu quero viver cada minuto para não dizer segundo.

Tomamos café à base de muita conversa, de muita alegria e principalmente de muita empolgação. Fomos lá fora ver à movimentação e ainda não tinha muita coisa, fora os objetos que estavam chegando para à decoração nos dois lados do jardim. Voltei para dentro e umas das empregadas veio me entregar o celular que estava tocando. Olho e tem quatro ligações de Renato. Retorno à ligação e ele atende.

- Oi amor, ainda estava dormindo? Ele pede todo carinhoso.
- Não. Estava lá fora vendo as coisas da decoração chegando. Falo sorrindo.
- Senti sua falta ontem. As vezes ele é tão carente.
- Eu também. Mas hoje eu serei toda sua e para o resto da vida.
- Só isso me consola. Nunca mais dormiremos separados.
- Sim. Nunca mais. E como foi à sua despedida de solteiro?
- Preferia ter estado com você. E a sua?
- Também preferia ter estado com você, mas foi boa.
- Eu vou desligar, os meninos já estão me chamando. Só queria ouvir a sua voz. Que fofo. Eu tenho certeza que seremos felizes.
- Eu te amo. Digo sentindo uma felicidade enorme.



- Eu também te amo. Lembre se que estarei te esperando no altar.
- E eu estarei lá ao seu lado. Digo e ele sorrir.
- Deixa eu ir então Linda. Te amo.
- Te amo também. Desligamos e eu subi para o quarto. Fui tomar um banho demorado.

Depois do almoço às manicure/ pedicure e cabeleireiro chegaram junto com a maquiadora. Eu fiz as unhas primeiro enquanto o cabeleireiro estava com as meninas. Minhas unhas foram colocadas em uma francesinhas.

Meu cabelo eu optei por colocá-lo de lado, por mais que ainda estava grande, o cabeleireiro fez cachos e depois fez um arranjo de lado. Ficou lindo. Logo à maquiadora veio fazer seu trabalho. Não queria uma maquiagem forte, mesmo porque à cerimônia era ainda de tarde. Ele realçou meus olhos. Minha boca o batom usado foi rosa claro. Fiquei muito satisfeita quando me olhei no espelho.

As meninas estavam lindas em seus vestidos. Elas vieram me ver e já se emocionaram, mesmo ainda não tendo colocado o vestido. Márcia também não ficou para trás. Ela estava sempre serena, porém agora estava chorona, tendo que retocar à maquiagem à todo momento.

Era hora de colocar meu vestido. Respiro fundo, pois à minha hora está próxima. Minhas irmãs me ajuda à colocar o mesmo. Lágrimas vem aos meus olhos. Eu não esperava esse momento tão cedo na minha vida, principalmente depois de tudo que passei. Sei que era um sonho meu, um sonho que para mim estaria bem longe de acontecer, porém os planos são nossos e a decisão fica para Deus. Ele planejou esse momento maravilhoso em minha vida e eu só tenho a agradecer.

Estava no quarto esperando à cerimonialista me avisar que posso descer. Ouço uma batida na porta e me viro para ver.

- Como está à minha filha mais nova? Dantas pede sorrindo.
- Estou um pouco nervosa. Falo sorrindo também.
- É normal. Mas estou aqui para dizer que estou muito feliz por você ter entrado na vida do meu filho. Renato sempre foi o mais centrado e mais carinhoso dos três, e eu temia e nunca achasse alguém que o entendesse tão bem. Fico imensamente feliz de saber que ao invés de três filhos agora terei mais três filhas. E sou um pai muito orgulhoso disso e de todos os filhos

que tenho. Ele vai me fazer chorar. Bem querida não vou te emocionar mais do que você já está e vai ficar quando à cerimônia começar. Só quero que você saiba que é um prazer meu e de Márcia ter você na nossa família. Que à felicidade de vocês se resumam em muito amor e nos netos que vocês nos darão. Ele me abraça não deixando eu expressa com palavras o que ele disse.

- Obrigado Dantas. Você é o pai que não tive em anos. Obrigado por todo carinho e principalmente por colocar seu filho no mundo para mim. Digo sorrindo. Somos interrompidos pela cerimonialista informando que estava na hora.

- Vamos filha. Mais uma vez eu estou imensamente feliz por você me dar à honra de levá-la e entregá-la ao meu filho.

- Não teria pessoa melhor para me acompanhar nesse momento. Digo sorrindo e ele pega em meu braço para me levar para fora.

Respiro fundo e desço as escadas com à ajuda do meu então sogro/pai. Ele é todo sorriso. Na hora que cheguei no jardim. Tudo estava passando em minha mente como um filme e que estava preste à ter meu final feliz. Vamos andando até à entrada do corredor que me levará ao meu futuro marido. Tinham várias pessoas sorrindo, algumas emocionadas. Olho para o altar e Renato estava lindo em seu terno grafite bem cortado sob medida e muito elegante.

À música nupcial começa à tocar e meu coração fica em alerta. Era hora. Passo meu braço no braço de Dantas e ele questiona se estou pronta e digo mais que pronta. Começo à andar olhando para Renato e o mesmo tem um sorriso lindo em seu rosto. Eu não conseguia parar de sorrir e também de olhar para ele. Ele é e sempre será meu porto seguro.

Chego no altar e Dantas me dar um beijo na testa e depois me entrega para seu filho. Renato também me dar um beijo na testa e me encaminha para o altar. Antes do pastor começa à cerimônia, Renato sussurra em meu ouvido.

- Você está linda. Ele fala e eu o olho com carinho.

- Obrigado! Digo somente para ele ouvir.

- Vamos dar início essa nossa cerimônia. Estamos aqui reunidos para celebrar à união do Sr Renato Villaça e da Srta Dayane Albuquerque. Desde o namoro ao casamento, o casal recebe ensinamentos para poder fortalecer a relação com base no respeito e na dignidade.

Algumas pessoas acham desnecessário afirmar constantemente a expressão

“Eu te amo”. E assim estabelecem critérios e datas para expressar o amor. Para estas pessoas, expressar o amor é como usar um vestido de festa. É bonito, é sofisticado, mas somente para ocasiões especiais. Tais casamentos baseados nesta premissa estarão fadados ao fracasso. Há um ditado que diz, trate seu cônjuge como um príncipe ou uma princesa e ele agirá como tal. Não se ama parcialmente. Numa cerimônia de casamento, os noivos comparecem diante de três testemunhas fortíssimas: a social, a familiar e a sacerdotal, referendada pela Igreja. Essas três testemunhas estão presentes para ver que o casal fez uma aliança de amor incondicional, de suportarem um ao outro até o dia de Cristo Jesus. A Bíblia diz que o amor incondicional tudo suporta, tudo crê e tudo espera, portanto aos noivos e todos aqui presentes, tenham em mente essas palavras, creiam no amor, pois só com dentro do coração de ambos é que podemos ter uma vida mais feliz, mais complacente e com mais carinho. Dito isso eu questiono aos noivos. Sr Renato Villaça é de livre e espontânea vontade que o Sr está aqui? O reverendo indaga.

- Sim. Renato responde olhando para mim.
- Srta Dayane Albuquerque, é de livre espontânea vontade que a Srta está aqui? O pastor questiona para mim.
- Sim. Respondo também sorrindo.
- Pode recitar seu voto Sr Villaça. Renato vira para mim e me olha.
- Eu me comprometo a amá-la seriamente, em todas suas formas. Agora e para sempre. Prometo que nunca vou esquecer que o nosso amor é um amor para toda a vida. E sempre saber na parte mais profunda da minha alma que não importa quantos desafios podem querer nos separar, sempre encontraremos o caminho de volta para o outro. Sempre teremos o nosso amor para nos refugiar, sempre teremos a paz de olhar um nos olhos do outro e saber que não precisamos de mais nada, só existe naquele breve espaço do olhar. Renato diz me fazendo chorar. Ele limpa a lágrima que escorreu pelos meus olhos. Quando eu te conheci através dos meus sonhos tive a certeza de que tinha que ir atrás daquilo que eu queria. Deixei meus medos e enfrentei tudo e a todos, só para estar com você. Ultrapassei obstáculos, cidades e países, mas meu amor só aumentou, cada dia mais e cada dia de uma forma diferente, mesmo não sabendo meus verdadeiros sentimentos. Te amei quando você sorriu, te amei quando você me mostrou como viver melhor, te amei no primeiro olhar. Ele termina de dizer e eu já estou em prantos.
- Srta Albuquerque seus votos. O pastor pede e eu olho para Renato após suspirar.

- O que posso dizer à você, depois de tudo que passamos? O que posso dizer à você, depois de ter me salvado? O que posso dizer à você, depois de ver seus olhos ao acordar? Eu não encontro palavras mais exatas do que te prometer à minha vida e o meu amor. Limpo minhas lágrimas e respiro fundo. Volto meu olhar para ele. Prometo defender o nosso amor e estimá-lo acima de qualquer coisa. Prometo ser compreensiva, tolerante e paciente. Prometo cuidar de cada uma das suas necessidades. Prometo respeitá-lo e amá-lo completamente. Não importam quais obstáculos enfrentemos, o meu amor por você se manterá intacto, forte e perfeito. Enfrentamos tantas coisas juntos, que não existem maneiras de um dia chegarmos ao fim. Nosso amor é eterno e nada vai mudar isso. Eu te amo. Digo e ele me beija. Ouvimos gritos e palmas da plateia. Olho com vergonha para os mesmo e vejo Márcia limpar seu rosto que já está vermelho de tanto chorar.
- Bem, agora podemos fazer à troca das alianças. O pastor diz nos tirando da nossa bolha. Renato pega à aliança do seu bolso e coloca em meu dedo, faço o mesmo depois que Cláudia me passa à aliança que escolhi para Renato. Para encerramos eu os declaro marido e mulher. Renato me agarra e me beija com volúpia, esquecendo que estávamos perto de tantas pessoas. Cesso o beijo e sorrio abraçada à ele.
- Minha esposa. Ele diz e me beija mais uma vez, porém com menos desejo.
- Meu marido. Falo sorrindo. Ouvimos palmas e saímos da nossa bolha.

Descemos do altar e fomos felicitados por algumas pessoas. Sarah e Cláudia estavam com os olhos bem vermelhos. Elas me abraçam com carinho e me desejam felicidades.

Fomos para outro lado do jardim, onde tudo estava lindo. Como eu queria. Branco com gelo e cores nas flores. Eu amei cada detalhe. Renato e eu fomos para à mesa que foi reservado a nós e a nossa família. Uma música suave começou a tocar, à comida começa à ser servida junto com os vinhos que Renato havia escolhido. Eu estava amando tudo. Estava com meu coração a mil, pois esse dia ficará gravado em minha memória.

Renato também demonstrava uma felicidade imensa, principalmente quando olhava para mim e me beijava com todo seu amor e carinho. Pessoas vieram até à nossa mesa nos desejar felicidades. Comemos alguma coisa e depois fomos dançar.

- Como se senti Sra Villaça? Renato sussurra em meu ouvido.
- Muito feliz amor. Esse dia é único para mim, e ficará marcado em minha mente. Obrigado por ser você, obrigado por está do meu lado sempre.
- Eu que te agradeço por ter aparecido em meus sonhos. Ele fala e nos beijamos.
- Será que posso dançar com à minha mais nova irmã/cunhada? Mauricio pede e eu sorrio, pois fomos interrompidos por ele.
- Só um pouco. Renato diz sorrindo.
- Calma cara, ela já é toda sua. Eu só quero uma dança. Mauricio diz também sorrindo.

Mauricio me puxa para dançar e assim dançamos uma música inteira. Ele me diz que está muito feliz por eu ser sua irmã, e que sabe que Renato e eu seremos muito felizes. Agradeço o mesmo os votos. Logo depois danço com Maycon, Dantas e alguns amigos de Renato. No fim da festa, partimos o bolo e nos despedimos, pois à nossa lua de mel seria em um hotel aqui mesmo em Rio de Janeiro. Não podíamos nos ausentar devido à faculdade, então Renato propôs para passarmos pelo menos essa noite em um hotel e depois voltaríamos para casa. Eu não estava me importando onde passaria minha lua de mel, desde que Renato estivesse, qualquer lugar seria perfeito para mim. Nosso amor é e será maior do que qualquer coisa, e à partir de hoje eu faria qualquer coisa para sermos felizes.

## **Bônus**

Tudo para pegar aquela vagabunda da Dayane estava bem, porém eu não contava que ao invés dela está me esperando na casa do lago abandonada, estaria Renato. Quando o vi ali, eu fiquei em choque, não queria nunca que ele descobrisse que eu tinha envolvimento com o que houve com aquela vadia, e também me ligasse ao tráfico humano. Merda, duas vezes merda.

Eu tentei ao máximo não demonstrar o que estava fazendo ali, mas ele já sabia, não sei como, mas já sabia. Então não deu outra, ele veio para cima de mim com uma raiva anormal, nunca tinha visto meu ex amigo assim. Tentei sacar à minha arma para acabar com ele logo, mas ele foi mais rápido do que eu. Eu não tive chance alguma contra ele.

Quando tudo acabou eu não soube mais o que estava acontecendo. Meu corpo estava doendo, meus olhos inchados, e o pouco da consciência que tinha não me permitia pensar. Eu só sentia alguém me levar para algum lugar e mais nada.

Apaguei por um tempo.

Acordei e minha vista estava ainda embaçada pelo inchado, só via sombras desfocadas que não sabia quem era.

- Olha, à nossa boneca acordou. Ouço um homem com à voz grossa dizer.
- Quem está aí? Indago com à voz meio trêmula pela dor.
- Não importa boneca. Importa que vamos te dar o que você gosta de fazer com as mulheres, principalmente com as menininhas. Um outro homem diz já tirando a minha calça.
- Não... O que vocês estão fazendo? O que vocês vão fazer? Grito desesperado.
- Nada que você não tem feito para destruir vidas de mulheres inocentes. Um homem diz já me colocando de bruços e enfiando seu membro em mim.
- Não... Não... Não... Grito chorando de dor, chorando de raiva.

Eu não sei quanto tempo aquilo durou, mas sei que fui estuprado várias vezes. Eu não tinha mais forças para me mover, e ainda não tinha coragem para olhar para mim mesmo no espelho. Não sou mais homem, virei um trapo de gente que não tem nenhum pinga de dignidade.

- Que nojo cara, você está fedendo. Podia pelo menos ter se levantado e tomado um banho. Porco imundo. Um outro homem que não reconheço à voz diz me chutando. Vamos, levanta, levanta porque o passeio não acabou. Seu fim do poço está próximo.

Ele ainda continua e me arrasta. Sou como um boneco em suas mãos, me deixando ser levado para não sei onde, e para falar à verdade eu não estou me preocupando, depois do que fizeram comigo, não me importo com mais nada. Ele me joga em algum lugar e depois liga o chuveiro frio.

- Se lave seu verme. Não vou carregar você fedendo desse jeito no carro. Ele diz e eu não tenho ânimo para me limpar.

Eu não sei onde cheguei. Nunca imaginei viver isso na minha vida. Estava tudo sob controle até aquela vadia entrar no meu caminho. Juro que se houver uma

oportunidade de me erguer e sair desse problema que me mete, Dayane e Renato irão me pagar com sua família toda.

Me lavo com um pouco de receio de me tocar. Me violaram muito, quase não sinto meu corpo e principalmente à minha bunda. Acabei e o cara jogou umas roupas pra mim. Mesmo não enxergando muito, coloco e o cara mal espera eu vesti a camisa e já me puxa. Me joga dentro do carro e o mesmo começa a andar. Dois brutamonte estão me apertando na parte de trás do carro.

À viagem demorou não sei quanto tempo, entre carros e avião, eu já estava cansado, na verdade exausto. Um dos brutamontes me puxa e me leva para algum lugar escuro. Não sei que horas eram, mas à noite estava puro breu. Meus olhos ainda estavam inchados, porém dava para perceber o breu da noite.

Escuto vozes alteradas e reconheço sendo de Lucas. Merda, ele é também foi pego pelo maldito do Renato. Chego mais perto das vozes e um dos homens que estava me segurando me empurra.

- Mais um lixo para fazer companhia a vocês. O homem diz sorrindo. Vocês terão tempo de sobra até se matarem. Já digo que não tem comida e nem água aqui. Ele indaga andando.
- Que ótimo Willian. Estou vendo que você está começando à pagar pela burrada que você fez com Renato Villaça. Eu avisei para não se meter com ele, mas você e sua mulherzinha idiota aqui não me ouviram.
- Mas concordou em dar fim à vadiazinha dele. Verônica diz com raiva. O pouco que enxergo o do rosto dela, também está machucada. Eu mato o Villaça. Vou para perto dela e ela se afasta.
- O que foi amor? Peço e ela me olha com raiva.
- Será que eu sou seu amor mesmo Willian? Ou por acaso não é a Su? Ela pede com ódio na voz.
- Eu não sei do que você está falando. Sua irmã está inventando algo para acabar com nosso relacionamento.
- Será mesmo? Verônica está com muita raiva pela sua voz e eu não gosto de discutir com ela quando está assim, então achei melhor falar com ela depois.
- Não vamos discutir agora. Acho que devemos pensar em como sair daqui e depois resolvemos isso. Digo e ela tira algo de dentro da calça.
- Verônica você tem uma arma? Como? Lucas indaga. Você poderia ter atirado nesses idiotas que nos pegaram.



- Eu trouxe essa arma escondido deles. Na verdade quando Dayane chegou em casa para tirar satisfação comigo eu estava já armada. Porém não deu para fazer nada contra ela. Verônica fala amargamente.
- E porque não usou contra eles? Júlia irmã de Lucas questiona.
- Porque eu tenho algo melhor em mente. Ela fala e aponta para mim.
- Verônica você não pode fazer isso. Eu te amo. Falo tentando fazer ela voltar à razão.
- Me ama? Você me traiu com a minha irmã. Vocês dois agiram pela minhas costas. E eu Willian, acreditei no seu amor por mim, acreditei no amor dessa falsa por mim. Ela puxa o cabelo de Suzanna. Vocês dois foram as piores pessoas na minha vida, mas vamos acabar com isso agora. Ela diz e joga Suzanna no chão e aponta à arma para a mesma.
- Verônica não. Suzanna grita sendo tarde demais, pois minha mulher atira duas vezes nela.
- Verônica larga essa arma. Lucas pede, mas ela aponta para mim. Verônica, podemos sair daqui, Paula, Beatriz e Fernando vão descobrir onde estamos. Lucas continua e eu só dei conta agora que mamãe e Paula não estão aqui, nem Fernando.
- Esse verme não merece viver Lucas, por mais que ele me tirou da prostituição, eu não devo mais nada a ele. Ela grita chorando.
- Sua irmã mentiu quanto a nós Verônica. Tento fazer a cabeça dela.
- Não foi ela que me disse. Mas sim Dayane. Ela me jogou na cara isso, eu não quis acreditar no que ouvia, mas minha irmã aqui ficou muito nervosa. Então eu sabia que era verdade. Como aquela garota fez isso?
- Não. Dayane falou isso para te confundir.
- Não minta para mim. Eu conheço você e conhecia muito bem essa vadia da minha irmã. Ela fala e abaixa um pouco a arma. Mas não se preocupe não vou te matar. Você merece sofrer com uma dor diferente. Eu a olho e ela aponta a arma abaixo da minha cintura.
- Não Verônica, não faça isso, vamos nos entender. Eu te amo muito. Ela chora e eu só ouço disparo me acertando na parte do meu membro. Ahh... Grito de dor caindo no chão. Eu já estava com dor e agora estava pior. Me ajudem por favor. Indago gemendo de dor.
- Eu vou andar para saber como sair daqui. Verônica fala como se não fosse nada. Ela joga a arma no chão e olha para todos a sua volta. Não se preocupem não tem mais bala. Saiu andando me deixando ali com dor.
- Me ajuda aqui. Eu posso morrer se continuar sangrando dessa forma.
- Willian não podemos te carregar, seria como carregar peso morto. Lucas fala me deixando com raiva.

- Como é que é? Sempre fomos amigos, parceiros um do outro e agora você não quer me ajudar? Ele não pode me deixar aqui e morrer desse jeito.
- Vamos procurar uma saída primeiro e depois voltamos pra te buscar. Carregar você só iria nos atrasar mais e temos que achar uma saída.
- Então alguém fica aqui comigo. Falo e eles se olham.
- Willian não tem como alguém ficar aqui com você. Todos nós precisamos procurar uma saída. À mãe de Lucas diz e todos assentem.
- Eu não quero ficar aqui sozinho. Não. Vocês não podem me deixar aqui sozinho. Eu preciso de ajuda. Indago tirando as mãos da minha calça ensanguentada.
- Willian não temos outra alternativa. Já vai amanhecer e temos que começar à procurar. Olha vamos voltar assim que achar uma saída pra te buscar.
- Não me deixem aqui. Grito chorando. À dor está latente e mal consigo falar, mas eu não quero ficar aqui. Eles não podem fazer isso comigo, porém eles não espera eu dizer mais nada e saem andando. Me levem com vocês... Me levem com vocês. Grito e choro em desespero.

Eles não podem me deixar assim. Esse não pode ser meu fim. Encosto em uma árvore e fico ali tentando achar um jeito de andar. Nem Verônica se preocupou comigo. Tudo culpa daquela vadiazinha e do Villaça. Eles irão me pagar. Eu não vou deixar isso passar mesmo.

Dias amanhecem e escurecem e nada de ninguém vim ver como eu estou. A minha ferida está doendo mais, e eu não consigo nem mesmo me levantar. Já sinto moscas me rodearem e tento ao máximo espantá-las. Sinto fome e frio, e nada aqui me faz ficar bem. Minha mulher sumiu da minha vida como se eu não fosse ninguém. Ela me virou as costas no momento que eu mais precisava dela.

Meus amigos, bem os que achei que eram meus amigos me abandonaram. Me deixaram aqui para morrer sem nem ao menos me ajudarem. Eu confiei nas pessoas erradas, deveria ter mandado matar todos eles.

Estou afundado na neve. Estou congelando aqui tem três dias. Não vejo as pessoas que disseram ter uma amizade comigo a muito tempo. Devem ter conseguido sair daqui e me deixaram para morrer nesse lugar horroroso.

Estou custando à respirar depois dessa neve ter entupido até a minha cabeça. O ar gelado aqui já congelou até meu coração. Não resistirei tanto tempo. Meu corpo já está inerte e eu não tenho mais forças. Respiro com dificuldade, e para falar à verdade não tenho mais forças nem para respirar. Esse é o meu fim, mas sei que mamãe e Paula irão vingar à minha morte.

## **Capítulo 45**

Três anos de casado, era esse o tempo que eu e Dayane estávamos felizes.

Mesmo depois do primeiro ano que vi que ela estava sentindo falta de algo, estávamos ainda felizes. E eu sabia o que era. Vendo Ava crescendo e Sarah ganhando o pequeno Adam, eu sabia que ela estava sofrendo de não poder engravidar. Ela não queria e nem quer tocar no assunto, porém já são três anos e temos que procurar um tratamento ou buscar uma adoção.

Nesses Três anos muitas coisas aconteceram. Willian e seu bando morreram na reserva. Pierre não deu nem seis meses para eles não resistirem a reserva militar. Sem comida e sem água, eles não tiveram chance alguma. Os corpos foram encontrados em decomposição um ano depois que Pierre deixou eles lá. Pedi à Pierre para enterrar ali mesmo, ninguém nunca iria procurar por gente iguais a eles.

Quanto à Fernando, Paula e Beatriz ainda estamos procurando. Parece que sumiram do mapa, porém estamos atentos à cada movimento que eles possam dar. Em cada país tem pessoas de Pierre, pois assim que aparecerem serão enviados para o mesmo lugar que seus entes queridos foram e estão enterrados.

Me despeço de Francielle depois de mais um dia de trabalho e vou para casa. Ainda tinha um jantar na casa dos meus pais. Não sabia o motivo desse jantar, mas estava feliz que à família iria se reunir, apesar de fazê-lo todo final de semDayane, até mesmo por causa das crianças que são as alegrias nossa.

Ao chegar em casa dou boa noite à Vera e já questiono sobre Dayane. Ela me diz que estava na quarto. Subo para nosso quarto e vejo Dayane sentada em uma poltrona que temos no quarto. Seu olhar está perdido para fora, ela nem notou que entrei no quarto. Vou para perto dela e me sento em outra poltrona do lado dela.

- O que você tem? Indago pegando na mão dela.
- Nada, só estava pensando que minha formatura está quase perto. Ela diz sem me olhar, e eu sei que não é isso.
- Olha para mim. Peço. Ela me olha e seus olhos estão vermelhos. Porque você não conversa comigo? Me diz o que você sente? Indago nervoso por ela nunca querer conversar sobre à nossa situação.
- É melhor à gente ir tomar banho se não vamos nos atrasar para o jantar. Ela fala se levantando.
- Droga Dayane, porque você sempre foge? Porque não se abre comigo? Você acha que não percebo? Tem meses que você está assim triste,

chorando pelos cantos da casa, e eu me sinto mal, impotente. Me diz o que quer fazer? Me diz o que você quer que eu faça. Eu faço. Indago sentindo que ela está cada dia mais distante.

- Nem eu e nem você podemos fazer nada. Eu não posso ter um filho e nem ao menos posso te dar isso também. Então não podemos fazer nada. Ela fala chorando mais. Vou até ela e a abraço.

- Você quer fazer um tratamento? Eu não me importo se tiver que gastar nossa fortuna toda nisso, o importante aqui é te ver feliz. Abraço ela mais.

- Eu fui no médico questiona sobre isso. Sobre fazer um tratamento, o médico não me deu muitas esperanças. Ele disse que seria somente um milagre para engravidar. Olho para ela surpreso. Quando ela foi ao médico sem eu saber?

- Quando você foi? E porque não me disse para eu ir com você? Indago querendo entender os motivos dela me esconder isso. Afinal de contas, é importante para mim também.

- Queria te fazer uma surpresa caso o médico dissesse que com o tratamento nós teríamos chance de termos um filho. Eu sei que você sente o mesmo que eu, e eu me sinto mais culpada ainda porque o problema é comigo. Eu nunca poderei te dar um filho seu.

- Quem disse que não? Amor, eu já disse que podemos ter filhos de coração. Eu não preciso ter filhos de sangue para ser considerados que são meus de verdade, eu não preciso ser chamado de pai somente por filhos que nasçam da gente, de você. Respiro fundo e levanto seus olhos para me encarar. Eu te amo muito e sei o tanto que você está sofrendo com isso, e acredito que chegou à hora de adotar uma criança.

- Você acha que podemos adotar? Ela indaga meio chorosa. Sorrio para ela passando à confiança que sinto.

- Claro que podemos. Vamos buscar orfanatos e assim podemos visitar esses lares de adoção para encontrar uma criança que precise da gente, apesar de saber que são muitas querendo um lar e pais amorosos.

- Obrigado por me entender. Obrigado por me fazer ver as coisas diferentes. Ela me abraça forte.

- Eu só não quero te ver triste pela casa. E por favor, não me tire da sua vida. Eu estou aqui por você e para você.

- Desculpa, eu só não queria te deixar mais triste comigo do que já estou.

- Eu não estou triste com você Dayane. O problema que você tem não é um obstáculo para mim e nem para você ser feliz. Vamos dar amor ao um serzinho que precisa. Ela sorrir. Agora vamos tomar um banho, porque se não vamos nos atrasar.

Tomamos banho a base de muita carícias, mas não chegamos ao finalmente. Nos arrumamos e fomos para casa dos meus pais. Chegamos e todos já estavam lá. Ava com seus dois anos e Adam com um não paravam de correr pela casa. Meus pais era só alegria desde o nascimento deles. Não que não fossem antes, mas os netos vieram para trazer uma alegria a mais para eles.

Todos na mesa para o jantar. Era todos só sorrisos, mesmo à minha mulher que até horas atrás estava triste, e parece que eu conseguir acalmar o coração dela. Pesquisaremos lares adotivos para que pudesse trazer mais felicidade a ela e a mim também, pois eu queria uma criança correndo pela casa, uma criança me chamando de papai.

- Márcia amei que você tenha feito um jantar para todos. Eu já iria fazer isso lá em casa. Sarah diz sorridente demais, e pelo que conheço dela lá vem coisa.
- É mesmo? Mas podemos marcar na sua casa na próxima semana se você quiser. Mamãe diz também alegre.
- Podemos sim, mas eu tenho um notícia para à família. Vejo Dayane parar de comer, e eu já respiro fundo. A notícia vai abalar novamente a mente da minha mulher.
- Então fala filha, já estou roendo minhas unhas de curiosidade. Mamãe pede empolgada. Olho para Dayane que está com os olhos perdido em seu prato.
- Eu estou grávida. Sarah fala e Maycon já fecha à cara.
- Você não, nós estamos grávidos. Meu irmão diz todo empolgado. Meus pais são puro sorrisos e já iriam se levantar para dar os parabéns quando Mauricio e Cláudia se olharam. Vejo Cláudia assenti e meu irmão mais velho se pronunciar.
- Antes que vocês se levantem. Nós temos que dizer que estamos grávidos também. Mauricio fala e à mesa fica toda em festa. Dayane tenta demonstrar sua felicidade pelas irmãs. Mas sei que está sofrendo muito com essa situação.
- Nossa estou vendo que vocês estão mesmo me fazendo muito feliz. Estão quase chegando à exigência para continuar na família. Papai fala sério, mas sei que está no seu modo brincalhão.
- Como assim Dantas? Mamãe pede não entendendo. Está pensando em deserdar nossos filhos?
- Se não completarem à meta de me dar dez netos, sim. Serão todos

deserdados. Papai fala piscando.

- Renato e Dayane vocês também tem que nos ajudar aqui. Não podem deixar só nas nossas mãos. Maycon pede sorrindo.

- Vocês dois serão os primeiros à serem deserdados. Mauricio fala apontando para Dayane e eu. Todos na mesa sorri, menos Dayane. Ela se fechou novamente e eu acho que seria hora de dividir com nossa família o problema que temos, apesar de não querer acabar com a felicidade de todos.

- Dayane você está bem? Cláudia pede e Dayane não responde. Dayane... Olá... Dayane... Toco na mão dela e ela sai do seu mundo. Ela olha para mim. O que você tem Dayane? Cláudia indaga novamente.

- Desculpe, nada. Eu não tenho nada. Só estou com um pouco de dor de cabeça. Sei que ela está mal por tudo que está acontecendo, mas já conversamos, não tem porque se preocupar mais com isso. Sei que era um desejo dela ficar grávida, até eu queria vê-la grávida, mas não é possível, temos que partir para o plano B.

- Tem certeza que é só isso querida. Você parece triste. Mamãe fala e me olha. Dayane mexe na comida em seu prato e suspira.

- Eu não posso ter filhos. Ela fala baixo, mas eu ouvi. Seus olhos começam a sair lágrimas grossas.

- O que foi que você disse? Sarah pede preocupada.

- Eu não posso ter filhos. Dayane fala novamente, agora para todos escutarem. A mesa toda fica em silêncio. Vejo ela limpar as lágrimas que insistem em sair dos seus olhos.

- Porque? O que você tem que te impossibilita de ser mãe? Cláudia questiona preocupada.

- Tive um problema que afetou meu útero me dando mínimas chances de engravidar. Só soube disso quando acordei do coma e fui me tratar.

- Dayane, porque você nunca me contou, nos contou? Sarah indaga vindo até à irmã para abraçá-la.

- Eu ainda tinha esperança que com um tratamento tudo poderia ser resolvido, mas não, depois de dois anos de casada fui ao médico para ter uma visão melhor das coisas, e ele me disse que mesmo com o tratamento eu teria ainda as mesmas chances e só engravidaria através de um milagre. Fico puto com ela, pois ela passou isso sozinha, por mais que quisesse me fazer uma surpresa, deveria ter me dito que estava indo ao médico para que eu pudesse ficar com ela.

- Eu sinto muito minha irmã. Sinto muito mesmo. Cláudia diz e abraça Dayane também.

- Eu é que sinto muito acabar com a felicidade de vocês. Não queria

revelar isso aqui e ainda mais nesse clima de tanta felicidade.

- Não filha, nada disso, não queremos que se sinta culpada por compartilhar com a gente esse problema, lamentamos muito que vocês dois estejam vivendo isso. Papai fala todo compreensivo.

- Não se sinta mal mesmo filha. Você pode não dar à vida à um bebê, mas pode adotar e dar amor e carinho como uma mãe. Mamãe fala com carinho e vem abraçar Dayane também. Estaremos sempre aqui por você amor. Não fique triste, quando você quiser adotar uma criança, você verá o amor surgir no seu coração e esquecerá que não pode dar vida à um filho de sangue.

A comoção na mesa foi muita. Os meus irmãos foram solidários comigo e Dayane. Fora meus pais que não deixaram de mimá-la, de dizer que estarão ali para ela, para nós dois. Dayane agradeceu e logo depois o jantar não tinha mais graça, fomos cada um para sua casa.

Em casa Dayane estava no closet tirando seu vestido. Eu cheguei atrás dela e passei as mãos em sua cintura. Beijeí seu pescoço e depois terminei de tirar seu vestido. Ela se rendeu aos meus carinhos, então a peguei no colo e levei para nossa cama. Eu só queria sentir que estávamos bem, apesar do problema que nos ronda, eu quero mostrar à ela que não me importa que ela não possa me dar um filho de sangue, tudo que eu quero é vê-la feliz e bem.



## Capítulo 46

Meu casamento foi lindo. Eu amei cada detalhe. Minha lua de mel foi excelente, e nesses três anos eu não poderia pedi marido melhor, porém à falta que sentia de poder da um filho à ele estava cada dia me corroendo. Meu coração apertava muito ao vê-lo com nossos sobrinhos e nada poderia fazer para o mesmo ter essa alegria de pai.

O médico que consultei me deixou mais desanimada. Saber que mesmo com o tratamento minhas chances eram mínimas, não adiantou muita coisa. Eu me via sofrendo à cada dia que olhava meu sobrinhos, eu me via triste à cada dia que via uma mulher e grávida e ter em meu coração que isso jamais poderia ser comigo. E o que mais me deixava triste era saber que Renato também estava sofrendo por minha causa. Ele não poderia sentir as sensações que seus irmãos sentiram, por culpa minha, e com isso, eu tinha medo que ele não me quisesse mais, que visse depois de três anos que eu não era o que ele queria, que eu não poderia dar à família que ele queria. Fiz tudo que eu poderia fazer para que pudéssemos realizar nosso sonho, mas nada foi possível, era contar com um milagre.

Depois de conversar com meu marido, e dele ser um amor mais uma vez, me tranquilizando fomos para o jantar na casa dos meus sogros. E lá durante o jantar

ouvir que novamente minhas irmãs estavam grávidas, foi como se uma bomba tivesse caído em minha cabeça. Meu sofrimento voltou com força vendo que minhas irmãs seriam mães de novo e pior que meus cunhados, estariam curtindo novamente à sensação de serem pais. E Renato? Novamente estava fazendo ele infeliz. Sei que ele já disse que não sou responsável pelo que me aconteceu, sei que ele diz que podemos adotar, porém nada disso é o suficiente para tirar essa dor de dentro de mim.

Contei o que havia comigo para não ter dado um filho à Renato ainda. Sabia que depois do segundo filhos de ambos, meu marido e eu seríamos cobrados. Então para evitar mais sofrimento, resolvi expor o meu problema. Todos foram bastante solidários, e eu estava tentando fazer com que essa angústia saísse de mim. Tentando acreditar que meu casamento estava à salvo, mesmo que Renato me demonstrasse que me amava muito e que eu estava segura.

Acordei e queria sentir que tudo estava bem com Renato. Antes de ir para faculdade, queria muito fazer amor com ele. Então comecei à beijá-lo, fazer carinho em seu rosto. Senti seu sorriso no meu pescoço.

- Eu amo quando você me acorda assim. Amo quando você está desejosa. Ele fala nos virando na cama, onde ele fica por cima. Nos olhamos com desejo e brilhos nos olhos.
- Eu te amo. Digo e ele sorrir.
- Eu também te amo. Beijo seus lábios desejando que ele se encaixe em mim.

Começou beijando meu pescoço e descendo, foi logo passando a língua nos meus seios, eu já estava arrepiada, aquela língua quente foi descendo mais até o umbigo aí ele abriu minhas pernas e começou a lambar entre minhas coxas macias e foi descendo e descendo ,chegava perto da minha intimidade ele lambia minha virilha, descia de novo, eu não aguentava mais, ele nem tinha encostado seu membro em mim e eu já estava louca, ficou fazendo momentos com sua língua até que resolveu colocar a mesma na minha intimidade.

Ja toda molhada querendo mais ,lambia meu clitoris, descia a língua até a porta do meu ânus, eu delirava, não aguentando mais, pedi à ele para me penetrar. Abri minhas pernas mais ainda e ele de frente comigo com seu pau duro veio e encostou. Aquilo na portinha não enfiava, começou a pincelar seu pau pra cima e

pra baixo,ele pôs a cabeça e foi empurrando pra dentro e eu já estava gozando e puxava ele com as mãos e os pés pra junto de mim, Seu membro entrava e saía e meu tesão já me consuSarah.

Ele me virou na cama me fazendo ficar de joelhos, empinei à minha bunda, me enterrou sem dó aquele pau que entrava tudo e eu pedia mais gemendo e ele gozou tudo dentro de mim.

Ele parecia não ter gozado, pois retirou seu membro e eu avancei sobre o mesmo e comecei a passar a língua bem devagarinho, pondo ele na boca, chupava bem devagar, ele pedia para pôr tudo na boca e eu fazia, aquele sabor de sexo e sacanagem, enquanto eu o chupava ele passava o dedo no meu clitoris que tava todo liso de tesão e o resto da sua porra, então que ele me colocou de quatro, enfiou e começou de novo a meter na minha intimidade, meu tesão aumentava mais e mais e eu falava pra ele que queria mais mais, ele tirou o pau e pôs no meu ânus. Com sua mão ele bolinava meu clitoris e foi forçando o pau para dentro, quando percebi ele já metia em um vai e vem gostoso,parecia que ia me rasgar no meio,como era bom sentir aquele pau me comendo e sua mão no meu clitoris,ele metia com força me chamava de gostosa e eu estava adorava. Gozei uma atrás da outra junto com ele. Gozou tudo que tinha direito e vontade me encheu, tirou seu pau. Estávamos exausto, mas me sentia completa ao lado dele.

Eu fui para faculdade atrasada. Mas não me importei, pelo menos tirei à impressão que Renato estava chateado comigo. À aula não tinha nada de muito importante, porém como estava já no fim do curso não podia perder nada.

Custou uma eternidade para a aula acabar, mas acabou. Queria ir embora e começar a mandar currículo para empresas para começar a fazer meu estágio. Eu andei pensando que se engravidasse não iria fazer estágio nenhum, porém as coisas não acontecem da forma que planejamos, farei o estágio. Saio da faculdade e Renato estava lá fora me esperando com um sorriso enorme. Cheguei perto dele já o agarrando para um abraço. Nos beijamos e depois cessamos o mesmo.

- Não foi trabalhar hoje? Indago olhando para ele. O mesmo retira o óculos.
- Não, fui resolver à nossas vidas e vim te buscar para dar um passeio. Ele fala e eu olho para ele intrigada.

- Resolver nossas vidas? Não entendi?
- Vamos dar um novo passo na nossas vidas. Vamos ter crianças correndo e crescendo em nossa casa. Olhei vários lares adotivos essa manhã e quero ir conhecer com você. Meu sorriso se amplia. Eu não. poderia ter marido melhor.
- Eu te amo. Nunca vou me cansar de dizer isso. Digo e ele me beija novamente.
- Espero que nunca se canse mesmo, ainda mais agora que teremos que dar muito amor a um outro serzinho.
- Você também quer um bebê? Indago sentindo meu coração se encher de felicidade.
- Claro que sim. Quero vê-lo crescer, cuidar à noite quando ele chorar, ouvir ele me chamar de pai quando começar à falar. Meus olhos enchem de lágrimas ao ouvi-lo. O aperto em meu abraço.
- Eu também quero. Sorrio abraçada a ele.
- Então não vamos perder mais tempo. Vamos nos apaixonar juntos por uma criança que precise da gente. Ele abre à porta do carro sorrindo e eu entro.

Ele e eu estávamos bem animados e esperançosos. Queria mesmo encontrar uma criança que preenchesse o vazio que tínhamos. Fomos em um lar adotivo onde tinham várias crianças à partir dos dois anos de idade. Não tinham como garantir um bebê, então fomos embora e buscamos em outro, mas à mesma coisa que o outro, não haviam bebês. Visitamos mais uns dois e nada, já estava ficando com receio de não. encontrar nenhum bebê para à gente.

Chegamos em casa tristes, mas não desanimados. Iríamos continuar procurando, caso se não fosse aqui seria em outra cidade. Já tínhamos decidido isso, não importava o tempo que demorasse. Depois de um banho e um amor gostosinho com meu marido. Estava penteando meus cabelos sentada na cama. Renato senta na minha frente olhando para mim.

- Você disse que vai fazer estágio, mas como será se conseguimos adotar nosso bebê? Paro de pentear meus cabelos e o olho.
- Eu desistiria de tudo só para ter um bebê em meus braços amor. Então não se preocupe com isso.
- Tem certeza que não vai ficar ressentida por não poder trabalhar na sua área por enquanto? Sorrio e vou para seu colo.
- Certeza absoluta. Vou ficar mal se não pudermos adotar um bebê para

gente. Assim como, você, eu também quero um filho me chamando de mamãe.

- Eu penso muito em você e em como você ficará com isso tudo. Sei que seu sonho é ser mãe, mas também sei os objetivos em relação à sua carreira. Vida, eu estarei aqui para você sempre. E nunca quero ver você triste com nada. E tentarei ao máximo te ver feliz.

- Eu sou feliz com você, só quero tornar essa felicidade maior ainda para nós dois.

- Eu sei. Eu também sou muito feliz com você, e para nossa felicidade ser maior precisamos mesmo de uma criança entre nós. E assim que conseguirmos eu vou está aqui para você sempre.

- Eu sei que vai, e por isso eu te amo mais. Muito mais.

- Eu também. Ele me aperta em seu colo e já sinto sua ereção.

- Que tal reforçamos mais ainda esse amor antes do jantar? Indago beijando o pescoço dele.

- Hum, acho uma deliciosa ideia Sra Villaça. Ele fala me coloca na cama com carinho e me beija com desejo e carinho.

Nossos desejos estavam a florado, só nos restou jantar na cama e depois continuar a nos amar.

Dias estavam se passando e nada da gente achar uma criança que nos encantasse, até mesmo tínhamos desistido de adotar um bebê de meses, poderia ser um bebê de dois anos, mas não estávamos achando uma que nos chamasse, que nosso coração sentisse e batesse forte. Tiramos uma semana para visitar outros lares adotivos em outras cidades junto com Márcia e Dantas. Era tantas crianças que me dava um aperto no coração, pois queria levá-las todas para casa.

Saio um pouco da casa de adoção, vindo para fora. Acho que estou querendo tanto um bebê que cada dia fica mais difícil. Uma mulher chega perto de mim e me olha, estranho à olhada dela.

- Boa tarde! Ela fala olhando para mim e depois direciona seu olhar à procura de algo.

- Boa tarde! Digo e ela me olha mais uma vez.

- À Sra está aqui querendo adotar uma criança? Ela indaga meio nervosa.

- Sim. Não dou muitas informações. Ela parece muito estranha para meu gosto.

- Olha tem um lugar que está recrutando possíveis pais. Será feito uma

reunião amanhã de manhã, se à Sra quiser pode comparecer. Ela fala me entregando um cartão com endereço.

- Esse lugar é um orfanato? Questiono intrigada.

- Não, mas lá à Sra poderá escolher o bebê que quiser e em menos de trinta dias já estará com a criança nos braços. Muito estranho isso.

- Como assim eu poderei escolher o bebê que quiser? Essa história não está me cheirando bem.

- É, se à Sra quiser um bebê branco com os olhos verdes, azuis, preto ou castanho. Pode ser também um bebê negro. Será como à Sra desejar.

- Dayane. Ouço Renato me chamar.

- Compareça à reunião que à Sra não vai se arrepender. À mulher fala e vai embora olhando para os lados.

- Amor, você está bem? Renato indaga parando na minha frente e me olhando preocupado.

- Sim. Sou sair para respirar um ar. Falo ainda intrigada com essa história de bebê da forma que quisermos. Isso não me cheira bem.

- Você estava conversando com quem? Ele olha para mim e depois olha para o lado que a mulher foi.

- Uma louca que me abordou me oferecendo um bebê como eu quisesse. Renato fez a mesma cara que eu quando a mulher começou a falar comigo.

- Como assim? Bebê da forma que você quiser?

- Sim, branco, negro, pardo, olhos verdes, azuis, castanhos. Que estranho. Ela me pediu para comparecer em uma reunião amanhã de manhã nesse endereço.

- Isso me cheira a tráfico de bebês amor. Não vamos à essa reunião. Vamos mandar a polícia para lá. Eu nem estava cogitando ir a esse lugar.

- Mas eu nem cogitava ir. Tinha certeza que essa história não estava cheirando bem.

- Vamos entrar. Vamos chamar meus pais para irem embora. Ele fala me levando para dentro.

- Vamos voltar para casa hoje? Já estávamos fora de casa a uma semana, e eu não queria perder a esperança, mas estava desanimando.

- Quero olhar mais uma amanhã. Você não quer?

- Não é isso, porém quanto mais a gente busca, menos a gente acha. Falo desanimada.

- Não desanima. Vamos encontrar. Ele beija minha boca e eu assinto, mesmo cansada dessa busca, eu vou continuar.

## **Capítulo 47**

Acordei com um clarão em meu rosto. Olhei para lado e Renato ainda dormia sereno. Eu estava cansada de procurar por uma criança. Nunca pensei que

demoraria tanto, e seria tão difícil. Me levanto nua e vou para o banheiro. Faço minha higiene e vou tomar banho. Eu devo está muito ansiosa esses dias, pois não tenho dormido direito e mal tenho comido. Braços rodearam minha cintura e beijos foram dados em meu pescoço me tirando dos meus pensamentos.

- Bom dia vida! O que você tem? Tem dias que não dorme bem, fica aérea. Está nervosa? Ansiosa?
- Sim. Me viro para ele. Essa busca está me deixando nervosa e ansiosa ao mesmo tempo.
- Não fica assim. Vamos achar. Já deixamos nossos nomes como possíveis pais em vários orfanatos, então não fique assim. Ele me abraça e beija minha cabeça.
- Vamos ir em outro agora e depois vamos embora? Indago sentindo que nossa vinda para cá não tenha sido muito boa.
- Sim. Vamos em dois, e depois para casa. Ele olha para mim. Se anima Dayane. Você desanimou muito fácil. Sabíamos que as buscas não seriam fáceis, queremos um bebê, e eu não vou desistir e quero que você também não desista. Vamos continuar juntos nessa busca, mesmo que demore meses e anos, não vamos desistir.
- Eu não vou desistir. Só estou desanimada com tanta procura. Talvez devêssemos pensar em uma criança maiorzinha.
- Você quer assim? Ele pede passando as mãos no rosto.
- Já estamos à quase um dois meses nessa procura por um bebê e nada, então podemos começar à olhar crianças maiores.
- Vamos fazer assim, hoje iremos olhar os dois lares adotivos e caso não encontremos nosso bebê, iremos para casa e adotaremos uma criança de lá. Apenas assinto. Então vamos acabar esse banho e tentar achar nosso bebê hoje.

Acabamos o banho e nos arrumamos. Encontramos meus sogros já no restaurante do hotel tomando café. Conversamos muito sobre o processo de adoção e também de querer procurar por uma criança maiorzinha. Talvez não seja para gente ter um bebê, mas estava conformada somente de ter uma criança em casa, que seria filho meu e de Renato. Amaremos da mesma forma.

Chegamos em um dos lares adotivo e uma mulher de cabelos grisalhos venho nos receber. Ela se apresentou a nós como Virgínia Pontes diretora do lar.

- É sempre bom receber pessoas que estejam interessadas em adotar uma



de nossas crianças. Virgínia diz sorrindo.

- Vocês têm muitas crianças aqui? Minha sogra questiona toda simpática.
- Temos. Muitas são crianças maiores procurando carinho que não teve no seu antigo lar. Precisamos de muita ajuda não só financeira, mas também de pessoas que venham aqui somente para dar um abraço nelas. Elas sentem falta de um lar, de pais que possam dar amor e carinho.
- Como vocês recebem ajuda? Eu indago triste por saber que crianças passam por tudo isso.
- Doações, às vezes dinheiro, roupas e alimentos. E claro ajuda do governo, já que essa casa é governamental. Vejo que ela tem um enorme carinho por essas crianças. Mas me digam, qual a idade da criança que vocês querem adotar?
- Um bebê, recém nascido, ou até de meses não importa, o importante que seja um bebê. Renato fala. Ela sorri, mas logo depois faz uma cara meio em dúvida.
- O que foi? Vocês não têm bebês? Indago já desesperançosa.
- Na verdade temos, temos dois bebês, duas meninas lindas. Sorrio amplamente com isso e Renato também.
- Queremos ver. Falo rápido. Ela me olha ainda meio em dúvida.
- Venham, vou mostrá-las à vocês. Renato me abraça pela cintura e nossos olhos se cruzam cheios de esperança.

Subimos dois andares de escada e chegamos até o final do corredor. Na porta meio gasta pelo tempo está escrito berçário. Virgínia nos dar passagem e assim que entramos escutamos dois resmungo, parecem até que estão se falando. Meus olhos enchem de lágrimas sem nem ao menos vê-las. O sentimento materno vem automaticamente dentro de mim. E lembro das palavras de Renato dizendo que eu poderia não ser mãe de sangue, mas sim do coração. Ele estava certo, pois o sentimento que tenho somente por escutar esses resmungos me enche o coração.

Nos aproximamos dos berços e uma pessoinha linda de cabelos ralos de olhos verdes bem arregalados, resmungava algo com sua boquinha. Mexia suas mãozinhas e pezinhos parecendo querer chamar a atenção. Era linda. Eu estava apaixonada por ela.

- Meu Deus! Ouço Márcia dizer e olho para ela. Dantas me olha e me estendeu um lenço.
- Vejo que você está muito emocionada filha. Ele fala e agora que percebo que meu rosto estava banhado em lágrimas.

- Obrigada! Indago e olho para Renato que está olhando para os berços um do lado do outro espantados. Direciono meu olhar para ambos os berços e só aí percebo que são duas meninas idênticas. Elas são gêmeas.
- Elas chegaram aqui tem uma semana. Sua mãe morreu no parto e o pai e ninguém sabe quem é.
- Quantos meses elas têm? Renato questiona sem tirar os olhos delas.
- Dois meses. Uma mulher veio aqui e deixou as mesmas dizendo que a mãe havia morrido e ela não tinha condição de cuidar das duas, se fosse uma ela ficaria, mas as duas sem condição nenhuma.
- Elas tem nomes? Indago pegando na mãozinha de uma delas.
- Sophia e Amber, nomes dados por nós aqui, porque à Sra que trouxe elas disse que ainda não tinham sido registrada devido ao ocorrido com a mãe.
- Essa Sra que entregou elas era parente? Renato indaga sem tirar os olhos das bebês. Eu não sei o que ele está pensando e tenho medo do que ele possa querer, porque eu não quero separá-las.
- Ela me disse que era vizinha da mãe das meninas, que até foi para o hospital com a mãe na hora do parto, porém como a mãe morreu, ela pediu aos médicos para levar as meninas para casa para cuidar, só que não estava tendo condição.
- Posso pegar? Peço querendo ter elas no meus braços.
- Claro que pode. Virgínia diz com um brilho nos olhos.

Pego uma delas no colo e me sinto muito emocionada com esse momento. É tão frágil, tão pequena, que não sei se seria capaz de abandonar esse serzinho aqui ou em outro lugar. Ela precisa de mim, não só ela como sua irmã. Olho para o berço onde sua irmã está, porém percebo que Renato está com ela nos braços. Seu semblante é de amor e carinho. Seus olhos estão escorrendo lágrimas. Sorrio ao ver à cena. Tenho certeza que ele está com mesmo sentimento que eu. Não somos capazes de abandoná-las. Elas já estavam aqui nos esperando, elas nos escolheram como seus pais, e eu faria de tudo para ser a melhor mãe para elas.

- Qual é a Sophia? Renato questiona.
- A que o Sr está segurando. Virgínia responde.

Amber, é a qual eu estava segurando. Pego uma das suas mãozinhas e passo em meu rosto. Ela resmunga e eu só pura atenção e sorriso. Ela aperta meu dedo forte. Vou para perto de Renato que está paralisado com Sophia no colo.

- Elas são lindas, não são? Indago olhando para Sophia que está toda

dengosa nos braços do meu marido.

- Sim, são à perfeição em pessoa. Tão pequenas, tão frágeis que me dar vontade de colocá-las em meus braços e não soltar nunca mais. Nosso sentimento é mútuo, pois tenho à mesma vontade.
- Não quero separá-las. Falo olhando para Renato.
- E não vamos. Vamos ficar com as duas. Fomos abençoados com duas pessoinhas, e vamos levar essas bênçãos para casa. Meu coração se enche de alegria ao ouvir ele falar assim. Eu não podia esperar outra coisa dele.
- Como fazemos para adotar as duas? Renato questiona e eu olho sorrindo para Virgínia. Márcia vem para meu lado pedindo para pega Amber. Ela tem estava chorando.
- Vamos para meu escritório para explicar à vocês como funciona. Virgínia pede. Passo Amber para minha sogra sem querer tirá-la dos meus braços.
- Filho vai vocês dois e tirem à dúvida de vocês. Eu e sua mãe vamos ficar aqui bajulando minhas netas. Dantas indaga já tirando Sophia dos braços de Renato. Ele me faz rir do jeito vovô babão. Deixa comigo que agora quem vai cuidar de você meu amor é o vovô. Renato sorri e balança à cabeça em negação.
- Já voltamos. Renato pega à minha mão e saímos do berçário sendo acompanhada por Virgínia.

Não parávamos de sorrir um para outro. Tínhamos certeza que encontramos nossas filhas e não abríamos mão delas. Descemos os dois andares e fomos para o lado direito onde tinha duas portas. Virgínia abriu uma das portas e deu passagem para gente entrar. Entramos e ela veio. logo após fechar à porta. Se sentou em sua cadeira atrás da mesa e pediu para que nós nos sentássemos. Assim Fizemos.

- Então deixa eu explicar à vocês como funciona adoção. documentos que você deve providenciar estão: documento de identidade, CPF, certidão de casamento ou nascimento, comprovante de residência, comprovante de rendimentos ou declaração equivalente, atestado ou declaração médica de sanidade física e mental, certidões cível e criminal;
- E como podemos ter à guarda definitiva delas? Questiono querendo que esse processo seja rápido.
- Para dar início ao processo de adoção, será preciso fazer uma petição de inscrição para adoção no cartório da Vara de Infância, que pode ser preparada por um defensor público ou advogado particular. Só depois de aprovado, seu nome será habilitado a constar dos cadastros local e nacional

de pretendentes à adoção. Vocês devem obrigatoriamente realizar um curso de preparação psicossocial e jurídica, que dura cerca de 2 meses e tem aulas semanais. Após comprovada a participação no curso, vocês são submetido à avaliação psicossocial com entrevistas e visita domiciliar feitas pela equipe técnica interprofissional, formada por psicólogos e assistentes sociais. O resultado dessa avaliação será encaminhado ao Ministério Público e ao juiz da Vara de Infância;

- Não moramos aqui. Somos do Rio de Janeiro, como funciona? Renato pede alisando minha mão.

- Seus dados serão enviados para o governo de qualquer forma, e à assistente social verá vocês onde estiverem.

- E qual é o prazo para termos elas na nossa casa? Peço. Se pudesse levaria elas para casa agora.

- Se aprovados, começa a etapa de visitação à criança, planejada pela agência e pelo serviço social, e depois o estágio de convivência, em geral de seis meses.

- Isso tudo? Não podemos encurtar esse prazo? Indago preocupada. Não é possível que terei que esperar seis meses para ter minhas meninas em meus braços.

- Podemos fazer uma petição para acelerar o processo já que se trata de bebês e que elas precisam crescer junto de vocês. Virgínia já pega um papel.

- Vamos poder fazer o pedido de adoção ou vocês querem esperar?

- Claro que pode. Quero também à petição de urgência para adoção. Não quero perder tempo. Renato levanta. Nos dê licença por favor. Ele pede me puxando para fora.

- Toda, enquanto isso vou preenchendo os papéis para petição. Saímos do escritório e paramos na porta.

- Vou ligar para meus advogados para eles intervirem junto ao estado para agilizar essa adoção. Não vamos esperar seis meses para ter elas nos nossos braços. Eu me joga em seus braços e ele sorri.

- Obrigado por isso, obrigado por me dar essa felicidade.

- Não me agradeça, eu quero isso tanto quanto você. Elas já são nossas, e nada vai mudar isso. Ele fala e meus olhos enchem de lágrimas.

- Eu te amo. Falo e o beijo com amor e carinho. Ele cessa o beijo.

- Também te amo. Ele fala ainda com os lábios nos meus.

Vejo ele pega seu celular e ligar para um dos seus advogados. Estava feliz demais, e nada iria tirar essa felicidade de mim. Eu teria meus anjinhos, ou melhor minhas anjinhas. Elas são as nossas bênçãos, e tudo dará certo para tê-

las. Eu estava mais confiante depois que vir elas, e nada iria tirar essa confiança de mim.

## **Capítulo 48**

À decisão de adotar uma criança estava me enchendo de felicidades. Via nos olhos de Dayane que ela também estava radiante com à nossa decisão, só assim supriríamos esse vazio que tínhamos por não podermos ter filhos.

Dayane andava meio triste, porque a cada lar adotivo que íamos, não encontrávamos o nosso bebê. Entendia que ela estava desanimada, mas não tínhamos que desanimar no começo, pois sabíamos que à procura seria difícil, porém eu estava ainda esperançoso. Ainda tinha dentro de mim à esperança de termos nosso bebê em nossos braços, e eu não iria desistir.

Fomos para outra cidade em busca de mais lares adotivos. Tínhamos olhando tantos que não sabia mais onde podias achar um bebê para nós. Estava até com planos de olhar em outros países caso se não desse certo aqui.

Em um dos lares adotivo Dayane se afastou, e senti que ela estava mal, estava cansada de todo processo. Fui atrás dela deixando meus pais olhando as crianças. Ao chegar na porta vi que ela estava conversando com alguém. E a minha surpresa foi saber que uma mulher estava oferecendo um bebê para Dayane. Tinha certeza alongue se tratava de tráfico de bebês. Não liguei na hora para Pierre para não deixar Dayane mais alarmada. São tantas coisas que enfrentamos neste últimos tempos, que não gostaria de preocupá-la. Sei que ela não anda dormindo bem, quase não come, e esse processo de adoção está deixando a mesma nervosa e ansiosa.

Logo que voltamos para o hotel liguei para Pierre pedindo à ele para verificar essa reunião de adoção de bebê, algo não estava cheirando bem, e como não

encontramos os três bandidos daquele bando maldito, eles podem está trabalhando em outro ramo. Tão nojento quanto o outro, mas se fosse esse o caso, eu faria com que esses malditos pagassem. Eles não iriam ficar impune mesmo.

Já estávamos novamente em outro lar adotivo. Conversei com Dayane essa manhã para a mesma não desanimar e não me deixar sozinha nessa. Quando começamos à conversar com à diretora do lugar e à mesma afirmar que tinha bebês, mais exatamente duas meninas, eu vi uma esperança, sentir que não tínhamos mais que procurar. E quando fomos vê-las, eu não acreditei no que estava vendo. Eram duas serzinha iguaizinhas. À diferença era somente à cor dos olhos, mas o resto era a cópia fiel uma da outra. Eu as queria para mim. Queria levá-las agora para casa e protegê-las de tudo e de todos. Ainda mais quando paguei uma delas no colo. Sophia, o nome mais lindo para uma criança tão linda. Ela me conquistou assim que olhei para ela, Amber também, via nos olhos de Dayane e da forma que ela segurava que não podíamos deixá-las aqui. Elas são nossas, só estavam esperando à gente chegar para buscá-las, e eu faria de tudo para levá-las com à gente.

Tratamos de saber como faríamos para adotá-las como filhas. O processo é demorado, mas não para um Villaça, eu usaria sim meu sobrenome para conseguir à adoção das duas, sei que pode parecer injustos com outras pessoas que queiram adotar e tenham que esperar esse processo, mas eu não estou em condição de esperar esse prazo do estado. Então tratei de colocar meus advogados nisso e correr o mais rápido com o processo.

Virgínia já tinha colocado toda papelada pra gente assinar. Eu e Dayane assinamos tudo e ainda passamos nossos documentos para ela tirar uma cópia. Dayane não parava de sorrir, e eu não podia estar mais feliz com isso. Ver que seu sorriso tinha voltado, o brilho nos olhos, só me fazia ficar mais feliz ainda. Faltava pouco para ter à nossas filhas e nossas vidas ficaram bem. Ótimas quero dizer.

Depois de assinar tudo e Virgínia colocar em ordem os papéis para adoção, voltamos para o berçário. Passamos o dia todo ali bajulando as pequenas, meus pais eram puro sorriso. Mais netos na família. E dessa vez eram meus. Eram duas pessoinhas minhas e de Dayane. E ninguém iria tirar isso da gente.

A noite fomos para hotel. Tínhamos que voltar para o Rio, porém concordamos

ficar mais uma noite. Amanhã iríamos ao orfanato dar até logo para as nossas meninas.

Dayane já estava no banho e eu aproveito para ligar para o Pierre. Disco o número dele e vou para sala fechando a porta do quarto. Ele atende no segundo toque.

- Pierre, como estão as coisas? Indago querendo saber o que houve nessa reunião de adoção de bebês.
- Sr Villaça, o Sr tinha razão. Essa reunião era para venda de bebês. Várias pessoas compareceram à essa reunião, onde foi informado que eles poderiam ter um bebê da forma que quisesse, negro, branco, pardo, americano, africano, brasileiro, etc... Cada criança tem um valor. Tem crianças recém nascidas até cinco anos de idade. Bebês são mais caros, e dependendo do país também os valores são maiores.
- Você descobriu quem está envolvido nisso? Indago horrorizado.
- Ainda não Sr. Só sei que as crianças são tiradas dos seus pais biológicos, são roubadas desses pais para serem vendidas para outras pessoas. Fico estático com isso, e logo lembro da história das gêmeas que queremos adotar. Foi dada por uma mulher no lar adotivo.
- Pierre quero que você continue nisso, porém preciso que você investigue a vida das gêmeas que quero adotar. Uma senhora entregou as duas no lar adotivo, com a história se que a mãe morreu no parto e ela não pode ficar com elas por problema financeiro. Quero me certificar que essa história é verdade. Não posso adotar duas crianças que possa ter sido vendidas e os pais verdadeiros estão por aí à procura das mesmas.
- Entendo Sr Villaça. Vou investigar e assim que tiver uma posição entoe em contato.
- Tudo bem. E não esqueça de buscar quem está envolvido nesse tráfico de crianças. Se for quem eu estou pensando quero todos pagando caro por isso.
- Já estou nisso Sr. Mas alguma coisa?
- Não. Me mantenha informado. Indago e desligo.

Esses três devem está voltando com força total. Três anos sem dá a cara e agora querem criar outro mercado, mas perto de mim eles não vão criar nada, pelo contrário, eles serão mortos da mesma forma que os outros malditos. Sinto toques de uns dedos na minhas costas junto com beijos.

- O que tanto você pensa amor? Ela pede me abraçando por trás. É tão

bom vê-la alegre, tão serena.

- Em nossas meninas. Falo me virando para ela e vejo o sorriso dela se ampliar.
- Elas são lindas não são? Indaga com os olhos brilhando. Sorrio e beijo seu lábios grudando seu corpo ao meu.
- Sim. Elas são lindas, e são nossas. Aprofundo o nosso beijo e já empurro a mesma para o sofá. Quero você. Digo olhando em seus olhos.
- Sou todo sua. Beijo novamente seus lábios demonstrando meu desejo por ela, e meu amor também. Eu amo mais que tudo e quero ela sempre do meu lado, feliz e amada.

Fomos nos aproximando cada vez mais e o beijo ficou mais gostoso. Foi um beijo em câmera lenta, sem pressa, explorando cada milímetro daquela boca macia. Perdi a noção do tempo, foi um beijo maravilhoso tanto de amor e de desejo e de saudades já que não fizemos amor essa manhã.

Tocávamos nossas línguas, sem a menor intenção de que aquele momento mágico terminasse. Minhas mãos acariciavam seu rosto, seus cabelos, e sentia que a cada momento ela ia se entregando um pouco mais às minhas carícias. Quando finalmente paramos de nos beijar, nos olhamos por alguns segundos e eu disse que o que eu mais gostaria na vida era fazer amor com ela. Que ela era à minha vida, meu mundo. Ela sorriu e respondeu que ninguém faz amor num sofá. Peguei ela pela mão e a levei pelo quarto.

Chegando no quarto, começamos a nos beijar, devagar, ainda em pé. Nem estava na minha cabeça passar lascivamente a mão no corpo dela, minha idéia era ir com muita calma e fazer daquele momento como se fosse a nossa primeira vez. Ela não quis tanto a iniciativa das coisas, me deixava no controle da situação e eu estava adorando isso. Nos sentamos na cama, eu sempre acariciando seus cabelos e o rosto angelical, em alguns momentos eu parava e simplesmente olhava pra ela, não acreditando que ela era minha, só minha e que estávamos prontos para ter à nossa família. Ela sorria e voltava a me beijar.

Estávamos deitados, eu comecei a beijar o pescoço dela, que estava nesse momento totalmente entregue aos meus carinhos. Tirei sua blusa, e comecei a beijar seu colo, seu sutiã, e demoradamente beijeí sua barriguinha. Aquela mulher era perfeita!



Virei ela de costas, comecei a beijar sua nuca, e fui descendo pelas costas, tirei seu sutiã e continuei beijando-a em todos os lugares possíveis do corpo. Ela se virou novamente e tive a visão que estava gravada na minha memória eternamente, seus seios perfeitos. Fiquei imóvel alguns segundos, e ela me puxou dizendo que ficava já estava louca para fazer amor comigo. Disse muitas coisas em seu ouvido, o quanto eu estava feliz, o quanto eu a amava, o quanto ela era linda, especial, maravilhosa. Logo comecei a beijar e chupar seus lindos seios, e nisso ela tirou minha camiseta. A sensação de nossos corpos se tocando, o contato com a pele dela, tudo isso só aumentou a satisfação e o desejo por ela.

Delicadamente tirei sua calça de moletom, e começava ali a segunda das minhas visões inigualáveis: a calcinha pequeninha, aquela linda mulher sendo despida lentamente por mim. Seu sorriso de satisfação com a forma como eu a estava tratando deixava claro que eu estava no caminho certo. Comecei a beijar suas coxas, suas pernas, demoradamente, e subi novamente em busca daquilo de mais fantástico que ela tinha. Beijava sua intimidade por cima da calcinha, e dava pra perceber que ela estava bem molhada com essas preliminares que aconteceram. Tirei sua calcinha pretinha bem devagar, saboreando a terceira visão que ficaria para a história: uma intimidade bem depilada, do jeito que eu gosto, com um cheiro maravilhoso e um gosto, inigualável. De maneira tranqüila comecei a beijar sua virilha, lambendo o seu clitóris delicadamente, chupando aquela intimidade maravilhosa.

Depois de uns bons minutos fazendo o oral mais gostoso da minha vida, ela pediu para eu tirar a bermuda, pois estava louca pra fazer amor comigo. Tirei toda a roupa, e fui até ela. Por todo o clima que estávamos, nem lembrei de que tínhamos que jantar com meus pais, e pelo visto ela também não lembrou, pelo menos não nesse momento. Esfreguei a cabeça do meu pau na entradinha do sexo que, de tão molhada, chegava a sugar meu pau pra dentro dela. Começamos um papai-e-mamãe bem gostoso, e eu ia elogiando a minha mulher ao pé do ouvido, e beijávamos muito. Alternava o ritmo, ora bem devagar, ora um pouco mais rápido, até que ela gozou. De olhos fechados, me puxou para junto dela e me deu o melhor beijo da noite, que encarei como uma espécie de agradecimento por ter dado nossas filhas à ela.

Continuamos em um vai e vem gostoso mais um pouco, até que ela pediu para ficar por cima, e eu logicamente aceitei. Ela mexia muito gostoso, de maneira delicada mas intensa, e eu passava a mão por todo o seu corpo, chupando seus seios e beijando seu colo. Ficamos assim por um longo tempo, até que ela

começou a mexer freneticamente os quadris, e gozou da maneira mais gostosa que eu já vi minha mulher gozar, não demorou muito eu também gozei ouvido os gemidos dela. Abracei ela forte e deixei que os espasmos dos nossos corpos se acalmasse.

O dia amanheceu e fomos cedo para o lar adotivo. Queríamos ver as meninas antes de ir embora, porém tendo à certeza de que elas estariam com à gente mais cedo do que penso. Meus advogados ainda não entram em contato comigo para me dar alguma posição, e espero que eles estejam trabalhando muito para essa adoção acontecer o mais rápido possível.

Chegamos no lar adotivo e Virgínia já nos recebeu muito animada e feliz, mesmo sendo uma mulher de idade avançada, expressava uma ternura e uma alegria que não se via em uma pessoa cansada da vida. Ela disse que as meninas passaram à noite bem e que agora iriam mamar.

- Eu posso dar à mamadeira para elas? Dayane pede com uma emoção na voz e Virgínia assenti sorrindo.
- Mas vamos dar a Sophia primeiro, pois ela é esfomeada. Sorrimos, porém eu também quero dar à mamadeira, afinal de contas será minhas filhas e nada mais natural que eu faça isso.
- Mas eu como pai delas também posso fazer esse trabalho. Então as duas iram mamar juntas. Indago e minha mãe sorrir para mim.
- Acho ótimo Sr Villaça. Mostra que o Sr está empenhado para dividir as tarefas com sua esposa. Virgínia fala e eu assinto.

Logo subimos para o berçário e as duas já estavam lá chorando. Estavam mesmo com fome. Dayane já foi pegar Sophia no colo e eu peguei Amber. Ficamos conversando com elas para acalmá-las até à mamadeira das mesmas chegarem.

- Oh meu amor, papai já está aqui. Amber continua chorando e fazendo biquinho. Seus olhos mal saem lágrimas e sorrio com isso. Calma princesa, à dedeira já vem, lindona. Falo e levanto ela segurando seu corpinho com firmeza. Seu choro é tão gostoso que dá vontade de ficar ouvindo isso por horas.
- Elas estão mesmo com fome. Mamãe diz e não demora muito para uma outra mulher aparecer com duas mamadeiras.

Ela passa uma para mim e outra para Dayane. Logo sentamos e com à ajuda da

mamãe e de Virgínia ajeitamos elas em nossos braços. Logo ambas começam à sugar forte à mamadeira. Fico hipnotizado com à cena, porém ao levantar meus olhos para ver Dayane com Sophia fico mais estático ainda vendo lágrimas banharem o rosto da minha mulher. Tenho ideia do que à mesma está pensando e sofrendo ao mesmo tempo. Pois não poder fazer isso à partir dos seus seios deve doer à alma, deve ser uma dor indescritível e que eu sei que nunca vou poder tirar dela.

Amber toma toda sua mamadeira e mamãe diz que eu tenho que colocá-la para rotar. Me levanto e levanto à mesma batendo de leve em suas costinhas para mesma rotar. Vejo mamãe ir até Dayane e pegar Sophia do colo dela.

- Você está bem? Questiono vendo papai passar um lenço para à mesma limpar o rosto.
- Sim. Só estou emocionada. São momentos únicos que queria tanto ter vivido antes, e agora estou sentindo na pele o que é ter um filho, o que é amamenta-lo. Meu coração se enche de alegria por saber que teremos essas duas pessoinhas para alegrar mais ainda a nossa casa. Dayane está mesmo muito emocionada. Seus olhos não paravam de descer lágrimas em nenhum momento. Mesmo em Amber em meus braços puxo Dayane para junto da gente. Esses momentos ela mostra toda sua fragilidade e tenho certeza que ela demonstrará mais pela frente.

Ficamos com as meninas à parte da manhã toda. E depois fomos para Rio de Janeiro. Meus irmãos e as irmãs de Dayane já estavam à par da adoção das meninas e nos receberam com festa na minha casa. Brindamos ao crescimento da nossa família e aos novos membros que futuramente estariam com à gente.

## **Bônus**

Depois que sair fugida de Rio de Janeiro por causa daquela vaca de Dayane, tive que me isolar na Europa. Eu estava cansada desse isolamento todo, ainda mais que Willian e Lucas estavam no meu pé. Eles me passaram um sermão depois do que houve e não querem mais que eu recrute mais ninguém, querem que eu fique na administração do lugar. E sinceramente não era algo que queria. Eu gosto de ser livre de andar viajando, mesmo que recrutando jovens para nosso negócio.

Eu estava com raiva, até mesmo de Renato, porque ele me conhecia, sabia que

eu tinha interesse nele desde da faculdade. Mas parecia que eu não era ninguém para ele, parecia que eu era somente um ser desprezível que o drogou. Porém o que Renato não entendia na faculdade e não entendi até hoje é que eu o amo. Que sempre fui apaixonada por ele, e mais ainda, que por ele eu largaria tudo à minha volta e ficaria somente com ele.

Eu não entendia o porquê dele nunca querer nada comigo. Sempre me jogou para ele, sempre falei abertamente o que queria, mas ele nada. Me desprezou e ainda me ameaçou ao saber que eu o droguei para termos uma noite e assim ele ter certeza que eu era dele, somente dele.

Eu estava isolada no puteiro. Como Lucastambém tinha um emprego, e sua irmã e mãe estavam viajando pelo mundo para buscar meninas mais novas, eu e mamãe ficamos responsável pelo lugar. Era chato, monótono. Tinha meninas aqui que mal sabiam o que fazer, e choravam dizendo que não eram essa vida que elas queriam. E aquilo estava me deixando puta, elas não querem vida fácil? Não queriam viver um sonho de ter seu próprio dinheiro? Então que aguento as consequências.

De vez em quando tínhamos problemas com uma delas, e acabávamos deixando elas sem comer. Mesmo que trouxesse problema financeiro para gente, pois elas acabam isoladas. Cheguei até bater em uma na frente de um cliente, que não queria nem um pouco obedecê-lo, e mais uma vez Lucas veio para cima de mim dizendo que eu não poderia fazer aquilo, ainda mais perto dos clientes, porém eu não queria saber, pois essa vadias acham que estava aqui por diversão, e não era assim. Elas tinham que trabalhar, somente isso.

Os dias estavam passando e eu só tinha o médico que me ajudou com aquela vaca para me distrair. Ele veio comigo para Londres, e assim começamos à ter algo. Entretanto ele só pensa naquela vadia da madrinha do meu homem. Ele não parar de falar nela, como se ela fosse uma deusa. Só eu mesmo para aguentar um homem chorando por uma mulher. O homem fraco, chega à dar nojo, porém o sexo com ele é ótimo, então enquanto não acho um meio de conquistar Renato vou ficando com esse daí mesmo.

Willian e Lucas estavam com um problemão chamado Ronan Aguiar, outro homem asqueroso que tive que suportar porque à vadia dele tinha fugido, porém o que nós não imaginávamos que à vadia se tratava de Dayane, e por culpa de Willian e Lucas que não me deram ouvido quando à peguei para nosso negócio,

ela estava livre, andando para baixo e para cima como se não tivesse acontecido nada e como se não nos devesse nada. Essa hora ela estaria nas mãos de Aguiar e a gente não teria problemas, e Renato seria todo meu, como eu sempre quis.

Mamãe estava fazendo o trabalho para mim e ela aqui em Londres. Eu ainda tinha medo que Renato tivesse colocado gente atrás de mim, então estava me mantendo escondida. Estava dando um tempo para que toda história tivesse apagado da memória dele.

Os dias se passaram e logo Willian disse que acabaria com a vida de Aguiar e também daquela vadia, eu achei ótimo, mesmo com Lucas receoso, pois ele tinha medo que Renato viesse atrás e acabasse com o nosso negócio, mas Renato não tinha poder aqui, não tinha como ele fazer nada. Assim eu pensava, pois seus homens já tinham pego o pessoal que tentou matar a cunhada e a amiguinha que era namorada de Fernando. Então faltava pouco para chegar em nós e eu não queria isso. Não queria que Renato soubesse no que eu estava envolvida, e aí mesmo eu não teria chances com ele.

Eu não sabia o que estava havendo direito no Rio, só sabia que estava maior confusão, pois Willian matou Aguiar e estava para dar um fim em Dayane, portanto eu só estava esperando ele dizer que tudo acabou que voltaria ao Rio para reconquistar o que era meu. Porém se passou dias e estávamos sem notícia de Willian e Verônica, nem Suzanna nos atendia. Não sabíamos o que tinha havido com eles. Lucas tinha certeza que Renato tinha descoberto tudo e tinha pegado Willian, ele só queria saber se Willian havia entrado todos, e o nosso negócio. Estava apavorada com isso. Não só eu como mamãe também. Estávamos mais que apreensivas.

Lucas precisava saber o que estava havendo em Rio de Janeiro então ele mandou Fernando verificar, porém com um passaporte falso. E eu e mamãe fomos para África terminar o serviço que Fernando havia começado lá. Também fomos com documentação falsa.

Quando voltamos da África uma semana depois, o lugar que era o prostíbulo estava fechado e com homens vigiando por toda parte. Merda, mil vezes merda. Eu e mamãe saímos dali e compramos um celular pré pago descartável. Ligamos para Lucas, mas sem sucesso, Júlia e mãe dele e nada. Só faltava eles terem sido presos. Mamãe pediu para ligar para Fernando e assim eu fiz. Ele atende no terceiro toque.

- Fernando, é Paula, onde você está? Questiono preocupada.
- Escondido em Londres. Onde vocês estão? Ele questiona meio desconfiado.
- Acabamos de chegar da África com as meninas e o lugar está fechado. O que houve aqui? Eu estou com medo e assustada. Olho pra cara da mamãe e ele também está.
- Não sei direito, mas sugiro que solte essas meninas por aí e venha me encontrar. Não vamos conversar por telefone. Ele também está temeroso.
- Me passa o endereço que você está. Peço.
- Não vou fazer isso. Vamos nos encontrar na esquina da praça principal. Ele diz e desliga.
- O que disse? Dona Beatriz pede com medo.
- Ele não sabe muito do que houve aqui, mas está escondido. Vamos encontrá-lo.
- E o que vamos fazer com essas garotas? Eu não quero saber delas, quero me livrar de ser pega e nada mais.
- Deixa elas aí. Elas não sabem quem somos mesmo. Estamos de peruca e não tem como elas nos identificar. A hora que elas perceberem que não tem ninguém e não vamos fazer nada elas arrumam um meio de irem embora. Agora precisamos cuidar da gente. Vamos embora enquanto é tempo.
- Vamos então. Quero saber o que houve com seu irmão. Espero que nada tenha acontecido com meu bebê.
- Então vamos mãe. Willian e os outros devem está preso. Digo indo embora e deixando as doze meninas na van.

Fomos para a praça e esperamos Fernando quase meia hora. Ele aparece perto de nós disfarçado.

- Que demora Fernando, achei que você nos deixaria aqui plantadas. Indago com raiva por ele ter nos feito esperar.
- Eu cheguei tem muito tempo, porém queria ter certeza que vocês não foram seguidas. Olho para os lados e fico apreensiva com isso.
- O que houve com meu filho e os outros? Mamãe questiona.
- Não sei. Cheguei em Rio de Janeiro à casa dele estava vazia e no trabalho ele não apareceu em nenhum momento. Droga será o que houve.
- A casa dele estava revirada? Mamãe questionou preocupada.
- Não. Tudo estava no lugar.
- E os outros? Peço.

- Não sei. À última vez que falei com Lucas foi dois dias depois que viajei como ele me pediu, e depois não consegui mais contato. Com nenhum deles, nem com Suzanna. E quando cheguei aqui e vi homens e policiais na porta do prostíbulo tinha certeza que eles foram pegos.
- Eles estão presos?
- Não. Um contato disse que foi preso somente um homem que fazia faxina lá dentro e também alguns seguranças, mas ninguém.
- Será que eles fugiram? Será que não querem manter contato com a gente para não arriscar? Mamãe pede ainda assustada e preocupada.
- Eu não sei, só estou me mantendo escondido para não ser preso. Pois estamos sendo procurado pela polícia. Franzo as sobrancelhas.
- Do que você está falando? Meu coração ficou apertado. Estou com medo que eles me peguem e eu passe o resto da vida na cadeia. Fernando abre uma página onde tem a nossa foto e todo resto.
- Droga. O que vamos fazer?
- Vamos nos esconder, não temos outra saída. Temos dinheiro o suficiente para nos manter até ter certeza de que tudo está bem e ainda poder procurar os outros. Fernando diz e eu olho para mamãe que está chorando.
- Mãe não fica assim. Vamos ficar bem. Digo abraçando ela.
- Eu estou assim por causa do meu filho. Willian pode estar precisando de mim e eu nem sei onde ele está. Ela fala suspirando fundo.
- É melhor a gente ir embora e continuarmos com as nossas identidades falsas. Não podemos dar margem para nos pegarmos. Assentimos com mamãe ainda abalada.

Fernando estava em um lugar bem luxuoso, tinha três quartos e uma empregada para fazer as coisas. Mamãe e eu nos estabelecemos ali com ele. Descansamos e depois começamos a pensar onde todos podiam estar. E como tudo foi descoberto.

Três anos havia se passado e neste tempo tivemos muito problema. Principalmente de dinheiro, já que estávamos morando em um apto luxuoso, as contas eram caras e em menos de seis meses já não estávamos com tanto dinheiro assim. Não encontramos o resto do nosso pessoal e muito menos soubemos o que havia acontecido a eles.

Depois que percebemos que não teríamos como saber onde eles estavam e também com a grana acabando dos três, começamos a mexer com tráfico de bebês para não ficarmos tão visíveis. Mamãe e eu viramos mulheres de

Fernando, fora o médico que ainda tenho para escapar dessa vida chata que levo. Ele tem nos ajudado muito, pois ele que atende as meninas grávidas de um hospital clandestino e passa tudo pra gente poder fazer a retirada do bebê e depois vendê-los as famílias que precisam de uma criança. E confesso que nesse tempo trabalhando nisso, achei melhor do que lidar com aquele bando de prostituta e aqueles homens nojentos. Hoje estamos bem. Temos de volta o dinheiro que nos faltava antes e estamos mais seguro nesse negócio do que no outro.

Mamãe está ainda deprimida por falta de notícia de Willian. Não sabemos o que houve até hoje é ela estava muito mal com isso. Espero que algum dia ela deixe de sofrer tanto e que possamos saber o que houve com ele e os outros.



## Capítulo 49

Já havia se passado duas semanas, e meus advogados ainda estavam correndo com a papelada para fazer adoção das meninas. Não via hora desse momento acontecer, pois Dayane estava com receio de não dar certo, mas eu garanti que essas menininhas eram nossas, eu não deixaria nada dar errado e também ver a tristeza nos olhos da minha esposa.

Pierre me ligou dizendo que as meninas não eram roubadas e não faziam parte do tráfico de bebês. A mãe das gêmeas morreu realmente no parto e o hospital junto com a assistência social liberou que as mesmas fossem dada provisoriamente para a vizinha. Mas a vizinha não teve condição de cuidar de ambas dando as mesmas para o lar adotivo. Suspirei em alívio, poderíamos adotá-las sem medo. Pierre também investigou sobre o pai delas. Pierre não seria ele se não fizesse seu trabalho direito e completo. O pai das meninas era um viciado em drogas que morreu meses atrás na rua devido a uma overdose. Não que me sinta feliz com essa notícia, mas estou aliviado o dobro, pois não há impedimento nenhum para ter as gêmeas como filhas. Só faltava o governo liberar essa adoção, coisa que estava demorando muito. Vejo Dayane entrar no escritório. Ela estava na faculdade e eu fico feliz que ela tenha uma distração para não pensar tanto nessa adoção.

- Tudo bem minha vida? Indago e ela senta no meu colo sorrindo.
- Tudo e você? Vera me disse que você estava em casa e achei estranho. Ela fala depois de me dar um beijo de leve na boca.
- Estava trabalhando em casa, só vou para empresa depois do almoço. E você o que fará agora de tarde? Peço beijando o pescoço dela.
- Só tenho que fazer um trabalho da faculdade. Quero saber como vamos fazer quando as gêmeas vierem para casa com a gente.

- Como vamos fazer com as gêmeas? Indago e ela me olha.
- Pensei que como estou terminando o curso, poderia terminá-lo e depois ficar à disposição delas.
- Tem certeza? Não quero que ela fique ressentida por deixar de fazer o que quer e o que gosta.
- Sim. Não se preocupe, só tem mais três meses de aula, e eu posso fazer dar certo.
- Sei que pode. Só não quero que você fique ressentida por não poder fazer agora o que você quer. Falo e beijo mais uma vez seu pescoço.
- Não vou ficar. Você está me dando meu sonho, jamais ficaria ressentida, infeliz por abrir mão de uma coisa que posso fazer depois. Neste momento eu só quero ser mãe, me sentir mãe e ter aquelas pessoinhas nos meus braços para amar e cuidar.
- Fico feliz em ouvir isso, e vamos ter elas com à gente, então não se preocupe com isso.
- Eu sei que vamos ter, só quero que isso não demore tanto. E por falar nisso, à gente poderia pensar em montar o quarto delas.
- Acho ótimo meu amor. Vamos contratar alguma decoradora e pedi ela para começar fazer o trabalho.
- Não. Ela diz e eu não entendi. Eu quero fazer os dois quartos. Quero pintar, desenhar como ele será decorado e feito. Escolher os móveis, as cores e tudo.
- Tem certeza? Indago.
- Sim. Eu quero fazer.
- Para mim tudo bem vida, mas temos que começar a fazer logo, porque daqui à pouco elas estão aqui para nós.
- Vou fazer meu trabalho hoje é depois faço uma pesquisa para começar à fazer os quartos. Ela está empolgada com isso e acho ótimo ela querer fazer para nossas filhas. Vera apareceu na porta nos informando sobre o almoço que já estava pronto.

Nos levantamos e fomos almoçar. Conversamos mais sobre os quartos das meninas. Via nos olhos e na voz dela à empolgação de poder fazer à decoração dos quartos. Depois do almoço fui para empresa deixando Dayane em casa ocupada com seu trabalho de faculdade.

O resto da tarde voou e apesar de não ter muitas coisas para fazer aqui eu fiquei até às seis da tarde. Fui embora e ao chegar não encontrei Dayane na sala. Questionei Vera onde estava Dayane e à mesma me disse que estava lá para cima

mexendo em um dos quartos. Subi e vi ela puxando os móveis para o lado.

- Ops Sra Villaça, nada disso. O trabalho pesado quero pessoas aqui para fazer isso. Não quero à Sra pegando peso e nem nada disso. Indago fazendo ela parar de arredar as coisas.
- Só queria ver como ficaria esse quarto. Ela fala e vejo que ela estava querendo arredar até à cama.
- Nada disso. Amanhã peço para as pessoas tirar os móveis aqui é do outro quarto que você escolher. Não quero você mexendo com nada pesado.
- Ok Sr. Mas promete que amanhã já terei pelo menos um dos quartos livre para eu poder fazer o quiser? Ela pede me abraçando.
- Prometo e à Sra também vai me prometer que não vai carregar nada pesado. Nem uma lata de tinta.
- Prometo. Sorri para mim.
- Agora vamos tomar um banho antes do jantar. Já puxo ela para fora do quarto. Abraço ela por trás e já começo beijar seu pescoço.

No banheiro fizemos amor gostoso. Fazendo juras de amor. Depois nos vestimos e fomos jantar. Dayane estava mesmo animada em fazer à decoração dos quartos. Ela me contou as ideias dela para ambos os quartos que achei que iriam ficar lindos. Nossa as filhas terão tudo do bom e do melhor.

No outro dia eu já incubi Pierre de providenciar pessoas para tirar todos os móveis dos quartos. Não quero Dayane pegando nada pesado. Isso não é trabalho para ela. Também arrumei uma pessoa para ficar à disposição de Dayane. Ela precisa de alguém que faça todas as encomendas dos produtos para ela enquanto ela estiver na faculdade.

Na empresa tudo que tinha hoje eram reuniões, reuniões e mais reuniões. Eu estava cansado antes mesmo do meio dia e ainda preocupado por falta de notícias da adoção. Meus advogados não entraram em contato comigo e mais uma vez essa semana só iríamos no lar adotivo vê-las novamente, e ver à frustração da minha linda esposa por não levá-las para casa mais uma vez. Passo as mãos no meu rosto por não saber mais o que fazer. À não ser que eu mesma tenha que agendar uma hora com o governo. Pago altos impostos, faço várias obras de caridade que não é possível que ele não possa me receber. Pego o interfone e peço Francielle para ligar para a secretária do governador do estado, quero marcar uma hora com ele urgente. Se ele não puder me receber, que me ligue, mas que vamos ter uma conversa para adiantar essa situação nós vamos.

Não pretendo levar mais uma semana para ter minhas meninas em casa, e até mesmo para ver Dayane feliz.

O resto do dia passou e o governador iria conversar comigo amanhã de manhã em uma videoconferência. Achei ótimo. Peguei minha pasta e fui para casa. Nem liguei para Dayane hoje e à mesma também não me ligou. Deve ter enfiado a cara na decoração dos quartos. Sorrio com isso, pois sei que ela está muito animada.

Em casa já dou boa noite para Vera e subo para ver onde minha mulher se meteu que creio ser o resto do dia. Vou a um dos quartos que está todo aberto, janelas e portas e ela está vestida em uma macacão e os cabelos bagunçados em um coque. Sua mão está com um rolo para pintar as parede. Ela já começou pintados as mesmas de cor lilás.

- Vejo que estamos bem adiantados aqui. Indago adentrando o quarto. O piso está coberto com um plástico grosso.
- Você gostou da cor? Ela pede com maior sorriso.
- Sim. E você está se empenhando mesmo.
- Tudo para nossas filhas. Sinto uma emoção enorme na voz dela.
- Sim, tudo para nossas filhas. Afirmo. Agora é hora de dar uma paradinha e descansar Sra Villaça. Digo já puxando ela para meus braços.
- Você bem que podia me ajudar para terminarmos antes das nossas filhas chegarem. Ela pede.
- Prometo que amanhã à tarde tiro a tarde de folga e te ajudo, agora vamos tomar uma banho e depois jantar. Saímos do quarto mesmo sabendo que ela queria ficar. Mas ela tem que descansar e também quero um pouco da atenção dela.

Tomamos banho à base de muito amor e depois fomos jantar. Sentamos na sala de TV para conversar. Ela me agradeceu por contratar uma secretária para ajudá-la à se organizar. Nos beijamos e começamos mais uma vez a fazer amor.

Acordo com meu celular tocando. Olho no relógio e é quase oito da manhã. Olho para lado da cama e Dayane já foi para à faculdade. Pego meu celular que toca insistentemente e olho no visor que se trata de um dos meus advogados. Atendo.

- Villaça. Peço no meu modo formal e me levanto.

- Bom dia Sr Villaça. Tenho boas notícias. Ele informa e eu já sou todo ouvidos.
- Pode falar.
- As meninas são suas oficialmente. À guarda delas são sua e da sua esposa.
- Que maravilha. Posso buscá-las hoje ainda? Questiono com esperança e ainda para fazer uma surpresa para Dayane.
- Não. À assistente social fará uma visita hoje ainda na casa do Sr e passará as informações sobre a residência para sistema. Após isso, a Sra Virgínia entrará em contato com o Sr ou sua esposa para confirmar que podem levar as meninas.
- Isso vai demorar? Não quero perder tempo com isso.
- Não. No mais tardar Sexta feira o Sr vai ter suas meninas. Ótimo.
- Mais alguma coisa que deva saber? Não quero nada dando errado.
- Não. Eu já estou com os papéis e só vou te entregar hoje ainda para confirmar a adoção.
- Tudo bem. Obrigada! Desligo super feliz.

Não pretendo contar à Dayane ainda sobre isso. Na sexta feira farei uma surpresa para ela. Somos realmente pais de Sophia e Amber. Elas serão tudo para nós.

## Capítulo 50

Eu estava com cada ideia para ter as minhas filhas em meus braços, que gostaria de ser duas para fazer. Era o quarto delas que me propus a fazer, era roupinhas que queria dar a elas e mais importante, o meu amor de mãe. Porque isso que eu era, mãe de duas princesinhas lindas, e não via a hora de tê-las em meus braços.

Foi amor à primeira vista e eu não podia deixá-las ali sem pais e um lar que lhes proporcionasse amor, aconchego e carinho. Elas teriam em mim e em Renato seus apoios e sempre vamos lutar por elas. Mostrar a forma de amar e de ser felizes.

Renato não me deixou pegar peso, então tive que esperar no outro dia para começar a mexer nos quartos. Fui para faculdade esperançosa. Queria chegar e

começar à mexer em um dos quartos. Pelo menos quando elas chegarem um dos quartos vai está preparado para as duas, até o outro ficar pronto. Aproveitei o intervalo e liguei para uma loja que fornece tinta e todos os outros produtos para começar à pintar.

Cheguei em casa e uma moça estava sentada no sofá. Ela me viu e já foi levantando.

- Boa tarde! Indago.
- Boa tarde Sra. Meu nome é Julie Villas Boas. Fui contratada pela empresa Villaça para ficar à sua disposição.
- Uma secretária? Peço em dúvida disso.
- Sim. Me disseram que à Sra estuda e está precisando se organizar pois terão dois bebês daqui à pouco aqui então pediram para eu ajudá-la em tudo.
- Quem te passou essas informações foi meu marido? Não sei gosto de outra mulher jovem tendo contato com ele.
- Não. Eu ainda não o conheci pessoalmente. Quem fez à seleção foi à Srta Foster. Ela disse mais ou menos sobre o cargo, mas deixou bem claro que a Sra é que vai revelar mais o que fazer. Ela parece bem profissional.
- Srta Vilas Boas... Ela me interrompe.
- Desculpe Sra Villaça, mas não precisa me chamar de Srta Vilas Boas, na verdade é Sra, pode me chamar pelo meu nome. Ela fala sem graça.
- Você já é casada? Questiono olhando para sua mão que não demonstra nenhuma aliança.
- Sim. Sou casada tem quatros anos e tenho dois filhos. Um casal. Ela parece ser tão nova.
- Você parece tão nova. Perdoa à indiscrição. Peço envergonhada.
- Não tem problema. Tenho 27 anos. A meu filho mais velho já tem nove anos. Fui mãe nova. Ela está envergonhada com esse fato.
- Você se envergonha disso. De ter tido um filho tão nova?
- Antes sim, mas hoje não. Ele é tudo para mim. Meus filhos são tudo para mim. E meu marido nos completa. Ela fala com amor e devoção à família e eu gosto disso.
- Então vamos começar o nosso trabalho. Temos muito o que fazer. Tem uma agenda e caneta? Indago me levantando.
- Sim Sra.
- Não me chame assim. Pode me chamar de Dayane. Digo e ela sorrir sem

graça.

- Prefiro Sra. Dou de ombros, porque eu não conseguir tirar essa formalidade toda dos empregados de Renato até hoje, imagine dela que acabei de conhecer.
- Vamos almoçar primeiro e depois conversar sobre o que temos que fazer hoje. Já liguei para uma loja cedo para pedir algumas coisas. Tenho que começar à pintar os quartos logo. Vejo ela franzir à testa.
- De quantos meses à Sra está? Suspiro pois gostaria mesmo de ter tido essa dádiva que é carregar um serzinho dentro de mim.
- Não. Eu não estou grávida. Ela fica confusa. Na verdade eu não posso ter filhos. Então adotamos duas pessoinhas lindas. Falo com maior sorriso lembrando da minha meninas.
- Sinto muito pela Sra não poder ter filhos, mas fico feliz que tenha coração para dar amor à crianças que não são suas. Vejo seus olhos ter lágrimas que não saem.
- Não podia ser diferente. Eu gostaria muito de ser mãe e meu marido também quer ser pai, então estamos em processo de adoção. Espero que não demore tanto em ter minhas pequenas em nossa casa. Penso.

Almoçamos e as coisas para começar pintar os quartos chegaram. Pedi à Julie para pesquisar quartos decorados para bebês meninas, móveis planejados. Enquanto isso comecei a pintar a um dos quartos. Tinha escolhido as cores Lilás e Rosa. Então o primeiro que comecei à pintar é lilás.

O dia passou e eu já estava bem adiantada com a pintura. Julie tinha me mostrado um monte de empresas que tinha decorados e algumas lojas em Rio de Janeiro também, portanto combinamos de ir lá amanhã depois da faculdade. Renato chegou e já foi logo cobrando um pouco da minha atenção.

Hoje era quarta feira e acabei de fazer uma prova e também apresentar um trabalho. Tinha pedido à Mario para buscar Julie em casa para podermos escolher os móveis que serão planejados nos quartos. Porém à minha surpresa foi ver meu marido na saída da faculdade me esperando. Sorrir à toa, pois achei que ele não iria querer me ajudar terminar os quartos mais rápido possível. Não sabíamos quando a adoção iria ser aprovada, então não tínhamos que correr com isso.

- Fico feliz que você esteja disposto a me ajudar. Falo e beijo ele sorrindo.

- Eu disse que iria te ajudar Vida. Vamos almoçar e depois começamos o nosso trabalho. Ele diz olhando para mim.
- Que bom, mas agora temos que ir à uma loja de decorados para ver quartos de bebês. Tinha até pedido para Mario para buscar Julie para olharmos achando que você estava ocupado agora.
- Nada disso Sra. Julie pode vir também, mas eu também irei. Estarei hoje e amanhã em casa para ajudar no que for para terminarmos pelo menos um dos quartos. Me animo mais com ele disposto.

Entrei no carro depois dele ter aberto a porta para mim. Fomos conversando sobre a decoração e o que achamos para os móveis. Cores, detalhes e tudo. Julie nos encontrou na loja e começamos a ver todos os móveis. Era cada decorado mais lindo do que o outro. Eu estava encantada, e Renato também. Mas ele estava olhando mais os quartos para gêmeos e acabou me puxando para os mesmos. Eram lindos também. Estava encantada com cada um que via, apesar de querer colocá-las em quartos separados, pois assim evitaria que uma acordasse à outra quando chorasse.

- Que tal se fizéssemos um quarto só para as duas por enquanto. Meu marido pede me tirando dos meus devaneios.
- Não sei amor. Acho que elas poderiam acordar uma à outra.
- Vamos fazer um teste, assim se houver problemas futuramente podemos separá-las, porém neste momento acho que elas poderiam ficar juntas. Ele fala me fazendo pensar. Vamos vida. Não pensa demais, não há nada que não possamos resolver depois.
- Tudo bem Sr. Villaça, o Sr. ganhou. Vamos montar somente um para as duas e depois pensamos no outro. Falo sorrindo e ele me beija.
- Então vamos escolher um aqui ou você quer ver outras lojas? Ele pede me abraçando por trás.
- Não. Vamos escolher aqui mesmo. São todos lindos. E outra temos que terminar de pintar os quartos. Ouço o barulho do celular dele e o mesmo atende pedindo um minuto. Continuo mostrando à Julie os decorados e tentando escolher um, porque todos são uma graça, são perfeitos.
- Ok, peça à ela para aguardar que já estamos indo para casa. Renato diz e desliga. Ele me olha sorrindo.
- O que foi? Quem está esperando por nós? Pergunto cruzando os braços.
- À assistente social quer ver à nossa casa e conversar com a gente. Meu sorriso se amplia com isso e me joga em seus braços.
- Isso quer dizer que está próximo para aprovação para sermos pais das



nossas meninas? Estou muito feliz, mega feliz que isso esteja sendo concretizado.

- Vamos ver o que ela falará com a gente. Mas de qualquer forma não vamos desistir. Agora vamos escolher para irmos embora.
- Se os Srs quiserem ir e eu tirar foto e mandar para vocês escolherem e me mandarem a escolha de vocês eu agilizo tudo aqui. Julie diz e eu e Renato nos olhamos.
- Tudo bem Julie, vou deixar essa responsabilidade na suas mãos. Assim que você tirar as fotos nos envie, e questione se tem os móveis pronta entrega, quero isso para amanhã. Renato diz me fazendo achar estranho.
- Pode deixar. Farei tudo conforme pedido. Julie diz toda profissional.
- Até mais então Julie. Saio com Renato e alguns seguranças.
- Porque você quer para pronta entrega? Indago curiosa.
- Amor, nós não sabemos o que a assistente social irá falar, então não podemos deixar isso para depois. Nisso ele tem razão.
- Você tem razão. Sorrio para ele e assim seguimos para o carro.

Em casa uma mulher morena de cabelos longos baixa, com roupa social estava nos esperando.

- Boa tarde Sr e Sra Villaça. Sou Paula Surtes, a assistente social que veio avaliar vocês e a casa.
- Boa tarde! Renato e eu falamos juntos.
- Vamos nos sentar. Renato oferece. Nos sentamos e ela abre um caderno que acho ter as perguntas.
- Vou começar a fazer umas perguntas e depois farei uma análise na casa. Assentimos juntos. A primeira pergunta é porque vocês querem adotar um bebê e nesse caso dois.
- Porque eu não posso ter filhos. Falo olhando para ela com as mãos grudadas nas mãos de Renato.
- É algum problema de saúde? Indaga séria, não demonstrando nada.
- Sim. Eu tive alguns anos atrás uma infecção que me levou a não poder ter filhos.
- Nem com tratamento?
- Não. Nenhum tratamento poderia fazer eu engravidar, somente um milagre. Falo com lágrimas brotando nos meus olhos.
- Vocês querem adotar dois bebês, não seria mais viável um para até mesmo ter uma ideia de pais?
- Na verdade a nossa intenção era adotar somente um bebê por enquanto,

porém ao chegarmos nesse lar adotivo, tivemos à maravilhosa visão de duas lindas meninas gêmeas. E não iremos separá-las, são irmãs e devem crescer juntas. Seria muita maldade da nossa parte se fizesse isso. Renato diz com toda segurança do mundo.

- Seria mais fácil ter filhos próprios né? Que merda de pergunta é essa?
- Ter um filho é melhor ainda, independente de como ele venha. Penso que não tem nada no mundo que um filho para chamar de nosso. Se vem de mim ou se é adotado não importa, importa o amor que vem daqui. Aponto para meu coração. Ela não esboça nada.
- São casados à quanto tempo?
- Três anos. Meu marido responde super despreocupado.
- E moram aqui no mesmo tempo?
- Sim. Ambos respondem.
- E como é o relacionamento de vocês?
- Muito tranquilo, não tenho do que reclamar dela.
- Eu também não tenho do que reclamar dele.
- São felizes? Já tiveram agressões físicas e verbais?
- Somos muito felizes. Digo olhando Renato que também me olha. E agressões aqui em casa de nenhum tipo. Jamais tivemos isso.
- E à família de vocês? Como são? Sorrimos um para o outro.
- Eu tenho meus pais e irmãos. Fora minhas cunhadas que são irmãs dela. Minha família é à família. Eles são alegres, gentis, somos bem entrosados um com outro.
- Eu não tenho pais e como ele falou minhas irmãs são casadas com os irmãos dele. Então minha família é à família dele no qual são tudo para mim.
- Empregos?
- Eu tenho várias empresas que administro aqui no Rio de Janeiro é outras em outros países.
- Eu ainda não trabalho, e no momento só estou concluindo meu curso.
- Depois que concluir o curso de? Ela indaga.
- Arquitetura.
- Depois de concluir esse curso não pretende trabalhar?
- Pelo menos nos dois anos ou três das gêmeas não. Eu quero me dedicar à elas, ser mãe em tempo integral. Vejo ela anotar tudo que à gente responde sem demonstrar nada.
- E com relação aos amigos?
- Os poucos que tenho vejo quase nunca. Não temos muito tempo já que trabalho e eles também. Uma vez ou outra que nos encontramos.

- E seus amigos Sra Villaça?
- Não tenho amigos. Tenho colegas de faculdade e mais nada.
- Porque? Não costuma fazer amizades?
- Sim, costumo, mas o fato é que vim da Rússia e aconteceu vários fatores que me levaram à me distanciar da palavra amigos. Ela continuar sem reação.
- E o que os deixam felizes? E qual é a forma de diversão de vocês.
- Não sei, são tantas coisas que nos deixam felizes. Renato diz. Minha esposa me deixa feliz, sermos casados me deixa felizes. Acordar ao lado dela me deixa feliz. Me derreto ao ouvir ele dizer isso. Agora minha forma de diversão, jantares em família, navegar com minha esposa. Brincar com nossas sobrinhas, dentro muitas outras coisas. Renato termina.
- Eu faço a palavras dele as minhas. Não temos outras forma de demonstrar a nossa felicidade se não tivermos juntos ou em família.
- Tem casos de adoção na família ou algum conhecido?
- Não. Não conheço ninguém que tenha sido adotado e na nossa família também não tem.
- Última pergunta. Vocês contariam para as duas crianças futuramente que elas são adotadas?
- Eu acredito que sim, elas precisam conhecer a história delas, da família e suas origens. Indago e Renato confirma.
- Também concordo.
- Ótimo. Não ficou nenhuma dúvida da minha parte. Da parte de vocês querem saber algo, algum esclarecimento?
- Essa avaliação será para conclusão da adoção? Peço com coração pequeno. Estou com receio.
- Sim, mas eu não posso dizer se será aprovado ou não. Essa avaliação será colocado junto com o pedido de vocês, e a autorização fica à cargo do estado. Fico mais receosa. Podemos conhecer a casa agora? Ela pede se levantando.
- Claro. Renato responde por nós dois.

Mostramos a casa toda pra ela. Desde a lavanderia até o jardim. Colocamos para ela sobre os quartos que ainda estamos preparando. Ela se despediu sem falar nada. Só agradeceu e pronto. Confesso que fiquei com medo de nada dar certo. A cara dela não foi a melhor e também não foi a pior. Na verdade não sei, nem conheço ela para saber como ela reage a esse tipo de situação.

Mais tarde Julie já tinha nos mandado fotos de vários quartos, e Renato e eu

escolhemos, mesmo sendo difícil, pois todos eram lindos. E o pessoal não tinha pronta entrega, mas Julie sabe convencer muito bem ao usar o Nome e sobrenome de Renato, então mais tardar Sexta feira à tarde o quarto já estaria pronto para nossas meninas.

Renato e eu afundamos no quarto delas para terminar pelo menos de pintar. Entre brincadeiras pintando um ao outro e comendo acabamos de pintar já era de madrugada. Estávamos cansados, só deu o tempo de tomarmos um banho e depois dormimos.

## Capítulo 51

Acordei atrasada. Como dormir tarde era de se esperar que isso acontecesse, ainda estou casada. Queria dormir mais, porém não posso faltar hoje, eu tenho trabalho e mais trabalho para apresentar. Essa reta final está me deixando desorientada, mas sei que valerá à pena. Deixei Renato dormindo e somente dei um beijo no rosto dele e corri para tomar banho e me arrumar.

Na aula minha concentração estava péssima. Eu estava mesmo cansada e com sono, e já era quase à hora de apresentar meu trabalho. Fui ao banheiro para lavar meu rosto e fui à lanchonete para tomar um café bem forte para eu voltar à ativa. Eu queria chegar em casa e dormir um pouco, mas não podia. Sabia que o pessoal do quarto das meninas estadia em casa fazendo seus trabalhos. E eu quero acompanhar de perto. Quero o quarto dos sonhos para elas.

Apresento os dois trabalhos, um atrás do outro, mesmo que a minha atenção não estava cem por cento. O intervalo chegou e eu pude cochilar por quinze minutos na biblioteca. Me escondi na última mesa depois das prateleiras de livros. Só assim pude ter energia para voltar à concentrar nas aulas restantes. E voltei também à pensar nas minha pequenas. Estava torcendo para que tudo desse certo para trazê-las para casa. Não queria ir esse final de semana e somente vê-las e ficar com elas o dia todo e não poder ter à sensação de serem totalmente minhas. Porém pela cara da assistente social eu não sei se isso vai dar certo. Ela não disse nada que pudesse tranquilizar meu coração e também não tinha a cara muito boa para poder me transmitir certeza. Bufo só de pensar em não tê-las para nós. Um sentimento inquietante fica dentro de mim, parecendo que algo pode dar errado. Espero que não. Tento não ficar pensando nisso. Volto à minha atenção para o

que o professor fala.

A aula enfim acabou. Peguei minhas coisas e me encaminhei para saída da faculdade. E a minha surpresa foi ver meu marido gostoso que não abusei ontem e nem hoje, me esperando. Meu sorriso se ampliou.

- Estou adorando essas suas surpresas marido. Dois dias consecutivos, eu acho que vou me acostumar mal hein. Digo dando selinho nele.
- Hum... Adoro te acostumar mal esposa. Ele me dá um beijo de molhar calcinhas.
- Acredito que podemos ir para casa e você pode cumprir toda essa promessa desse beijo.
- Eu amaria Vida, mas temos algumas coisas para resolver hoje. Fico intrigada.
- O que por exemplo. Só estou sabendo do pessoal que vai decorar o quarto. Digo e ele abre à porta do carro para mim. Entro e vejo ele dá volta e entrar na direção.
- Mandeí fechar uma loja de roupas e acessórios para bebês. Temos muito o que comprar futura mamãe. Sorrio com isso. Vou poder escolher um monte de roupinhas para minhas meninas, lacinhos, tiaras, sapatinhos, aí meu Deus, eu estava mega empolgada e feliz.
- Eu amei amor. Muito obrigada por isso. Digo e ele sorrir.
- Não precisa me agradecer. Elas são nossas filhas, e outra Sra Villaça, eu também quero escolher as roupas, e vestidos que minhas filhas irão usar. Ele também está empolgado. Tenho outra coisa para nossas filhas. Ele diz pegando uma caixinha rosa e me passando as mesmas. Abro e vejo duas pulseiras lindas com os nomes delas gravados. Meus olhos enchem de lágrimas. É tão lindas e delicadas.
- Que lindas amor. Digo tentando não chorar.
- Mandeí fazer para elas. Elas são idênticas que fica até difícil saber quem é quem, a não ser pelos olhos que são diferentes.
- Você pensa em tudo. Falo pegando na mão dele e beijando.

Chegamos na loja que estava só aberta uma portinha. Os seguranças de Renato já estavam todos na porta da loja cercando de um lado ao outro. Entramos pela portinha e Pierre já estava com vários papéis na mão. Questionei à Renato o que era os papéis. Ele me disse que se tratava de Acordo de confidencialidade. O pessoal não estava autorizado a divulgar quem estava na loja, e nem podia tirar um foto se quer. Reparei depois que tinham quatro seguranças dentro. Duas

atendentes foram colocadas para nos ajudar, e assim começamos à festa dentro da loja.

Começamos a escolher as roupinhas. Eu estava em uma euforia muito grande. Não via hora de vê-las em cada conjuntinho, em cada body, pijaminhas, vestidos. À parte dos vestidos meu marido estava encantado com todos, pegou vários nem olhando o valor. Continuamos pegando mais é mais roupinhas, sapatos, lacinhos e tiaras, sandalinhas. Quando vimos estávamos com cinco carrinhos só de roupas, e um de sapatinhos e sandalinhas. Duas cestas de tiaras e laços. Compramos também, produtos de bebês para higiene, mamadeiras, chupetas, bebês confortos. Compramos quatro, dois para meu carro e dois para o carro de Renato. Compramos alguns brinquedos, ursos e bonecas para decorar o quarto. Carrinho de bebê para gêmeos. Nunca me senti tão bem na minha vida. Era uma realização imensa fazer isso. Eu estava feliz por tudo que compramos, mesmo sabendo que é um exagero, pois elas não vão usar à metade de tudo que compramos, eu estava feliz. Estava nas nuvens e agora era só esperar nossas meninas para que pudéssemos tratá-las como princesas que são.

Já era tarde quando saímos do shopping, pois depois das compras ainda fomos comer, coisa que nem pensamos pois estávamos deslumbrados de poder comprar as coisas das nossas filhas.

Chegamos em casa e a sala já estava cheia de sacolas. À loja foi rápido em enviar tudo que compramos. Vera estava com um sorriso imenso também por ver tudo que compramos.

- Estou vendo que essas meninas serão à alegria desta casa. Vera fala sorrindo.
- E será Vera. Não vejo a hora de você conhecê-las. São lindas. Digo e Vera sorrir mais.
- Nossas princesas. Renato diz me abraçando e plantando um beijo no meu pescoço.
- Eu também não vejo à hora delas está aqui Sra. Essa casa precisa de ter um sorriso de criança.
- Um não Vera, dois sorrisos maravilhosos. Meu marido diz com maior sorriso.
- Eu vou ajudar à Sra à guardar essas sacolas. Vera fala indo para sacolas.
- Vamos colocar tudo em um dos quartos de hóspedes. Até o quarto delas está pronto. Digo e Vera assentiu. Ela também estava feliz por termos

crianças aqui.

Nós três levamos todas as coisas para um dos quartos de hóspedes. Eram muitas sacolas que nos deixaram cansados. Aproveitamos para ver o quarto que estava sendo mobiliado, e eles estavam bem avançados. Estava amando ver a construção de cada detalhe.

Estava cansada e queria descansar, queria um banho relaxante e depois dormir antes do jantar. Renato tinha me dito que iria verificar algumas coisas do trabalho no escritório, então eu fui tomar banho.

Hoje era sexta feira. Levantei e fui me arrumar para mais um dia na faculdade. Eu não acordei mais ontem, estava tão cansada que não vi mais nada depois que deitei na cama. Ainda me levantei culpada por não ter jantando com Renato e nem ter dado atenção à ele. Sinto braços rodearem a minha cintura. Ele morde minha orelha mandando vibrações por todo meu corpo.

- Bom dia minha Vida! Deu para descansar? Ele questiona beijando toda extensão do meu pescoço.
- Sim. Me perdoa por ontem. Estava muito cansada mesmo. Digo olhamos para ele.
- Não tem o porque te desculpar. Eu sei que esses dias está sendo puxado para nós. Eu o abraço apertado.
- Obrigado por ser esse homem maravilhoso. Digo selando os nossos lábios.

Ele agarrou a minha cintura mais firme, beijou meu pescoço, acariciou meu corpo todo e me virou de frente, dei um beijo molhado nele e fui retribuída com um gemido baixo de satisfação. Fazia dois dias que estávamos com vontade um do outro.

Agarrada ao seu pescoço, enquanto ele segurava minha cintura, me puxando para ele. Suas mãos passeavam pelas minhas costas e, acariciando meus seios, eu mordida sua orelha de leve, descendo até seu pescoço, causando-lhe arrepios. Me pegou pela cintura e foi andando comigo para dentro do box, até minhas costas encostarem na parede fria, enquanto seu corpo quente me pressionava ainda mais.



Demos um beijo demorado, ele começou a beijar meu pescoço, descendo para os meus seios, lambendo-o bem de leve, fazendo meu corpo todo arrepiar. Fez isso mais umas três e começou a chupá-lo demoradamente, com suas mãos passeando por todo o meu corpo.

Em seguida, foi para o outro seio, me lambendo deliciosamente. Nisso, minha intimidade já estava implorando por ele, e seu membro por mim, pois já o estava sentindo duro em minhas coxas.

Comecei a masturba-lo enquanto ele gemia baixo contra o meu seio. Desnortado, ele largou o meu seio e eu, sem pensar duas vezes, me ajoelhei para beijar o seu membro, lambi a cabecinha e só depois o enfiei por inteiro em minha boca, sem parar de olhar em seus olhos em nenhum momento.

Eu o chupava sem parar, o colocava todo em minha boca até chegar a garganta, bem devagar, só para provocá-lo. Aos poucos fui aumentando o ritmo e seu corpo acompanhava num movimento intenso. Eu já estava sem fôlego, mas ainda o queria em minha boca, o chupava com mais força, até que num impulso, ele gozou. Engoli tudo, lambi meus lábios e me levantei ainda desnortada.

Ele olhou para mim sorrindo de satisfação e me beijou ardentemente, acariciou e lambeu o meu corpo inteiro como se dependesse de mim para saciar a sua sede. Ele era incrível, eu estava adorando tudo aquilo, ele ali comigo, totalmente disponível para mim.

Enquanto eu me perdia em suas caricias, ele beijava minhas coxas, dando leves mordidas, subindo até meu clitóris, deu uma leve lambida fazendo eu me arrepiar, puxou meu corpo contra a sua boca e me virou de costas para ele rapidamente.

Deu uma mordida forte em minha bunda e foi beijando, lambendo, descendo até chegar a minha intimidade, que implorava por ele. Inclinou meu corpo e abriu mais minhas pernas para que eu ficasse bem empinada e me lambeu.

Sua língua escorregava por toda a minha vagina de tão excitada que eu estava, eu gemia alto e quanto mais eu gemia, mais ele pressionava sua língua contra o meu corpo, me lambia com intensidade, com vontade, me fazendo perder o chão.

Estava vendo estrelas quase chegando a um orgasmo intenso e ele com certeza

percebeu, e para me provocar, nesse momento ele parou, levantou e enfiou seu membro com força dentro de mim. Gozei. Gozei muito, muito mesmo.

Ele continuou dentro de mim, se movimentando e acariciando meu corpo, eu estava esgotada, mas ainda com tesão, desejando aquele membro duro dentro de mim cada vez mais fundo. Nesse ritmo, não demorou muito e eu gozei novamente e ele junto comigo.

Sentamos no chão, cansados, eu em seu colo, sem notar a água caindo em cima de nós. Ofegante, ele sussurrava em meu ouvido a todo tempo o quanto eu era linda e incrível.

Nos recompondo, nos demos conta que o chuveiro ainda estava ligado, terminamos nosso banho, um ajudando o outro a se limpar, entre massagens, beijos e amassos, admirando a beleza um do outro.

Não deu tempo de tomar café juntos. Eu estava atrasada mais uma vez, tanto que perdi à primeira aula, mas estava mega feliz por isso. Minha manhã foi muito prazerosa com meu marido e nada me fazia mais feliz que está bem com ele. Nos amamos muito e isso seria eterno e seria passado para nossas filhas. Hoje iríamos vê-las e estava animada com isso, apesar de querer trazê-las comigo. Colocá-las em meus braços, velar seus sonhos e poder paparicar bastante.

Depois da aula Renato já estava me esperando novamente na saída. Ele disse que almoçaríamos juntos para depois pegar o voo. Assim fizemos. Os dois estavam bem animados por ver nossas filhas de novo.

Pegamos o voo e conversamos sobre tudo que envolvia à elas. Renato estava com uma pasta em mãos. Questionei à ele do que se tratava, e ele me disse que assim que chegarmos no lar adotivo eu saberei. Dei de ombros.

Chegamos no lar adotivo super animados. Virgínia estava radiante também. Ela nos recebeu muito bem e nos levou logo para ver as minhas meninas. Elas estavam lindas, vestidas em um macacão vermelho e rosa. As tiras da mesma cor do macacões. Super lindas. Estavam acordadas mordendo seus dedinhos.

- Ei lindinhas da mamãe. Como vocês estão? Mamãe e o papai estavam com saudades. Digo mexendo com as duas ao mesmo tempo no berço. Elas sorriem para mim.

- Elas estão cada dia mais lindas. Renato indagou sorrindo. Ele está tão emocionado quando eu. Amor. Ele me chama. Isso é para você. Ele me mostra à pasta assim que eu olho para ele. Franço à testa.
- O que é? Indago.
- Eu disse que tinha um presente para você. Na verdade dois. Ele fala e eu abro a pasta.

Se trata de uma certidão de nascimento, olho para ele que está sorrindo, e volto meu olhar para a certidão em minha frente. Leio mais abaixo e vejo o nome de umas das meninas redigido.

Amber Albuquerque Villaça  
Mãe: Dayane Albuquerque Villaça  
Pai: Renato Villaça.

Eu não consigo acreditar que seja verdade. Minhas mãos começam a tremer, meus olhos enchem de lágrimas. Olho outra folha que também se trata de outra certidão.

Sophia Albuquerque Villaça  
Mãe: Dayane Albuquerque  
Pai: Renato Villaça.

Meu Deus, eu não estava acreditando. Elas estavam registradas com nossos nomes. Elas estavam registradas como nossas filhas. Elas enfim eram nossas, eram minhas meninas, nossas filhas. Choro de alegria, Choro de felicidade, eu não acredito que estava realizando meu sonho. Eu seria mãe, enfim eu seria mãe. Me jogo nos braços de Renato. Ele me segura forte.

- Obrigado Amor, obrigado por você ter me dado essa felicidade. Digo ainda em lágrimas.
- Eu também estou muito feliz por isso minha vida. Elas agora são nossas filhas, e ninguém vai tirar isso de nós.
- Vamos poder levá-las para casa hoje? Indago radiante.
- Sim. Estamos aqui para levá-las para a casa. Para casa delas. Eu pulo em seus braços de novo. Eu ainda não estava acreditando que hoje seria um dos dias mais felizes da minha vida.
- Vocês serão os melhores pais do mundo. Vejo nos olhos de vocês que essas pessoinhas terão sempre vocês do lado delas. Virgínia fala nos

fazendo orgulhosos.

- E seremos mesmo. Elas serão nossas vidas agora, e faremos tudo por elas. Digo olhamos para minhas filhas, minhas filhas. Eu não vou cansar de dizer e sentir isso.

Renato e eu pegamos ambas em nossos braços e à sensação de tê-las aqui é reconfortante. Nunca vou me cansar de abraçá-las, de beijá-la e de amá-las. Nossas vidas serão completas com elas, e tudo em nosso mundo será para elas.

Eu não me cansava de venerar minhas filhas. Minhas filhas. Desde a hora que sair do lar adotivo não conseguia parar de sorrir e de ficar babando nelas.

Já estávamos à caminho de Rio de Janeiro é tudo que queria era mostrar à elas seu novo lar, onde elas cresceram e nos chamariam de mamãe e papai. Não via hora disso acontecer.

- Como se sente? Renato questiona beijando à minha mão. Eu não sabia descrever tamanha felicidade que está dentro de mim. Nossas meninas estavam seguranças em suas cadeirinhas e tudo que fazia era olhar para elas e sentir uma alegria crescendo à cada olhar.
- Não sei descrever como me sinto. Eu estou feliz, estou radiante, me sinto ótima, e quero dar o melhor de mim para cuidar delas. Falo olhando para ele que tem seus olhos brilhando.
- Vamos ser ótimos pais Vida. Não fique com medo de fazer algo errado, porque nós vamos errar, mas estaremos mais que dispostos à corrigir nossos erros com elas. Somos pais de primeira viagem, e tudo é possível.
- Eu sei que sim. Só quero ser uma mãe maravilhosa para elas.
- E será meu amor. Tenho plena certeza disso. Já marquei uma hora com minha mãe para examiná-las, e também pedi à ela uma enfermeira para nos ajudar com elas.
- Você acha que é preciso?
- Sim. Pelo menos nesses meses que ainda falta da sua faculdade. Elas ficaram sob responsabilidade da enfermeira e depois à gente pode tirar se você quiser.
- Só vou aceitar até à faculdade acabar, depois quero ficar tempo integral com elas. Digo séria. Nunca achei que seria mãe depois que soube do meu problema e agora que tenho essa oportunidade, não quero ninguém criando minhas filhas.
- Já vi que vou ter uma mãe leoa em casa. Meu marido diz sorrindo.
- Elas são nossas filhas e nada e nem ninguém vai mudar isso. Falo.
- Não vai mesmo minha linda. Eu defenderia minhas meninas de tudo e de todos e não abriria mão de estar sempre perto delas.

Chegamos em casa e tinha uma recepção linda para minhas filhas. À sala estava decorada de balões e uma faixa de boas vindas às novas membras da família. Todos vieram para cima de Renato e eu para pegar essas pessoinhas lindas.

- Dayane elas são lindas! Cláudia diz se desmanchando ao pegar Amber e olha para Sophia que foi para o colo de Márcia .
- Minhas novas netas são as pessoinhas mais lindas que já vi. Márcia indaga babando também em Sophia
- Tão pequenas, tão gostosinhas. Sarah indaga segurando uma das mãozinhas da Sophia.
- Vocês já sabiam que tínhamos conseguido à adoção? Pergunto me sentando.
- Ficamos sabendo antes de vocês chegarem lá. Renato nos ligou para contar e nós resolvemos fazer uma recepção de boas vindas para essas nossas sobrinhas.
- Fico feliz por vocês estarem aqui. Digo e me levanto. Vou pegar uma máquina fotográfica para registrar esse momento. Vou para o escritório de Renato pegar à máquina.

Registro fotos de todos com as meninas. Seria legal fazer um álbum desse momentos em família, acompanhar o crescimento delas em cada foto. Eu cuidaria disso. Essas seriam as primeiras de muitas fotos que teremos delas.

Vera preparou vários quitutes para nós e cavamos fazendo uma festa mesmo. As meninas estavam toda manhosas nos braços dos nossos familiares. Era uma alegria só. Ava e Adam ficaram com um pouco de ciúmes, mas contornamos à situação. Até ficamos Ava pegar as meninas no colo, para a mesma se sentir bem. Adam ainda era muito novo para pegar elas, mas deixamos ele fazer carinho.

À noite todos foram embora. Antes Márcia e as meninas me ajudaram à dar banho nelas. Era um sonho dar o primeiro banho delas, à mamadeira. Estava muito feliz em poder fazer tudo isso.

- Desculpe não ter te ajudado aqui, mas minha mãe e duas irmãs não queriam deixá-las. Meu marido pede me abraçando por trás. Estava dentro do quarto delas ajeitando elas nos berços. O quarto por sinal ficou lindo. Eles fizeram um bom trabalho em pouco tempo.
- Não tem problema meu amor. Sabia que as minhas iriam adorar nossas filhas e iriam querer paparicar muito. Me viro para ele.
- Está cansada? Ele começa à beijar meu pescoço e já me sinto em chamadas por esse homem.

- Não. Poderíamos tomar banho e assim temos um tempo só nosso. Digo já beijando ele é andando até à porta.

Ele me pega em seu colo, e entramos em nosso quarto nos beijando. Me beija com paixão. Vai descendo os beijos pelo meu pescoço. Mordendo e chupando. Essa sensação é maravilhosa. Suas mãos percorre todo o meu corpo, me fazendo gemer. Me olha com desejo e começa à tirar a minha blusa. Vai descendo mordendo e chupando meus seios com uma intensidade que acredito que gozei. Ele continua ali ministrando suas carícias pelo seios. Já me sinto encharcada. Vai descendo seus beijos e começa a tirar a minha calça. Beija minha intimidade através da calcinha. Meu Deus, é hoje que morro de prazer. Ele tira a calcinha lentamente olhando fixamente para meus olhos. Essa tortura vai acabar comigo. Cheira minha intimidade e começa a lambear e morder. Esse homem vai me deixar nas nuvens. Acho até esqueceu que iríamos para o banho. Ele me chupa com volúpia. Eu já me sinto ofegante. Me chupa com mais força e penetrando um dedo dentro de mim, isso foi meu fim, eu acabei tendo um orgasmo intenso. Eu disse que ele me levaria nas nuvens. Minha respiração está acelerada, só sinto ele se posiciona em cima de mim novamente me beijando. Ele cessa o beijo e me olha.

- Eu te amo minha vida. Ele diz sair de cima de mim e começa a tirar a roupa.

Fico ali olhando aquele corpo que é meu, todo meu. Ele se despiu, e volta a me beija com mais calma e se posiciona na minha entrada, ele me olha e introduzir, ele continua sua investida, e eu gemo, pois me sinto mais desejosa por ele.

Ele me beija, beija meu pescoço e desce para meus seios, mamando como um bebê faminto. Fazendo eu me contorcer debaixo do seu corpo. Ele começa a mexer e sinto meu prazer se formar. Vai intensificando as estocadas e sinto algo crescendo mais forte dentro de mim. Renato fala no meu ouvido para que eu deixe vim. Ele está ofegante também. De repente meu corpo começa a desfalecer em um orgasmo bem intenso. Meu corpo todo treme. Meus gemidos são altos. Sinto Renato ainda dentro de mim. Ele ainda investi em mim umas duas vezes e chega ao seu ápice. Gemendo alto meu nome, se desmanchando em cima de mim.

Parecia que ele não estava mesmo afim de parar, não descansamos muito, pois ele me pegou no colo de surpresa e me levou para o banheiro e à nossa

brincadeira continuou ali, nos amando e fazendo juras de amor.

Antes de dormir fui no quarto das nossas filhas e verifiquei se estavam dormindo. Peguei a babá eletrônica e voltei para o quarto. Renato já estava deitado me esperando. Me Aconcheguei em seus braços e acabei dormindo.

Os dias tem passado e nossas noites são bem movimentadas com as pequenas. Elas acordam pelo menos três vezes na noite para mamar. Estávamos exaustos, porém não reclamamos de nada. Era nosso sonho ter nossas meninas aqui, e era mais que justo que elas exigissem a nossa atenção.

Estava com elas no parque. Como o sol estava fraco resolvi fazer um passeio com elas na pracinha. Eu estava amando poder sair com elas, me sentindo à mãezona. Me sentei em um banco e fiquei ali conversando com as duas que prestam atenção em tudo que falava. Faziam careta, sorriam, colocavam seus dedinhos na boca e até tentavam fazer barulho com a boca, mas faltavam, e ainda fechavam a cara por não conseguir o feito. Eu estava nas nuvens com esses serzinho que a cada dia venha enchendo meu coração. E as duas se pareciam muito a cada dia. Até mesmo nas expressões faciais.

- O que foi em meus amores? Porque estão com essas carinhas fechadas? Elas me olham meio desconfiadas. As duas prestam atenção como ninguém. Vocês já querem falar hein, mas são muito novas para isso. Elas mexem as boquinhas querendo fazer algum som, porém sem sucesso. Vocês estão muito espertas, mas ainda não podem falar. Só mexerem as boquinhas.
- Boa tarde! Sou interrompida por uma mulher com uma câmera fotográfica.
- Boa tarde! Digo não prestando a atenção nela.
- São suas filhas? Ela indaga e eu a olho desconfiada.
- São. Respondo secamente.
- São lindas. Posso tirar uma foto delas? Ela pede já posicionando a câmera para fazer a tal foto, porém eu ponho a mão na frente da lente.
- Não. Eu não quero que tire fotos delas. Ela nem esperou eu dizer e já queria tirar as merdas das fotos? Deve ter algum problema.
- Desculpe, é porque sou fotógrafa e gosto de tirar fotos. Ela tenta, porém não vai me fazer mudar de ideia.
- É, mas eu não quero que tire fotos delas.
- Que pena, elas são realmente lindas. Você vem sempre aqui?
- Porque a pergunta?



- Porque quem sabe você acaba aceitando que eu tire uma foto delas.
- Jamais. Falo e vejo outra mulher se aproximando.
- Que meninas mais lindas! O que há com as pessoas hoje?
- Acabei de dizer isso. À fotógrafa fala olhando muito para minhas pequenas, e eu só quero ir embora.
- Posso pegar? À outra já vem querendo pegar Sophia que está no carrinho do lado esquerdo.
- Não. Eu não gosto que pegue nelas. Falo me levantando. Da licença. Saio dali sem olhar para trás. À fotógrafa corre na minha frente e parar.
- Vamos chamar à polícia para você. Ela fala e eu fico olhando para ela tentando entender que porra é essa.
- Posso saber porque? Indago irritada.
- Porque você roubou minhas bebês. Começo à rir na cara dela.
- Faça mil favor. Eu tenho mais o que fazer. Passo por ela que segura meu braço. Olho sua mão no meu braço irritada.
- Tira sua mão de mim. Peço com mais raiva.
- Eu já chamei à polícia. À outra mulher diz logo atrás de mim. E agora entendo que elas podem querer roubar minhas filhas, mas isso não vai acontecer mesmo.
- Algum problema Sra Villaça. Mario aparece. Sorrio em alívio. Vejo as duas mulheres se olharem.
- Vamos esperar à polícia? Indago e elas fazem cara de medo. Ótimo, achei que vocês não iriam querer mesmo, porém vocês irão agora para dar satisfação ao delgado. Falo e elas tentando correr, porém três dos seguranças de Renato as seguram.
- Me larga. Eu só me confundi. À fotógrafa diz e eu sorrio.
- Fale isso para o delegado. Boa tarde para vocês.

Vou embora mais aliviada, porém um medo me consumiu, pois elas poderiam ter roubado minhas filhas. Ainda bem que não deixei tirarem foto e nem pagarem elas, pois essa hora eu poderia estar sem elas. Meu coração aperta com esse fato. Um medo me toma e tudo que quero é ir para casa e protegê-las.

Mario coloco o carrinho delas no carro e nos leva para casa em segurança. Ele me ajuda com tudo até chegar em casa. Ao adentrar em casa me sinto mais aliviada. Eu não posso conviver com medo de sair com minha filhas. Elas precisam disso. Meu celular toca e é Renato. Atendo.

- Você e as meninas estão bem? Ele indaga antes mesmo que eu diga qualquer coisa.
- Sim, estamos. Falo.
- O que aconteceu no parque? Ele pede.
- Duas mulheres estranhas querendo tirar fotos das meninas e pegá-las no colo, porém eu não deixei. Me levantei, e elas vieram me atacar com palavras dizendo que eu havia roubado as meninas dela. À outra disse ter chamado à polícia. Relato olhando para as minhas pequenas que dormem no carrinho.
- O delegado já está com elas. Ele me ligou dizendo que quer seu depoimento. Pedi à ele que fosse aí em casa para tomá-lo.
- Tudo bem. Indago não deixando de pensar que aquelas mulheres são sequestradores de crianças.
- Renato, você acha que elas são sequestradores de crianças? Questiono com meu coração pequeno. Eu morreria se tirassem elas de mim, de nós.
- Eu não quero te alarmar, mas sim. Nossos seguranças encontraram várias fotos de crianças na bolsa delas. Não só de bebês, mas de crianças maiores. Meus olhos enchem de lágrimas. Eu poderia ter perdido elas. Dayane você está aí?
- Sim. Estou.
- Vida sei que está apreensiva e angustiada com isso, mas quero que você fique bem. Nada vai acontecer com nossas filhas.
- Eu tenho medo. Não sabemos quantas pessoas ainda existem para fazer mal, ainda mais à um ser tão indefeso. Limpo meus olhos que insistem em sair lágrimas.
- Calma, nada vai acontecer com elas. Vamos ficar bem. O delegado vai estar aí às cinco da tarde, e eu estarei aí também. Não fique pensando nisso. Você e as meninas vão estar sempre protegidas. Ele sempre cuida de tudo e essa confiança que me deixa tranquila.
- Tudo bem. Eu vou esperar você.
- Te amo linda, fique calma.
- Também te amo. Te espero. Digo e desligamos.

Subo com as meninas para o quarto. Deixo elas deitadas na minha cama enquanto vou tomar um banho. Respiro fundo, pois não quero viver esse horror novamente. Passei meses vivendo um pesadelo e agora viver esse tormento de novo e ainda com minhas filhas, eu não conseguiria ficar bem. Tomo banho e depois coloco um macacão preto.

As cinco horas o delegado estava na minha casa junto com Renato. Ele começa à fazer todo tipo de pergunta sobre as mulheres e eu respondo todas. Ele diz que elas não querem falar. Mas com meu depoimento e também com as fotos que acharam na bolsa delas, ficariam presas por muito tempo. Fico aliviada com essa informação, porém sei que elas não são as únicas à fazer esse tipo de atrocidade. Espero não passar por isso nunca mais.

## **Capítulo 53**

Depois do episódio da pracinha não andei mais sozinha. Mesmo sabendo que os seguranças estariam ali por perto, fiz questão de sempre trazer à enfermeira também. Não quero correr o risco de alguém conseguir pegar minhas meninas, mesmo Renato triplicando os seguranças, eu ainda não estava cem por cento tranquila. Esse bando de loucos podem agir de todas as formas possíveis, ainda mais sabendo que as vadias do parque não abriram à boca até hoje, mas o delegado garantiu que elas ficariam presas.

Sete meses já havia se passado. E hoje eu sou uma arquiteta. Minha formatura foi linda. Todos da minha família compareceram, inclusive minhas pequenas. Elas estavam lindas, como estão até hoje. Começaram à querer andar com seus nove meses e meio. Então tivemos que fazer várias adaptações na casa para elas. Fora que estão falando coisas desconexas igual à um papagaio. Meu Deus, era

assunto com essas duas o tempo todo. Era pegar um brinquedo, começavam à falar sem sentido, no banho elas pareciam uma maritaca falante, porém o que Renato e eu conseguimos entender era só mama, papa, titi e Veve, que era o apelido de Vera. Até vovó e vovô era Sosso e Sossa, e algumas palavras que elas não expressam tão bem. Então eu só sorria quando elas começavam.

Estava já preparando o aniversário delas. Nossa elas teriam à festa. Seria aqui em casa mesmo. Já estava fazendo à lista de tudo que precisava para decoração que seria de bonecas, já que as duas amam. Comida, bebidas, doces e salgados, e balões, muitos balões, pois elas também não podiam ver que adoravam, ainda mais quando estouraram, à gargalhada era contagiante. Amo vê-las sorrindo.

- Boa noite minha vida! Renato pede chegando no nosso quarto. Ele se aproxima e me beija quase me deitando na cama.
- Hum, Sr Villaça, acho que vou pedir à Vera para ficar com as meninas, assim você pode cumprir essa promessa desse beijo.
- Tentador, mas meus pais estão lá embaixo querendo ver vocês três. Eles estão com saudade. Faço cara de surpresa, não sabia que eles iriam vim até aqui.
- Eles chegaram com você? Indago.
- Sim. Vamos descer? Eles já estão paparicando as netas que estão igual ao papagaio. Sorrio com isso.
- Imagino. Me levanto sorrindo e descemos.

Márcia e Dantas estavam sentados no sofá prestando atenção nas netas falantes.

- Boa noite Márcia, Dantas! Peço cumprimentando ambos com um beijo.
- Como está filha? Márcia questiona se sentando.
- Estou ótima e vocês?
- Estamos ótimos também. Estávamos com saudades dessas pessoinhas aqui. Elas estão cada dia mais lindas.
- E falantes né mamãe? Renato pede e Sophia já vem para o colo dele.
- Papa...
- Oi princesa.
- Papa, sosso tasa eu. Sophia fala, ou pelo menos tenta falar.
- Vovô veio na casa da Sophia? Eles vieram ver você e à Amber.
- mazinha Sophia. Ela chama Amber de mazinha.
- Sim, Amber irmãzinha.

Márcia e Dantas não ficaram muito. Apesar de querer que eles ficassem para jantar, Márcia ainda tinha que dar plantão no hospital. Eles foram embora e Renato e eu fomos dar banho nessas pessoinhas falantes antes do jantar.

Jantamos à base de muita risada delas. Elas não cansam de falar nem um minuto. E chamava mama, papa e começavam à falar coisas sem sentido nenhum para nós. Depois do jantar sentamos na sala e brincamos um pouco com elas.

Na hora de dormir colocamos elas para dormir junto da gente para depois levar para o berço. Enfim elas apagaram. Renato e eu fomos tomar banho e ali mesmo fizemos amor. Dormimos exaustos.

À rotina da manhã era à mesma desde de que as gêmeas entraram em nossas vidas. Claro que Renato e eu escapávamos para namorarmos ainda pela manhã, porém quando as meninas levantavam à todo vapor não tínhamos como deixar somente com Vera. Renato vinha insistindo para que voltássemos com à enfermeira que seria à babá das meninas. Eu tirei assim que me formei e ainda não estava querendo voltar com ela. Sempre que queríamos sair só nós dois deixávamos Vera com elas após dormirem. Então tudo estava tranquilo para mim. Descemos para tomar café com elas, que já estavam toda elétrica.

- Vida, você lembra que tenho que viajar amanhã?
- Sim, lembro. Dois dias fora? Indago com um biquinho.
- Sim, dois dias fora. Afirma dando selinho nos meus lábios.
- Tudo bem. Vamos sentir sua falta.
- Eu também vou. Agora deixa eu ir, porque o dia vai ser puxado. Qualquer coisa estou no escritório. Te amo. Ele se levanta e me beija com desejo. Na verdade sempre nos beijamos assim é tenho vontade de voltar para cama com ele.
- Também te amo. Digo após ele cessar o beijo.
- Tchau minha princesas. Papai ama vocês. Da um beijo em cada uma que está com um sorriso quase banguelo, na verdade cada uma tem dois dentinhos em baixo. As mesmas sorriem e dão tchau.

Ligo à TV na sala em um canal de desenho e pego alguns brinquedos para as elas brincarem. Me sento no sofá com minha agenda e começo à fazer à lista de convidados para à festa delas. Também volto à olhar o bufê, monitores e brinquedos.

Meu dia passou rápido demais com essas duas pessoinhas. A noite Renato chegou e dedicou o tempo dele todo para elas. Pelo menos até elas dormirem exausta pelas brincadeiras deles. Tomamos banho e fizemos um amor gostoso e intenso.

Ele viajou pela manhã e eu já estava sentindo falta dele, mesmo que não fazia muito tempo que ele saiu daqui. Faz várias recomendações para não sair de casa sem seguranças e qualquer coisa ligar para ele.

Tomei banho e tomei café com minhas duas falantes. Elas não paravam de chamar papa, e tive que ligar para Renato para o mesmo conversar um pouco com elas.

Antes do almoço estava brincando com elas e uma dor forte me atingiu abaixo da barriga. Respirei fundo e continue brincando com elas. Vera avisou que o almoço estava pronto e fomos nós duas dar papinha para elas.

- À Sra está bem? Vera questiona olhando para mim após eu suspirar. À dor estava forte, e eu não entendia porque. Deve ser uma cólica.
- Estou com uma cólica horrível. Digo massageando minha barriga.
- Vou pegar um remédio para Sra. Ela se levanta e vai para cozinha. Volta em poucos minutos e me dar o remédio com um copo d'água.
- Obrigada Vera.
- Veve. Amber pede e Vera sorrir.

Almoçamos e fui dar banho nelas. Vera sempre me ajudava nessa parte também. Me abaixo para pegar Amber na banheira e à hora que me levanto com ela no colo a dor vem com tudo. Fecho meus olhos e seguro firme Amber. Meu Deus o que é isso? Nunca tive dores tão forte. Vou com calma para meu quarto e troco Amber e Vera já está trocando Sophia.

- Estou vendo que as dores não passaram. Vera percebe minha cara de dor.
- Não mesmo. E pior que nunca sentir isso.
- Quer ir ao médico? Eu posso ficar com as meninas.
- Não Vera. Daqui à pouco passa. Eu acredito que não é nada.

Começo a pensar que minha menstruação veio na semana passada, então não era

para eu estar com cólica. Respiro mais uma vez fundo e tento não pensar nisso. Acabamos de arrumar as meninas. Vera desceu e disse que qualquer coisa é para chamá-la. Agradeço à mesma e coloco as meninas deitadas para tirar seus cochilos à tarde. Acabo dormindo um pouco também para ver se à dor passa.

Acordo com à dor mais forte e intensa. As meninas continuam dormindo. Me levanto e vou para dentro do banheiro lavar meu rosto. Eu estou quase sentindo falta de ar. Droga. levanto meu rosto e seco. Volto para para o quarto e me deparo com sangue na cama. Merda, passo as mãos no meu short e eu estou sangrando. Droga. O que será que tenho? Vou para fora do quarto para chamar Vera. Desço as escadas devagar, porém é inevitável. À dor me deixa sem ar.

- Vera. Chamo me sentando no meio da escada. Vera. Grito novamente.
- Sra. Ela aparece e fica desesperada ao ver o sangue. O que à Sra tem?
- Não sei Vera. Minha cama está cheia de sangue, e eu estou com muita dor. Faz um favor para mim. Indago com dificuldade.
- Pode falar.
- Tire as meninas da minha cama e coloque as no berço. Respiro. Vou tomar um banho e tirar essa roupa.
- A Sra precisa ir ao médico. Vou pedir à um dos seguranças para te levar. Somente assinto sem forças alguma para responder.

Ela me ajuda à levantar e seguimos para o quarto. Me sento na cama enquanto ela tira as meninas com cuidado para não acordar. Me levanto e minhas vistas ficam embaçadas, tento enxergar mas é em vão. Sinto somente tudo rodar à minha frente e não ver mais nada.

Acordo em um lugar branco. Não me lembro direito o que aconteceu. Lembro que estava no meu quarto e minhas vistas estavam embaçadas, depois disso não lembro de mais nada. Estou ligada à aparelhos e não entendo o porquê.

- Dayane, que susto irmã. Cláudia diz adentrando o quarto.
- O que houve comigo? Peço me sentando.
- Não sabemos ainda. O médico não disse. Suspiro.
- E as meninas? Como estão? Me preocupo com elas, pois nunca tive que me afastar.
- Estão com Vera, mas Sarah também está na sua casa ajudando ela.
- Eu estava sangrando, e com muita dor.

- Vera disse que desde cedo você não estava bem. Podia ter ligado para gente.
- Não achei que ficaria mal com as dores. A porta é aberta por um médico e depois entra à Dra Alanes à qual é ginecologista e obstetra. Não entendo o motivo dela aqui, mas me faz pensar que meu problema no útero pode ter piorado, por isso o sangramento.
- Como se senti Sra Villaça? O médico questiona.
- Agora melhor, mas o que tive? Peço e vejo eles suspirarem. Podem falar, não quero que me escondam nada.
- Nem podemos esconder nada da Sra já que à situação é grave. Dra Alanes diz. Me assusto com suas palavras.
- Então diz. Peço e Cláudia vem para meu lado. Olhamos as duas firme para os médicos em nossa frente. Meu coração se aperta. Na hora que à Dra iria abrir à boca à porta se rompe demonstrando um Renato com à cara preocupado.
- Vida o que houve? Ele pede me beijando e abraçando. Parece não ter ninguém à nossa volta, pois ele fica me olhando. Conversa comigo. O que você tem?
- Não sei ainda amor. Os médicos já estavam prestes à me dizer. Falo e ele olha para os médicos à nossa frente.
- Podem falar, o que minha esposa tem? Ele indaga segurando minhas mãos.
- Sra Villaça teve um aborto. Ela fala e eu fico sem reação e confusa.
- Aborto? Renato tira à pergunta da minha boca. Ele parece tão confuso quanto eu.
- Sim. Mas um pouco não conseguiríamos salvar o bebê.
- Deve está havendo um engano aí, pois eu não posso ter filhos. Falo.
- Sim, eu sei do seu caso e é por isso que estou aqui. À Sra está grávida de dois meses, porém não aconselho à levar essa gestação adiante.
- A dra ficou louca? Renato indaga com raiva. Ele se levanta. À minha esposa está grávida e você está pedindo para não levar essa gravidez adiante?
- Sr Villaça essa gravidez pode custar à vida da sua esposa e também o bebê pode não nascer, se nascer pode ter sequelas. Renato me olha com misto de revolta e tristeza.
- Eu não vou tirar meu filho. Eu não podia engravidar. Foi me dito que para eu engravidar seria através de um milagre. Então esse bebê é meu milagre. Não vou tirá-lo. Indago firme.
- O que podemos fazer para não termos riscos? Renato questiona me



apoando. Sei que por dentro ele está com medo, mas esse bebê é nosso milagre.

- Podemos deixar ela de repouso absoluto. Nada de esforço físico, nada de chateação, nada de andar, nem para o banho. Engulo em seco, pois nossas meninas precisam de mim.

- Com isso ela não vai correr nenhum risco? Cláudia questiona.

- Amenizamos os riscos, mas tudo vai depender de como a gestação será levada. Vejo a Dra suspirar. Sra Villaça é importante que a Sra siga a risca tudo que recomendarmos. Sua gravidez é de risco e caso tenha problemas durante o período da gestação teremos que fazer o seu marido escolher entre sua vida e a do bebê. Nossas consultas serão feitas de quinze em quinze dias para monitorar seu estado e do bebê. Não podemos deixar nada acontecer já que querem levar essa gestação adiante. Peço que qualquer coisa me liguem.

- Podemos fazer um ultrassom para ver nosso bebê? Indago com esperança.

- Não. Eu tinha pedido um de urgência para confirmar a gravidez e ainda verificar se tudo estava bem com sua placenta e útero. Vamos fazer outro daqui a quinze dias. Só peço para ambos terem ciência que essa gravidez precisa de todo cuidado do mundo.

- Ela vai precisar ficar internada? Renato pede.

- Somente hoje, para termos certeza que tudo ficará bem. E reafirmo que precisam tomar todo tipo de cuidado. Dra Alanes diz e eu assinto.

Eles saem e ficamos Renato, eu e Cláudia. Vejo nos olhos de Renato que ele não está seguro com nossa decisão.

- Você está com medo? Indago já sabendo a resposta.

- Sim. Não vou mentir para você. Eu não quero te perder, por mais que seja nosso filho aqui dentro, eu não quero te perder.

- Não vai. Eu vou seguir a risca tudo que a médica disse.

- E vai mesmo. Porque eu não quero perder nenhum de vocês dois e muito menos quero escolher entre ele e você.

- Vamos ficar bem. Só fico preocupada com as meninas. O aniversário delas está chegando e estava empolgada com a organização.

- Pois vamos entregar isso nas mãos de uma organizadora de festas e também a babá volta amanhã para nossa casa. Na verdade duas babás. Não quero você se preocupando com nada nestes sete meses restantes. Vamos fazer de tudo para ter nosso filho vida.

- Eu te amo, obrigada por me compreender.
- Estou tentando fazer o que você quer, mas qualquer sinal que me mostre que eu irei te perder eu tomarei outra atitude, você querendo ou não. Ele fala firme. Sei que ele está com medo, mas eu farei de tudo para nosso filho nascer e ficar bem. Eu quero tê-lo nos meus braços. Ele é meu milagre, e esse milagre vai nascer bem e saudável.

## Capítulo 54

Minha vida e da minha família era pura alegria. Eu não me cansava de ver as gêmeas andando pela casa, tentando falar, e melhor ainda era ver à satisfação no rosto da minha esposa. Isso sim era tudo para mim. Desde quando adotamos elas, nossas vidas e minha relação com Dayane está cada dia melhor. Não a vejo triste, não vejo ela reclamando de nada, até mesmo de ter deixado sua carreira para ser mãe. Pelo contrário, ela está mais que feliz, realizada.

Esses meses que se passaram tive notícias de Paula. Ela está circulando pela Europa tranquilamente. Pierre tem três dos seus homens na cola dela. Queremos descobrir onde estão os demais, para que possamos pegá-los de uma vez só, dessa vez não quero que sobre ninguém. Eu quero viver em paz e tranquilo. Até mesmo passar tranquilidade para minha família. Sei que desde que as gêmeas quase sequestradas, Dayane não fica totalmente segura em sair, por mais que tripliquei à segurança, ela ainda está receosa. Porém eu já estou para pegar esses bandidos e dar paz à muitas famílias que estão sendo prejudicadas por eles.

As duas mulheres que foram pegadas, ainda não falaram nada. Estão presas à meses, mas não abriram à boca. Eu tinha esperança que elas falassem que está por trás disso, mesmo sabendo que pode ser Paula e seu bando. Porém eu não posso afirmar, já que pessoas assim tem um monte. Mas sei que uma hora eles vão cair, e não terão escapatória. Eles vai parar no buraco que um dia foi palco de muito sangue e corpos. Eu não tenho medo e nem remorso do que fiz e estarei preste de fazer novamente. Pessoas assim merecem todo mal que elas semearam.

Estava sentindo meu coração à mil, pois deixaria Dayane com nossas filhas sozinhas. Desde que adotamos nossas meninas, eu não me afastei, mesmo que precisasse eu dava um jeito de não ir e deixá-las sozinhas. Mas dessa vez eu não tenho como não ir. Minha presença é crucial para fechar esse negócio, então já estava para viajar. Me despedi das minhas vidas e fui. Avisei para Pietro, um

dos seguranças que estava ficando e iria chefiar os outros, pois Pierre viria comigo, para me deixar à par de qualquer situação em casa. Não importa o que seja, eu quero ser avisado de imediato.

Em New York já fui logo ter minha reunião. Eu passaria dois dias aqui, e dois dias fechando negócio com duas empresas. Então hoje passaria o dia todo dedicado à uma empresa e a manhã a outra. Na sala de reunião está cheia de pessoas, inclusive advogados que querem já redigir nosso acordo.

O dono da empresa passa horas falando, e falando e eu já quero ir embora. Droga eu só quero fechar esse negócio, mas o dono está dando voltas e voltas, não sendo nada objetivo, e uma das coisas que prezo, principalmente nos negócios é que sejam objetivos e me mostre o que querem de mim, assim como mostro o que quero deles.

Meu celular toca e é Pietro. Tenho certeza que tem problema em casa. Suspiro e interrompo à reunião pedindo licença, pois recebi um telefonema urgente. Eles me olham de cara feia, mas eu não me importo. Minha família vem em primeiro lugar. Saio para fora da sala e Pierre que estava me esperando já me olha preocupado.

- O que houve em casa? Questiono a Pierre.
- A Sra Villaça passou muito mal e está no hospital. Ele fala e franzo à testa.
- Mal? Saímos de casa ela estava bem. Indago preocupado.
- Eu não sei o que houve Sr. Só sei que Pietro encontrou em contato dizendo que a Sra saiu de casa carregada e sangrando.
- Que porra é essa? Pede para Garrel preparar o avião, vamos para casa agora. Digo e volto para sala. Todos me olham.
- Podemos voltar à reunião Sr Villaça? Mark o dono questiona meio irritado.
- Não. O Sr passou quase três horas falando e falando e nada de ser objetivo do que quer comigo e com a minha empresa, acredito que já era para termos feito uma reunião com todos os pontos e assim fecharmos negócio, e agora eu não tenho como ficar. Tenho um problema mais urgente que pede à minha atenção. Eu preciso ir embora. Caso seja do seu interesse fazer negócio mande um e-mail para minha secretária. Falo já saindo. Não espero nem ele responder. Minha mente já está a mil, tentando entender o que se passou com Dayane.

Eu deixei ela bem e na metade do dia ela não está bem, sendo necessário ser encaminhada para o hospital. Pierre está em meu encalço dizendo que tudo está preparado para voltarmos para casa. Eu não consigo pensar direito. Tenho total certeza que ela não tinha nada, ela não reclamou de nada ultimamente, à não ser que estivesse me escondendo algo, não é possível. Conversamos tanto, sabemos ler um ao outro para que possamos descobrir quando o outro não está bem, e mesmo assim eu deixei passar que ela estava mal. Mil vezes Merda. Passo as mãos na cabeça tentando buscar um dia, um só dia que não pudesse ter percebido que ela não estava bem.

Já estava sentado no dentro do avião. Faziam pouca horas que o mesmo havia decolado e minha mente não parava de remeter aos dias que sentia que estávamos felizes, sem nenhum problema. Não consigo achar um só dia que ela demonstrasse o contrário. Não é possível isso. Não adianta eu pensar tanto, enquanto não chegar no hospital e saber realmente o que está havendo.

Cheguei e um carro já estava nos esperando. Pierre e eu entramos e pedimos para Felipe dirigir rápido para o hospital. Ele não diz nada e segue em silêncio.

- As minhas filhas estão com quem? Questiono à Pierre preocupado também com minhas meninas.
- Com Vera e à Sra Sarah. Eu apenas assinto agradecendo por elas terem alguém.

Em menos de vinte minutos estávamos no hospital. Passei na recepção e já fui perguntando sobre Dayane Villaça. A recepcionista com cara de sono quase não consegue olhar no computador. Eu estava muito nervoso e ainda apareciam pessoas para ficar fazendo hora comigo. Respirei fundo e já fui logo soltando meu nervosismo em cima dela.

- Escuta aqui Srta Walk, por gentileza vá dormir na sua casa. Esse hospital não pode ter pessoas como à Srta. Digo e ela me olha em choque.
- O que o Sr deseja Sr Villaça? Uma outra recepcionista vem ao meu socorro.
- Dayane Villaça. Digo e ela já olha no computador.
- Quarto 315. Mal ela fecha à boca e eu já saio correndo. Entro no elevador que está vazio e aperto o andar. Pierre fica me olhando pelo canto do olho. Parece uma eternidade. Esse elevador nunca chega.

Quando as portas se abrem eu já vou logo para o corredor à procura do quarto, quando encontro entro sem bater. Não vejo nada em minha frente. Só quero saber que ela está bem, e nada vai acontecer à ela.

- Vida o que houve? Peço já beijando e abraçando ela. Ela não diz nada e eu busco em seu olhar que ela está bem. Conversa comigo. O que você tem?
- Não sei ainda amor. Os médicos já estavam prestes à me dizer. Olho para os médicos atrás de mim. Suspiro e eu quero saber o que está havendo.
- Podem falar, o que minha esposa tem? Seguro uma das mãos dela, tentando passar segurança. Seja o que for vamos passar isso juntos.
- Sra Villaça teve um princípio de aborto. Aborto? Dayane teve um princípio de aborto? Estou confuso e vejo que minha esposa também está.
- Aborto? Questiono confuso.
- Sim. Mas um pouco não conseguiríamos salvar o bebê.
- Deve está havendo um engano aí, pois eu não posso ter filhos. Dayane diz tentando entender à situação.
- Sim, eu sei do seu caso e é por isso que estou aqui. À Sra está grávida de dois meses, porém não aconselho à levar essa gestação adiante. Essa dra ficou louca? Que poder ela tem para dizer isso? Vejo que minha mulher está grávida, de um filho que não tínhamos esperança nenhuma de ter e agora à médica diz que é para abortarmos? Nem sobre meu cadáver.
- A dra ficou louca? Indago com raiva. Me levanto possesso. À minha esposa está grávida e você está pedindo para não levar essa gravidez adiante?
- Sr Villaça essa gravidez pode custar à vida da sua esposa e também o bebê pode não nascer, se nascer pode ter sequelas. Olho para Dayane revoltado e triste ao mesmo tempo. Eu sempre quis ter um filho nosso, mas com as gêmeas esse sonho estava realizado, pois não nasceram de nós, mas são nossas, porém um terceiro filho iria nos trazer mais alegria, mas não dessa forma. Não à custa da vida da minha mulher.
- Eu não vou tirar meu filho. Eu não podia engravidar. Foi me dito que para eu engravidar seria através de um milagre. Então esse bebê é meu milagre. Não vou tirá-lo. Dayane indaga firme e eu não estou tão certo dessa decisão. Querer outro filho eu quero, mas não assim, não quero perder minha esposa para isso.
- O que podemos fazer para não termos riscos? Questiono para apoiá-la,

mesmo não tendo certeza disso.

- Podemos deixar ela de repouso absoluto. Nada de esforço físico, nada de chateação, nada de andar, nem para o banho. Se interdita-la for o caso para não termos problema, eu farei.

- Com isso ela não vai correr nenhum risco? Cláudia questiona.

- Amenizamos os riscos, mas tudo vai depender de como a gestação será levada. Vejo a Dra suspirar. Sra Villaça é importante que a Sra siga a risca tudo que recomendarmos. Sua gravidez é de risco e caso tenha problemas durante o período da gestação teremos que fazer o seu marido escolher entre sua vida e a do bebê. Gelo com essa informação. Jamais quero passar por isso. Nossas consultas serão feitas de quinze em quinze dias para monitorar seu estado e do bebê. Não podemos deixar nada acontecer já que querem levar essa gestação adiante. Peço que qualquer coisa me liguem.

- Podemos fazer um ultrassom para ver nosso bebê? Dayane indaga com esperança. Sei que ela está feliz, e eu também estou, porém estou com medo.

- Não. Eu tinha pedido um de urgência para confirmar a gravidez e ainda verificar se tudo estava bem com sua placenta e útero. Vamos fazer outro daqui a quinze dias. Só peço para ambos terem ciência que essa gravidez precisa de todo cuidado do mundo.

- Ela vai precisar ficar internada? Só consigo pensar na minha família com tudo isso.

- Somente hoje, para termos certeza que tudo ficará bem. E reafirmo que precisam tomar todo tipo de cuidado. Dra Alanes diz e minha esposa assentiu.

Eles saem e eu não estou seguro de nada. Queria poder conversar com ela sem trazer traumas, mas como a Sra disse, ela não pode ficar nervosa.

- Você está com medo? Ela indaga sabendo como me sinto.

- Sim. Não vou mentir para você. Eu não quero te perder, por mais que seja nosso filho aqui dentro, eu não quero te perder.

- Não vai. Eu vou seguir a risca tudo que a médica disse.

- E vai mesmo. Porque eu não quero perder nenhum de vocês dois e muito menos quero escolher entre ele e você.

- Vamos ficar bem. Só fico preocupada com as meninas. O aniversário delas está chegando e estava empolgada com a organização.

- Pois vamos entregar isso nas mãos de uma organizadora de festas e também a babá volta amanhã para nossa casa. Na verdade duas babás. Não

quero você se preocupando com nada nestes sete meses restante. Vamos fazer de tudo para ter nosso filho vida. Nem que para isso eu tenha que encher aquela casa de enfermeiras.

- Eu te amo, obrigada por me compreender.
- Estou tentando fazer o que você quer, mas qualquer sinal que me mostre que eu irei te perder eu tomarei outra atitude, você querendo ou não. Indago firme. Eu não vou exitar em tomar outra atitude.
- Gente eu vou embora. Agora que você chegou, eu vou embora. Mas qualquer coisa pode me ligar. Cláudia fala e eu apenas assinto. Ela dar um beijo em Dayane. Fica bem minha irmã, eu estou aqui para você e por você.
- Obrigada Cláudia. Obrigada por ficar comigo até agora. Dayane diz.
- De nada. Renato. Ela me cumprimenta com dois beijos no rosto. Cuida dessas vidas aqui. Ela aponta para Dayane com olhar triste. Eu sei que ela também está temerosa.

Cláudia vai embora e ficamos ali tentando ver o que pode ser feito. Uma enfermeira entra para checar à I.V. Aproveito para ir para fora. Preciso pedir à Pierre para resolver algumas coisas para mim. Pierre já estava na porta esperando alguma novidade. Digo à ele que Dayane está grávida, e uma gravidez de risco, portanto necessito que ele vá para casa e faça umas mudanças para mim. O meu quarto tem que descer, não posso manter Dayane lá em cima enquanto não tivermos o nosso filho. Mesmo ela não podendo se locomover, o quarto de hóspedes que dar para o jardim será ideal para ela. Ele sai para fazer o que pedi.

Ligo para minha mãe e peço para contatar duas enfermeiras para ajudar com as meninas. Conto à ela sobre à gravidez de risco, e à mesma fica feliz ao mesmo tempo triste. Ela me dar todo apoio e diz que qualquer coisa é para ligar para ela e papai. Agradeço.

Ligo para casa para saber dos meus dois amores. Vera teve que colocá-las para falar, pois estavam chamando por Dayane e eu. Entrei no quarto e Dayane também pode falar com elas. Elas ficaram eufóricas e acabaram chorando porque queria à gente. Foi difícil desligar o telefone.

Passei o resto do dia ali com Dayane. Ela sempre falando que ela iria ficar bem, que nosso milagre iria nascer bem. Eu estava querendo acreditar nisso, mas o medo está crescendo a cada minuto que penso que essa gravidez possa não ser tão tranquila. Eu quero esse filho, quero mesmo, porém também quero minha



mulher, já temos duas filhas que precisam da gente, precisam da mãe.

## **Capítulo 55**

Dayane havia recebido alta na parte da manhã e assim pudemos ir para casa. Chegamos na mesma e as meninas já foram logo para cima da gente. Elas estavam chorando quando chegamos e como Dayane não podia pegá-las eu tive que dar ela uma das meninas para sentar em seu colo enquanto eu ficava com outra.

- Elas sentiram nossa falta. Dayane fala com os olhos cheios de lágrimas.

- Eu sei que sentiu, porém devemos seguir as recomendações médicas para não termos problemas. Nada de pegá-las no colo.
- Elas não entendem isso Renato. Já vi que terei que ter paciência com minha mulher teimosa.
- Dayane, olha para mim. Respiro fundo para não parecer duro nas minhas palavras. Ela me olha. Eu sei que elas não entendem isso, por isso contratei duas enfermeiras para ajudar com elas e também para não deixar você pega-las. Você me disse que quer levar essa gravidez adiante, e eu estou fazendo de tudo para entender que vamos passar durante sete meses pode não ser o que queríamos. Você disse que seguiria as recomendações ao pé da letra, então não venha fugir às regras, não venha tentar fazer as coisas do seu jeito. Eu não estou disposto a viver pisando em ovos durante meses, não quero você preocupada com nada. Só quero que você siga as regras. Ela me olha já escorrendo lágrimas do seus olhos.
- Eu só quero que você me entenda. Somos pais de duas crianças que não tem nenhum um ano ainda. E precisam da nossa atenção também.
- Eu entendo. Tanto entendo que eu estarei aqui à maior parte do tempo para suprir o que você não pode fazer com elas mais. Mas você é que tem que ter na sua cabeça que sua gravidez é de risco. Estarei aqui para você Vida, mas não posso fazer nada se você não se ajudar.
- Eu farei tudo que tiver que ser feito para nosso milagre nascer.
- Não só isso, eu quero que você faça de tudo para você também ficar bem. Tem aqui três pessoas que precisam de você. Ela precisa pensar que as meninas e eu precisamos dela.
- Eu farei. Afirma beijando à cabeça de Amber que está em seu colo.
- Ótimo, agora vamos para o quarto. Você precisa de repouso absoluto. Digo levando ela para o quarto na cadeira de roda. Amber ainda está abraçada à mãe sem falar nada.

Pego Amber e coloco na cama assim que adentramos o quarto. Ela resmunga, chama mama, e assim que coloco Dayane na cama ela já vem para sentar no colo da mãe. Sophia também aparece chamando mama. Elas estão com saudades da mãe, e neste momento eu prefiro deixar que elas matem à saudades, porque depois eu não vou permitir que elas fiquem em cima de Dayane.

- Você pediu para nós trocar de quarto? Ela questiona segurando firmes essas duas pessoinhas que estão caladinhas.
- Sim. Não podia deixar você lá em cima isolada. Aqui pelo menos tem o jardim, o ar puro.

- Fico feliz que você pensou em tudo. Dou um selinho nela e depois olho para minhas duas pecinhas que estão muito caladas.
- Elas estão muito caladas, não estão? Peço pegando nas pequenas mãos delas.
- Acho que elas estão com saudades demais da gente. E hoje só vai querer ficar agarradas a gente.
- Vamos monitorá-las, não gosto de vê-las assim. Normalmente elas são tão alegres, sorridente e falantes. Dayane apenas assentiu. Vou tomar um banho. Qualquer coisa aperta esse botão que Vera ou as Babás aparecem rápido.
- Tudo bem. Nós três vamos ficar aqui quietinhas. Só liga à TV para elas. Eu levanto e ligo à TV e pego o controle passo para Dayane. Dou um beijo nas três antes de tomar banho.

Vou para o banho e tomo o mesmo bem demorado. Preciso tirar essa tensão do meu corpo, ainda tinha que ligar para Pierre, pois o mesmo tinha me ligado mais cedo, porém eu quero esse assunto de Paula e os demais bandidos fora do alcance de Dayane. Eu não quero nenhuma preocupação atormentando a mesma.

Saio do banho e vou para o closet. Passo pelo quarto e vejo minha três lindas deitadas vendo televisão. Dayane está quase dormindo. Entro no closet e me visto com uma calça jeans e uma blusa polo preta. Deixo meus cabelos como estão.

Dayane está de olhos fechados, presumo que dormiu, então coloco um travesseiro do lado das meninas, pois elas não vão demorar à pegar no sono. Vou para cozinha e encontro Vera e as duas enfermeiras.

- Bernadete, gentileza ir no quarto de umas das meninas e pegue à babá eletrônica. Peço.
- Sim Sr. Elas estão dormindo?
- Sim. E não tive oportunidade de conversar com vocês. Minha esposa não pode por hipótese nenhuma pegar as gêmeas, não pode passar stress nenhum. Então preciso da sua ajuda. As meninas vão querer à mãe, e podemos deixar elas com Dayane, mas nada de deixar à mesma se esforçar. Vera, Dayane não pode de levantar, temos que mantê-la em repouso absoluto. Faremos de tudo para esses sete meses passar bem, sem nenhum atrito, sem nenhuma chateação e também sem ela poder se esforçar para

nada.

- Ok Sr.
- Ótimo, qualquer coisa estou no escritório.

Entro no escritório e me sento passando as mãos na cabeça. Pego meu telefone e ligo para Pierre. Ele atende no segundo toque.

- Atualizações Pierre. Encosto na minha cadeira tentando relaxar.
- Sr. Descobrimos o paradeiro dos três. Eu sou todo alerta quando se trata de Paula, Fernando e Beatriz. Eles estão em um apartamento luxuoso em Londres.
- Como você chegou a eles? Quero ter certeza que tudo vai dar certo e não vamos perder ninguém.
- Monitoramos Paula e conseguimos chegar até eles. Mas não é só isso. Vejo merda por aí. Eles realmente estão traficando crianças. Vendendo bebês para pais que não podem ter filhos e até mesmo aqueles que já tem. É pior que eles tiram crianças de famílias para vender para outras.
- Isso é péssimo, para não dizer horrível. Temos que dar um jeito de tirá-los de circulação. Não posso conviver com isso e não fazer nada.
- Estamos fazendo vigiando Sr. Não podemos pegá-los agora. Eles andam sempre separados. Se pegar um é dar chance para os outros desconfiarem. Pierre tem razão, mas eu não quero ficar adiando isso. Chega de tanta maldade, chega de pessoas sofrendo por perder seus filhos. Eu não consigo imaginar o inferno que faria se perdesse minhas meninas.
- Eu concordo, mas quero prazo Pierre, não quero ficar adiando isso. São loucos que estão à solta trazendo maldade para casas e famílias de bem. Não quero ficar sabendo disso e não fazer nada.
- Eu não consigo te dar prazo Sr. Neste momento vamos monitorar mais e quando os três estiverem juntos pegamos .
- Porque não invadir o apto e pegá-los? Seria mais fácil não? Tenho que pensar em todas possibilidades para acabar com essa raça ruim.
- À casa está sendo vigiada e monitorada por pessoas deles. Se entrarmos podemos fazer com que fujam.
- Tudo bem. Suspiro. Quero que quando tiverem uma posição me avise. Quero eles presos naquele lugar logo.
- Ok. Tem mais uma coisa Sr.
- Fale Pierre. Estou super cansado. É problema atrás de problema.
- O médico que quase sequestrou a Sra Villaça está junto com eles. Eu não

posso crer que aquele maldito ainda exista.

- Como você sabe? Esse maldito tinha que está preso Pierre. Ele não está sendo procurado pela polícia?

- Ele está sabendo disfarça muito bem em Londres. Não compra nada em seu nome, nada com cartão de crédito ou de débito, tudo à base de dinheiro. E digo mais, ele está trabalhando no hospital clandestino que as mulheres que engravidam, principalmente prostituta para retirar as crianças e vendê-las.

- Esse maldito é pior do que pensei. Acione à polícia e diga onde esse bandido está. Peço me levantando exaltado.

- Não podemos Sr. Ele faz parte da quadrilha, se fizermos isso é avisar os demais.

- Que porra Pierre. Grito com raiva.

- Ele está muito com a Srta Williams. São como amantes devo dizer.

- Eu não quero saber dessa vagabunda, o que ela faz e com quem faz. Quero saber dela morta e enterrada onde não possa colocar vidas como a da minha família em perigo.

- Vamos dar um jeito Sr, mas com calma e com cautela para não pôr nada à perder.

- Eu sei que tem que ser assim. Eu só não quero que isso se estenda por mais um ano. Quero que peguem eles e consuma com os mesmos do mesmo jeito que fizemos com os outros.

- Vamos fazê-lo Sr. Só nós der tempo para organizar e acabar com esses bandidos.

- Ótimo. Mas quero que me mantenha informado

- Sim Sr. Ele afirma, e eu desligo.

Eu não quero mais esse pesadelo em minha vida. Não posso deixar que nada afete Dayane. Suspiro pesado. Deixo um pouco isso de lado e vou olhar o meu trabalho. Não quero deixar Dayane sozinha com as meninas tanto tempo. Vou fazer de tudo para dar prioridade as meninas e deixar Dayane mais quieta.

## Capítulo 56

Deitada nessa cama eu fico mais triste. Sei que é para o bem do meu filho, mas mesmo assim eu não deixo de me sentir mal. Ainda mais quando as gêmeas requer à minha atenção. Fico com coração partido por não poder dá tanta atenção à elas. Neste momento elas precisam tanto de mim e eu não posso ficar com elas. Respiro fundo tentando reprimir o choro que vem.

Desde à descoberta da minha gravidez, só fico deitada nessa cama. As gêmeas sempre vem aí meu quarto ficar um pouco comigo e cobrar atenção. Já tinha se passado cinco meses, e minha barriga estava enorme com sete meses. Esses meses que passaram não tive nada, nem enjôos, nenhum problema que pudesse agravar meu estado. Seguir todas as recomendações médicas sob vigilância de Renato, que não me deixou fazer nada. Até mesmo o banheiro diário ele me dava para não me movimentar muito.

Não fizemos o aniversário das gêmeas. Renato me convenceu à fazer quando nosso bebê nascer, assim eu poderia organizar do nosso jeito e com calma. Fiquei triste na hora, mas entendi que eu não podia fazer nada, organizar nada do que eu queria para elas, então só fizemos uma festinha para família aqui em casa mesmo cantando parabéns com bolo e balões que sei que elas adoram. Fizemos um almoço para toda família e nossas comemorações foram ótima.

Minhas irmãs com seus filhos também estavam à todo momento aqui em casa. Elas me fazia companhia no fim do dia e as crianças se divertiam muito. Era bom ter essa alegria no fim do dia, apesar de estar isolada aqui o dia todo. No início eu ia ao médico de quinze em quinze dias. Ver meu bebê ali à primeira vez nos trouxe uma emoção tão grande, que Renato e eu não parávamos de sorrir e chorar ao mesmo tempo. Era o nosso milagre que estava aqui dentro crescendo. À cada quinze dias era uma sensação única. E depois do quarto mês passamos as consultas para um mês. Estava feliz que cheguei aqui sem nenhum problema. Estou mais feliz ainda que daqui dois meses meu garotinho estará aqui comigo. Sorrio lembrando do dia que fomos fazer o ultrassom e Renato

ficou eufórico por ter um menino, não que se viesse outra menina ele não ficasse feliz, mas ele estava muito feliz, muito radiante. Nosso príncipe diante de duas princesas. Não via à hora de ver o rostinho dele. Sou tirada dos meus pensamentos com um homem bem gostoso entrando no quarto. Aff, eu nem posso fazer amor com ele. Meses nesse castigo e minha mente só pensa nesse corpo em cima de mim.

- Boa noite meu amor! Ele diz vindo até à mim. Beija meus lábios com desejo reprimido. Ele também sente falta, e tem feito de tudo para demonstrar sanidade, coisa que eu não estou tendo esses meses.
- Pensando que falta pouco para vermos nosso milagre. Digo e meu marido me dá um beijo na barriga e passa as mãos.
- Não vejo à hora de ver esse garotão. Né filho, mamãe e papai querem muito te ver. Renato diz com à boca na minha barriga. Ele esses meses tem sido mais zeloso possível, sempre trabalhando à tarde e ficando em casa na parte da manhã com as meninas e comigo. Almoçamos todos juntos aqui no quarto. Como vocês se sentem hoje?
- Ótimos. Não vejo à de sair desse castigo também. Na verdade estou fatigada de ficar aqui nesse quarto sem poder andar, sem poder ver o dia lá fora que não seja por essas portas francesas abertas.
- Está acabando Vida. Não vamos nos precipitar nessa reta final.
- Não vou fazer nada. Só me resta ficar aqui deitada e esperar nosso pequeno milagre nascer.
- Isso mesmo. Vamos esperar, falta pouco. Agora vamos tomar um banho antes do jantar. Vou colocar à banheira para encher. Acho um máximo ele cuidar me mim, acho um máximo todo esse cuidado dele comigo.

Começo tirando à minha blusa e vejo à enorme barriga que estou. Sorrio, pois na hora do banho é que meu pequeno mexe mais. Me remete novamente à uma lembrança onde pela primeira vez sentir os movimentos dele. Foi no banho, onde Renato alisava minha barriga, e ainda conversava com ele. Nosso menino ficou mexendo muito neste dia, e papai babão ficou emocionado e bem feliz de sentir os movimentos em suas mãos. Custamos à sair do banho nesse dia, porque Renato não queria deixar nosso bebê parar de mexer. Ele passou o resto da noite radiante por presenciar esse momento.

- Vamos Sra. Renato já está na minha frente nú. Fico em chamas por vê-lo assim. Fico com raiva por não poder me perder nesse corpo.
- Você faz de propósito, não faz? Questiono irritada por meu desejo por

ele só aumentar.

- Longe de mim Sra Villaça. Não vejo à hora de você sair desse seu estado e ainda o resguardo. Você não vai me aguentar. Agora vamos antes que nossas meninas venha para cá querendo à gente. Sorrio, Ele sempre teve à maior paciência com elas esse tempo todo. Sempre deixa elas aqui até tarde para dormimos com elas um pouco antes de levá-las para o quarto delas. Ele me senta com cuidado na banheira, onde eu afundo na água. Depois ele entra se posicionando na minha frente. Pega em um dos meus pés e começa à massagear. Relaxo apoiando minha cabeça na borda da banheira. A decoradora está quase terminando o quarto dele.

- Que ótimo. E depois vão fazer o quarto de uma das meninas? Indago porque chegou à hora de colocá-las em seus devidos quartos.

- Sim amor, como você quiser. Mas temos que decidir o nome dele também, você não acha? Realmente desde que descobrimos o que era, Renato tem me cobrado para escolhemos o nome, mas ainda não pensei em nada.

- Você tem alguma sugestão? Passo à bola para ele, talvez ele tenha algo em mente e podemos partir daí.

- Pensei no nome do meu avô. Levanto à sobrancelha surpresa com à sugestão dele.

- E como seria? Sempre soube que ele era muito ligado às tradições de família, mas não esperava essa homenagem da parte dele.

- Vitor Villaça. É um nome lindo,

- Que tal Vitor Albuquerque Villaça?

- Para mim está ótimo. Nosso filho já tem um nome. Renato diz passando as mãos na minha barriga. Logo nosso filho responde dando chute na minha barriga. Viu ele gostou do nome.

- Estou vendo. Vitor mamãe está muito feliz por você ter gostado do seu nome.

Acabamos o banho e ele me colocou na cama e depois pegou o creme e passou em todo meu corpo me deixando mais acesa. Reviro meus olhos, pois não posso fazer nada. Renato pega um pijama bem folgado para mim e depois sai para trazer as meninas para ficar com à gente.

A alegria estava formada na nossa cama. Era muita risada e uma falação que elas não deixavam passar nada. Mesmo que à gente não entende maioria das coisas que elas falam, era muito bom ouvi-las bem animadas e sorridentes. Logo Vera e as enfermeiras apareceram com nosso jantar e Renato e eu revezamos para dar à



elas e comer também. Todos os dias são assim. Não deixamos de dar atenção à elas, mesmo se o cansaço batesse, estávamos de pé para elas.

Hoje era o dia da minha consulta de pré natal. À Dra pediu para fazer uns exames para detectar algum problema nesse final de gestação. Antes fiz os exames de praxe como medi minha barriga, pesar, ultrassom no qual meu menino está enorme e vejo que nascerá bem forte. Renato também estava todo Lucaso, até disse que ele. seria forte como o pai. E tenho certeza que sim.

Fui para outra sala com um enfermeira. Ela me disse que era para eu esperar pois ela já estava vindo com todos os objetos para retirar sangue. Apenas assenti e ela saiu. Fiquei ali alisando minha barriga até alguém entrar na sala. A pessoa tranca à porta e eu há estranho.

- Porque você está trancando à porta? Indago e à pessoa vira para mim tirando sua máscara de médico. Fico assustada. Ele de novo não.
- Surpresa Dayane? Ele vem andando até à mim.
- O que você faz aqui? Questiono com medo, pois ele está olhando muito para minha barriga.
- Não sabe? Eu vim te buscar. Você era pra ser minha, mas aí aquele idiota entrou no meu caminho. Esse bebê era para ser meu e não dele. Ele passa as mãos na minha barriga me causando arrepio. Torço para Renato aparecer logo.
- Tira suas mãos de mim. Peço tentando levantar, mas ele não me deixa.
- Calma amor. Eu farei com que esse bastardo não nasça e assim nós dois vamos começar do zero. O médico que tentou me sequestrar antes mostra uma seringa com um líquido dentro.
- O que é isso? Indago com medo. Renato, Renato por favor, cadê você? Penso comigo.
- É nosso feliz para sempre. Você será minha para sempre e agora nada e nem ninguém vai poder fazer nada. Ele chega mais perto e antes que eu abra à boca para gritar por socorro, ele tampa à mesma com um pano molhado com algo e eu não me lembro de mais nada.

## Capítulo 57

O tempo passou e nada ainda de Pierre achar uma maneira de pegar esse bandidos. Eu estava ficando louco com a falta de agilidade dele e de sua equipe. Não era possível que precisava de tanto tempo para prender esses caras. Todo os dias eu fazia contato com ele e recebia as mesmas notícias. Sempre a mesma frase. “ Temos que pegá-los todos juntos” Mas isso nunca acontecia.

Dayane já estava com sete meses de gravidez e eu fiquei muito mais calmo quando chegamos nesse estágio final. Não via hora de ver meu garotão, ver seu sorriso, ver com quem ele parece. Eu estava muito feliz por ter três pessoinhas lindas dentro de casa me chamando de papai. Meu sonho de ter uma família grande estava sendo concretizado.

Nossa rotina com as gêmeas estavam a todo vapor. Eu fazia de tudo para não deixá-las tristes e nem mesmo para que elas sentisse tanta falta de Dayane, por mais que fosse impossível. Porém eu estava me saído bem com elas. Às vezes fazíamos programinhas juntos, como ver desenho só nos três, encher balão e ficar brincando no jardim. Tudo para que elas não se sentisse sem lugar ou até mesmo não amadas. Pois isso era impossível, já que elas nos conquistou

naquele lar adotivo no primeiro olhar. Mesmo que Dayane esteja grávida de um filho nosso, eu nunca vou deixar de amar as nossas princesas, elas são amadas, porque são nossas e nada vai mudar isso.

Desde quando descobrimos que minha esposa estava grávida, eu tratei de trabalhar somente meio período, por mais que não seja suficiente, eu estava mais preocupado em deixar à minha família bem, principalmente Dayane e nisso filho. Com o resto eu dava um jeito depois desse tumulto acabar. Quero muito ver meu filho nascer saudável e bem.

Algumas semanas se passaram e fomos para à próxima consulta com à Dra. Estava bem feliz em ver meu filho de novo por essa tela. Cada vez que eu via era uma emoção bem grande e meus olhos enchiam de lágrimas. Fiquei melhor ainda quando soube que tudo estava bem com minha mulher e nosso milagre como ela gosta de chamar. Porém à Dra pediu novos exames para não termos nenhuma surpresa na hora do parto. Meu celular tocou assim que Dayane estava sendo levada para outra sala. Pedi à ela para ir na frente que eu estava indo, só iria atender à ligação. Não podia deixar de atender, pois era o Pierre.

- Alguma novidade Pierre? Peço já atendendo o telefone.
- Sim. Na verdade tenho duas novidades. À primeira não é muito boa, pois o médico escapou de nós.
- Como isso aconteceu? Vocês estão mortos? Que equipe de incompetentes é essa que você tem?
- Desculpa Sr, mas na segunda feira quando iríamos pegá-lo em seu apartamento, ele não estava lá e nem muito menos no hospital clandestino. Miserável.
- Onde ele pode ter ido? Vocês sabem? Eu estou muito nervoso e puto com tudo isso.
- Não sabemos, ele pode ter saído do país com documentos falsos, assim como ele entrou aqui. Merda, mil vezes merda.
- Pierre burle sistema, faça à merda que tiver que ser feita, mas eu quero que vocês peguem esse maldito.
- Faremos Sr. Agora quanto aos demais, vamos capturá-los essa noite. Já analisamos toda casa e Monitoramos entrada e saída da mesma. Verificamos todos os homens que trabalham com eles e também à quantidade. Não vamos deixar nada à desejar dessa vez.
- Espero Pierre. Não quero falhas e muito menos que alguém escape. Já não basta esse bastardo do médico.

- Não se preocupe, já estamos à postos para fazer tudo que tem que ser feito. Respiro fundo.
- Tudo bem. Me mantenha informado. Digo e desligo. Não é possível que tenha que me preocupar com esse maldito também. Meses sem me preocupar com esses imundos, agora tenho um problema em mãos.

Respiro fundo, faço hora para não entrar nervoso e agitado e Dayane acabar percebendo. Nesses meses todos eu fiz de tudo para passar tranquilidade para ela, não deixei ela perceber quando estava irritado, nervoso ou chateado com algo. Queria fazer de tudo para ela e nosso bebê não passasse nada.

Mais calmo vou para a sala onde a enfermeira disse que Dayane estaria. Chego na mesma e a enfermeira está batendo na porta. Olho para Pietro que estava atrás de mim.

- O que está havendo Enfermeira? Questiono tentando entender o motivo do desespero dela. Ela me olha assustada.
- Não sei Sr. Eu saí e deixei a porta aberta e agora está trancada.
- Cadê minha esposa? Não espero ela responder e já mexo na porta. Dayane, Dayane, abre essa porta. Peço e Pietro pede licença.
- Vou arrombar Sr. Ela pode ter passado mal. Assinto e Pietro dá dois chutes na porta com o pé derrubando a mesma.

Uma pessoa se assusta saindo de cima da minha mulher. Que Merda é essa? Ela está caída no chão. E vejo sangue no meio das suas pernas. Porra. Desespero me toma, me deixa em alerta. Ouço Pietro me chamar. Mas eu não posso olhar nada. Eu só quero entender o que houve aqui.

- Sr Villaça, precisamos levá-la. Já chamei o médico para examiná-la. Mas parece que é grave.
- O que houve aqui? Porque ela está caída dessa forma? Porque ela está desacordada? Grito em desespero. Uma risada ecoa pelo ambiente e eu olho para lado vendo Pietro segurar o médico. O bastardo. Não acredito nisso, ele teve coragem de vir e atacar Dayane.
- Ela vai morrer e esse bastardo vão morrer em poucas horas. Você me tirou ela e eu vou tirá-los de você. Deixo o corpo inerte de Dayane no chão e vou para cima desse bandido.
- O que você fez com ela? Pego ele das mãos de Pietro já dando um soco

na cara dele. Responde seu maldito, o que você fez com ela?

- Seu bastardo essa hora já está morto dentro dela, mas ela ainda tem algumas horas. Eu disse que você iria se arrepender de ter tirado ela de mim.

Pego ele pela gola da camisa e vou dando soco. Vou acabar com essa cara de merda que ele tem. Defiro socos quebrando o nariz dele, onde o mesmo grita de dor, porém ele não viu nada. Vou fazer ele pagar por tudo que fez à minha mulher e agora vai ser pior. Vou dando soco em tudo seu rosto, onde minha mão já está doendo, mas eu não vou parar até tirar desfigurado à cara desse bandido maldito. Vejo dentes voarem da boca dele, vejo sangue manchar todo seu rosto e nada é o ambiente para eu parar. Hoje é o fim dele, ele não viverá para atormentar mais à vida de mais ninguém.

- Sr. Sr. Pietro me chama, mas eu não estou nem aí, quero acabar com esse miserável. Sr. à Sra. Villaça já foi levada, ela precisa do Sr. Paro e respiro com dificuldade. Olho para o lado onde Dayane estava e só vejo sangue. Respiro mais uma vez tentando voltar à si, e olho para esse verme à minha frente.

- Você se livrou por hora, mas eu não tenho boas notícias para você. Sua vida acabou. Lugar de verme como você é debaixo da terra. Ele não consegue falar e nem muito menos me olhar pois seus olhos estão inchados. Pietro não vamos entregá-lo à polícia. Leve ele para nosso lugar e depois Pierre dará um jeito nele junto com vermes iguais à ele. Jogo ele no chão e me levanto.

Minha mão está machucada devido aos socos que dei nele, porém eu me sinto de alma lavada por acabar com mais um membro desse bando. Eles não merecem viver e não viverão. Saio e encontro minha mãe no corredor.

- Filho o que houve? Dona Márcia pede vendo à minha mão.

- Nada mãe, só acabei com um maldito que queria acabar com a minha vida. Eu só quero saber de Dayane e meu filho.

- Eu vim atrás de você. Terão que fazer um parto de emergência. Me desespero com essa informação. Um medo me toma pois pode não ser bom para Dayane e nosso filho esse nascimento prematuro. Vamos logo, mas antes vamos fazer um curativo na mão.

- Mãe. Paro de andar fazendo ela parar junto comigo. Me diz que ela e meu filho vão ficar bem. Me diz que não terei que escolher entre eles. Peço

já chorando, pois meu mundo acabaria agora.

- Vamos torcer para tudo dar certo. Não sei ainda as consequências do líquido injetado nela, porém vamos ter fé e esperança que tudo vai dar certo. Meu coração fica pequeno. Nada pode acontecer com eles.

Vou para sala trocar de roupa, enquanto mamãe faz o curativo na minha mão. Tento não pensar no pior. Me encaminho para sala e quando iria entrar na sala de parto não me deixam, pediram para eu esperar. Fiquei ali andando de um lado ao outro no corredor sem saber o que estava acontecendo e também sem saber o que fazer. Era uma impotência que me deixava louco, desesperado para entrar naquela sala de parto e ter certeza que minha mulher estava bem e que meu filho estava bem.

Passam não sei quanto tempo quando à Dra Alanes sai da sala de parto com uma cara de cansada e um olhar triste. Isso já me apavora.

- O que houve Dra? Minha esposa e meu filho estão bem? Me fale logo. Peço angustiado com toda essa situação. Ela tira a máscara e me olha. Suspira antes de falar. Minha mãe também sai da sala chorando. Me falem o que aconteceu lá dentro. Grito desesperado.

- Calma filho. Mamãe pede vindo me abraçar. Tudo que não podem me pede é calma agora.

- Calma nada mãe, me falem como está minha esposa e filho.

- Eles estão bem Sr Villaça. Sua esposa foi muito forte, apesar de estar desacordada devido ao veneno misturado com calmante que foi injetado nela. Fizemos uma cesárea primeiro para depois fazer uma lavagem em seu organismo para retirar qualquer resíduo de veneno. Ela vai demorar à acordar. Dra Alanes suspira. O bebê também nasceu saudável, apesar de ser uma gravidez de risco, ele está super bem. Percebo na voz dela que tem mais alguma coisa.

- O que você não está me contando? Ela recosta na parede demonstrando cansaço.

- Eu não quero ter feito isso, mas foi preciso. A placenta grudou nas paredes uterinas e não tinha como raspar sem correr risco de infecção, mais uma levando em consideração o histórico da sua esposa, então... Ela abaixa a cabeça e vejo que está custando muito à me dizer o que ela fez. Olho para minha mãe que está chorando e sei que não foi nada fácil esse parto. Automaticamente meus olhos já estão em lágrimas. À Dra levanta seu rosto e vejo que também está chorando. Nunca tinha visto uma profissional tão

abalada desse jeito.

- O que houve Dra? Questiono com receio do que ela possa me dizer.
- Tivemos que retirar o útero dela. Infelizmente era isso, ou risco de mais uma infecção que poderia alastrar para outros órgãos do corpo dela. Desabo no chão sentindo todo desespero de Dayane quando à mesma souber. Sinto muito Sr Villaça. Não estava nos meus planos fazê-lo ainda mais assim, porém as circunstâncias me levou à tomar essa decisão. Eu não tenho o que falar. Ela salvou minha mulher e meu filho e como ela disse se não fizesse isso agora, mais tarde poderia ser pior.
- Não tenho o que desculpar Dra. Eu só peço que não conte para Dayane quando acordar. Vamos deixar isso para frente. Já passamos por muitas coisas que não quero vê-la triste neste momento, e muito menos quero tirar o foco do bebê que esperávamos tanto.
- Tudo bem Sr Villaça, quando o Sr achar viável contar estarei aqui para ajudar e também um psicólogo. Não sabemos como será a reação dela.
- Concordo.
- Agora deixa eu ir. Ela vai para o quarto e vai demorar à acordar devido aos remédios injetados. Seu filho já foi para o berçário. Sorrio por saber que ele nasceu bem e que Dayane também está bem. Minha mãe me abraça. E eu agradeço à médica antes dela sair.
- Vai ficar tudo bem com ela. Mamãe fala me abraçando apertado.

Nós dois vamos para o berçário e vemos meu filho que é todo branquinho com poucos cabelos. A enfermeira trás ele até o vidro e vemos ele. Ainda não dá para definir com quem ele parece, mas ele é tão lindo quanto Dayane. Seus olhos estão fechados e até faz um pouco manha. Lembro das gêmeas quando eram tão pequenas. Faziam à mesma manha. Me pego sorrindo.

- Sr Villaça. Ouço me chamar e olho. Uma enfermeira aparece com dois policiais. Esses policiais veio atrás do homem que tentou envenenar à Sra Villaça. Ela fala e tinha esquecido totalmente que o hospital é obrigado à chamar à polícia em caso de tentativa de homicídio, envenenamento, tentativa de suicídio, dentre outros agravantes .
- Ele fugiu. Digo e à enfermeira me olha sem entender.
- Como assim fugiu? A enfermeira disse que um dos seus seguranças estava com ele em uma sala. Um dos policiais pede.
- Infelizmente quando meu segurança tentou prender ele na sala ele fugiu. Não teve como meu homem pegá-lo.

- O Sr sabe para onde ele foi? Outro policial indaga.
- Não. Eu estava ocupado demais vendo o estado da minha mulher.
- E sua segurança? Será que ele viu onde o suspeito foi?
- Não sei te responder. Ele ficou no corredor do hospital esperando minhas ordens.
- Queremos pegar o depoimento dele.
- Tudo bem. Esperem ele voltar, pois ele foi em casa buscar roupas para mim e também a bolsa do meu filho que não sabíamos que nasceria hoje.
- Vamos aguardar na sala de espera. Eles falam e eu assinto.

Espero eles irem para ligar para Pietro. Informo ele do ocorrido e peço para passar em casa para pegar algumas coisas. Mamãe já havia ligado para todos anunciando sobre o nascimento do meu filho. Eu estava feliz e muito feliz que tudo iria ficar bem, assim esperava, pois não sabia como Dayane iria reagir com a notícia do útero. Espero que ela supere e siga em frente cuidado dos nossos três filhos que tanto amamos.



## Capítulo 58

Acordo com uma dor abaixo da barriga. Será o que houve? Me lembro do médico querendo matar meu filho. Automaticamente levo minha mão à minha barriga, não estou mais com uma barriga tão grande. Abro meus olhos olhando tudo à minha volta. Estou em um quarto todo branco e sei que é um quarto de hospital. Meus olhos enchem de lágrimas. Desespero me toma. Meu bebê morreu. Aquele animal conseguiu acabar com a minha vida e de Renato. Meu choro começa a sair alto, eu não consigo me controlar. Eu não acredito que o bebê que tanto esperei, que fiz de tudo para ele nascer em seu tempo, morreu.

Meu choro é angustiante, uma dor insuportável me toma. Eu não merecia isso. Vejo Renato passar pela porta e vim ao meu socorro.

- Dayane, o que foi Amor? Ele pede me abraçando. Seguro em sua camisa tentando me confortar. Calma. Você não pode ficar assim é muito menos fazer muito movimentos.
- O que houve com nosso filho? Me diz à verdade. Eu preciso saber. Grito em desespero.
- Amor fica calma. Olha para mim. Eu não consigo me acalmar e nem muito menos consigo encará-lo. Se perdi meu filho foi culpa minha. Eu nunca deveria ter dado brecha, deveria ter escutado Renato quando ele me disse que esse homem não prestava. Dayane olha para mim. Ele pega meu rosto para encará-lo.
- Eu só quero saber do nosso filho. Falo ainda em prantos.
- Nosso filho está bem amor. Ele está ótimo. Nasceu super saudável apesar de ser de sete meses.
- Você está dizendo à verdade? Não está dizendo isso para me acalmar? Ele balança à cabeça em negação.
- Claro que não Vida. Eu juro que ele está bem. Nasceu forte e saudável. Está até conquistando as enfermeiras. Ele demonstra um enorme sorriso e em seu semblante percebo uma tranquilidade que vai me acalmando aos poucos. Fique tranquila, nada aconteceu com ele.
- Posso vê-lo? Indago querendo constatar que ele realmente está bem. Querendo abraçá-lo, cheirá-lo, sentir que ele é meu.
- Claro que pode minha linda. Mas se acalme, não é bom ele sentir você agitada e nervosa. Ele tem razão, tenho que ficar calma. Tenho que passar tranquilidade para ele, até mesmo na hora de amamentar.

- Você pode pegar água para mim?
- Claro que posso. Vou aproveitar para chamar a enfermeira e a médica. Ele diz e eu sorrio. Vejo ele apertar o botão instalado na parede e depois pega a água para mim.
- O que houve com aquele Merda? Questiono me recostando na cama. Sinto uma fisgada abaixo da minha barriga e faço uma careta.
- Pietro o levou para dar à ele um corretivo. Mas eu não quero falar sobre isso. Ele não interessa mais. Nunca mais vai poder fazer mal à você ou qualquer outra pessoa. Me sinto mais aliviada com que ele fala.
- Que bom! Indago sorrindo. Uma enfermeira entra e sorri para mim.
- Que bom que a Sra acordou. Já tem um bebê bem faminto no berçário querendo à mãe.
- E vocês vão trazê-lo quando? Me animo muito em conhecê-lo. Meu milagre. Ele é meu milagre.
- Vamos só esperar à médica vim te examinar. Apenas assinto não me aguentando de ansiedade. Ela sai dizendo que a Dra deve está à caminho.
- E nossas meninas Amor? Peço lembrando das minhas princesas que devem está sentindo muito à minha falta.
- Estão bem. Tive que ir em casa e ficar um pouco com elas. Vera disse que elas estavam chorando pedindo mamãe e papai. Meu coração fica apertado com essa informação, porém assim que sair daqui vou dedicar mais tempo as elas, já que Vitor não entendi nada ainda.
- Não vejo à hora de sair daqui e ficar mais com elas.
- Terá que ficar de repouso por mais tempo devido à cesárea.
- Tive algum problema no parto? Questiono. Eu não vi nada, então posso ter tido algum problema.
- Nada que temos que nos preocupar agora. Tudo que importa é que você e nosso filho está bem. Sei que ele está me escondendo algo, mas não vou me preocupar com isso agora. Devo ter tido complicações e só de está viva e meu filho também mostra que os médicos fizeram de tudo para nós salvar.
- Você tem razão. Pego em sua mão deixando o mesmo tranquilo com que ele tenha para me contar.

A médica chega e me examina. Olho minha marca da cesárea e diz que terei que ficar de repouso por pelo menos uns dois meses. Ela me diz que o parto foi tranquilo, mas que assim que for possível conversaremos sobre o mesmo. Apenas assinto, pois pela cara dela e de Renato algo de muito sério aconteceu. Porém neste momento eu só quero saber do meu filho nos meus braços. Estava feliz por nada ter acontecido com ele e nem comigo.

Não demora muito para a enfermeira entrar com um pacotinho embrulhado em uma manta azul. Ele era tão pequeno. Meus olhos automaticamente enchem de lágrimas na hora que ela me entrega ele.

- Meu Deus ele é tão lindo, tão perfeito. Falo chorando de felicidade por ver meu milagre nos meus braços. Ele abre os olhos ainda com preguiça. Ei lindo da mamãe. Você é tão perfeito. Dou um beijo na testa dele e na mãozinha também. Como eu te amo meu amor. Como mamãe estava doida para te ver, te conhecer. Limpo minhas lágrimas com cuidado para não cair nele. Ele resmunga e se mexe em meu colo.
- Mamãe acho que ele quer o alimento dele. Sorrio pois darei ao meu filho algo que não pude dar as gêmeas.

A enfermeira me ajuda com a camisola. Um dos meus seios vai para fora e ela me ajuda a colocar ele para mamar. Vitor começa a sugar timidamente e eu fico ali admirando esse momento tão meu, tão único para mim. Sorrio vendo ele começar a sugar com força. Sinto uma dor, mas nada se compara a esse momento. Nada vai tirar o meu sorriso do rosto por viver esse momento sabendo que poderia não acontecer nunca.

Renato ficou em silêncio o tempo que dei de mamar. Mas ao olhar para ele vi no seu rosto uma admiração enorme. Uma adoração por saber que nosso filho estava sendo bem alimentado e também por me ver feliz.

Logo após a mamada a enfermeira levou Vitor para o berçário novamente e eu não queria deixá-lo. não queria soltá-lo dos meus braços. Suspirei com isso. Porém meu quarto foi inundado de flores e da nossa família. Eles estavam muito felizes por mim ver, por conhecer Vitor. Eu queria que eles tivessem trago as gêmeas, mas também sei que ali não era ambiente para elas, mesmo porque elas não iriam querer ir embora.

Fiquei dois dias no hospital. Cheguei em casa e as gêmeas já vieram para meu lado. Claro que me sentei no sofá mesmo e fiz questão de ficar com as duas no meu colo, por mais que Renato estivesse protestando dizendo que não poderia pegar peso e nem me esforçar. Tudo que queria era passar tranquilidade para elas. E assim foi por uma semana até as elas se acalmarem e ter certeza que elas estavam bem sabendo que mamãe nunca iria deixá-las.

Era muito bom à rotina que estava vivendo com meus amores. Três crianças pequenas em casa cansava mais que tudo, porém nem eu e nem Renato reclamávamos, nosso sonho estava todo na nossa casa. E por falar no meu marido, ele tem sido um amor, tem sido um companheiro e amigo. Levanta toda noite para pegar Vitor para mamar. Ele não reclama, faz com prazer e ainda troca ele. Eu não podia pedir marido melhor para mim, e só tinha que agradecer. Agradecer à ele por ser quem é, por ser o pai dos meus filhos e por ser meu marido. Eu o amo cada dia mais.

## **Bônus**

Tem mais de três anos que estamos vivendo bem. Foi um negócio e tanto eu ter à ideia de fazer tráfico de bebês. No começo achei que seria difícil, ainda mais sabendo que meu dinheiro e de Paula e Beatriz estavam acabando. Mas nenhum de nós três estávamos dispostos à acabar na ruína e perder o conforto que tínhamos. Nossa vida era regada à muito dinheiro e diversão e por nada no mundo cairíamos, e hoje estamos mais que bem. Nossa conta bancária está cada dia melhor e não temos do que reclamar.

Eu nunca imaginei ser o chefe, sempre me mantive no escuro, recebendo ordens, porém eu não sabia de como é bom ser o cabeça de tudo. Ficar mandando e desmandando. Aguardar as pessoas te relatar o ocorrido e assim receber à grana. Meu mundo estava uma maravilha, ainda mais tendo Beatriz e Paula como minhas mulheres, eu não precisava de mais nada.

Eu sabia que Paula também estava com um médico que contratamos para nosso hospital clandestino, também sabia que ele era louco naquela vadia de Dayane. Paula ficava puta à cada vez que ele dizia que iria ainda buscar aquela vadia, e eu tentava controlar Paula dizendo que se ela o perdesse, eu estava ali para ela. Mas parecia que Paula não gostava de ouvir ele dizer o quanto gostava ainda de Dayane. Mas o que acredito que Paula tinha era raiva e inveja, pois ela foi trocada duas vezes pela mesma mulher.

Eu só queria experimentar aquela puta para ver se ela é isso tudo que esses homens tanto deseja. À oportunidade que tive Lucas ficou cheio de medo por eu está mexendo com uma das mulheres dos Villaças, porém acho que se eu tivesse ficado com ela, hoje estaríamos bem, pois teria sumido com ela para nunca mais

Villaça nenhum achar.

Paula queria à um tempo atrás voltar aos Brasil, mas exatamente Rio de Janeiro. Ela queria saber da boca de Renato se foi ele que sumiu com seu irmão, mas eu aconselhei ela não fazer nada. Villaça podia chamar à polícia e mandar prendê-la. Beatriz que já não anda bem desde o sumiço de Willian, iria surtar com à filha presa, portanto nos mantemos mais afastado possível. Claro que temos pessoas nossas trabalhando em Rio de Janeiro, em algumas cidades do Brasil, já tiramos várias crianças de lá para serem levadas para pais em outros países. O lucro desse negócio só vem crescendo e era isso que queria. Não iria trazer problemas para meu lado querendo cumprir uma vingança besta. Porque é isso que Beatriz queria e quer, ela não deixa de chorar todos os dias e dizer que vai se vingar de Renato e toda sua família por ter feito mal ao seu filho. Porém eu não queria saber dessa vingança ridícula, já que Lucas avisou várias vezes que não era para mexer com os Villaças e Willian acabou indo trabalhar para o cara. Queria mesmo acabar com os negócios e ser pego. E tenho certeza que Villaça fez isso. Se eles não estão presos, estão mortos e ninguém ficou sabendo de nada.

À casa de prostituição foi tomada pela polícia e não soube nada sobre as meninas que trabalhavam lá, só sei que o único que foi acusado foi um vigia que rondava à casa para não ter confusão com nenhum cliente, o resto não sei de mais nada, também não queria saber. Minha vida é outra e estávamos bem nos negócios de novo e é tudo que importa agora, o crescimento do nosso negócio, nada mais importa.

Dias estavam passando e tudo estava como eu gostaria. Só dinheiro entrando e vários bebês tendo lares melhores do que eles tinham. Entretanto eu queria levar esse negócio à outro nível. Já tínhamos prostitutas dando seus filhos para serem vendidos, roubávamos bebês de famílias que nem imaginava que seus bebês estavam indo para lares melhores e com conforto que muitos não podiam proporcionar. Já chegamos até à tirar bebês que já tínhamos sido vendidos porque um casal nos ofereceu um valor alto por um bebê japonês e esse bebê tínhamos vendido para um casal que não faziam diferença. Mais tarde esse casal queria que à gente arrumasse outro, porque eles não queriam se envolver com à polícia, alegando sumiço ou sequestro. Não me importei. Isso não era comigo. Fiz o meu trabalho e ainda faturei muito. Isso que importava para mim. Mais dinheiro na minha conta. Entro na sala e vejo Paula andar de lado à outro.

- Algum problema Paula? Indago me sentando.

- Problema meu. Ela fala meio irritada.
- Se eu puder ajudar, pode dizer. Ela não parece muito bem. Está nervosa.
- Aquele idiota foi atrás daquela vadia e agora estou aqui nervosa por ele ter me trocado por ela.
- Calma. Ele não merece. Mas ele conseguiu pegá-la? Eu não acredito que ele consiga algo, mesmo porque Villaça não é bobo de deixar sua mulherzinha sozinha.
- Não sei. Ele não me ligou, estou louca de raiva, mas também angustiada. Ele não sabe com quem está se metendo. Renato pode ser implacável quando quer.
- Não é atoa que não sabemos o que houve com os outros, e nada me tira da cabeça que Villaça sumiu com eles.
- Pois é, aí esse louco resolve se meter onde não devia.
- Calma daqui à pouco ele dar notícias. Falo e me levanto. Vou subir para tomar banho, não quer vir comigo? Ela não diz nada e continua andando de um lado ao outro. Acredito que isso é um não, então subo.

A noite comemos como todos os dias e minha cama teve Beatriz para tirar um pouco da tensão do dia. Acabamos dormindo, inclusive Paula que tive que dizer à ela para tentar contato com o idiota do médico amanhã. Ela concordou e foi dormir.

Acordo com um barulho. Na verdade um estrondo bem grande. Olho para janela ainda está escuro. Beatriz está ainda dormindo e roncando como uma porca. Me levanto com calma e calço meus chinelos. Coloco um roupão, e vou até à porta. Abro à mesma dando de cara com um homem apontando uma arma para mim.

- Quem é você? Questiono com as mãos para cima. Que Merda está havendo aqui?
- Não importa quem sou. Ele diz e dispara algo que injeta no meu pescoço. Tento tirar, mas eu estou zozinho demais para ter equilíbrio, vou cambaleando até à cama e tropeço não sei em que. Só sei que caio no chão e vejo o homem vindo até à mim.
- Não. Eu te dou o que quiser. Falo meio grogue.
- Eu já tenho o que quero. Ele fala e eu não vejo e ouço mais nada.

Acordo em um lugar bem estranho se trata de uma floresta, uma espécie de reserva. Vejo que Paula, Beatriz e o bastardo do médico estão aqui. Vou até eles.

- Paula, Beatriz. As chamo. Balanço as mesmas, porém sem sucesso. Elas não acordam. Chamo o médico, e nada. Eles estão respirando. Porém o que fazemos aqui. Me levanto e começo à gritar. Olá, alguém está aí.
- Fora os corpos dos seus amigos, mais ninguém está aqui. Uma voz fala das árvores em nossa volta. Olho para cima e nada.
- Quem é você? Questiono tentando saber de quem se trata. O que você quer de nós?
- Sou Renato Villaça. O mesmo homem que vocês tentaram contra à vida da minha família e esposa. Já estava atrás de vocês à muito tempo. Não pode ser. Ele não pode ter pego à gente. Surpreso.
- O que você quer de nós? Você já se vingou de todos aqui, não precisa de mais.
- Infelizmente vocês não ficaram quietos. Vocês estavam transformando vidas de famílias em nada roubando bebês. Como ele sabe disso?
- Eu não sei do que você está falando.
- Você me subestima Monteiro, mas eu sei cada passo seus. E hoje isso acabou. Vejo Beatriz e Paula abrirem seus olhos. Vocês não vão sair dessa reserva. Assim como Willian, Lucas e os outros que estão enterrados em algum canto dessa reserva, vocês também morreram aí.
- Você vai me pagar por matar meu filho seu animal. Eu te odeio Villaça, te odeio e vou acabar com você. Beatriz diz se levantando.
- Não antes que eu acabe com você e seu amigos Beatriz. Seu filho foi um doente filho da puta que tentou me enganar, mas ele sentiu na pele que comigo não se brinca. Assim como vocês sentirão tudo que fez com pessoas inocentes e com à minha família.
- Nós não fizemos nada. Você que se envolveu com um produto nosso. Paula diz e Renato gargalha.
- Paula, eu não estou aqui para ouvir você é muito menos alguém de vocês. Só quero que vocês saibam quem acabou com cada um de vocês. Nunca mais ouvirei falar de porcos imundos como vocês. Se divirtam enquanto podem, porque os dias passaram e não tem água e nem alimentação aí. Ele fala e não ouvirmos mais nada.

Beatriz e Paula começam à ficar histéricas. Elas gritam vários nomes feios xingando Renato, mas neste momento à gente teria que arrumar um jeito de sair daqui. Peço à elas para se concentrar porque precisamos sair daqui. Elas olham para tudo quanto é lado.



O médico acorda meia hora depois e diz o que Renato fez com ele. Levantamos e fomos ver como conseguiríamos sair daqui, porém dias estavam se passando e nada. Meses e já estávamos sem forças. Beatriz não aguentava mais andar devido à idade e sua perna que estava dolorida. Tivemos que parar várias vezes para ela poder descansar. Já não estávamos mais com forças para ficar de pé. Acabamos nos sentando e não levantando mais. Eu já via que nosso fim estava próximo e nada poderíamos fazer.

## Capítulo 59

Meu Deus, eu era um puto de um sortudo por ter uma família tão linda. Minhas filhas eram só sorriso e uma falação. Eu não cansava de ficar paparicando elas e ouvir as mesmas tentando falar. Era uma disputa de quem falava primeiro, que me fazia rir da situação. Vitor também nosso sonho, nosso milagre, porém ainda estava novo para entender algo, então nossa atenção era toda das nossas princesas.

- O que vocês estão fazendo? Dayane questiona aparecendo na sala de camisola.
- Estamos brincando, né meus amores? Indago olhando para essas duas falantes do meu lado. Mas e a Sra? O que faz de pé? Creio que a médica ainda não te liberou. Ela não pode sair do repouso.
- Estava me sentindo sozinha no quarto já que TVitor dormiu e vim ver o que vocês estão fazendo.
- Hum. Podemos ir para o quarto ficar com você. E por favor não saia desse repouso sem necessidade. Sei que é um tédio ficar no quarto sozinha, mas não quero ver a Sra aqui novamente.

- Tudo bem. Mas hoje eu posso ficar aqui? Sentadinha prometo. Só quero ficar em um ambiente que não seja aquele quarto. Respiro fundo passando as mãos na cabeça. Eu vou ficar bem.
- Mama... mama... Amber já foi para o lado da mãe e é isso que queria evitar. Quero que ela fique mais quieta e tranquila possível.
- Ok, mas nada de pegar essas pessoinhas no colo. Vamos, eu vou te ajudar à deitar no sofá.
- Mama... Mama... Amber já vai para o lado de Dayane assim que coloco à mesma no sofá.
- Coloca ela no meu colo. Minha mulher teimosa indaga e parece que ela não me ouviu. Olho feio para ela. Renato eu não vou fazer esforço nenhum em pegá-la, é você que vai colocá-la em meu colo.
- Estou tentando te deixar mais quieta. Falo já pegando Amber no colo e pondo à mesma sentada no colo de Dayane. Ela encosta à cabeça no peito de Dayane e fica sem dizer nada.
- Ela sente minha falta. Minha esposa fala meio chorosa.
- Eu sei que senti, mas só falta mais um mês, então vamos fazer de tudo para cumprir as recomendações médicas. Penso que para ela é difícil, mas ela tem que fazer à parte dela também. Ela não diz nada e fica fazendo carinho em Amber.
- Assim que acabar esse resguardo vou programar à festa delas.
- Para mim tudo bem amor. Só esperar acabar esse resguardo, não quero você preocupada com nada antes do fim disso.
- Não vou. Farei tudo depois. Assinto pegando Sophia no colo. Você parece cansado. Ultimamente te vejo só cansado.
- Não é para menos amor. Temos três bebês em casa e estamos nos desdobrando para sermos ótimos pais. Estou cansado sim, mas nada me tira à felicidade ter essas pessoinhas aqui com à gente. Eu não me importo com meu cansaço sabendo que vocês estão bem e felizes.
- Você tem trabalhado demais também.
- Eu estou bem. Não se preocupe. Já sobrevivemos um mês e faremos isso à cada dia. Você também está cansada. Ainda mais quando aquele garotinho acordar bem no meio de um sono bom e custa à dormir.
- É, nisso você tem razão. Vitor tem uma garganta muito boa. Sorrio, pois nosso menino quando chora parece que está matando ele. Fora que as meninas também estão mamando em você, por mais que seja uma vez na noite, cansa. Porém não devemos ficar tristes com nosso cansaço. Estou amando esse nosso momento de ter três filhos, mesmo que pequenos, mesmo que tenhamos que nos desdobrar para cuidar e da atenção a eles, eu

não trocaria por nada no mundo.

- Eu não estou triste. Só estou vendo que você tem feito de tudo para ficar com a gente. Tem dado maior atenção às meninas, e não reclama de nada. Nem que está cansado. Estou louca para acabar com esse repouso, para te dar toda atenção que você merece.

- Eu não estou preocupado Vida. Eu estou amando ser pai. E não quero que você fique assim por mim, eu estou super bem. Só quero que você fique tranquila enquanto estou cuidando dessas pessoinhas aqui. Amanhã vamos até sair para o parquinho.

- Um programinha de pai e filhas. Estou com inveja de vocês hein. Vejo ela fazer biquinho e sorrio com isso.

- Pode deixar que quando você puder vamos nós cinco fazer um passeio. Passeio de família. Me levanto e dou um selinho nela.

Duas horas depois nosso milagre já estava acordado e deixando à casa toda assustada com seu choro estridente. Ajudei Dayane levando à mesma para o quarto. Vitor já estava no nosso quarto, remexendo na cama e chorando como se tivesse matando. Dayane logo o tirou um dos seus seios para fora e pegou Vitor dos meus braços. Ele mamava como se o leite fosse sumir. Sugava forte e eu sempre via Dayane fazer uma careta. Aproveitei para pegar as meninas que dormiram na sala. Coloquei cada uma em seu quarto e voltei para meu quarto vendo Dayane trocar de seio. Vou para o banho.

Esse mês tudo estava como eu queria. Aqueles bandidos foram pegos e estavam presos na reserva. Claro que fiz questão de ambos soubesse que eu tinha prendido eles ali e ainda tinha acabado com seus amigos. Beatriz me ameaçou de todas as formas possíveis, porém eu não estava nem aí. Eles mereciam passar por tudo isso, já que fizeram tanto mal à pessoas inocentes. Era questão de tempo para cada um deles se definhassem. Só avisei à Pierre para quando eles morressem que fizesse como fizemos com os outros. Enterrar ali mesmo, não tendo nenhuma dúvida que aqueles animais nunca seriam procurados e achados. Eu estava em paz, meu mundo estava em paz. Agora sim eu poderia viver tranquilo com à minha família podendo ir e vir. Sei que terá mais pessoas fazendo o mesmo tipo de serviço, porém eles não serão capazes de mexer comigo e com à minha família, pois eu estarei mais que disposto à acabar com eles ou qualquer um que achesse meu caminho.

Já havia se passado mais um mês e à Dra Alanes me ligou para me dizer que

precisávamos contar à Dayane sobre o que houve no parto. Como Dayane estaria indo à consulta para ver se estava tudo bem e também para ser liberada do repouso, a Dra queria que à gente já contasse para ela sobre o ocorrido. Suspirei, porque não queria contar isso agora, mas sei que isso é o certo. Portanto falei que na consulta podemos contar o que houve. Chegamos no consultório, e Dayane estava bem animada e feliz, pois ela sairia desse repouso e poderia voltar à sua vida normal. Mas eu estava com medo da reação dela. Com medo de vê-la triste e desolada. Entramos na sala e à Dra já nos cumprimenta sorrindo. Vejo um outro médico sentado em outra cadeira.

- Boa tarde Sr e Sra Villaça! Como estão? À Dra Alanes pede se sentando e indicando pra gente se sentar.
- Estamos bem. Minha esposa responde sorrindo. Tenho até medo.
- Que ótimo. E o bebê? Está bem?
- Sim. Lindo e forte.
- Imagino. Tem pais muito bonitos. Dayane e eu sorrimos.
- Obrigada!!! Dayane agradece
- De nada. Sra Villaça antes de começar à fazer os exames para checar se está tudo bem, eu preciso ter uma conversa com à Sra. Ela diz e Dayane pega na minha mão.
- Alguma coisa grave? Dayane pede e à Dra respira fundo.
- Deixa eu te apresentar antes o Dr Álvares. Ele é um colega meu e um ótimo psicólogo. Dayane olha para Dr e depois ela para mim.
- Estou vendo que à conversa é séria. Tem até um psicólogo. Minha esposa fala meio nervosa
- É sério sim. Não te contamos antes pois à Sra estava feliz com à chegada do seu filho, e também porque seu marido pediu para adiarmos essa conversa. Dayane me olha e eu não consigo decifrar seu olhar.
- Fale logo Dra. Dayane está nervosa. E temo que isso piore.
- Sra Villaça o seu parto teve uma complicação. Dayane fica tensa. Durante o parto percebemos placenta grudou nas paredes uterinas e não tinha como raspar sem correr risco de infecção.
- Dra eu não pretendo ter mais filhos. Então qualquer problema que teve não importa. Eu não podia ter filhos e tenho três e isso que importa.
- Sra Villaça, à Sra não tem nenhuma chance mais de engravidar, seu útero foi retirado. Vejo Dayane se levantar e meus olhos à acompanham. Tive que fazer isso porque poderia ser mais uma infecção alastrando para seu corpo podendo trazer problemas maiores futuramente. À Dra termina suspirando.
- Eu disse que não importava nada. Eu tenho meus três filhos e é isso que

importa. Podemos fazer os exames logo, meu filho vai acordar daqui uma hora e meia. Fico olhando para Dayane tentando entender o que se passa na mente dela.

- A Sra não quer conversar? O Dr Álvares está aqui para isso. Dra Alanes fala não entendo à reação da minha mulher. Na verdade nem eu estou entendendo.

- Não quero conversar e quero esquecer esse assunto. Não importa o que houve. Ela fala firme e à Dra me olha. Faço sinal com a cabeça para ela deixar pra lá. Talvez ela caia na real mais para frente e eu estarei pronto para está do lado dela.

- Tudo bem vamos começar os exames. À Dra fala se levantando.

A médica agradece o psicólogo e ele sai. Dayane começa fazer os exames para verificar se está tudo bem com ela. Ao terminar a Dra informa que está tudo bem e que vida normal a partir de agora. Vi o sorriso de Dayane ao ouvir vida normal. Saímos do consultório e ela estava realmente radiante. Estava com receio que essa alegria acabasse mais cedo ou mais tarde quando ela parasse para pensar no que a médica disse. Entramos no carro e eu peguei na sua mão.

- Você está realmente bem? Questiono beijando a mão dela.

- Melhor impossível. Ela sorri amplamente.

- Não quer conversar sobre o que a Dra contou? Eu sei que ela disse que não quer falar sobre o assunto, mas eu preciso saber se ela está bem mesmo.

- Não. Já disse não importa. Temos três lindos filhos e isso que a gente queria. Eu já sabia que vocês estavam me escondendo algo, não imaginava que se tratava do meu útero, porém Renato isso não me afetou em nada, já que mesmo antes meu útero já estava com problema. Eu estou realizada e sei que você também está, então o que vier não vai me abalar. Ela está firme, mas tenho medo que ela desmorone a qualquer momento, pois se trata de uma parte do corpo dela. Não me olhe assim. Eu estou mais que bem e nada vai me abalar. Já passamos por muitas coisas e essa vamos passar por cima sem olhar para trás.

- Vou confiar em você. Porém quero que qualquer problema você venha até a mim. Não quero ver você triste ou chorando sem eu saber do que se trata.

- Não se preocupe. Agora só quero ser feliz com nossos três filhos e com você. Eu te amo e amo nossa família.

- Eu também te amo. Digo e a abraço apertado. Espero mesmo que ela não fique remoendo isso, mas se acontecer eu estarei pronto para ela sempre.

## Capítulo 60

Hoje era dia da consulta médica. Estava louca para ser liberada e ainda poder voltar à minha vida normal. Fora que bateu uma crise de ciúmes dentro de mim por não ter Renato tão perto. Me sentia excluída da vida dele, pois ele estava sempre trabalhando e com as meninas. E quando estávamos juntos, era um selinho de velho, um carinho sem por as mãos direito e conversas e mais conversas sem nenhum pinga de saudades. Eu estava pirando com aquilo, e claro que não falei nada com ele. O mesmo tem sido um pai maravilhoso, um marido exemplar. Deixei esse sentimento morrer aqui dentro e me consolei esperando esse dia chegar.

Estávamos no consultório esperando somente à médica chamar. Tinha deixado meninos com a babá, e aqui eu precisava ser rápido, porque Vitor iria reclamar de fome daqui a duas horas, então essa consulta teria que ser rápida. Meu menino tem uma garganta muito boa e um choro que acorda a casa toda. A médica aparece pedindo para entrarmos. Renato e eu entramos e eu era puro sorriso. Nos sentamos e vejo que tem um outro médico na sala.

- Boa tarde Sr e Sra Villaça! Como estão? À Dra Alanes pede se sentando e indicando pra gente se sentar.
- Estamos bem. Eu estou muito bem, ainda mais hoje que vou poder levar à minha vida normal.
- Que ótimo. E o bebê? Está bem?
- Sim. Lindo e forte. Indago mais feliz ainda por lembrar do meu milagre.
- Imagino. Tem pais muito bonitos. Sorrimos e eu agradeço.
- Obrigada!!!
- De nada. Sra Villaça antes de começar à fazer os exames para checar se está tudo bem, eu preciso ter uma conversa com a Sra. Pega na mão de Renato. Estou com medo pelo tom de voz dela.
- Alguma coisa grave? Vejo ela respirar assim que indago.
- Deixa eu te apresentar antes o Dr Álvares. Ele é um colega meu e um ótimo psicólogo. Olho para o Dr e depois olho para Renato.
- Estou vendo que a conversa é séria. Tem até um psicólogo. Estou super nervosa com essa conversa e não quero que ela enrole mais.
- É sério sim. Não te contamos antes pois a Sra estava feliz com a chegada do seu filho, e também porque seu marido pediu para adiarmos essa conversa. Porque Renato pediu isso? Olho para ele tentando entender o motivo disso tudo, mas seu olhar é de conflito.

- Fale logo Dra. Peço impaciente e nervosa.
- Sra Villaça o seu parto teve uma complicação. Já fico tensa com essa afirmação. Na verdade eu sabia que tinha tido algo durante o parto, mas não achei que fosse algo sério, já que nenhum deles me falaram nada. À médica contínua. Durante o parto percebemos placenta grudou nas paredes uterinas e não tinha como raspar sem correr risco de infecção. Se ela vai me falar de outra infecção eu não quero ouvir.
- Dra eu não pretendo ter mais filhos. Então qualquer problema que teve não importa. Eu não podia ter filhos e tenho três e isso que importa. Mesmo as duas não vindo de mim, eu considero como se fossem tirada do meu ventre.
- Sra Villaça, à Sra não tem nenhuma chance mais de engravidar, seu útero foi retirado. Me levanto sentindo toda dor em meu coração. Eu não esperava isso, não esperava que um pedaço de mim tinha sido tirado. Tive que fazer isso porque poderia ser mais uma infecção alastrando para seu corpo podendo trazer problemas maiores futuramente. À Dra termina suspirando. Eu passei por tantas coisas que eu tenho vontade de chorar, tenho vontade de me trancar no meu mundo é esquecer toda essa situação. Queria poder aqui gritar e expressar toda à minha dor, porque é difícil, difícil saber que uma parte de mim foi tirada e eu estou vazia por dentro. Porém eu não posso reclamar de tudo, porque eu tive à oportunidade de ter meu milagre antes dessa cirurgia. Talvez se tivesse acontecido antes de engravidar eu estaria na penumbra, mas não, Deus me deu à oportunidade de sentir meu bebê aqui dentro, sentir o coração dele batendo, sentir o crescimento à cada dia e melhor, sentir ele nos meu braços. Eu tinha certeza que ele era meu milagre, e tudo que vier depois disso não vale à pena sofrer ou pensar. Não que não esteja sofrendo nesse momento, e acredito que essa dor será eternizada dentro de mim. Mas eu tenho que viver e ver meus filhos crescerem sendo amado e felizes.
- Eu disse que não importava nada. Eu tenho meus três filhos e é isso que importa. Podemos fazer os exames logo, meu filho vai acordar daqui uma hora e meia. Renato me olha tentando me decifrar, mas eu continuo imparcial.
- A Sra não quer conversar? O Dr Álvares está aqui para isso. Todos estão tentando me entender, mas acredito que eles só me entenderiam se algo do corpo deles fosse tirado.
- Não quero conversar e quero esquecer esse assunto. Não importa o que houve. Digo firme. tentando esquecer tudo que ouvir.
- Tudo bem vamos começar os exames. À Dra fala se levantando.



Eu estava remoendo por dentro cada palavra dela. Estava tentando esquecer esse assunto, tentando ser forte e não chorar na frente da Dra e do meu marido que sei que está preocupado que à qualquer momento eu vou desabar, mas eu não vou, não vou deixar isso ser maior que à minha felicidade.

Depois dos exames. Renato e eu fomos embora. Tentei transparecer à minha felicidade de poder ter uma vida normal. Poder curtir meus filhos e meu marido. Não queria deixar meu casamento ficar morno ou até frio por causa das crianças. Sou mãe, esposa e mulher, e um homem como o meu não podia deixar solto por aí. Se antes eu já sentia ciúmes dele, agora piorou. Pois sinto muita falta dele, muita falta do nosso contato, do nosso amor.

Dentro do carro Renato tenta sondar de mim como eu estou, se não quero mesmo conversar. E eu digo não, não quero falar de nada. Só quero me concentrar nele e nos nossos filhos. Nossa felicidade é maior que qualquer problema que tivemos. Chegamos em casa e Renato desce para abrir à porta para mim.

- Eu tenho que ir para empresa. Você vai ficar bem? Vai ficar bem com os meninos? Ele questiona olhando bem fundo nos meus olhos.
- Sim. Ficarei ótima. Não se preocupe. Vai trabalhar porque quero você mais cedo em casa. Digo o abraçando pelo pescoço. Dou um beijo bem gostoso e molhado nele. Ele me segura firme na cintura e sinto sua ereção. É bom sentir que ele está tão desejoso como eu.
- Desse jeito vou ter que levar você direto para o quarto. Ele fala. Assim que cessa o beijo.
- Não acharia má odeia, mas quem sabe mais tarde você possa cumprir. Aliso seu rosto e ele beija minha mão. Sinto falta de nós. Falo sendo sincera.
- Eu também. Mas deixa eu ir. Mais tarde nos falamos. Ele diz e eu beijo seus lábios. Cesso o beijo e o deixo ir.

Entro em casa e Sophia e Amber já estão gritando por toda sala com seus brinquedos. Meu Deus que energia. Vou até elas e dou um beijo em cada uma. Começamos à brincar antes de Vitor acordar. Brincávamos de pegar, de esconder atrás das cortinas e correr pela casa. Elas tinham realmente uma energia e tanto. Não sei quanto tempo se passou mas eu acabei colocando elas para ver desenho na televisão e depois fui ver o príncipe da casa. Ele ainda não tinha acordado

então pude ficar mais com as meninas. Eu tinha que começar à preparar o aniversário delas. Agora que estava bem o suficiente para isso vou começar à preparar tudo.

Vitor acordou e era só choro. Dei de mamar para ele assim ele pode sossegar com sua gargantaafiada. Sorrio porque não sai uma lágrima dos seus olhos, mas ele dar um escândalo como se estivesse matando. Depois de dar de mamar coloquei ele em sua cadeirinha reclinavel para ver desenho junto com as meninas.

À noite Renato ligou dizendo que não iria chegar para o jantar. Ele iria chegar mais tarde, pois tinha uma reunião e poderia demorar. Não gostei disso. Achei que ele iria chegar mais cedo para curtir um ao outro. Mas não. Eu acabei colocando as crianças na cama às oito e fui tomar banho.

Sentada na cama planejando a festa das gêmeas e ainda olhando no relógio pois não via hora de Renato chegar. Eu tinha colocado uma camisola bem curta vermelha para chamar atenção do meu marido, então eu estava esperando ele chegar, porém já era dez horas e nada dele. Vitor acordou novamente e eu dei de mamar e depois fiquei com ele. Deitamos na minha cama cercando ele de travesseiro. O sono me tomou e não vi mais nada.

Acordei com resmungos vindo pela babá eletrônica. Olhei para o lado e meu marido já estava deitado dormindo. Que vida de casada é essa? Ele deve ter colocado Vitor no berço. Levanto frustrada, pois não era à noite que eu esperava. Vou até o quarto de Sophia e vejo que ela está resmungando. Pego à mesma e vou pra cozinha fazer à mamadeira.

Volto para o quarto e coloco Sophia para dormir. Vou no quarto de Amber e vejo que à mesma também está acordada porém só olhando para seus bichinhos que roda sobre o berço. Pego ela e já dou a mamadeira que tinha feita para ela. Fiquei pensando em fazer uma surpresa para Renato amanhã. Talvez isso desperte nele à vontade de ficarmos juntos. Farei isso. Vou montar um ambiente romântico.

Vitor acordou meia hora depois e eu nem tinha dormido ainda. Dei de mamar, troquei à fralda e pus ele para dormir no seu berço. O dia amanheceu e eu não vi Renato. Vera disse que ele saiu bem cedo. Só deu de mamãe para as meninas e brincou um pouco com elas e foi. Nossa, e eu? Nem se lembrou que eu queria

tomar café com ele? Droga de carência. Mas não vou deixar de colocar meu plano em prática. Eu quero meu marido de volta.

## **Capítulo 61**

Eu estava atolado de trabalho. Além do mais estava querendo preparar algo para Dayane. Já estávamos tão distantes que acho que era hora de voltarmos à nossa vida como casal. Porém eu só tinha tempo para organizar as coisas na empresa já que não tenho vindo para cá com frequência. Não estava tendo tempo para nada. Eram pilhas e pilhas de contratos para analisar e assinar, reuniões que tive que pedir à Francielle para reagendar e viagens que tive que transformar em videoconferência para não ter que me ausentar de perto de Dayane e nossos filhos.

Sei que ela ainda precisa de mim, ainda mais depois do que contamos para ela. Por mais que à mesma disse que ficaria bem, eu não estava cem por cento seguro disso. Estava tentando o máximo arrumar tudo aqui e ir para casa para ficar com eles, mas foi impossível. Só liguei para Dayane dizendo não iria chegar para jantar, porém não imaginei que sairia dessa conferência tarde da noite, à ponto de encontrar todos dormindo. Fiquei super chateado, e ainda teria que levantar cedo e ir para mais uma videoconferência. Estava cansado e esgotado. Tomei um banho antes de dar um beijo nos meus pequenos e agarrar no corpo da minha mulher. Sinto tanta falta dela.

No outro dia já estava acordado cedo. Dayane está dormindo tranquila que não quis acordá-la. O quanto ela puder dormir e descansar é ótimo. Sei que mesmo com as babás, minha mulher dedica todo seu tempo ao nossos pequenos e isso eu admiro muito nela. Aproveitei que as meninas estavam de pé e fiquei um pouco com elas antes de ir para empresa.

Minha rotina começou agitada e não tive tempo para nada. Nem para ligar para Dayane durante a manhã para ver como ela estava eu pude. Estava atolado de trabalho e não parei para nada. Respirar diante da situação fica até difícil, mas eu queria acabar com tudo hoje para poder fazer uma surpresa para Dayane no final de semana. Quero ter uma cabeça livre de tudo isso para dedicar meu final de semana aos meus filhos e principalmente minha mulher.

O dia passou e já era oito da noite quando sair do escritório. Estava esgotado, queria chegar em casa e ficar um pouco com meu filhos antes deles dormirem e depois ficar com Dayane só nós dois. Não via hora de chegar em casa.

Assim que estacionei meu carro dei boa noite para Pierre e seguir para parte de cima. Entrei no roll e já dei de cara com velas acesas espalhadas pelo chão. As luzes estavam todas apagadas, sendo o ambiente iluminado somente pelas velas. Fui desfazendo a gravata e tirando meu terno acompanhando essas velas que subiam as escadas. Entrei no corredor e as velas estavam dando para meu quarto. Sorrir com esse feito, pois eu pensando em fazer algo para ela, e à mesma foi na frente e fez. Entrei no meu quarto dando de cara com minha mulher nua sentada na cama. Essa visão já despertou algo em mim. Eu já vinha muito tempo desejoso e vendo ela assim só despertava mais esse desejo acumulado dentro de mim.

- Boa noite Sr Villaça!! Ela indaga se levantando.
- Ótima noite Sra Villaça. Estou hipnotizado por ela. Seu corpo era à visão dos Deuses. Ela vem até à mim e eu achei que iria me dar um beijo, porém ela passa por mim e fecha a porta. Ela volta à minha frente e começa à desabotoar minha camisa. Coloco a mão na cintura dela e à mesma se afasta. Ela me deixa confuso com essa reação.
- Sabe Sr Villaça, ontem eu te esperei e nem vi você chegando. Hoje pela manhã achei que teria meu marido pelo menos para tomar café comigo e nada. Ele fugiu de mim.
- Não amor. Eu não... Ela não me deixa falar e coloca um dedo na minha boca para eu fazer silêncio.

- Fiquei pensando o dia todo que talvez você estivesse atolado de trabalho por ter dedicado seu tempo à nós.
- Eu não...
- Shiiii... Mais uma vez sou interrompido pelo dedo dela na minha boca. Ela vai para trás e tira minha camisa. Volta para minha frente e começa à desabotoar minha calça me olhando. Também pensei que talvez você estivesse esperando meu tempo para que gente pudesse voltar à nossa vida de casados, mesmo à médica liberando ontem e eu demonstrando que estava com saudades e sentindo sua falta, achei que você estava meio receoso ainda. Ela continua e desceu minha calça até os meus pés me olhando.
- Eu só queria...
- Shiiii, eu não terminei. Ela continua não deixando me expressar. Então Sr Villaça, eu acredito que quando o parceiro está com algum tipo de medo, de problema ou receio porque sua parceira teve um filho à poucos meses, ela tem que fazer algo para chamar à atenção dele. Sorrio com isso e tento puxar ela para meus braços. Mas ela novamente foge de mim. Você não vai me tocar enquanto eu não disser. Seu castigo por me fazer esperar por você ontem e por não me dar o ar da sua presença hoje.

Ela se encaminha para o banheiro. E eu estou perdido. Meu membro já está duro como pedra querendo saltar na cueca. Eu não acredito que ela vai me castigar assim.

- A água está pronta para nosso banho. Ela diz chegando na porta do banheiro. Respiro fundo, pois quero me explicar antes de ser castigado, ainda mais dessa forma.

Vou para o banheiro e vejo ela encostada na bancada da pia. Olho para ela e à mesma está linda nua.

- Você não vai entrar? Peço querendo que ela já estivesse lá dentro.
- Depois de você. Ela fala e eu tiro à minha cueca e meu membro solta firme. Olho para ela para ver se à mesma percebeu, porém ela está olhando para suas unhas. Que porra de mulher é essa na minha frente. Quero minha mulher de volta. Me sento na banheira e ela vem e pede para eu arredar para frente.
- Porque isso? Indago meio puto comigo por ter colocado meu trabalho ontem e hoje em primeiro lugar e puto com ela por não está me deixando

explicar.

- Já disse que você não vai me tocar. Bufo frustrado e arredo para frente. Ela senta atrás de mim e começa à passar o sabonete líquido pelo meus ombros. Descendo até à barriga.
- Você vai deixar explicar? Questiono sentindo suas mãos em meu corpo todo, até à extensão do meu membro.
- Sua explicação não tem importância hoje. Estou na Merda.

Ela pega membro e começa à lavar logo depois começa à masturbar com um vai vem gostoso com à mão e isso não vai prestar. Sua outra mão não para de acariciar meu peito, meu pescoço, e eu já estou em êxtase por essa mulher, mesmo ela não me deixando falar e nem tocar. Seu vai vem com à mão começa rápido e sinto que vou gozar, eu estou no limite à meses que não vou aguentar mais.

- Dayane, amor, vai com calma que eu não vou aguentar. Digo de olhos fechados já sentindo tudo em mim se forma.

Ela não me dá atenção e simplesmente continua com sua masturbação, não demora muito para eu gozar na mão dela e acabar me desmandando em cima dela com meu corpo de costa para ela. Minha respiração está ofegante, e eu custo à me recuperar, porém eu queria virar esse jogo é demonstrar à ela que à quero tanto quando ela me quer. Mas do nada ela me pede para arredar e se levanta.

- Vou pegar seu jantar. Ela diz e sai do banheiro enrolada no roupão. Que porra que aconteceu aqui. Ela está super séria. Me fez gozar e nem me deu oportunidade para fazer o mesmo com ela. Eu já disse que estou na Merda? Pois estou mais que na Merda.

Vou para o chuveiro para tentar me controlar e tentar colocar minha mente em ordem. Eu preciso chegar até ela, preciso dizer o que sinto e o que realmente estava me acontecendo. Eu não me importei em momento nenhum em ter ficado com ela e os meninos durante o período de resguardo, para mim não foi nem uma obrigação, mas sim à função de marido e pai, à função de companheiro, e parece que ela entendeu tudo errado. Estou atolado sim de trabalho, mas nada me tira à gratificação de ter à família que tenho. Saio do banheiro e vou para o quarto, ela ainda não voltou e acho que está lá embaixo me esperando. Pego um

roupão e desço. Ela está sentada nua na mesa. Duas velas estão acesas e o jantar também está na mesa. Me sento olhando para ela e principalmente para seus seios que estão me deixando com água na boca, mas desvio meus olhos, porque eu quero conversar antes de qualquer coisa, antes mesmo de resolver nossa vida sexual.

- Podemos conversar? Indago olhando para ela.
- Não está com fome? Ela olha para mim com à testa enrugada.
- Estou, mas quero conversar.
- Coma primeiro. Ela já começa à colocar à comida em seu prato, que por sinal está muito cheirosa.
- O cheiro está bom. Digo e ela não demonstra nada.

Comemos arroz branco com estrogonofe de camarão e uma salada à luz de velas. Não falamos nada um para outro e eu só fico olhando para ela tentando decifrar o que ela tanto pensa. Ela acaba de comer primeiro do que eu, e se levanta. Vendo ela numa dessa forma deixa meu amigo em alerta novamente. Eu não quero que ela me dê prazer se eu não puder fazer o mesmo por ela. Nunca gostei dessa individualidade, não é agora que vou querer e gostar. Ela precisa me ouvir e podemos fazer as pazes. Vejo ela tirar tudo da mesa e colocar à sobremesa. Uma torta de avelã que eu amo. Droga, ela está fazendo de tudo para eu me senti mal. Me fez gozar e eu não fiz o mesmo com ela, me deu banho e eu não fiz isso para ela e agora fez toda comida que eu amo e até à sobremesa. Tudo para que eu veja que ela pensa em mim e faz tudo por mim e eu não me comprometo da mesma forma. Termino de comer e ela tira meu prato sem falar nada. Ela parte dois pedaços da torta e coloca para nós dois comer. Estou cansado desse silêncio.

- Podemos conversar agora? Quero que ela me escute e me entenda.
- Você não quer comer à torta? Ela pede colocando um pedaço da torta em sua boca.
- Quero conversar. Digo não mexendo em meu prato.
- Mas eu não quero conversar. Você teve o dia todo para conversar comigo e não o fez, então eu não quero conversar hoje. Bufo frustrado e ela continua comendo seu pedaço de torta. Acabo comendo o meu indignado.

Acabamos os dois de comer e ela tira dos dois pratos e guarda o resto da torta. Passo as mãos na cabeça e ela vem até à mim e venda meus olhos. Que porra é essa? Sinto ela abrir meu roupão e sentar no meu colo. Coloco as mãos na cintura dela e ela tira à mesma.

- Estou vendo que você não vai fazer o que disse. Não quero que me toque. Ela fala e se levanta. Respiro fundo. Sinto algo ser puxado do roupão e ela pega meus braços colocando eles para trás. Amarrar os mesmos atrás da cadeira. Pronto, assim não teremos problemas.
- Te tocar é um problema para você? Estou irritado com tudo isso.
- Sim. Disse que era seu castigo.
- Você não me deixa falar. Falo irritado.
- Já disse que não quero te ouvir. Suspiro pesado com essa confirmação. Ela senta no meu colo de novo e começa à rebolar. Então Sr Villaça, eu vou fazer esse castigo de tornar prazeroso para nós dois. Seu castigo é somente não poder me tocar, mas o resto está liberado. Quero mostrar à você que apesar de ser mãe, eu sou mulher e sua esposa. E eu quero de volta meu marido que parece relapso. Quero de volta meu marido que esqueceu que tem uma mulher em casa. E antes que você chegue à procurar fora o que você não tem em casa, pois sei o homem gostoso e bonito que tem aqui, e não duvido nada que as mulheres aí fora babão por você, eu vou te mostrar que vamos sim voltar à ser um casal como antes, principalmente nossa vida sexual.
- Nunca faria...
- Não quero te ouvir. Ela tampou minha boca com à porra da mão dela. Eu vou ficar louco com essa mulher hoje. Ela começa rebolar e meu membro que antes estava duro, já estava mais que duro. Você vai fazer o que eu mandar.

Seus movimentos vão aumentando ou diminuindo de ritmo conforme à minha empolgação. Ela sabe quando estou muito excitado, então ela diminui o vaivém. Meu membro não está tão fundo, está quase na entrada da intimidade dela, e isso está me deixando louco. Ela aos poucos vai acelerando a penetração com um ritmo contínuo, para logo em seguida mudar a cadência novamente. Essa mudança repentina está me deixando mais desejoso, e pedindo à todo momento que ela solte minhas mãos para tocá-la.

- Se você continuar me pedindo para soltar suas mãos, eu vou arrumar outro castigo para você. E acho que você não vai gostar Sr Villaça. Bufo, porque sei que quem está no comando é ela, e sei que é capaz de cumprir cada palavra que falou.

Ela continua rebolando no meu colo e eu já estou ofegante, querendo pegá-la



com mais jeito, com mais força e fazê-la minha de novo, de novo e de novo, porém ela continua com essa tortura. Sem poder ver nada e sem poder me mexer, ela toma o controle de tudo. Minha respiração começa à ficar acelerada e ela sai de cima de mim. Gozo interrompido é uma merda. Ela está realmente me castigando.

- Está na hora da mamadeira das crianças Sr Villaça. Fiquei me esperando. Ela está brincando comigo. Fica aqui? Assim? Bufo frustrado. Não vejo nada e só ouço passos. Não sei quanto tempo fico ali, só ouço ela voltar. Não senta no meu colo. Vamos continuar Sr Villaça? Ela não esperou eu responder. E puxou minha cabeça para sua intimidade. Me chupe. Ela diz e eu o faço.

Encaixei minha boca na sua intimidade, e ela já gemia. Sua intimidade já estava toda molhada, soquei toda minha língua lá dentro e comecei a mexer, ela já enlouquecida rebojava sem parar. Chupava com tanta vontade, curtindo cada gota daquele mel que eu conhecia muito bem. Propus à mamar na minha grutinha, sugando com vontade pra dentro da minha boca e ela estava tão excitada que gozou com força na minha boca, e eu me delicie com cada gota daquele líquido. Mas eu não queria parar. Eu queria mais, eu estava faminto por ela. Porém ela levantou e me tirou do meio das pernas dela. Signo ela atrás de mim e me desamarrar.

- Venha comigo. Ela diz me guiando para algum lugar da casa. Ela me empurra e sinto o sofá. Agora você vai poder me tocar. Ela diz e tira à minha venda. Achei ótimo. Porque agora farei com ela o que queria à muito tempo. À pego deitando ela no sofá e à beijando com fervor e saudades.

Abri as pernas dela devagar, me deparei com aquele grelo durinho esperando um carinho e fui passando a cabeça do meu pau na entrada da intimidade dela e deixei ela louca. Eu queria fazer ela me pedir pra meter e continuei brincando assim um tempo até que ela louca de tesão pediu.

- Por favor Renato, quero você dentro de mim.

E eu morrendo de vontade enfiei, ela gritou, arranhou minhas costas mas eu comecei a estocar e ela começou a à gemer alto. Continue, ouvindo ela gemer

de prazer, arranhar minhas costas e falar que tava uma delícia, aí eu pedi pra ela sentar, fui ajudando ela bem devagar e logo estava praticamente pulando no meu pau. Não demorou e eu gozei dentro daquela junto dela, não me aguentei e deixei ela encharcada com minha porra, e foi uma delícia sentir ela novamente. Depois disso fomos tomar banho juntos, trocamos beijos e mais amor, até ouvirmos o choro estridente de Vitor. Porém eu não podia ser tido uma noite melhor. Claro que eu estava para fazer uma surpresa para ela, e quem fez à surpresa foi ela, mesmo de um jeito diferente eu gostei. Gostei dessa reivindicação toda dela comigo. Eu sou dela e ela é minha desde as visões que tinha dela.

## Capítulo 62

Eu fiquei o dia todo em casa e nada do meu digníssimo marido entrar em contato. Sei que ele tem ficado mais com à gente e deixando seu trabalho de lado, porém ele podia pelo menos ligar para mim, para saber como eu estou e nossos filhos também, mas até agora nada. Bufo de raiva, tenho que ficar aqui olhando para o nada e esperar à boa vontade dele, mas hoje ele me paga. Vou preparar uma surpresa deliciosa para ele, assim ele nunca mais ficará tão distante.

Falo com Vera que eu vou preparar o jantar, e depois ligo para Francielle para me avisar quando o patrão dela sair da empresa. Dispensando Vera e converso com as babás de ficarem no quarto das meninas com elas durante à noite. Elas não precisavam se preocupar com à mamadeira delas é nem com leite de Vitor, porque eu traria na hora para elas, tudo que eu queria era à casa livre para que eu pudesse fazer o meu marido me ver como à mulher dele de novo.

Preparei um jantar gostoso para gente com à sobremesa que ele adora. Pedi à um dos seguranças para comprar várias velas para mim. Assim eu poderia encher o ambiente de velas do hall até o banheiro do nosso quarto. Portanto fiz isso. Apaguei todas as luzes da nossa casa e distribuir velas por todo ambiente até em nosso quarto. As crianças já estavam em seu quarto se preparando para dormir. Durante o dia tirei leite o bastante para ele passar à noite.

Francielle tinha me ligado dizendo que o patrão dela já tinha saído. Então tratei de passar um creme em meu corpo depois de tomar banho. E me coloquei na cama nua, assim ele veria que eu estava no jogo para ganhá-lo de novo. Eu iria reivindicá-lo, pois ele pertencia a mim e eu a ele, e nada e nem ninguém mudaria isso.

Quando ele chegou tomou um susto ao me ver nua na cama, mas ele não esperava o que tinha preparado para ele. Fui má em não deixá-lo me tocar à certa hora, mas queria que ele ficasse frustrado da mesma forma que eu fiquei o

dia todo esperando por notícias dele. Eu queria que ele entendesse que nós tínhamos que voltar à ser o casal que éramos ante. O desejo dele por mim não podia apagar, assim como o meu por ele. Portanto acredito que meu recado para ele foi dado, e muito bem dado, pois nossa noite foi excelente.

Amanheceu e novamente não encontrei ele na cama. Dormi muito, já quase nove da manhã. Vitor devia está morto de fome. Me levantei e fui até o banheiro. Fiz minha higiene e coloquei um roupão depois de passar um lenço umedecido nos dois seios para dar de mamar à Vitor. Entrei no quarto e meu marido estava sentado na cama com uma bandeja de café da manhã e Vitor no colo.

- Bom dia! Ele diz e eu sorrio para ele.
- Bom dia! Me sento na cama. Ele estava chorando demais? Indago pegando Vitor e já tirando meus seios para fora.
- Não. A babá disse que deu o leite que você separou as seis da manhã. Então achei que ele já iria começar à colocar sua garganta para funcionar. Sorrio, pois Vitor não pode passar nenhum minuto sem seu leite que já começa.
- E as meninas?
- Estão já na correria na sala com seus brinquedos. Como hoje está meio fechado o tempo, pedi para as babás ficarem aqui dentro com elas.
- Ótimo. Fico alisando à cabeça de Vitor e olhando bem para esse pequeno serzinho. Ele está cada dia mais lindo.

Acabo de dar mamar para ele. O mesmo sugou os dois seios. Parece até que sentiu falta. Renato o pego e diz que vai levar para uma das babás para ficar até à gente tomar café e tomarmos um banho. Hum, adorei à ideia de tomar banho com ele. Na verdade já estava até pensando que ele tinha saído antes de me ver. Mas vejo que ele está bem atento. Não demora muito ele está de volta para tomarmos café juntos.

- O que você achou da noite de ontem? Questiono querendo saber dele o que ele achou.
- Ótima. Tirando à parte que fui punido sem saber, porque à Sra não quis me ouvir, o resto foi excelente.
- Só queria que você voltasse à ser o meu marido, e não somente o pai do meus filhos.
- E eu também queria e quero à mesma coisa Dayane. Não sei da onde você tirou que eu não queria você, que eu não desejava você. Eu estava

preparando uma surpresa para você para podermos voltar à nossas vidas ao normal, porém você passou à minha frente. Faço biquinho com essa informação.

- Eu não te punir por mal. Só fiquei frustrada por você não ter me dado atenção por dois dias. Eu sair do resguardo e você nem ao menos se preocupou em me procurar, ficou no escritório até tarde e no outro dia acordei e nada de você. Queria que você tivesse à mesma frustração que eu tive por não te ver e nem ao menos falar com você.

- Eu errei, sei que errei, porém eu estava colocando as coisas em ordem no escritório para ter tempo para gente no final de semana. Eu queria ter te explicado antes, mais exatamente ontem, mas você não quis me ouvir.

- Eu não queria mesmo. Eu só queria que você entendesse que eu estava aqui como sua mulher e que a gente não podia se afastar mais do que à gente estava afastado. Não quero à gente distante.

- E não vamos ficar. Eu te amo demais para deixar nosso casamento esfriar. Ele diz e me pega no colo. Vamos tomar um banho, e eu posso te provar como eu te desejo todos os dias independente de qualquer coisa.

Entramos já no banheiro e eu tirei o roupão que estava com ele. No chuveiro comecei à ensaboar seu corpo, que estava de costas pra mim, o enchendo de espuma. Larguei o sabonete e acariciei seus ombros e fui descendo devagar as minhas mãos alisando suas costas e cheguei em sua cintura. Colei meu corpo no dele e deslizei minhas mãos para frente em seu abdômen e enfiei por dentro de sua cueca tocando e agarrando o seu membro que ficou duro em minhas mãos. Forcei sua cueca para baixo e ele terminou de tirá-la. Ainda por trás dele continuei a acariciar seu membro e suas bolas, meus seios lisinhos esfregavam suas costas e a minha intimidade roçava sua bunda.

Continuei me esfregando em seu corpo e deslizando para frente. Nossos sexos entraram em contato, com a mão eu ajeitei seu membro entre minhas coxas e o abracei murmurando seu nome. Olhei pra ele com minha carinha mais safada e ofereci minha boca ansiando por uma pegada gostosa. O desejo de ser possuída me consuiu. Dei gemidos e mordidas em seus lábios enquanto a gente se esfregava com nossos corpos todo ensaboado.

Agora ele emanava excitação e desejos, seu membro entrava e saía deslizando em minhas coxas escorregadias, até que penetrou todo em mim me fazendo arquear minhas costas.

- Eu te amo! E nada vai mudar isso. Ele dizia se movimentando dentro de mim com carinho e devagar. Eu estava sentindo falta desse nosso contato, das suas carícias do seu amor.
- Eu também meu amor. Digo e ele avança mais uma vez em meus lábios. Me deixando com. mais tesão ainda. Mais forte amor. Eu quero mais forte. Peço e ele não espera eu pedi duas vezes.

Estoca em mim com todo devir que seu corpo em Dayane. Me tira do chão e seu vai e vem começa com mais força ainda. Já sinto meu orgasmo se formando e ele também parece está no seu limite. Quando vemos nós dois estávamos gozando gritando um o nome do outro como uma melodia.

Acabamos de tomar banho e Renato foi se arrumar para o trabalho. Também me vesti e eu queria conversar com ele sobre a festa das meninas. Não queria que passasse mais tempo do que já passou, porque elas daqui à pouco estariam fazendo dois anos.

- Amor, queria ver com você a festa das meninas. Não quero que passe mais tempo para fazê-la. Indago para ele que sai do closet.
- Só marcar a data Vida, contratar as pessoas para organizar e escolher tudo que tiver que escolher. Hoje não vou poder te ajudar nisso, mas na semana que vem podemos começar a olhar tudo.
- Tudo bem. Vou começar a colocar as coisas no papel para fazer do jeito delas.
- Ok. Deixa eu ir agora. Ele fala me dando um beijo daqueles de molhar a calcinha.
- Você vai chegar tarde? Indago já sentindo falta dele.
- Não. Farei tudo para estar aqui até às sete da noite.
- Tudo bem. Eu te amo.
- Eu também. Ele fala me agarrando. Vamos descer.

Eu estava nas nuvens com ele. Essa noite e a nossa manhã foi o resgate para voltarmos à nossa vida ao normal. Eu estava precisando sentir que ele realmente me ama, e também que queria assim como eu o amo e quero sempre. Agora era preparar a festa das nossas meninas e ver a felicidade no rosto delas.

## Capítulo 63

Minha cabeça estava dando nó de tantas coisas para organizar para o aniversário das gêmeas. Mesmo com a ajuda de Renato que tirou três dias para me ajudar com as crianças e também com as escolhas do que faríamos, ainda tinha coisa para ser feita. Ele queria que eu chamasse alguém para ajudar a colocar as coisas em ordem, mas eu não quis. Desde o começo quando me propus a fazer a festa delas, eu quis fazer tudo. Olhar decoração, bufê, brinquedos que as crianças iriam ter, queria verificar cada detalhe, afinal de contas são minhas pequenas que precisam do bom e do melhor. Nelas teriam, mesmo. Que no final do dia eu estivesse cansada ao extremo.

Eu e Renato optamos por fazer uma festa com o tema de jardim encantado. As gêmeas não eram apegadas a nada, na verdade tudo quanto é brinquedo que elas tinham elas gostavam e não tinha um mais interessantes para elas. Pelo menos eu não reparei ainda. Então resolvemos fazer o Jardim encantado, onde teria estilo de decoração rústica, onde iria valorizar os móveis de madeira natural e abusar de elementos verdes, como é o caso das folhas, da grama, e das plantas trepadeiras, elementos que meu jardim tem de sobra.

O cor-de-rosa e o branco não aparecem com tanta frequência no estilo rústico. Na verdade, as cores predominantes são o marrom e o verde. O colorido fica por conta das flores, dos cogumelos e dos animais típicos de jardins, como abelhas, joaninhas e passarinhos. Eu amei cada detalhe que a decoradora disse que iria ser feito no meu jardim.

O bolo seria confeitado com capricho, seguindo o estilo da decoração predominante. Ele teria um acabamento feito com pasta americana, que permitiria enfeitar com borboletas, joaninhas e passarinhos. Amei as fotos que ela havia me mostrado e logo já mandei para o bufê fazer o bolo para mim.

Tudo estava certo para fazer à festa. Desde os convites entregues à escolha de cada doce. Agora era só esperar para o grande dia que seria daqui duas semanas. Enquanto isso minha vida com minha família estava ótima. Principalmente com meu marido. Nossa relação estava cada dia melhor. Eu tinha meu marido de novo e isso era o melhor de tudo. Voltamos à fazer amor à noite e de manhã antes dele ir trabalhar. Fora as rapidinhas que dávamos nos finais de semana enquanto os meninos dormiam. Eu o amava cada dia mais, e como ele diz isso nunca vai mudar. E ele me provava isso à cada dia, em cada palavra, só assim fez à minha insegurança quanto à nós dois passar.

Eu já deixei bem claro para ele que lutaria por nós, por nosso amor quando percebesse que algo estava de errado. Eu faria tudo para chamar à atenção dele para nosso casamento. Porém ele foi super sincero em dizer que não vai precisar disso. Ele estaria sempre comigo e para mim. E assim era eu com ele. Estamos aqui um para outro. Ouço meu celular tocando e vejo o nome do meu amor.

- Sentiu à minha falta Sr Villaça? Indago sorrindo.
- Sempre minha linda.
- Que ótimo. E o que você deseja? Falo melosa. Estou sempre desejosa por ele.
- Além de querer ouvir sua voz, quero que você esteja pronta em meia hora. Só vou passar aí para te pegar. Fico intrigada e ao mesmo tempo feliz.
- Onde nós vamos? Peço curiosa.
- Não vou te dizer Sra Villaça, somente fique pronta. As babás já estão avisadas junto com Vera. Elas ficaram com nosso filhos.
- Ainda bem que tirei leite para Vitor, se não teríamos problema com esse seu suspense todo.
- Você é maravilhosa amor. Se prepare que já está acabado seu tempo. Ele



está sorrindo.

- Não Sr, você sabe que eu não arrumo rápido. Falo já me encaminhando para o Closet.
- Então vai rápido porque daqui à pouco estarei ai. Ele está sorrindo do meu desespero.
- Há Sr Villaça, se eu ficar feia eu vou acabar com você. Você já viu que eu sei dar uns castigos bom. Ele gargalha e isso me deixa feliz.
- Primeiro amor, você nunca vai ficar feia, pode colocar um saco que não vai adiantar. E segundo e último, eu sei à mulher poderosa e dominadora que tenho em casa.
- Fico feliz em ouvir isso amor, agora deixa eu arrumar, senão não vamos para lugar nenhum.
- Vai lá então, porque quero sair com minha mulher hoje. Te amo.
- Também te amo. Falo e desligo.

Corro para o banheiro para tomar banho rápido. Eu não tenho muito tempo, amarro meu cabelo em um coque para não molhar. Saio do banho e já vou logo para o closet. Escolho um vestido vermelho que cai até os joelhos. Não há decote, então estou livre dos olhos de Renato sobre mim. Calço uma sandália de salto preta e pego uma bolsa de mão. Meu cabelos deixei soltos em cachos. Fiz uma maquiagem bem leve. Estava pronta e faltava dois minutos para Renato chegar. Desço e meu celular toca. Vejo que é uma mensagem do meu marido apressadinho dizendo que já estava lá fora me esperando. Passo pela sala e as meninas estão com as babás. Amber está querendo morder à irmã.

- Amber, não pode morder. Falo me abaixando para pegá-la. Ela me olha parecendo não entender, mas ela sabe que não pode fazer isso. Ela está em uma fase que tudo tem que morder e bater. Está difícil controlá-la.
- Mama... Ela coloca à mão no rosto querendo tampa-lo.
- Mamãe já disse que não pode morder e nem bater. É sua irmãzinha. Falo séria chamando atenção dela. E ela ainda está com à mão no rosto, séria, não diz nada. Se mamãe ver você batendo ou mordendo à Soso mamãe vai brigar com Amber. Dá beijo em mamãe. Digo e ela tira à mão do rosto ainda séria e vem tímida para me dar o beijo. Mamãe te ama amor, mas não pode fazer nada com à Soso, vocês duas são irmãzinha e amiguinhas. Coloco ela no chão e depois pego Sophia no colo dando um beijo nela. Mamãe vai sair e vocês duas se comporte hein. Olha para mamãe Amber. Peço ficando da altura dela. Soso tem que abraçar e fazer carinho, não pode

morder e nem bater. Enfatizo e ela sai correndo para esconder atrás do sofá. Sei que elas são bem pequenas para entender as coisas, mas tem que enfatizar sempre as coisas para elas, principalmente para Amber que está se mostrando sapeca.

Saio dizendo as babás que qualquer coisa estarei no telefone. Lá fora meu marido já me espera fora do carro. Ele me ver e já me abraça e beija com um desejo incubido. Eu amo esse homem.

- Saudades Sra Villaça. Ele diz assim que cessa o beijo.
- Eu também Sr Villaça. Onde vamos? Eu sei que ele não vai me dizer, mas não custa nada tentar.
- Surpresa Sra Villaça. Agora vamos. Ele abre à porta do carro para mim e eu entro. Logo depois ele dá à volta e entra, dando partida no carro.

Vamos conversando sobre as meninas. Elas estão em uma fase de querer bater, Amber mais que Sophia, porém temos que arrumar um jeito de controlá-las. Não sou à favor de castigo, mas estou vendo que vou ter que começar cedo com Amber. Ela tende à escutar menos que à irmã, e isso não podemos deixar. Eu não sei se ela está fazendo isso para chamar atenção, até mesmo por ciúmes da irmã e de Vitor, o fato é que não está sendo fácil com ela.

Sophia por outro lado está sendo um doce. Não que Amber não fosse, ela tinha um jeito mais sapeca do que à irmã. Sophia demonstrava ser totalmente tranquila, tanto que quando Amber faz algo com ela, à mesma só chora procurando colo. Espero não ter problemas com Amber sempre. Mas se ela estava fazendo isso para chamar atenção, eu tinha que encontrar uma forma de demonstrar mais afeto por ela, até porque elas têm à mesma idade, e tanto elas quanto Vitor são bebês, e esse risco é que corremos com três bebês em casa.

Chegamos no local e eu não estava entendendo nada. Estávamos na praia. O clima estava agradável, não estava frio nem calor, porém à lua está magnífica no céu

- Acho melhor você tirar seu salto. Renato pede segurando minha mão.
- Devia ter me falado, pois assim colocaria uma sandália baixa.
- E deixar você saber onde iríamos? Não, deixa eu tirar elas para você. Ele se abaixa e eu seguro nele e dou um pé para ele tirar à sandália. Depois

retira a outra. Vamos.

Seguimos para o lado direito da praia e eu não estava vendo nada ao longe. Será o que viemos fazer aqui? Achei que iríamos jantar em qualquer restaurante.

- Você tem certeza que estamos no lugar certo? Não vejo nada, à não ser água e areia.
- Sim. Ele fala como se não fosse nada.
- Eu ainda não vejo nada aqui.
- Claro que não vê, pois está ali. Ele aponta mais para cima, onde está montado uma tenda. Sorrio.
- Que lindo amor!
- Espero que você goste. Chego na tenda e fiquei com os olhos cheio de lágrimas. Estava repleto de pétalas de rosas vermelhas e brancas. Com velas espalhadas estrategicamente por todo ambiente. Uma mesa de chão estava com talheres e pratos. Almofadas estavam postas para nos sentarmos. Meus olhos estavam em lágrimas diante da visão que tinha. Meu coração estava em êxtase. Então, você gostou? Olho para ele que está me olhando sorrindo. Com um sorriso maravilhoso.
- Claro que amei. Pulo em seu braços me sentindo muito amada por ele. Eu te amo muito.
- Eu também te amo. Agora vamos nos sentarmos, pois o jantar vai ser servido.

Ele me ajuda à sentar em uma das almofadas e depois senta do meu lado. Começamos à conversar sobre nossas vidas, e em como somos felizes por termos nossas famílias. Ele havia contratado um chefe para fazer e servir nosso jantar. Eu estava amando cada detalhe e ainda a atenção dele toda para mim.

Jantamos uma massa Italiana, que por sinal estava divina com um vinho escolhido à dedo pelo meu marido. Acabamos de comer e ele tira de baixo de uma das almofadas um caixa.

- Eu achei que minha mulher precisava de um mimo. Tem tempos que não dou nada para minha linda mulher, e ela tem me dado tanto, principalmente três filhos maravilhosos. Você não sabe o quanto eu sou feliz com você, você não sabe que desde meus sonhos, minhas visões com você eu à amei, e faria tudo de novo para que pudéssemos estar aqui. Viver com você, te salvar, te ver ali perdida em minhas visões, foi somente nosso destino,

destino que nos levou até aqui, que nos levou à ter três filhos que são para nós a maior das recompensas. Eu não espero mais nada além de sermos um só, além de nós amarmos e saber amarmos mais ainda nossos filhos. Ele me beija e eu já estou em prantos. Meu sentimento por ele é enorme, e nada vai mudar isso. Eu o amo por ser quem é, por ter me salvado, por ser meu marido, meu companheiro, amigo, e pai dos meus filhos. Eu era grata por esse amor verdadeiro que tínhamos um com outro, esse amor que cada dia crescia mais, e nossas noites não eram suficientes para demonstrar tudo que sentíamos uma para outra. Eu o chamei pensamento. Através das fotos eu sentir algo por ele, nossas visões não eram nada mais que amor.

## **Epílogo**

Sonhos, visões, foram o que me fizeram conhecer o amor. Nunca achei que seria possível ser feliz conhecendo alguém através dos meus sonhos e visões. Nunca pensei que encontraria o amor somente em ter visões com uma pessoa. Hoje, depois de dez anos me encontro o cara mais feliz do mundo. Pois

tenho à mulher dos meus sonhos, tenho filhos maravilhosos e nada mais importa.

Mesmo que no início às coisas foram difíceis, cercado de tanta maldade, não me arrependo em nenhum momento de viver o que eu vivi nesses dez anos. Vitor já estava com seus nove anos e às meninas dez anos. Três crianças maravilhosas que amo mais que tudo. Três crianças que nos deram muitas alegrias e vem dando.

- Papaaaaaaaiiiii. Vitor grita me tirando dos meus pensamentos.
- Oi oi oi... O que foi filho? Porque está gritando desse jeito? Peço me levantado da minha cadeira no escritório.
- Estou te procurando um tempão. Já vamos jogar. Ele fala com a bola na mão. Adam já chegou e estamos só te esperando. Olho para ele que tem o olhar de Dayane e suas esferas azuis.
- Cadê mamãe? Vamos nos encaminhando para fora do escritório passando pela sala de estar.
- Foi lá em cima colocar sua roupa para poder jogar. Adam está lá fora já esperando junto com as meninas.
- Vamos lá para fora então. Digo já nos levando para fora.

Depois de dez anos, nossa família é bem unida. Hoje não é exceção. Vitor adora jogar futebol, deixando nossa família louca para jogar com ele. Normalmente ele deixa Dayane e as meninas loucas dentro de casa. Não importa o momento, ele só pensa em futebol. Tivemos que colocá-lo em uma escola de futebol para ver se o mesmo gastava essa energia dele, mas não, ele é todo elétrico.

- Cheguei. Podemos começar. Minha mulher aparece com seu short preto soltinho e uma camiseta da mesma cor, fazendo meus pensamentos mais impróprios surgir. Vou para perto dela.
- Eu acho que não vamos jogar bola. Acho que eu prefiro outro tipo de brincadeira. Falo cruzando os braços e olhando seu corpo com desejo.
- Depois podemos brincar como o Sr quiser, Sr Villaça, mas agora temos uns jogadores nos olhando ansiosos. Ela me dar um selinho e depois morde de leve a minha boca. Eu vou cobrar.
- Eu vou cobrar. Digo olhando para ela.
- Então vamos, porque daqui à pouco nossa família estará aqui. Ela diz indo até os meninos.
- Tudo bem com você Adam? Ana questiona dando um beijo nele.
- Sim tia, e já estou pronto para acabar com o tio e as meninas. Sorrio do

espertinho. Outro fã da minha mulher.

- Não vai não. Hoje será meninas contra meninos. Amber fala cruzando os braços.

- Isso é porque vocês perderam da última vez. Vitor provoca.

- Claro papai é um perna de pau, e mamãe joga melhor do que todos aqui. Sophia diz mais revolta ainda.

- Opa, eu não sou perna de pau. Faço cara de zangado, mas no fundo estou rindo demais. Eu nunca fui fã de futebol, e depois que Vitor nasceu, eu tive que aprender com ele. Na verdade eu tive que aprender várias coisas com ele. Eu vivia em um mundo cor de rosa, e não imaginava que ele gostaria tanto de jogar bola quanto as meninas amam as suas bonecas.

- É sim papai. Você não joga nada. Até titio Maurício é melhor do que você. Amber fala sorrindo.

- Você está vendo né? Eu estou sendo ridicularizado por nossos filhos. Falo para Dayane com falsa indignação. Ela tenta não rir, mas acaba sorrindo.

- Eu também te considero um zero à esquerda tio. Passo as mãos na cabeça.

- Estou perdido com essa família. Eu vou mostrar para vocês que vou ganhar hoje. Então vamos começar à jogar. Digo otimista, porém eu sei que não jogo nada.

- Vamos, mas meninas contra meninas. Eu não quero ficar com papai no time. Amber me joga fora e Dayane gargalha.

- Está rindo Sra Villaça? Eu vou fazê-la sorrir mais à hora que ganhar de você. Digo e ela vem até à mim.

- Vamos ver quem vai rir mais. Me dá outro selinho. Meninas vem para esse lado campo. Quem será à goleira? Ela pede já definido quem será contra quem. Os meninos vem para meu lado cabisbaixo, e eu só não começo à rir da cena, porque sei que eles ficarão chateados.

- Ânimo meninos. Nós vamos ganhar. Digo animado.

- Papai então você vai para o gol, mas é para pegar à bola. Vitor diz bravo. Sorrio da braveza dele.

- Farei de tudo filhão. Me encaminho para o gol. Eu sou um fracasso nisso. Estou até vendo os meninos chateados.

O jogo começa e logo de cara Dayane e Sophia já invadem nosso lado. Os meninos tentam pegar à bola de Sophia que passa para mãe, ela vem tocando até chegar no gol, e chuta. À bola passa por debaixo da minhas pernas, e é...

- É Golllllllll... Saio do gol gritando como um louco. Dayane está caída no chão sorrindo mais. Os meninos estão balançando à cabeça em negação. Paro de correr e vejo as meninas também sorrindo. O que foi meninos? Pergunto bancando o inocente.
- Tio, quem fez o gol não foi nós e sim elas. Adam grita com raiva. Olho para Vitor que não está nada bem. Eu queria muito rir deles. Mas eu não posso. Eles vai ficar com mais raiva ainda.
- Desculpe gente, eu achei que poderia comemorar o gol delas.
- Volta para seu lugar papai. Vitor pede pegando à bola e colocado no meio do campo.
- Porque à gente coloca ele para jogar ainda? Adam pede e eu começo à rir.
- Vamos meninos, não vamos perder tempo. Grito e eles me olham feio. Duas crianças raivosas.

O jogo volta e as meninas tomam à bola deles. Fazendo mais um gol, mais, dois, mais três e mais quatro gols. Vitor e Adam estão invocados comigo. Pedem para eu trocar de lugar, e assim eu faço. Adam vai para o gol, onde o jogo já não tinha mais jeito, porque as meninas ganharam de seis à dois. Dois gols feito por Vitor, que comemorou como se fosse um jogador de verdade.

Estávamos cansado. Todos estavam sentados na grama quando resto da família chegou. E aí a zoação foi geral.

- Papai não presta para jogar bola. Ele comemorou o gol delas. Vitor diz sentado na mesa.
- Que feio Renato. Acho que você deveria estar matriculado na escola de futebol e não Vitor. Maycon diz sorrindo.
- Papai eu queria saber porque temos que sempre colocar ele para jogar? Adam pede para Maycon baixo que gargalha com à pergunta do filho. Até eu estou morrendo de rir.
- Que isso Adam, eu sou um ótimo jogador. Da próxima vocês vão ver. Falo fazendo uma careta.
- Seu tio sempre foi péssimo para isso amor. Mamãe fala fazendo carinho na cabeça de Adam.
- Todos aqui estão contra mim? Peço com falsa revolta.
- Não. Eu não estou amor. Respiro aliviado por minha esposa estar ao meu favor. Você só precisa descobrir qual é o seu gol e seu time. Ela fala e todos na mesa sorriem.

- Da próxima vez eu quero jogar. Ava diz.
- Deveria ter vindo mais cedo para cá Ava. Dayane se sentou do meu lado falando.
- Eu estava na casa de uma amiga tia. Mas da próxima eu substituo o meu tio Renato.
- Opa, eu não vou ficar de fora não. Eu quero jogar.
- Jogar o que pai? Vitor revira os olhos. À mesa toda gargalha.
- Desiste mano. Você não será escalado para à próxima. Mauricio fala. Faço bico.
- Não mesmo. Adam fala.
- Sua carreira de jogador nem começou e já acabou filho. Papai fala sorrindo. E sabe o que é pior? Eu o olho esperando à resposta. Minha nora jogar melhor do que você.
- Quero mudar de família. Estão fazendo um complô contra mim. Falo fazendo careta.
- Lamento papai, terá que ficar com à gente mesmo. Mesmo porque não deixaríamos você trocar de família. Sophia fala vindo para meu colo.
- Então vou poder continuar jogando? Grito. Uhuuuu... Todos na mesa gargalham.

Nossos encontros sempre eram assim. Divertidos, sorridentes, animados. Depois que tudo em nossas vidas se encaixaram, que não tínhamos mais o que nos preocupar, vivíamos assim, um na casa do outro fazendo festa, conversando e brindando à uma nova vida à cada dia, porque não importa quantas visões eu tivesse, importa que essas visões me deram o que mais sagrado tem na vida, o amor.